

1º CENTENÁRIO
da Emancipação Política do
PARANÁ



1853



1953

EDIÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO

1.º CENTENÁRIO
DA
EMANCIPAÇÃO POLÍTICA
DO
PARANÁ

Victor S. S. S. S.
dezenho de 1953.



1º CENTENÁRIO
da Emancipação Política do

PARANÁ

Album editado sob os auspícios da
CAMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ
Diretor-Secretário: ADHERBAL STRESSER



EDIÇÃO DO GOVÊRNO DO ESTADO

Este Album foi organizado pela
CLARIM EMPRESA DE PUBLICIDADE LTDA.
e impresso pela
LIVRARIA DO GLOBO S. A.
Porto Alegre — Rio Grande do Sul

ÍNDICE

FAC-SÍMILE DA LEI QUE CRIOU A PROVÍNCIA DO PARANÁ... VI/VII	IX
MENSAGEM APRESENTADA À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO PELO SENHOR GOVERNADOR DO PARANÁ.....	IX
<i>Prof. Osvaldo Pilotto</i> SINOPSE HISTÓRICA DO PARANÁ.....	4
<i>Prof. Tasso da Silveira</i> A LITERATURA PARANAENSE.....	17
<i>Prof. Alir Ratacheski</i> CEM ANOS DE ENSINO NO PARANÁ.....	29
<i>Prof. Nelson Luz</i> AS ARTES PLÁSTICAS E A MÚSICA NO PARANÁ.....	51
<i>Prof. Idefonso Puppi</i> A CIDADE PARANAENSE.....	61
→ <i>Prof. Nilson Bübner e Reinaldo Spitzner</i> A CIÊNCIA NO PARANÁ.....	82
<i>Prof. José Nicolau dos Santos</i> NÚCLEOS IMIGRATÓRIOS E SISTEMAS COLONIAIS DO PARANÁ.....	90
<i>Prof. Raul Gomes</i> ASPECTOS GERAIS E ECONÓMICOS DO PARANÁ.....	104
O Paraná a voo de pássaro.....	105
Norte do Paraná.....	136
Transportes.....	156
A indústria e os municípios.....	162
Café.....	163
Trigo.....	175
Milho.....	180
Mate.....	182
Madeira.....	184
Feijão.....	188
Águas minerais e de mesa.....	190
Riquezas mineralógicas.....	192

FAC-SÍMILE DA LEI QUE CRIA P

Lei n.º 704 de 29 de Agosto de 1853

Eleva a Comarca da Coritiba na Província de São Paulo à categoria de Província com a denominação de Província do Paraná

Dom Pedro, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, Fazemos saber a todos os Nossos Súditos, que a Assembléa Geral Legislativa Decretou, e Nós Queremos a Lei seguinte.



Artigo 1.º A Comarca da Coritiba na Província de São Paulo fica elevada à categoria de Província com a denominação de Província do Paraná — A sua extensão e limites serão os mesmos da referida Comarca.

Artigo 2.º A nova Província terá por Capital a Cidade da Coritiba, enquanto a Assembléa respectiva não decretar o contrário.

Artigo 3.º A Província do Paraná dará um Senador e um Deputado à Assembléa Geral: sua Assembléa Provincial constará de vinte membros.

Artigo 4.º O Governo fica authorisado para crear na mesma Província as Estações fiscaes indispensaveis pa

LEI N.º 704 DE 29 DE AGOSTO DE 1853.

Eleva a Comarca de Coritiba na Província de São Paulo à categoria de Província com a denominação de Província do Paraná.

Dom Pedro, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Fazemos saber a todos os Nossos Súditos, que a Assembléa Geral Legislativa Decretou, e Nós Queremos a Lei seguinte:

Artigo 1.º — A Comarca da Coritiba na Província de São Paulo fica elevada à categoria de Província com a denominação de — Província do Paraná. A sua extensão e limites serão os mesmos da referida Comarca.

Artigo 2.º — A nova Província terá por capital a Cidade da Coritiba, enquanto a Assembléa respectiva não mandar o contrário.

Artigo 3.º — A Província do Paraná dará um Senador e um Deputado à Assembléa Geral: sua Assembléa Provincial constará de vinte membros.

Artigo 4.º — O Governo fica authorisado para crear na mesma Província as Estações fiscaes indispensaveis pa

PROVÍNCIA DO PARANÁ

na arrecadação, e administração das Rendas gerais, submettendo depois a quem houver determinado ao conhecimento da Assembléa Geral para definitiva approvação.

Artigo 5.º Ficam revogadas as disposições em con-

trário das disposições por tanto a todas as Autoridades a quem applicavelmente esta Lei pertencer que a cumpram e façam guardar tão inteiramente como nela se contém. O Secretário do Estado dos Negócios do Império a fará imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Rio de Janeiro aos vinte e nove de Agosto de mil oitocentos e trinta e três, vigésimo segundo da Independência, e do Império.

Imperador

Carta do Sr. príncipe Real D. Pedro Augusto Imperial e
Manda executar e cumprir o Decreto da Assembléa Geral que se fez
por seu Dissociador, de acordo a Commissão da Constituição em
13 de Maio de São Paulo de Cath. geral da Província como em
se vê.

Para Vossa Magestade Imperial Vos

Artigo 4.º — O Governo fica autorizado para criar na mesma Província as Estações finais indispensáveis para a arrecadação, e administração das Rendas gerais, submettendo depois o que houver determinado ao conhecimento da Assembléa Geral para definitiva approvação.

Artigo 5.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mandamos portanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento desta Lei pertencer que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. O Secretário de Estado dos Negócios do Império a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Rio de Janeiro aos vinte e nove de Agosto de mil oitocentos e trinta e três, vigésimo segundo da Independência e do Império.

IMPERADOR. P.

MENSAGEM

APRESENTADA À

Assembléia Legislativa do Estado

POR OCASIÃO DA ABERTURA DA 3.^a SESSÃO ORDINÁRIA
DA 2.^a LEGISLATURA

PELO

Senhor Bento Munhoz da Rocha Netto

GOVERNADOR DO PARANÁ

Senhores Deputados à Assembléia Legislativa do Estado

Alta honra me confere esta hora em que, cumprindo o preceito constitucional, dirijo-me a essa egrégia Assembléia ao iniciarem-se os trabalhos de nova seção legislativa, no ano centenário de nossa Província.

O período de 1952 foi de intenso trabalho em todos os setores administrativos de que os nobres representantes do povo paranaense terão exato conhecimento através dos vários capítulos desta Mensagem, para que, esclarecidos com os dados da situação real do Estado, as suas resoluções se revistam sempre da mesma habitual sabedoria.

A execução financeira de 1952 aparece com um saldo de Cr\$ 166.691.944,20 que deve, no entanto, servir como recurso de cobertura aos compromissos assumidos pelo Estado e cujo processamento sofreu atraso no Tribunal de Contas.

Processados, finalmente os compromissos, teríamos equilibradas a receita e a despesa, obedecendo-se, assim, rigorosamente a orientação político-financeira do Governô.

Consciente do momento que o Estado está atravessando com a sua espetacular expansão econômica conseqüente do rush cafeeiro que tomou conta do Paraná, meu Governô concentra a sua máxíma atenção no programa rodoviário, cuja expansão se pode assim exprimir:

Movimento de Terra:

1950	2.423.461,799 m ³
1951	3.627.880,107 m ³
1952	5.857.807,110 m ³

Pontes:

Quatriênio - 47-51		Biênio 51-52	
Concreto	284,00 m	Concreto	589,56 m
Madeira	342,73 m	Madeira	617,79 m
		Concreto e ferro	198,20 m
Total	626,73 m		1.405,55 m

Para demonstrar o cuidado e o rigor com que se tem havido a administração, basta atentar para o preço unitário médio do movimento de terra:

1950	Cr\$ 24,66 por m ³
1951	Cr\$ 21,47 por m ³
1952	Cr\$ 13,11 por m ³

A assistência rodoviária aos Municípios, aplicando-se o índice 100 ao exercício de 1948, se expressa pelo índice 105 em 1950, 331 em 1951 e 360 em 1952.

Vão adiantados os trabalhos de preparação da base e sub-base para o revestimento asfáltico, e com a chegada nos próximos dias ao Pôrto de Paranaguá, da primeira grande partida de asfalto, alcança-se neste ano uma etapa brilhante em nossa evolução rodoviária.

A licença de importação para o asfalto foi um dos benéficos resultados da honrosa visita do Exmo. Sr. Presidente da República ao nosso Estado, em janeiro dêste ano. O Chefe da Nação verificou pessoalmente a angústia dos nossos problemas de transporte, a grandeza do nosso programa rodoviário e a sua crescente repercussão na economia nacional.

De fato, com o deslocamento da produção do centro-sul do Brasil para o Paraná, cabe ao nosso Estado a missão de abastecer as duas grandes metrópoles brasileiras, Rio e São Paulo, e as áreas de maior concentração demográfica do país.

Sem desatender nenhuma região do Estado, meu Governo deu prioridade na execução rodoviária às grandes estradas do café que unem a zona produtora do norte, nordeste e noroeste do Paraná ao pôrto de Paranaguá, cujo aparelhamento está sendo acelerado de maneira notável.

No setor da energia elétrica, outro ponto vital de nossa evolução, continuam-se as obras do Cavernoso, Laranjinha e Rio Mourão. Terminou-se o planejamento do Capivari-Cachoeira cujo financiamento está em fase adiantada na Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

O entrosamento das obras do Cotia no conjunto Capivari-Cachoeira virá, na verdade, resolver o problema de energia em tôda a zona que gravita em tôrno de Curitiba.

Depois de longos e completos estudos, foi aberta concorrência pública para a Usina Termo-elétrica Cambuí, com aproveitamento das ricas jazidas de carvão do Rio do Peixe.

Os estudos realizados permitem conclusão otimista em relação a êsse aproveitamento, fazendo antever a solução conveniente para o problema de energia em grande zona do Norte do Estado.

Está planejada a exploração do xisto pirobetuminoso de S. Mateus. Nossos técnicos estiveram na Europa, de onde trouxeram ensinamentos preciosos.

Foi assinado convênio com o Conselho Nacional do Petróleo que assistirá todos os trabalhos que o Estado está encetando, cooperando na grande empreitada do aproveitamento de nossas grandes jazidas de xisto.

Tenho dito e repetido que com a invasão, benéfica invasão que cobre o Paraná, originária de todo o Brasil, avolumam-se os nossos problemas cuja solução o Governo vai atendendo com energia, sem a estulta pretensão, entretanto, de resolvê-los integralmente, em vista da rapidez do nosso crescimento.

Chamo atenção para o setor da Educação em 1952, ano em que foram concluídos 17 prédios para grupos escolares, e abertas 4 casas escolares e 167 escolas isoladas, tendo sido nomeadas 1.360 novas professoras das quais 425 normalistas e 31 regentes de ensino.

No setor da Saúde Pública êsses problemas assumem aspecto angustiante, sobretudo na parte referente à tuberculose.

No ano de 1952 demos um grande passo à frente, com os melhoramentos introduzidos nos dois sanatórios do Estado, sobretudo no São Sebastião da Lapa, com a construção de uma nova ala que aumentou a sua capacidade de 150 leitos.

Em breves dias será iniciada a construção do novo Sanatório de Curitiba, com a capacidade de 500 leitos cujo projeto cuidadosamente estudado e já completo, permite afirmar que o Paraná virá a possuir um dos mais perfeitos sanatórios do Brasil.

Foram concluídas em 1952, 61 obras sendo 29 para a Secretaria de Educação, 17 para a de Saúde, 14 para a Chefatura de Polícia, 1 para a Secretaria de Justiça e 2 para a do Trabalho e Assistência Social.

Estão em prosseguimento 40 obras.

Foram postas em concorrência 69 obras na Secretaria de Educação, 7 na de Agricultura, 2 na de Trabalho, 44 na de Fazenda, 9 na de Saúde, 9 na do Interior, 16 na Chefatura de Polícia e 40 para postos de puericultura.

Sinto no Governo o reverso da nossa evolução trepidante e, mais ainda, os efeitos da rápida transformação do nosso estilo de atividade econômica.

Testemunho o surgimento do desnível econômico, inédito até então no Paraná, terra clássica da pequena lavoura de subsistência, com a avalanche da onda cafeeira que traz riqueza mas é acompanhada também por multidões de desajustados e doentes.

Percebe-se a miséria que acompanha o progresso.

A Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural já começou a agir, com as primeiras equipes municipais de serviço social. Auxiliares rurais recrutados no próprio meio em que vão atuar, depois do curso de emergência, revelaram uma dedicação emocionante ao dever, indetificados com a sua alta missão.

Iniciaram-se os trabalhos na zona de Santo Antônio da Platina e Siqueira Campos, já ampliados para São José dos Pinhais e brevemente para Antonina.

Auxiliares rurais, com a supervisão de agrônomos e médicos, começaram com os inquéritos, verificando as condições sanitárias e educacionais, prestando ensinamentos que vão da enfermagem à horticultura, resolvendo os problemas à medida que surgem, e sobretudo criando a consciência desses problemas, sem o que será impossível a melhoria do nível de vida do trabalhador rural.

Já nas zonas do Centro e Sul do Estado, em que raramente existem trabalhadores rurais assalariados, pois aí, em zonas de lavoura de subsistência, com o lavrador de origem européia recente, portador de outras heranças, a técnica deverá ser diferente, e a experiência indicará os caminhos a seguir.

O mais difícil na grande campanha de assistência rural está sendo conseguido vitoriosamente com a preparação do elemento humano que tem de agir nos municípios.

No recrutamento desse elemento humano, a Fundação tem descoberto verdadeiras vocações para a assistência social que abre, no Paraná, ao homem do campo, um horizonte de imensas perspectivas.

Já estão prontas as hospedarias de Maringá e Peabiru através das quais o Estado prestará assistência mais direta aos nacionais, principalmente aos nordestinos que, mais uma vez batidos pela inclemência das secas, procuram o Paraná em ondas sucessivas.

O Paraná cumpre, assim, o seu dever de brasilidade e de humanidade, minorando as penas de tantos brasileiros que se encontram na dolorosa contingência de abandonar os velhos lugares em que viveram seus ancestrais.

Com a safra cafeeira de 52-53 que ultrapassou de 5 milhões de sacas, a maior que já alcançamos, atinge o Paraná a 30% da produção nacional, contribuindo, sem computar os outros produtos de exportação, com 300 milhões de dólares para a balança comercial do Brasil.

Não me canso de falar sobre a missão que ao Paraná cabe realizar na evolução da economia cafeeira nacional.

Não pode ser uma fatalidade o nomadismo da cultura do café, e se o Paraná está ainda no início da sua capacidade de produção, é preciso prever e evitar que se venham a repetir aqui os mesmos erros que têm acompanhado a onda verde. É preciso evitar que à prosperidade trazida pelo café suceda o deserto ou então outro gênero de cultura, desorganizando sucessivamente os fundamentos da economia brasileira.

Felizmente, entre os grandes fazendeiros que possuem a tradição da cafeicultura já se consolidou a consciência de que é mais conveniente conservar do que recuperar o solo. Nos últimos dez anos foi radical a transformação de atitude dos cafeicultores, nesse sentido, e é altamente confortador testemunhar a obra de preservação que se está operando em fazendas paranaenses ainda novas.

Aos pequenos lavradores as Casas Rurais procuram assistir e preencher as lacunas só verificadas nas pequenas culturas.

O seu número elevou-se para 56, e nas zonas antigas de cultura de clima temperado, a sua atuação se está fazendo sentir profundamente, principalmente no setor da mecanização.

Em 1952, pelo Fundo de Equipamento Agro-Pecuário, as Casas Rurais venderam pelo preço de custo:

220 mil doses de vacinas contra a peste suína;

160 mil medicamentos veterinários;

379 mil quilos de sementes;

87 tratores, enquanto 486 trilhadeiras trabalharam para os triticultores, cuja produção, a maior já alcançada, subiu a 80 mil toneladas, pequena amostra ainda do que o Paraná poderá produzir em trigo.

O Estado tem facilitado a imigração estrangeira para as zonas paranaenses que, pelo seu clima, mais se prestam à colonização européia. O êxito da colônia de Entre-Rios, com a sua promissora cultura de trigo, está destinado a revolucionar os velhos métodos agrônômicos conservados em grandes áreas do Estado,

valorizando-as decisivamente. Além de Castrolândia, onde holandeses se estão localizando, o Estado estuda com os órgãos federais a localização de grandes correntes de lavradores europeus em zonas de condições semelhantes às de Guaruapuava.

Atingimos o ano do centenário da fundação de nossa Província, com tôdas as atenções do Brasil concentradas no Paraná.

Nosso Estado alcança um dos pontos mais altos de sua expansão pioneira. O norte, o nordeste, o oeste e o sudoeste do Estado se lançam no desbravamento possuídos do alto espírito de construtores de civilização.

O Paraná é buscado como um oásis, para onde se dirigem os homens insatisfeitos da instabilidade econômica nacional.

O nosso crescimento demográfico assim se desenvolveu nos recenseamentos nacionais:

1872	126.722
1890	249.491
1900	327.136
1920	685.711
1940	1.236.276
1950	2.115.547

o que elevou a percentagem da população paranaense sobre a nacional, de 1,25 em 1872 a 4,08 em 1950.

Passamos, dêsse modo, de cerca de 60.000 habitantes em 1853 a 2,5 milhões em 1953, com um aumento, portanto, de quarenta vezes em cem anos.

A convergência das populações brasileiras para o Paraná torna o nosso Estado numa aspiração constante e num desejo de melhoria e segurança.

No primeiro orçamento votado pela Assembléia Provincial para o exercício financeiro de 1854-1855 a receita atingiu a Rs- 176.400\$000, enquanto a do orçamento no exercício vigente de 1953 chega a Cr\$ 1.649.644.333,70.

São extraordinários os índices do desenvolvimento com que, ao comemorar o nosso centenário, nos apresentamos diante do Brasil.

É tão decisivo o momento que atravessamos, que o Governo é chamado a equacionar os problemas paranaenses de maneira a não prejudicar o nosso futuro.

A pressa em realizar sem planejamento e, sobretudo, com desconhecimento da escala em que se está processando nossa evolução, só pode desservir o Estado e a solução conveniente de seus problemas.

Tenho plena consciência da hora paranaense e da repercussão que as decisões atuais vão adquirir em nosso futuro, acelerando ou retardando o progresso do Estado. Resolver mal como resolver sem previsão será um crime cometido contra o Paraná.

Sigo imperturbável a minha diretriz política que é a mesma pregada ao povo paranaense através de uma campanha eleitoral memorável. O governador não desmente o candidato. Tem a mesma sensibilidade política e, acima de tudo, a mesma sensibilidade humana para as questões essenciais do povo que o elegeu.

Cumpro o meu dever com destemor e honestidade. Cumpro-o, anti-demagógicamente, despreocupado de acomodações compensadoras e através de caminhos ásperos de percorrer, mas dos quais não me arredarei jamais, porque são os caminhos da honra.

ALGUMAS OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO

OBRAS CONCLUÍDAS EM 1952

EDUCAÇÃO E CULTURA

- Auditório do Grupo Escolar de Assaí.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Salto Itararé, Município de Siqueira Campos.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Guamiranga, Município de Imbituva.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Paula Freitas, Município de União da Vitória.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Pôrto Vitória — União da Vitória.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Pôrto de Cima — Município de Morretes.
- Grupo Escolar com 4 salas de aula em Palmeirinha — Guaraqueçaba.
- Grupo Escolar com 6 salas de aula em Pitanga (Sede).
- Grupo Escolar com 6 salas de aula em Araruva, Município de Araruva.
- Grupo Escolar com 6 salas de aula em Bocaiúva do Sul (Sede).
- Grupo Escolar com 6 salas de aula em Colombo (Sede).
- Grupo Escolar com 6 salas de aula em Tulhas, Município de Congonhas.
- Grupo Escolar com 8 salas de aula em Imbituva (Sede).
- Grupo Escolar com 8 salas de aula em Mallet.
- Grupo Escolar com 12 salas de aula e auditório de União da Vitória.
- Grupo Escolar com 12 salas de aula no Bairro do Cristo Rei — Curitiba.
- Grupo Escolar com 12 salas de aula na Lapa.
- Grupo Escolar com 12 salas de aula e auditório em Bandeirantes.
- Pavilhão de Recreio do Grupo Escolar de Ribeirão do Pinhal.
- Escola de Química do Paraná (Instituto de Química) com 12 salas de aula; laboratório e auditório em Curitiba.
- Ginásio com 12 salas de aula e auditório em Santo Antônio da Platina.
- Ginásio Estadual com 12 salas de aula e auditório em Antonina.
- Ginásio Estadual com 12 salas e auditório em Palmeira.
- Ginásio Estadual com 8 salas de aula em Ribeirão Claro.
- 3 Casas Escolares com 1 sala de aula e residência em Águas Claras — Jaguaíva.
- Casa Escolar com 1 sala de aula em Uraí (Prefeitura).
- Casa Escolar com 2 salas de aula e residência em Rancho Alegre, Município de Uraí.

SAÚDE PÚBLICA

Pavilhão para 150 leitos no Sanatório São Sebastião da Lapa.
Hospital Colônia Padrão para Psicopatas — Piraquara.
Hospital Regional de Tibagi.
Pavilhões Carville (dois) Leprosário São Roque — Piraquara.
Pôsto Misto de 2.^a Classe de Castro.
Pôsto Misto de 2.^a Classe de Uraí.
Pôsto Misto de 2.^a Classe de Andirá.
Pôsto Misto de 2.^a Classe de Araucária.
Pôsto Misto de 2.^a Classe de Ibitiporã.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Jataizinho.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Palmeiras.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Imbituba.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Pôrto Amazonas.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Reserva.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Reserva.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Jaguapitã.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Jaguapitã.
Pôsto Misto de 2.^a Classe em Campo do Mourão.

CHEFATURA DE POLÍCIA

Delegacia de Polícia e Cadeia com 16 celas em Paranaguá.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Timoneira.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Campo Tenente — Rio Negro.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Bela Vista do Paraíso.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Cinzas.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Rebouças.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Jataizinho.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Ribeirão do Pinhal.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Abatiá.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Pôrto Amazonas.
Delegacia de Polícia e Cadeia com 4 celas em Wenceslau Braz.

INTERIOR E JUSTIÇA

Fóro de União da Vitória.

TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Escola de Trabalhadores Rurais de Pirai do Sul.
Pavilhão para o Asilo dos Velhos em Curitiba.

OBRAS EM CONSTRUÇÃO E INICIADAS EM 1953

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
ANTONINA		
Grupo Escolar com 6 salas	Sede	Início e conclusão
Grupo Escolar com 4 salas	Nova América da Colina	Início
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
AMOREIRA		
Escola Profissional	Sede	Início e conclusão
Fôro	Sede	Início e conclusão
Grupo Escolar com 4 salas	Itapema	Início
ANDIRÁ		
2.º Grupo Escolar com 6 salas	Sede	Início
Delegacia e Cadeia	Sede	Início
APUCARANA		
Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências	Sede	Início e conclusão
Escola de Trabalhadores Rurais	Sede	Em andamento
Grupo Escolar com 4 salas	Correia de Freitas	Início e conclusão
2.º Grupo Escolar com 8 salas e auditório	Sede	Início e conclusão
Grupo Escolar com 4 salas	Patrimônio do Pirapó	Início e conclusão
Grupo Escolar com 2 salas	Patrimônio de Cambira	Início e conclusão
Ginásio com 14 salas, 2 laboratórios e auditório	Sede	Em andamento
Quartel da Polícia	Sede	Início
ARAPONGAS		
Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências	Sede	Em prosseguimento
Fôro		
ARAUCÁRIA		
Coletoria com uma residência	Sede	Início
Delegacia e Cadeia	Sede	Início
ASTORGA		
Grupo Escolar com 10 salas e auditório	Sede	Início e prosseguimento
Coletoria com uma residência	Sede	Início e conclusão
Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Início e conclusão
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
ASSAÍ		
Exatoria e Distrito Fiscal com 2 residências	Sede	Início e prosseguimento
Ginásio com 12 salas, 2 laboratórios e auditório	Sede	Início e prosseguimento
Casa Paroquial	Sede	Início e conclusão
ALVORADA DO SUL		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
ARARUVA		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
BARRAÇÃO Grupo Escolar com 4 salas Delegacia e Cadeia com 4 celas Pôsto Misto Delegacia e Cadeia com 4 celas Pôsto de Puericultura	Sede Sede Marrecas Marrecas Sede	Início Início Início Início Início e conclusão
BELA VISTA DO PARAÍSO Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências	Sede	Início e prosseguiment
CAMBARÁ Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências Grupo Escolar de Vila Rubim com 6 salas Ampliação do Ginásio (4 salas) e reforma geral	Sede Sede Sede	Início e conclusão Início e conclusão Início e conclusão
CASCAVEL Grupo Escolar com 6 salas Pôsto de Puericultura	Sede Sede	Início e conclusão Início e conclusão
CLEVELÂNDIA Grupo Escolar com 6 salas Grupo Escolar com 6 salas Grupo Escolar com 4 salas Grupo Escolar com 3 salas Coletoria com uma residência Pôsto de Puericultura	Início Marrecas Vargem Bonita Mariópolis Início Início	Início e conclusão Início e conclusão Início Início Início Início e conclusão
CAMBÉ Pôsto de Higiene de 2. ^a classe	Sede	Início
CAMPO DO MOURÃO Delegacia e Cadeia com 8 celas Grupo Escolar com 8 salas c/auditório	Sede Sede	Conclusão Início
CENTENÁRIO DO SUL Coletoria com uma residência Grupo Escolar com 10 salas Pôsto de Puericultura	Sede Sede Sede	Início Início Início e conclusão
CORNÉLIO PROCÓPIO 2. ^o Grupo Escolar com 6 salas 3. ^o Grupo Escolar com 6 salas Exatoria com Distrito Fiscal com 2 residências Delegacia e Cadeia com 16 selas e alojamento Fôro	Sede Sede Sede Sede Sede	Início Início Início Início Em andamento Início
CURITIBA Grupo Escolar com 12 salas e auditorio Grupo Escolar Pietro Martínez Casa do Estudante	Mercês Sede Sede	Início Prosseguimento Conclusão

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
Lar Escola de Meninas	Mercês	Prosseguimento
Hospital das Clínicas	Sede	Prosseguimento
Grupo Escolar com 8 salas e auditorio	Capanema	Início
Grupo Escolar	Agua Verde	Início
Hospital para Tuberculosos para 400 leitos	Barreirinha	Início
Quartel de Polícia Militar	Sede	Início
CAPANEMA		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
CONTENDA		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
CRUZ MACHADO		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
FAXINAL		
Pôsto de Puericultura	Sede	Conclusão
Grupo Escolar com 6 salas	Sede	Início e conclusão
FLORESTÓPOLIS		
Grupo Escolar com 8 salas	Sede	Início
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
FÓZ DO IGUAÇU		
Fôro	Sede	Início
Pôsto Policial	Rio Paraná	Início
Pôsto Policial	Porto Meira	Início
Sede e Residência Departamento	Sede	Início
FRANCISCO BELTRÃO		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
GUARAQUEÇABA		
Pôsto Misto de 2.ª classe	Início	Início
GUAÍRA		
Pôsto de Puericultura	Início	Início e conclusão
GUARANIACU		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
IBAITI		
Coletoria com uma residência	Sede	Início
IBIPORÃ		
Grupo Escolar com 4 salas	Ribeirão das Aboboras	Início
IRATI		
Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências	Sede	Início

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
JAPIRA Grupo Escolar com 4 salas Pôsto de Puericultura	Sede Sede	Início Início e conclusão
JANDAIA DO SUL Grupo Escolar com 8 salas com auditório Pôsto de Puericultura	Sede Sede	Início Início e conclusão
JACARÊZINHO Ginásio com 14 salas, laboratórios e auditório Delegacia e Cadeia com 16 celas e alojamento Fôro Grupo Escolar com 4 salas	Sede Sede Sede Barra do Jacaré	Início Início e conclusão Prosseguimento Início
JAGUAPITÃ Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Conclusão
JAGUARIAIVA Delegacia e Cadeia com 8 celas e alojamento	Sede	Conclusão
JATAIZINHO Delegacia e Cadeia com 5 celas e alojamento	Sede	Conclusão
LAPA Coletoria com uma residência	Sede	Início
LARANJEIRAS DO SUL Grupo Escolar com 8 salas e auditório Delegacia e Cadeia com 8 celas e alojamento Fôro	Sede Sede	Prosseguimento Conclusão
LONDRINA Grupo Escolar com 2 salas Grupo Escolar com 4 salas Grupo Escolar com 4 salas Ginásio Estadual 4.º Grupo Escolar com 12 salas Centro de Saúde Delegacia e Cadeia com 4 celas Detenção e instalação da Polícia Vila de Funcionários Sanatório para Tuberculosos com 400 leitos Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede Warta Irerê Sede Sede Sede Tamarana Sede Sede Sede Irerê	Conclusão Conclusão Conclusão Prosseguimento Prosseguimento Prosseguimento Prosseguimento Início Início Início Início
LUPINÓPOLIS Grupo Escolar com 6 salas Pôsto de Puericultura	Sede Sede	Prosseguimento Início e conclusão
LEÓPOLIS Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
MALET		
Fôro	Sede	Início
MANDAGUAÇU		
Grupo Escolar com 6 salas	Sede	Prosseguimento
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
MARIALVA		
Coletoria com uma residência	Sede	Início
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
MARINGÁ		
Grupo Escolar (novo) com 6 salas	Sede	Prosseguimento
Delegacia e Cadeia (novo) com 8 celas e alojamento	Sede	Prosseguimento
Coletoria com 2 residências	Sede	Prosseguimento
Grupo Escolar (velho) com 12 salas e auditório	Sede	Prosseguimento
Escola Normal Rural	Sede	Prosseguimento
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
MANGUEIRINHA		
Grupo Escolar com 3 salas	Chopin	Conclusão
Grupo Escolar com 3 salas	Barro Preto	Conclusão
Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Conclusão
Pôsto Misto	Chopin	Início
Delegacia e Cadeia com 4 celas	Barro Preto	Início
MANDAGUARI		
Exatoria e Distrito Fiscal com 2 residências	Sede	Prosseguimento
Grupo Escolar com 4 salas	Ourizona	Prosseguimento
Grupo Escolar com 4 salas	Floriano	Prosseguimento
NOVA ESPERANÇA		
Grupo Escolar com 10 salas	Sede	Prosseguimento
Grupo Escolar com 6 salas	Alto Paraná	Início
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
NOVA FÁTIMA		
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
ORTIGUEIRA		
Grupo Escolar com 4 salas	Sede	Prosseguimento
Cadeia Pública com 4 celas	Sede	Início
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
PARANAÍ		
Coletoria com duas residências	Sede	Prosseguimento
Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
PATO BRANCO Delegacia e Cadeia com 8 celas e alojamento Grupo Escolar com 10 salas e auditório Exatoria e Distrito Fiscal com duas residências Pôsto de Puericultura	Sede Sede Sede Sede	Prosseguimento Prosseguimento Prosseguimento Início e conclusão
PALMAS Escola Normal Regional Pôsto Misto de Higiene	Sede Biruruna	Prosseguimento Início e conclusão
PALMEIRA Grupo Escolar com 4 salas	Colonia Franzeza	Início
PARANAGUÁ Delegacia e Cadeia com 4 celas Ginásio Estadual Centro de Saúde Exatoria e Distrito Fiscal	Alexandra Sede Sede Sede	Início Início Início Início
PIRAÍ 3 Casas Escolares	Sede	Início
PINHALÃO Pôsto Misto de 2.ª Classe Grupo Escolar (ampliação) Pôsto de Puericultura	Sede Sede Sede	Prosseguimento Início Início e conclusão
PIRAQUARA Manicômio Judiciário	Sede	Em prosseguimento
PORECATU Fôro	Sede	Início
PONTA GROSSA Colégio Estadual Grupo Escolar "Senador Correia" Grupo Escolar Grupo Escolar Grupo Escolar Grupo Escolar Centro de Saúde	Sede Sede Bairro das Órfãs Colônia Dona Luiza Serradinho Bôa Vista Sede	Início Início Prosseguimento Início Prosseguimento Prosseguimento Prosseguimento
PAULO FRONTIN Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
PEABIRU Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
PRIMEIRO DE MAIO Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
REBOUÇAS Fôro	Sede	Início
RESERVA Grupo Escolar com 3 salas	Cândido de Abreu	Início
RIO AZUL Coletoria com uma sala	Sede	Início
RIBEIRÃO CLARO Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Início
RIO BRANCO DO SUL Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Início
ROLÂNDIA Pôsto Misto de 2.ª classe Delegacia e Cadeia com 4 salas Fôro 2.º Grupo Escolar com 8 salas e auditório	Sede Sede Sede Sede	Prosseguimento Início Início Início
RIO BOM Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
SANTO ANTÔNIO Pôsto de Puericultura Fôro Delegacia e Cadeia Coletoria com uma residência Pôsto Misto de Higiene Residência do Escrivão	Sede Sede Sede Sede Sede Sede	Início e conclusão Início Prosseguimento Prosseguimento Início Prosseguimento
S. ANTÔNIO DA PLATINA Exatoria e Distrito Fiscal 2.º Grupo Escolar	Sede Sede	Início Início
SANTA MARIANA Escola de Trabalhadores Rurais Grupo Escolar com 4 salas	Sede Sede	Conclusão Início
S. JOSÉ DOS PINHAIS Pôsto Misto de 2.ª classe Fôro	Sede Sede	Prosseguimento Início
S. JOSÉ DOS PINHAIS Delegacia e Cadeia Delegacia e Cadeia Grupo Escolar com 6 salas	Sede Mandirituba Aruatã	Início Início Início

OBRAS	LOCAL	OBSERVAÇÃO
SÃO MATEUS DO SUL Ginásio Estadual (const. do Edifício)	Sede	Prosseguimento
SERTANÓPOLIS Grupo Escolar com 10 salas	Sede	Prosseguimento
SIQUEIRA CAMPOS Fôro Coletoria com uma residência Grupo Escolar com 2 salas	Sede Sede Marimbondo	Prosseguimento Prosseguimento Início
SANTA AMÉLIA Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
SANTO INÁCIO Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
SERTANEJA Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
TEIXEIRA SOARES Grupo Escolar com 3 salas	Fernandes Pinheiro	Conclusão
TIMONEIRA Grupo Escolar com 2 salas	Campo Magro	Prosseguimento
TOLEDO Grupo Escolar com 6 salas Pôsto de Puericultura	Sede Sede	Prosseguimento Início e conclusão
TULHAS Delegacia e Cadeia com 4 celas	Sede	Início
TIJUCA DO SUL Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
TIMBU Pôsto de Puericultura	Sede	Início e conclusão
UNIÃO DA VITÓRIA Exatoria e Distrito Fiscal	Sede	Conclusão
URAI Delegacia e Cadeia Coletoria Grupo Escolar com 6 salas	Sede Sede Sede	Prosseguimento Prosseguimento Início
WENCESLAU BRAZ Grupo Escolar com 3 salas	S. João da Boa Vista	Conclusão



O DEZENOVE DE DEZEMBRO.

N.º 1.

ANNO I.

SABBADO, 1.º DE ABRIL DE 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, propriedade de Candido Martins Lopes, publica-se todos os sabbados, e para elle subscree-se em casa do proprietario, na cidade de Curitiba, rua das Flores n. 13.

Os annuncios das arts. assignantes pagam-se uma modica retribuição, e dos que não tocam 100 rs. por linha. Communicados, correspondencias e outras publicações corren-tam a ajuste. Folha avulsa 160 reis.

PREÇOS DA ASSIGNATURA.

Pagos adiantados:	
Por anno	8 \$ 000
Por semestrio	4 \$ 000
Por trimestre	2 \$ 500

PARTIDA DOS CORREIÓS.

Os correios no mez de abril partirão para a marinha nos dias 3, 10, 17 e 24, e para o interior nos dias antecedentes a estes. As malas ferbão-se nas vespersas da partida dos correios.

DESIGNAÇÃO DAS AUDIENCIAS.

Governo da provincia — S. Ex.ª o sr. tomalheiro presidente da provincia da audien-ria todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã ate ao meio dia.

Chefe de Policia — O Dr. chefe de policia todos os dias uteis, a todas as horas.

Quarta Feira — Aud. do juiz de direitão as 10 horas.

Quinta Feira — Aud. do juiz municipal as 10 horas, do juiz commercial as 11, e do delegado de policia ao meio dia.

Sexta Feira — Aud. do juiz d'orphãos as 10 h.

Sabbado — Aud. do juiz de direitão as 10 h.

LEI N.º 704 — DE 29 DE AGOSTO DE 1853.

Electa a comarca de Curitiba na provincia de S. Paulo a categoria de provincia, com a denominação de — *Provincia do Paraná.*

Dom Pedro Segundo, por graça de Deos, e unanime aclamação dos povos, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil: Faz-mos saber a todos os nossos subditos, que a assembléa geral legislativa decretou, e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1.º A comarca de Curitiba na provincia de S. Paulo fica elevada á categoria de provincia, com a denominação de — *Provincia do Paraná.* — A sua extensão e limites serão os mesmos da referida comarca.

Art. 2.º A nova provincia terá por capital a cidade de Curitiba, em quanto a assembléa respectiva não decretar o contrario.

Art. 3.º A provincia do Paraná dará um senador, e um deputado á assembléa geral; e sua assembléa provincial consistirá de vinte membros.

Art. 4.º O governo fica autorizado para crear na mesma provincia as estacões de gann indispensaveis para a arrecadagão e administração das rendas geraes, submettendo depois o que houver determinado ao conhecimento da assembléa geral para definitiva approvação.

Art. 5.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mandamos por tanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento desta lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir, e guardar tão inteiramente como nella se contém. O secretario de estado do negocio do imperio a faça imprimir, publicar e correr. Dado no palacio do Rio de Janeiro, nos vinte nove de agosto de mil oitocento cincoenta e tres, trigesimo segundo da independencia e do imperio.

IMPERADOR com rubrica e guarda.

Francisco Gonçalves Martins

Carta de lei, pela qual Vossa Magestade Imperial manda executar o decreto do assembléa geral legislativa, que houve por bem sancionar, e a comarca da Curitiba na provincia de S. Paulo, e a provincia do Paraná, como se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

José de Araújo.

Sellada na chancellaria do imperio, em 12 de setembro de 1853.

Antonio Aloes de Miranda Varejão, official maior interino.

Publicada na secretaria d'estado dos negocios do imperio, em 12 de setembro de 1853.

Na falta do official maior, Joaquim Xavier Garcia de Almeida.

Registrada na mesma secretaria d'estado aff 212 v. do 1.º 9.º de leis, alvarás e cartas. Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1853.

Estacio Maria da Costa e Abreu.

O Dezenove de Dezembro.

A imprensa, como todas as instituições e cousas humanas, tem um lado bom e outro máo, pois se é origem fecunda de vantagens sociaes, tambem com razão se lhe attribuem males gravissimos. As vezes sôlta e desenfreada como a anarchia, a imprensa atropella tudo, nada é para ella sagrado, nada inviolavel; não ha poder, que respeite, nem preceito a que submeta-se; ataca e escarnece do que é mais caro e precioso ao homem; subverte e desmórna sem nada edificar, e no lugar das illusões apenas deixa o malogro e o desespero: eis o seu lado máo. Outras vezes, porem, desveladamente occupada em investigar só a verdade util e proficua ao paiz, a imprensa, tomando a iniciativa do bem, discute as questões de mór interesse para a sociedade, orienta e dirige a opinião na senda do progresso e dos melhoramentos, e serve de phanal ao poder. Debaxo desse aspecto, ella tributa profunda homenagem á moralidade, e com

curvar-se ao espirito do partido, nem ao interesse pecuniario, declara guerra á mentira, a hypocrisia, e ás paixões vis e odientas: eis o bello lado da imprensa.

O *Desenove de Dezembro* não hesita, pois, um momento na vereda, que deve trilhar: o patriotismo, tanto como seu próprio interesse, traça-lhe, em alto brado, o programma, que, em sua carreira, longa, ou breve, prospera, ou não afortunada, cumpre-lhe desempenhar. Este programma é: informar o publico do procedimento do governo da provincia, e das diversas autoridades della, mediante a publicação de seus actos officiaes, apontar e discutir com a devida circumspecção as medidas que mais consentaneas forem ao engrandecimento da provincia, acceitando nesse sentido, para dar á luz da imprensa, escriptos e informações de quem quer que esteja no caso de lh'os ministrar, *abstenendo-se completamente de questões politicas.*

Abstendo-se completamente de questões politicas, diz-se alto o bom som, e acrescenta se: *sem jamais expor os interesses e desabafos de um ou de outro partido na provincia.*

Em verdade, quando os esforços do governo, e todos os passos que elle dá, revelão a benéfica intenção, que nutre, de chamar á concordia os animos dos paranaenses, quando essa é, na opinião dos homens imparciaes, a mais vital necessidade da provincia, que deseja ardentemente ver cizarrizadas, com o balsamo saudavel da conciliação, as chagas sangrentas e profundas das passadas discordias, fóra da parte de um estabelecimento typographico, vindo da cõrte, por sua propria inspiração, para o fim de trazer uma pedra, sã e angular, mui ajustada, ao menos, ao edificio magnifico da creação desta provincia, fóra, dizemos, um erro imperdoavel e rematada imprudencia excitar com questões de partido, e artigos de politica, esses odios inveterados, que convem a todo custo, atenuar e mesmo desvanecer. E, por outro lado, a propria conveniencia desta publicação a devia de envolver-se em polemicas de partido, porque não ha expediente mais seguro para ter uma bella vasto circulo de assignantes, e, consequentemente, dilatados annos de existencia, do que esta formal abstenção de politica partidaria, que consilia toda a força de certos jornaes da cõrte e de algumas provincias, os quaes atravessão e sobrevivem illesos ás tempestades politicas, que, nos dias de hoje, assolão ás vezes o paiz, como o ro-

chedo ante o qual se quebra, sem lhe fazer o menor damno, a vaga furiosa.

E agora que o leitor está inteirado do qual o espirito que tem de dirigir e animar a redacção deste jornal, parece saber o que é essencial noticiar-se-lhe no respectivo introito, não sendo preciso gastar palavras em dar a razão do nome do periodico, porque ninguem póde ignorar, que esse nome tem por fim despertar e fazer perduravel a lembrança do dia 19 de dezembro de 1853, em que com a posse do presidente, o Exm.^o Sr. conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, teve lugar a installação da provincia do Paraná, satisfeitos assim, por derradeiro, os mais antigos e incessantes votos de todos os seus habitantes.

Para poder medrar esta nossa empreza precisamos do auxilio de todos os paranaenses. A todos, pois, nos dirigimos pedindo protecção.

PARANA'.

No dia 23 reuniu-se nesta capital o collegio eleitoral, afim de proceder-se á eleição de um senador por esta provincia. O collegio compoz-se de 51 eleitores, cujos votos fórao distribuidos da maneira seguinte:

Mauoel Gonçalves de Moraes Roseira.....	51 votos.
Exm. barão de Antonina.....	50 "
Modesto Gonçalves Cordeiro.....	44 "
Dr. José Gaspar dos Santos Lima.....	7 "
Dr. João da Silva Carrão.....	1 "

E' já conhecido tambem o resultado do collegio do Principe, composto de 11 eleitores, que votarão do seguinte modo:

Dr. José Gaspar.....	11 "
Conselheiro Bernardo da Souza Franco....	9 "
Roseira.....	7 "
Modesto.....	3 "
Barão de Antonina.....	2 "
Dr. Carrão.....	1 "

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1853.

Circular a todas as camaras, e ás diversas autoridades da provincia.— Tendo tomado hontem posse da administração desta provincia, para a qual fui nomeado por carta imperial de 17 de setembro do presente anno, assim o communico á v.m., e agradeço a honra que, tendo as vistas do governo imperial, me dá esta nova provincia, promover, quanto ao melhoramento moral e materias, da provincia, e conduzir os espiritos á união e concordia, e a desfructuar os beneficios, que, quanto antes, e com a maior utilidade e real conservação no desempenho de minhas funções, que acho-me incumbido.

Sinopse Histórica do Paraná

PROFESSOR OSVALDO PILOTTO



Engenheiro Civil e Engenheiro Agrônomo. É professor catedrático das Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná e da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Tem vários trabalhos publicados, colabora assiduamente na imprensa, e tomou parte em diversos congressos estaduais e nacionais. É sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, do Círculo de Estudos "Bandeirantes" e do Centro de Letras do Paraná.

I. — CONQUISTA DO TERRITÓRIO; BANDEIRANTISMO. AS EXPEDIÇÕES. CAMPOS DE GUARAPUAVA E DE PALMAS. ALDEAMENTOS.

O território que constitui hoje o Estado do Paraná pertenceu à região que, desde as primeiras explorações da terra descoberta por Pedro Álvares Cabral, despertou o interesse dos portugueses.

Não só dos portugueses. Os espanhóis tinham necessidade de firmar os limites dos seus domínios marcados até então pela linha que o tratado de Tordesilhas havia estabelecido.

Uma das cartas régias expedidas a 20 de novembro de 1530, por D. João III, em favor de Martim Afonso de Sousa, dava a este os mais amplos poderes de posse e para organização de governos.

Partindo de Portugal, em dezembro de 1530, veio tocar Martim Afonso, com a sua esquadra, à costa brasileira na altura do cabo de Santo Agostinho, em janeiro do ano seguinte. Ai teve contato com franceses que faziam carregamentos de pau-brasil. Rumou ao sul, na árdua missão de policiar a costa, onde expedições anteriores haviam fundado feitorias.

Em agosto de 1531, tocava a costa na altura de Cananéia. Continuando para o sul foi marcar a posse da terra já no rio da Prata.

Voltando, em princípios de janeiro de 1532, veio procurar "paragem mais propícia para o estabelecimento que se tinha em mira fundar". (Rocha Pombo.) As suas vistas se voltavam para as bandas entre Rio de Janeiro e Cananéia. A 20 de janeiro desse ano encontrou a frota de Martim Afonso abrigado em S. Vicente.

"Aquêles dias — observa Rocha Pombo, — em que os portugueses levantaram ali na praia de Tararé o estandarte cristão, têm para nós uma como que solenidade de culto."

A gente do Paraná guarda, como os paulistas, com especial reverência, o culto desse acontecimento, porque em S. Vicente começa a nossa história regional.

Havia, já, nessas paragens, feitorias cuja gente vivia bem com os carijós e tupiniquins.

João Ramalho, que é de crer tenha aí chegado em 1530, foi elemento de aproximação nessa hora em que se ia intensificar a colonização da terra.

As incursões que a gente branca fazia pelas terras da marinha atingiam o atual litoral paranaense. "Tanto por terra como por mar — escreve Rocha Pombo, — varejando os esteiros, os varadouros, os recôncavos das baías, ou fazendo caminhos pelas praias, a gente de Ramalho ia até Paranáguá e S. Francisco, e é provável mesmo que até a Ilha dos Patos (Sta. Catarina), onde viviam também muitos espanhóis e portugueses."

Com relação a incursões pelo interior, há notícia vaga de expedição despachada por Martim Afonso e que teria sido trucidada pelos índios nas cabeceiras do rio Iguaçu, nos campos de Curitiba.

Preocupou também a Espanha a posse das terras que lhe cabiam pelo tratado de Tordesilhas.

Assim é que D. Alvaro Nuñez Cabeza de Vaca, nomeado governador (adotado) do Paraguai, em 1541, aportava em Cananéia e em S. Francisco, que considerava do domínio espanhol.

O destino de Cabeza de Vaca era o Paraguai. Farejara a costa até a ilha de Santa Catarina. Desembarcado, aprestou os 250 homens de sua expedição e al-o rio Iguaçu. Demandou o Tibagi para rumar em seguida ao Ivaí. Transição, em 1542, onde os espanhóis garantiam os seus domínios. Temiam índios e deviam evitar a invasão dos portugueses.

Fundaram cidades. Ontiveros, Ciudad Real, Vila Rica do Espírito Santo, constituíram a sentinela avançada dos domínios espanhóis.

Consolidavam-se nessa região escravizando índios para seus reclusos e conseguindo, já em 1608, a vinda de jesuítas que haviam de pacificar a província de Guaira com suas reduções.

Era preciso manter bem afastados os castelhanos. As povoações de Guaira inspiraram a constituição de várias bandeiras que seguiriam, caminho do oeste, até às barraças do Paraná.

Manoel Prêto foi um dos que mais palmilharam o solo paranaense caçando índios e atacando as reduções de Guaira. Em 1707 trazia índios para povoar a sua fazenda de N. S. da Esperança.

Voltou ao Guaira em 1611, 1618, 1623 e 1629. — escreve Romário Martins — quando faleceu no sertão, flechado pelos índios que perseguia. E em 1618 tirou grandes continentes de índios das aldeias de Jesus-Maria e de Santo Inácio; em 1623 e 1624 atacou outras reduções e aprisionou cerca de mil índios; em 1629, com Rapôso Tavares, realizou a destruição das reduções de Santo Antônio, S. Miguel, Jesus-Maria, Encarnación, S. Xavier e S. José.

Petro Vaz de Barros em 1611 conseguiu aprisionar grande quantidade de índios e, quando já de volta para S. Paulo, foi atacado por D. Antônio Anasco, governador do Paraguai, que lhe arrebatou os indígenas que aprisionara. "Foi esse o maior revés em Guaira, — observa Romário Martins — talvez ocorrido devido ao próprio numero tão vultoso de prisioneiros."

Sebastião Prêto, Lazaro da Costa e Cunha Gago rumaram ao oeste em 1612, 1615 e 1623, respectivamente, tendo o primeiro voltado ainda neste ultimo ano de 1623.

Em 1628 Antônio Rapôso Tavares, com cerca de 3.000 homens, entre os quais 2.000 índios, foi acampar à margem esquerda do Tibagi, onde construiu fortificações de pau-a-pique. Acompanhava-o Manoel Prêto, além de outros chefes, entre os quais, Simão Álvares, Bicudo de Mendonça, Vaz de Barros, Manoel Mourato.

Viveram durante alguns meses aprisionando índios, mas às boas com os religiosos de Guaira até que encontraram razão para atacar.

Fugiu do acampamento o índio Tataurana, que fora aprisionado em incursão anterior por Simão Tavares, e asilou-se na redução de Santo Antônio, alegando ser seu antigo catecúmeno". Reclamada a devolução do índio, importante pela sua qualidade de ex-cacique, não foram os paulistas atendidos pelos jesuítas, tendo alegado o Padre Mola que era injusto cativar-se um homem livre e cristão. No dia 30 de janeiro de 1629 foi a redução assaltada, tendo os homens de Rapôso Tavares, sob o comando de Simão Álvares, feito a captura do índio Tataurana como dos demais que faziam parte da redução.

"Assolado o Guaira — escreve Romário Martins, — começou a retirada da bandeira de regresso a S. Paulo com os índios prisioneiros que tiram povoar as fazendas dessa e de outras capitanias, vendidos até na Bahia e em Pernambuco. Por toda a parte acompanharam os escravizados, os padres Mansilha e Maceta, a fim de lhes conseguir a liberdade. Seus protestos e rogos incansáveis não tiveram êxito."

Em 1631 Rapôso Tavares voltou às regiões de Guaira e, atacando Vila Rica, chegou a transpor o rio Paraná para atingir os estabelecimentos espanhóis de Santiago de Xérez.

Não fôra a ação destemida de Rapôso Tavares, o território paranaense não seria do domínio português, e estaríamos hoje com as nossas fronteiras bem aquém das barraças do Paraná.

Outros bandeirantes seguiram os caminhos do Guaira rumando para o sul, com a preocupação de afastar as fronteiras do domínio espanhol. Entre eles, em 1638, Fernão Dias Pais Leme.

Era preciso que se povoasse o sertão. O estímulo seria a descoberta de riquezas. Em Paranaíba havia ouro, e, em 1680, Salvador Jorge Velho foi o descobridor do precioso metal nos sertões de Curitiba.

Em 1720, Zacarias Dias Côrtes esteve nos campos de Palmas, onde chegou a explorar o precioso metal. Já em 1730 a finalidade da bandeira de Manoel Rodrigues da Mota era a procura de um caminho para o sul e que conduzisse a Viamão.

Entre 1756 e 1769 os sertões do Tabagi foram preocupações de bandeirantes. Ângelo Pedroso, Estêvão Baiao, Domingos Lopes Cascais, Silveira Peixoto e Bruno Filgueiras foram chefes de incursões.

Quanto aos campos de Guarapuava, sabe-se que o governador da Capitania de S. Paulo, D. Luis de Sousa, determinou, em 1771, que o guarda-mor Francisco Martins Lustosa os percorresse, a fim de explorar ouro que descobrisse, o que determinaria motivo de povoamento.

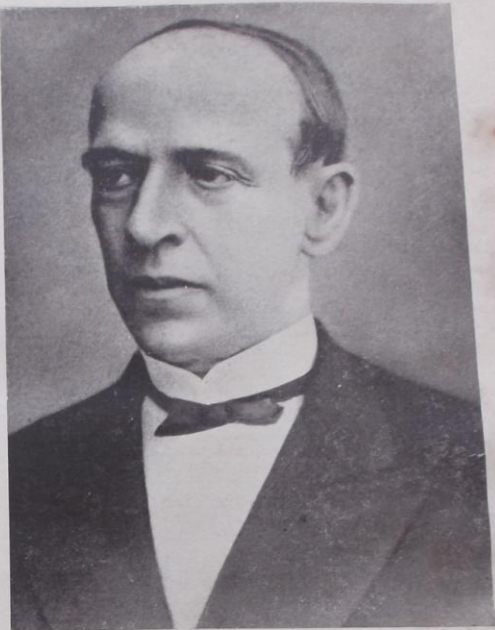
A propósito, observa Romário Martins: "Fôsse verdadeiro ou não esse declarado intento, o certo é que a bandeira do guarda-mor Lustosa foi tão-somente a batedora do caminho por onde deveria entrar nos Campos de Guarapuava o Ten.-cel. Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, secretário do governo da capitania e chefe das expedições a Guarapuava."

Realmente, as expedições ao Tibagi e a Guarapuava, entre 1768 e 1771, foram aprestadas por Afonso Botelho.

Havia uma carta régia de 1765 que autorizava ao governador da capitania a conquista do Tibagi. Sabe-se que havia intuito de agressão à provincia do Paraguai, daí o interesse de criar estabelecimentos nos sertões do Tibagi e de Guarapuava.

A entrada de Afonso Botelho nos campos de Guarapuava, na qualidade de chefe das expedições, deu-se em fins de 1771, depois da incursão do guarda-mor Lustosa. Acontece que alguns dos componentes da expedição foram vítimas da traição de índios que já se haviam fraternizado com os brancos. Isto determinou a retirada apressada de Afonso Botelho, "... sem vingiar a morte de sete comandados — observa Ermelino de Leão, — vítimas de uma traição dos selvagens, quando tinha todos os elementos para desbaratar os traidores..."

Depois disto, somente em 1808 houve preocupações com os campos de Guarapuava. Era preciso combater os índios que impediam o seu povoamento.



Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, primeiro Presidente da Provincia do Paraná.

mento. A carta régia de novembro de 1808 determinava as medidas necessárias.

O governador da capitania de S. Paulo era pela catequese dos índios, sem lhes fazer guerra.

Foi entender-se com o Conde de Linhares para sugerir a criação de uma junta que planejasse a ação. Resultou daí a criação, a 1.º de janeiro de 1809, da "Junta da Real Expedição e Conquista de Guarapuava".

Nesse mesmo ano era nomeado o Ten.-cel Diogo Pinto de Azevedo Portugal para comandar a expedição de povoamento dos campos de Guarapuava. Como catequista acompanhou esse comandante o Padre Francisco das Chagas Lima.

Em 1810 é fundada Atalaia, onde seriam estabelecidos planos de catequese e de povoamento.

Mais tarde, em 1819, é transferida a sede da expedição para a povoação de N. S. do Belem. Já em 1818, pelo alvará de 12 de novembro, fôra criada a freguesia de Guarapuava.

A expedição, desde 1816, estava sob a chefia interina do Ten. Antônio da Rocha Loures.

Motivos especiais determinaram o afastamento de Diogo Pinto, que faleceu em 1820.

Os índios vototons eram seguidamente acossados pelos homens da expedição e, revoltados, acabaram atacando e incendiando a povoação de Atalaia, em abril de 1825.

A descoberta dos campos de Palmas resultou da deliberação de encontrar o caminho que ligasse, pelos campos do oeste, a provincia de S. Paulo à do Rio Grande do Sul. Várias expedições foram despachadas de Guarapuava a partir de 1814.

Em 1819 Atanágido Pinto Martins fêz, guiado pelo índio Jongong, incursão nesse sentido.

"Este índio — observa Sebastião Paraná, — para evitar algum encontro com hordas que dominavam o sertão que deveria ser atravessado, deixou de entrar-se por ele, seguindo em direção do nascente. Esta precaução motivou o descobrimento do campo de Palmas, com o qual os sertanejos toparam inesperadamente."

Dois bandeiras, as de Joaquim Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Côrtes, em 1839 determinaram o início do povoamento dos campos de Palmas.

Povoamento, índios, ouro, a garantia da nossa fronteira de oeste e a presença dos caminhos do sul fizeram que os planaltos do território paranaense fossem privados e conhecidos pela gente bandeirante.

O ouro foi um mito nesses paragens. A fronteira estava marcada e o índio somente havia de concorrer na possibilidade de povoamento, por meios pacíficos. Mas a paz só se fez, especialmente, com os caingangues, depois de refregas.

Estava já instalada a província do Paraná quando foram conseguidos aldeamentos.

Muitos dos índios tornaram-se amigos dos povoadores brancos, e entre esses se notabilizaram, pelos auxílios que prestaram aos povoadores, os caciques Condi e Viri, guerreiros formidáveis dos sertões do Piquiri e de Palmas. (R. Martins. — H. do Paraná.)

Foi com o auxílio de Viri que a gente da Colônia Militar do Jataí, instalada em 1838, conseguiu dominá-los.

Com a proposta de paz dos caingangues foram criados os aldeamentos de S. Jerônimo e de S. Pedro de Alcântara. No primeiro destes aldeamentos de S. Jerônimo, de catequese, Frei Luis de Cemitille. O de S. Pedro de Alcântara, sob orientação do frade Timóteo de Castel Nuovo, não progrediu e se despovoou com a fuga dos índios.

II. — OURO E CONSEQUENTE POVOAMENTO DO LITORAL OS PRIMEIROS COLONIZADORES GABRIEL DE LARA E ELEDORO EBANO PEREIRA. OS HERDEIROS DA CAPITANIA. OS JESUITAS EM PARANAGUÁ.

Voltemos agora aos primeiros dias da colonização para encontrarmos, na colônia do ouro, o motivo da povoação do litoral, onde se havia de marcar a necessidade de uma administração própria.

Em 1585 moradores de Santos e S. Vicente pediram ao Cap-mor Jerônimo Leitão, fôsse feita preta aos carijós da região de Paranaguá, tendo este organizado uma bandeira para tal fim, da qual tomou parte Diogo de Unhate. Este, em 1614, quando escrivão da ouvidoria e fazenda da capitania de Santo Amaro, requereu uma sesmaria que lhe foi concedida na região do Superaguá. Esta carta — observa Ermelino de Leão — é o documento mais antigo conhecido sobre o povoamento, por portugueses, do território paranaense.

A notícia de haver ouro nas regiões de Paranaguá trouxe para aí gente de S. Vicente e Cananéia. Costearam as praias de Ararapira e Superaguá, entraram na baía e se alojaram na ilha da Cotianga. Foi aí o primeiro núcleo de povoamento de Paranaguá. São nomes deste empreendimento os Peneda e os Lara. Domingos Peneda é considerado, de acordo com documento existente no Museu Britânico, e de que possui fotografia a Prefeitura de Paranaguá, o fundador da povoação. Homem "régulo e matador", diz o documento.

Gabriel de Lara era afeito às aventuras do sertão. Acompanhara seu padrao, o bandeirante André Fernandes, bem como tomou parte da bandeira de Antônio Pedrosa. Explorou ouro em Iguape e depois dirigiu-se para o sul, onde veio a descobrir minas na encosta da serra Negra.

"Chegado a Paranaguá — diz E. de Leão, — aliou-se com os Gonçalves Peneda, família do regulo fundador da povoação da Cotianga."

A ilha da Cotianga não se prestava à fundação de uma vila. Ali se haviam alojado os povoadores, temerosos de ataque dos carijós que tinham suas choças na parte do continente. Feito o contato dos brancos com esses nativos, em ambiente de paz, fundou Gabriel de Lara nova povoação à margem do sul, onde veio a descobrir minas na encosta da serra Negra.

Pediu mais tarde ao governador do Rio de Janeiro, locotenente do Conde de Monsanto, donatário da capitania de Santo Amaro, a ereção de pelourinho, o que lhe foi concedido, tendo sido inaugurado o "pelourinho na Vila de Paranaguá em 6 de janeiro de 1646, em nome de Sua Majestade o Sr. D. João 4.º Rei de Portugal e por ordem de Duarte Correia Vasquesannes, governador que então era do Rio de Janeiro". (Vieira dos Santos — Memória Histórica de Paranaguá.)



O antigo Colégio dos Jesuitas, em Paranaguá.

Gabriel de Lara era nomeado capitão-fundador e povoador da nova povoação com direito de expedir sesmarias.

Em sua viagem a S. Paulo anunciaria a descoberta de ouro em Paranaguá, e isto determinaria um progresso no povoamento.

Conseguida a elevação do pelourinho, sentia-se Lara senhor naqueles domínios. Eis senão quando recebe a comunicação, por carta, de Eledoro Ebano Pereira, de haver este sido nomeado provedor das minas e da Casa de Fundição de Ouro de Paranaguá. Isto lhe havia de enfraquecer a autoridade.

Foi então, Lara, a S. Paulo e conseguiu do ouvidor-geral, Des. Manoel Pereira Franco, o foral, pelo mesmo expedido a 29 de junho de 1648 e que o autorizava a "eleger câmara e justiça com os demais moradores".

Em dezembro, aproveitando-se da ausência de Ebano Pereira, convocou o pleito para o dia 26 e, a 9 de janeiro de 1649, foi instalada a câmara. Não era do seu desejo a continuação de Eledoro com autoridade sobre a mineração.

Houve denúncia feita à câmara de S. Paulo, relativa ao aparecimento de barras de ouro fundidas em Paranaguá e que, sem autorização régia, traziam a marca real.

"A 27 de novembro — descreve Ermelino de Leão — o provedor das minas de S. Paulo novamente recorreu à câmara dessa então vila pedindo que lhe desse ajuda, favor e índios das aldeias para seguir a Paranaguá, a fim de impedir que Leodoro de Ebano prosseguisse nos trabalhos de fundição e quitação de ouro. Alegava que as minas foram registradas em S. Paulo pelo Cap. Gabriel de Lara; que Paranaguá era pórtio de mar exposto aos assaltos dos inimigos holandeses. A câmara deferiu e passou uma precatória a Gabriel de Lara recomendando que prestasse todo o auxílio ao Prov. Pascoal Afonso."

Mas Ebano Pereira tinha também o seu prestígio junto ao governo central e contava igualmente com os índios das minas. Do caso, que, tudo indica, fóra criado pelo próprio Gabriel de Lara, resultou ficar a Casa de Fundição de Paranaguá subordinada à Provedoria de Santos.

Em ofício de 5 de maio de 1652 o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá Benevides, ordenava "ao Cap. Eliodoro Ebano, administrador das minas na capitania de Paranaguá, aos provedor e tesoureiro delas, que logo que lhe fôsse apresentada aquela sua ordem entregassem ao ajudante João Rodrigues Moraes todo o outro dos quintos que houvesse procedido das minas". (Vieira dos Santos — Mem. Hist. de Paranaguá.)

A esse tempo, outro assunto preocupa Gabriel de Lara e a vida de Paranaguá.

Trata-se da contenda entre os descendentes de Martim Afonso de Sousa, pretensos herdeiros das oitenta leguas de costa doadas a Pero Lopes de Sousa.

D. Mariana de Sousa, Condessa de Vimieira, recebera de Lopo de Sousa, como sua sucessora, a capitania de Santo Amaro.

Com a condessa casou-se D. Luis Carneiro, Conde da Ilha do Príncipe. De outra parte, D. Álvaro Pires de Castro e Sousa, Marquês de Cascais, era igualmente herdeiro da donatária.

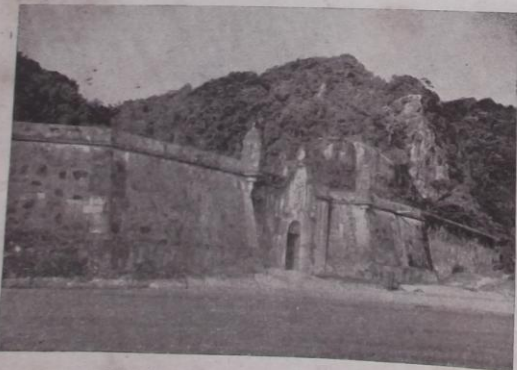
O Conde da Ilha do Príncipe tratou de fazer valer os seus direitos.

Nomeou seu locotenente Diogo Vaz Escobar, que, tomando posse da Vila de Paranaguá, a 16 de dezembro de 1653, designou, para Capitão-mor, Gabriel de Lara. Com isto firmava a simpatia do fundador da vila.

D. Álvaro Pinto não podia desprezar o prestígio de que gozava o capitão-mor e, usando dos seus direitos, criou a capitania de N. S.ª do Rôbriel de Lara.

Diogo Escobar, vendo o seu capitão-mor investido de outras funções, veio a Paranaguá a fim de evitar a ação de autoridade do mesmo. Viera já de entregar à câmara, a 6 de outubro de 1655, armas e munições que tinha em seu poder.

Mais uma vez se havia de salientar a ação de Gabriel de Lara na administração da vila. O governo-geral determinou ao Prov. Pedro de Sousa



Vista da Fortaleza da Barra, na ilha do Mel.

Pereza providências no sentido de serem remetidos índios para a conquista do Rio Grande do Sul. Sabedor disto, o povo se amotinou e foi encontrar em Gabriel de Lara o seu defensor.

Em véspera de 2 de outubro de 1659 era deferido o pedido do povo. O próprio capitão-mor informava ser inoportuna a retirada de índios que trabalhavam nas minas, estando estas em fase de prosperidade. Conseguiu que fosse respeitada a vontade do povo.

Como consequência desses sucessos, a câmara de Paranaguá — deixamos falar Ermelino de Leão, — incorporada e acompanhada dos homens bons da governança, foi à casa do Cap-mor Lara, a 15 de maio de 1660, dar-lhe posse da terra, como locotenente do Marquês de Cascais, antigo Conde de Monsanto.

Sucedera a Diogo Escobar, na capitania de Itanhaém, o Cap-mor Antônio Barbosa de Sotto Maior, que não concordou com a investitura de Gabriel de Lara e veio a Paranaguá usando insignias de capitão-mor e acompanhado de séquito para fazer valer a sua autoridade sobre a vila.

A câmara reuniu-se para pedir explicações a Sotto Maior sobre os motivos da sua estada em Paranaguá.

Respondeu estar a serviço real para providenciar embarque de índios.

A 30 de junho, novamente reunida a câmara, proibiu que Sotto Maior usasse as insignias de capitão-mor, pois ali só Gabriel de Lara as podia usar.

No mesmo ano de 1660 veio a Paranaguá o Governador-geral Salvador Correia de Sá Benevides, para inspecionar minas e resolver sobre o embarque de índios. Aliado que era do Marquês de Cascais, Benevides tratou de consolidar a situação de Lara, provendo, a 30 de novembro de 1660, que enquadrasse o pleito entre os herdeiros de Pero Lopes de Sousa, as autoridades constituídas se conservassem no exercício dos seus cargos, como funcionários da Coroa sem reconhecer nenhum donatário. (Ermelino de Leão — Dic. Hist. e Geogr. do Paraná.)

Gabriel de Lara comunicou essa resolução do governador-geral, ao Marquês de Cascais, tendo este aconselhado ao capitão-mor: "Vá V. m. servindo assim e avise-me, mandar-lhe-ei nova provisão para V. m. continuar em sua vila o governo dessa capitania, em meu nome pois é certo que está na minha marcação como todos sabem."

Gabriel de Lara usava, com toda pompa e energia que caracterizou a sua personalidade, os seus poderes de alcaide-mor, capitão-mor e povoador da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, em nome de Sua Alteza e com os mesmos poderes lugar-tenente e como procurador do Marquês de Cascais nas vilas das 40 léguas da costa sul". Assim se titulava em seus avisos públicos.

Gabriel de Lara, com essa sua marcante demonstração de autoridade, esteve a serviço da capitania de Paranaguá durante 36 anos, tendo falecido em 1682, quando o substituiu Tomás Fernandes de Oliveira.

Somente quando vira a sua situação consolidada como capitão-mor da capitania, foi que Gabriel de Lara se preocupou com as demais povoações sob sua jurisdição.

Foi assim que em 1660 erigiu pelourinho em S. Francisco, e em 1668, em Curitiba, que somente em 1693 teve foros de vila.

A capitania de Paranaguá, criada em 1660, durou com este nome até 1710, quando foi incorporada à capitania de S. Paulo.

O Marquês de Cascais, que fora o seu donatário, faleceu em 1674 exilado na Vila de Ancá, depois de haver tomado partido a favor de Afonso VI na questão de que resultou a revolta que levou D. Pedro, irmão de D. Afonso, à regência de Portugal.

O herdeiro de Cascais, D. Luís Álvares de Castro Noronha Sousa e Ataíde, o 2.º Marquês de Cascais, pouco se preocupou com as capitanias. Quis negociar as de S. Vicente e Paranaguá com o abastado Cap-mor José de Góis e Morais, pela importância de 44.000 cruzados. Essa transação foi impedida pelo governo português, que tomou conta das capitanias depois da necessária indenização, em 1710.

Antes de 1660, a partir de 1653, Paranaguá esteve sob a jurisdição da capitania de Itanhaém, tendo sido Capitães-mores Diogo Vaz Escobar até 1656 e Simão Dias Moura de 1656 a 1660.

Com a aquisição da capitania de Paranaguá, em 1710, foi a mesma extinta, passando os seus domínios à jurisdição da capitania de S. Paulo.

A esse tempo, cuidavam os padres da Companhia de Jesus de fundar em Paranaguá um colégio.

O povo havia pedido, em 1690, por intermédio da câmara, a vinda de seis padres religiosos que deveriam cuidar da instrução primária e do "ensino de latimidade".

Prometiam-lhes, a esse tempo, terras, auxílios para construções, escravos. Os donativos foram concedidos.

"No dia 3 de agosto de 1704 — escreve Ermelino de Leão — a câmara de Paranaguá fez promessa, à Companhia, de fundar o convento sob a invocação de N. S.ª das Mercês, doando a metade da ilha da Cotinga à capela das Mercês que passou a chamar-se igreja do Colégio, com as suas alfaías, oferecidas estas por Antônio Morato, 842\$240 em dinheiro, 100 cabeças de vacas, uma casa com quatro cubucos, assobradada, e terrenos no Varadouro."

Em seguida foi iniciada a construção do convento, e, em 1708, chegavam a Paranaguá os padres Antônio da Cruz e Tomás Aquino, recebidos com solenidade religiosa.

A construção foi embargada em 1709 pelo ouvidor Saraiva de Carvalho, pois não havia licença real para a mesma.

Em 1720 o ouvidor Rafael Pardiniho não reconhecia a doação feita aos jesuítas.



Portal da Fortaleza da Barra, na ilha do Mel.

Estes, defendendo seus direitos, recorreram dos provimentos do ouvidor, mas somente em 1738 obtiveram a necessária licença para a construção.

O colégio funcionou até meados do século, quando foi fechado com a expulsão dos jesuítas, determinada por Pombal.

III. — SUBORDINAÇÃO DA CAPITANIA DE S. PAULO A DO RIO DE JANEIRO. A FORTALEZA DA BARRA. NECESSIDADE DE DEFESA.

Em 1748, pela carta régia de 9 de maio, ficou a capitania de S. Paulo subordinada à do Rio de Janeiro.

Esta situação durou até 1765 quando, pela carta régia de 17 de janeiro, ficou restabelecida a capitania de S. Paulo.

Foi nomeado para governá-la o Cap-Gen. D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Morgado de Mateus.

Com D. Luís veio para S. Paulo Afonso Botelho de Sampaio e Sousa.

"Veio no caráter de ajudante de ordens de Morgado, no governo da capitania de S. Paulo; e, em 1767, já com patente de tenente-coronel, recebeu a incumbência de substituir, no comando da praça de Paranaguá, ao Sarg-mor Francisco José Monteiro, o qual recebeu ordens de marchar, com os auxiliares de Paranaguá e Curitiba, em socorro ao Rio Grande do Sul, então invadido pelos castelhanos." (Ermelino de Leão — Dic. Hist. e Geogr. do Paraná.)

Os acontecimentos que em 1761 puseram em campos antagônicos Portugal e Espanha, estavam determinando providências de defesa nas capitanias do sul.

Os castelhanos, comandados por D. Pedro Ceballos, já de posse da Colônia do Sacramento, tentavam a invasão do Rio Grande do Sul.

Paranaguá era um dos pontos da costa sul que necessitava de defesa. Afonso Botelho trazia ordens nesse sentido. Era necessário que se construísse a fortaleza da barra de Paranaguá. Solicitava-se para isto o auxílio do povo.

A Câmara tratou do assunto conforme verança de 28 de dezembro de 1765.

Em 1766, a 14 de janeiro, houve ordens do governo da capitania "estranhando muito à Câmara a repugnância que ela e o povo mostravam em

não quererem contribuir para a obra da fortaleza, sendo para defesa do país e sendo um dos portos principais da capitania e que Sua Magestade lhe ordenava se fortificassem os portos; e que portanto ela se havia de fazer, que pro não queria dessem tudo mas ao menos que ajudassem e assim que pudessem os meios necessários para isso". (Vieira dos Santos — Mem. Hist. de Paranaguá.)

Embora o povo não estivesse com vontade de ajudar nas obras da fortaleza, o Ministro dos Negócios do Reino devia ter recebido comunicação, do governador da capitania, de que o povo estaria disposto a tal ajuda. Vieira dos Santos nos dá notícia da portaria desse ministro, que era o Conde de Oeiras (depois Marquês de Pombal), datada de julho de 1766 e que se referia à carta de 4 de dezembro do ano anterior, que dava contas de estar a gente de Paranaguá disposta a concorrer para as obras.

O despacho do Conde de Oeiras assim concluía: "É o mesmo Senhor (referia-se ao rei) servido louvar a V. S. o zelo com que tem promovido este útil estabelecimento e ordena que V. S. no Real nome de Sua Magestade, agradeça, a estes bons vassallos, o amor e fidelidade com que tem concorrido para o mesmo útil estabelecimento e para com ele conhecerem os castelhanos, nossos inimigos dessas fronteiras, a diferença que lhes fazem os portugueses, no amor e fidelidade do seu Rei; e ao bem comum de sua Pátria."

O fato é que a construção da fortaleza foi iniciada em janeiro de 1767 e estava em vias de conclusão em 1770.

Também a baía de Guaratuba merecera a atenção do governador da capitania.

Assim é que, em portaria de 5 de dezembro de 1765, esta autoridade ordenava — refere Vieira dos Santos — "ser preciso formar-se na enseada de Guaratuba, do distrito de Paranaguá, uma povoação; e, para principio dela, necessitava ao menos de 200 casas de homens para cultivarem as terras descobertas". Em 1770 Afonso Botelho inicia o povoamento de Guaratuba.

IV. — POVOAMENTO DOS CAMPOS DE CURITIBA. O ATUBA. A ESCOLHA DE MELHOR LOCAL PARA A POVOAÇÃO MATEUS LEME. EREÇÃO DA VILA DE NOSSA SENHORA DA LUZ E BOM JESUS DOS PINHAIS. O OUVIDOR PARDINHO E OS SEUS PROVIMENTOS.

Mas, voltemos ao século XVII para acompanharmos o desenvolvimento do núcleo de povoadores do Atuba, onde se teriam instalado as primeiras famílias que fariam surgir o povoado de Curitiba.

Eliodoro Ebano Pereira teria sido o nome consagrado na fundação de Curitiba, não fora a guerra que lhe fizera Gabriel de Lara, na ansia, este, de ser o homem da capitania de Paranaguá. Ebano Pereira fora nomeado provedor das minas. E as havia nos campos de Curitiba. Explorando-as teria o seu nome ficado na história de Curitiba. Ele, entretanto, se esmaece ante o autoritarismo de Gabriel de Lara que desejaria ficar só. Não digamos que ele não desejaria ficar só, digamos, temia a sombra de alguém que lhe poderia ter ofuscado o nome. O fato é que, apesar da consagração que Ebano Pereira recebeu do historiador Romário Martins, o seu nome se ofusca na história de Curitiba, embora esteja escrito por Vieira dos Santos que Ebano Pereira fundou Curitiba em 1654.

Não se sabe ao certo a data em que um paulista de nome Soares do Vale, — de acordo com documento referido por Vieira dos Santos — indispõe com o governador de São Paulo, se teria exilado para os campos Gerais e, chegando aos campos de Curitiba, desceu a serra até Paranaguá, para daí estever ao sogro que lhe mandasse a esposa e a filha. Conhecendo aí uns tais Andrades, entusiasmou-os a irem residir com ele serra acima.

Em consequência, "Lourenço Rodrigues de Andrade com sua mulher e uma filha casada com um Seixas", vieram com aquele fugitivo instalar-se nas bandas do Atuba.

Soares, Seixas, Andrade, destinou-os a história serem maioraís daquela gente que, em época incerta, teria convidado o cacique dos campos de Tindiquera, às margens do rio Iguaçu, a indicar-lhe o melhor local para os colonos instalarem definitivamente a povoação. O cacique procurou o local, e trazendo na mão uma grande vara, a fincou no chão e vitando-se para os colonos disse: — "Aqui" — e nesse mesmo lugar logo formaram uma capelinha para o culto religioso". (Vieira dos Santos — Mem. Hist. de Paranaguá.)

A referida capela foi construída de paus-a-pique no local em que existe hoje a catedral de Curitiba.

Se levarmos em conta informações registradas pelo ouvidor Pardinho em 1721, tem-se como iniciada a povoação por volta de 1640.

A capelinha de pau-a-pique foi mais tarde substituída pela matriz, construída de pedra e barro, e que serviu à comunidade curitibana desde 1714 até 1876, quando foi demolida para em seu lugar se erguer a catedral.

Notícias certas de povoadores, temos-las de 1661, quando na região do Barigui residiam Baltasar Carrasco dos Reis e Mateus Martins Leme.

Quando Gabriel de Lara, em 1668, ergueu pelourinho, esses povoadores eram as principais figuras do lugar.

Mateus Leme dirigiu os destinos da povoação que, embora recebesse o nome de Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, somente em 1693, a 29 de março, foi realmente constituída em vila.



Gravura caricatural representando a viagem, com chuva, de D. Pedro II, de Paranaguá a Curitiba, pela estrada da Graçiosa.

Mateus Leme consultara ao capitão-mor de Paranaguá, Francisco da Silva Magalhães, sobre a possibilidade da criação da vila.

Respondeu o capitão-mor que, uma vez tendo Gabriel de Lara elevado o pelourinho, nada mais restava senão eleger os membros da justiça.

A um requerimento dos habitantes dirigido a Mateus Leme, foi por este dado o despacho: "Junte-se o povo. Referireis o que ao que pedem. Pinhais, 24 de março de 1693."

Esse documento pedira ao Capitão-povoador (o qual no teor do requerimento declaravam ser já decrepito e "não lhe obedecerem") que se elegeresse justiça para a povoação. Já passavam de noventa homens e "quanto mais cresce a gente se vão fazendo mores defaços". Até nos dias de festa andavam de armas nas mãos. Havia roubos e temiam os habitantes da povoação de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais que a situação ficasse cada vez pior. Sentiam-se desamparados "de governo e disciplina da justiça".

A 29 de março de 1693, Mateus Leme juntou os habitantes na igreja. Declararam então que queriam justiça "para com isso ver se evitamos os muitos defaços que nela se faziam". Pediu o Capitão-povoador que "nomeassem seis homens de só consciência", para com eles fazerem as eleições.

Escolhidos os tais eleitores, cumpriram estes a sua missão, elegendo para juizes Antônio da Costa Veloso e Manoel Soares; para vereadores, Garcia Rodrigues Velho, José Pereira de Quevedo e Antônio dos Reis Cavaleiro; para procurador do Conselho, o Cap. Aleixo Leme Cabral, e para escrivão da Câmara, João Rodrigues Seixas. (Térmo de eleição.)

Estava satisfeita a vontade do povo.

Ali estava, "em paragem e lugar decente da praça", o pelourinho, levantado com solenidade por Gabriel de Lara, a 4 de novembro de 1668. Era o símbolo material da justiça.

Mas continuava a quebrar a pacatez da povoação a indisciplina de alguns que ali viviam.

O requerimento dos principais do lugar havia sido atendido. Nem se magoou Mateus Leme ao chamarem-no de decrepito. Ele havia gasto os seus anos a serviço do núcleo que nascia. Fora dos primeiros a fomentar a agricultura e a pecuária. Erguera com Gabriel de Lara o pelourinho e dirigia aquela gente que agora olhava o presente e aspirava melhor futuro. No presente aparecia-lhes o velho que já não tinha mais forças para ser obedecido. No futuro vislumbravam, na simplicidade de seus espíritos, melhores dias para a vila que queriam ver instalada.

Os oficiais da justiça haviam de firmar, pela repressão aos "defaços" e "outros insultos de roubos", e pela proibição de andarem nas festas "com armas na mão", as bases de uma vida de trabalho, em ambiente de ordem.

A 1.º de maio de 1693 iniciaram os oficiais da Câmara as suas atividades na administração da vila, dando principio à medição do rocio.

É o que nos informa o "térmo de medição" nesse dia lavrado. Mediram, a partir do pelourinho, meia légua de terra no rumo de nordeste, com uma corda de embira velha que media vinte e cinco braças. E, onde acabaram de medir mil e quinhentas braças, perfazendo a meia légua, "mandaram afinar por padrão dois paus de uvaranas verdes para que nascessem e brotassem, e, ao fincar dois ditos paus, botaram terra para o ar tomando posse".

No dia seguinte lá foram, solenes, os mesmos oficiais marcar para sudoeste outras mil e quinhentas braças.

O trabalho continuou e se concluiu em setembro do mesmo ano.

Ficou assim marcado o rocio, tendo por padrões varas verdes de uvarana, testase a medição, a posse das terras da Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais se confirmava.

Sómente com os provimentos do ouvidor-geral Rafael Pires Pardinho, Senhora da Luz.

Em cento e vinte e nove itens tudo foi previsto nos setores de administração, justiça, culto divino e mais o que pudesse exigir estabelecimento de normas de ação.



Caricaturas relativas à viagem de D. Pedro à Província do Paraná.

Justificava o item 3 que, sendo a primeira correição na vila, teriam mais extensão estes capítulos para que, observando-os, se evitassem as desordens em que até agora alguns tropeçavam por ignorância, e os maliciosos não tivessem desculpas de ignorantes.

A obrigatoriedade de acompanhar a procissão de Corpo de Deus, a limpeza dos caminhos, tudo, pelos provimentos, devia ser obedecido sob pena de multa.

Eram condenados a uma "pataca" os que faltassem à festa de Nossa Senhora da Luz, em setembro, que era quando a maior parte da gente ajuntava na vila.

Isto foi em janeiro, sendo que em junho do mesmo ano o ouvidor-geral estava em correição na vila de Paranaguá, onde foram lidos os "178 capítulos de seus provimentos, achando-se presentes 115 cidadãos principais que os assinaram os quais depois foram confirmados por El-Rei D. João V". (Vieira dos Santos — Mem. Hist. de Paranaguá.)

Estava, assim, regulada a vida pública nas vilas de Paranaguá e Curitiba.

Em 1723 era criada a comarca de Paranaguá, para a qual foi nomeado, em 1724, o Dr. Antônio Alves Lanhãs Peixoto.

Entretanto, somente em 10 de fevereiro de 1725 foi efetivada a divisão da capitania em duas comarcas. Isto se deu em reunião havida em S. Paulo, na casa do governador-geral Rodrigo César de Menezes, estando presentes o ouvidor-geral Francisco da Cunha Lôbo, da comarca de S. Paulo e Lanhãs Peixoto confirmado na ouvidoria-geral da comarca de Paranaguá.

A nova comarca "deviam pertencer a vila de Iguape, a vila de Cananéia, a de S. Francisco, Ilha de Santa Catarina, a vila de Laguna e daí por diante até ao rio da Prata, e, de Serra Acima, a Vila de Nossa Senhora dos Pinhais de Curitiba, correndo até o lugar das Furnas inclusive". (Térmo de 10 de fev., de 1725, de divisão da capitania.)

Por carta régia de 1747 foi determinado ao governador-geral Gomes Freire de Andrade, que o ouvidor de Paranaguá passasse ao Rio Grande e que criasse "uma vila dividida da de Curitiba pelo Serrão e Serra Acima".

Em 1749 era criada a ouvidoria da ilha de Santa Catarina, isto por resolução do Conselho Ultramarino.

Os limites dessa nova ouvidoria, com a de Paranaguá, na costa, estariam determinados pela barra sul do rio S. Francisco e no interior, pelo rio Negro.

Bem mais tarde, pelo alvará de 19 de fevereiro de 1812, ficou determinado que os ouvidores da comarca de Paranaguá passassem a residir em Curitiba, nova sede da comarca que passou a se denominar Paranaguá e Curitiba.

No mesmo ano de 1812, pelo alvará de 16 de dezembro, foi criada a comarca de S. Pedro do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ficando, assim, a comarca de Paranaguá com seus limites de sul marcados, na costa, pela barra sul do S. Francisco, e no interior, pelo rio Negro.

Durante o século XVIII teve a Côrte suas vistas voltadas para a região sul da capitania de S. Paulo, e era Paranaguá o ponto da costa que mais merecia as atenções. Os castelhanos, com suas ameaças de domínio, determinavam as providências de defesa. De outra parte a conquista do oeste para, com o povoamento, garantir a posse e estabelecer os limites nas barancas do Paraná, era plano estabelecido pelos governos.

Ja tratamos das bandeiras que, galgando a serra do Mar, atravessaram os planaltos rumo ao oeste.

Temos também, em notas anteriores, dito das providências de Afonso Botelho relativamente à construção da Fortaleza da Barra, bem como da execução que deu ao plano de expedições para o interior.

O governador-geral da capitania de S. Paulo, Cap-Gen. D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, nomeado quando da restauração da capitania, por carta régia de 17 de janeiro de 1765, trazia ordens relativas à necessidade de defesa.

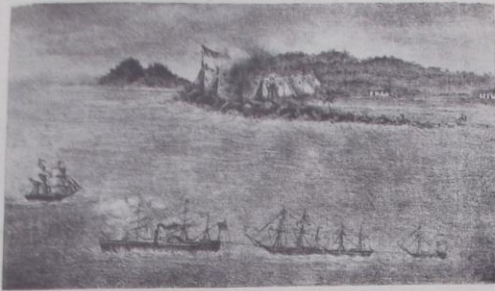
A anulação do tratado de Madrid fêz que recomencessem as lutas de conquista. A Espanha aprestou uma esquadra sob o comando de D. Pedro Ceballos, que, partindo de Cádiz, veio apossar-se da Colônia do Sacramento cujas fortificações destruiu. Invadiu, com grande exercito, o Rio Grande e se apossou da ilha de Santa Catarina.

Isto determinou providências energias no sentido da defesa da costa.

Em Paranaguá foram improvisadas trincheiras de troncos de madeira. Foi levantado um fortim de pedra e cal com vários lances de muros, onde se collocaram doze peças de artilharia. No morro da Fortaleza foram também instaladas peças de artilharia. A entrada do rio Taquaré (hoje Itiberê) foram dispostas amarras que preveniam a entrada de embarcações inimigas. Outras providências de defesa foram tomadas, conforme detalhe da descrição feita em sua Memória Histórica da Cidade de Paranaguá, por Vieira dos Santos.

O tratado de Santo Ildefonso, em 1777, veio report a calma em Paranaguá e nos campos curitibanos, cujas populações desejavam fazer próspera a região pelo trabalho agrícola e pela criação de gado, de vez que o ouro deixava de oferecer atrativos em sua exploração.

O recrutamento de gente para a defesa dos domínios portugueses havia ocasionado um relativo abandono dos campos, onde, desde por volta de 1730, se vinha praticando a criação do gado e a agricultura, cujo escoamento se facilitava pelos caminhos abertos para S. Paulo e Rio Grande.



O combate do CORMORAN, na barra de Paranaguá, em 1850.
(De um desenho antigo).

Mas o magistrado havia despachado e ninguém mais ousou insistir, embora o plano estivesse combinado.

Estava pronta a lista dos que deveriam constituir o governo da nova entidade. O documento que disto dá contas é uma carta de D. Córdula Rodrigues de França endereçada ao seu filho Cap. José Martins Araújo, que explica: "E já até com deputados aqui nomeados sendo autores de tudo o Sarg-mor Rocha e o Sarg-mor Lustosa; para presidente tinham o governador e o ouvidor para vice-presidente. O Sr. dessa, para Secretário da Guerra; para o Interior, José Luis Pereira. Deputados, pela Agricultura, Bento Gonçalves e José Gonçalves, pelo Comercio, Cap-mor e Bentote; pela Marinha, o Cap. Amaral, do Pilar e pela tropa do coronel dessa, Jacinto e Sarg-mor Bastos e pelo Clero, o Padre Antônio dos Morretes e Padre Manoel."

Francisco Negrão, com a sua autoridade de pesquisador e genealogista, esclarece que o presidente seria o Sarg-mor José Vitorino da Rocha; o vice-presidente, o Dr. José Carlos Pereira de Almeida Tóres, então ouvidor-geral e corregedor da comarca de Curitiba e Paranaçu; o Secretário da Guerra, o Cel. Inácio de Sá Soromaior, comandante do Regimento de Cavalaria de Curitiba; Secretário do Interior, Cap. José Luis Pereira; deputado pela Agricultura, Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento e José Gonçalves do Nascimento; deputados pelo Comercio, Cap-mor Manoel Antônio Pereira e Cap. Bento Antônio da Costa; deputados pela Marinha, Cap. Amaral de Antonina; deputado pela tropa, Cap. Jacinto Xavier das Neves e Sarg-mor Bastos; deputado pelo Clero, Padre Antônio Rodrigues de Carvalho, de Morretes e Padre Manoel Antônio da Costa Nogueira".

O Des. José de Azevedo Cabral recebeu ordem de abrir inquérito a respeito do movimento que passou para a história paranaense com o nome de "conjura separatista".

Bento Viana nada sofreu. Vieira dos Santos observa que aquele magistrado "nada achou que lhe fosse culpável a este cidadão, como órgão da vontade geral de pugnar pela emancipação de sua Pátria".

É bem possível que tenha havido naturais temores da parte daqueles que naquela hora solene jogaram à fogueira o sargento cuja confiança nos maiores estimulou a sua coragem. "Contanto que me não enganem", dissera ele.

A resposta pronta e solene do magistrado foi água na fervera. Mas Floriano Bento Viana se projetou na história do Paraná pela sua corajosa atitude, principalmente, de retrucar o juiz que não deferira o pedido.

A ideia, entretanto, não morreu.

Em 1832 e 1834 foram feitas representações pela Câmara de Vereadores. Em consequência, em 1835 a Secretaria dos Negócios do Império solicita informações com respeito às condições das várias regiões da comarca.

As informações prestadas não surtiram efeito mas ficaram acentuadas as esperanças da gente da terra.

Uma circunstância viria reavivar a ideia de separação em 1842.

A 17 de maio desse ano rompeu em Sorocaba o movimento revolucionário chefiado pelo brigadeiro Rafael Tobias.

De outra parte, o sul estava agitado desde 1835 com a guerra dos Farrapos.

Curitiba era ponto delicado em face desses dois movimentos.

O Barão de Monte Alegre, governador de S. Paulo, mandou sondar o ambiente na 5.ª Comarca, e o encarregado da tarefa foi João da Silva Machado, mais tarde Barão de Antonina, já conhecido da gente curitibana, pois fundara em 1829 a colônia alemã do Rio Negro.

Era Silva Machado negociante de gado e percorria seguidamente a estrada que do sul vinha a Sorocaba, passando por Curitiba.

Cumprindo aquela missão de auscultar o pensamento dos homens da comarca, escreveu, a 23 de julho desse ano de 1842, minuciosa carta ao governador, dando contas do que observara. O trecho seguinte deste documento, retrata a situação daquela hora: "A notícia da rebelião de Sorocaba

derramou aqui a confusão por haver chegado conjuntamente a primeira proclamação, ordens e cartas diversas; em consequência fizeram-se reuniões noturnas. Uns queriam fazer a separação, nomeando presidente; outros um governo provisório de três membros; outros, finalmente, não sei o quê, até a Câmara se reunir para dar posse aos empregados policiais; foi quando felizmente chegaram aquelas cartas que V. Excia. mandou pela Marinha com tanta prontidão, que, sendo uma para o Ten-cel. Miguel Marques dos Santos, que ali se achava, publicou seu contexto à face da Câmara, e como alem da recomendação d'ordem lhes assegurava a separação da comarca, elevando-a a Província, ficaram satisfeitos e desmornaram-se".

Informava ainda Silva Machado que havia empenhado a sua palavra no sentido de que Curitiba havia de ser Província e pedia a Monte Alegre que não o deixasse ficar em falta.

Em outra carta insistia: "os curitibanos estão firmes como uma rocha e nada há a temer; porém minha palavra está empenhada; tendo-lhes prometido (debaixo da proteção de V. Excia.) que esta comarca em breve será separada por um decreto, ela já está de fato e seria espeznhada pela Assembleia provincial se não o verificasse de direito".

O Barão de Monte Alegre atendeu à observação de Silva Machado, pois, a 30 de junho propôs ao Ministro do Império a elevação da 5.ª Comarca a província.

A 30 de setembro eram pedidas informações sobre a comarca e a 4 de janeiro de 1845 a Câmara de Paranaçu respondia aos quesitos e protestava contra a pretensão que tinha a Câmara de Curitiba de fazer desta vila a capital da nova província.

As Câmaras de Antonina e de Morretes colaboraram no ideal manifestando-se também junto ao governo.

Em abril de 1843 era já o assunto ventilado na Câmara Nacional, provocado pela representação federal, com pedido de informações, que prontamente foi atendido pelo Ministro do Império.

Com base em tais informações, a 29 desse mês, Carlos Carneiro de Campos, Visconde de Caravelas, apresentou o projeto de elevação da comarca à categoria de província, justificando-o amplamente.

Henrique de Resende manifestou-se contrário. Temia esse representante paulista que o prejuízo fosse grande para S. Paulo, pois havia sido informado de que a maior renda da Província resultava dos direitos sobre tropas que eram cobrados na comarca de Curitiba. Achava ele que a revolução de Sorocaba tinha dado motivo à ideia de separação. Acabado o movimento, não se devia mais pensar no assunto.

José Machado, paulista e Bernardino Jacinto da Veiga, mineiro, eram favoráveis ao projeto. Carneiro da Cunha e Paula Cândido o combateram.

O "Governista", periódico paulistano, advogou a causa da 5.ª Comarca, o que fez Diogo Feijó vir a público atacando a iniciativa. "Unidos, somos paulistas, — escrevia — mas divididos seremos presa do Governo."

Uma emenda de Saião Lobato ao projeto, que pretendia a elevação da comarca de Sapucaí a província, o fez cair.

VI. — CONTINUA A CAMPANHA PELA EMANCIPAÇÃO. A EMENDA DE 1859. NOVO PROJETO, SUA DISCUSSÃO EM 1853. A LEI N.º 704. PREPARATIVOS PARA INSTALAÇÃO DA PROVÍNCIA.

Manoel Francisco Correia Júnior e Francisco de Paula e Silva Gomes não esmoreceram em suas propagandas pela emancipação que vinham fazendo nas colunas dos jornais da Corte. Paula Gomes distribuía os seus escritos em boletins pelos habitantes da comarca.

Em 1850 retornou o assunto ao Congresso, onde transitava o projeto da criação da Província do Amazonas. O Senador Batista Oliveira propoe uma emenda fazendo extensivo à comarca de Curitiba o que se vencia para a do Alto Amazonas.

Carneiro de Leão, mineiro, era favorável. Opôs-se à emenda o Senador Vergueiro, paulista, que a modificava no sentido de ser a comarca de Curitiba incorporada à Província de Santa Catarina.

Finalmente, o projeto é dividido em dois. Um propunha a criação da Província do Amazonas e outro a do Paraná. O primeiro foi aprovado, pois o assunto proviera da Câmara. O referente ao Paraná foi enviado à Câmara para a necessária discussão.

Três anos depois, em 1853, foi o projeto discutido.

Os deputados paulistas Cons. Nêbias e Barbosa da Cunha opinavam pelo adiamento do projeto.

O deputado mineiro Cruz Machado foi o paladino da causa. Punha o problema na ordem de assunto nacional. "Trata-se — dizia ele — de criar um centro administrativo que possa trazer em resultado fortificações e povoações nas nossas fronteiras, antes que, algum tempo adiante, sejamos apanhados desprevenidos, ou antes que apareçam conflitos a respeito do nosso território."

Os representantes paulistas tudo fizeram no sentido de protelar a aprovação. O recurso seria a apresentação de emendas. Pacheco Jordão propôs o aumento do número de deputados indicado no projeto. O Cons. Nêbias emendava o projeto com a proposição de que fosse anexada à Província de S. Paulo a parte da de Minas Gerais que já pertencia ao bispado de S. Paulo.

Já em terceira discussão o projeto, é Ribeiro de Andrade quem o combate.

Ao iniciar um dos seus últimos discursos dizia este ilustre deputado paulista: "Como o sacerdote acompanha o condenado ao patíbulo ou a vítima ao martírio, para cumprir sua sagrada missão, quero, neste momento solene da mutilação da Província de S. Paulo, proferir algumas palavras sentidas, para lastimar o retalhamento da Província que represento."

A 20 de agosto de 1853 era, finalmente, aprovado o projeto de lei n.º 704, que a 29 do mesmo mês recebeu a sanção imperial e estava assim concebido:

Art. 1.º — A comarca de Curitiba, na Província de S. Paulo, fica elevada à categoria de província com a denominação de Província do Paraná. A sua extensão e limites serão os mesmos da referida comarca.

Art. 2.º — A nova província terá como capital a cidade de Curitiba, enquanto a Assembléa respectiva não decretar o contrário.

Art. 3.º — A Província do Paraná dará um senador e um deputado à Assembléa-Geral; o governo provincial constará de 29 membros.

Art. 4.º — O Governo fica autorizado a criar na mesma Província as estações fiscaes indispensáveis para a arrecadação e administração das rendas gerais, submetendo depois o que houver determinado ao conhecimento da Assembléa-Geral para definitiva aprovação.

Art. 5.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Estava satisfeita a aspiração dos homens da comarca de Curitiba.

O progresso do Paraná de hoje justifica o calor no debate, em plenário da Assembléa-Geral, do arduo defensor da causa da então 5.ª Comarca, o deputado mineiro Cruz Machado.

Carneiro de Leão no Senado garantiu o êxito do empreendimento.

Manoel Floriano Correia Júnior e Francisco de Paula e Silva Gomes foram os propagandistas incansáveis que para tudo e a todos apaelavam no sentido de que fosse firmada a convicção da necessidade de elevar a província a comarca de Curitiba.

João da Silva Machado, depois Barão de Antonina, o colonizador que lidou pelo progresso da comarca, foi o homem da hora certa para garantir a arrancada do ideal que advogou.

E não esqueçamos Floriano Bento Viana que teve a coragem de clamar, na hora do juramento, de 15 de julho de 1821, por um governo próprio, tornando-se o herói da Conjura separatista.

No ano do Centenário do Paraná essa gente se aureola com as homenagens dos nossos sentimentos paranaenses.

A 1.º de setembro reuniu-se a Câmara de Curitiba, convocada por "ter chegado a notícia dada por pessoas fidedignas da cidade de Paranaguá de haver, no dia 20 do mês proximo findo, passado na Assembléa-Geral a lei que eleva esta comarca à categoria de Província, pelo que propôs o Sr. Presidente que se devia convidar os habitantes desta cidade para illuminarem suas casas por espaço de três dias, bem como para assistirem no dia 4 do corrente, ás 19 horas da manhã a um solene *Te-Deum* que em ação de graças se há de entoar na Igreja Matriz; assim se resolveu se fizesse público por edital e autorizou-se ao Procurador para satisfazer as despesas necessárias, bem como se illumine a casa desta Câmara." (Ata da sessão extraordinária de 1.º de setembro de 1853 da Câmara de Curitiba.)

A 3 de outubro a mesma Câmara nomeava uma "comissão encarregada de tudo que fôr tendente à recepção do Presidente", e deliberava "retocar as tintas do edificio da cadeia", autorizando o procurador a pagar as despesas caso não fosse possível satisfazê-las por subscrição particular. Ainda nessa sessão, "lavourou-se edital convocando os povos para caiar e limpar as frentes de suas casas, bem como o fiscal mandar limpar os arbustos que estão na entrada da estrada de baixo e aquêles que ficarem nos pátios públicos e ruas".

VII. — O COMBATE DO "CORMORAN".

Antes de entrarmos na vida que se inaugurava com a nova província queremos registrar o acontecimento que a gente de Paranaguá relembra como feito honroso para a nossa história. Trata-se do combate ao navio inglês "Cormoran", a 1.º de julho de 1850.

O navio inglês entrara na baía de Paranaguá a 29 de junho perseguindo embarcações suspeitas de fazerem o tráfico de escravos já proibido desde 1831. Havia um acôrdo entre o Brasil e a Inglaterra na repressão a tal comércio.

Guiados pelo pescador Manoel Felipe que não lhes conhecia os intentos, conseguiram os ingleses vir até Paranaguá. Vaquejaram duas das embarcações já atacadas, os brigues "Serena" e "D. Ana". A violência com que se apossaram destes barcos fez com que o mestre do brigue "Astro" providenciasse, auxiliado já por gente de Paranaguá, o afundamento da sua embarcação fazendo-lhe um rombo no casco.

O cruzador "Cormoran" foi visitado pelo guarda-mor da Alfândega. O seu comandante Herbert Shomberg, interpelado por aquêlle agente, declarou que estava encarregado pelo seu almirante de arrestar as embarcações que se entregavam ao tráfico de escravos e por isto não lhe tinha que dar satisfações.

Entregou à guardamoria um officio dirigido ao comandante da praça de Paranaguá.

Negaram-se de receber essa correspondência as autoridades do lugar que seriam: o juiz municipal, Dr. Filastro Nunes Pires, o comandante da Guarda Nacional, Manoel Antônio Guimarães (mais tarde Visconde de Nacar) e o delegado de policia, José Francisco Barroso.

O povo de Paranaguá revoltou-se contra a attitude do comandante inglês. Sentindo-se prestigiados pelas attitudes energicas dos maiores da terra alguns elementos mais corajosos, tendo à frente Manoel Ricardo Carneiro, apressaram-se a canoas rumando à Fortaleza da Barra. All iriam esperar a taram lanchas e canoas rumando à Fortaleza da Barra. All iriam esperar a saída do "Cormoran" para uma represalia. Viajaram durante a noite, tendo chegado ás 8 horas do dia 30 de junho.

A 1.º de julho o cruzador passava a barra levando os brigues apreendidos.

O comandante da Fortaleza, Cap. Joaquim Ferreira Barbosa, despachou uma intimação ao comandante do navio no sentido de largar as embarcações que levava de reboque.

"Porém o registro não chegou ao seu destino, — escreve o Cap. Barbosa ao Presidente da Província — porque o comandante da barca fez logo fogo com bala à Fortaleza, e como eu visse que era um insulto muito grande à Nação brasileira, também respondi com tiro de bala, porém não dirigido a ela e sim aos barcos nacionais; mas o comandante do vapor continuou com o fogo."

Nesse combate os paranaenses auxiliaram a ação do comandante que faz referências aos tripulantes das naus apreendidas que acompanharam os patriotas locais.

"O comandante Barbosa, — escreve Ermelino de Leão — levado quicá por injunções de ordem diplomática e não por covardia que não se compatibilizava com o seu temperamento, officiou informando que os paranaenses tinham tomado de assalto a Fortaleza e dado combate ao navio inglês, não lhe cabendo a menor responsabilidade do feito."

O "Astro" foi pôsto novamente a flutuar.

Nas altas esferas diplomáticas o feito dos paranaenses tomou rumo bastante serio. Em consequência, foi submetido o comandante Barbosa a conselho de guerra, depois de exonerado do comando. Absolvido, foi reintegrado, não tendo, entretanto, reassumido as funções.

O comandante Herbert, do "Cormoran", foi por sua vez processado em seu país e expulso da Marinha inglesa.

VIII. — A NOMEAÇÃO DE ZACARIAS DE GÓIS E VASCONCELOS. A POSSE DO PRESIDENTE. PROGRAMA DE GOVERNO. ASSEMBLÉA PROVINCIAL. A IMPRENSA OFICIAL. GOVERNOS QUE SE SUCEDERAM.

Voltemos ao rumo da nova vida que o ideal da gente da marinha e de terra acima determinara.

Estava criada a Província do Paraná e nomeado o seu primeiro Presidente, por Carta Imperial de 27 de setembro, o Dr. Zacarias de Góis e Vasconcelos, figura que pelas suas qualidades de homem integro, administrador inteligente e politico perspicaz estava na altura de montar a administração da nova unidade.

Paranaguá o recebeu com festas, manifestando-lhe os seus habitantes o desejo que tinham de que fosse a cidade marítima a sua capital. "Os habitantes desta cidade se empenharam fortemente — escreve Rocha Pombo — junto do delegado imperial para que logo all fizesse a instalação da província e por muito tempo alimentaram a esperança de que viesse a ser Paranaguá a capital escolhida."

Zacarias trazia instruções para o início do seu governo e a Lei 704 estabelecia a sede provisória da Província.

Curitiba se fez em galas no dia 19 de dezembro de 1853 para a instalação da Província.

As providências da Câmara relativas a retoques de pintura do edificio da cadeia e limpeza das ruas deviam estar cumpridas.

Na sala da Câmara foi feito "um gradil, estrado e dois repositores". O dinheiro obtido por subscrição não foi sufficiente para pagar tão importantes aprestos. Enfim, a 19, ao Cons. Zacarias "achando-se presente ás onze horas da manhã sendo recebido com tôdas as formalidades do estilo, a Câmara por seu presidente deferiu-lhe o juramento dos santos evangelhos, — depois de ser lida pelo Secretário a Carta Imperial de sua nomeação."

Houve em seguida solene *Te-Deum* na Matriz, em ação de graças. No dia seguinte, a Câmara reuniu-se extraordinariamente a fim de "nomear uma comissão para felicitar o Exmo. Presidente da Província e protestar adeão à sua administração".

Foi nomeada a comissão que, desincumbindo-se da tarefa, pediu, "em nome da Câmara, o original do discurso recitado pelo Exmo. Sr. Presidente da Província na ocasião de sua posse na sala da Câmara."

Era o primeiro dia de vida da Província do Paraná.

No dia 19 a Câmara resolveu comunicar a posse do Presidente a tôdas as Câmaras da comarca. No dia 20 o Presidente da Província comunicou a esses órgãos a sua posse e deu início à sua ação. O Chefe de Policia, Dr. outubro, tomou posse no dia da instalação do governo e dava já as suas primeiras providências officiaes.

Zacarias trazia instruções que constituiriam programa para o seu governo.

Eram firmadas pelo Ministro do Império, Luis Pereira de Couto Ferraz, e se consubstanciavam em itens que recomendavam normas para o preenchimento de deputados para a Assembléa Provincial e de um deputado e um senador para a Assembléa-Geral; dar informações a respeito da instrução pú-



Vista de Curitiba em 1855.

hica, agricultura, comércio, indústria, propondo medidas para o desenvolvimento de tais atividades; mandando conservar em bom estado as estradas, fazendo examinar por engenheiro hábil as mesmas e especialmente a da Graciosa; ter atenção com as estradas que ligam Curitiba com S. Francisco e com Guarapuava; propor o que parecesse mais acertado para a criação de núcleos coloniais, promovendo assim o aumento da população livre; informar sobre a colônia militar do Jataí e a possibilidade da comunicação fluvial com Curitiba; informar ainda sobre os aldeamentos indígenas nos campos de Guarapuava e Palmas, lembrando providências para aumento do número dos mesmos; indicar, finalmente, as necessidades da Província, em qualquer ramo do serviço público e cuja solução dependesse do Governo ou do Poder Legislativo Federal.

Estava demonstrado nesse documento o interesse que tinha o Governo Central na prosperidade desta região, de cujas possibilidades de desenvolvimento e riqueza muito se falava.

Dois problemas mereceram as primeiras preocupações de Zacarias: a ordem pública e as vias de comunicação.

Coube à Chefia de Polícia estabelecer os distritos policiais da Província e obter das respectivas autoridades informações sobre as várias regiões da Província, do que resultou a descrição geral que fez das cidades, vilas e freguesias do território paranaense, com esboço geográfico das várias regiões e notícia sobre belezas naturais.

De acordo com relatório desse titular, sabemos que, no ano da sua instalação, a Província se constituía das cidades de Curitiba e Paranaguá; das vilas de Guaratuba, Antonina, Morretes, Príncipe (hoje Lapa), Castro, S. José dos Pinhais e Guarapuava; das freguesias de Campo Largo, Palmeira, Rio Negro, Ponta Grossa, Jaguariaíva e Tibagi; das capelas curadas de Guaressaba, Iguçu, Voçuverava e Palmas.

Curitiba era a esse tempo, com todos os seus quarteirões que com o do centro somavam 27, uma cidadezinha com pouco mais de 5.000 habitantes. 308 era o número de suas casas; 52 estavam em construção.

Eleitos os deputados e instalada a Assembléa Provincial, ficou determinado, pela Lei n.º 1 de 26 de julho de 1854, que fosse Curitiba a capital da Província. Paranaguá pleiteara ser a sede de governo. A Câmara de Guarapuava representou ao Presidente no sentido de que fosse nessa vila instalada a capital. A primeira lei provincial resolveu a questão.

Cuidou Zacarias de encaminhar os problemas magnos da Província e entre eles o da Graciosa para estabelecer via fácil de comunicação com a região da marinha.

Foi curto o seu governo, pois a 7 de maio de 1855 transmitia a administração da Província ao vice-presidente Teófilo Ribeiro Resende.

Em agosto do mesmo ano assumia o governo o Cel. Henrique de Beaurepaire Rohan, que a 10 de março passava a presidência ao Padre Vicente Pires da Mota. Assim se sucederam muitos presidentes em períodos de go-

vérno que mal permitiam encaminhar a solução dos assuntos que à vida da Província interessavam.

Não esquecera Zacarias de Góis, entre os pontos essenciais do seu governo, da imprensa oficial. Trouxe com a gente que o acompanhou, e que lhe viria auxiliar a administração, o tipógrafo Cândido Martins Lopes, que, a 1.º de abril de 1854, tirava o 1.º número de "O Dezenove de Dezembro".

Este órgão entrou na história da Província, porque a acompanhou no embate das lutas políticas, indo desaparecer a 9 de abril de 1890. Completara seus trinta e seis anos de existência cheia de glórias, com altivez e suportando os dias amargos em que o Partido Liberal se apeava do governo. Nesse dia 9 de abril o periódico saiu com a primeira página ocupada pelo decreto de 29 de março, que sujeitava a imprensa ao regime do decreto n.º 83, de 23 de dezembro de 1889, que lhe limitava a livre manifestação de pensamento. Em rodapé explicava: "A vista deste decreto, o "Dezenove de Dezembro" suspende temporariamente a sua publicação até que se restabeleça a plena liberdade de imprensa."

As outras três páginas estavam em branco.

A instrução era precária no tempo da instalação da Província.

O relatório do Chefe de Polícia de Zacarias enuncia para Paranaguá "aulas do sexo masculino e feminino, latim e francês" e quanto a Curitiba refere-se ao Liceu criado em 1846 e que ainda não tinha sido "levado a efeito". Quanto ao ensino primário dava notícia de "duas escolas de primeiras letras para meninos e uma para meninas".

Com a sucessão dos governos, os capítulos do esquema administrativo da nova Província foram vitalizados e se desenvolveu a agricultura, a indústria, a pecuária, a instrução pública.

As vias de comunicação constituíram o elemento essencial nas preocupações com o progresso do Paraná.

A sua população ciosa da sua nova vida toda de esperanças procurava honrar a deliberação nobre daqueles que lutaram por fazer deste pedaço do solo pátrio uma unidade cujo progresso teria o destino de influir na vida cultural e econômica do Brasil.

E não se alheou dos fatos que à vida brasileira a evolução das coisas havia de destinar.

IX. — A GUERRA DO PARAGUAI E A CONTRIBUIÇÃO DA PROVINCIA.

A Guerra do Paraguai exigiu sangue dos filhos da Província que mal completara o seu décimo ano de emancipação.

"Os primeiros guardas nacionais — informa Davi Carneiro — foram para a Guerra ainda em 1865, a 19 de julho. Eram pouco menos de 400 homens.

"A 4 de fevereiro de 1865 haviam seguido os 173 homens do corpo de cavalaria da guarnição de Curitiba, com destino a Mato Grosso. Esses homens deviam enquadrar os 20.º e 21.º de infantaria seguindo com os elementos da expedição, que depois realizaria a retirada da Laguna.

Mais tarde três corpos ficam guarnecendo as fronteiras com o Paraná: o 3.º de Ponta Grossa, o 7.º de Guarapuava, o 6.º de Votuverava. No ano de 1867 ainda seguiram mais 303 guardas nacionais designados."

O Paraná teve muitos dos seus filhos tombados no campo da luta enquanto outros se fizeram heróis pelos seus feitos de bravura, entre os mais de dois mil homens com que o Paraná concorreu para a guerra.

X. — A CAMPANHA ABOLICIONISTA. A PROPAGANDA REPUBLICANA. A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA. O PARANÁ E O NOVO RÉGIME. REPERCUSSÃO DO GOLPE DE ESTADO, DO MARECHAL DEODORO. A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

A era que viveu o Brasil na campanha abolicionista teve o calor combativo do espírito humanitário de homens do Paraná.

"Paranáguá — escreve Valfrido Piloto — merece as honras de precursora do movimento abolicionista entre nós. Os jornais abolicionistas e republicanos "Operário da Liberdade" e "Livro Paraná" — o primeiro surgido em 1870 sob a direção do jurista e poeta Dr. Antônio de Barros Júnior, e o segundo em 1883, dirigido por Fernando Simas — foram arautos do ideal abolicionista da gente do litoral."

A campanha se desenvolveu depois por toda a Província e grande era o número de escravos que obtinha alforria. Por um motivo ou outro de satisfação ou homenagem o número dos libertos ia crescendo.

Narra-se o caso do abastado fazendeiro nos Campos Gerais, Maj. Ferreira, que, hospedando em sua casa o Imperador D. Pedro II, depois de refeição que não brilhou em requintes de fartura teria dito: "Senhor Imperador, eu não poderia ter matado mais um peru, mais um leitão para obsequiar V. M. Mas não quis: preferi que, em comemoração à honra da visita, V. M. concedesse as cartas de alforria aos meus escravos, que aqui entrego, pois penso que assim serei mais agradável a V. M." Isto lhe valeu o título de Barão de Guaçuana. (Dic. Hist. e Geogr. do Paraná — Ermelino de Leão.)

A 25 de março de 1888 fundou-se a Confederação Abolicionista Paranaense, que realizou intenso movimento pela libertação de escravos.

Coube à iniciativa dessa organização ao Clube Militar que obteve para tal o concurso da Câmara Municipal, de várias sociedades de Curitiba e de órgãos da imprensa.

Presidia o Clube Militar o Maj. Dr. Martins de Melo e a diretoria da Confederação era a seguinte: Presidente, Maj. Frederico Sólón Sampaio Ribeiro; vice-presidente, Maj. Antônio Gomes Pimentel; orador, José Francisco da Rocha Pombo; 1.º secretário, Nestor Vitor dos Santos; 2.º secretário, Dr. Francisco Itaciano Teixeira.

Foi em torno desta Confederação que se desenvolveu a campanha no Paraná.

Igualmente empolgante foi o movimento republicano no Paraná.

"Operário da Liberdade" e "Livro Paraná", paladinos do movimento abolicionista, foram também órgãos que pugnaram pela forma republicana de governo. Especialmente o último deles foi, pela ação de Fernando Simas e Guilherme Leite, fervoroso no ideal republicano.

Em Curitiba, a 15 de março de 1886, começou a circular "A República", órgão do Partido Republicano Paranaense. Este periódico somente desapareceu da circulação com a revolução de outubro de 1930.

Dois clubes republicanos intensificavam a campanha; um fôra fundado em Curitiba, em 1885 e o outro em Paranáguá, em 1887.

O "Clube Republicano de Curitiba — escreve Romário Martins — não deixava apagar-se o fogo sagrado do seu ideal e promovia repetidas conferências e meetings que se realizavam no Salão Tivoli, à rua de S. Francisco, onde doutrinarão e agitam a opinião cívica da cidade, entre outros, Correia de Freitas, Nestor Vitor, Otávio de Amaral, Emiliano Pernetta, Sebastião Paraná, Albino Silva, Vasconcelos, etc."

No último ano do Império, a 7 de abril, foi fundado em Paranáguá, por Albino Silva, o "Pátria Livre", que se tornou, nos dias que precederam ao advento de 15 de novembro, o mais ardoroso propagandista.

A 15 de novembro de 1889, era presidente da Província o Cons. Jesuino Marcondes de Oliveira e S. Proclamada a República, foi êle destituído.

O "Pátria Livre", "A Ordem" e "A República" tiraram a 16 e 17 de novembro, boletins que iam anunciando o correr dos acontecimentos no Rio de Janeiro. Esses boletins, publicando os poucos telegramas recebidos, eram avidamente procurados, como o seriam hoje, em circunstâncias análogas, as edições especiais, fartamente ilustradas e bombasticamente apregoadas pelas ruas. Parece que os jornais daquele tempo não se preocupavam com o sucesso de uma notícia que empolgasse o público. A morosidade da composição de suas páginas não deixava levar ao povo, frescas ainda, as notícias sensacionais. Reflete bem caracteristicamente a fisionomia do jornal daquela época o fato de a "Pátria Livre", cujo número 32 saíra a 10 de novembro, somente no dia 25 ter tirado o número seguinte que deveria ter surgido a 17. (A Imprensa do Paraná no Império — Osvaldo Piloto.)

A 17 de novembro, a Câmara Municipal de Curitiba invertia no cargo de governador provisório do Estado o comandante da Brigada, Cel. Francisco José Cardoso Júnior.

Reza a ata então lavrada que a Câmara Municipal, o exército e o povo reunidos em sessão pública, às onze horas da manhã do dia dezesseis, aderiram ao Governo Republicano e convidaram aquele militar a assumir o governo.

Era presidente da Câmara Municipal, Antônio Ricardo Nascimento que proclamou, da janela, para o público, a posse do governador ali escolhido.

E de notar que o Cel. Cardoso Júnior já havia recebido ordens do Marechal Deodoro no sentido de garantir a ordem pública.

Sabedor dêsse despacho, Jesuino Marcondes depôs nas mãos do comandante da Brigada o governo. Reuniu em seguida o Partido Liberal acendo selhando "calma, prudência e leal cooperação na obra construtora do novo regime".

Após se haverem sucedido vários governadores durante o ano de 1890, coube ao último destes, Gen. Aguiar de Lima, presidir à realização das eleições. Venceu o Partido Liberal elegendo deputados à Assembléa Constituinte. A Assembléa coube escolher Presidente e Vice-Presidente.

Foram assim eleitos, pelo Congresso, o Dr. Generoso Marques dos Santos e o Des. Joaquim Inácio Silveira da Mota respectivamente para êsses postos.

Parecia consolidada a situação. Entretanto, o golpe de estado do Marechal Deodoro determinou a deposição do governo pela guarnição militar de Curitiba. Passou ao domínio da política regional, o Partido Republicano.

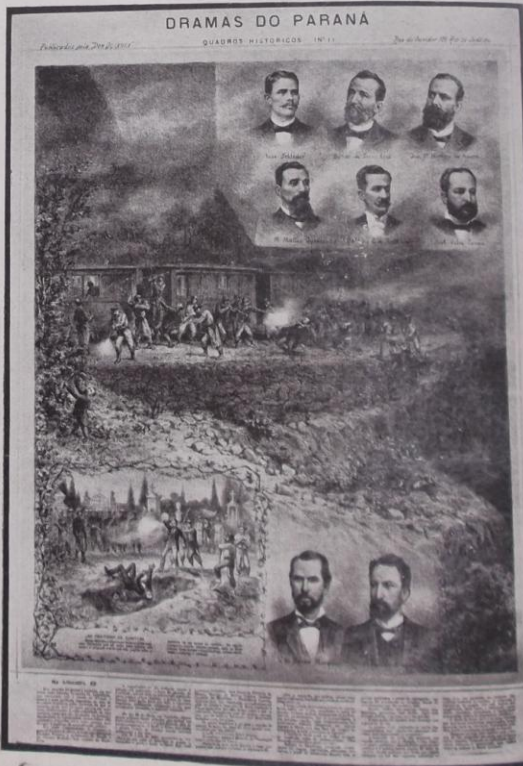
Foi instituída uma junta governativa. Compuseram-na o comandante da guarnição, Cel. Roberto Ferreira, o Cel. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva e o Dr. Bento José Lamenha Lins.

Foram realizadas novas eleições e a 25 de fevereiro de 1892 instalou-se o Congresso Constituinte presidido pelo Dr. Sérgio Francisco de Sousa Castro.

A 7 de abril foi promulgada a Constituição.

As eleições para Presidente e Vice-Presidente levaram a êsses postos, respectivamente os Drs. Francisco Xavier da Silva e Vicente Machado da Silva Lima.

Prerrenunciava-se período de calma. Entretanto, a repercussão dos acontecimentos relativos ao golpe de Deodoro, no Rio Grande, exaltava os ân-



Rememoração do fuzilamento do Barão do Cérrro Azul e de outros mártires da Revolução Federalista.



Vista de Curitiba em 1873.

mos, pondo em pé de guerra "Castilhistas" e "Federalistas", chefiados por Júlio de Castilhos e Silveira Martins respectivamente.

Silva Tavares, em Bagé, reúne os descontentes com a situação. Gumerindo Saraiva, em Santa Vitória do Palmar, onde era chefe político, foi hostilizado, preso e, finalmente, fugiu para junto dos seus parentes nos campos do Uruguai.

"Silveira Martins — escreve Castilhos Goycochéa — a maior figura do Império, depois de ter aconselhado a Silva Tavares que não levasse adiante a ideia do protesto armado, esposa esta mesma ideia e põe-se à disposição do velho general. Terá sido ele, naturalmente, a atrair Gumerindo Saraiva para a causa que se tornara santa para a grande massa de emigrados brasileiros no Uruguai e na Argentina."

Em fevereiro de 1893 estoura a revolução, e uma das colunas, a comandada por Gumerindo Saraiva, marcha rumo ao Paraná.

"A fim de conter a marcha da revolução, — escreve Romário Martins — o Governo da República designou o Gen. Francisco de Paula Argôlo, que em Curitiba organizou uma divisão expedicionária que seguiu para Ambrósios com 300 homens com apoio na Lapa, com três brigadas com 1.400 homens."

Atacadas as forças legais, por Gumerindo, bateram em retirada, indo fortificar-se em Tijucas, sob o comando do Cel. Dr. Adriano Pimentel. Aí a luta foi renhida. Capitularam, entretanto, a 19 de janeiro de 1894.

Quatro dias antes dessa capitulação Custódio de Melo atacava Paranaguá. O Gen. Pêgo Júnior que fazia a defesa desse pórtico, receoso de que os revoltosos desembarcassem em Antonina para subir a Graciosa, retirou-se para Morretes deixando Paranaguá desguarnecida.

Depois de reação de grupos que se entrincheiraram, finalmente, na Caedea, onde a resistência não mais foi possível, os revoltosos entraram na cidade.

Na Lapa estavam concentradas forças desde fins de 1893. O Gen. Argôlo que as comandava, tendo sido chamado ao Rio, transmitiu o comando ao Cel. Ernesto Gomes Carneiro. Em fins de dezembro o inimigo preparava-se para o ataque a essa praça que estava desfalçada, pois daí partiram destacamentos aos vários pontos ameaçados pelo inimigo.

O Gen. Carneiro dispôs as forças para aguardar a gente que Gumerindo chefiava.

A 15 de janeiro os revoltosos estavam à vista e eram calculados em 1.200. Levantaram-se trincheiras e as forças tinham por chefes, Serra Martins, Joaquim Lacerda, Cândido Dulcídio Lacerda, Inácio Costa, Clementino Paraná.

Gomes Carneiro percorria tôdas as frentes. A 22 de janeiro recebeu a bala parlamentária enviada de Gumerindo.

Logo mais era a comissão do comércio de Curitiba, representada por José Fernandes Loureiro e Artur Bälster, que, desejando trazer ao comandante a sugestão de cessar a resistência, não foi por ele atendida.

A resistência continuava. Enquanto isso, Curitiba estava sob o domínio dos revoltosos.

O Gen. Pêgo Júnior abandonara a praça retirando-se para Castro.

O Dr. Vicente Machado, vice-governador em exercício, resolvera também transferir-se para aquela cidade, para a qual, por decreto, mudou a sede do Governo.

O cerco, na Lapa, se ia apertando cada vez mais. E entre os heróis que ali resistiam tombavam valentes soldados e bravos chefes. Os acontecimentos se foram sucedendo, nos primeiros dias de fevereiro, até que chegaram os angustiados dias que precederam o da capitulação.

A 7 tombava Amintas de Barros e o Gen. Carneiro foi gravemente ferido. No dia seguinte cai mortalmente ferido o bravo Cel. Dulcídio Pereira.

O dia 9 é de grande tristeza. Morreu Gomes Carneiro. Fôra promovido, na véspera, ao posto de general, pelos relevantes serviços prestados à Pátria.

No dia 11 era assinado o termo de capitulação.

Em Curitiba havia confusão e temores de assaltos e saques.

Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Séro Azul, homem respeitável e presidente da Associação Comercial, resolveu tomar a si o encargo de levantar o empréstimo de guerra desejado pelos chefes federalistas.

Evitaria, pela sua ação segura, os desmandos.

O Paraná viveu, assim, dominado pelos revoltosos, até a volta das tropas legais, a 1.º de maio, e conseqüente retirada da gente de Gumerindo e Custódio.

Durante o domínio revolucionário, em menos de quatro meses sucederam-se, no poder, nada menos de cinco governadores.

Vicente Machado volta agora ao poder. O chefe do distrito militar é o Gen. Everton Quadros.

As prisões se vão fazendo. Entre os detidos figurava o Barão do Séro Azul, que a 20 de maio foi embarcado com destino a Paranaguá, com mais cinco prisioneiros, de onde devia seguir para o Rio.

Era noite e o trem parou no km 65. Foram aí fuzilados, no despeñadeiro, o Barão do Séro Azul e seus companheiros da viagem sinistra. Eram eles Preciliano Correia, Balbino Mendonça, Lourenço de Matos Guedes, José Joaquim Ferreira de Moura e José Lourenço Schleder.

Nos cemitérios de Paranaguá e de Curitiba outras vidas foram roubadas.

Ficaram, assim, abertas feridas na família paranaense que relembra com horror os "dias fratricidas" da revolução federalista.

XI. — O DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ. A ESTRADA DA GRACIOSA. A ESTRADA DE FERRO. UNIVERSIDADE. OS ACONTECIMENTOS DO CONTESTADO. GOVERNOS DO PARANÁ ATÉ 1953.

Ainda em 1894 reassume o governo do Estado o Dr. Francisco Xavier da Silva que se licenciara em 1893 e havia de ser o chefe de governo probo e realizador ainda nos períodos iniciados em 1900 e 1908.

O Paraná que era promessa em 1853, veio tomando o seu lugar na Federação.

A primeira preocupação que tivera Zacarias de Góis com as vias de comunicação continuava sendo o ponto básico dos programas de governo.

O ano de 1873 foi, por tal circunstância, marcante no progresso do Estado, por se haver entregue ao livre trânsito a estrada da Graciosa. As indústrias da madeira e do mate tiveram, com êsse melhoramento, sentido novo para a balança econômica paranaense.

Depois, outra grande aspiração se realizou. Os irmãos Rebouças e o Dr. Teixeira Soares deixaram seus nomes ligados ao grande empreendimento que foi a Estrada de Ferro que, encravada nas encostas da serra do Mar, honrando, pelo arrojado da obra que ela é, a engenharia nacional, vencia a subida ao planalto.

A primeira fumurada da locomotiva que em fevereiro de 1885 conduziu o trem inaugural, marcou outro ponto notável na ascendente linha que, na nossa história, a cronologia registra.

A estrada da Graciosa volta a preocupar o governo de Carlos Cavalcanti, elevado ao poder em 1912. Surgia nova era na intensificação do desenvolvimento das vias de comunicação que haveriam de cortar o território do Estado.

Um outro problema empolgou a nossa gente nesse ano de 1912. Vitor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo foram os sonhadores da Universidade do Paraná, e a fundaram, legando ao Paraná que ia crescendo, a grande obra que honra a vida cultural paranaense e tem preparado as gerações em cujas mãos estão os seus destinos.

1912 é o ano do aparecimento de José Maria na zona do Contestado.

Lima Figueiredo, depois de se referir a "um velho asceta de origem francesa conhecido pela alcunha de João Maria de Jesus", que teria vivido nos sertões do sul em 1876, dando remédios e conselhos, fazendo-se o guia espiritual da gente simples, observa: "Um dia morre o "São" João Maria, deixando aquele imenso rebanho sem pastor espiritual. As ocasiões são dos espertos. Em 1912 surge na zona contestada, pelo Paraná e Santa Catarina, um indivíduo intitulado-se irmão do falecido "santo" e designado por Deus para continuar a sua obra sagrada. Esse pulha, Miguel Lucena, desertor da polícia paranaense e ex-soldado do Exército, começou a ser conhecido pelo cognome de São José Maria."

Lucena era, na realidade, cangaceiro. Reunira gente que armou para agir em Curitiba, no território catarinense.



Vista de Curitiba em 1953.

A polícia do vizinho Estado o rechapou graças à ação do Dr. Salgado Gonaaga.

Veio o bando cometer as suas tropelias em território paranaense sediando-se nos campos do Irani.

O Governo paranaense resolveu por còbzo à ação dessa gente que vinha perturbando a vida do sertão.

O próprio comandante do Regimento de Segurança do Paraná, o bravo Cap. João Gualberto Gomes de Sá Filho, chefiou o destacamento de 400 homens que iria dar combate aos bandolões.

O encontro se deu com o grupo de Lutzen quando se planejava o cerco da gente no reduto do Irani. No entretanto João Gualberto foi atacado pelo próprio chefe do bando. O comandante com dois tiros conseguiu abate-lo, caindo, entretanto, moralmente ferido de um golpe de facão na cabeça.

Outras muitas vidas se perderam na perseguição aos bandolões. Arrazado o reduto de Taquaruçu onde se haviam homiziado, reuniram-se em Caragaó.

Atacados neste reduto, refugiaram-se nas seras indo formar o reduto de Santa Maria. Saqueavam e matavam sem piedade.

A situação se prolongou até que o Governo Federal enviou uma expedição chefiada pelo Gen. Setembrino de Carvalho, que, comandando seis mil homens, conseguiu extinguir completamente o cangacismo, em abril de 1915.

No primeiro ano do governo do Dr. Afonso Alves de Camargo, em 1916, firmou o Paraná, a 30 de outubro, o acòrdo de limites com Santa Catarina. Dava-se, deste modo, fim a uma penúcia que se arrastava sem cabeça.

O governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha foi fértil em realizações, especialmente em o que concerne à educação popular e à assistência social.

Iniciado em 1920 prolongou-se com a reeleição d'esse ilustre paranaense em 1924, até 1928, quando pela segunda vez sobe à presidência Afonso Alves de Camargo, cujo período governamental foi cortado pela revolução de outubro de 1930.

O desenvolvimento do Paraná se fazia acelerado e a preocupação com o setor da agricultura foi ponto saliente do seu programa de governo.

Vitória a revolução foi o governo entregue ao Gen. Mário Alves Monteiro Tourinho.

A ação objetiva da revolução no Paraná iniciara-se em Jaguaíva, onde um grupo numeroso de revolucionários, na tarde de 3 de outubro, tentou assaltar a Câmara Municipal. Houve reação do destacamento policial e os assaltantes se retiraram ameaçando nova investida.

Em consequência, foi aliçada gente para a defesa. Isto no dia 4. Na madrugada de 5, em Curitiba, rebentou a revolução chefiada pelo então Maj. Plínio Alves Monteiro Tourinho.

No mesmo dia 5 assumiu o governo do Estado o Gen. Mário Tourinho, que nomeou Secretário-geral o Prof. Dr. João Ribeiro de Macedo Filho.

Foram três nomes que, naquele instante da vida paranaense, tranquilizaram os corações sobressaltados com as primeiras notícias da revolta da madrugada.

O comandante em chefe das forças, Plínio Tourinho, garantiu a segurança e a ordem, advertindo ao mesmo tempo que seriam severos os chefes para com os que abusassem do poder da revolução. Mário Tourinho e Macedo Filho eram outros dois nomes honrados. Nêles o Paraná confiou.

Merecem essas três figuras a reverência de todos os paranaenses pelo espírito com que orientaram aquelas horas difíceis e perigosas que o Paraná viveu nos dias da revolução de outubro.

Em 1932, deixou o governo o ilustre Gen. Mário Tourinho, tendo sido nomeado interventor, Manoel Ribas, homem de espírito prático, às vezes rude em seus atos, sempre com o pensamento no bem público.

Governou até 1945. São inestimáveis os serviços que Manoel Ribas prestou ao Paraná. Vias de comunicação, educação popular, agricultura e pecuária foram preocupações constantes do seu governo.

Com o golpe de 1945, que apouo do poder o Presidente Getúlio Vargas, foi nomeado interventor o Des. Clórtio Portugal, Presidente do Tribunal de Justiça, que em 1946 passou o governo ao Prof. Brasil Pinheiro Machado, em cuja curta gestão foi consolidada a vida da Universidade do Paraná, nesse ano restaurada.

Entre 1946 e 1947 governaram o Paraná dois interventores: o Cel. Mário Gomes da Silva e o Dr. Antônio Augusto de Carvalho Chaves, que estiveram à altura da confiança que nêles depositou o então presidente Gen. Eurico Gaspar Dutra, naquelas horas de transição para a vida política do Paraná.

Eleito governador do Estado, o Sr. Moisés Lupion exerceu o seu mandato com patriotismo, para resolver os problemas que o surto de progresso vinha indicando em todos os recantos do Paraná.

Em renhido pleito foi eleito para o período em curso, o Prof. Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, que fôra candidato de oposição à corrente política dominante.

Assumiu o governo em janeiro de 1951, em atmosfera de esperanças pelo que a sua inteligência moça pudesse realizar na hora em que o Paranaense exigia ação honesta e decidida para os seus destinos, dado o papel saliente que a este Estado sulino, pela sua condição de grande produtor de café, se destina face à riqueza nacional. Problema de vulto seria a rede de

comunicações. Estabelecido o plano nesse setor de realizações, vem sendo os fatos preponderantes da vida paranaense em seu aspecto histórico, os fatos que ai se gravam na simplicidade do enunciar dos fatos, pertencem à história paranaense e são, muitos d'êles, exemplos de amor à terra que amaram, que defenderam e que enobreceram.

XII. — CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O esboço que acabamos de apresentar fixa, em suas linhas gerais, os fatos preponderantes da vida paranaense em seu aspecto histórico. Os fatos que ai se gravam na simplicidade do enunciar dos fatos, pertencem à história paranaense e são, muitos d'êles, exemplos de amor à terra que amaram, que defenderam e que enobreceram.

Desde os bandeirantes que conheceram o sertão e fixaram a fronteira entrando em luta com colonizadores de outra banda, até os homens que pela vontade popular, têm dirigido os destinos do Paraná, cada um que julgado pelos pósteros, com a serenidade com que a história vai consagrar os valores que se salientam pelo espírito público determinador dos seus atos.

Aquelas preocupações de devassar os sertões, conhecendo-lhes as riquezas e as possibilidades de vida; as vias de comunicação que haviam de aproximar povos, conduzir colonização e facilitar o escoamento da produção; o fomento da agricultura e da pecuária e respectivas industrializações; a escola a marcar pontos de civilização em todos os recantos do território; tudo isto tem sido problema de cada hora da vida paranaense.

A base econômica do Paraná se transmudou da simples indústria extractiva para outras formas de produção. O café define hoje o ritmo econômico do Paraná. A baixada moretense, os campos dos planaltos, os sertões do oeste, aguardam ainda iniciativas mais amplas para a produção.

A via mais econômica de ligação da marinha com o planalto vem sendo executada. De outra parte prosseguem os trabalhos de eletrificação da via férrea Curitiba-Paraná. O porto de Paranaguá não tem sido descuidado em seu progressivo melhoramento.

No interior, Ponta Grossa, a simples freguesia de 1853, é hoje cidade dinâmica em marcha ao seu destino de importante parque industrial e centro de comércio.

No norte surgem de dia para dia cidades que vão seguindo o rumo do progresso de Londrina.

O oeste espera, ávido de eclodir em franco desenvolvimento, a terminação da magnífica estrada estratégica a Foz do Iguaçu.

Outras zonas do Estado progredem com sistema racional de colonização. Curitiba, por sua vez, palpita todo esse ritmo de evolução do novo Estado e se vem transformando em grande capital, risonha em suas largas avenidas e em seus alegres bairros residenciais, ao mesmo tempo que severas nas linhas verticais dos seus arranha-céus.

A Universidade do Paraná é, hoje, centro de estudos que honra a cultura brasileira e faz de Curitiba, na realidade, a Cidade Universitária.

É por tudo isto que o Paraná exulta no ano em que festeja o seu centenário de emancipação política.

— BIBLIOGRAFIA —

- História do Paraná* (1555-1853) — Romário Martins — 1898.
História do Paraná — Romário Martins — 1937.
História do Brasil — Rocha Pombo — 1905.
Memória Histórica da Cidade de Paranaguá — Antônio Vieira dos Santos (Obra póstuma, 1939).
Paranistas — Valfrido Piloto — 1938.
História e historiografos — Valfrido Piloto — 1939.
Curitiba de Ontora e de Hoje — Romário Martins — 1922.
O Cêrco da Lapa e seus Heróis — Davi Carneiro — 1933.
Os fuzilamentos de 1894 — Davi Carneiro — 1937.
O Paraná na História Militar do Brasil — Davi Carneiro — 1942.
Oeste Paranaense — Lima Figueiredo — 1937.
Gumercindo Saraita na Guerra dos Maragatos — Castilhos Goycochea — 1943.
Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense — vol. I — 1917.
Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava — Arthur Martins Franco — 1943.
Conquista Pacífica de Guarapuava — F. R. Azevedo Macedo — 1951.
O Paraná no Centenário — Rocha Pombo — 1900.
Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná — Aço-tinho Ermelino de Leão — 1926.
Geografia do Paraná — Sebastião Paraná — 1899.
Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba — Direção de Francisco Negrão.
Memória Histórica Paranaense — Francisco de Paula Negrão.
Revista do Cêrculo de Estudos "Bandeirantes" — Tomo 1.º
Relatórios de governos provinciais.

After a long period of repeated solicitations and claims, all rejected by the Central Government, finally — at August 20, 1853 — the autonomy of the Province is approved by law and the conselheiro (councillor) of the Empire Zacarias de Góes e Vasconcelos is appointed as the first President. At December 19 of the same year he establishes the seat of the new government at Curitiba.

The agriculture as well as the industry, the breeding of cattle, and the public instruction develop with the succession of the governments. During the Paraguayan war, the contribution of Paraná was great, not only of men, but also of logistic deeds.

The Press of Paraná is one of the most active and most advanced of the country, it was in its columns that incited the honorable man of pain for the abolition of the slavery. It worked much in favor of the Republic too.

After the revolution of Marechal Deodoro, a period of great civil agitation, which culminates in the revolution of 1893, follows. And so Paraná enters a phase of fratricidal struggles, Curitiba falls, the government's seat is transferred to Castro. Innumerable soldiers fall nearby Lapa. The Baron de Serra Azul is executed by shooting.

After the re-establishment of the order, the government of Dr. Francisco Xavier da Silva is conspicuous by successful realizations in the domain of the communications. The opening of the road of Graú and the construction of the railway that "is fastened on the back cross and the construction of the railway that is fastened on the back cross of the Serra do Mar", are outstanding facts in the progress of the State.

In 1912, during the government of Carlos Cavalcanti, Vitor Ferreira do Amaral and Nilo Cairo found the University of Paraná, "the great work which honors the cultural life of Paraná and has prepared the generations that are responsible for its future". Then follows the period of struggles against the group of the

fanatic José Maria in the zone of the Contestado. The Central Government, in order to put an end to the activity of the "cangaço", sends an expedition of 6,000 men (plundering bands of the interior) under the command of general Setembrino de Carvalho. At November 30, 1916, in the first year of the government of Dr. Afonso Alves de Camargo, Paraná signs the agreement about the limits with Santa Catarina.

The government of Dr. Caetano Munhoz da Rocha is conspicuous in the domain of popular education and social assistance. Afonso Alves de Camargo, risen to the power a second time, appoints himself chiefly to the agriculture. But his task is cut off by the revolution of 1930, which brought the general Mário Alves Monteiro Tourinho to the government of the State.

In 1932, the great Manoel Ribas is appointed Federal Interventor. He rules, entirely dedicated to the public well-being, until the revolution of 1945, which turned to the president Getúlio Vargas away from the power. He is succeeded by the desembargador (chief judge) Clotário Portugal, who, in 1946, cedes the government to Prof. Brasil Pinheiro Machado. This latter, during a short rule, succeeds to consolidate the life of the University of Paraná.

From 1946 to 1947, colonel Mário Gomes da Silva, respectively Dr. Antonio Augusto Carvalho Chaves, rule the Paraná. Moisés Lupion, having been elected Governor of the State, tries with great patriotism to solve the problems which the progress in all the State gave him.

And now, in the year of the centennial of its political emancipation, professor Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, a young, intelligent, and hopeful person, elected in a hot electoral dispute, guides the future of Paraná since January 1951.

ZUSAMMENFASSUNG

Dieses ist eine Skizze in welcher der Verfasser "die grossen geschichtlichen Ereignisse des Lebens des Paraná in ihren Umrissen wiedergibt".

Das heutige Gebiet des Paraná gehörte zu jener Gegend, die zur Zeit der ersten Kolonisationen Brasiliens von Portugiesen und Spaniern so sehr begehrt war. Die einen "hatten es noetig die Grenzen ihrer Domänen zu festigen die bis dahin durch die in dem Vertrag von Tordesillas festgelegte Linie bestimmt worden waren"; die anderen, durch königlichen Brief von Dom João III. zugelasen, und in der Gunst von Martin Afonso de Sousa — dem Gouverneur von Nova Lusitânia — bessen "weitgehendste Rechte fuer Eigentum und zur Einrichtung von Regierungen".

So begann die Eroberung des Gebietes.

Durch die Gruendung von Staedten, Versklavung von Eingeborenen und die Ankunft der Jesuitenpartei gelangt es den Spaniern sich in dieser Gegend festzusetzen. Die Ortschaften von Guairá geben jedoch zur Bildung einiger Bandeiras Anlass: Manoel Preto und Antonio Tavares gelangt es, an der Spitze ihrer Bandeiras, die Reduktionen von Santo Antonio, São Miguel, Jesus-Maria, Encarnación usw. vom Erbadoen wegzuradiieren.

Nach der Verwuestung von Guairá kehren die Bandeirantes nach São Paulo zurueck. Nur Antonio Tavares kommt spaeter in die gleiche Gegend zurueck und greift Vila Rica an.

Durch die Entdeckung von Reichtuermern angelockt, gehen Expeditionen nach Campo de Palmas, Sertões do Tibagi und Campos de Guaraçuva, um den Urwald zu bevoekern. Aber die ersten Ortschaften bilden sich erst nach Einrichtung der Provinz Paraná.

Es ist die Gólgier, die Siedler von São Vicente und Cananóia nach der Insel Cotigua bringt, um sich dort festzusetzen und die erste Ortschaft des Kuestengebietes zu bilden. Kurz darauf gruendet Gabriel de Lara, der freundschaftliche Beziehungen mit den Eingeborenen anknuepft, einen Flecken am Ufer des Rio Itiberé.

Nach der Ueberwindung grosser Hindernisse festigt Gabriel de Lara seine Stellung als "Capitão-mor" der Capitania und geht dazu ueber, den "Pelourinho" ("Säule an welcher die Verbrecher gezeichnet und hingerichtet wurden") — Symbol der Gerechtigkeit und Autoritaet — in São Francisco und Curitiba aufzustellen.

Im Jahre 1708 kommen die Pater der Gesellschaft Jesu in Paraná an, welche das Werk des Volksschulunterrichts und der "Bildung in Latein" beginnen. Ihre Schule wird jedoch durch einen Ausweisungsbefehl des Marquês de Pombal geschlossen.

Die Capitania von Paraná wird derjenigen von São Paulo angegliedert, und diese wiederum, 38 Jahre spaeter, Rio de Janeiro unterstellt. Siebzehn Jahre spaeter jedoch wird sie wieder hergestellt.

Der Beginn der "Entwicklung der Siedlung von Atuba, wo sich die ersten Familien, die spaeter den Ort Curitiba entstehen lassen sollten, festgesetzt hatten", geht auf das XVII. Jahrhundert zurueck.

Dreissig Jahre nach der Entstellung der Vila de Nossa Senhora dos Pinhais wird die Comarca (Bezirk) von Paraná gegründet, die spaeter durch die Teilung der Capitania zur Geltung kommt. 1812 verlegen die Ovidores (hohe Justizbeamte jener Zeit) ihren Sitz nach Curitiba.

Der Kronprinz Dom João VI. — der mit der königlichen Familie nach Rio gekommen war — lässt, zum Dank fuer die begeisterten Kundgebungen, die ihm von den Orten Paranaçuá und Curitiba dargebracht worden waren, den Bau des gewuenschten Weges von Antonina nach Curitiba in Angriff nehmen und ordnet die Instandhaltung der Strasse Curitiba-Morettes an.

Die gegenseitige Abhaengigkeit von Curitiba und den Ortschaften des Kuestengebietes tritt zu dieser Zeit schon so stark zutage, dass es nicht schwierig ist sein Streben nach einer eigenen Regierung fuer die nahe Zukunft vorzusehen. Und dies dauert auch tatsaechlich nicht lange.

Nach einer langen Periode von immer wieder neuen Gesuchen und Forderungen, die von der Zentralregierung alle abgelehnt wurden, wird endlich — am 20. August 1853 — das Gesetz zur Unabhaengigkeit der Provinz genehmigt. Der Conselheiro (Ratgeber) des Kaiserreiches, Zacarias de Góes e Vasconcelos, wird zu ihrem ersten Praesidenten ernannt und errichtet am 19. Dezember des gleichen Jahres den Sitz der neuen Regierung in Curitiba.

Mit der Aufeinanderfolge der Regierungen entwickelt sich die Landwirtschaft, die Industrie, die Viehzucht und die oeffentliche Bildung. Waehrend des Paraguayschen Krieges leistet der Paraná einen grossen Beitrag, nicht nur an Menschen, sondern auch an bemerkenswerten Heldentaten.

Die Presse des Paraná ist eine der aktivsten und fortschrittlichsten des Landes, sie war es, die den ehrenhaften Feldzug zur Abschaffung der Sklaverei startete. Sie kaempfte auch ebenso zugunsten der Republik.

Auf den Staatsstreich Marschall Deodoros folgte die Zeit der grossen Unruhen, die in der Revolution von 1893 gipfelten. Und so trat der Paraná in einen Abschnitt von Bruderkaempfen ein. Curitiba faellt, der Regierungssitz wird nach Castro verlegt. Unzaehliche Soldaten fallen in der Gegend von Lapa. Der Baron de Serra Azul wird erschossen.

Nachdem die Gemueter wieder beruhigt sind, zeichnet sich die Regierung Dr. Francisco Xavier da Silva durch erfolgreiche Arbeit auf dem Gebiete der Verbindungswege aus. Die Freigabe fuer den Verkehr der Strasse von Graçiosa und der Bau der "an den Rueden der Serra do Mar gefeueten" Eisenbahn bilden Marksteine des Fortschrittes des Staates.

Im Jahre 1912, unter der Regierung Carlos Cavalcanti, gruenden Vitor Ferreira do Amaral und Nilo Cairo die Universitaet des Paraná, "das grosse Werk, welches das kulturelle Leben des Paraná ehrt und die Generationen, in deren Haenden sein Schicksal liegt, herangezogen hat".

Dann folgt die Zeit der Kaempfe gegen die Gruppe des Fanatikers José Maria in der Zona do Contestado. Um dem Treiben der Cangaço (pluendern und raubende Banditen des Innern) ein Ende zu bereiten, sendet die Zentralregierung eine Expedition von 6,000 Mann unter dem Befehl des Generals Setembrino de Carvalho.

Am 30. November 1916, im ersten Jahre der Regierung Dr. Afonso Alves de Camargo, unterzeichnet der Paraná das Abkommen ueber die Grenzen mit Santa Catarina.

Die Regierung Dr. Caetano Munhoz da Rocha macht sich auf dem Gebiete der Volksbildung und der Sozialhilfe verdient.

Dr. Afonso Alves de Camargo, zum zweiten Male an die Regierung gelangt, befasst sich hauptsaechlich mit der Landwirtschaft. Sein Werk wird jedoch durch die Revolution von 1930, die den General Mário Alves Monteiro Tourinho an die Regierung des Staates bringt, unterbrochen.

Im Jahre 1932 wird der grosse Manoel Ribas zum Bundes-Interventor ernannt. Seine Regierungszeit ist ausschliesslich dem Wohl des Volkes im Vargas absetzt. Es folgt ihm der Desembargador (Richter des Appellationsgerichts) Clotário Portugal, der im Jahre 1946 die Regierung an Regierungssitz erreicht das Leben der Universitaet des Paraná zu festigen.

Von 1946 bis 1947 regieren Oberst Mário Gomes da Silva bzw. Dr. Antonio Augusto Carvalho Chaves den Paraná. Moisés Lupion, der zum Gouverneur des Staates gewaehlt wird, schritt ihm in Paraná auf.

Prof. Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, eine junge, hoffnungsvolle Regierung des Paraná betraut und loetet heute, im Jahre der Jahrhundert-Intelligenz, in heissem Kampf gewaehlt, ist seit Januar 1951 mit der feier seiner politischen Emanzipation, seine Schicksale.

Literatura Paranaense

— NOTÍCIA HISTÓRICA —

PROFESSOR TASSO DA SILVEIRA



É natural de Curitiba, Paraná. Formou-se em Direito na Faculdade Nacional de Direito. Vive no Rio há mais de 30 anos. É poeta, crítico, ensaísta e romancista. Tem mais de 30 volumes publicados, a maioria esgotada. É professor da Universidade Católica e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Lafayette Côrtes, do Rio de Janeiro.

A voz mais longínqua, das que vieram até nós, é a de Fernando Amaro, — Fernando Amaro de Miranda, — que, nascido por volta de 1831, sobreviveu quatro anos à data da fundação da Província (1853).

Antes d'ele houve, sem dúvida, fermentação de sonho e de poesia sob os céus claros do perdido rincão brasileiro que era a antiga 5.^a Comarca de S. Paulo. Raul Gomes, o lutador infatigável das causas da inteligência na Terra das Araucárias, exigiu certa vez que se fizesse, à custa de apuradas pesquisas em bibliotecas e arquivos, o levantamento total do trabalho do espírito neste rincão perdido, no transcurso do obscuro período de três séculos e meio que precedeu o nascimento do Paraná. Mas até agora ninguém o fez. E a voz mais longínqua ficou sendo a de Fernando Amaro, cujos cantos só começam a aparecer em letra de fôrma em 1854, nas páginas do *Dezenove de Dezembro*, primeiro jornal da província recém-fundada.

Evidentemente de pura veia romântica pelo tempo em que existiu, Fernando Amaro foi um Casimiro de Abreu com menos profunda angústia de alma e menos profundo frescor de inspiração, mas senhor de maior cultura e de arte mais refinada do que o poeta de *As Primaveras*. A pequena canção que vem a seguir, composta quase às vésperas da morte, é exatamente isto que nos sugere:

"DESCRENÇA E CRENÇA

A Nossa Senhora do Rocio

Males punham-me a alma
Na manhã fagueira e calma
Em que vos fui visitar
Na vossa santa ermidinha
Do Rocio, à beira-mar.

Ódio, Senhora, eu não tinha,
Mágoa sim, mas não horror,
Daqueles que me feriram
Daqueles que me traíram
Em paga de um puro amor.

Dos homens já nada espero,
Que me foi o mundo fero.

A Parca estende-me um véu...
Tristes foram meus amôres,
Pobre de mim, mãe do céu!

Tende pena destas dores,
Que acerba foi minha sorte,
Se a vida só me deu pranto,
Enxugai no vosso manto
Meus olhos, depois da morte."

Quando se findou Fernando Amaro, Júlia da Costa, — a outra voz cristalina do primeiro instante, — era menina de 13 anos. Ao contrário de seu ilustre predecessor, pôde assistir ao gradativo desenvolvimento da Província até muito longe, pois só morreu em 1911. Os dois livros que publicou, *Flores Dispersas* e *Bouquê de Violetas*, trazem respectivamente as datas de 1867 e 1868. Mas produções novas apareceram em revistas e jornais paranaenses até o fim de sua vida, e dela há, inédita, uma coleção de cartas de amor que dizem de expressividade surpreendente.

Em Júlia da Costa não é Casimiro que ressoa. Antes, possivelmente, Castro Alves e Lamartine. O triste destino que lhe coube, de esposa repudiada e humilhada em face da amante do marido mantida sob o mesmo teto, pôs-lhe na alma uma nota de amargura trágica. Daí a fuga espiritual de que resultaram as cartas que afirmam admiráveis. E daí estrofes como estas:

"Visão pura do céu! Mágica sombra
Do meu lindo passado estremeçado,
Que nas ondas da vida soçobrou!
Dá-me um raio de luz que a fronte exausta
Sinto, morta, pender qual flor sem brilho
De um dia que passou.

Tange a lira dos ventos aromados,
Visão pura que inspiras a minha alma
Em trenos de suavíssima harmonia.
Dá-me as crenças formosas que repousam
Em tuas asas de ouro perfumadas
No azul da serrania.

Dá-me um raio de luz! A flor se inclina
À beira do riacho que murmura



FERNANDO AMARO
O mais antigo poeta paranaense.

Despertando, em folgado, a solidão.
E o pobre sonhador que além dormia
Acorda-se do sonho feiticeiro,
Sorridão à criação.

Da-me um raio de luz. A fronte pálida
Sinto curvar-se à gelida bafagem
De uma noite de horror e de saudade.
Olho a vida mover-se... a natureza...
Mas a crença me foge e me abandona
No azul da imensidade...

Em brevíssimo resumo, como o que vou traçando, da história das letras no Paraná, não cabem citações documentais, a não ser a título excepcionalíssimo. Dessas primeiras vozes, todavia, as de Fernando Amaro e Júlia da Costa, não poderia eu dispensar a presença anunciadora nestas páginas.

Citam ainda os cronistas da literatura paranaense, a esse tempo, os poetas João Batista Ribeiro (1838-1884), Emílio Correia de Menezes, Antônio Martins de Araújo (1845-1894), autor de *Vozes Campestres*, Teresio Pôrto (1849-1888), todos de fibra romântica, além do fundador da literatura dramática no Paraná, Teófilo Soares Gomes. Este, nascido aliás em S. Catarina, mas tendo vivido toda uma longa vida em terra paranaense, já em 1884 submetia ao julgamento do Conservatório Dramático Brasileiro (Rio) seu drama *Milagres de N. S.ª do Pilar*, no qual reconheceu originalidade e vocação para o gênero o Barão de Paranapiacaba. Outra peça de Teófilo Soares Gomes, *Geraré, ou o Quilombó do Sargento*, drama em quatro atos, submetido igualmente ao juízo daquele Conservatório, alcançou consagração verdadeira. A vida política roubou à grande arte o melhor das atividades do dramaturgo que, no entanto, ainda produziu outras peças.

Constituem os nomes até agora citados o grupo dos precursores, — tão próximos de nós ainda, nas letras da Província que só agora completa um século de história.

A primeira geração literária propriamente dita, a que Rodrigo Júnior, o admirável pesquisador e poeta, chama *gloriosa*, compreende os nomes de Antônio Ribeiro de Macedo, José Moraes, Luís Ferreira França, Antônio Camargo, Joaquim Serapião do Nascimento, Gabriel Pereira, Albino Silva, Rocha Pombo e Lúcio Pereira, que continuaram, desdobrando-a em notas mais claras, a tradição romântica dos precursores, tendo alguns deles, de longa sobrevivência, como Rocha Pombo por exemplo, evoluído para expressões ditententes.

Antônio Ribeiro de Macedo, nascido em 1843, foi simples estudioso de problemas sociais, geográficos e históricos. Mas José Moraes (1849-1909), poeta, cronista e humorista, publicou em 1874 o livro de poemas *Sempre-viva*, em que já aparecem sonetos de puro talhe parnasiano. Foi um dos mestres das gerações posteriores. Também Luís França viveu longamente (1853-1921), deixando larga produção dispersa em revistas e jornais, e revivendo em filhos poetas de que falearei adiante. Antônio Camargo (1856-1883), como tão bem o define Rodrigo Júnior, de citação indispensável em trabalho deste gênero, foi "o Castro Alves paranaense, o nosso vate abolicionista por excelência". Pela sua voz assim fala a Liberdade:

"Sou deusa; a eternidade me acompanha
E faz-me triunfante em tódia a luta;
Me anima um guia audaz:
A justiça que tece o ninho à paz,
E os gerados de dor atenta escuta,
E onde há escravidão aí me lança
Armada de heroísmo e de pujança."

Seu nome completo era Antônio de Camargo Pinto. Não deixou livro. Oriundo do Rio Grande do Sul, mas tendo exercido forte ação de presença no Paraná, Gabriel Pereira (1851-1901) publicou em Curitiba *Sertanejas* (1881), de comovida lírica romântica.

Albino Silva, tronco de uma progênie de lutadores da imprensa (1845-1905), de humilde destino de tipógrafo rompeu para uma prestigiosa atividade de magistério e imprensa, tendo deixado, perdidos em jornais, poemas de acento romântico.

Rocha Pombo (1857-1933), que se faria um dos maiores vultos da historiografia brasileira, deu à estampa, de 1881 a 1886, uma série de volumes de poesia, romance, conto, ensaio, ainda na linha romântica, inclusive um poema épico em doze cantos, *A Guaira*, composto em versos brancos. Em seguida integrou-se, como poeta, no movimento simbolista, de que falearei mais longe.

Vistos, em perspectiva, aqueles precursores e as figuras da geração de que traí fundem-se num bloco único, enchendo com sua atividade cultural e criando uma primeira nitida fase da história literária do Paraná.

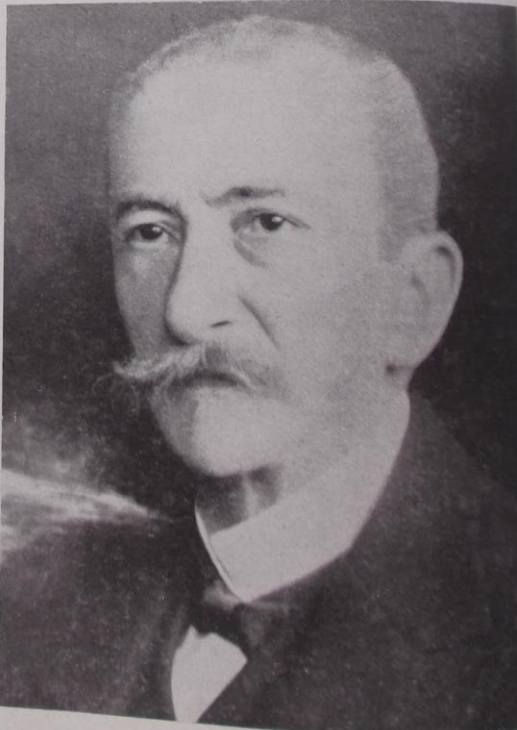


Uma segunda fase abriu-se, de maior audácia e mais profundos horizontes, correspondente ao largo período naturalista-parnasiano-simbolista da literatura nacional.

Acrescentando-se aos que já estavam na lide, apareceram Leônico Correia, Emílio de Menezes, Dias da Rocha Filho, Domingos Nascimento, Emílio Perceira, Nestor Vitor, os criadores do movimento de *O Censulo*, Romário Martins, Jaime Balão, outros muitos, que vão dar ao novo instante brilho singular e complexidade notável.

Dias da Rocha Filho (1862-1895), cujos poemas só foram publicados em livro em 1916 (*Poesias*), foi o mestre parnasiano da Província. Não é em livro em 1916 (*Poesias*), que na sua lide influi, mas o de Luís Guimarães e, ainda o canto bilaqueano que na sua lide influi, mas o de Luís Guimarães e, ainda o canto bilaqueano que na sua lide influi. Foi tradutor de Byron (*Parisina e A Noiva*), porventura, o de Luís Delfino. Leônico Correia viveu de 1865 a 1950, fazendo-se de certo momento em diante, por essa vasta existência, o patriarca da literatura paranaense. Poeta, jornalista, crítico, tribuno, educador, tentou também o teatro, sendo dos nomes que mais fortemente repercutiram fora do Paraná. Seus livros de poemas, — *Flora Agreste* (1883), *Volutas* (1887), *Litanias* (1900), em *Derredor da Vida* (1917), são todos vazados num suave lirismo, digamos, para-parnasiano, como a João de Deus, *modus in rebus*, aconteceu em Portugal: o verso trabalhado com amor e com firme estruturas, mas sem a rigidez plástica do Parnaso. E coetâneo a esse grupo de sonetos de Leônico Correia ainda não incluídos em livro, seu teatro publicado consta do drama *Talento e Ouro* (1883) e das comédias *O Batizado do Nenê* e *O Minuete e a Vala*. No dia *Manhã de Amor*, *O Batizado do Men Tempo* (1935), narra com viva graça episódios da vida literária carioca no instante de juventude de Bilac. Dispersa em jornais ficou sua crítica literária.

De projeção mais violenta na celebridade, fora e dentro do Estado, foi Emílio de Menezes (1867-1918), pelo impressionante acento de seus poemas, estranha fusão de parnasianismo e simbolismo, — hierático araboço do verso e da estrofe, recoberto no entanto de crepes de fausto e morte de eleitos por vezes irresistíveis. Mas, sobretudo, pela sua irreprimível veia satírica, que durante anos a fio manteve, na Capital da República, em po-



ROCHA POMBO no último quartel da vida.



DOMINGOS NASCIMENTO
Busto na praça General Otório, em
Curitiba.

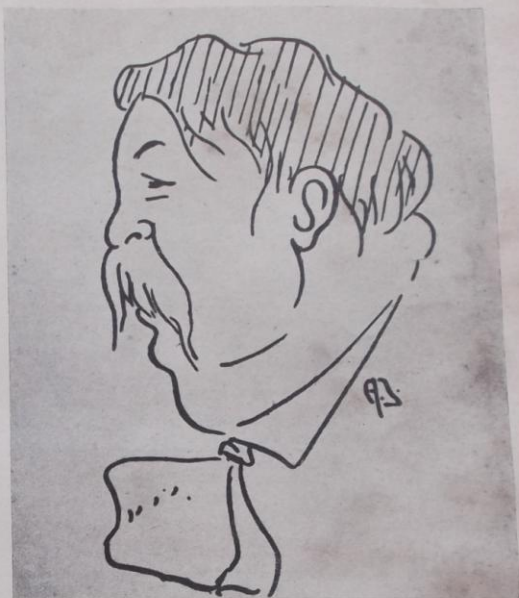
ção de guarda e médo a políticos, intelectuais e argentários. Emílio, que pertenceu à Academia Brasileira, publicou: *Marcha Fúnebre*, sonetos (1892); *Poemas da Morte* (1901); *Dies Irae*, poemeto (1906); *Últimas Rimas* (1917); *Os Deuses em Ceroulas*, versos satíricos (1924).

Domingos Nascimento (1863-1915), publicista, jornalista, poeta, conta de qualidades invulgares, marchou, como poeta, de um post-romantismo para um parnasianismo temperado de simbolismo. Da primeira fase de seu estro ficaram os livros *Revoadas* (1883) e *Trenos e Arraídos* (1887).

O aparecimento, em 1895, da revista *O Cenáculo* revestiu-se, na história da literatura paranaense, de importância transcendente. Coube a essa revista implantar o movimento simbolista no Paraná e por efêmero instante "centrar" o movimento simbolista brasileiro.

Pelos mais recentes exegetas do Simbolismo no mundo e no Brasil, ficamos sabendo do profundo sentido do movimento, hoje considerado como expressivo de radical revolução do espírito em busca de sua perfeita autenticidade na poesia. E pelo magistral *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de Andrade Muricy, documentário exaustivo e irrecusável, ficamos sabendo da extensão total do movimento pátrio e de seu influxo decisivo sobre o destino de nossas letras.

A constituição do grupo de *O Cenáculo*, que aliás atraiu e absorveu quase todos os valores ponderáveis do momento no Estado, como prendeu o interesse do país inteiro, ficou, por esta forma, significando muito mais do



EMÍLIO DE MENEZES

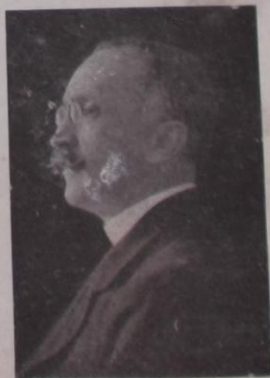
que simples acontecimento regional. Fêz-se Curitiba, a humilhada capital provinciana de então — simples aldeia quase totalmente desprovida de recursos culturais, — um dos principais centros literários do Brasil, — o primeiro deles, no dizer de João Luso e João do Rio.

O grupo, propriamente, compunha-se de quatro figuras apenas: Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Perneta, Antônio Braga, — os diretores da revista, — havendo saído o primeiro número de *O Cenáculo* em abril do ano citado. Causas imediatas do surdimento da campanha inovadora no Paraná tinham sido a revolução de 93, que pusera sofrimento e inquietação nas almas, as condições climáticas do planalto paranaense, de natureza inteiramente diversa da de qualquer outra região do país, — e, sobretudo, o descobrimento maravilhado dos simbolistas de França e Bélgica, propiciado pelos livros e notícias que trouxera, de retorno ao Brasil, em 1892, João Itiberê da Cunha, colega e amigo de Maeterlinck em Bruxelas.

Nesse primeiro número, contudo, em artigo de apresentação, proclama Dario Veloso, que *O Cenáculo* não vinha "pugnar dogmáticamente por nenhuma escolha philosophica ou litteraria" como lá se escreve na ortografia da época, "porquanto não admite o exclusivismo partidário, nem reza liturgicamente as litánias psalmodiadas pelo fanatismo orthodoxo..." A lista de colaboradores era, de fato, eclética. Mas já aí figuravam Domingos Nascimento, Emiliano Perneta, João Itiberê, Rocha Pombo, Santa Rita, que, com



O CENÁCULO EM 1907
Dario Veloso, Antônio Braga, Silveira Neto, Júlio Perneta.



SILVEIRA NETO

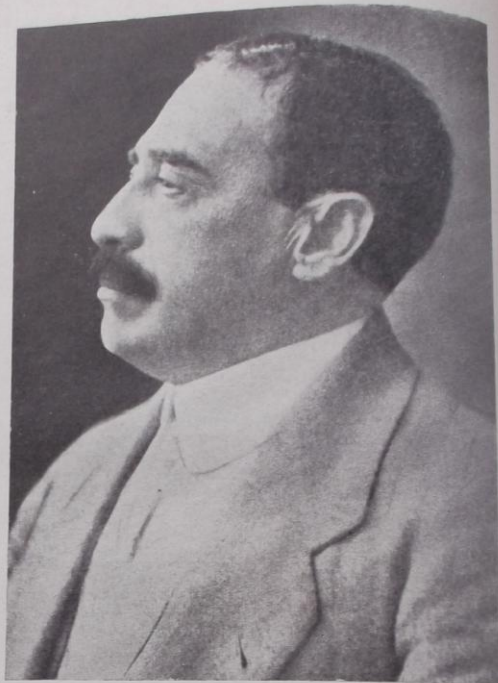
os do grupo de *O Ceniculo*, passaram a formar a falange pioneira da investida simbolista no planalto adolescente. E não obstante a declaração aludida, o *Ceniculo* se tornou o motor central do Movimento, que daí por diante se estruturou em linhas definitivas.

Tratemos das figuras mais expressivas daquela falange pioneira. Emiliano Pernetta, de geração anterior à dos jovens diretores de *O Ceniculo*, publicara seus poemas de estreia sob o título de *Músicas* em 1888, quando estudante em S. Paulo, mas já se tornara, por ocasião do aparecimento da revista, nome notado pela singularidade de seus maneirismos e de seu canto. Só mais tarde, quando já em Curitiba, com o movimento em plena marcha, fez estampar *O Inimigo* (prosa poeética, 1899), dando a seguir, com longos intervalos, *Alegorias* (1903), *Ilusão* (1911) e *Pena de Talião* (tragicomédia em versos, 1914). Póstumamente, por iniciativa de amigos, foram publicados: *Setembro* (1934), *Poesias Completas*, dois volumes (1945) e *Obras Completas*, I, prosa (1946).

Ainda parnasiano em *Músicas* (aparecido ao tempo do fastígio de Biliac), mas parnasiano *sui-generis*, a começar pelo título do volume, é sobretudo em *Ilusão*, *Pena de Talião* e *Setembro* que Emiliano desdobra a curva íntera de sua inspiração renovadora.

Como em muitos dos simbolistas da França, da Bélgica, de Portugal, do Brasil, essa curva marca longo itinerário da poesia de coloridos satanistas, esdrúxula e inquieto, à Baudelaire, para uma serena cantiga de tons cristãos: os derradeiros poemas de Emiliano, incluídos em *Setembro*, são "orações" de humaníssimo sentido e comovida expectação em face do mistério do ser e do destino. No ápice da curva, a meio caminho, todavia, o que descobrimos é sobretudo um ímpeto heróico de fervor pela beleza, vivido em profundidade. Quando se começa, no Brasil, a fazer exegese dos nossos grandes poetas, compreende-se-á quanto embebeu Emiliano Pernetta sua poesia do fundo frescor de mundo amanhecendo da natureza paranaense. O Paraná é, antes de tudo, o claro planalto de clima mediterrâneo, sob céus límpidos e puros, e de perpétua juventude, que constitui paisagem única no seio do Brasil tropical. Essa juventude luminosa, esse infinito frescor da paisagem, totalmente se trasladaram, sob feição de aparente paganismo, para os poemas emilianescos de realização mais acabada, dando-lhes sentido brasileiro e imprimindo-lhes, *verbigtrata*, em face do simbolismo francês, um cunho de originalidade irrecusável.

Em seus mais belos poemas, Emiliano foi o ardente intérprete do planalto primaveral. Há, no entanto, no planalto outra feição: a do prolongado e rude inverno, com oito graus abaixo de zero nos meses de junho e julho, neadas totais durante semanas inteiras, — e as grandes noites puras, de silêncio desértico, com as estrelas fulgindo "dentro da atmosfera", como



EMILIANO PERNETA

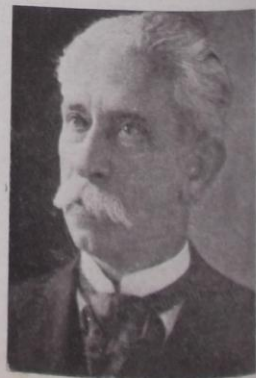
diria D'Annunzio, ou com o luar escorrendo como cal viva sobre as coisas. Desta outra feição o evocador foi exatamente o poeta do *Luar de Inverno*, Silveira Neto, figura, como Emiliano e outros, não apenas do simbolismo regional, mas do Movimento simbolista brasileiro.

Em *Luar de Inverno*, Silveira Neto é uma espécie de exegeta das ruínas, da solidão e da morte, do silêncio e do mistério. Sua refinada sensibilidade, alteada por um quase anterano amargor metafísico, resultou em arte igualmente refinada, às vezes de extrema sutileza, sempre de originalidade flagrante, — coisas estas de estranhar em quem, filho de operário, educado na tanoaria paterna, largara o formão e o martelo com que modelava aduelas para empunhar a pena de escritor e tanger a lira.

Também Silveira Neto caminhou — parece tratar-se de uma fatalidade em todos os genuínos poetas do simbolismo universal, — de uma poesia diferenciada em excesso para uma larga poesia humana. Os poemas de *Ronda Crepuscular*, como os de *Fronde ao Sol* (este, inédito, e tocado de modernismo) e os de *Margem do Nbandiaquara*, rompem a reclusão temperamental para atingir a notas de glorioso universalismo.



NESTOR VICTOR



DARIO VELOSO

NESTOR DE CASTRO



Além dos livros mencionados, publicou Silveira Neto, que viveu até os 73 anos de idade (1942), uma elegia a *Antônio Nobre*, um perfil espiritual de *Cruz e Sousa*, um estudo sobre as Cachoeiras do Iguçu, o poema-libreto *O Bandeirante*; e opúsculos ocasionais, tendo deixado inéditos, além de *Fronde ao Sol*, um volume de crítica de arte e outro de estudos diversos.



JOSÉ HENRIQUE DE SANTA RITA



JOÃO ITIBERE

Afastado desde muito moço do convívio com seus conterrâneos, pois viveu a maior parte da vida no Rio de Janeiro, salvo breve interregno em Paris, Nestor Vitor, contudo, foi sempre no Paraná, em Curitiba, uma per-petua presença, pelo influxo que exerceu sobre gerações conterrâneas suces-sivas e pela íntima comunhão de inteligência que manteve com as mesmas.

Crítico e pensador sobretudo, — aliás o grande crítico do simbolismo brasileiro, — Nestor Vitor se realizou também como poeta, romancista e con-tista. Em *Transfigurações* (poemas), *Amigos* (romance), *Signos* (con-

tos), deixou a prova de uma inspiração e de uma ideação pouco vulgares. *Amigos*, anterior à postulação definitiva das doutrinas freudianas, oferece traços divinatórios no sentido da arte psicanalítica que posteriormente se ex-plorou no mundo.

No entanto, foram a crítica e o ensaísmo que lhe conferiram, entre os de sua arte e para muitos dos que hoje lavram na seara literária, o título de Mestre. Em face da crítica naturalista, ou seja, desdobrada em super-fície, ou aplicada ao puro aspecto formal, de um Sílvio Romero ou de um Veríssimo, a de Nestor Vitor assume caráter novo no Brasil, pois se desen-volve em profundidade, como agora se diz. Já no começo do século punha êle a inteligência brasileira em contato com as grandes correntes do espirito em plena vigência no Velho Mundo, através dos seus ensaios sobre Ibsen,

ARISTIDES FRANÇA



Barrès, Edmond Rostand (no livro *A Hora*), ou Maeterlinck (no prefácio à tradução de *A Sabedoria e o Destino*), ou Nietzsche, Novalis, etc., em tra-balhos posteriormente incluídos no volume *A Crítica da Ontem*. Ainda hoje tais ensaios podem ser lidos com proveito máximo, pela força de pen-tração de sentidos essenciais que Nestor Vitor nêles põe.

Também em profundidade foram trabalhados alguns de seus largos es-tudos sobre autores patricios, principalmente os que dedicou a Cruz e Sousa, Machado de Assis, Farias Brito, Rocha Pombo, Silveira Neto. Sua crítica aos recém-vindos, compreendida nos livros *Cartas à Gente Nova* e *Os de Hoje*, assume, por sua vez, caráter apostolar: no escritor que surgia, e no qual suas sutilíssimas antenas captavam sinais de valor positivo, procurava êle suscitar exatamente amor profundo à vocação revelada e fidelidade extrema ao pró-prio modo de ser.

Em esfera talvez mais alta situam-se os ensaios de Nestor Vitor intitu-lados *O Elogio do Amigo* e *O Elogio da Criança*, assim como o livro de aforismos *Fôlbas que Ficam* e seu livro sobre *Paris*. Nos "elogios" o que aparece é um sábio à maneira de Sêneca, em serena contemplação do mi-lagre humano. *Fôlbas que Ficam* têm algo de um nietzscheanismo cristia-



EUCLIDES BANDEIRA



TIAGO PEIXOTO

nizado em sua força de intuição surpreendente. Do volume sobre *Paris* e dos ensaios estrangeiros escreveu Sílvio Romero que deviam ser trasladados a outros idiomas para que fora do Brasil se percebesse a que ponto de pen-etrante agudeza havia atingido a inteligência brasileira.

Dario Veloto, que não era paranaense nato, mas que viveu em Curí-tiba desde a adolescência até a morte, constitui uma das mais curiosas e es-tranhas figuras do simbolismo patricio. Imbuído dos mais extravagantes iluminismos que proliferaram no clima do simbolismo francês de fins do

século passado, — carreados até o Paraná por João Triberê da Cunha, — fez-se, como poeta, o evocador de misteriosos sentidos (por vezes bastante equivocados) da realidade e do amor, em estrofes carregadas de simbolologia ocultista ou teosófica, ao mesmo tempo que, professor de história universal no Ginásio do Estado, desenvolvia entre os alunos um lirismo apostolado pelo ressurgimento da beleza helênica. Ao fim, fundiu num só todo as doutrinas maçônicas, os princípios da revolução francesa (com seu indefectível anticlericalismo), as especulações de Pápius, Saint-Yves d'Alveydre, Sâr Peladan, o pensamento de Pitágoras (interpretando à sua moda), e um extremado positivismo brasileiro e americano, organizando, em Curitiba, o Instituto Neopitagórico, tendente a ramificar-se pelo Brasil e em seguida pelo mundo.

Exerceu vasta influência sobre gerações sucessivas da mocidade estudantil pelo fascínio de seu verbo e pelas resurreições helênicas das festas anuais da Primavera, as quais eram, de fato, realizações de poeta.

A obra que deixou, variada e numerosa, assim como as muitas revistas que fundou — dirigiu, exploram os mais diferentes caminhos do espírito: história, pedagogia, filosofia, ciência, etc., mas foi quase toda prejudicada pela amálgama incrível de coisas desencontradas que nelas acumulou Dario Veloso.

Sua obra poética, no entanto, oferece por vezes funda substância de encantamento. O perpetuo ambiente de evocação nostálgica em que ela se desenvolve já por si constitui poesia genuína. A Grécia antiga, a Atlântida desaparecida, a Índia milenária, a Caldéia, são presenças que Dario Veloso a seu jeito suscita, fazendo abrir em nossa alma a flor do sonho. *Alma Penitente*, dos primeiros tempos do movimento no Paraná, *Rudel* e *Atlântida*, da maturidade do poeta, são poemas que se justificam, não obstante a sobrecarga de contos hermetismos. *Rudel*, que explora o mesmo tema de *La Princesse Lohtaine*, de Rostand, sendo-lhe embora, anterior, é, porventura, de estrutura mais sólida do que a deliciosa peça do autor de *Chantier*.

Das mais brilhantes penas de jornalista que o Paraná tem possuído, Nestor de Castro (1867-1906) salvou da dispersividade jornalística dois pequenos trabalhos em que um talento de escol reluz: *Brindes* (poemas em prosa e contos), de denso ambiente simbolista, e *Bento Cego*, comovida monografia sobre o "Homero rústico" do Paraná, como ao cantor humilde dos primeiros momentos da Província chamou Andrade Muricy.

Como dissemos antes, João Triberê da Cunha (1870-1953) foi o introdutor, não apenas no Paraná, mas no Brasil, da estesia simbolista. Colega, em colégio de Bruxelas, de Maeterlinck e Verhaeren, e tendo participado do movimento de "La Jeune Belgique", coube-lhe estrear nas letras, na Capital da Bélgica, com um volume de poemas em francês, *Préludes*, "exposto à venda, informa Andrade Muricy, no mesmo dia que *Serres Cheudes*", a grande estesia de Maeterlinck.

"Considerado jovem poeta belga, — continua Muricy — recebeu os sufrágios dos franceses Leconte de Lisle, Heredia, Henri de Régnier, Sully Prudhomme, Jules Lemaitre, Jean Rameau; dos portugueses Eugênio de Castro e Tomás Ribeiro; bem como de seus companheiros de "La jeune Belgique", Gilkin, Georges Eckhoud, Albert Giraud, Valère Gille, e outros."

De retórno ao Brasil, trouxe a nova estesia em livros e informações que atearam o movimento entre nós.

Foi musicista e crítico musical de valor (crônicas musicais de *Jic*, no "Correio da Manhã") e além de *Préludes* deixou publicação poética esparsa.

De Ricardo de Lemo: (1871-1932), só foi publicado o livro *Venturolas* (1898), de versos humorísticos, havendo inédita, porém, toda uma série de poemas simbolistas de sua lava.

Julio Pernetá (1869-1921), irmão de Emiliano e um dos fundadores de *O Cenáculo*, foi dos que mais diluiram a capacidade criadora na estriante luta ideológica do tempo. *Bronzes* (1897) e *Malditos* (1909) são números bibliográficos de importância no movimento simbolista paranaense. E *Amor Baudóico* (contos, 1898) confere ao autor o título de precursor da literatura regionalista que está dando seus melhores frutos no romance nordestino desta hora. Quase todo o resto de sua obra publicada, no entanto,



NESTOR VICTOR, LEÓNCIO CORREIA, EMILIANO PERNETA.

se constituiu de opúsculos de campanha contra a Igreja, expressivos, apenas, de um estado lastimável de espírito que se prolongaria, no Paraná, até a terceira década do presente século.

Imprescindível ainda que citemos, como participantes de relevo na aventura simbolista do Paraná, os seguintes nomes: José Henrique de Santa Rita (1872-1944), "causeur" de verso magnífica, autor de uns poucos poemas nunca aparecidos em livro, contista, novelista, tribuno; Antônio Braga, outro dos companheiros de *O Cenáculo*, deixou em revistas e jornais sonetos em que o verso, impecavelmente bilaqueado pela harmonia, vem no entanto marcado de acento simbolista; Tiago Peixoto (1876-1921) só depois de morto teve seus poemas publicados em volume: *O Livro de Tiago Peixoto* (1922); Leite Junior (1876-1930) publicou *Ritual* em 1900, tendo tido o desprazer de ver sacrificada num incêndio, muito mais tarde, toda a sua obra inédita; Ismael Martins (1876-1926) legou-nos o volume de poemas *Cielos* (1931); Aristides França (1879-1900) em *Dolência Astral*, de publicação póstuma (1911), vazou pungente melancolia; Adolfo Werneck (1879-1932), autor de *Donna Loura* (1903), *Bizarrias* (1908), *Inútil* (1921), *Minha Terra* (1922) e *Arco-Iris* (1923), deixou poemas do mais cke, nascido em 1879 e ainda vivo, com o livro *Missas* (1905) se fez uma das notas mais vivas do movimento no Paraná.

De Euclides Bandeira, figura proeminente do movimento, por circuns-tâncias especiais só agora falarei.



Ao gesto renovador dos criadores de *O Cenáculo*, que foi até hoje o outro gesto rebelde que, embora ainda em pleno clima simbolista, se retara no primeiro, mas totalmente subordinado à ansiedade de beleza, tomou, belecendo ambiente de luta intelectual e espiritual que serviu a complexificar a vida de inteligência, embora se nortearse em sentidos equivocados.

Figura central desse outro movimento foi Euclides Bandeira, jornalista de grande brilho e finura, polemista, contista e poeta de fortes traços de originalidade. Em torno dele agruparam-se numerosos jornalistas, poetas, contistas, romancistas, cronistas de trepidante atividade, — inclusive muitos



SILVEIRA NETO, EMILIANO PERNETA, SANTA RITA, NESTOR VICTOR.

dos poetas simbolistas já citados, — dinamizando a vida intelectual, acrescentando sensivelmente a bibliografia paranaense e, sobretudo, dando generosa ressonância à obra, que aos poucos se completava, de Emiliano, Dario Veloso, Rocha Pombo, Silveira Neto, Enílio de Menezes e outros, do movimento anterior.

Euclides Bandeira (1877-), egresso da carreira militar, foi espírito de pugnacidade admirável, a qual, mantendo-o perpetuamente na frente de batalha, furtou-o muitas vezes à vocação de artista puro e singular que seus livros de crônicas e poemas revelam. *Heróicos* (1901), *Ditirambos* (1901), *Velhas Páginas* (1903), *Ouroplis* (1906), *Preâmbulos* (antologia de poemas preferidos), nos mostram frequentemente de envoltos com o seu anticlericalismo renitente e um tanto ingênuo, o poeta genuíno, que é sempre o que sabe dar novo sentido ao vocábulo. O poema intitulado "Sapo" e o soneto "Sábado", de Euclides Bandeira, são das mais belas e expressivas criações do simbolismo brasileiro.

De entre os que o rodearam, com admiração e respeito, e nas campanhas de imprensa obedeceram ao seu mando, alguns se destacaram em setores diversos da atividade intelectual.

Alcides Munhoz (1873-1930), além de diferentes opúsculos de crítica e polêmica, ou de assunto econômico, deixou peças teatrais de valor tênue e três romances — *Palmas* (1903), *Mbá* (1904) e *O Grande Teatro* (1905) — que representam amáveis tentativas de realização de um gênero ainda no começo do século sem grandes possibilidades no Paraná.

Rodrigo Orávio, nascido em 1887, fez-se uma espécie de chefe de fila pelo encantamento que produziu com os seus cantos de amor juvenil e pela sua extrema operosidade cultural e humorística através de livros, revistas e jornais. Publicou até agora: *Estréla d'Alva* (1906), *Quando Florece o Amor* (1908), *Cânticos e Baladas* (1913), *Sonatinas Morosas* (1922), *Pela Noite da Vida* (1923), todos de poemas, além de novelas e humoradas e de preciosos trabalhos de pesquisa no terreno da história da literatura regional.

Clemente Ritz (1888-1935), em *A Caminho de Elêusis*, publicado em 1914, legou-nos poemas de ondulante inspiração, um pouco à maneira de Mário Pederneras, mas com acento pessoal pronunciado. Publicara antes *Sonhos de Moço* (1907) e deu, posteriormente, *Meu Surrainzímbo de Trovas*, este último de comovida feição popular e tocado da sombra da morte que chegava.

De temperamento turbilhonário e vida pontuada de sofrimentos heróicamente suportados, Raul Gomes, que modestamente se dá como simples repórter, é, de fato, uma vocação admirável de contista que, no entanto, deu ruiu para o jornalismo, para a pedagogia, a linguística, a historiografia e a

Ciência do Direito, para a luta em campo aberto pelos ideais culturais. Deve-se-lhe larga série de sugestivas pesquisas naquelas diferentes direções, e dispersadas em opúsculos ou na imprensa diária, assim como uma série grande de iniciativas de caráter prático no sentido de tornar efetivo o culto aos mestres da literatura paranaense pela fundação de bibliotecas, museus, etc.

Poeta de notas personalíssimas, além de cronista e contista é também Serafim França, nascido em 1888; e cujo livro principal, *Cantões da Terra dos Pinheiros* (1912), reditado mais tarde, com sensíveis modificações, sob o título de *Cantos da Linda Terra dos Pinheiros* (1922) encerra poemas de forma antiga (baladas, cantos reais) trabalhados por mão de mestre, e poemas polimétricos de fina e flexuosa inspiração molera. Seus cantos do livro *Barra Velha* são por vezes de admirável frescor.

Sharffenberg de Quadros (1878-1929) em *Cantões Nativos* (1908) e em poemas posteriores não recolhidos em volume, foi um cinzelador do verso de recursos notáveis. Seu soneto "Desdémone" é, entre outros, realização perdurável, pela visão em bronze que nos transmite da shakespeareana figura.

Nomes que, pelo menos para a província, ficaram marcando, nesse movimento em torno de Euclides Bandeira, são ainda os de Raul Gelbecke, poeta, Leocádio Correia, com longa bibliografia em prosa e verso, inclusive comovidos "perflis espirituais" de *Alcides Munhoz*, *Natalina Cordero* e *Netor de Castro*, publicados todos no ano de 1922; Tales Saldanha, poeta e ensaísta; Generoso Borges, jornalista, poeta e teatrólogo; Francisco Leite, poeta, cronista, comediografo, com três belos livros de poemas: *Horas* (1911), *Poentes de Outono* (1914), *Névoas do Sul* (1924); Cícero França (1884-1908), autor de poemas de melancolia extrema que enfeixou em volume sob o título de *Neoterio d'Alma* (1905); Heitor Stockler, teatrólogo e poeta, modelando com viva graça o poema polimétrico; Gilberto Beltrão, historiador, poeta, ensaísta, jurista; Zeno Silva e Ciro Silva, jornalistas e tribunos de ímpeto vivo, escreveram em colaboração, de volta de uma viagem ao Egito, um sugestivo livro sobre a terra das pirâmides; Adeline Carril Pinheiro, poetisa; Ademar Munhoz, Aguiar Moraes, Aluizio França, Ada Maccagn e Anita Philipovsky, duas poetisas das quais se deveria falar largamente se houvesse espaço; Gastão Bousquet, Heitor Valente, Helvidio Silva, Idefonso Sêro Azul, José Cadihe, Lucie Laval (poetisa francesa, autora de *Dans l'Ombre*, e cujo destino se espedaçou em Curitiba), Virgílio Moreira, ...

Contemporâneo das gerações que se agitaram nos dois movimentos de poesia e luta ideológica de que tracei breve resenha foi todo um grupo ilustre de historiôgrafos e publicistas do qual o livro principalíssimo, já referido, foi o do grande Rocha Pombo. Tendo, após as criações românticas da primeira juventude, contribuído, com o livro *No Hospício*, com superior



O CENÁCULO EM 1911
Dario Veloso, Silveira Neto, Antônio Braga, Julio Pernetta.

substância de poeta para o movimento simbolista. Rocha Pombo foi conduzido por incoercível destino à tarefa da estruturação de sua monumental *História do Paraná*. No terreno da historiografia patética, também por destino inevitável, situou-se Rocha Pombo na posição, que foi a de um Michelet na França e a de um Oliveira Martins em Portugal, de criador, e não apenas narrador do passado. O pólo oposto, na historiografia brasileira contemporânea, será, provavelmente, representado pela figura de Capistrano, o estrito pesquisador, severamente atento ao documento. O documento puro, no entanto, não contém todo o passado. Há o imponderável, o universal, o eterno de cada momento da história, e este raramente o documento o apreende, cabendo ao historiador o "surge et ambula", que fará de um instante morto de outrora uma palpante realidade ao nosso espírito. Para este ato de magia ou de milagre estão melhor preparados os evocadores-poetas, capazes de viver no mistério de seu próprio ser, o episódio evocado, de marcar-lhe sangue e vida quando o trasladem para a dramática representação histórica. Assim se nos apresenta Rocha Pombo nos capítulos magistrais de sua *História* sobre o fenômeno da Conjuração Mineira ou da luta contra o holandês invasor.

Moisés Marcondes, que publicara na mocidade um livro de poemas parnasianos, deu-nos mais tarde, ao lado de um volume de *Documentos para a História do Paraná*, colhidos nos arquivos portugueses, seu magnífico trabalho sobre Jesuíno Marcondes (*Pai e Patrono*), que é o panorama em água-forte de todo um período do segundo Império. Publicou ainda Moisés Marcondes, sob o título de *A Alma Cristã em Face do Sofrimento*, pequeno opúsculo de alta e substanciosa meditação espiritual.

Figura venerável de filósofo, escondida, por tóda uma longa existência, sob véus de profundo recolhimento e de modestia, foi a de Eusébio Silveira da Mota. Só ao fim de sua vida, aos oitenta anos de idade, quando se trasladou para o Rio de Janeiro, foi que à perspicácia de Farias Brito e Jackson de Figueiredo se revelou a profundidade desse espírito e a vastidão de seus conhecimentos no domínio da Lógica e da História da Filosofia. Eusébio Mota, bem antes de Maritain, submetiera a total processo crítico o movimento nominalista que, partindo de sucessores imediatos de Santo Tomás de Aquino resultou no doutrinarismo negativista que vem desorientando a inteligência até os dias que vivemos. Já no leito de morte, Eusébio Mota ditou para Nestor Vitor e Andrade Muricy algumas dezenas de páginas, ainda inéditas neste instante, nas quais uma originalidade surpreendente de pontos de vista se faz patente.

José Cândido da Silva Muricy, que morreu como General de nossas forças de terra, foi possante evocador de ambientes e caracteres rústicos no livro *Parada Morta* e o memorialista precioso de *A Revolução de 93*. Dos primeiros a visitar e estudar a região do extremo oeste paranaense, deixou sobre o tema, além do livro *Foz do Iguaçu*, publicado, o volume inédito



ANDRADE MURICY

Viagem do País dos Jesuítas, fermentada de observações curiosas sobre a realidade humana e a natureza daquela região.

Romário Martins viveu todo um típico destino de infatigável trabalhador intelectual. Historiógrafo, jornalista, contista, folclorista, memorialista, geógrafo, desdobrou-se em monografias nascidas de seu vasto conhecimento da natureza e da história do Paraná. Seu livro de contos *Ruínas* (1898) é documento de fina sensibilidade.

Dídio Costa, que fez a carreira completa de oficial da Marinha de guerra, mostrou-se estilista de alto gosto no volume intitulado *Aspectos* (1912), e no último quartel da vida, já no Rio, promoveu, como encarregado da Biblioteca da Marinha, a publicação de importantes documentos.

Também Ermelino Agostinho de Leão dedicou a existência inteira a pesquisas históricas, geográficas, econômicas, sendo numerosos e de muito preço os opúsculos, publicados ou inéditos, que pôde compor a serviço do Estado ou do Brasil.

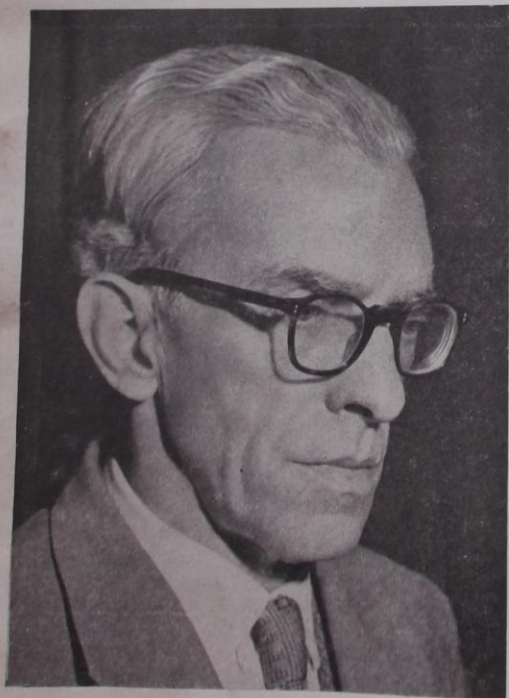
Francisco de Azevedo Macedo, vulto eminente da galeria de juriconsultos paranaenses, fez, na mocidade, crítica literária e poesia.

Pênfilo de Assunção, Hugo Simas, João Pernetta, Lisímaco Ferreira da Costa e muitas outras figuras de tribunais, jornalistas e publicistas dos dois períodos em questão deveriam ser estudadas neste esboço se não fora a premissa de espaço e tempo com que luto.

* * *

O Paraná, melhor, Curitiba manteve clara preeminência intelectual entre as capitais regionais do Brasil durante o período heróico da campanha simbolista. Pouco a pouco essa preeminência tombou, e hoje é inegável que cife, Salvador, Fortaleza mantêm vida literária de mais viva irradiação que a da metrópole das Araucárias. O fenômeno comporta explicação. O clamor fóren de Euclides Bandeira, que se prolongou no movimento ritualidade singular no Brasil, pelas condições *sui generis* do Paraná de então.

Na terra adolescente, de clima mediterrâneo, com seus céus de frescor de serenidade vergiliana, vivia-se ao tempo de *O Cenáculo* uma vida política que já então agonizavam quase todas as unidades brasileiras. O sonho, por isso, fermentava. A revolução de 93, que deu atmosfera para o surgimento do movimento simbolista, fóra uma provação vinda de fora, uma que o tocou de sofrimento.



TASSO DA SILVEIRA

Foi assim que se pôde gerar a poesia de Emiliano, de Silveira Neto, de Davio Veloso, de quantos o acompanharam na aventura simbolista, como também o pensamento de Euclides Mota, por exemplo. Não inculca na farsandala, desta vez, a Nestor Vitor, porque o crítico e pensador de *A Hora e das Fólabas* que *Vicam* se radicava no Rio de Janeiro, onde realizava a sua obra em contato direto com a cultura europeia do instante.

A geração de Euclides Banderla, no entanto, como já observei, deslocara sensivelmente a atividade intelectual do terreno da pura criação para o terreno da luta ideológica. E quando deflagrou a chamada "campanha dos novíssimos", por volta de 1913, a qual, em seu termo final, nas figuras de Andrade Muricy e do autor destas linhas, se apresentaria como reação espiritualista ao sentido católico, não só a antiga Província, então Estado do Paraná, iniciava surdamente o grande surto econômico que a este momento a faz alvo da atenção do Brasil inteiro, como inaugurava, com a fundação de sua Universidade, uma era nova em seu destino de cultura.

A hora burocrática de sonho se tinha escoado de todo. As inteligências foram derivando, de cada vez mais, para o interesse ideológico, pedagógico, político, ou para as atividades econômicas, ou para a ciência. Poucos verdadeiros trabalhadores da vinha política se mantiveram na lida. E a preeminência desapareceu. Mas éves poucos ainda têm feito alguma coisa.

A "campanha dos novíssimos" — ao tempo havia os "velhos", que eram os remanescentes do primeiro instante, e havia os "novos", que eram os companheiros de Euclides Banderla: os vindos por último forçosamente haviam de ser "novíssimos". — essa campanha fôra pronunciada pelo aparecimento da revista *Fanfal*, dirigida por José Gualiba, Martins Gomes, Lacerda Pinto e Tasso da Silveira, revista de meninos que, no entanto, durante dois anos pôs em comunicação Curitiba com os demais centros literários do Brasil. A campanha, propriamente, deflagrada quando já se havia o *Fanfal* apagado, consistiu em tremenda e prolongada polémica, da qual participaram todos os jornais paranaenses do instante, entre os "novíssimos" e os "novos". Negavam aqueles, com evidente injustiça, qualquer valor aos outros, e os outros se defendiam. Uma coisa, porém, estava certa na argumentação dos "novíssimos": é que os novos se tinham perdido da cultura universal e se vinham esterilizando em tórno de pobres problemas de campanha.

Entre os "novíssimos" figuravam Andrade Muricy, Samuel César, Leônidas Loidal, Acrí Guimarães, Lacerda Pinto, Martins Gomes, o autor destas linhas, vários outros, ledores, todos, de Ibsen, Maeterlinck, Novalis, Emerson, Nietzsche, e por isto convencidos de que se fazia necessário arrear o ambiente intelectual saturado de puro e infatigável anticlericalismo.

A renovação modernista que, a partir de 1922, veio agitando, transfigurando, por vezes desligando a literatura patriciada, teve contribuição apreciável de filhos da terra paranaense. Foram paranaenses — Andrade Muricy, Brasília Iteberé e o autor destas linhas —, que, com Adelino Magalhães, Cecília Meireles, Murilo Araújo, Wellington Brandão, Henrique Abílio, filhos todos de outros Estados, lançaram, no Rio, o movimento da revista *Festa*, de ampla repercussão e influência decisiva nos rumos tomados posteriormente pelo Modernismo Brasileiro. Os do "Grupo de Festas", em verdade, criaram, em face das duas correntes modernistas em atuação, a dos primitivistas de S. Paulo, e a dos dinamistas do Rio, uma terceira corrente, de caráter espiritualista, a qual recebeu da crítica a qualificação de "tradicionalismo dinâmico" e mostrou corresponder melhor do que as duas primeiras ao verdadeiro sentido do espírito criador em terras do Brasil.

Andrade Muricy que, além de sua colaboração nas páginas de *Festa*, ainda não aparecia em volume, deu ao Movimento Modernista brasileiro a novela *A Festa Inquieta*, amassada em alta substância de poesia, e que serviu de fundamento ao livro genial de Henrique Abílio (*Crítica Parca*), e das figuras mais prestigiosas e expressivas do Brasil intelectual destes dias. Dotado, sobretudo, de excepcional percuciência crítica, e escritor insigne, antes da obra modernista já nos havia oferecido, em *Alguns Poetas Novos*, *Emiliano Pernela* e *Suaave Convívio*, exemplos de análise serena e penetrante, que a seguir aplicou à música, alcançando, com suas crônicas do "Journal do Comércio", o título de mestre da crítica musical no Brasil. Sob o título de *Caminho da Música* estão sendo publicadas, por editoria paranaense, em volumes sucessivos, essas crônicas, que muita vez são luminosas páginas de estética, e constituirão para o futuro admirável panorama da vida musical no Brasil à hora que vivemos. São ainda de Andrade Muricy, que aliás conserva inéditos vários volumes de crítica literária, o *Panorama da Nova Literatura Brasileira*, até hoje a mais completa antologia crítica do Modernismo, e o magistral *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, documentário cuja organização custou vinte anos de trabalho e veio servir para, em termos definitivos, afirmar a importância, a extensão e o sentido profundo do Simbolismo patriciado.

De Brasília Iteberé, ficaram nos números saídos de *Festa* testemunhos de uma verve solerte, em contos e crônicas dos de mais viva originalidade do nosso Modernismo. Brasília, no entanto, derivou para o domínio musical que nele constitui, porventura, vocação mais exigente, a sua "vis" criadora. Os seus esplêndidos corais situaram-no entre os jovens mestres de mais prestígio da música brasileira do presente.

O autor deste esboço, que foi um dos doutrinadores de *Festa*, se tem exercitado na lírica, no ensaio, no romance, no teatro, já havendo lançado a público cerca de três dezenas de livros.

Brasil Pinheiro Machado, Helena Kolody, Dalro Frenison, Lacerda Pinto, Mário Montanha, são valores reais do Modernismo brasileiro. Lacerda Pinto lançou, ao começo do movimento, o livro de poemas *Pomes Rústicas*, de talhe novo e sereníssima inspiração cristã. Inevicel inclinação para o pensamento filosófico e para a Apologética levou-o para uma vida de meditação e estudo da qual emergiu como um Mestre do espírito, de quem tirando proveito a geração estudantil destes dias na radiosa Curitiba. Dalro Trevisan, na novela *Sonata ao Luar* e no livro de contos *Sete Anos de Pastor* se revelou com força de originalidade e capacidade

evocatória que não apresentam muitos dos mais celebrados nomes da novelística atual entre nós. Helena Kolody, sobretudo no livro *A Sombra no Rio*, poe-se frequentemente a altura das mais ilustres poetas deste momento sufocon.

A Curitiba dos dias presentes é um dos maiores, se não o maior centro universitário do Brasil. Seus institutos de ensino superior e de humanidades, por motivos de clima principalmente, atraíram milhares de estudantes de todas as cidades da Federação. A verdade é que a jovem metrópole tumultua de vida moça, de escolas que se multiplicam, de institutos de pesquisa, de agremiações culturais, e nesse tumulto, que aos poucos se estende a outras cidades do Estado, como Ponta Grossa, Paranaguá, Londrina, já se percebe forte condensação de pensamento filosófico e científico, ao lado de uma atividade musical e de artes plásticas de bastante relevo.

O interesse literário, momentaneamente sufoconado pelo surto econômico, científico, político, renasce.

Na arena ainda lidam um derradeiro representante da hora heróica do movimento simbolista: José Gelbcke e muitos soldados da hora euclideana: Rodrigo Júnior, Serafim França, Raul Gomes, Heitor Stockler, etc. Do momento posterior dos "novíssimos", desapareceram Samuel César, ensaísta e dramaturgo e Leônidas Loidal, sociólogo e historiógrafo, Newton Sampaio. Mas permanecem na peleja todos os mais. E os que chegaram mais recentemente são legião. Na crítica literária posso apontar pelo menos três nomes significativos, já de âmbito nacional: Temístocles Linhares, Wilson Martins, Erasmo Piloto. Diocésar Plaisant é panfletário temível e grande conhecedor do idioma. No romance, na novela e no conto já têm seu lugar marcado: Jaime Balão Junior (com *Sagrada Solidão*, *Seara Morta*, *O Romance de Meu Pai*), Aluizio Ferreira de Abreu, Pompília Lopes dos Santos (com o romance *Amizade* e numerosos volumes inéditos), Arary Souto, Benedito Nicolau dos Santos, Corina do Amaral Fortes, Clotilde Spinola Leining, Ernesto Merlin, Escolástica Moraes Veloso, Gabriel de Paula Machado, Ibel, Idalina Bueno Magalhães, Leonor Soares, Leonor Castellano, Maria do Carmo Silva Soutis, Maria Alba Mendes Silva, Oswaldo Alves de Sousa, Pêricles Busnardo, Sebastião de Oliveira Sales, Elias Karam, Inácio Bugão. Trabalham poetas: Almo Saturnino, Castela Braz, Correia Júnior, Carmen Carta Preta Wilhelm, Inab Secundino, José Miranda da Costa, Leonardo Hencke, Sá Barreto, Gertrudes Maria de Freitas, Juarez Silva, Luisa Stendel Iversen, Lilian Maria Reiman, Laura Santos, Aurora da Silva Curi, Assad Amadeu, Athos Velozo, Arnoldo Wietbeck, Durval Borges, Eno Teodoro Wanke, Eleonora Brasil Pompeu, Evani Leinin Saporski, Eleonora Amaral de Angelim, Felício Alves, Freys Nietzsche de Carvalho Sondhal, Mary Camargo, Marlene Veiga Mazza, Maria Cândida de Jesus Camargo, Milton Condesa, Nair Cravo, Oswaldo Nascimento, Portos Velozo, Cláudio Cardon, Ribas Silveira, Reinaldo Stendel, Suly da Rosa Vilarinho, Vitorina Sagboni, Zilma Maciel, Zeila Cordeiro de Macedo. Vários polígrafos de ágil pena: David Carneiro Júnior, historiógrafo, romancista, filósofo; Walfrido Piloto, crítico, cronista, historiador, poeta; Leocádio Correia, Aleyone Moraes Velozo, Antônio Ribeiro Neto, Dario Nogueira dos Santos, Pedro Novais, Sete Ramalho, Silvia Van Erven, Alcibades Plaisant, Durval Borges de Macedo, James Portugal Macedo, Francisco Stobbia, Flávio Guimarães, Loureiro Fernandes.

Impossível evitar a pura enumeração em resenha tão rápida, destinada, no entanto, a obra comemorativa do primeiro centenário do Paraná.

Dos nomes citados, muitos desapareceram. Mas não podemos prever quais deles. Na hora gloriosa do centenário todos vivem. Significam a imortal esperança do espírito, como os imensos cafezais e trigoais, e arrozais e vinhedos, e algodoads e pinheirais, e florestas de imbuva — significam na hora do centenário, para a terra paranaense, a esperança imortal de uma grandeza econômica e política que se imponha definitivamente à enorme Pátria.



TEMPLO DAS MUSAS
Edificado para o Instituto Neo-Pitagórico, em Curitiba.

RESUMEN

Ofrece el autor en este trabajo un breve resumen de la vida literaria del Paraná, desde sus orígenes hasta los días actuales.

Así vemos que cabe a *Fernando Amaro de Miranda* la honra y la gloria de ser "la voz más longinqua" de la "Terra das Araucárias"; a no ser que futuras pesquisas lleguen a proyectar luz sobre el "oscuro período de tres siglos y medio que precedió al nacimiento del Paraná" y prueben lo contrario.

Júlia da Costa, "otra voz cristalina del primero momento, en contrario a su ilustre predecesor, pudo asistir al desarrollo sucesivo de la Provincia hasta muy lejos".

Aun pertenecen al grupo de los *precursores* de las letras paranaenses los poetas románticos: João Batista Ribeiro, Emílio Nunes Correia de Menezes, Antônio Martins de Araújo, Teresio Pôrto y el fundador de la literatura dramática en este Estado, Teófilo Soares Gomes.

Surge entonces la *primera generación literaria propiamente dicha*, que comprende los nombres de Antônio Ribeiro de Macedo, José Morais, Luís Ferreira França, Antônio de Camargo Pinto, Rocha Pombo y Lúcio Ferreira.

Estas figuras y aquellas de los *precursores* "se confunden en un bloque único, llenando con su actividad cultural y creadora una primera nitida fase de la historia literaria del Paraná".

A esta primera sigue una segunda fase, "de mayor audacia y más hondos horizontes, correspondiente al largo período naturalista-parnasiano".

SUMMARY

In this work the author offers a brief summary of the literary life of Paraná, beginning with its origin until the present day.

Thus, we see that it is to *Fernando Amaro de Miranda* that the honor and the glory is attributed of being "the most ancient voice" of the Land of the Araucarias, if further research does not come to project light on the "obscure period of three centuries and a half which preceded the birth of Paraná" and prove the contrary.

Júlio Costa, "another crystalline voice of the instance" contrary to his illustrious predecessor, could accompany the gradual development of the Province much farther.

To this group of *forerunners* of the "Paranaense" letters belong the following romantic poets: João Baptista Ribeiro, Emílio Nunes Correia de Menezes, Antônio Martins de Araújo, Teresio Porto and the founder of dramatic literature in this State, Teófilo Soares Gomes.

Then appears the *first literary generation in reality* which comprehends the names of Antônio Ribeiro de Macedo, José de Morais, Luís Ferreira França, Antônio de Camargo Pinto, Joaquim Serapião do Nascimento, Gabriel Pereira, Albino Silva, Rocha Pombo and Lúcio Ferreira.

These figures and those of the *precursors* are "merged in one only block, filling with their cultural and creative activity one first important phase of the literary history of Paraná".

From this first one, came the opening of the second phase, "of more audacity and profounder horizons, corresponding to the large naturalistic-parnasian-symbolist period of the national literature," marked by

no-symbolista de la literatura nacional", señalándose por Leóncio Correia, Emílio Pernetá, Nestor Vitor, Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Pernetá, Antônio Braga, Romário Martins, Jaime Balão y otros más.

El hecho sobresaliente de este período es la aparición, en 1895, de la revista *O Ceiaúno*, estableciendo el movimiento simbolista en el Paraná y transformando Curitiba, "la humillísima capital provincial de entonces", quizá en el primero centro literario del Brasil.

Llegó a ser, a su vez, figura central de otro movimiento el simbolista de mayor relieve — Euclides Banderia — que pone el interés ideológico en posición de preeminencia, en lo cual es apoyado por numerosos periodistas, poetas, novelistas, cuentistas y cronistas, "plétóricos de actividad", siguiéndose de ahí la dinamización de la vida intelectual, el enriquecimiento de la bibliografía del Paraná y "resonancia generosa a la obra" de la falange de precusores del movimiento anterior.

Todavía, escurridos "la hora bucólica de sueño" — con las perspectivas de formidable éxito económico — en la preeminencia del Paraná, y se inaugura, "con la fundación de su Universidad, una era nueva en su destino de cultura".

El *Movimiento Modernista brasileño* — "que se pone a aerear el ambiente intelectual saturado de puro e infatigable anticlericalismo" — encuentra en los paranaenses Tasso da Silveira, Andrade Muricy y Brasilio Iteberé, además de fuertes sostenes, incansables líderes.

Actualmente renace el tinterés literario, con grande vigor y pujanza, en la joven metrópoli de la Tierra de los Pinares.

ZUSAMMENFASSUNG

In dieser Arbeit bietet der Autor einen kurzen Ueberblick ueber das literarische Leben des Paraná, von seinen Anfängen bis zu den heutigen Tagen.

So sehen wir, dass *Fernando Amaro de Miranda* die Ehre und der Ruhm zukommt, "die fernste Stimme der Terra das Araucárias zu sein, sofern nicht zukunfftige Forschungen auf die "dunkle Zeit von dreieinhalb Jahrhunderten, die der Geburt des Paraná voranging", Licht werfen und das Gegenteil beweisen sollten.

Im Gegenstand zu ihrem berühmten Vorgaenger konnte *Júlia da Costa*, eine andere kristalline Stimme des ersten Augenblicks, einer schrittweisen Entwicklung der Provinz bis weit hinaus bewohnen.

Zu der Gruppe der *Vorläufer* der Literatur das Paraná gehoeren noch die folgenden romantischen Dichter: João Batista Ribeiro, Emílio Nunes Correia de Menezes, Antônio Martins de Araújo, Teresio Pôrto und, der Gruender der dramatischen Literatur in diesem Staate, Teófilo Soares Gomes.

Dann entsteht die *erste eigentliche literarische Generation*, in der wir die Namen von Antônio Ribeiro de Macedo, José Morais, Luís Ferreira França, Antônio de Camargo Pinto, Joaquim Serapião do Nascimento, Gabriel Pereira, Albino Silva, Rocha Pombo und Lúcio Ferreira finden.

Diese Persönlichkeiten und diejenigen der *Vorläufer* "vereinigen sich zu einem einzigen Block und fullen einen ersten klaren Abschnitt der nationalen Geschichte des Paraná mit ihrer kulturellen und schoepferischen Taetigkeit".

Dieser Abschnitt ging in einen zweiten ueber, "von groeßerer Kuehnheit und mit weiteren Horizonten, welcher der langen naturalistisch-symbolistischen Periode der nationalen Literatur entsprach und durch Leóncio Correia, Emílio de Menezes, Dias da Rocha Filho,

Leóncio Correia, Emílio de Menezes, Dias da Rocha Filho, Domingos Nascimento, Emiliano Pernetá, Nestor Vitor, Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Pernetá, Antônio Braga, Romário Martins, Jaime Balão and others.

The principal fact of this period is the appearance, in 1895, of the magazine *O Ceiaúno*, implanting a symbolist movement in Paraná and transforming Curitiba, "the most humble provincial capital of that time", into perhaps the first literary center of Brazil.

However, the central figure of another symbolist movement of greater importance is — Euclides Banderia — who places the ideological interest in a position of prominence, in which he is supported by numerous journalists, poets, short-story writers, novelists and chroniclers of "incessant activity", resulting from here the progress of intellectual life, the enrichment of the bibliography of Paraná and "generous resonance to the work" of the pioneer group of the former period.

However, with the escape of the "bucolic hour of dreams" — due to the perspectives of a great economic progress — the intellectual preeminence of Paraná seems about to fall, inaugurating, "with the foundation of its University, a new era in its destiny of culture".

The *Modernist Brazilian Movement* — which brings a wave of fresh air to an intellectual environment saturated with complete and tireless anticlericalism" — finds, besides strong support, indefatigable leaders in the "paranaenses" Tasso da Silveira, Andrade Muricy and Brasilio Iteberé.

At present, literary interest is being reborn, with great vigour and strength, in the young metropolis of the Land of the Pine-groves.

Domingos Nascimento, Emiliano Pernetá, Nestor Vitor, Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Pernetá, Antônio Braga, Romário Martins, Jaime Balão und verschiedene andere eingeleitet wurde.

Das hervorstechende Ereignis dieser Periode ist das Erscheinen der Zeitschrift "O Ceiaúno", im Jahre 1895, womit die symbolistische Bewegung im Paraná begonnen und Curitiba, "die ganz bescheidene Provinzhauptstadt von damals", vielleicht zum ersten literarischen Mittelpunkt Brasiliens wurde.

Zur wichtigsten Persönlichkeit einer anderen Bewegung wird der welcher das *ideologische Interesse* in den Vordergrund rueckt, worin er und Chronisten von "ueberschaunender Aktivitaet" unterstuetzt wird, bens, die Anreicherung der Bibliographie und des intellektuellen Lager Widerhall auf das Werk" der "Schar der Pioniere der vorhergehenden Bewegung" folgt.

Immerhin, mit dem Ablauf der "traumerischen, idyllischen Stunde" — mit der Aussicht auf eine maechtige wirtschaftliche Verankerung — seiner Universitaet wird ein "neues Zeitalter in seinem kulturellen Schicksal" eingeweiht.

Die *Modernistische Bewegung Brasiliens* — "welche die von reinem und uerneruellichem Antiklerikalismus gesaettigte geistige Atmosphaere", findet in den Paranaensern Tasso da Silveira, Andrade Muricy und Brasilio Iteberé nicht nur kraeftige Unterstuetzung, sondern auch unermuedliche Fuehrer.

Zur Zeit erwaecht das literarische Interesse in der jungen Hauptstadt des Landes der Pinienwaelder wieder mit ganzer Kraft.

Cem Anos de Ensino no Estado do Paraná



PROFESSOR ALIR RATACHESKI

É alto funcionário da Secretaria de Educação e Cultura. Jornalista, tem colaborado em numerosos jornais do Paraná. Dirigiu um jornal de divulgação democrática, O LIBERTADOR, de cujo partido era órgão.

EM 1853, quando instalada a Província do Paraná, o presidente Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcellos dirige à Assembléa Provincial minucioso relato da situação do ensino, lamentando a falta de preparo técnico dos professores e o baixo vencimento, que lhes era pago. Naquele dia um professor paranaense percebia vinte e quatro mil réis por mês e pagava o aluguel da casa destinada a esse mister. Interessante é ressaltar que, conforme menciona Zacarias de Góis, um pedreiro ganhava, em média, cinquenta mil réis mensais. O desprestígio da cultura não é mal de hoje...

Foi Zacarias de Góis o primeiro que, no Paraná, proclamou ser o ensino primário obrigatório, quando no seu relatório assim se expressou: "Conforme legislação em vigor, é lícito a cada um enviar às escolas seus filhos ou deixar de fazê-lo. Eu reclamo, insistentemente, de vossa sabedoria (Assembléa Provincial) e patriotismo disposições severas que tornem o ensino obrigatório"... "Obriga-se o povo à vacina, prossegue Zacarias de Góis, e éle obedece ou deve obedecer sem reparo, porque é um meio de preservar-se de um flagelo fatal. Ora, a instrução pública é, por assim dizer, uma vacina moral que preserva o povo do pior de todos os flagelos conhecidos e por conhecer — a ignorância".

Zacarias de Góis foi, também, o precursor do ensino feminino nesse Estado.

Por essa época predominava, ainda, o poder patriarcal, estrutura da vida social brasileira. O chefe da família exercia sobre seus filhos e subordinados um poder discricionário. A mulher, dentro do patriarcalismo, era eterna pupila do homem. Um ser inferior, necessitado de proteção. A vida que levava era de grande retraimento. Viviam enclausuradas na Casa-Grande, cercada pelas mucamas, a coser, fazer rendas, olhar a cozinha. Quando saía, era para ir à missa, nos dias de festa, porque nos outros ouvia-a ali mesmo, na capela da fazenda.

Zacarias de Góis, sentindo a importância da mulher na educação, rompeu no Paraná a estrutura dessa sociedade, proclamando: "A instrução do sexo feminino não só é uma dívida sagrada do Estado para com as mulheres... pois é por esse meio seguro e eficaz que se pode derramar e generalizar pelo povo o ensino primário e o verdadeiro progresso, visto que a experiência mostra não haver exemplo de mãe, que saiba ler e escrever, cujos filhos não o saibam, mesmo que não frequentem a escola, de sorte que instruir as meninas é de algum modo criar uma escola em cada família".

Eis a orientação do primeiro estadista do Paraná. Inspirado pelas idéias liberais, pregadas pela maçonaria e pela influência dos primeiros pruridos do positivismo, Zacarias de Góis imprimiu no Paraná a orientação educacional sadia e, pode dizer-se, teve a visão clara do que seria esse Estado cem anos depois.

Em 1853 o número de alunos matriculados nas diversas Escolas Públicas e Particulares, de acordo com o relatório apresentado pelo secretário do governo, Augusto Frederico Colin, era de 711 crianças, sendo que mais de dois terços do sexo masculino. A população do Paraná era, então, de 120.000 habitantes.

A primeira Assembléa Legislativa paranaense, que se reuniu em 1854, criou vinte novas escolas primárias e, seguindo a orientação da lei promulgada em 15 de Novembro de 1827 pelo Parlamento Nacional, votou a lei n.º 17 de 14 de Setembro de 1854, lei do ensino primário e secundário. Em seu artigo 12 instituiu a instrução primária obrigatória.

Em 1854 eram as seguintes as cidades onde existiam Escolas primárias: Curitiba 3, Campo Largo 1, Iguçu 1, Votuverava 1, São José dos Pinhais 1, Lapa 2, Rio Negro 1, Castro 2, Tibagi 1, Ponta Grossa 1, Paranaguá 4, Guaraqueçaba 1, Guaratuba 2, Morretes 2, Pôrto de Cima 1, Antonina 2; destas, 8 eram destinadas ao sexo feminino e regidas por professoras. As demais ao sexo masculino e regidas por professores. Não existiam, ainda, as Escolas mistas, conquista pedagógica de muitos anos mais tarde.

ENSINO PARTICULAR

A contribuição do ensino particular, no setor da educação primária, foi de real importância, no alvorecer da Província. E essa contribuição veio aumentando na proporção do progresso do Estado.

Desde antes da emancipação política do Paraná existiam Escolas particulares. Já em 1829, por iniciativa de João da Silva Machado, futuro Barão de Antonina, haviam-se localizado à margem do Rio Negro, em rincão pitoresco, fecundo e saudável, os primeiros colonos alemães, alicerces do desenvolvimento da cidade de Rio Negro, e ali fundado a primeira Escola de ensino particular dos colonos alemães, no Paraná. Foram eles, também, que introduziram no Paraná o pinheiro do Natal em nossos costumes, tão evocativo para nossa civilização cristã.

Só depois da instalação da Província é que Rio Negro foi distinguido com o ensino público.

Em Paranaguá o suíço Perret Gentil, que ali desembarcou em 1852, fundou a colônia de Superagui. Sob a influência de um dos colonos, Sigwalt, homem que se tornou o patriarca da terra, também foi instituída Escola de ensino particular.

Em 1860 se estabeleceram a noroeste de Curitiba colonos irlandeses, criando a colônia Assungui (hoje Cêrro Azul), onde fundaram Escola para educação de seus filhos. Entretanto, a dificuldade de comunicação da colônia com os centros consumidores fez com que ela e sua Escola desaparecessem.



1908 — CAMPO LARGO — ESCOLA PROF. VALÕES

Da esquerda para a direita: Prof. Valões, José Vidal, Francisco Vidal, Montebitor Celso, Francisco Portugal, Afílio Barbosa (único sobrevivente) e Arízides Padilha.

Em 1868 localizaram-se nas imediações de Curitiba colonos franceses, polacos e italianos, fundando as colônias de Angelina, Pilarzinho, Abranches, Revere, Lamenha, Alfredo Chaves e Tomás Coelho e criando em quase todas elas Escolas de ensino particular. Foi inestimável a contribuição que o elemento novo trouxe à terra, incentivando o desenvolvimento do ensino e despertando no espírito do homem do interior o gosto pelas cousas da cultura.

PROGRAMAS DE ENSINO

O ensino primário, no advento da Província, consistia nas seguintes matérias: escrita, leitura, as quatro operações fundamentais de aritmética, prática de quebrados (frações) decimais e proporções, noções gerais de geometria prática e gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e da doutrina católica apostólica romana. Devia ser preferido, para o ensino dos alunos, a Constituição do Império e a História do Brasil. O ensino era regulado pela lei do Parlamento promulgada em 15 de Novembro de 1827, a primeira lei orgânica da instrução primária nacional, que a norteou durante quase cem anos com pequenas alterações, em virtude do ato adicional de 1834 que transferiu para as Províncias o poder de legislar sobre ensino primário, reservando-se ao poder central o direito de dispor sobre o ensino secundário e superior.

Apesar do ato adicional, o Paraná seguiu nos seus fundamentos a orientação da lei central de 1827, até 1917, quando no governo do Dr. Atosno Alves de Camargo, pelo decreto n.º 17 de 9 de Janeiro desse ano, aprovou o "Código do Ensino" que lhe foi apresentado pelo Secretário de Negócios de Estado do Interior, Justiça e Instrução Pública, Dr. Encas Marques dos Santos.

A lei de 1827 havia estabelecido diferentes programas para o sexo feminino e masculino. Enquanto estes estavam sujeitos às matérias relacionadas, os alunos do sexo feminino não estudavam geometria e na parte de aritmética só as quatro operações. Em lugar disso aprendiam prendas domésticas. Os vencimentos dos professores, masculino e feminino, eram os mesmos.

Em virtude da carência de professores essa lei adotou, no Brasil, o método de Lancaster, que consistia de um sistema prático de ensino, próprio para centros populosos onde se tornava necessária a educação de numerosas crianças por diminuto número de professores. O instrutor mais parecia administrador que regente de escola. Tinha por maior serviço ao saber dividir os alunos de acordo com suas aptidões e alcance intelectual. O ensino era ministrado através deles mesmos. Cada grupo de dez alunos (decúria) ficava sob a responsabilidade de um aluno dos mais capazes. Com isso se aumentava a capacidade de cada Escola, resolvendo-se o problema da falta de mestres.

Apesar de condenado pelos ministros do Império, Campos Verquero e Chiorro da Gama, esse método veio se arrastando até a reforma Francisco de Campos, em 1931.

PROGRESSO DO ENSINO NO PARANÁ

O progresso do ensino no Paraná foi lento, mas seguro, até 1921, quando verdadeira transformação se inicia sob a orientação de Prieto Martinez.

Em fins de 1853 existiam no Paraná 26 Escolas com matrícula de 711 alunos. Em 1865 já contava o Estado com 133 Escolas e 2.432 alunos. Destas, 89 eram particulares com frequência de 900 alunos apenas. A disseminação das Escolas não havia, ainda, beneficiado o interior. Elas se localizavam, na maioria, nas cidades mencionadas acima.

Em 1898 havia, para uma população de 500.000 habitantes, 273 professores em função e a população escolar era de 9.000 crianças. Nessa época começa a decair o prestígio do ensino particular das primeiras letras, em consequência dos proventos do ensino oficial.

Em 1856 a percentagem de crianças de 7 a 14 anos que sabiam ler era de 10,7%; portanto, 89,3% eram analfabetos. Em 1858 a percentagem decrescia para 81,2%, indubitavelmente grande progresso, naqueles dias.

Em 1862 para 79%, em 1872 para 74%, em 1875 para 69% e em 1889, 64,5%.

Em 1875 era presidente da Província do Paraná o Dr. Abranches e diretor da Instrução Pública o Dr. João Manuel da Cunha. No circunstanciado relatório do Dr. João Manuel, apresentado à Assembléa Provincial pelo Dr. Abranches, observa-se um estudo profundo e completo sobre o ensino público em geral.

Análise o diretor da Instrução Pública os mais importantes problemas educacionais, mostra o dever do Estado para com seus cidadãos, dos pais para com os filhos e seus professores e dezes para com os seus discípulos. Foi, talvez, o homem que, até aquele ano, melhor sentiu os problemas do ensino no Paraná.

Falou em seu relatório sobre o edifício escolar, seu arejamento, insolação, higiene, etc. Foi um arauto das mais recentes conquistas pedagógicas da época.

Estudou os problemas educacionais, comparou os métodos de Jacotot, Lemare, Lancaster e Flobert, os mais ilustres pedagogos da época. Pelou um terreno, anexo à Escola, destinado ao ensino rudimentar da agricultura. É preciso, disse ele, "que a nação, assim como tem quartéis para seus soldados, hospitais para seus enfermos, em cada cidade, ao menos, e por enquanto, para suas ciências, também levante um hospital, que se chame — Escola Pública, ornado de cartaz murais, mapas, quadros, etc., verdadeira máquina de centuplicar as forças da inteligência, de suavizar os processos do trabalho mental... O mestre, a corporação docente, é o fundamento da Escola, prossegue o Dr. João Manuel. Falar sobre discípulos é tocar no mais melindroso ponto da filosofia do direito paterno. Dêse ponto decorre a inelutável obrigação de todo aquele que dá a vida a outro: sustentá-la, dirigila e aperfeiçoá-la. A esta obrigação primordial e sagrada dos pais corresponde nos filhos o direito de serem criados e educados até onde as posses daqueles o permitirem e enquanto estes não adquirirem forças e facultades para que se possam dirigir e manter... Pais e maes, continua o Diretor da Instrução Pública, sois vós os verdadeiros diretores e inspetores de ensino. A causa é vossa. De hoje em diante teréis uma cadeira de honra em todas as aulas da Província para, sob vossas vistas, debrixo da vossa imediata inspeção, todas as semanas ou todos os meses avaliardes o progresso moral e intelectual de vossos filhos. Não me objetai com a inopia de vossas habilitações para isso, pois é tão estreitado o amor paterno e materno nesta abençoada terra da América que aquele que não souber há de adivinhar o grau de aproveitamento de seu filho. Chamai muitas vezes o mestre em vossa casa e convivi com ele, já que é o depositário do vosso maior tesouro, para que, se for digno dêse sagrado depósito, o animeis a guardá-lo e, se tornar-se indigno dele, o denunciéis à reprovação pública.

"A base, disse ainda, dêse desconhecido templo que irradia a luz a todos os povos da terra é o mestre. O mestre-escola, sentado em sua obscuro e empoadada cadeira, está ali a jogar com os destinos da humanidade. Elevai-o, pois; considerai como pai comum de todas as famílias o educador digno de tal nome. Seja ele o conviva obrigatório em vossos dias de festa; ele será o vosso companheiro sincero e fiel nos dias nelastos da tribulação... Como a liberdade é a instrução em potência, pode fazer o bem ou o mal... "A mãe é a origem dos afetos mais ternos e dos sentimentos mais delicados; é ela que semeia em tôrno dos pequenos seres que a cercam na época mais melindrosa de sua existência os germes das sólidas virtudes que devem ser os fundamentos da sua vida inteira; por isso, cada menina que for doutrinada pelas vossas escolas será uma futura instituidora no seio do lar doméstico... "

Quanto amor ao ensino, quanto idealismo, quanta espiritualidade encerra esse brilhante e inexcitável relatório. Transcrevemo-lo, quase na sua íntegra, porque encerra uma mensagem eterna a mestres, alunos e pais. É uma peça de raro esplendor literário que deveria ser conhecida em todas as Escolas.

Outro grande vulto da educação foi o Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, cognominado o "benemérito presidente da Província". Grande reformador e benfeitor da instrução pública. Em 22 de Agosto de 1884, ao necessitar do Ensino, que conhecia tão de perto, uma vez que vivia nas dentro das Escolas do que no seu gabinete de Presidente.

Entre outras cousas o ilustre presidente Oliveira Bello disse: "Da educação física nem se pensa, ignora-se que a função cerebral depende das condições higiénicas dos órgãos em que se exercita, que o homem é o produto do ensino, produzindo o estagnamento mental que os métodos verbalistas da nacionalidade brasileira, evada de tizeba, atonia, irresolução e automa-

dade u a circunscrição escolar, fiscalização e propaganda com subdivisões de frequência e da distribuição do arrolamento da população estudantil, do controle da ditados. 17 circunscrições constituíram o fundo escolar para o fornecimento de roupa às crianças pobres, o que foi feito com recursos coletados na libelares e cooperativas" existentes em todos os grupos escolares.

Depois do Dr. Brasilio Machado o Paraná foi governado por Alfredo d'Escagnolle Taunay, misto de estadista e escritor, a cujas inclinações predificais artes, deixando indelevelmente seu nome ligado a essa

Homem de cultura superior, sentiu, tão logo chegado ao Paraná, a realidade do ensino, quando em 1886 proclamou: "Não me cansei de visitar Escolas pelo grande número de localidades que percorri. Estou mais ou menos habilitado a formar juízo seguro a respeito da Instrução Pública do Paraná. Achei, no geral, e com raras exceções, um professorado bastante acabado em suas vistas e processos de ensino, mas que busca cumprir o seu dever".

Em 1889 a queda da Monarquia e o advento da República Presidencialista vieram trazer a confusão e a intranquilidade ao ensino que já se encaminhava para a perfeição.

D. Pedro II, o rei filósofo, expulso do país pela intransigência dos republicanos, quando recebeu o ultimatum para dele sair, perguntou aos brasileiros se não poderia ficar para dedicar-se ao magisterio e parece que repetiu-se o episódio francês, quando Lavoisier pediu mais quinze dias de vida para terminar a sua experiência científica, ao que os revolucionários responderam não mais precisar a França de cientistas.

Não vemos na República nenhum mal. As Monarquias tiveram o seu tempo e estão sepultas. A calamidade que se nos mostra é a República nos moldes da nossa, República Presidencialista, causa da decadência que se verifica em todos os setores da vida nacional, com repercussão profunda no ensino.

A Carta Magna de 1891 foi laconica no que se referia ao ensino nacional. Por isso mesmo a legislação ordinária cuidou do assunto e cuidou muito mal. Os ministros, pela técnica do regime adotado, são irresponsáveis, como o são todos os altos funcionários do Poder Executivo; passaram a seguir reformas sobre reformas, daí advindo a balbúrdia que desde 1889 impeta no ensino. A única reforma proveitosa, sem ser a que melhor consulta os interesses nacionais, foi a de Francisco de Campos, em 1931, com salutar reflexos no ensino primário, embora este, desde 1834, fôsse orientado pelos poderes estaduais. Isto não significa que os Estados a balbúrdia do ensino primário não acompanhasse o ensino sob a jurisdição federal. Cada Diretor de Educação, cada novo Secretário, vê na educação um laboratório destinado às suas experiências e disso não passa. No atual regime político do Brasil não há continuidade administrativa e para a instrução, principalmente, não pode existir mal maior. Não é culpa ou displicência dos homens, é do regime. Um sistema pedagógico não se fixa em quatro ou cinco anos. É necessário muito mais tempo e isto não tem acontecido no Brasil e nem no Paraná porque a preocupação maior dos políticos presidencialistas é destruir tudo o que seus antecessores fizeram.

A República veio encontrar o Paraná com 6.848 crianças de 6 a 15 anos matriculadas nas Escolas. O recenseamento de 1890 assinalou para o Estado a população de 249.491 habitantes, sendo 128.209 homens e 121.282 mulheres. O município mais populoso era o de Curitiba, com 24.553 habitantes, seguido de Lapa com 17.122.

Até 1903, imitando o governo federal, houve no Paraná várias reformas nos regulamentos da Instrução Pública.

Surge aí um grande presidente, Dr. Francisco Xavier da Silva, o maior disseminador de Escolas pelo interior do Estado, era aquela época. Era sua preocupação diuturna reduzir o índice de analfabetismo em seu Estado, que vinha aumentando, assustadoramente, desde a implantação da República. Em 1889 era de 64,5%, em 1903 de 71%. Em 1903 funcionavam 198 Escolas de instrução primária, sendo 55 do sexo masculino, 29 do feminino e 114 mistas. A regência dessas escolas estava a cargo de professoras, em mais de dois terços. A matrícula era de 8.441 alunos, dos quais 4.748 do sexo masculino e 3.693 do feminino. Os números revelam que o apêlo de Zacarias de Góis, em 1853, em favor do ensino feminino, fôra ouvido pelos paranaenses.

Em 24 de Fevereiro de 1904 assumia a presidência do Estado para o qual fôra eleito, em 1903, o benemerito Dr. Vicente Machado, que, anteriormente, havia ocupado várias funções públicas. Sua atuação frente aos problemas do ensino foi a de um homem de extraordinária visão. Procurou dignificar o magisterio, proclamando por mais de uma vez que o destino da nação estava ligado intimamente à Escola primária. Seguiu a esteira do Dr. Xavier da Silva, levando aos mais afastados centros a Escola primária. Seu grande mérito, porém, é o de ter mandado fundar, no seu governo, o primeiro jardim de infância do Paraná, que se denominou Maria de Miranda.

É necessário que, nesta altura, seja mencionada a contribuição extraordinária que começa a prestar ao Paraná a PROVÍNCIA BRASILEIRA DAS IRMÃS DE CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULA.



1908 — São Mateus do Sul.
Instituto Imaculada Conceição.



1911 — Campo Largo, "terra das magnólias". — Grupo Escolar Macedo Soares.

A dedicação e o amor ao ensino revelados pelas Irmãs dessa Congregação são inextinguíveis. Sua contribuição ultrapassa os limites do ensino em si para esparrisar-se através dum bem inspirada orientação social, como o revelam os inúmeros estabelecimentos que possuem, destinados ao abrigo de jovens desemparrados e daqueles cuja situação econômica não lhes permite estudar. Sua sede está localizada no Estabelecimento denominado "Casa Central das Irmãs de Caridade", à Avenida Manuel Ribas, 2, em Curitiba. Conta a Província com 19 estabelecimentos de ensino, espalhados pelos mais distantes lugares do Paraná. O primeiro foi o Instituto São José, em Abranches, no município de Curitiba, fundado em 1904, estando hoje com mais de 400 alunos matriculados. A seguir foi criado o Instituto Santa Sofia, em Prudentópolis, no dia 10 de Julho de 1907. A matrícula em 1953 foi de 135 alunos. O Instituto Imaculada Conceição, de São Mateus do Sul, foi fundado em 2 de Setembro de 1908.

Estão matriculados no ano do centenário do Paraná 107 alunos. Em 2 de Outubro de 1912 inaugura-se em Rio Claro do Sul, município de Malet, o Instituto Santa Clara. Em Tomás Coelho, município de Araucária, é fundado em 2 de Janeiro de 1913 o Instituto São Vicente de Paula, onde estudam, em 1953, 80 alunos, sendo mais de 40 órfãos, que ali recebem todo conforto. O Abrigo de Menores do Portão, uma das instituições modelares no gênero, destinado ao amparo de meninas órfãs, fundado em 16 de outubro de 1925, é dirigido por Irmãs dessa Congregação. É, assim, o Instituto Sagrado Coração de Jesus, de Araucária, fundado em 15 de Junho de 1928, o Instituto São Miguel, de Ivai, no município de Ipiranga, fundado em 6 de Janeiro de 1932, o Instituto Nossa Senhora das Mercês, de Curitiba, fundado em 30 de Janeiro de 1932, o Instituto Divina Providência, da cidade de Malet, fundado em 15 de Março de 1936, o Instituto São José, de Virmond, município de Laranjeiras do Sul, fundado em 29 de Janeiro de 1937, o Instituto Santa Ana, de Laranjeiras do Sul, fundado no dia 10 de Abril de 1938, o Instituto Santa Teresinha, de Pitanga, fundado em 12 de Janeiro de 1942, o Instituto Santa Teresinha, de Imbituva, fundado em 9 de Janeiro de 1933, o Instituto Imaculado Coração de Maria, de Toledo, fundado em 1.º de Fevereiro de 1948, o Instituto Santa Cruz, de Campo do Mourão, fundado em 14 de Fevereiro de 1950 e o Instituto Santa Luísa, de Porecaru, fundado em 17 de Julho de 1952, além de estabelecimentos de ensino secundário que mantêm, representam o esforço eloquente da Congregação no desenvolvimento do ensino no Paraná.

Em 8 de Abril de 1920 novas perspectivas se abrem para o ensino em São Paulo, na Escola Normal de Pirassununga, onde era diretor, César Prieto Martinez granjeava fama em todo Estado, projetando-se além de suas fronteiras. Tão logo assumiu a presidência do Estado, em 1920, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha procurou cercar-se de técnicos e o nome de Prieto Martinez foi o escolhido para dirigir os destinos da educação no Paraná. Entrou o governo do Paraná em contato com o Dr. Altino Arantes, de São Paulo, e obteve d'este a autorização para que Prieto Martinez viesse ao Paraná.

Pela lei n.º 1.927, de 12 de Março de 1920, foram centralizadas as Secretarias dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, dos Negócios da Fazenda, Agricultura e Obras Públicas, em uma só Secretaria que se denominou Secretaria Geral do Estado e entregue ao Dr. Marins Alves de Camargo.

E foi em 8 de Abril que o Dr. Marins teve o primeiro contato com esse vulto extraordinário do ensino nacional, prof. César Prieto Martinez, que veio ocupar o cargo de Inspetor Geral do Ensino, sob a jurisdição da Secretaria Geral do Estado.

Por mais que se estude a obra de Prieto Martinez, no Paraná, não se chegará a formar um critério justo para qualificá-la, tal a grandeza do que realizou. Seu nome, na educação, está intimamente ligado ao governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha, homem de alta visão administrativa e grande dedicação à causa pública. Foi no seu governo, com Prieto Martinez, que se estabeleceram as linhas mestras do ensino paranaense. O governo, inspirado por Martinez, além de estabelecer os fundamentos do ensino, deu aos



1928 — Araucária.
Instituto Sagrado Coração de Jesus.

Grupo Escolar Oliveira Bello e Carvalho	60.000\$000.
Jardim de Infância Maria Miranda	50.000\$000.
Casa Escolar Vicente Machado	35.000\$000.
Jardim de Infância E. Ericksen	50.000\$000.
Casa Escolar Barreirinha do Abú	7.000\$000.

Em 7 de Setembro de 1922 o ensino paranaense comemorou festivamente o centenário da independência. Mais de 20.000 crianças em todo o Estado deram às solenidades um aspecto novo. No pátio de cada escola foi plantado um pinheiro.

Em Curitiba o senhor presidente do Estado, Dr. Caetano Munhoz da Rocha, realizou essa cerimônia na praça Santos Andrade, junto do local onde se ergue a herma do padre Ildefonso Xavier Ferreira. Em um dos grandes e belos canteiros, na parte vizinha do local mencionado, S. Excia. depositou algumas sementes de araucária que meses depois brotaram com vício e beleza. Às dez horas, após a missa campal celebrada pelo arcebispo D. João Braga, realizou-se o ato da inauguração do Palácio da Instrução (Instituto de Educação), mandado construir pelo grande presidente. Estiveram presentes a esse ato, além das autoridades estaduais, os alunos da Escola Normal, dos grupos escolares Modéio, Tiradentes e Oliveira Bello, uniformizados de branco. Falou sobre a cerimônia o Dr. Lisimaco Ferreira da Costa, diretor do estabelecimento.

A noite, houve, no antigo teatro Guara, a sessão magna presidida pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Os alunos dos grupos acima mencionados ali estiveram presentes, entoando o hino Nacional, da Independência e da Bandeira, acompanhados pela banda da Força Militar do Estado. Nessa ocasião falou o senhor Presidente, pronunciando o seguinte discurso: "Senhores:

Vou encerrar a sessão, sessão solene, única, por ser excepcional o motivo que aqui nos reúne — a comemoração, sem igual na vida de uma descendência, do Centenário do Brasil Nação — lendo a mensagem que, nesta data gloriosa, dirijo ao Poder Legislativo do Estado, mensagem que, neste momento mesmo, passo às mãos do seu ilustre Presidente para que se digne submetê-la, na próxima reunião do Congresso, à consideração dos seus pares, como eu agora a entrego à vossa apreciação, à sanção popular:

Sr. Presidente e demais membros do Congresso Legislativo do Estado: No dia em que o Povo Brasileiro comemora o primeiro Centenário da Independência Política da Pátria, dirijo-me a essa ilustre Corporação para sugerir a idéia de serem revogadas as disposições de lei pelas quais foram adotados a hino e a bandeira do Estado. O Paraná, que já tem edificado as demais unidades da Federação com belo exemplo de civismo, fazendo desaparecer as divergências de limites com Estados vizinhos, toma agora a iniciativa de um gesto tão patriótico e que só virá estreitar mais ainda os laços da Federação".

Caetano Munhoz da Rocha, cujo espírito se formara sob o influxo do Cristianismo e dos filósofos do Direito Natural, foi o primeiro paranaense estadista que procurou estender a mão a todos os povos, raças e religiões. Ele desejou um mundo só, sem fronteiras, sem ódios, sem patriotismos exaltados. Quando o universo está às portas de mais u'a catástrofe ressurge em nosso espírito a proclamação desse estadista e lamentamos que o mundo inteiro não tenha pensado com ele.

As solenidades de 7 de Setembro prosseguiram. No dia 12, às 16,30, teve lugar a cerimônia da inauguração da herma do padre Ildefonso Xavier Ferreira, na praça Santos Andrade. 5.000 crianças cantaram o hino da independência, regido pelo maestro Soriani. Falou o Secretário Geral do Estado, Dr. Marins Alves de Camargo. Findo o discurso foi desvendada a herma pelo senhor governador e cantado o hino nacional.

Antes de desfilar novamente o préstito escolar, foi entoado o hino da "Glória", especialmente composto para esse dia pelo maestro Soriani e escrito pelo poeta paranaense Francisco Leite.

Em 1923 o Paraná possuía 27 grupos escolares com a matrícula de 9.291 alunos e 605 Escolas isoladas com a matrícula de 27.602 alunos. Nas Escolas particulares a matrícula foi de 11.569 alunos. Existiam em função 104 normalistas, 150 professores efetivos, 150 federais, 39 provisórios e 168 subvencionados pelo Estado. Em Curitiba funcionavam 66 Escolas.

No ano de 1924 o governo Munhoz da Rocha prossegue empenhado no objetivo de reduzir o índice de analfabetos. As Escolas mantidas pelo Estado estavam distribuídas de modo a atender às necessidades das populações, tanto centrais como rurais. Diversos municípios já possuíam Escolas em número suficiente para a sua população infantil, como os de Ponta Grossa, Campo Largo, Morretes, Palmeira, São José dos Pinhais, Araucária, Rio Negro, Deodoro, Tamandaré, Conchas, Prudentópolis, Paranaíba, Antonina e Lapa, além de Curitiba.

A matrícula nas Escolas primárias foi de 51.869 alunos, assim distribuída: Escolas do Estado, 39.065, Escolas do Ministério da Agricultura, 1.118 e Escolas particulares, 11.686 alunos. Dos 39.065 matriculados em Escolas do Estado, 12.322 distribuíram-se nos grupos escolares e 26.743 nas Escolas isoladas. Na Capital matricularam-se 9.407 alunos, em Ponta Grossa, 2.040, Paranaguá, 1.854, São José dos Pinhais, 1.688, Palmeira, 1.308, Campo Largo, 1.261, Rio Negro, 1.191, Lapa, 1.008 e Prudentópolis, 1.001.

Foram alfabetizados em 1924 e promovidos para segunda série 6.228 alunos. Para a terceira, 3.254, para a quarta, 1.496 e concluíram a quarta série 405 alunos. Funcionaram em 1924 35 grupos escolares, 4 jardins de infância e 2 Escolas intermediárias com 223 classes e 529 Escolas isoladas. O decréscimo de isoladas se justifica pelo grande número de grupos escolares criados nesse ano por Munhoz da Rocha. Foram regidas por 71 normalistas, 138 professores efetivos, 52 provisórios, 133 subvencionados federais e 135 subvencionados estaduais.

Nessa época o Brasil atravessava situação de verdadeira insegurança. Governava Artur Bernardes, cujo período administrativo decorreu perturbado por violentas revoluções de ordem partidária, vivendo o país em "estado de sítio" durante quatro anos. Nas revoluções que então tiveram lugar, havia muito de pretensões insatisfeitas, de despejo e abuso de mando e da parte de vários, a vontade de restaurar a República, abalada com a má administração.

Isidoro Lopes, em São Paulo, nesse ano, chefiou um dos movimentos, apossando-se da capital paulista, onde permaneceu três semanas. Em seguida retirara-se para Mato Grosso. Daí percorreu vários pontos do país, até serem suas tropas dispersas, em 1926.

Numa dessas incursões contra-investidas as tropas de Isidoro invadem a zona limítrofe do Paraná, oeste de São Paulo e sul de Mato Grosso, fato que desarticulou a vida das populações paranaenses circunvizinhas. Essa circunstância impediu se realizassem os exames em diversos municípios do Estado.

Também no mesmo ano grassou séria epidemia de varicela que se estendeu por todo Estado, razão pela qual as promoções nos estabelecimentos de ensino primário não alcançaram o que era de esperar-se.

Em 1.º de Fevereiro de 1926 o incansável governador Caetano Munhoz da Rocha, apresentando o relato das atividades de 1925 à 1.ª Sessão da 18.ª Legislatura, assim se expressou: "Tenho me esforçado, senhores deputados, resoluta e tenazmente, desde os primórdios da minha administração, objetivando a mais ampla difusão do ensino em nosso Estado, procurando dotar o departamento de instrução pública de todos os elementos que assegurem o cabal desempenho dos grandes encargos que lhe estão afetos e sinto-me feliz em poder apreciar ainda no meu governo a farta messe de benefícios prodigalizados à infância e à mocidade do Paraná nos domínios da instrução". E Caetano Munhoz da Rocha foi um homem sincero.

Suas palavras traduziam fatos. A matrícula de 1925 foi de 29.231 alunos nas Escolas isoladas, 11.377 nos grupos escolares, 490 nos jardins de infância, 244 nas Escolas intermediárias e 12.205 nas Escolas particulares. Funcionaram 36 grupos escolares. Foram alfabetizados 10.368 alunos, promovidos para a segunda série 6.554, para a terceira, 3.763, para a quarta, 990 e concluíram o curso 1.962. Os professores com exercício nos municípios do norte do Estado e em outros distritos, onde as condições de vida eram difíceis, por sugestão de Pietro Martinez, tiveram seus vencimentos melhorados em cem cruzeiros pelo projeto que se tornou a lei n.º 589 de 8 de Junho de 1925, encaminhado por Caetano Munhoz da Rocha.

O governo, no sentido de amparar os alunos pobres que terminavam o curso primário e não podiam deslocar-se para os centros mais populosos, a fim de gozar dos benefícios da instrução secundária, criou o ensino complementar primário, dando assim início ao ensino profissional no Paraná. O decreto de criação dessas Escolas tomou o número 887 de 8 de Agosto de 1925 e a primeira Escola no gênero foi instalada no dia 15 de Agosto desse mesmo ano no Grupo Escolar "Senador Correia", em Ponta Grossa.

Preocupado com a formação do professor primário efetivo, resolveu o governo criar as Escolas Complementares Normais, com o curso de um ano, dividido em dois semestres, ministrando pela manhã o ensino de aperfeiçoamento de português, aritmética, geografia, história, moral e educação cívica, conjuntamente com as indispensáveis noções teóricas de pedagogia e à tarde



A esquerda: Dr. Gaspar Duarte Veloso,
Diretor da Educação (1933).

A direita: Dr. Antonino Pamphilo dos Santos,
Diretor da Educação (1944).



1931 — Curitiba.
Escola Vila Santinha.

o ensino prático, também indispensável, inteiramente semelhante ao ministrado na Escola de Aplicação da Capital. Tais Escolas representam mais a realização feliz do governo Munhoz da Rocha, sempre inspirado no setor do ensino por Prieto Martinez.

O decreto nº 16.782-a, do governo Federal, de 13 de Janeiro de 1924, que reorganiza a instrução secundária e superior da República, preconizou a intervenção federal no ensino primário, mediante acórdão firmado com os Estados, sem ferir os princípios constitucionais. Assim o Paraná passou a estabelecer acordos com a União, fato que muito contribuiu para o desenvolvimento do ensino paranaense.

A educação complementar, iniciada no ano anterior em Ponta Grossa, começa a tomar vulto. Já existem no Estado 3 Escolas desse gênero, duas em Ponta Grossa e uma em Curitiba.

Apesar da intranquilidade reinante em todo país, o Paraná realizou muito no setor do ensino em 1926. Foram instaladas mais 135 Escolas primárias, os Grupos de Marechal Mallet, Teixeira Soares e Afonso Camargo, as Casas Escolares de Mandirituba e João Eugênio e as Escolas Complementares de Paranaguá e Rio Negro. Era de 1.088 o número de Escolas isoladas, 3 complementares, 41 grupos escolares, 5 jardins mantidos pelo Estado e 2 por particulares.

Pela lei nº 2.403, de 23 de Março, foi criada a Escola Maternal de Curitiba, instituição que até hoje vem prestando relevantes serviços à coletividade.

A matrícula em 1926 foi de 45.795 alunos nas Escolas públicas, 13.512 nas particulares, 491 nos jardins mantidos pelo Estado e 265 nos jardins particulares.

297 normalistas regeram o ensino primário, 238 professores efetivos, 229 provisórios, 101 subvencionados pelo Estado, 120 pelo governo Federal, 7 professores de categoria especial e 66 professores auxiliares de ensino.

Em 1927 o governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha criou mais 96 escolas isoladas, 9 grupos escolares, nas cidades de Foz do Iguaçu, Cambará, Pirai, Carlopólis, Santo Antônio da Platina, Colônia Mineira, Tomazina, Entre Rios e o D. Pedro II, na Capital. Destarte, elevou-se para 50 o número de grupos escolares do Estado. Foram criadas mais três Escolas complementares, uma em Foz do Iguaçu, uma em Guarapuava e outra em Castro. Os cursos foram ministrados por 330 normalistas, 290 professores efetivos, 438 provisórios, 78 subvencionados pelo Estado, 120 pelo governo Federal e 13 professores de categoria especial.

Nos moldes da Escola Normal Primária que vinha funcionando em Ponta Grossa com resultados admiráveis, começou a funcionar em Paranaguá outra Escola desse gênero, cuja direção foi confiada ao professor Sigismundo Anrnes Netto, tendo como Secretário Tupy Pinheiro.

No ano de 1928 Caetano Munhoz da Rocha, até então um dos mais notáveis administradores do Paraná, passa o governo ao Dr. Afonso Alves de Camargo, ilustre e sábio paranaense. Afonso Camargo, apesar da sua cultura invejável e do seu ingente esforço, não deixou seu nome ligado ao ensino, como seu antecessor. Homem boníssimo, que nada sabia negar, não conseguiu manter a unidade administrativa do governo anterior. Quis governar pelo coração e não foi feliz.

Ao lado da balbúrdia administrativa que se implantou, a situação econômica do Estado tornou-se crítica e a revolução, dois anos depois, viria agravar mais ainda esse estado de cousas, que culminou com a sua queda.

Apesar disso, no ano de 1928, ainda houve sensível progresso no setor do ensino, seqüência do governo anterior. Foram instalados mais dois jardins de infância, um na cidade de União da Vitória e outro na de Jacarezinho e uma Escola Maternal, anexa à Sociedade Socorro aos Necessitados, composta de creche, jardim e curso doméstico. Foram criadas, também, as Escolas Complementares Normais de Jacarezinho e União da Vitória. A matrícula foi de 53.943 alunos no curso primário, 665 no complementar e 15.769 no ensino primário particular.

A instrução foi ministrada por 361 normalistas, 348 efetivos, 568 provisórios, 42 subvencionados pelo Estado, 120 pelo governo Federal, 16 professores de categoria especial e 106 professores adjuntos efetivos.

Ao assumir o governo, o Dr. Afonso Camargo distribuiu os serviços, afetos à Secretaria Geral, por mais de uma Secretária, ficando a Instrução Pública subordinada à Secretaria do Interior.

A agitação política continuava dominando o espírito nacional. Preparava-se a Nação para o pleito de 1930. Washington Luiz, apoiando a candidatura Júlio Prestes, provocou a exaltação de ânimos no Rio Grande do Sul, Minas e Paraíba.

Realizaram-se as eleições. O resultado não agradou à oposição. Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal, com apoio dos três Estados vizinhos, saiu surpreendentemente derrotado. A 4 de Outubro de 1930 Getúlio Vargas tomou posse em Porto Alegre verdadeira catilinária contra os costumes políticos do país, agitando ainda mais os ânimos.

Diante da iminência de derramamento de sangue, um grupo de militares depõe Washington Luiz antes do término do seu mandato. É aprisionado numa fortaleza e em seguida exilado para a Europa. Estava visivelmente numa forteza e em Novembro a junta governativa, organizada por militares, depõe Washington Luiz, entregou o governo ao chefe da revolução, candidato derrotado nas urnas, Getúlio Vargas.

O Paraná, empolgado pelo movimento revolucionário, dia 5 de Outubro levanta-se em armas, aderindo à revolução. Nesse dia assume o governo do Estado o General Mário Alves de Camargo.

Antes de assumir o governo, o General Mário Alves de Camargo, em substituição ao governador deposto, Dr. Afonso Camargo, entregou o governo ao chefe da revolução, candidato derrotado nas urnas, Getúlio Vargas.

Como se restabelecesse. Essa situação perdurou até 1932, quando foi designado para assumir o cargo de Interventor Federal o Sr. Manuel Ribas, que então dirigia importante cooperativa em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Lutador invulgar, o maior administrador do Paraná de todos os tempos, governando numa das fases mais incertas e difíceis do Estado, conseguiu, pela perseverança e dedicação, mais incertas e difíceis do tempo, garantir as finanças do Estado, que eram de verdadeira insolvência, e traçar os rumos do Paraná moderno, cujos destinos iria dirigir até 29 de Outubro de 1945, quando, pelo golpe de Estado, chamado "golpe de 29 de Outubro", foi substituído pelo Desembargador Clotário Portugal.

Um candidato ao cargo de governador do Estado pelo P.S.D. e seria eleito não o tivesse a morte colhido às 12,40 hs. do dia 28 de Janeiro de 1946.

Até 1930 a economia do Paraná residia na erva-mate. Pode-se até afirmar que a civilização paranaense de 1853 a 1930 foi a civilização da erva-mate.

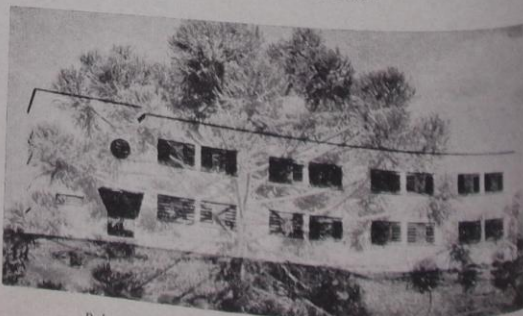
Os costumes, a economia, a vida social, tudo gira em torno da erva-mate. Vão, agora, iniciar-se dois novos ciclos econômicos de extraordinária importância: o da madeira e o do café, em volta dos quais vai gravitar a vida paranaense. Não se entenda que o Paraná só tem produzido erva-mate, madeira e café. Não é o que ocorre. Sempre existiu a policultura e agora se processa ali verdadeira revolução no setor da produção, graças aos esforços do atual Secretário da Agricultura, Dr. Newton Carneiro.

A mecanização da lavoura, já iniciada, e o novo sistema hidro-elétrico do Estado, que será pôsto em prática dentro de dois anos, virão modificar completamente a face desse Estado que já é um dos maiores fornecedores de divisas à Nação.

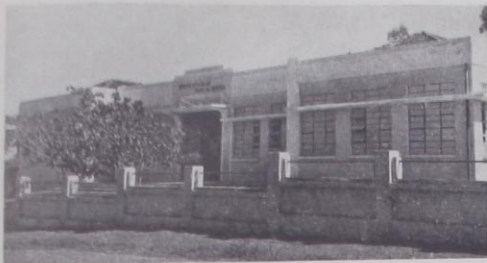
No setor do ensino Manuel Ribas destaca-se pelas construções escolares que, pela primeira vez no Paraná, apresentam linhas e ambiente adequados à pedagogia moderna. São dessa época o Grupo de Irati e o Barão de Antonina, em Rio Negro.

Manuel Ribas deu nova feição à rotina escolar. O serviço de inspeção escolar, que se achava abandonado desde 1929, foi restabelecido e punido severamente os professores faltosos. Os delegados de ensino percorriam diariamente todo o Estado e as Escolas esperavam essa visita, que recebiam com verdadeira distinção, porque eles traziam a mensagem do governo, aureolado de certa mística, e as notícias dos mais recentes acontecimentos educacionais.

Não se destacou Manuel Ribas no setor do ensino próprio ditto. Nenhuma inovação pedagógica foi introduzida, a não serem as tentativas que se faziam na Escola Normal com Erasmo Pilotto e um púgilo de ideias listas que nunca tomou conhecimento da revolução.



Palmas — Grupo Escolar Coronel Domingos Soares.



1938 — Aracária.
Grupo Escolar Dias da Rocha.

Os programas de grupos escolares e Escolas isoladas foram apenas reimpresos. A orientação fundamental foi a de Prieto Martínez, a qual vigorou até o início de 1935, apesar de Erasmo Pilotto, em 1930, ter organizado os "Programas Experimentais" que por injunções políticas não foram adotados nas Escolas.

Em 1935 o Paraná possuía 49 grupos escolares, 897 escolas estaduais, 62 municipais, 86 particulares, 22 do ensino complementar primário, 2 escolas complementares normais, 14 jardins de infância estaduais, 15 particulares, 3 Escolas Normais, 1 Escola Maternal, 31 Escolas de ensino supletivo e 2 ginásios estaduais.

Exerciam o magistério nesse ano 1.743 professores estaduais, 66 municipais, 120 subvencionados e 370 particulares. A matrícula foi de 75.167 alunos e a frequência de 46.875. Concluíram o curso fundamental 4.474 alunos.

As três Escolas normais acusavam u'a matrícula de 858 alunos, concluindo o curso 119.

Em 1935 ocupava a Diretoria da Educação o Dr. Gaspar Duarte Veloso, um dos mais ilustres auxiliares do governo Ribas.

Em 1943 o Dr. Simião Mafra Pedrosa, dotado de grande entusiasmo pelos problemas da sua diretoria.

Em 1944 o Dr. Antenor Pamphilo dos Santos, espírito metódico e justo. Imprimiu no setor administrativo várias reformas que até hoje estruturam a administração da atual Secretaria de Educação e Cultura. Tão logo nomeado, quis entender a máquina burocrática e passou a fazer cursos de administração, em cada departamento permanencia longas horas e depois de verificar as falhas notadas apontava-as aos seus subordinados. Com isso, deu à então Diretoria um regular sistema administrativo.

Nenhum desses homens se destacou, apesar de todos serem pessoas ilustres e capazes. Limitaram-se a manejar o que já existia, sem nada criar de novo no setor do ensino.

Aliás, foi característica da ditadura. Nesse interregno, desde o diretor da Educação ao mais modesto funcionário, eram todos verdadeiros autômatos. Só um estabelecimento no Paraná não foi absorvido pelas normas da ditadura. Trata-se do Instituto de Educação, onde era professor e exercia grande influência o prof. Erasmo Pilotto, que viria mais tarde ocupar o cargo de Secretário de Educação e Cultura.

No governo Ribas inicia-se o ensino rural. Criou ele várias Escolas Rurais que ainda hoje pontilham diversas cidades e vilas do Interior e a Escola Normal Rural, no município de Ipiranga, destinada à formação de professores, técnicos em agricultura e pecuária.

Em 1939 existiam 71 grupos escolares, 34 escolas complementares, 26 jardins de infância, 1.288 escolas isoladas, 254 municipais e 107 particulares. A matrícula foi de 95.898 alunos assim distribuída: 80.574 do ensino público estadual, 5.434 do ensino público municipal e 9.890 do ensino particular.

Nesse ano foram inaugurados 7 magníficos edifícios escolares, entre os quais o Grupo Escolar de Irati, o primeiro estabelecimento de ensino paranaense onde se fixou a preocupação pedagógica, em suas linhas arquitetônicas.

Em 1942, pelo decreto-lei n.º 41 de 22 de Junho, a Diretoria de Educação foi desmembrada da Secretaria do Interior e Justiça, a cujo órgão se achava subordinada desde 1928.

A autonomia relativa que acabava de adquirir a Diretoria de Educação foi o primeiro passo para que em 1947, pelo decreto de 13 de Maio, se transformasse em Secretaria de Educação e Cultura.

O primeiro Secretário foi o Dr. Gaspar Veloso, que havia ocupado o cargo de Diretor da Educação no governo Ribas.

Após quase dez anos de vigência do regime do Estado Novo, o Paraná, no dia 12 de Março de 1947, reingressou na sua vida constitucional, interrompida em 10 de Novembro de 1937, sendo restabelecidos os trabalhos legislativos e empossado o governador, Sr. Moysés Lupion, eleito por u'a coligação partidária integrada pelo P.S.D. e U.D.N. e que disputara a eleição com o deputado federal Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, atual governador do Estado. O Sr. Moysés Lupion foi eleito com 91.059 votos contra 45.941 do seu opositor.

O governo que se inicia é um governo realizador. Procurou o governador cercar-se de técnicos. Foi o que mais realizou, desde a emancipação política do Paraná.

No setor da educação é impossível relacionar-se tudo o que ele realizou. Cercado de elementos como Erasmo Pilotto, o maior pedagogo do Paraná e, quicá, um dos maiores do continente americano, pôde o governo Lupion planificar o ensino "e levar à cabo inúmeras realizações, dentre as quais se organizou e atribuiu à Secretaria de Educação e Cultura. Essa lei criou o Conselho de Educação e Cultura, órgão fundamental de comunicação do "staff", que deve ser a Secretaria referida com a Sociedade a que a educação vai servir com as suas forças mais expressivas. E um dos instrumentos im- portantes, mediante o qual os técnicos articularão a sua atividade, os seus planos e os seus estudos, com elementos mais significativos e interesses reais da Sociedade. Em função deste objetivo, deu-se ao Conselho a sua estrutura atual, reunindo os técnicos da Secretaria de Educação e Cultura, os representantes do magistério em todos os seus graus, os pais dos alunos, as forças económicas no meio rural e urbano e as forças culturais do Estado.

Outro ponto na referida lei é a estruturação do Departamento de Cultura, ao qual vai competir a difusão e o aperfeiçoamento da Cultura em todos os seus aspectos. Ficou ele constituído dos seguintes órgãos:

- 1 — Divisão de educação popular e planejamento de atividades culturais: serviço de música, de teatro, de artes plásticas, de rádio e cinema, assistência e difusão cultural.
- 2 — Divisão do patrimônio histórico, artístico e cultural: serviço de proteção e conservação dos monumentos históricos, artísticos e naturais e fiscalização das expedições científicas e artísticas ao Paraná; serviço de tombamento das coleções particulares e registro de antiquários e alfarrabistas; serviço de biblioteca, museus históricos e de belas-artes.
- 3 — Divisão de Turismo: serviço de intercâmbio turístico, nacional e internacional; serviço de estatísticas e informações turísticas.

Junto à divisão do patrimônio histórico, artístico e cultural passou a funcionar o seu Conselho de Defesa.

Outro ponto fundamental da reestruturação da Secretaria de Educação e Cultura foi o aperfeiçoamento do organismo incumbido propriamente do sistema escolar.

Disponha a Secretaria de apenas u'a rede de delegacias de ensino, distribuídas por regiões e responsáveis por todos os setores do sistema escolar primário. Ficou, então, o Departamento de Educação constituído dos seguintes órgãos:

- 1 — Divisão das Delegacias de Ensino.
- 2 — Divisão de higiene escolar e educação sanitária.
- 3 — Divisão de educação física.
- 4 — Divisão de ensino supletivo.
- 5 — Divisão de assistência às instituições complementares da escola.

Lamentável é que alguns desses órgãos deixassem de funcionar após a substituição de Erasmo Pilotto, em 1951. Entretanto, os que o vêm fazendo têm realizado obra notável.

Quando Lupion assumiu o governo, não dispunha a Secretaria de Educação de unidades suficientes para a educação pré-primária, de vez que os jardins de infância eram em número reduzido e baixo o seu rendimento; no ensino primário enfrentava o problema da racionalização do trabalho — o princípio da economia, isto é, da produção de maior resultado com o mínimo de desperdício; era alto o número de alunos que abandonavam a Escola antes de atingir os últimos anos, como era elevado o quociente das escolas apenas de primeiro ano; e o índice das aprovações e promoções muito deixava a desejar.

Com respeito ao ensino pré-primário, foi criado um sistema de creches e Escolas maternais na Capital, ponto de partida para a extensão desse tipo de unidades a cidades do Estado. Ali as mães proletárias deixavam seus filhos, enquanto tinham que se dedicar ao seu trabalho, obrigadas pelas exigências de suas profissões a ausentar-se de suas casas. A rede de creches e Escolas maternais ideada para Curitiba era composta de dez unidades localizadas em diversos pontos da cidade, capazes de cobrir as diversas áreas e servir a toda a população proletária de Curitiba. Tal serviço de creches e Escolas maternais, para que melhor pudessem servir aos seus propósitos, foi



1946 — Curitiba.
Grupo Escolar Dr. Lasimaco F. da Costa.



1949 — Prof. Erasmo Piloto, Secretário da Educação e Cultura.

articulado com as Sociedades operárias. Nesse notável empreendimento colaborou a Secretaria de Saúde.

Só essa iniciativa bastaria para assinalar a passagem de Erasmo Piloto pela Secretaria de Educação e Cultura, mas esse jovem idealista e seu governo não pararam aí.

Foram convocadas em 1948 as professoras de jardins de infância do Estado para um curso relacionado com o serviço de creches, curso que produziu efeitos notáveis. Nêle foram ministradas orientações para os trabalhos relativos à educação pré-primária, uma vez que os jardins de infância nada tinham nesse sentido, a não ser a orientação difusa e pessoal de cada professora.

Foi preconizado um programa de experiências de modo a proporcionar diariamente às crianças estudos relacionados com o mundo da natureza, com a vida social, com a linguagem, com a estética, com habilidades manuais, com o sentido da responsabilidade, etc., ensaios organizados dentro de um plano rigorosamente adequado às exigências biopsicológicas da infância.

Em seguida, para que o trabalho dos jardins de infância pudesse adquirir a adequação mais completa às características de cada criança, para que fosse iniciado um trabalho científico de verdadeira educação diferencial, foi instituído no Instituto de Educação do Estado um curso destinado a formar com urgência os primeiros elementos para o indispensável estudo do escolar naquelas unidades de instrução.

Nasceu no Paraná a "Escola Nova", à qual Erasmo Piloto tem considerado sua vida.

O prof. Erasmo, amparado incondicionalmente pelo grande governador Lupion, prosseguiu sem desfalecimentos na sua obra realizadora.

Foi estabelecido um plano para abertura de 1.200 novas classes primárias, a fim de atender à população escolar que, em consequência do redescobrimto da terra roxa do norte do Estado, aumentava extraordinariamente. Para a realização desse magnífico plano foram estabelecidos acordos com os municípios, mediante os quais o Estado se comprometeu a pagar os professores para esse fim nomeados pelas prefeituras e a dar às classes assim aberturas assistência material e técnica, cabendo às prefeituras instalar as referidas Escolas e selecionar os professores.

Foi também criada uma rede de fomento à educação e assistência à Escola, estendida a cada estabelecimento isolado da zona rural, mobilizando assim a colaboração dos pais e de todos os que desejassem sinceramente colaborar nesse esforço do governo.

Uma rede de Escolas experimentais isoladas, na zona rural, nasceu com o governo Lupion (sempre inspirado pelos bons conselhos de Erasmo Piloto), destinada a servir de centro de observação dos recursos e possibilidades com que podia o governo jogar.

Fundou-se um curso de orientadores do ensino primário nas Escolas isoladas da zona rural. Para êle foram convocados os delegados e inspetores de ensino. O primeiro estágio, durante dez dias, foi feito numa Escola afastada de Palmeira. Ali compareceram, além dos técnicos de educação, sociólogos, higienistas, médicos, engenheiros, agrônomos e artistas, num grande esforço, conjugado de inteligências, para acertar com rumos simples, capazes de fazer da Escola rural o instrumento destinado à melhoria da vida da região em que estiver localizada.

Em seguida voltaram os técnicos e cientistas para realizar nova experiência em Cérró Azul. Em todas essas realizações estiveram sempre presentes o espírito e a cultura extraordinária de Erasmo Piloto.

O número reduzido de Escolas Normais vinha provocando sérias dificuldades ao governo de Lupion.

Para resolvê-las criou u rede de Escolas Normais Regionais. As primeiras surgiram em Rio Negro, Palmas, Mandaguari, Apucarana e Rolândia, além das Escolas Normais Secundárias em União da Vitória e Guarapuava.

Para preparar os professores destinados a essas Escolas foram organizados no Instituto de Educação de Curitiba, além do curso de professores de jardins de infância, mais os seguintes, de aperfeiçoamento, com nova orientação traçada no sentido de influir imediatamente na prática educativa das Escolas:

- Curso para professores de trabalhos manuais.
- Curso para professores de desenho.
- Curso de orientadores do ensino rural primário.

- Curso de estudo do escolar.
- Curso de administradores escolares.
- Curso de recreação infantil.
- Curso de educação física.

No plano do amparo e fomento das atividades culturais, entre outras medidas, foram executadas nesse governo as seguintes:

- Realização em Paranaguá da 1.^a exposição itinerante de arte, e, em Ponta Grossa, da segunda.
- Organização do quinto Salão Paranaense de Belas-Artes.
- Realização do concurso de estudos para a construção do Teatro Oficial do Estado.
- Subvenção extraordinária ao Instituto de Química do Paraná.
- Destinação de verba para a edição da memória histórica, cronológica e topográfica de Paranaguá e memória histórica, descritiva e cronológica de Morretes e do Porto Real.
- Contribuição para os jogos universitários brasileiros.
- Comemoração do Dia do Paraná.
- Comemoração da comemoração do tricentenário de Paranaguá.
- Organização da Casa do Estudante do Paraná.
- Translação dos restos mortais de Júlia da Costa, a primeira poetisa paranaense.
- Participação do Paraná no Congresso de História da Bahia.
- Toda a bem orientada atividade do museu paranaense.

Eis um fragmento do que foi a obra do governo Lupion no setor do ensino e da cultura, coadjuvado por Erasmo Piloto.

A propósito de sua atuação frente a essa importante pasta, um seu adversário político publicou na revista "28 de Outubro", em 1950, um artigo no qual faz u apreciação imparcial a seu respeito, do qual transcrevemos alguns tópicos: "Sua obra é ciclópica. Sem ferir melindres podemos afirmar que foi a de maior expressão realizada no Paraná durante os cem anos da sua autonomia... "a obra de Erasmo Piloto, entretanto, é desconhecida. Desconhecida por sua própria culpa. Sua modestia fez com que só aparescessem seus deslizes administrativos e se olvidassem suas realizações".

"Todos os administradores cometem erros; os de Erasmo Piloto, porém, sobressaíram porque êle nunca se preocupou com a propaganda de suas realizações. Mesmo não teve tempo porque consagrou os anos em que esteve na Secretaria de Educação e Cultura do Paraná ao trabalho diuturno, como administrador cômico das suas responsabilidades. Não estamos bajulando, continua o articulista, porque o autor deste artigo, pessoalmente, nunca simpatizou com Erasmo Piloto, é seu adversário político e jamais lhe pelou favores, mas sente-se na obrigação de proclamar suas qualidades excepcionais de pedagogo, o seu idealismo e as suas realizações... "e se esta revista não lhe atribuir os méritos que são somente seus, outros o farão, porque a história não é o registro dos fatos que agradam a esta ou aquela facção. E a história do Paraná registrará a passagem de Erasmo Piloto pela Secretaria de Educação como um marco imperecível de realizações. Bastaria, para salientar a sua administração, a "Lei Orgânica da Educação", os "Programas Experimentais" o "Programa dos Jardins de Infância" e os "Programas das Escolas Normais Regionais", todos obra da sua cultura, trabalhos que revelam u enciclopédia de conhecimentos. Essas atividades prossegue o articulista, passaram despercebidas pelos paranaenses mas o mesmo não ocorreu com as maiores autoridades nacionais e americanas, em assuntos de educação... "

"Deve-se a Erasmo Piloto a abertura de mais de 1.000 Escolas na zona rural, beneficiando cerca de 25.000 crianças. Promoveu a criação de 240 associações de amigos da Escola, aproximando, assim, esse povo.

"Criou 20 cursos normais regionais, para formação do professor destinado à zona rural, e estabeleceu os fundamentos da sua organização. Ampliou, ainda, o prof. Erasmo Piloto, a rede de Ginásios do Estado com 25 novas unidades. Deu ao magistério secundário e normal u situação de vencimentos, condizente com a sua função de preparadores de u elite. Concluiu a construção de 100 unidades escolares rurais pelo regime de acôrdo com o governo Federal.

"O ensino secundário e normal, graças a êle, o governo Lupion detentou tornar-se absolutamente gratuito.

Os homens de hoje podem julgar Erasmo Piloto como quiserem, continua o articulista, mas a história do Paraná o julgará como o maior idealista e realizador que já passou pela Secretaria de Educação e Cultura".

Infelizmente, as injunções políticas não permitiram que o ilustre Secretário do governo Lupion realizasse mais.



1950 — Campo Mourão. Instituto Santa Cruz.



Tomazina — Grupo de alunos da Escola municipal Barreirinho.

A Lei Orgânica da Educação, que vinha atualizar o ensino, de acordo com as mais recentes conquistas pedagógicas, determinava medidas de ordem administrativa, contrárias aos interesses de alguns políticos, e por isso, não foi aprovada o mesmo acontecendo com outras iniciativas do grande pedagogo que não mereceram a aprovação da Assembleia, embora permanesse apoiado, irremovivelmente, pelo Ilustre governador.

O período que passaremos a estudar é o relacionado com a atual administração, que se iniciou em 1951.

O Paraná tem sido privilegiado nos últimos 6 anos da sua vida democrática. Para suceder o governo Lupion veio o de uma plêiade de intelectuais ilustres, a começar pelo governador, Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, misto de sociólogo, historiador, político e pedagogo. Os dois Secretários da Educação, valores de projeção na instrução Superior, muito têm contribuído para o progresso do Ensino, subordinado a essa pasta.

O Dr. Newton Carneiro, atual Secretário da Agricultura, deixou na Pasta da Educação, que ocupou por mais de um ano, uma lista de grandes realizações. Durante sua administração foram inaugurados os Grupos Escolares Bartolomeu Mitre, de Foz do Iguaçu, estabelecimento dos mais bem aparelhados do Estado; Astolfo M. de Souza, de União da Vitória; Cristo Rei, de Curitiba; Bela Vista do Paraíso, no município do mesmo nome, e o de Mandaguá, além de mais de 50 Escolas isoladas, no interior do Estado. Seu maior merito, porém, é o de ter fundado o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais, cujo objetivo primordial é a pesquisa e orientação psicopedagógicas. Esse trabalho foi confiado a um grupo de técnicas sob a orientação da professora Pórcia Guimarães Alves.

Realizou, ainda, o Dr. Newton Carneiro, a "Primeira Exposição do Livro", em Curitiba, na Escola de Belas-Artes.

Mandou construir e assentar no saguão da atual Secretaria de Educação e Cultura o busto de Júlia Wanderlin — a mestra modelo, a mais extraordinária síntese da mulher professora.

O atual Secretário, Prof. João Xavier Viana, apesar de ocupar essa pasta apenas há um ano, vem se impondo pelas suas realizações e alto espírito público. Desde os primeiros instantes preocupou-se intensamente com o reaparelhamento dos Jardins da Infância — pedra angular do ensino. Para tal, já encomendou, na Itália, todo material Montessori para mais de 40 Jardins e determinou a confecção, em Curitiba, do mobiliário adequado. Ainda no corrente ano toda essa rede de Jardins estará reaparelhada com materiais e móveis modernos e novas unidades pretende criar no início de 1954. Nesse importante empreendimento vem sendo o Ilustre Secretário coadjuvado pela professora Joana Scalco — decano dos professores de Jardins, no Paraná.

Durante a gestão do Dr. João Xavier Viana foi remodelado o Instituto de Educação e criada a Escola Experimental Maria Montessori, cuja direção foi confiada à professora Eny Caldeira, atual Diretora do Instituto de Educação. Promoveu reuniões pedagógicas em Jacarézingo, Palmas e Paranaguá, objetivando a difusão dos sistemas modernos de educação, e o "Primeiro Seminário de História e Geografia", do qual participaram mais de 50 professores e 10 conferencistas.

Foram inaugurados durante sua administração o Ginásio Estadual Moysés Lupion, em Antonina; Grupo Escolar Barão do Rio Branco (nova construção e aparelhamento), em Curitiba; Costeira, em Paranaguá; Vila Hauer, Novo Mundo e Tiradentes, em Curitiba, este último a mais arrojada construção escolar do século; Grupo Pórcia de Cima e criação das Faculdades de Odontologia e Farmácia de Ponta Grossa, Cursos Normais Regionais de Campo do Mourão, Quatiguá, Cornélio Procopio e Rio Cinzas.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, a matrícula do ensino primário, público estadual, correspondente ao ano de 1951, foi a seguinte:

ESPÉCIE DE ENSINO	Sexo Masc.	Sexo Fem.	TOTAL
Maternal	47	31	78
Infantil	1.904	1.989	3.893
Fundamental comum	72.706	64.011	136.717
Supletivo	9.413	2.744	12.157
Pré-vocacional	223	258	481
	84.293	69.033	153.326

A educação primária particular apresentou em 1951 a matrícula de 4.678 alunos do sexo masculino e 6.773 do sexo feminino. Assim, em 1951

a matrícula geral do ensino primário foi de 89.975 alunos do sexo masculino e de 75.826 do sexo feminino, num total de 165.801 alunos matriculados.

A frequência do ensino público foi de 54.408 alunos do sexo masculino e 43.665 do sexo feminino, num total de 98.073 alunos e a do ensino particular foi de 3.140 alunos do sexo masculino e 4.229 do sexo feminino, no total de 7.369 alunos.

Como se depreende do enunciado, a frequência foi de 62,5%, revelando a porcentagem baixa contra a qual o governo vem tomando sérias providências. É, todavia, problema de difícil solução, tendo-se em vista o hábito arraigado no espírito do colono brasileiro, e especialmente do paranaense, de ser mais importante seus filhos aprenderem o amanho da terra e a colheita de suas lavouras, que estudarem. Na época da colheita a maioria dos pais retira-os das Escolas para os juldarem nos seus misteres.

Neste ano do Centenário existem no Paraná, segundo dados colhidos na Secretaria de Educação e Cultura, 204 grupos escolares, 2.382 Escolas isoladas, 114 Casas escolares, 105 Escolas particulares e 621 Escolas municipais, onde é ministrado o ensino primário em geral.

No ensino público primário existem em função 2.546 professores normalistas, 1.614 extransumerários, 1.191 professores padrão B, 49 regentes de ensino, 489 efetivos e 64 de educação física, perfazendo 5.953 professores, aos quais está confiado o ensino público primário.

JARDINS DA INFÂNCIA

Em 24 de Fevereiro de 1904 assumia a presidência do Estado o Dr. Vicente Machado, que ocupava várias funções públicas.

No seu governo foi inaugurado o primeiro Jardim de Infância do Paraná — o "Maria de Miranda", hoje anexo ao Instituto de Educação.

Foi ali adotado o método Froebel à semelhança do que era feito nos Jardins paulistas e no continente americano.

O mais importante dos Jardins foi o "Emília Erickson", inaugurado em Janeiro de 1911, à rua Silva Jardim, em Curitiba. Para dirigi-lo foi designada a professora Joana Falce Scalco, que se havia destacado no curso de professoras da Escola Normal e era estudiosa da obra de Maria Montessori — "o maior educador deste e do século passado".

Em 1907 Maria Montessori fundava na Itália a primeira "Casa Dei Bambini" e publicava as revistas "La voce dei giardini" e "Asili Infantili". Rapidamente a sua obra revolucionou o mundo da pedagogia e suas experiências foram repetidas nos cinco continentes, com sucessos extraordinários, revelando um mundo até então desconhecido, o universo da psicologia infantil.

A Professora Joana Falce Scalco, muito jovem ainda, trazendo o alma do desejo incoercível da juventude, que sempre se inclina pelas inovações, mesmo revolucionárias como as de Montessori, empolgou-se com o movimento, levando para o "Emília Erickson" todo seu idealismo e juventude, consagrados ao novo método. Por isso, esse Jardim é o marco de uma nova era no ensino paranaense. Dali se irradiou para todo Estado a nova orientação.

Em 1915 Joana Falce Scalco é escolhida pelo governo para integrar o Supremo Conselho do Ensino Primário do Estado. Data dessa época o primeiro programa de Jardins por ela elaborado.

São criados os de Paranaguá e Ponta Grossa. No ano de 1922 a matrícula nos quatro Jardins do Estado foi de 340 alunos.

Em 1924, no governo do Dr. Catarino Munhoz da Rocha, todos eles receberam material Montessori, da Itália.

Em 1926 já se elevava para 10 o número de Jardins, 5 mantidos pelo Estado e 5 por Colégios Particulares.

Começou a funcionar o do Asilo São Luiz, nesse ano, com a matrícula de 55 alunos. Os jardins particulares eram os seguintes: do Colégio da Divina Providência, da Sagrada Família, da rua Inácio Lustosa, de Santa Felicidade e do Colégio Batista, este em Ponta Grossa. A matrícula total foi de 756 alunos.



1952 — Apucarana. Aspecto da Semana Educacional.



COLEGIO ESTADUAL DO PARANÁ, do qual damos algumas vistas nesta página e na seguinte. É o maior estabelecimento de ensino secundário da América do Sul, tendo capacidade para 5.400 alunos. Iniciado no governo de Manuel Ribar, em 1944, foi concluído no governo de Moyses Lupion, em 1950.

Em 1928 foram inaugurados os de União da Vitória, de Jacarézinho e uma Escola Maternal, anexa à Sociedade Socorro aos Necessitados, composta de creche, jardim e curso doméstico. O Jardim D. Pedro II e o de Guarapuava também começaram a funcionar no mesmo ano. A iniciativa particular acompanhava com interesse o progresso dos Jardins do Estado e os estabelecimentos de melhor situação financeira passaram a instalá-los nos seus Colégios. Aparece em Curitiba mais o Clara Frank, Colégio Batista e São José. Castro, Paranaguá e Prudentópolis, foram contempladas, cada uma, com um Jardim da Infância, obra da iniciativa particular. A matrícula nos mantidos pelo Estado foi de 830 alunos e por particulares de 337.

Em 1929 Maria Montessori dirige da Itália generoso convite ao governo do Estado para mandar uma de suas educadoras àquela país, a fim de aperfeiçoar-se, em reconhecimento ao esforço que o Paraná vinha fazendo na divulgação do seu método. Foi escolhida para tal a professora Joana Falce Scalco.

Quando essa brilhante instrutora se aprestava para embarcar, deflagrou a revolução de 1930, impedindo sua viagem.

Em 1935 existiam no Paraná 14 Jardins mantidos pelo Estado e 19 por particulares.

Durante o "Estado Novo" os Jardins da Infância começaram a desagregar-se e o governo a perder interesse por eles.

Os poderes públicos só iriam voltar suas vistas para esse problema fundamental do ensino, quando Erasmo Pilotto assumiu a Secretaria de Educação e Cultura, em 1948.

Inicia o ilustre pedagogo um movimento extraordinário procurando dar-lhes ressurgimento.

Em 1951 o Paraná contava com 11 Jardins na Capital e 5 no Interior. Nesse ano é nomeada para supervisioná-los a professora Joana Falce Scalco, que desde 1907 vinha se dedicando a tal setor do ensino, com o brilhantismo da sua cultura.

Volta a reinar grande entusiasmo em torno dos mesmos. A Secretaria de Educação e Cultura já encomendou da Itália material "Montessori" para grande parte deles e está confeccionando mobiliário adequado.

Com a colaboração da professora Eny Caldeira, atual diretora do Instituto de Educação, que, recentemente, fez um curso na "Casa Dei Bambini" na Itália, Joana Falce Scalco vem trabalhando diuturnamente para elevar na Itália, Joana Falce Scalco vem trabalhando diuturnamente para elevar no setor do ensino à posição que se encontrava em 1938, quando era conselheiro um dos Estados mais adiantados do Brasil em Jardins de Infância, siderado um dos Estados mais adiantados do Brasil em Jardins de Infância.

Por iniciativa do atual Secretário de Educação e Cultura, Dr. João Xavier Viana, foram realizados no ano do "Centenário" cursos de Jardineiras, no Instituto de Educação, sob a orientação da professora Joana Falce Scalco. Dai já saíram mais de 50 mestras, que irão aplicar seus conhecimentos nos mais longínquos recantos do Paraná.

Além dos estabelecimentos particulares, o Estado apresenta 25 Jardins por ele mantidos, com a matrícula de 1.538 alunos.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

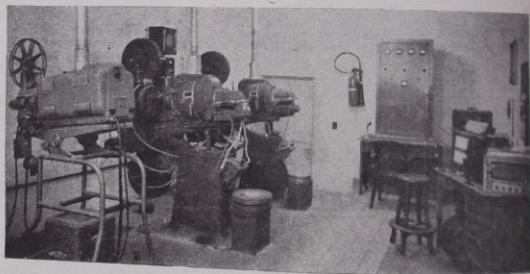
A campanha no Paraná está confiada a u'a pleiade de técnicos com larga experiência do ensino primário. A presidência da Comissão é exercida pelo Dr. Alberoni Silveira.

No ano de 1952 funcionaram com resultados promissores 450 cursos, assim distribuídos:

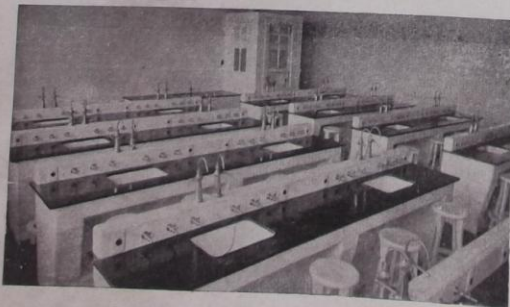
Andará, 5; Araiporanga, 5; Arapongas, 5; Araucária, 1; Assaí, 6; Bandeirantes, 7; Bela Vista do Paraíso, 8; Cambará, 4; Campo Largo, 16; Carlotópolis, 4; Castro, 10; Cérrro Azul, 21; Colombo, 10; Cornélio Procopio, 20; Curitiba, 18; Curitiba, 4; Guaraqueçaba, 5; Ibiti, 10; Imbituva, 3; Irati, 16; Laranjeiras do Sul, 12; Londrina, 9; Morretes, 10; Palmas, 4; Palmeira, 1; Paranaguá, 12; Piraquara, 13; Póro Amazonas, 1; Prudentópolis, 5; Ponta Grossa, 15; Porcari, 7; Quatiguá, 4; Rebouças, 9; Reserva, 5; Ribeirão do Pinhal, 5; Rio Azul, 3; Rio Branco do Sul, 15; Rio Negro, 5; Rolândia, 5; Santa Mariana, 4; Santo Antônio da Platina, 9; São José dos Pinhais, 25; São Mateus do Sul, 8; Sengés, 5; Sertãozinho, 2; Siqueira Campos, 10; Teixeira Soares, 6; Timoneira, 2; Tomazina, 10; União da Vitória, 1; Uraí, 3.



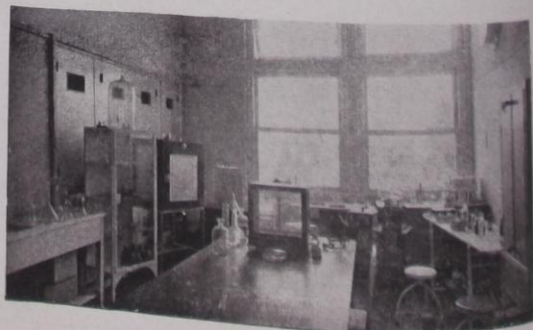
Biblioteca.



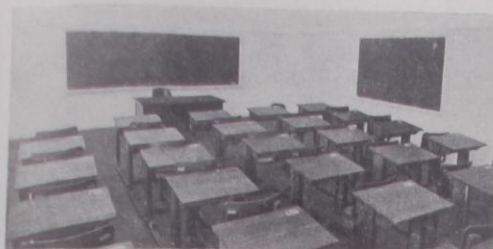
Sala de projeção cinematográfica e de radiotransmissão.



Instalações para prática de química.



Sala de física.



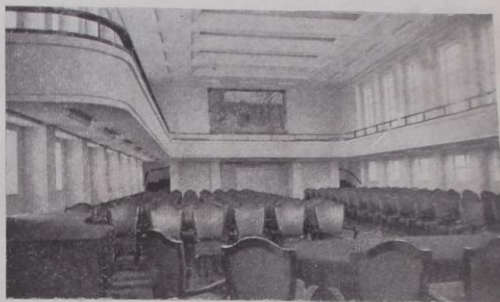
Sala de aula.



Uma das salas de recreio destinadas aos alunos.



Gabinete dentário para assistência aos alunos do Colégio.



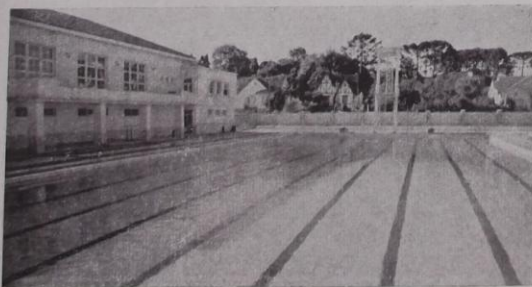
Salão nobre.



Discoteca e sala de audições.



Auditório.



Piscina.

ENSINO MANTIDO PELOS MUNICIPIOS

Na atual conjuntura, quando todas as instituições estão a reclamar a reestruturação de base, é confortante assistirmos ao interesse e desprendimento dos municípios no trato dos assuntos relacionados com o ensino.

Nêles, antes das obras suntuosas, os munícipes se atêm ao problema da educação.

As duas últimas guerras implantaram no espirito dos povos o desejo incoercível de se libertarem dos tiranos e o querem fazer através da cultura. Este fenômeno mais se faz sentir na célula do Estado — o município.

No Paraná verdadeiros milagres fazem as Prefeituras no setor do ensino. Casos há de municípios recentemente criados, como o de Mandaguçu, onde em seis meses a Prefeitura já havia pôsto em funcionamento 25 Escolas primárias.

Outros existem que dispendem no ensino muito mais que o Estado em todo o município. Exemplo tem sido o de Londrina.

Em 29 de Julho de 1876, quando presidente da Província o Dr. Adolpho Lamenha Lins, inaugurou-se a Escola Normal de Curitiba, o primeiro estabelecimento do gênero no Paraná. Seus professores iniciais foram João Pereira Lagos Júnior, Justiniano de Melo e Silva e José Justino de Melo e primeiro diretor o Dr. João Pereira Lagos Júnior.

Nesse ano o presidente da Província do Paraná resolve ordenar a execução do regulamento orgânico da Instrução Pública.

Extraímos do referido regulamento a parte relacionada com o capítulo quarto — Da Instrução Normal.

Art. 15 — A Instrução Normal será dada no Instituto Paranaense e o seu curso se dividirá em dois anos:

1.º ano — gramática nacional, pedagogia, metodologia, instrução moral e religiosa.

2.º ano — aritmética, geometria, geografia, História do Brasil e Direito Público.

Art. 16 — Os professores do Instituto serão os mesmos do Curso Normal.

Art. 17 — As lições dos dois cursos serão dadas simultaneamente.

Art. 18 — Ao Instituto Paranaense será anexada uma escola primária, onde possam exercitar-se no ensino prático os alunos da Escola Normal.

Art. 19 — Os alunos diplomados da Escola Normal terão direito a ser providos nas que vagarem, de qualquer categoria que sejam.

Art. 20 — Requerendo logo ou mais normalistas a mesma cadeira, será esta concedida aos que melhores títulos de capacidade e moralidade apresentarem, a juízo do conselho literário.

Art. 21 — A frequência do segundo ano da Escola Normal terão direito, logo após a promulgação do presente regulamento, os que se apresentarem em exame perante os lentes do mesmo curso, habilitados nas matérias constitutivas do 1.º ano.

Art. 22 — Os alunos diplomados da Escola Normal serão, desde a data do seu provimento em qualquer cadeira, considerados vitalícios, não podendo ser removidos senão a requerimento seu.

Os artigos 16 e 17, pelo seu paradoxo, seriam modificados em 1921 pelo insigne educador Prieto Martinez. Sendo diferentes os programas, não se justificava que as aulas fossem dadas em conjunto e pelos mesmos professores. Como a reforma de Martinez, o programa de pedagogia passou a ser constituído das seguintes matérias: no 2.º ano, antropologia pedagógica, no 3.º, psicologia infantil aplicada à educação e no 4.º, metodologia geral e história da pedagogia.

Em 1922, no governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha, foi construído novo prédio destinado à Escola Normal, grande passo para a Instrução Pública do Paraná. No suntuoso edifício da rua Aquidaban, atual Emiliano Pernetta, passaram a funcionar, além da Normal, o Grupo Modelo Anexo o curso intermediário e duas Escolas isoladas. Sua capacidade elevou-se para 1.200 alunos. Chamou-se Palácio da Instrução. Foi a mais valtosa obra construída no Paraná, desde sua emancipação política. Custou oitocentos e cinquenta contos. O prédio foi edificado pelo Sr. José Muzillo, que iniciou seu trabalho em 21 de Abril de 1921 e o concluiu em 7 de Setembro de 1922. Esse mesmo edifício foi remodelado no atual governo, o qual gastou mais de Cr\$ 1.500.000,00. Só em móveis e decoração foram despendidos Cr\$ 1.299.882,30.

Em 1926 foram encomendados na França os laboratórios de física, química e história natural, destinados às três Escolas Normais do Estado. O museu da Escola Normal de Curitiba foi consideravelmente melhorado com a organização de uma seção de preparação e enriquecimento de numerosas espécies paranaenses. Foram também adquiridos duplicadores, destinados ao serviço de impressão das diversas aulas da Escola, os primeiros aparelhos usados no Paraná, ao que parece.

Em 1879 Nivaldo Teixeira Braga fundou em Curitiba o Colégio Curitiba. Por esse estabelecimento passaram várias gerações de paranaenses que se notabilizaram em todas as atividades sociais. O Colégio Curitiba foi origem do Curso Normal de professores, visto que os primeiros diplomados desse curso foram reconhecidos pelo governo, tal era o conceito de que gozava o grande mestre.

Em 1883 o Dr. Laurentino de Azambuja funda o Partenon Paranaense, sob cujas arcadas transitaram os maiores vultos do Paraná. Ali aprenderam Romário Martins, Afonso Alves de Camargo, Caetano Munhoz da Rocha, Frei Cardoso de Azevedo Macedo...

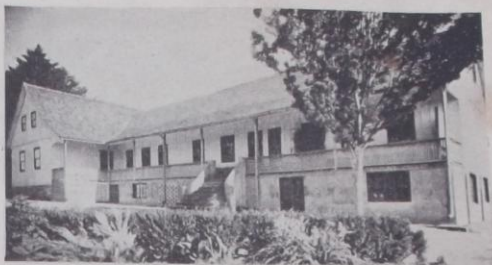
Numerosas gerações de jovens paranaenses nêle estudaram, fundamentando, sob carinhosa orientação dos seus dignos mestres, as bases da sua formação intelectual.

Depois do falecimento do Dr. Laurentino de Azambuja, o Partenon teve um longo período de inatividade, até que em 14 de Julho de 1923 outro eminente educador paranaense, o prof. Nelson Eduardo Mendes, fez ressurgir o memorável educandário, cujas tradições vêm sendo mantidas através dos anos. Em 1946 passou a manter o segundo ciclo ginasial e desde então se denomina Colégio Partenon.

No ano de 1892 Mary Parker Dascomb e Elmira Kuhl fundaram em Curitiba a Escola Americana, no gênero a melhor organização educacional do Paraná. Destinava-se ao ensino de meninas.

Davi Carneiro, no seu opúsculo "A Influência Norte-Americana nas Artes Plásticas do Brasil", traça ligeiro perfil dessas duas beneméritas e ilustres educadoras: "Miss Elmira era a bondade sempre desejosa de não contrariar alheias disposições e vontades. Miss Mary era a bondade enérgica e viril, disposta a impor-se com superioridade, consciente da sua cultura". Essa tradicional casa de ensino é ainda hoje u'a das melhores do Paraná. Denomina-se atualmente "Ginásio Belmiro Cesar", o continuador da obra encetada pelas duas ilustres americanas do norte.

Em 1896 funda-se o Seminário Episcopal, um dos mais notáveis estabelecimentos de ensino secundário, e, enquanto o Dr. Claudino dos Santos



Mallet — Ginásio Estadual Nicolau Copérnico.

cria o Colégio Paranaense (não confundir com o Liceu Paranaense), José Cleto da Silva funda um estabelecimento de ensino secundário.

Chegaram ao Paraná, em 1896, as Irmãs da Congregação de São José de Tarentaise (Sabóia — França) e em 1901, num pequeno chale, no Casarão, em Curitiba, abriram um orfanato que até hoje mantêm, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido desde 1901 pela Madre Julia e origem dessa instituição notável. As primeiras aulas foram ministradas às crianças do bairro em 1902. O Pensionato de Nossa Senhora de Lourdes surgiu quatro anos mais tarde com 6 alunas. Continuou funcionando o Externato para meninos e meninas dos arredores, hoje em pavilhão à parte.

Em 1907, devido ao número sempre crescente de alunas, foi construído um novo prédio para o Pensionato, no mesmo ano reconhecido pelo governo do Estado.

O ginásio foi reconhecido em 1933. Até essa data as suas alunas prestavam exames no ginásio do Estado.

No ano de 1942 é autorizado o funcionamento do curso científico e em 1946, quando Interventor do Paraná o Dr. Brasil Pinheiro Machado, da Escola Normal de Nossa Senhora de Lourdes.

No ano do Centenário do Paraná é a seguinte a matrícula desse estabelecimento:

Escola Normal, 60 alunas.

Curso científico, 42.

Curso ginasial, 309.

Curso primário anexo à Escola Normal, 229 e Curso primário do Externato São José, 250.

Mantém ainda a Congregação das Irmãs de São José de Tarentaise os seguintes estabelecimentos de ensino: Ginásio e Escola Técnica de Comércio "São José", em Curitiba; Ginásio, Escola Normal e Escola Técnica de Comércio "São José", em Castro; Educandário "São José", em Paranaguá; Escola Primária "São José", em São José dos Pinhais.

GINÁSIO SENHOR BOM JESUS

Esse estabelecimento, fundado pelo padre Francisco Auleng, desde 1896 dignifica o ensino paranaense. Em 1902 passou a ser dirigido pelos Padres Franciscanos da Província Meridional da Imaculada Conceição. Iniciou modestamente com o ensino primário. Em 1937 instalou um curso de datilografia. Em 1946, quando comemorou seu jubileu aureo a 20 de Novembro, inaugurou o curso ginasial.

A direção suprema do estabelecimento cabe ao Padre Provincial da Imaculada Conceição do Sul do Brasil, residente em São Paulo, o qual nomeia um sacerdote franciscano para dirigir o Ginásio de Curitiba.

O penúltimo diretor e fundador do curso ginasial foi o Revdmo. Pe. Frei Quirino A. Schmitz, O. F. M.

Atualmente a instituição é dirigida pelo Revdmo. Pe. Frei João Crisóstomo Arns, O. F. M.

É a seguinte a constituição do corpo discente no ano do "Centenário do Paraná":

Curso primário, 590 alunos, secundário, 290, datilografia, 130 e língua alemã, 27.

COLÉGIO DA DIVINA PROVIDÊNCIA

Começou suas atividades com 36 alunas, no ano de 1903, matriculadas no curso primário; é hoje uma das maiores e mais conceituadas casas de educação do Estado. Em 1904 já contava com 170 alunas. Em 1916 inaugurou seu Jardim da Infância com a matrícula inicial de 50 alunas. Em 1938 criou o curso ginasial e recentemente o segundo ciclo. No ano do "Centenário do Paraná" ali estão matriculadas 979 alunas. Seu corpo docente é constituído de 37 professores.

É dirigido pela Revda. Irmã Superiora Eduvigés.

COLÉGIO IGUAÇU

Fundado em 1919 pelo saudoso professor Alfredo Parodi. Funcionou de início com os cursos primário e intermediário, criando posteriormente



União da Vitória — Escola Normal Secundária.



Adestramento da equipe de punbôbol da Escola Normal Secundária de União da Vitória.

um curso pré-ginásial. Em 1934 obteve inspeção para o ginásio, no primeiro ciclo. Mais tarde, tendo em vista o alto prestígio do estabelecimento, foi-lhe concedida autorização ministerial para acrescer, aos cursos já mantidos, o segundo ciclo ginásial.

ESCOLAS NORMAIS DE PONTA GROSSA, PARANAGUÁ E GINÁSIO REGENTE FEIJÓ

Em 29 de fevereiro de 1924, no governo de Caetano Munhoz da Rocha, foi inaugurada em Ponta Grossa a segunda Escola Normal do Estado, nos moldes da já existente em Curitiba.

No ano de 1928 o mesmo governo cria a Escola Normal de Paranaguá, a terceira do Estado, que iniciou com a matrícula de 68 alunos.

Ainda nesse ano é criado em Ponta Grossa o segundo ginásio do Estado — O Ginásio Regente Feijó, que vinha funcionando desde 1927.

ASSOCIAÇÃO DE ENSINO NOVO ATENEU

Fundada em 1925 pelo professor Elycio Viana, com o Ginásio "Novo Ateneu", objetivando difundir o ensino em todos os graus, veio paulatinamente realizando todos seus objetivos, que culminaram com a instalação e funcionamento da Faculdade de Direito de Curitiba, seu último estabelecimento de ensino.

O Ginásio "Novo Ateneu" foi o pioneiro dos cursos noturnos no Paraná. A Associação criou diversos estabelecimentos de ensino primário e secundário nos bairros de Curitiba, na cidade da Lapa e em Cornélio Protopio.

Mantém atualmente os cursos ginásial, comercial e colegial, além do curso de direito.

COLÉGIO ESTADUAL "GENERAL CARNEIRO"

A cidade da Lapa, onde está localizado esse estabelecimento, pela tradição de civismo manifestada desde a revolução federalista de 1894, foi sempre um centro de cultura e berço de paranaenses ilustres.

Lapa, no movimento de 94, foi a maior trincheira republicana do Sul do Brasil.

Em homenagem ao defensor da cidade, general Carneiro, deu-se o seu nome ao notável estabelecimento de ensino da cidade.

A origem do Colégio foi o Ginásio General Carneiro, fundado em 29 de Junho de 1944, quando ali se matricularam 110 alunos, sendo 45 do 3º ano primário.

Em 1947 foi criada a Escola Normal "Novo Ateneu", que funcionou no Ginásio; posteriormente, o curso científico.

Em 1950 todo o acervo da Associação de Ensino Novo Ateneu, criadora dos três cursos, foi encampado pelo governo do Estado.

É dirigido pelo professor Rui A. Vieira. Sua matrícula em 1953 é a seguinte: 134 alunos no curso ginásial, 44, no científico e 36, na Escola Normal.

GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Em 15 de Agosto de 1930 a Província Brasileira da Congregação das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula criou esse estabelecimento em Irati.

Hoje funcionam ali, além do ginásio, o curso normal, o primário, o pré-primário e um orfanato.

GINÁSIO DA SAGRADA FAMÍLIA

Localizado em Campo Largo da Piedade e fundado pelas Irmãs Franciscanas da Congregação da Sagrada Família em 3 de Maio de 1946.

Mantém o curso ginásial, primário, de música, datilografia, corte e costura e trabalhos manuais. É dirigido pelo Dr. Francisco M. Albizu. Sua matrícula atual é de 160 alunos.

GINÁSIO ESTADUAL NICOLAU COPERNICO

Situado numa região essencialmente agrícola — Malet — vem cumprindo a missão que lhe deu origem: facilitar os estudos de cultura geral aos alunos pobres. Foi fundado em 17 de Fevereiro de 1948 pelo professor Zdzislaw Zawadzki, que é seu diretor. Em 15 de Janeiro do corrente ano foi estadualizado. Sua matrícula inicial de 134 alunos transformou-se nos atuais 304.

ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE UNIÃO DA VITÓRIA

Uma das notáveis realizações de Erasmo Pilotto. Inaugurada dia 12 de Março de 1949, conta hoje em dia com 43 alunas matriculadas. É dirigida pelo professor Zigmont Grabarski. Funciona anexa à mesma u.a Escola de Aplicação com 450 alunos, onde as alunas do curso normal realizam seus estudos práticos.

GINÁSIO ESTADUAL "DR. CAETANO MUNHOZ DA ROCHA"

Nenhum Estado do Brasil criou tantos ginásios em tão curto período como o que caracterizou o compreendido entre 1949 e 1951, quando Secretário da Educação Erasmo Pilotto. Vinte e cinco unidades ginásias assinalaram a passagem desse ilustre paranaense por nossa terra, entre as quais a de Rio Negro, fundada em 3 de dezembro de 1949. Sua matrícula inicial foi de 96 alunos; a atual é de 240.

Sua direção foi confiada, desde a fundação, a um dos mais ilustres professores paranaenses, P. Pereira Martins, que anteriormente fundara em Jacarézinho a Escola Técnica de Comércio "D. Fernando Taddei" e posteriormente em Cornélio Protopio dera início à construção do atual Ginásio Estadual.

GINÁSIO ESTADUAL DE PIRAI DO SUL

Criado pela Prefeitura Municipal de Pirai do Sul, na gestão do prefeito Sr. Jorge Miguel Queiroz, em 1949. O seu primeiro corpo docente foi constituído de elementos pertencentes à Congregação das Irmãs Marcellinas. A matrícula inicial, de 46 alunos.

Pelo decreto 9.248, de 19 de dezembro de 1949, foi estadualizado. É dirigido pela professora Judith Real Prado.

GINÁSIO ESTADUAL DE PALMAS

Fundado em 16 de Agosto de 1949, iniciou suas atividades com 40 alunos, contando hoje com 120. Graças ao denodado esforço do seu diretor, Padre Engelberto, é um dos melhores estabelecimentos de ensino secundário do interior do Estado.



Ginásio Estadual de Palmas — Ao centro seu diretor, Pe. Engelberto, e o Secretário de Educação, Dr. João Xavier Viana.

GINÁSIO ESTADUAL DE ARAPONGAS

Em 1930 foi criado pelo município do mesmo nome, na administração do prefeito Dr. Julio Junqueira, e estadualizado em 25 de Abril de 1950.

GINÁSIO ESTADUAL DE MANDAGUARI

Teve autorização ministerial para funcionar, em 3 de Março de 1950. Sua matrícula inicial foi de 52 alunos, a atual é de 206. Foi organizado e instalado pelo Dr. João Paulino Vieira Filho em colaboração com o município. A 8 de Dezembro de 1952 formou-se a sua primeira turma, composta de 8 alunos. E seu diretor o prof. Eurico Back.

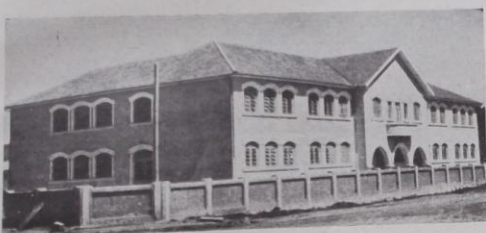
GINÁSIO ESTADUAL DE BANDEIRANTES

Fundado em 1949 pelo então prefeito, Sr. Dino Veiga. Em Fevereiro de 1950 foi estadualizado. Sua matrícula inicial: 105 alunos, a atual: 260. É um dos ótimos estabelecimentos de ensino do interior e o que possui as melhores instalações de desportos, graças aos esforços do seu atual diretor, prof. Thomaz Nicoletti.

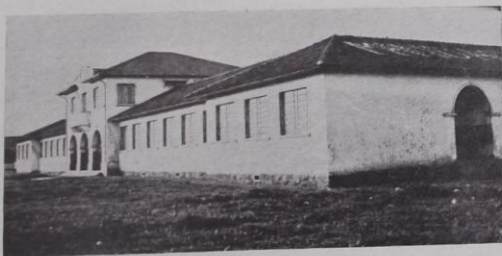
GINÁSIO ESTADUAL DE ASSAI

É dirigido pelo prof. Macário A. dos Santos. Foi fundado em março de 1950 pelo prefeito, Dr. Domingos Juliano. Iniciou suas atividades com 124 alunos.

Em 1953 conta com 236 matriculados. Sua estadualização data de 1951.



União da Vitória — Colégio Estadual Túlio de França.



Mandaguari — Ginásio Estadual.

GINÁSIO ESTADUAL DE FOZ DO IGUAÇU

Inaugurado em 2 de Março de 1952, com a matrícula inicial de 63 alunos. Está funcionando em 1953 somente a primeira série ginasial com 103 alunos. É dirigido pela professora Aglael Morgenstern.

COLÉGIO ESTADUAL "TÚLIO DE FRANÇA"

Localizado na cidade de União da Vitória, iniciou suas atividades em 17 de fevereiro de 1945 com a matrícula de 226 alunos. Conta em 1953 com 511 alunos matriculados o que justifica plenamente o prestígio que goza. Seu diretor é o Dr. Alcides Silva.

DADOS ESTATÍSTICOS

No ano do seu Centenário o Paraná dispõe dos seguintes estabelecimentos de ensino médio e secundário:

- 15 Colégios.
- 17 Escolas Normais Secundárias, cuja matrícula em 1952 foi de 1.060 alunos.
- 28 Escolas Normais Regionais, sendo que em 1952 existiam 23 com 1.038 alunos matriculados.
- 46 Ginásios.



Campo Largo — Ginásio da Sagrada Família.

ENSINO SUPERIOR

Falar-se em Ensino Superior, no Paraná, e em Universidade, no Brasil, é evocar-se o nome de Vitor Ferreira do Amaral.

Foi no longínquo ano de 1912 que nasceu com Vitor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo e seus companheiros, a Universidade do Paraná. A ideia da fundação vinha se projetando no tempo. Rocha Pombo alongara no início deste século, sem, contudo, alcançar êxito.

O documento que materializou a notável iniciativa foi a "Ata da Assembleia Geral da Universidade do Paraná":

"Aos dezanove dias do mês de Dezembro de mil novecentos e doze, no recinto do Congresso Legislativo, na cidade de Curitiba, reunidos todos os lentes catedráticos e substitutos da Universidade do Paraná, que constam do respectivo termo de posse, tomou a palavra o Sr. Dr. Victor Ferreira do Amaral para explicar os motivos da reunião e disse que, na qualidade de presidente da comissão organizadora da Universidade, cumpria-lhe expor aos colegas o assunto que ali os congregava. Há muito, falou o orador, fazia-se sentir em nosso próspero Estado a necessidade da fundação de escolas superiores, pois não somente já é hoje elevado o número dos patricios estudiosos que buscam em outros Estados as academias superiores, mas também é grande o de talentos que, por falta de recursos pecuniários suficientes para fazerem como os outros, aqui ficam estiolando-se e lamentando a falta dessas escolas onde desariam aperfeiçoar a sua cultura. Dêse estado de cousas, há muito surgiu a lembrança da fundação de uma Universidade no Estado, tendo tido a primeira ideia dela o Sr. Rocha Pombo, cujo projeto prematuro não pôde virgari. Depois dele pensaram na hipótese o orador e o Sr. Pamphilo de Assumpção; e, após os inérgitos esforços da comissão da qual agora faz parte o orador, como os do infatigável colega Dr. Nilo Cairo, parece, enfim, chegado o momento de vermos realizado o dourado sonho.

"Nesta reunião, prosseguiu, devem ficar lançadas as bases do grande empreendimento; mas também deve ficar bem consignado que não nos propomos fazer rústicos para dourar a ignorância, mas sim ministrar um ensino profícuo e sólido que prepare o aluno para a vida prática. Em seguida, o Dr. Nilo Cairo propôs à assembléia que aclame o Dr. Victor Ferreira do Amaral para presidir os trabalhos, no que é apoiado unanimemente, sob uma salva de palmas. Tomando assento na cadeira, depois de agradecer, o Dr. Victor do Amaral chama para secretários os Drs. Nilo Cairo e Daltro Filho e, ato contínuo, concede a palavra ao Dr. Nilo Cairo para dar a casa uma explicação sobre o projeto de Estatutos organizado pela Comissão e do qual é fora relator. Usando a palavra, o Dr. Nilo Cairo leu os principais artigos do referido projeto, estendendo-se em alguns deles em detalhadas explicações; depois do que, tendo em vista a disposição dos Estatutos que permite suas alterações ulteriores pelo Conselho Superior da Universidade, propõe o orador que se o aprove sem modificações, a fim de evitar debates, para o que não haveria tempo. Posta em discussão e votação a proposta do Dr. Nilo Cairo, e ninguém tomando a palavra, é ela aprovada. Pede então licença para falar o Dr. Nilo Cairo e diz que vai apresentar à assembléia uma chapa de eleição da Diretoria que deve funcionar nos dois próximos anos, rogando, ao mesmo tempo, que lhe perdoem os colegas a imodéstia de se incluir na mesma. Posta em discussão e votação a chapa apresentada, é aprovada, sendo eleitos: Diretor da Universidade do Paraná: Dr. Victor do Amaral; Vice-diretor: Desembargador Dr. Euclides Bevilacqua;



Bandeirantes — Ginásio Estadual.



Assaí — Ginásio Estadual.

Secretário: Dr. Nilo Cairo; Subsecretário: Dr. Dalto Filho; Tesoureiro: Dr. Flavio Luz; Bibliotecário: Dr. Hugo Simas; Conselho Econômico: Drs. Pamphilo de Assumpção, Reynaldo Machado e Arthur Franco. Em vista do dispositivo dos Estatutos, e depois de agradecer a sua eleição, o Dr. Victor do Amaral declara que vai proceder ao sorteio das delegações das várias Congregações que deverão fazer parte do Conselho Superior da Universidade, o qual terá de funcionar durante o ano vindouro, sendo, desta feita, sorteados os Srs. Drs. Benjamin Lins, Vieira Cavalcanti, Atomo Camargo, Vieira de Alencar, Claudino dos Santos, Virgolino Brasil, Arthur Obino, Petit Carneiro, João Espindola, Moreira Garcez, Adriano Goulin, Manoel Carrão, João Pernet, Plínio Tourinho, Cândido de Abreu, Niepce da Silva, Sebastião Paraná, Arthur Loyola e Generoso Borges, os quais são proclamados e empossados. Pede a palavra depois o Dr. Nilo Cairo para solicitar a casa que conceda uma licença de três meses a dois lentes que se acham na Europa e não podem comparecer. Os Srs. Drs. Miguel Santiago e Mattos Azevedo, no que é apoiado. Ainda com a palavra, propõe que a assembleia dê plenos poderes à diretoria para providenciar sobre a instalação dos cursos da Universidade e para adotar e publicar os programas de exames de admissão à matrícula, o que, pôsto em discussão e votação, obtem unânime aprovação. Continuando com a palavra, o mesmo orador propõe que se aclame Diretor Honorário o Sr. Dr. Carlos Cavalcanti, presidente do Estado, o que é aprovado por unanimidade. Logo após, o Sr. Presidente marca para as 7 horas da noite, no mesmo local, a sessão magna de instalação e distribuição de diplomas e nomeia as seguintes comissões: recepção de senhoras — Drs. Benjamin Lins, Niepce da Silva, Petit Carneiro, Sebastião Paraná e Arthur Obino; recepção de cavalheiros — Drs. Ericksen Filho, Júlio Xavier, Generoso Borges, Pinto Rebelo e Emiliano Pernet. E depois de assinado por todos os presentes o termo de posse, o Sr. Presidente declara encerrada a sessão. Em firmeza do que eu, Dr. Nilo Cairo, Secretário, lavrei esta ata que vai assinada por mim e pelo Sr. Diretor da Universidade”.

No mesmo dia e local procede-se à instalação solene da Universidade com a presença do mundo oficial e o fato é consignado na ata que a seguir se lavrou:

“Aos dezanove dias do mês de Dezembro de mil novecentos e doze, às sete horas da noite, no recinto do Palácio do Congresso Legislativo do Estado, nesta cidade de Curitiba, reunidos todos os lentes da Universidade, teve lugar a sessão magna, inaugural, de instalação da Universidade do Paraná. Abriu a mesma o Sr. Dr. Victor do Amaral, diretor, que convidou o Sr. Dr. Carlos Cavalcanti, Presidente do Estado e Diretor Honorário da Universidade, a presidir os trabalhos da sessão, bem como o Sr. General Alberto de Abreu, inspetor da 11.ª Região Militar, e o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. João Braga a tomarem assento aos lados da mesa. Isto feito, o Sr. Dr. Carlos Cavalcanti proferiu algumas palavras congratulatórias, louvando a fundação da Universidade, depois do que deu a palavra ao Secretário, Sr. Dr. Nilo Cairo, para ler a ata da eleição da diretoria e o termo de posse dos membros do corpo docente. Terminada a leitura, manda o Sr. Presidente que o Secretário faça a chamada dos lentes catedráticos e substitutos, aos quais vai distribuindo os respectivos diplomas, que se acham sobre a mesa. Terminada a distribuição, o Sr. Presidente dá a palavra ao orador oficial da Universidade, Sr. Dr. Manoel de Cerqueira Dalto Filho, para fazer o discurso inaugural. Esta oração, que por seu tamanho deixa de ser transcrita na ata, será publicada no relatório anual. Fim do discurso do orador, o Sr. Presidente suspendeu a sessão, às oito horas e meia da noite. Em firmeza do que eu, secretário, Dr. Nilo Cairo la Silva, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelo Sr. Dr. Diretor Honorário, Dr. Carlos Cavalcanti”.

Diz o professor Guarita Cartaxo em seu trabalho “Histórico da Universidade do Paraná e da sua Restauração”:

“Estava concretizada a idéia da Universidade. Restava pô-la em marcha. Já se haviam escolhido no acanhado meio provinciano de então, entre profissionais com inclinação para o magistério, os primeiros professores dos cursos desde logo instalados: direito, engenharia, odontologia, farmácia e metria e a diretoria da Universidade, além de alguns gabinetes. Aos 15 de Março de 1913 abrem-se solenemente as aulas com 96 alunos e 26 professores.

O Estado, ainda no governo Carlos Cavalcanti, prossegue o prof. Cartaxo, oficializa a existência da Universidade, em lei votada pelo Congresso estadual. Era o primeiro triunfo que vinha coroar as primícias ainda inas do magnífico empreendimento.

“Vale recordar a histórica lei em que se afirmam o espirito público e o discernimento dos estadistas daquele tempo:

LEI N.º 1.284.

O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1.º — Fica oficialmente reconhecida pelo Estado a Universidade do Paraná, com sede na Capital.

Art. 2.º — Os diplomados da Universidade do Paraná, em igualdade de condições, concorrerão nas nomeações para os cargos estaduais que demandem competência técnica profissional.

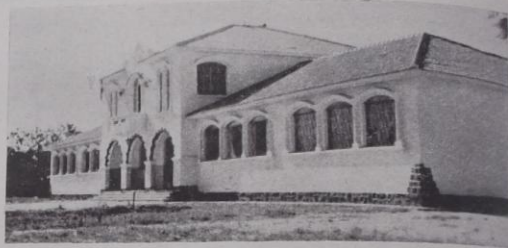
Art. 3.º — Fica o poder executivo autorizado a contribuir para a constituição do patrimônio dessa instituição com a quantia que julgar conveniente, revertendo para o Estado em caso de dissolução da Universidade, parte do referido patrimônio, correspondente ao auxílio concedido em virtude desta lei.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, a faça executar.

Palácio da Presidência do Estado do Paraná, em 27 de Março de 1913; 25.ª da República.

Carlos Cavalcanti de Albuquerque.
Marins Alves de Camargo.”



Foz de Iguaçu — Ginásio Estadual.

O Governo não parou aí. A fim de que a Universidade pudesse concretizar-se, decretou a concessão de um crédito especial de oitenta contos de réis para a construção do seu patrimônio. O decreto tomou o número 389, de 23 de Maio de 1913, e foi o primeiro auxílio oficial.

A cidade se empolgara com a criação da sua Universidade e todas as autoridades emprestavam o seu completo apoio a essa iniciativa.

Assim, em 17 de novembro de 1913, o então prefeito municipal de Curitiba, Dr. Cândido Ferreira de Abreu, sancionou a lei n.º 399 da Câmara Municipal, que concedeu, a título gratuito, para patrimônio da Universidade do Paraná o terreno situado à praça Santos Andrade, entre as ruas Quinze de Novembro, Garibaldi e prolongamentos das Joao Negro e Marumbá, para nêle ser construído o prédio da mesma.

É o prof. Guarita Cartaxo, da Universidade do Paraná, quem nos conta: “Adquirido o terreno, cuidou-se da construção do prédio. O construtor Borloto Bergonse e seus sócios prontificaram-se a executar a obra, orçada em várias centenas de contos, ficando apenas na promessa de futuro pagamento. Dentro em pouco, o edificio projetado pelo professor da Faculdade de Engenharia, Dr. Baeta de Faria, avoluma-se nas suas linhas grandiosas e já em Março de 1914 a Universidade, então acrescida dos cursos de medicina e cirurgia, além dos preparatórios, entrava a funcionar no prédio ainda em construção.

Nesse mesmo ano os poderes públicos estaduais concedem a primeira subvenção anual à instituição, cujas dificuldades financeiras eram simplesmente angustiosas, em face dos encargos assumidos”.

Pela lei n.º 1.367, de 6 de Março de 1914, o Congresso Legislativo do Paraná decretou e sancionou um auxílio anual de trinta e seis contos de réis.

Em 1915, quando grandes esperanças se descontinavam para a Universidade, a lei Maximiliano desferiu sério golpe contra sua existência, não inferior a 100.000 habitantes. Curitiba tinha 66.000.

Grande movimento de opinião se agita no Paraná, com repercussão no Congresso Nacional. É revogada a disposição relativa à exigência da população preliminar da Universidade, “fundado no fato de não haver no país outra instituição pela lei”. (Macedo Filho).

A única alternativa que se apresentou à Universidade, para efeitos de desatamento isoladamente o reconhecimento federal.

Reformados os Estatutos de 29 de Novembro, ela ficou dividida em três Faculdades, compreendendo nove cursos: Direito, com os cursos de Medicina, com os de Medicina e Cirurgia, Farmácia, Odontologia, Obstetricia e Medicina Veterinária.

“Nem por isso desapareceu a Universidade, cuja diretoria centraliza a administração das Escolas”. (Prof. Guarita Cartaxo).

Desde então trava-se árdua luta para a restauração da mesma, contando-se com o apoio dos insignes paranaenses Dr. Victor Ferreira do Amaral, Afonso Camargo, Caciano Munhoz da Rocha, Macedo Filho e Nilo Cairo. Inúmeras tentativas fracassaram.

Só em 1946, quando Ministro da Educação o prof. Ernesto Souza Campos, a Universidade encontrou eco nos seus pendores pela difusão do ensino universitário.

Nesse ano era Interventor do Paraná o prof. Brasil Pinheiro Machado e deputados federais Erasto Gaertner, Bento Munhoz da Rocha Neto e Aramys Athaide, todos professores da Universidade.

O prof. Macedo Filho, Diretor da Faculdade de Direito, e outros professores, coadjuvados pela brilhante representação paranaense na Câmara dos Deputados, pelo Interventor do Estado e pelo prof. Pedro Calmon, amigo do Paraná, conseguem trazer em visita à Universidade o Sr. Ministro, prof. Ernesto de Souza Campos, que, observando as magníficas condições de funcionamento dos cursos superiores locais, instala em sessão solene no dia 1.º de Abril de 1946, às 20 horas, no salão nobre, a Universidade do Paraná.

"A solenidade da instalação da Universidade foi precedida pela primeira sessão do Conselho Universitário, realizada uma hora antes. A ata dessa sessão, lida na de instalação, é o documento básico da reconstituição da Universidade" (prof. Guarita Cartaxo). É o seguinte o seu teor:

"ATA DA PRIMEIRA SESSÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Em um de Abril de mil novecentos e quarenta e seis, no edifício da Universidade de Paraná, reunidos na forma dos poderes especiais para isto apresentados, os Diretores das Escolas Superiores e os Delegados das respectivas Congregações, que são: pela Faculdade de Medicina, professores Victor Ferreira do Amaral e Silva e Francisco de Paula Soares Neto, pela Faculdade de Direito, professores João Ribeiro de Macedo Filho e Clotário de Macedo Portugal, pela Faculdade de Engenharia, professores Durval de Araújo Ribeiro e Arnaldo Izidoro Beckert, e pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, professores Manoel de Lacerda Pinto e José Loureiro de Ascenção Fernandes, como Secretário ad-hoc, designado, resolveram e decidiram EM PRIMEIRO LUGAR conferir os ditos poderes, fazendo transcrever as atas das Congregações que os habilitam a deliberar, e que são as seguintes: — "ATA DA SESSÃO DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DO PARANÁ, realizada a 30 de Março de mil novecentos e quarenta e seis. Aos trinta de Março de mil novecentos e quarenta e seis, às 17 horas, reunidos na sala da Congregação os Professores Victor Ferreira do Amaral, Joaquim de Mattos Barreto, Francisco de Paula Soares Neto, José Pereira de Macedo, João Vieira de Alencar, Erasto Gaertner, Mário Braga de Abreu, Arthur Otto Schwab, Joaquim Pinto Rebelo, João Alves Tizzot, Carlos Moreira, Milton Carneiro, Carlos Stelfield, Leonidas Ferreira, Aramys Athayde, Manoel França do Nascimento, Ernesto Sigel Filho, Helleno da Silveira, Atlântido Borba Côrtes, Assis Gonçalves, Júlio Moreira, Celso Ferreira, João Cândido, Antenor Santos, Augusto Colle, Falce de Macedo, Victor do Amaral Filho, Eurípides Garcez do Nascimento, Rosala Garcez, Dante Luiz Júnior, João de Moura Brito, Múcio Caron, Aluizio França e Otávio



Curitiba — Universidade do Paraná.



Curitiba — Universidade do Paraná. Vista da nova ala da Fac. de Engenharia.

da Universidade do Paraná. A seguir a Congregação elegeu o Professor Francisco de Paula Soares Neto seu representante no Conselho Universitário e, por proposta dos Professores Milton Carneiro, Mário Abreu e Assis Gonçalves, aprovou uma moção de reconhecimento e louvor ao Excmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde, ao Professor Dr. Ernesto de Souza Campos, ao Excmo. Sr. Dr. Interventor Federal no Estado do Paraná, Professor Brasil Pinheiro Machado, ao Excmo. Sr. Vice-Reitor da Universidade do Brasil, Professor Dr. Pedro Calmon, aos senhores deputados Professores Erasto Gaertner, Aramys Athayde, Bento Munhoz da Rocha Neto, pela atuação decidida e brilhante por eles desenvolvida na concretização desse velho ideal paranaense que é a Universidade do Paraná. O Professor Erasto Gaertner pediu a palavra para agradecer a homenagem prestada a ele e a seus companheiros de bancada na Assembléa Constituinte, e, ao mesmo tempo, propôs que a



Curitiba — Universidade do Paraná. Vista do edifício onde funciona a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.



A esquerda, Prof. Flávio Suplicy de Lacerda, Magnífico Reitor da Universidade do Paraná. A direita, Dr. Homero de Barros, Diretor da Educação (1946).

Pereira dos Anjos, assumiu a presidência o professor Diretor Dr. Victor do Amaral que declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à ordem do dia. O Professor Diretor faz uma exposição relativa ao andamento dos trabalhos realizados pela comissão composta dos professores Victor do Amaral, Joaquim de Mattos Barreto, Alfredo de Assis Gonçalves, Francisco de Paula Soares Neto e Mário Braga de Abreu, encarregada de estudar o projeto dos Estatutos da Universidade do Paraná, em reorganização, e pede que a Congregação se manifeste sobre a decisão de ser a Faculdade de Medicina incorporada à mesma Universidade. A Congregação manifestou-se unanimemente a favor dessa decisão, aprovando em seguida o projeto de Estatutos com as respectivas emendas já sancionadas, ficando autorizada a Comissão acima referida a discutir e aprovar até a redação final outras emendas que forem apresentadas e bem assim a firmar com as demais Faculdades a necessária convenção para restauração e criação



RESTAURAÇÃO DA UNIVERSIDADE —
Ocasão em que o Reitor, Prof. Victor Ferreira do Amaral e Silva, assinava a ata de reinstalação da Universidade do Paraná, em sessão solene de 1.º de abril de 1946.

homenagem votada ao Sr. Vice-Reitor da Universidade do Brasil fôsse perpetuada numa placa de bronze a ser colocada no salão nobre da Faculdade, o que foi aprovado unanimemente. Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada, lavrando-se a presente ata, que vai assinada pelo Professor Diretor e por mim, Joaquim de Mattos Barreto, Secretário, que a escrevi".

"ATA DA SESSÃO DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE DIREITO DO PARANÁ, realizada a 30 de Março de 1946. Aos trinta dias do mês de Março do ano de mil novecentos e quarenta e seis, às 16 horas, nesta cidade de Curitiba, no salão nobre do edifício da Universidade do Paraná, reuniu-se a Congregação da Faculdade de Direito, sob a presidência do seu Diretor, Professor Dr. João Ribeiro de Macedo Filho, comigo Secretário, presente o Sr. Inspetor Federal Dr. Rômulo Gutierrez e professores em numero regimental, conforme o respectivo livro de presença. Aberta a sessão, foi lida e aprovada a ata da anterior. Com a palavra, o Sr. Diretor esclareceu que a presente reunião da Congregação destinava-se a dar conhecimento aos senhores professores do resultado das consultas havidas entre as Comissões Representativas das Faculdades de Direito, Engenharia, Medicina e Filosofia, Ciências e Letras, interessadas na restauração e criação da Universidade do Paraná e entre estas e os órgãos credenciados do Governo do Estado, Ministério da Educação e Saúde e Reitoria da Universidade do Brasil, podendo acrescentar que as negociações preliminares haviam obtido o necessário êxito, conforme ainda se verifica na reunião das Comissões representativas, reunidas pela manhã nesse mesmo local. A seguir relata as emendas introduzidas no projeto dos Estatutos da Universidade por ocasião da discussão havida na mesma reunião, esclarecendo que os referidos Estatutos ainda deverão sofrer uma revisão final. Discutidas as emendas, são as mesmas aprovadas. Afinal, sob proposta do Sr. Diretor, ratificou e aprovou a Congregação as seguintes resoluções, já votadas em parte na reunião de 19 de março corrente: — 1.º) — autorizar a incorporação da Faculdade de Direito do Paraná à Universidade do Paraná; 2.º) — constituir uma comissão composta dos professores João Ribeiro de Macedo Filho, Ernani Guarita Cartaxo e José Maria Pinheiro Lima, com poderes para aprovar os Estatutos até a sua redação final e para assinar a convenção necessária à restauração e criação da Universidade do Paraná. Em seguida procedeu-se à eleição do Delegado da Congregação no Conselho Universitário, sendo eleito por unanimidade o Sr. Professor Des. Clotário de Macedo Portugal. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual, para constar, eu, Ernani Guarita Cartaxo, Secretário, lavrei a presente ata, que mandei transcrever neste livro e assino com os senhores Presidente e Inspetor Federal".

Integraram ainda esse documento as atas da Faculdade de Engenharia e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

A instalação da Universidade tornou-se realidade com o Decreto lei baixado pelo Sr. Presidente da República nos seguintes termos:

"DECRETO-LEI N.º 9.323

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando o disposto no Decreto n.º 24.279, de 12 de Maio de 1934, decreta:

Artigo único. Ficam concedidas as regalias de universidade livre, equiparada à Universidade do Paraná e aprovados seus Estatutos, que com este baixam, assinados pelo Ministro de Estado da Educação e Saúde.

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1946, 125.º da Independência e 58.º da República.

*Eufrasio G. Dutra,
Ernesto de Souza Campos."*

Mais uma vez viria o governo do Estado do Paraná estender sua mão à Universidade, decretando o Sr. Interventor, Dr. Brasil Pinheiro Machado, a concessão de Cr\$ 5.000.000,00, importância destinada ao fundo Universitário, e mais uma subvencção anual de Cr\$ 3.000.000,00. Os decretos tomaram os números 457, de 2 de Maio de 1946, e 501, de 21 de Agosto, respectivamente.

Empolgado pelo acontecimento, o Sr. Prefeito Municipal de Curitiba, engenheiro Algacyr Munhoz Mäder, professor da Faculdade de Engenharia, em um gesto que mereceu o reconhecimento do povo paranaense, também trouxe o apoio da Prefeitura, através do seguinte ato:

"DECRETO-LEI N.º 134

O prefeito Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, usando da atribuição que lhe confere o art. 5.º do decreto-lei federal n.º 1.202, de 8 de Abril de 1939, decreta:

Art. 1.º — Fica a Prefeitura Municipal de Curitiba autorizada a doar um terreno com a área de 500.000 metros quadrados, no Cajuru, à Universidade do Paraná.

1.º — O terreno a que se refere este artigo deverá ser utilizado para as instalações da Universidade do Paraná.

2.º — Em caso de inobservância do estabelecido no parágrafo anterior o terreno referido reverterá ao patrimônio do município.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Prefeitura Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, em 21 de Junho de 1946.

Até 1946 o número de diplomados pelas Faculdades, que passaram a integrar a Universidade do Paraná, foi de 3.085: 944 médicos, 432 engenheiros civis, 12 engenheiros geógrafos, 78 químicos industriais, 460 cirurgiões dentistas, 172 farmacêuticos, 741 bacharéis em direito e 246 diplomados nos diversos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

A matrícula de alunos nos cursos da Universidade, em diversos anos, assinala o seguinte resultado:

Em 1913, 96 lunos; 1914, 139; 1943, 1.272; 1944, 1.308; 1945, 1.500 e 1946, 1.766.

Terminada a campanha da restauração, para cujo sucesso concorreram todos os professores e alunos das diversas Faculdades e especialmente os saudosos professores Victor Ferreira do Amaral e Macedo Filho, iria iniciar-se, sob as arcadas do Palácio da Universidade, nova caminhada, que seria marcada por raios de inextinguível entusiasmo e perseverança, em busca da sua federalização.

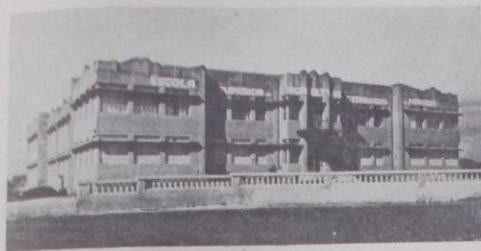
Em 6 de Julho de 1948 deixava a Reitoria da Universidade, por força dos seus novos Estatutos, o prof. Victor Ferreira do Amaral, que virtualmente ocupou esse cargo durante 38 anos. Sua missão estava cumprida. Suas lutas e aspirações, coroadas com a restauração da sua Universidade, Transmissa, agora, esse cargo ao ilustre prof. Macedo Filho, colhido inesperadamente pela morte no dia 4 de Agosto de 1949, quando os frutos da sua operosa administração começavam a se fazer sentir.

Em virtude do infausto acontecimento, assumiu a Reitoria da Universidade, de acordo com os Estatutos, o Vice-Reitor, prof. Flávio Suplicy de Lacerda.

Iria o prof. Flávio Suplicy iniciar um dos mais empolgantes movimentos verificados na vida universitária: A FEDERALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE.



RESTAURAÇÃO DA UNIVERSIDADE —
O Prof. Brasil Pinheiro Machado, Interventor Federal no Paraná, quando discursava na solenidade de restauração da Universidade.



Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná.

Em 19 de Dezembro de 1949, apresentando o relatório, o Magnífico Reitor lança a ideia: "Agora temos para nós que a Universidade está chegando ao término da capacidade limite do que pode realizar uma iniciativa particular. A sua fase inicial terminou. Chegou o momento de ser a incluída entre os centros universitários que merecem o amparo carinhoso e decidido do Governo Federal". "É pois a hora da Federalização do Ensino Superior do Paraná, não como favor obtido nos corredores da Câmara, mas como a vitória mais retumbante alcançada no Brasil pela iniciativa particular". "Conclammos assim a gente do Paraná para que certe fileiras com a sua Universidade na batalha da Federalização que vamos agora travar com a maior resolução. Convocamos para ela os melhores esforços do Poder Estadual, as nossas Associações Científicas e Culturais, na certeza que de pronto estarão integralmente a nosso lado".

Destralçada a bandeira da federalização, foi organizada a Comissão Universitária para ir ao Rio de Janeiro apresentar ao Sr. Presidente da República o pedido da Universidade.

Fez parte dessa Comissão o ilustre governador do Estado, Sr. Moysés Lupion, a pedido da Reitoria, o Magnífico Reitor da Universidade, Prof. Flavio Suplicy de Lacerda, Diretores dos Institutos Universitários e Presidentes dos Diretores e Centros Acadêmicos.

Longo memorial foi entregue ao Presidente da República, Sr. Eurico Gaspar Dutra, que, acompanhado de mensagem e exposição de motivos do Sr. Ministro da Educação, Dr. Clemente Mariani, foi encaminhado à Câmara dos Deputados em 10 de Março de 1950.

Na Câmara do pedido da Universidade foi recebido com simpatia. No Senado o Dr. Arthur Santos, prof. da Universidade do Paraná, discutindo o projeto de federalização de outras instituições universitárias brasileiras, apresenta emenda ao mesmo, incluindo a Universidade do Paraná.

Um substitutivo elaborado pelo Senador Arthur Santos, reunindo todas as emendas apresentadas no Senado, dispõe sobre o sistema federal de ensino superior.

Aprovado esse substitutivo pelo Senado e posteriormente pela Câmara dos Deputados, o Sr. Presidente da República sancionou a lei n.º 1.254, de 4 de dezembro de 1950, que, entre outras instituições universitárias brasileiras, federaliza a Universidade do Paraná.

Estava assim concluída mais uma etapa de gloriosas lutas da Universidade.

Quando as maiores aspirações estavam superadas e a Universidade iria iniciar nova vida, sem os tropeços e dificuldades que assinalaram sua existência, é atinada por um dos maiores golpes de toda sua vida: em 2 de fevereiro de 1953, quando se dispunha a descansar, reconfortado pelas últimas conquistas da Universidade, Victor Ferreira do Amaral, que durante 41 anos vinha se dedicando inteiramente à ela, morre na cidade de Curitiba, abrindo um vácuo na vida intelectual não só do Paraná, mas também do Brasil.



Faculdade de Direito de Curitiba.

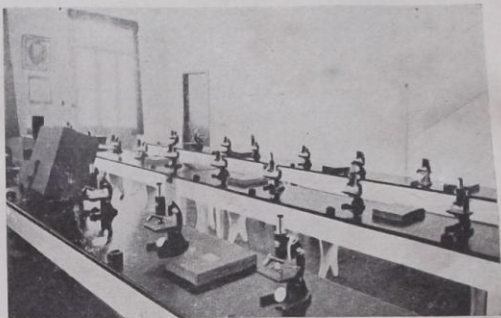
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA

Pela lei 1.788, de 5 de abril de 1918, no governo do Dr. Afonso Carmo foi criada essa Escola, que, pela amenidade do clima paranaense e feracidade da sua terra, apropriada à vida cultural e experiências, desenvolveu-se com o progresso do Paraná, embora nos últimos anos tenha havido um decréscimo do número de alunos que ali acorrem, consequência do êxodo das populações agrícolas para as cidades, mal que não é só paranaense. Urge que se dê ao trabalhador e aos técnicos rurais as mesmas garantias dadas aos que se empregam nos misteres da indústria e do comércio, a fim de que se evite esse deslocamento das populações rurais, de consequências nefastas para o país.

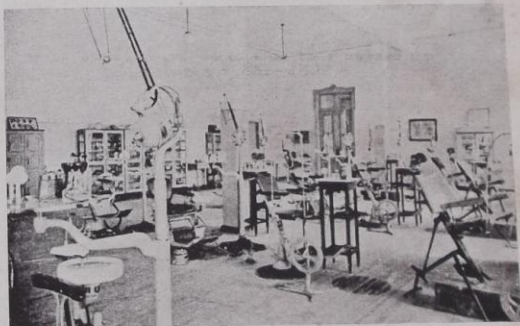
A matrícula inicial da Escola foi de 114 alunos. Em 1953 é de 104, sendo que dois são do sexo feminino.

ESCOLA SUPERIOR DE VETERINÁRIA

Fundada em 30 de abril de 1931, com a matrícula inicial de 22 alunos, conta no ano do "Centenário do Paraná" com 32 alunos do sexo masculino.



Faculdade de Medicina — Laboratório de Anatomia e Fisiologia Patológicas.



Faculdade de Medicina — Dispensário Dentário para prática dos estudantes de Odontologia.

É seu diretor o Prof. Agostinho Busnardo da Veiga. No ano de 1947 o Deputado paranaense Lauro Lopes apresentou na Câmara um projeto tendente à federalização das Escolas Superiores de Agricultura e Veterinária. Pela lei n.º 1.055, em 16 de janeiro de 1950, esses estabelecimentos, que vinham sendo subvencionados pelo governo federal, estadual e municipal, conseguiram o velho anelo, sendo federalizados.

Os dois cursos são ministrados por 37 professores e 16 assistentes.

ESCOLA SUPERIOR DE QUÍMICA

Junto à Escola de Engenharia do Paraná foi fundada em 25 de março de 1924 o Instituto de Química.

Em 1941 o governo do Estado, no desejo de incorporar a universidade técnica, pleiteou da Escola de Engenharia a cessão do referido Instituto, passando o mesmo a formar com as Escolas de Agronomia e Veterinária o Instituto Técnico de Agronomia, Veterinária e Química do Paraná.

Com a federalização das Escolas de Agronomia e Veterinária, desligou-se delas a Escola de Química, instalando-se então em amplo prédio, dotado de aparelhamento moderno, recebido do governo do Estado.

Através de memorial enviado em 15 de abril de 1953 ao Sr. Presidente da República, pelo governo do Estado, pleiteia a Escola Superior de Química a sua federalização.

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Foi criada do gênero a instalar-se no Paraná em 1937 pelo professor De Plácido e Silva.

Iniciou com o "Curso de Administração e Finanças". Diplomou até 1952: 135 economistas e 6 bachareis em Ciências Contábeis e Atuárias.

Em 1945, por força de lei federal, extinguiu-se o "Curso de Administração e Finanças" e a Faculdade passou a ser constituída por dois cursos distintos: Cursos de Ciências Contábeis e Atuárias, ambos com seriação de 4 anos.

No Curso de Ciências Econômicas, em 1953, estão matriculados no primeiro ano 100 alunos, no segundo, 52, no terceiro, 29 e no quarto, 58.

No Curso de Ciências Contábeis e Atuárias, no primeiro ano 40 alunos, no segundo, 21 e no terceiro 22.

A história dessa Faculdade apresenta episódios do mais sadio idealismo. É a única do Brasil onde os professores pertencem em média a irrisória importância de Cr\$ 300.000 mensais, em consequência da situação deficitária do estabelecimento. Pleiteou a sua federalização, quando foram federalizadas diversas Faculdades paranaenses. Embora apresentasse ponderosas razões, não conseguiu esse objetivo.

É dirigida pelo professor Dr. Joaquim de Almeida Peixoto.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Em 26 de fevereiro de 1938, refletindo as aspirações do Estado, instalou-se em Curitiba a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

O progresso do Estado exigia um número maior de cursos superiores e a União Brasileira de Educação e Ensino, sob a jurisdição dos Irmãos Maristas do Brasil Central, veio ao encontro desse velho desejo, instituindo os seguintes cursos: Filosofia, Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Geografia e História e Ciências Sociais e Políticas. Mais tarde foram acrescidos os de Letras Clássicas, Letras neo-latinas, Letras anglo-germânicas, Didática e Pedagogia.

Até 1946 a Faculdade foi mantida pela União Brasileira de Educação e Ensino. Quando se deu a restauração da Universidade, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná passou a integrá-la. A ata que assinala esse importante acontecimento é do seguinte teor:

"Ata da sexta sessão extraordinária da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná".

Aos trinta do mês de março de mil novecentos e quarenta e seis, às dezeto horas, no salão nobre da Congregação, sob a presidência do Sr. Des. Manoel Lacerda Pinto, Diretor em exercício, e secretariado pelo abaixo-assinado, realizou-se outra sessão extraordinária da Congregação, a fim de tratar-se da incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade do Paraná, tendo comparecido a ela os senhores Professores Catedráticos, que deixaram a sua assinatura no livro competente. Aberta a sessão pelo Sr. Presidente, foi concedida a palavra ao Sr. Secretário para leitura da ata anterior, a qual, posta em discussão, foi aprovada unanimemente. O Sr. Presidente expôs os motivos da convocação, fazendo um relatório resumido dos entendimentos que a Comissão designada pela Congregação tivera com as demais Comissões das Faculdades Superiores do Paraná acerca da restauração da Universidade, entendimentos estes que culminaram na resolução de convocar de cada uma das referidas Faculdades a respectiva Congregação para resolver sobre os pontos seguintes: — a) Se é pela incorporação da Faculdade de Filosofia à Universidade; b) se aprova em suas linhas gerais os Estatutos que já foram distribuídos aos professores; c) qual o professor que a Faculdade elige para, juntamente com o seu Diretor, fazer parte do Conselho Universitário. Esclareceu o senhor Presidente que, uma vez assentados estes três pontos, a ata da presente sessão será lavrada, aprovada e copiada, para servir de instrumento do mandato que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras delega aos seus dois representantes, que integram o Conselho Universitário da Universidade. Pôsto em discussão o primeiro ponto, decidiu-se aprovação unânime, visto já ter-se a Faculdade manifestado favorável à Universidade, na reunião extraordinária anterior, como o assinalou o Dr. Carlos Stelfflid. Ato contínuo, passou-se ao 2.º item — aprovação, em suas linhas gerais, dos Estatutos distribuídos aos senhores professores. Uma vez que a comissão indicada por esta Congregação já se externou a propósito dos referidos Estatutos, declarando merecerem os mesmos, em traços gerais, a sua aprovação, deliberou a Congregação nada mais agora acrescentar, a não ser que o Dr. Professor Homero de Mello Braga solicitou do Sr. Presidente fique expresso em ata o desejo da Faculdade de Filosofia de serem futuramente incorporados, como unidades universitárias, o Museu Paranaense, a Biblioteca Pública e o Instituto de Química do Paraná. Pediu a palavra o Prof. Loureiro Fernandes para esclarecer que o projeto de reorganização do Museu paranaense vem sendo orientado para essa solução. Em seguida o Sr. Presidente expôs à consideração dos senhores Catedráticos o 3.º ponto. Distribuídas as cédulas para a eleição do professor que, juntamente com o Sr. Diretor, participará da eleição do professor que, juntamente com o Sr. professor Liguarru Espírito Santo para, em companhia do Sr. Secretário, verificar o decorrer da votação, veio a ser eleito, com exclusão de um voto, o Sr. Dr. Loureiro Fernandes. O Sr. Presidente comunicou o resultado e

contratou-se com a Congregação pela feliz escolha. Livre a palavra, o Sr. Artur Ferreira dos Santos manifestou o seu júbilo por ter sido eleito o Professor Loureiro Fernandes, que vem trabalhando singularmente para a realização desse desiderato. O Sr. Loureiro Fernandes agradece à Congregação a prova de confiança e as simpatias do Sr. Dr. Artur Ferreira dos Santos e agradece, novamente com a palavra, sugere sejam transmitidos aplausos e agradecimentos ao Exmo. Sr. Interventor Federal. Professor Brasil Pinheiro Machado, pelo seu decidido apoio à nobre causa. O Professor Brasil Pinheiro Machado, pelo seu decidido apoio à Congregação da Faculdade de Filosofia do Espírito Santo pede ao Exmo. Sr. Interventor do Estado o reconhecimento pessoal e agradecido, acolhendo a ideia do Dr. Artur Ferreira dos Santos, de pessoalmente externar ao Exmo. Sr. Presidente, a atuação do Exmo. Sr. Interventor do Estado e Diretor desta Faculdade a palavra, e como ninguém mais se manifestasse, o Sr. Presidente suspendeu os trabalhos, terminada a lavratura desta ata, finda a qual, procedeu-se à leitura pelo Secretário infra assinado, desta ata, finda a qual, procedeu-se à votação e ao receber aprovação unânime, sendo subscrita pelo Sr. Presidente, que declarou encerrada a sessão. Salvo Nota da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, em Curitiba, aos 30 de março de 1946. (ass.) Rosário Ferani Mansur-Guimarães, Secretário; Manoel Lacerda Pinto

Foi, juntamente com outras Faculdades, federalizada em 1950.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO PARANÁ

Fundada nos moldes do decreto lei federal n.º 1.212, de 17 de abril de 1939, a Escola de Educação Física e Desportos do Paraná tem como criador e mantenedor o Professor Francisco M. Albizu, seu diretor desde a data da fundação em 1942.

No primeiro ano de sua existência matricularam-se 32 alunos no Curso Superior de Educação Física e 6 no então Curso de Normalista Especializado. A Escola, que hoje mantém quatro cursos: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Medicina Aplicada à Educação Física e Técnica Desportiva, conta com a matrícula de 42 alunos de Curso Superior, 4 no de Medicina Aplicada e 6 no de Técnica.

Funciona ela no suntuoso Estádio Durival de Brito, para as aulas práticas, e na Avenida João Pessoa, 103, para as aulas teóricas e sua administração.

Já formou cerca de duzentos professores e médicos especializados, tendo prestado grande serviço ao ensino no Estado, pois que graças a ela o Paraná conta hoje com a plêiade de excelentes fisicultores.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE CURITIBA

Fundada em 5 de agosto de 1950, mantém os cursos de filosofia, história natural, letras neo-latinas, matemática, geografia e história, letras anglo-germânicas, física, letras clássicas, pedagogia e química.

É sustentada pelos Irmãos Maristas.

MATRICULA NOS DIVERSOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR EM 1953

FACULDADE	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	6.º ano	Total
Direito	175	207	281	177	154	—	994
Medicina	124	127	133	144	130	115	773
Engenharia (1952)	86	205	130	191	155	—	767
Ciências Econômicas	140	73	51	58	—	—	322
Odontologia	61	86	78	—	—	—	225
Direito de Curitiba	92	107	—	—	—	—	199
Católica Filosofia	87	41	—	—	—	—	128
Agricultura	—	—	—	—	—	—	104
Farmácia	25	29	30	—	—	—	84
Educação Física	—	—	—	—	—	—	42
Veterinária	—	—	—	—	—	—	32
Filosofia	111	113	112	104*	—	—	440
Química	21	38	26	26	—	—	111

NOTA: Os 104* alunos da 4.ª coluna da Faculdade de Filosofia são respondem ao Curso de Didática.

RESUMEN

El autor empieza refiriendo la situación de enseñanza desde la instalación de la Provincia del Paraná y la obra de su primer presidente Zacarias de Góis; la creación de escuelas, la extensión de la instrucción al sexo femenino, la ley de la enseñanza primaria obligatoria, dedica, en lo siguiente, una sección a la contribución de la *Enseñanza Particular* en el sector de la educación primaria. Entra en pormenores sobre las materias constantes de los *Programas de enseñanza* y el método seguido.

La sección *Progreso de la enseñanza en el Estado*: la situación escolar en 1865 y 1898, y la reducción constante del porcentaje del analfabetismo; el relato del director de la Instrucción Pública en 1875; las iniciativas del presidente Oliveira Bello; las actividades del presidente Taunay; la venida de la república y la confusión resultante de las reformas sucesivas; el aumento del índice de analfabetismo; la actuación de los presidentes Xavier da Silva y Vicente Machado; la fundación del primer jardín de la infancia; la valiosa contribución de las Hermanas de Caridad y los establecimientos por ellas fundados, con la matrícula actual de cada uno. Los importantes reformas de Prieto Martínez en la presidencia de Catoano Munhoz da Rocha; enumeración de las escuelas existentes en 1920; cotejo de los gastos en este sector, en 1920, con los actuales; los edificios escolares del Estado, con enumeración de los existentes en la capital y sus respectivos valores; la conmemoración del centenario de la independencia del país; la situación de la enseñanza en 1923 y 1924; los efectos de la revolución de São Paulo y la epidemia de varicela; datos sobre la instrucción en 1925; la creación de la enseñanza profesional y de las Escuelas Complementarias Normales, con el programa de estas; las realizaciones y la situación en 1926 y 1927. El estado de las cosas en el gobierno del sucesor de Munhoz da Rocha; los progresos verificados en 1928; la agitación política y la revolución de 1930, con sus efectos desastrosos para la instrucción. El gobierno Manuel Ribas; la transformación de la economía del Paraná; la actuación del interventor en el sector educacional; construcciones, restablecimiento del servicio de inspección escolar; establecimientos, profesorado y matrícula en 1939; los directores de la Educación en ese período; la influencia de la dictadura; la creación de la enseñanza rural; escuelas y matrícula en 1939; la transformación de la Directoría de Educación en secretaría. El gobierno Lupion y la vasta obra del secretario Erasmo Pilotto; la creación del Consejo de Educación y Cultura; la constitución de los Departamentos de Cultura y de Educación; el estado de la enseñanza pre-primaria; la creación de jardines de la infancia; nueva orientación dada a los trabajos de los jardines de la infancia ya existentes; la elaboración del plano para la abertura de 1200 nuevas escuelas, la creación de la red de escuelas experimentales aisladas y de un curso de orientadores de la enseñanza primaria en la zona rural; la creación de la red de Escuelas Normales Regionales y de cursos de perfeccionamiento de sus profesores; las actividades del gobierno en el sector cultural; transcripción de trozos de un artículo sobre Erasmo Pilotto. El actual gobierno del Estado; el secretario Xavier Viana; reinstalación de los jardines de la infancia, remodelación del Instituto de Educación, creación de escuelas etc.; lista de la matrícula y frecuencia en la enseñanza primaria en 1951; escuelas y profesorado primario en 1953.

Después el autor trata de los *Jardines de la Infancia*: Joanna Falce Scaleo y la influencia de Montessori; desarrollo de los jardines de la

infancia, su desagregación durante el Estado Nuevo y su reelección en la gestión de Erasmo Pilotto. *Educación de adultos*: distribución de los cursos por las diferentes localidades del Estado en el año de 1952. *Enseñanza mantenida por los municipios*: esfuerzos laudables de las comunidades en este sector; lista demostrativa del número de escuelas, profesorado, matrícula y gasto en el año de 1952.

Continuando, el autor historia el desarrollo de la *Enseñanza secundaria y media*: la creación del Liceo Curitibaño en 1846, su primitiva instalación y sus primeros directores; su funcionamiento irregular en 1853, con transcripción de las palabras del presidente al Congreso Provincial; la reorganización del Liceo en Instituto Paranaense (después Ginásio Paranaense y hoy Colegio Estadual de Paraná); la fundación de colegios particulares; la creación de la Escuela Normal y la construcción de su nuevo edificio en 1922; laboratorios y museos de la Escuela, otros colegios particulares; el Colegio Curitibaño, el Partouren Paranaense, la Escuela Americana, el Seminario Episcopal etc.; el Colegio Nossa Senhora de Lourdes, su matrícula en 1953 y otros establecimientos mantenidos por la misma congregación. El autor pasa a proporcionar datos sobre algunos gimnasios ahora existentes: *Ginásio Senhor Bom Jesus*; *Colégio da Divina Providência*; *Colégio Iguaçu*; *Escuelas Normales de Ponta Grossa y Paranaguá*, y *Ginásio Repente Feijó* de Ponta Grossa; cursos fundados por la *Associação de Ensino Novo Ateneu*; *Colégio Estadual "General Carneiro"*, de Lapa; *Ginásio Nossa Senhora das Graças*, de Irati; *Ginásio da Sagrada Família*, de Campo Largo da Piedade; *Ginásio Estadual Nicolau Copérnico*, de Malet; *Escola Normal Secundária de União da Vitória*; *Ginásio Estadual "Dr. Catoano Munhoz da Rocha"*, de Rio Negro; *Gimnasios Estaduais*, de Pirai do Sul, de Palmas, de Arapongas, de Mandaguari, de Bandeirantes, de Assaí, de Foz de Iguaçu; *Colégio Estadual "Tatá de Franca"*, de União da Vitória. Por fin, presenta *Dados estadísticos* sobre la enseñanza media y secundaria en el año actual.

En la sección *Enseñanza Superior*, el autor realiza el papel de Vitor Ferreira do Amaral en la creación de la Universidad; transcribe las Actas del Congreso general de la Universidad del Paraná y de su instalación solemne, y trozos de un trabajo histórico del Prof. Guarita Cartaxo, con el texto de la ley que hizo oficial la Universidad. Relata en seguida: la construcción de la sede de la Universidad y concesión de auxilio del gobierno; la desmembración de la Universidad y los esfuerzos por su restauración; la instalación de la Universidad en 1946, con transcripción de la acta de la primera sesión del Consejo Universitario y del decreto-ley que la equiparó; la concesión de subvención por el gobierno del Estado y el decreto-ley de donación de un terreno por la Prefectura; los diplomados por las facultades paranaenses hasta 1946 y la matrícula de la Universidad en diversos años; la campaña por la federalización de la Universidad y su victoria. Viene después datos sobre: *Escuela Superior de Agricultura*; *Escuela Superior de Veterinaria*; *Escuela Superior de Química del Paraná*; *Facultad de Ciencias Económicas del Paraná*; *Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras de la Universidad del Paraná*, con transcripción de la acta que señala su integración en la Universidad; *Escuela de Educación Física del Paraná*; y *Facultad Católica de Filosofía de Curitiba*. Termina presentando una lista de la *Matrícula, en los diversos establecimientos de enseñanza superior, en 1953*.

SUMMARY

The author begins with the state of instruction at the moment of the establishment of the Province of the Paraná and the task of the first president Zacarias de Góis; the installation of schools, the extension of the instruction to the feminine sex, the law for obligatory primary instruction. Then he consecrates a chapter to the contribution of the *Private Teaching* in the primary instruction. He records the constant matters of the *Education Programs* and the method used.

The chapter *Progress of the instruction in the Paraná* constitutes a summary of the history of instruction in the State: the situation of schools in 1865 and 1898, and the constant reduction of the percentage of analfabetism; the record of the director for Public instruction in 1875; the initiatives of the president Oliveira Bello; the activities of the president Taunay; the advent of the republic and the disorder resulting from the successive reforms; the increase of analfabetism; the presidency of Xavier da Silva and Vicente Machado; the foundation of the first kindergarten; the valuable contribution of the Sisters of Mercy and their establishments, with the actual matriculation of each one. The important reforms of Prieto Martínez during the presidency of Catoano Munhoz da Rocha; register of the schools in 1920; comparing of the expenses in 1920 with the actual one; the State's school buildings, with indication of those existing in the capital and their respective value; the commemoration of the centenary of the country's independence; the state of instruction in the centenary of the country's independence; the state of instruction in 1923 and 1924; the consequences of the revolution of S. Paulo and the epidemic of varicella; indications about instruction in 1925; the establishment of the professional instruction and of Complementary Teacher's Training Schools, with their program; the realization and the situation in 1926 and 1927. The state of things during the government of the successor of Munhoz da Rocha; the progresses stated in 1928; the politic agitation and the revolution of 1930, with its disastrous results for the instruction. The government Manuel Ribas; the transformation of the economy of the Paraná; the activity of the "interventor" in the branch of education; constructions, re-establishment

of the service of school inspection; establishments, body of teachers, and matriculation in 1939; the directors for Education during this period; the influence of the dictatorship; the establishment of the rural instruction; schools and matriculation in 1939; the transformation of the Directory of Education into Secretaria (department). The government Lupion and the great task of the secretary Erasmo Pilotto; the establishment of the Council for Education and Culture; the constitution of the Departments of Culture and Education; the state of the pre-primary instruction; the establishment of kindergartens; new orientation given to the tasks of the kindergartens; the elaboration of the plan for the foundation of 1200 new schools, the establishment of the system of isolated experimental schools, and of a course for orientators of the primary instruction in the rural zone; the establishment of the system of Regional Teacher's Training Schools and of a course of improvement for its teachers; the activities of the government in the cultural sector; partial transcription of an article about Erasmo Pilotto. The actual government of the State; the secretary Newton Carneiro; foundation of schools (grupos escolares) and isolated schools; the secretary Xavier Viana; new furnishing of the kindergartens, transformation of the Institute for Education, establishment of schools etc.; record of the matriculation and the frequency of the primary instruction in 1951; schools and body of teachers of the primary instruction in 1953.

In the following, the author talks about the *Kindergartens*: Joanna Falce Scaleo and the influence of Montessori; development of the kindergartens, their disaggregation during the New State, and their re-establishment during the presidency of Erasmo Pilotto.

Educación de adultos: distribution of courses to the different places of the State in 1952. *Instruction maintained by the municipalities*: laudable endeavors of the municipalities in this regard; demonstrative record of number of schools, body of teachers, matriculation and expenses in 1952.

Continuating, the author relates the development of the *secondary instruction*: the establishment of the Liceo Curitibaño in 1846, its prim-

five localisation and its first directors; its irregular working in 1853 with transcription of words of the president of the Provincial Parliament; the re-organization of the Liceu as Instituto Paranaense (later Ginásio Paranaense and actually Colégio Estadual do Paraná); the foundation of private colleges; the establishment of the Teacher's Training School and the construction of its new building in 1922; laboratories and museums of the School; other private colleges; the Colégio Curitibaño, the Partenon Paranaense, the Escola Americana, the Seminário Episcopal, etc.; the Colégio Nossa Senhora de Lourdes, its matriculation in 1953, and other establishments maintained by the same congregation. Then the author supplies indications about some gymnasiums, now existing: the *Colégio Senhor Bom Jesus*; *Colégio da Divina Providência*; *Colégio Iguassú*; *Teacher's Training Schools of Ponta Grossa and Paranaguá*, and *Gandáa Regente Feijó* of Ponta Grossa; Courses founded by the *Associação de Ensino Novo Atena*; *Colégio Estadual "General Carneiro"* of Lapa; *Ginásio Nossa Senhora das Graças*, of Irati; *Colégio Estadual da Sagrada Família*, of Campo Largo da Piedade; *Ginásio Estadual Nicolau Copérnico*, of Malet; *Secondary Teacher's Training School of União da Vitória*; *Ginásio Estadual "Dr. Caetano Munhoz da Rocha"*, of Rio Negro; the State's gymnasiums of *Pirai do Sul*, of Palmas, of *Arapongas*, of *Mandaguari*, of *Bandeirantes*, of *Assaí*, of *Foz do Iguaçu*; *Colégio Estadual "Túlio de França"*, of União da Vitória. Finally he presents *Statistic Records* about the secondary instruction in the actual year.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser beginnt, indem er sich auf die Unterrichtsverhältnisse bei Entstehung der Provinz des Paraná und auf das Werk ihres ersten Präsidenten, Zacarias de Góis, bezieht; die Schöpfung von Schulen, die Ausdehnung des Unterrichts auf das weibliche Geschlecht, das Gesetz ueber die Schulpflicht. Anschliessend widmet er dem *Beitrag des Privatunterrichts zur Volksschulbildung* einen Abschnitt. Er beschreibt genau den feststehenden Stoff der *Unterrichtsprogramme* und die angewandte Methode.

Der Abschnitt *Fortschritt des Unterrichts im Paraná* stellt eine Zusammenfassung der Geschichte der Erziehung im Paraná dar: die Schulverhältnisse in den Jahren 1865 und 1898 und das ständige Abnehmen des Prozentsatzes an Analphabetismus; der Bericht des Direktors der Oeffentlichen Bildung im Jahre 1875; die Initiativen des Praesidenten Oliveira Bello; die Taetigkeit des Praesidenten Tauny; das Entstehen der Republik und die durch die staeudigen Reformen hervorgerufene Verwirrung; das Zunehmen des Analphabetismus; das Wirken der Praesidenten Xavier da Silva und Vicente Machado; die Gruendung des ersten Kindergartens; der wertvolle Beitrag der Barmherzigen Schwestern und die von ihnen geschaffenen Einrichtungen, mit ihren heutigen eingetragenen Namen. Die wichtigen Reformen von Prieto Martinez unter der Praesidentschaft von Caetano Munhoz da Rocha; genaue Aufstellung der im Jahre 1920 bestehenden Schulen; Vergleich zwischen den Ausgaben auf diesem Sektor im Jahre 1920 und den heutigen; die Schulgebäude des Staates, mit Aufzeichnung der in der Hauptstadt bestehenden und ihres jeweiligen Wertes; die Hundertjahrfeier der Unabhaengigkeit des Landes; die Unterrichtsverhältnisse in den Jahren 1923 und 1924; die Auswirkungen der Revolution von São Paulo und der Pockenepidemie; Angaben ueber die Bildung im Jahre 1925; die Schöpfung von Berufsschulen und zusätzlichen Lehrerseminaren, mit den Programmen derselben; die Arbeiten und die Lage in den Jahren 1926 und 1927. Die Verhältnisse unter der Regierung des Nachfolgers von Munhoz da Rocha; die 1928 erzielten Fortschritte; die politische Agitation und die Revolution von 1930 mit ihren verheerenden Auswirkungen auf die Erziehung. Die Regierung Manuel Ribas; die Umformung der Wirtschaft des Paraná, die Taetigkeit des "Interventors" auf dem Gebiet der Erziehung; Bauten, Wiedereinfuehrung der Schulpflicht; Einrichtungen, Lehrerkollegium und Einschreibungen im Jahre 1939; die Einfuehrung des Unterrichts auf dem Lande; Schulen und Einschreibungen im Jahre 1939; die Umwandlung des Direktoriums fuer Erziehung in Ministerium. Die Regierung Lupion und das umfangreiche Werk des Ministers Erasmo Pilotto; die Bildung des Rates fuer Erziehung und Kultur; die Einrichtung der Abteilungen fuer Kultur und Erziehung; die Lage der Kinderschulen; die Schöpfung von Kindergaerten; neue Richtlinien fuer die Arbeiten in den Kinderschulen; die Ausarbeitung des Planes fuer die Eroeffnung von 1200 neuen Schulen, die Einrichtung des Netzes von isolierten Versuchsschulen und eines Kurses fuer Ausbilder im Volksschulunterricht auf dem Lande; die Schöpfung des Netzes von Regionalen Lehrerseminaren und von Kursen zur Weiterausbildung ihrer Lehrer; die Arbeit der Regierung auf kulturellem Gebiete; Wiedergabe von Auszuegen aus einem Artikel ueber Erasmo Pilotto. Die gegenwaertige Regierung des Staates; der Minister Newton Carneiro; Gruendung von Schulen (grupos escolares) und isolierten Schulen; der Minister Xavier Vianna; Neuausstattung der Kindergaerten, Umformung des Instituts fuer Erziehung, Gruendung von Schulen usw.; Bericht ueber Einschreibung und Besuch in den Volksschulen im Jahre 1951; Schulen und Volksschul-Lehrerkollegium im Jahre 1953.

In the chapter *High School instruction*, the author points out the role of Vitor Ferreira do Amaral at the establishment of the University of Paraná and its solemn foundation, and parts of a historical work of Prof. Guarita Cartaxo, with the text and the law that made the University official. Then he relates: the construction of the University building and the grant of governmental help; the disaggregation of the University and the endeavours for its restoration; the installation of the University and the law made it official; the first session of the University Council and the law made it official; the grant of subsidy by the State's government and the diplomas given by the grant of a piece of land by the Prefecture; matriculation of the University in different years; the campaign for the federalization of the University and its victory. Then he gives some indications about: *High School for Agriculture*; *Veterinary High School*; *Chemical High School of the Paraná*; *Faculty for Economic Sciences of the Paraná*; *Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of the Paraná*, with the transcription of the statement that publishes its integration into the University; *School for Physical Education of the Paraná*; and the *Catholic Faculty of Matriculation*, in the different high school establishments, in 1953.

Im folgenden behandelt der Verfasser die *Kindergaerten*: Joana Falce Scalco und der Einfluss von Montessori; Entwicklung der Kindergaerten, ihr Niedergang im Neuen Staate und ihre Wiederaufrichtung unter der Verwaltung von Erasmo Pilotto. *Die Bildung des Erwachsenen*: Verteilung von Kursen auf die verschiedenen Orte des Staates im Jahre 1952. *Von den Gemeinden durchgefuehrter Unterricht*: lebenswerte Anstrengungen der Gemeindebehoerden auf diesem Gebiet; ueberzeugende Aufstellung der Zahl von Schulen, Lehrerkollegien, Einschreibungen und Ausgaben im Jahre 1952.

Im weiteren Verlauf berichtet der Verfasser ueber die *Entwicklung des mittleren und hoeheren Schulunterrichts*: die Gruendung des Liceu Curitibaño im Jahre 1846, seine primitive Unterbringung und seiner ersten Direktoren; sein unregelmassiges Arbeiten 1853, mit Wiedergabe von Worten des Praesidenten des Provinzialen Parlaments; die Umbildung des Liceu in Instituto Paranaense (spaeater Ginásio Paranaense und heute Colégio Estadual do Paraná); die Gruendung von privaten Oberschulen, die Schöpfung des Lehrerseminars und der Bau eines neuen Gebäudes im Jahre 1922; Laboratorien und Museen der Schule; weitere private Oberschulen: das Colégio Curitibaño, das Partenon Paranaense, die Escola Americana, das Seminário Episcopal usw.; das Colégio Nossa Senhora de Lourdes, seine Einschreibung im Jahre 1953, und andere Einrichtungen unter der gleichen Verwaltung. Der Verfasser geht dann dazu ueber, Angaben bezueglich einiger heute bestehender Gymnasien zu machen: *Ginásio Senhor Bom Jesus*; *Colégio da Divina Providência*; *Colégio Iguassú*; *Lehrerseminare von Ponta Grossa und Paranaguá*, und *Ginásio Regente Feijó* von Ponta Grossa; von der *Associação de Ensino Novo Atena* geschaffene Kurse; *Staatliche Oberschule "General Carneiro"* in Lapa; *Ginásio Nossa Senhora das Graças*, in Irati; *Ginásio da Sagrada Família*, von Campo Largo da Piedade; *Staatliches Gymnasium Nicolau Copérnico*, von Malet; *Seminar fuer Lehrer an Hoeheren Schulen*, in União da Vitória; *Staatliches Gymnasium "Dr. Caetano Munhoz da Rocha"*, in Rio Negro; *Staatliche Gymnasien von Pirai do Sul*, von Palmas, von *Arapongas*, von *Mandaguari*, von *Bandeirantes*, von *Foz do Iguaçu*; *Staatliche Oberschule "Túlio de França"*, in União da Vitória. Schliesslich fuehrt er noch *statistische Angaben* ueber den Mittel- und Oberschulunterricht im laufenden Jahre an.

In dem Abschnitt *Hochschulunterricht* streicht der Verfasser die Rolle von Vitor Ferreira do Amaral bei der Schöpfung der Universität Paraná und ihrer feierlichen Einweihung wieder, und Auszüge aus einer der die Universität offiziell anerkannte. Dann schildert er: den Bau der Universität und die Gewaehrung von staatlicher Hilfe; den Verfall der Universität und die Bemuehungen zu ihrer Wiederherstellung; die Einrichtung der Universität im Jahre 1946, mit Wiedergabe der das offiziell anerkannte; die Genehmigung einer Subvention durch die Regierung des Staates und das Gesetz zur Schenkung eines Gebäudes durch die Praefektur; die durch die Fakultäten des Paraná bis 1946 Jahren; der Feldzug zur Foederalisation der Universität in den verschiedenen Jahren; der Feldzug zur Foederalisation der Universität und ihr Sieg. Dann folgen Angaben ueber: die *Hochschule fuer Landwirtschaft*; die *Volkswirtschaftliche Fakultät des Paraná*; die *Hochschule fuer Philosophie, Wissenschaft und Literatur der Universität des Paraná*, mit Wiedergabe der Urkunde, die ihre Aufnahme in die Universität bezeugt; die *Schule fuer Koerperziehung des Paraná*; die *Katholische Fakultät fuer Philosophie von Curitiba*. Er schliesst mit einem Bericht ueber *Einschreibung* in den verschiedenen Hochschulen im Jahre 1953.

As Artes Plásticas e a Música no Paraná

PROFESSOR NELSON LUZ



É crítico de arte, poeta, jornalista. É livre docente da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, onde leciona a cadeira de Direito Internacional Público. Foi durante um ano professor de Direito Penal interinamente na mesma Faculdade. É professor da Escola de Música e Belas-Artes. Assíduo colaborador de revistas e jornais.

A expressão artística de um povo foi, sempre, no tempo e no espaço, uma consequência da estabilização de diversos fatores sociais, dizendo respeito a um grau mais ou menos avançado de unidade de cultura.

A fixação de um grupo heterogêneo num território implica, como tem sido o caso brasileiro, em problemas iniciais de sobrevivência; e a primeira luta, bem o sabemos, após a conquista, é contra a natureza inóspita.

As populações colonizadoras, salvo raríssimas exceções, são constituídas por almas rudes, afeitas ao trato da terra, preocupadas, todas elas, por tendência ou por contingência, com o desbravamento, a agricultura, a pecuária, etc. Somente após a formação de uma unidade bastante caracterizada, e somente após um desenvolvimento conseguido através de lutas incessantes e árduas, pode o grupo social formar e realizar os seus pendores artísticos.

A riqueza do continente americano, as suas vastas possibilidades naturais, atraíram para o nosso território elementos de trabalho, de ação. Hoje, constituímos uma amalgama étnica notável e vivemos num país onde, mercê de Deus, não existe o preconceito de raça.

A arte que aqui brotou teve, ao que parece, ao menos no seu início, algo de inspiração estrangeira. E é justo que se considere assim. Se glória nos cabe, é a de havermos absorvido a lição dos advenas, colhido as suas instruções e o seu estímulo e conseguido, com os elementos proporcionados pela natureza belíssima e pelo talento dos nossos homens; a realização de uma arte autônoma que, por inúmeras vezes, tem empolgado os mais requintados ambientes estrangeiros.

Tal foi o caso do Brasil, tal foi o caso do Paraná. Este, respeitadas as suas condições, repetiu, sob tal aspecto, a situação brasileira. Estado relativamente novo, tem recebido em seu solo os mais variados elementos étnicos. Os seus planaltos, extensos e calmos, o seu clima, que em muito se assemelha ao europeu, as possibilidades de vida próspera que sempre ofereceu, o imenso desenvolvimento econômico que teve, — tudo isso cooperou para que constituísse, como de fato constituiu, um refúgio ideal para imigrantes da Europa e mesmo da Ásia.

Foi a Europa que nos legou os primeiros artistas, esparsos: os pintores entusiasmados pelas nossas praias e florestas, com a perspectiva de um mundo novo; e os músicos, arquitetos, escultores.

Se observarmos os nossos historiadores paranaenses, vamos encontrar a pintura, ainda indecisa, como não poderia deixar de ser, há pouco mais de um século. Manifestações incipientes, muito isoladas em algum recanto por aquele tempo perdido em plena floresta virgem. Entre elas, trabalhos de artistas nossos, espontâneos, muito falhos de técnica, mais derivativo de espíritos sensíveis do que propriamente pintura amadurecida; simples divagações emotivas que se ficaram, todavia, por aí, pelos museus e pelas galerias particulares, como índice de algo que se faria grandioso.

Um artista, entretanto, por esse tempo, é digno de nota em terras paranaenses. Foi ele Frederico Guilherme Virmond. "Prussiano do Reno, homem de raras qualidades intelectuais e morais, sobretudo esteta na extensão máxima do termo, veio ele para o Paraná, segundo todos os dados mais prováveis (aliás para a Comarca de Curitiba), em 1833", cita o Dr. Davi Carneiro na sua "História Psicológica do Paraná". Nascido em 1791, em Colônia, tomou parte em Waterloo e, em virtude de acontecimentos políticos veio parar no Rio de Janeiro, de onde viajou para o Paraná. Aqui viveu e produziu, falecendo em 1876. Miniaturista exímio, desenhista notável, aquarelista de mérito, legou à posteridade interessantíssimas obras, retratos na sua maioria, trabalhadas a óleo sobre placas de marfim. Foi, como comentou em "Visões do Sertão" o sr. Visconde de Taunay, um realizador de "finíssimas miniaturas": desenho preciso, muito espontâneo, perfeito conhecimento da palheta, colorido rico e sóbrio, atestando um perfeito artista. Em miniatura pintou também várias paisagens, bem "naturalistas", equilibradas e cheias de emoção. Deixou poucos alunos, que não fizeram, propriamente, "escola".

Depois de 1845 localiza-se em Paranaguá, nosso principal pórtio de mar, uma escola de desenho, dirigida por duas pintoras americanas: Jessica e Willie James. Delas, foi aluna distinguida D. Iria Correia, natural daquela cidade, nascida em 1839 e considerada, irremediavelmente, a primeira pintora paranaense. Dessa artista existem ainda vários trabalhos que, segundo consta, não são os mais expressivos. Conquanto não possuísse a técnica de Virmond, que estudou na Europa e pôde ver e apreciar os grandes mestres, os seus quadros apresentam, todavia, apesar da construção deficiente e de uma temática excessivamente simples, a emoção muito pronunciada de um espírito feminino sensível às coisas belas. Sob o ponto de vista da cor, também as suas telas não demonstram grandes realizações. Salvam-se os trabalhos pelo

Enorme impulso, e definitivo, tomaram as artes plásticas no Paraná com a radiação, em nossa terra, de um vulto insigne na arte europeia do fim do século passado: Alfredo Andersen.

Nascido em Christiansand, na Noruega, aos doze anos já fazia desenhos dignos de consideração. Logo depois, visitou a Itália, tendo voltado a terra natal, com passagem pela América do Norte e Inglaterra. Discípulo de Krogh, em Christiania, apresentou-se, sendo aceito. Em 1883 voltou a Christiania, e, no ano seguinte, realizou a primeira exposição individual. Desde então revelou-se como retratista e paisagista de grandes possibilidades. O desejo de aprimorar a técnica, de observar os mestres da pintura, de conhecer novos panoramas, levou-o, em 1889, a fazer um cruzeiro de estudos; dirigiu-se à França, onde os seus trabalhos foram elogiados. Retornou à Noruega para, em 1891, reiniciar a viagem. Visitou o México, Brasil (Estado da Paraíba do Norte), Inglaterra, Holanda. Veio depois para a América, visitou novamente o Brasil, passando por Buenos Aires, foi à África do Sul, e daí à Ásia e América do Norte, retornando ao seu país. Em 1893, encontrava-se em Curitiba, após várias peregrinações, para aqui voltou em 1893, então para fixar residência.

Já realizara Andersen várias paisagens no Brasil, entre elas o célebre "Pôrto de Cabedelo" (1892), de regulares dimensões, obra digna de um grande artista. Em Curitiba, adapta-se. Vira, na terra litorânea, as primeiras ruínas de ramagens vivas, recortadas sobre o fundo azul-forte da Serra do Mar; encantara-se com os costumes caboclos, a vida simples e despreocupada de Paranaçu antiga. Ao subir o planalto, encontrou o mathero, os bosques cerrados, perdidos nas campinas sem fim. Depois, a Capital, cidade de brancos e azuis-esverdeados, com o casario semeado entre árvores nuas durante o inverno, engalanado de botões de flores durante a primavera lindíssima.

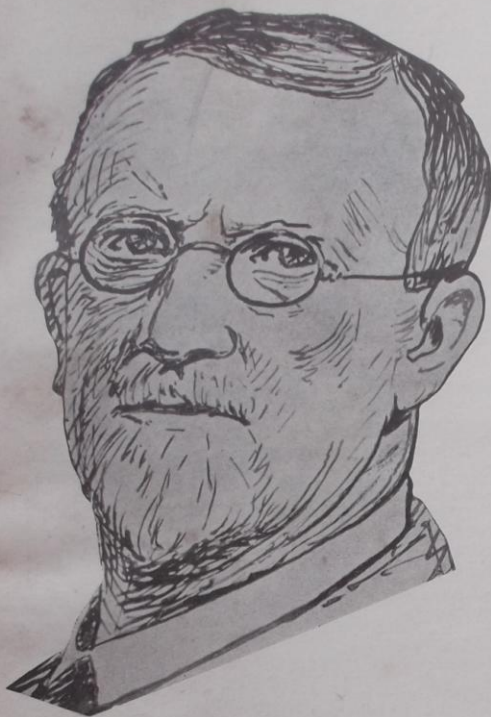
Durante quase meio século, desenhou, pintou e ensinou em nossa terra. Fecundo, apaixonado pelo trabalho, deixou uma obra monumental, de enorme interesse artístico, infelizmente ainda não estudada e colecionada como seria de mister. Somente assim poderia ser possível uma larga série de observações curiosíssimas, tanto de ordem pictórica, como sob o ponto de vista das ligações de uma alma estrangeira em contato intelectual e emotivo com o ambiente paranaense, no que de mais essencial talvez contenha: a cor. Cresce, ainda, o motivo de nota, se atentarmos para as diferenças climáticas a que foi submetida a palheta do artista de Christiansand.

Seja a arte de Alfredo Andersen encarada sob este ou aquele prisma, com maior ou menor entusiasmo, um fato não merece dúvida: foi dela que nasceu a grande força, o grande estímulo da pintura paranaense, ou melhor dito, das artes plásticas em geral; foi ela que inspirou, que orientou, que convidou ao trabalho e ao estudo.

Sem o intercâmbio com os grandes centros artísticos, embora pintor experimental, Andersen teria que ser, como de fato o foi em nosso meio, um marginal. Talvez por isso a sua arte não tenha sofrido entre nós uma crítica justa. Desenhista e pintor amadurecido, até certo ponto jungido às escolas naturalistas europeias do século passado, teria encontrado nos seus apreciadores, salvo raríssimas exceções, comentários nos quais, devido à admiração e à amizade que despertou a sua pessoa, foram tecidas críticas elogiosas, mas imprecisas, mais de ordem emocional do que, propriamente, técnica. Daí o fato de não se haver feito, até agora, uma apreciação de todos os justos valores do artista.

Segundo o nosso modo de ver, foi um artista objetivo, minucioso, que transmitia a emoção sem grandes rasgos românticos. Estudioso apaixonado das formas e das cores, com desenho paciente e justo e inspiração medida, trabalhou retratos imponentes, de gamas equilibradas e serenas, assim como paisagens de encantador cromatismo, boa composição e grande espontaneidade técnica.

Afeito ao modelo, que delineava com carinho invulgar, sob luzes magníficas, não foi, todavia, um artista aquinhoado pelos vóos da fantasia. Al-



ALFREDO ANDERSEN — Auto-retrato.

desenho, às vezes titubeante, mas convincente, e pela serenidade, pelo carinho e paciência com que são tratados.

Entre esses dois iniciadores da nossa pintura, — Virmond e Iria Correia, — surgem retratos de Debet, o conhecidíssimo artista francês que, tendo residido no Brasil, pintou gente paranaense e fez desenhos de cenas nossas, estas últimas, ao que parece, de memória, por informação de amigos... Pelo que não é possível, de modo nenhum, considerá-lo como fazendo parte da nossa tradição artística. Mas teria sido um apoio, através de suas telas, ao menos para o artesanato dos que puderam apreciar as suas obras.

Citado, ainda, pelo Visconde de Taunay, aparece, em nosso sertão, a figura de Michau, pintor de origem suíça, ai por 1885, e que deixou alguns trabalhos. Segundo o Visconde, que também foi desenhista e pintor (dêle havendo um retrato a "crayon", de Jesuino Marcondes, no Museu Paranaense), foi Michau desenhista e pintor de talento, que produziu inúmeras paisagens nossas. Em 1880 encontrava-se em Paranaçu, onde fez uma série de marinhas, ao que se diz, preciosas.

De João Henrique Elliott, nascido nos Estados- Unidos em 1809, e que cooperou no desbravamento das terras paranaenses depois de 1827, presume-se ter sido um retrato a óleo do célebre Dr. Faivre, médico que aqui residiu; mas sabe-se que foi aquarelista autodidata e excelente cartógrafo.

A partir de 1878, contam os historiadores, instala-se entre nós um pintor, Constantino, que realizou retratos pelas cidades do interior do Estado. Da sua arte pouco se sabe. Ficou, apenas, como um elo na história do retrato.

Mais tarde, já em 1886, fundou-se, no Paraná, uma Escola de Belas Artes, sob a inspiração de um grupo chefiado por um artista português, "mediocre, embora fecundo", de nome Mariano de Lima. É nesse período que Curitiba inicia as suas atividades pictóricas em "equipe" com um corpo de professores organizado e um programa sério de realizações. Com que dificuldades teria subsistido o ideal dessa pleiade de sonhadores, a lutar, principalmente, contra a falta de apoio financeiro! Mas foi um movimento que, daí por diante, somente prosperou. Outros artistas, em outras contingências, persistiram no trabalho. E várias agremiações, mais restritas ou mais amplas, foram substituindo as antigas organizações, muitas delas patrocinadas pelos antigos alunos, que não deixaram morrer o ideal da Arte!



ALFREDO ANDERSEN — Os cortidores.

guns trabalhos que produziu, sobre temas mitológicos, carecem da invenção que se requer deles. Mas talvez por isso mesmo tenha conseguido fazer os discípulos que fez, agora expoentes da pintura no Paraná. A sua Escola foi uma corporação de verdadeiros devotos à Arte. O artesanato, que ali intensamente se desenvolveu, inclinou-se em bases sólidas e certas, pois que, conseguindo afeito às orientações dos "ateliêrs" acadêmicos europeus, nem por isso impediu a autonomia dos discípulos.

Em 1916, expondo no Salão Nacional de Belas Artes, Andersen foi laureado, o mesmo acontecendo em 1933. Expondo, ainda, em 1918, com 11 quadros, em Galeria particular no Rio de Janeiro (a célebre Galeria Jorge, fundada em 1908), foram as suas telas imensamente apreciadas num ambiente acostumado a ver trabalhos de Renoir, Delacroix, Roghegrosse, Chabas, e de brasileiros do estôfo de Rodolfo Amoedo, Eliseu Visconti, Parreiras, Pedro Alexandrino e tantos outros.

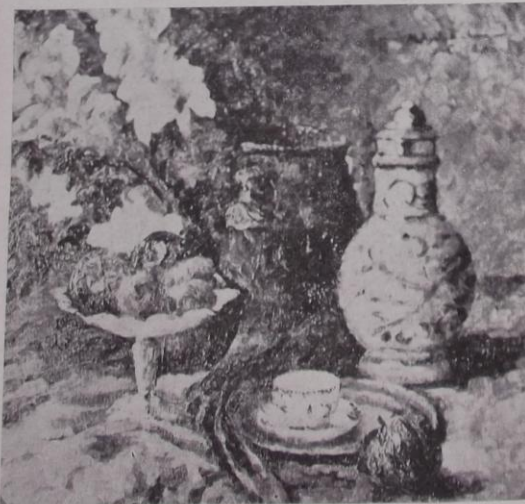
Lecionando, em Curitiba, na Escola Alemã e no Colégio Paranaense, foi Alfredo Andersen, em 1919, convidado a ensinar na Escola de Artes e Indústrias, sob a direção da professora D. Maria Aguiar de Lima, sem deixar, entretanto, a sua Escola particular. Realizou, individualmente ou com seus alunos, inúmeras exposições. A 9 de dezembro de 1931, em homenagem aos relevantes serviços prestados à nossa terra, recebeu o título de "Cidadão de Curitiba". E quatro anos após, em 9 de agosto de 1935, faleceu na sua residência-atelier, onde viveu modestamente, trabalhando sempre, ensinando aos novos, estimulando as artes.

Entre 1908 e 1930 Andersen orientou um grupo de verdadeiros talentos da pintura, do qual se destacam Lange de Morretes, Amélia de Assunção, Ghelfi, Gustavo Kopp, Anibal Scheleder, Isolde Hotte, Curt Freyesleben, Estanislau Traple, Theodoro De Bona, Taborda Júnior, Jaskulski, Silvina Bertagnoli e outros.

Frederico Lange de Morretes nasceu no Paraná em 1892. Em 1910 partiu para a Europa, onde foi aluno na Real Academia de Belas Artes de Lipsia e, por Concurso, na Escola Superior de Belas Artes de Munich. Em maio de 1920 voltou ao Brasil, dedicou-se à arte e à ciência. Foi professor da Escola Normal Secundária de Curitiba, subassistente do Museu Paulista e 1.º assistente científico da Cadeira de Zoologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Possui vários prêmios nos Salões brasileiros. Atualmente é professor contratado pela Universidade do Paraná, funcionando no Museu Paranaense.

Suas telas são trabalhadas, na maioria, em gamas azuis-acinzentadas e portadoras de uma concepção muito pessoal da natureza. Preocupado com as formas interpretadas através das vibrações da luz, consegue Lange efeitos interessantíssimos em temas de muita poesia. Espírito culto, afeito a todos os setores do pensamento, não se deixa subjuagar pelo material da natureza; transpõe para o quadro os elementos essenciais, em bem disposta construção. Trabalha com pastas densas e bem valorizadas e com isso objetiva a sua fina sensibilidade. É o apaixonado das neblinas difusas, quentes, e dos planos solitários e simples. Prefere os temas tranquilos, inundados dos mistérios da alvorada ou da nostalgia das tardes enlameadas. Os seus troncos de pinheiro são célebres entre nós pela pureza do tratamento e pela emotividade mansa, quase musical, que comunicam.

Amélia de Assunção especializou-se em "natureza morta". Suas flores, seus frutos, seus potes, os panos jogados dispendentemente, encantam pelo colorido sereno. Trabalho metuculoso, com toques exatos, claro-escuro de fino cromatismo, luzes macias, expressão feminina algo vigorosa, seduz-nos pela maestria, pelo recato, pelo intimismo.



AMÉLIA DE ASSUNÇÃO — Natureza morta.



ALFREDO ANDERSEN — Emiliano Pernetta (baixo-relêvo).

Ghelfi, já falecido, foi um portentoso retratista, de talento invulgar. Muito moço já pintava com grandes arroubos de imaginação, a palheta conquistada, o desenho fino e emotivo. Excessivamente inventivo, legou-nos obras sugestivas, figuras plenas de psicologia, muito espontâneas, algo aristocráticas pela atitude atleônica e inteligente. Seus estudos de cabeças, de tipos, de nus, autorizam-nos a crer que seria um dos maiores pintores brasileiros no seu gênero.

Gustavo Kopp, principalmente paisagista em óleo e aquarela, foi um sensível à cor dos panoramas curitibanos. Algumas aquarelas suas, representando os nossos arredores, revelam alta sensibilidade. As telas a óleo, com pouca pasta, horizontes esfumados e contrastes bem ajustados, trazem até nós a poesia dos nevoeiros e das quietudes. Foi um pintor dos momentos de inspiração, boêmio das cores locais, intérprete fiel da planimetria cinzenta das estações outonais...

Anibal Scheleder deixou relativamente poucas obras, hoje dispersas. Amante, também, da natureza, pintou figuras, flores e frutos. Foi um espírito sempre preocupado com os valores da tela. Apresenta certa força plástica, com toques muito pessoais.

Isolde Hotte, nascida em Curitiba, sempre trabalhou com grande afincio. Suas criações, principalmente as de menores dimensões, são tratadas com muita espontaneidade. Nota-se a preocupação do tom geral da tela, à qual se subordinam tonalidades bem contrastadas, largas e quentes, de sutil vibração. Suas flores, em telas ou aquarelas de claro-escuro muito pessoal, lançam-se airosoamente em manchas harmônicas de bela sugestibilidade. Possui várias premiações.

Curt Freyesleben destaca-se como ótimo retratista e paisagista. Estudioso da perspectiva aérea, realiza os seus trabalhos dominado por alta inspiração. É um expressionista, por temperamento, a lutar incessantemente por um artesanato justo e comedido. Seus estudos de paisagem caracterizam-se por um monocromismo, aparente apenas pois são muito ricos em gamas de cor, com pastas grossas e grande vigor de conjunto. Os retratos e, principalmente, as figuras realizados em camadas superpostas, apresentam notável vibração colórica, produto de uma técnica personalíssima.

Traple é um temperamento especial: comedido, racional, realiza o seu artesanato sem perturbações. É um realista, tanto no retrato como na paisagem. Principalmente retratista e figurista, analisa o volume, a perspectiva,



F. LANGE DE MORRETES — Salto do Iguaçu.

o claro-escuro, a influência e a colocação das cores. Trabalha paciente e ativamente, buscando conseguir a forma através da cor em potência. Assim tem atravessado a sua vida artística, tendo alcançado, entre inúmeros outros prêmios, a medalha de ouro do Salão Oficial de Belas Artes do Paraná.

Theodoro de Bona, nascido em 1905, estudou com Alfredo Andersen desde 1923. Em 1927 foi à Itália e já no ano seguinte tomou parte no Salão Regional de Veneza; lá ficou até 1936. Em 1930 foi aceito na Bienal Internacional de Veneza, figurando, ainda, com três telas, na Exposição dos Artistas Latino-americanos, em Roma. No ano de 1933 figurou na Exposi-



E. TRAPLE — Cabeça de moça.
Medalha de Ouro no 6.º Salão Paranaense de Belas-Artes.

ção Inter-regional de Florença, sendo, no seguinte, um dos vencedores do Concurso da Ex-Rainha da Itália. Em 1935 apresentou-se com cinco telas na Exposição Comemorativa da Bienal Internacional de Veneza. Regressou ao Brasil em 1936 e conquistou, em 1939, a medalha de prata no Salão Nacional de Belas Artes. Expôs em vários Estados brasileiros e no Salão Oficial do Paraná. Em 1949 fez parte do júri do Salão Nacional.

Uma das mais vigorosas palhétas do Paraná e do Brasil, De Bona caracteriza-se como um grande colorista. Suas telas revelam a cor num sentido de poesia, de inspiração magnífica. Sugere ambientes harmônicos, veladamente panteístas, com qualquer coisa de indefinível pureza, que, como pureza, pertence ao mundo misterioso da intuição. Bona sempre procurou o céu. O verticalismo das suas figuras, a simplicidade dos seus planos, os fundos lateralizados, as árvores cantantes, a arejada atmosfera fluida, revelam, incontestavelmente, uma palheta sábia e um espírito engalanado por uma justa compreensão dos aspectos simples e naturais. Há telas suas de grande lirismo, "manchas" espontâneas, livres de compromissos de "escola", de colorido muito bem ajustado, e nos quais se nota à primeira observação, a constante tendência do artista para a perspectiva aérea na resolução dos problemas da cor, da sua transparência, da sua vibração.



CURT FREYESLEBEN — Auto-retrato.

Taborda Júnior apresentou, há tempos, trabalhos de índole moderna, de belo ritmo e interessante colorido. Pintou, principalmente, retratos, em tonalidades baixas, muito essenciais, com boa dose de psicologia. As suas paisagens são estudos de composição, de ritmo, de planimetria.

Jaskulski e Silvina Bertragnoli, fazendo paisagens e natureza morta, têm trabalhos interessantes, de colorido quente e hábil construção. Assim, certos retratos de Thorstein Andersen, filho de Alfredo Andersen, e que atualmente ocupa o lugar do pai na direção da Escola de desenho e pintura que tantos serviços prestou ao Paraná artístico.

Dos antigos discípulos de Lange de Morretes, cuja Escola de desenho e pintura funcionou mais ou menos entre 1925 e 1935, sobressaem: Augusto Conte, desenhista e pintor com várias premiações, também diretor de uma tuosa e de audaz colorido; Oswald Lopes, pintor e escultor, cujas paisagens, desenhos destacados, são tratadas com luminosidade muito interessante; Artur Nísio e Erbo Stenzel, o primeiro, pintor animalista, e o segundo, escultor dos mais acatados entre nós e autor de vários trabalhos importantes; Suggestiva cor, Sperandio, também ex-discípulo de Lange, com paisagens de

Artur Nísio, nascido em Curitiba em 1906, esteve na Alemanha entre 1928 e 1939, tendo estudado em Munich. Frequentou a escola particular de M. Bergmann. Concorreu ao "Glass Palace". Retornando a Curitiba,



ARTUR NÍSIO — O galinheiro.

obteve, com o quadro "Monte Castelo", a medalha de ouro no Salão Oficial do Paraná. Trabalhou em xilogravura e é autor de naturezas mortas, plenas de luz.

Dos alunos de Traple, ocupam lugar proeminente Margarida Wolemann e Werner Ihering, igualmente pintores de talento, já premiados, e que se tem apresentado em inúmeras exposições coletivas.

Como artista de grandes dotes, em incessante pesquisa, relewa notar Ben Ami, atualmente radicado na Argentina, e que trabalhou em Curitiba por vários anos. Iniciando-se pelos movimentos cubistas, avançou muito e é hoje largamente conhecido e apreciado em vários países sul-americanos. É também escultor. Suas telas definitivas, algumas herméticas, outras com figuras transbordantes de humanidade, são a mensagem de um estudioso dos grandes temas sociais.

Em 1930 chega a Curitiba o pintor Guido Viaro, nascido em Badia Polesina, na Itália, em 1898. Havia estudado em Veneza, Bolonha, Paris, percorrido a Europa. Paisagista de grande envergadura, aquarelista dos mais notáveis que o Brasil tem possuído, gravurista e monocopista, é um espírito em constante renovação. Radicando-se em nossa terra, nacionalizou-se brasileiro e fundou uma Escola particular de desenho e pintura. É um dos mais fecundos dentre os nossos artistas plásticos. Possui várias premiações, tanto no Paraná, como no Rio de Janeiro. Aqui conquistou, há algum tempo, a medalha de ouro do Salão Oficial do Paraná.

Suas telas são a manifestação de um espírito insatisfeito, sempre em peregrinação por novos caminhos de técnica e temática. Está constantemente a modificar a palheta, visando novas expressões, mais decidido valor plástico. É um grande interessado pelos temas mitológicos, realizados atra-



CURT FREYESLEBEN — Paisagem paranaense.

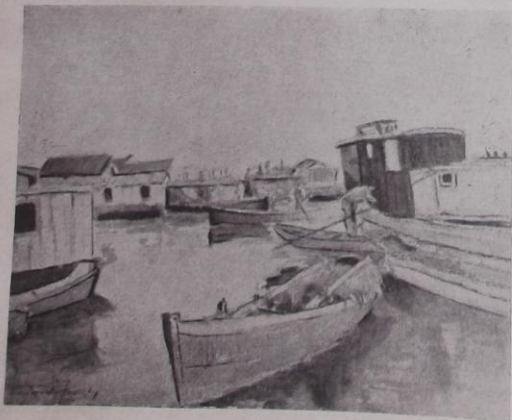


GUIDO VIARO — Pobreza.

ves das figuras com que deparamos nas esquinas, nas lavouras, nos ambientes de trabalho bruto. É o pintor das lavadeiras, dos apanhadores de papel, dos vagabundos dos bancos de praça. Nas gravuras, mostra-se com desenho rústico, barroco, onde as personagens destacam-se pela força psicológica. E, mesmo, a expressão psicológica, a grande preocupação de Viaro. Sendo um emotivo, uma alma afeita às manifestações simples e humildes da vida, consegue objetivar, com grande felicidade, os contrastes do mundo. As suas figuras são o espelho da humanidade, com as suas alegrias, com a sua tristeza, com a sua vaidade. É um artista que, preso à terra, às coisas comuns, à realidade cotidiana, sabe transformar tudo isso num evangelho de beleza, de otimismo e de compreensão.

Dos seus alunos é de se destacar Leonor Botteri, artista muito bem aquinhoadá, que já alcançou vários galardões. Pesquisadora dedicada, é muito lírica e possui uma palheta ardente e espiritual, em que a realidade e sonho confundem-se maravilhosamente. As tonalidades, geralmente baixas, dos seus trabalhos, e uma certa minocromia de tom, sugerem-nos climas íntimos por onde perpassa, às vezes, insopitável nostalgia.

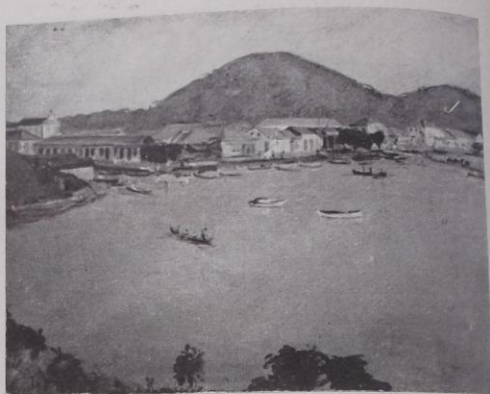
Miguel Bakun, nascido no interior paranaense em 1909, desenha desde criança. Em 1926 ingressou na Marinha de Guerra do Brasil, que deixou em 1929. Começou a pintar em 1930, fazendo rápidos progressos. Foi premiado no Salão da Primavera, no Clube Concórdia, com a pequena medalha de ouro. Em 1950 obteve a medalha de prata no Salão Oficial do Paraná e, em 1951, o prêmio de aquisição. Concorreu ao Salão Nacional, no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia. Está inscrito, atualmente, para a 2.ª Bienal de São Paulo.



RICARDO KOÇH — Marinha (aquarela).
Menção honrosa no 6.º Salão do Paraná.

Autodidata, estudioso dedicado dos problemas da pintura, Bakun possui uma técnica personalíssima, que tem certas analogias com a de Van Gogh. Menos objetivo, porém, do que este, os seus quadros, de tonalidades menos violentas, constituem sérios problemas para a crítica. As paisagens que pinta, numa planimetria toda especial, têm algo de indefinível lirismo e são cheias de mistério. Seus retratos, quase impenetráveis. Suas marinhas, nostálgicas, carregam uma psicologia quase impenetrável. Suas marinhas, algumas delas tendendo ao marinhismo, falam de ímpetos sopitados, de angústias iminentes, de espíritos marinhos em oração... Os desenhos, de técnica muito pessoal, são apontamentos emotivos, traçados em ritmos largos, valorizando belezas impresentidas...

Loio Pêrsio surge também com destaque entre os nossos artistas. Paulista de nascimento e aqui radicado, é um dos mais jovens. Espírito culto, escritor e ensaísta, tem um desenho bastante aperfeiçoado, preciso, justo e



GUIDO VIARO — Paisagem de Guaratuba.



TEODORO DE BONA — Auto-retrato.

elegante, seus traços possuem a ondulação musical dos arabescos e algo do sensualismo sadio dos trabalhos gregos. A pintura, fina e meditada, de rigorosa construção, valoriza-se pelas cores vibrantes, em artística coordenação. Trabalhando, geralmente, com esmerado cuidado, em pastas sobrepostas, sem nunca desprestigiar a linha, Loio Persio atinge, nas suas telas, uma expressão plástica muito característica, bem moderna, uma planimetria pura, um essencialismo, na paisagem ou na figura, que fazem dele um artista que já conseguiu muito e cujo futuro é dos mais promissores na arte brasileira.



Iminência.

MIGUEL BAKUN



Paisagem.

Aley Xavier é outro pesquisador sem tréguas. Realiza trabalhos de grandes dimensões ou pequenas telas com a mesma desenvoltura, sem titubeios, guiado por uma emoção de largo fôlego. Algo "expressionista", algo "fauve", mistura as cores instintivamente, impetuosamente, em largas pinceladas, não raro conseguindo efeitos plásticos surpreendentes, surpresas caloricas ricas em sugestão. Seus desenhos, simples apontamentos dos cantos de rua, dos bancos de praça, dos viandantes apressados, têm a mesma sinceridade e a mesma emoção dos seus trabalhos a óleo.

Paulo Santiago estudou durante algum tempo, no Rio, com o grande pintor brasileiro Ado Malagoli. Vindo para o Paraná, aqui tomou parte em várias exposições e em vários movimentos destinados ao intercâmbio cultural. Artista de belíssimos efeitos de cor, pinta geralmente em tonalidades baixas, conseguindo magnífica expressão poética. Premiada em vários Salões, tem-se revelado, ultimamente, como "bissexto", pois apresenta-se esporadicamente. Entretanto, continua a trabalhar, melhorando sempre. Pintor paciente, de muita auto-crítica, tem paisagens e retratos apreciáveis.

Nilo Previdi, nascido em Curitiba, trabalha há muitos anos e, embora jovem, já conquistou várias premiações. Possui métodos singularíssimos de pintura, com que executa seus temas sociais. Suas figuras são valorizadas, não isoladamente, mas em presença dos elementos do quadro. Compõe os grupos, subordinados a uma orientação geral geométrica. Devido à sua preocupação pelos elementos plásticos, constrói uma planimetria muito simples, intuída através de contrastes de luz e sombra, com largas gradações cromáticas, muito vibrantes.

Matter, alemão de origem e aqui radicado há muitos anos é, principalmente, paisagista. Várias telas suas apresentam bela luminosidade e contrastes harmônicos. Espírito impetuoso, vibrante, seus trabalhos caracterizam-se pelo cuidado no tratamento dos vários planos do quadro. Estudioso das luzes e das sombras, das variações atmosféricas, tem melhorado continuamente e produzido obras que já foram premiadas.

Ricardo Koch, polonês, naturalizado brasileiro, professor de desenho em estabelecimentos oficiais, pinta, principalmente, paisagens e retratos. Também

laureado em vários salões, apresentou telas muito interessantes, de colorido claro ou em tonalidades verde-acinzentadas. Suas aquarelas, conhecidas em vários Estados brasileiros, principalmente as de marinha, são vigorosas e de agradável espontaneidade de cor. Sua esposa, Ema Koch, também pintora, é uma devotada ao ensino da arte nos meios infantis.

João Woiski e sua esposa D. Gene Woiski, ele paranaense, ela norte-americana, além de pintores, dedicam-se à decoração. Ambos premiados, inclusive em Salões Oficiais do Paraná. O primeiro dedica-se mais especialmente à paisagem; a segunda é conhecida pelos inúmeros retratos que produziu. João Woiski tem apresentado paisagens em que se destacam os fortes contrastes de luz. Realizou vários temas praieiros, típicos do Paraná, em que revela os nossos costumes litorâneos. D. Gene Woiski obtém, dos seus retratos, notável expressão psicológica. Trabalha em ritmos convergentes, preparando a figura adaptada ao com geral da tela. De toques precisos, claro-escuro bem valorizado, luzes bem colocadas, é muito apreciada pela desenvoltura com que realiza as suas obras, vitoriosas realizações plásticas. São conhecidos no país os seus móveis decorados, principalmente os de estilização de temas orientais.

Como especialista da gravura, destaca-se, com invulgar projeção nos meios nacionais, Pory Lazarotto, que estudou na Europa e possui vários laureis, inclusive a medalha de ouro do Salão Oficial do Paraná. Artista de raro talento, trabalhador infatigável, tem encantado, com os seus trabalhos, os meios artísticos mais requintados. Dotado de emotividade perfeitamente condicionada ao artesanato, realiza um trabalho comedido, justo, de grande expressão, com rasgos, muitas vezes, de dramaticidade. De ritmos largos e espontâneos, consegue um tratamento aprimorado dos planos, sugerindo, pelo ímpeto dos traços, vigorosa expressão plástica.

De alguns anos para cá afirmou-se, mais uma vez, o sonho dos artistas do Paraná, com a fundação, em 1948, da Escola de Belas Artes, subvencionada pelo Estado e reconhecida pelo Governo Federal. Ali ensinam-se a música e as artes plásticas, tendo seus professores os vultos renomados do Paraná artístico.

Tal Escola já produziu, em vários setores, grandes e benéficos resultados. Com número bastante elevado de alunos, vai progredindo dia a dia. Sucedem-se os trabalhos em equipe, os cursos de extensão; e o intercâmbio com as congêneres vai-se tornando realidade sempre mais satisfatória.



RICARDO KOCH — Mulata.



ZACCO PARANÁ ao lado de sua escultura Progresso, hoje na Câmara Federal, Rio de Janeiro.

— A ESCULTURA —

Poucos escultores tem o Paraná apresentado, em confronto com o número de pintores e músicos.

O primeiro, em ordem cronológica, a se apresentar como artista de belas realizações e copiosa obra é o consagrado João Zacco Paraná, nascido em 1884. Em Curitiba iniciou os seus estudos, seguindo, depois, para a Europa, onde aperfeiçoou os seus dons. Frequentou a Escola de Artes Decorativas de Bruxelas e a Escola Superior de Belas Artes de Paris. Espos em diversos países europeus e, voltando ao Brasil, obteve várias premiações, entre elas a medalha de ouro, em 1928. O Museu Nacional de Belas Artes possui um busto de sua autoria, em honra, do grande pintor brasileiro Eliseu Visconti. Em uma das peças de Curitiba pode-se apreciar o seu "Semeador", obra considerada das mais acatadas da escultura em nosso país. Atualmente, é professor da Escola Nacional de Belas Artes.

João Turin, como Zacco Paraná, desde cedo começou a esculpir, trabalhando como aprendiz-estudioso, em madeira. Por algum tempo frequentou a Escola dirigida por Mariano de Lima, viajando, após, para a Europa, onde conviveu com grandes mestres em Bruxelas e Paris.

Espírito empreendedor e de grande tenacidade Turin trabalhou incessantemente até morrer. Homem de grande porte, voz tonitruante, apaixonado pela música e sendo, também, ótimo desenhista e pintor, era um grande emotivo, amigo incondicional das crianças e dos gatos. Solitário, metido num atelier de vastas proporções, viveu sempre para a sua arte. Utilizando o pinheiro (o frasco do nosso pinheiro), usou-o como símbolo que ficou celebre entre nós. Seus temas foram os bustos, as algarozas, os índios, as onças... São curiosíssimos os "emaios" que deixou em barro, de linhas cavadas, de um barroquismo dominado por sugestões muito pessoais. A sua escultura, de faces largas e vigorosas, é inconfundível. Foi premiado por inúmeras vezes, tendo alcançado a medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes. Seus relevos apresentam muito vigor e refletem um espírito preocupado em revelar a pureza, as emoções altas e chocantes que provoca o brutalismo da natureza selvagem.

Erbo Stempel estudou em Curitiba e no Rio de Janeiro. Alcançou várias trocenas. Possui um estilo de linhas muito puras e trabalha os volumes com grande perícia, visando um conjunto bem equilibrado. Os seus estudos em gesso apresentam as mesmas características. Belo ritmo e boa espontaneidade. Os seus bustos são notáveis pelo "parecido". Nesse artista o Paraná está autorizado a depositar altas esperanças, pois trata-se de um decidido talento.

Oswald Lopes, igualmente pintor, conquanto já tenha apresentado bustos, etc., preocupa-se mais com os baixo-relevos. Muito dedicado ao trabalho, é professor em vários estabelecimentos, inclusive a Escola de Belas Artes, onde, atualmente, atua como substituto de João Turin, de saudos memória. É premiado em vários Salões, em pintura e escultura.

Nigni, italiano, presentemente radicado em Curitiba, é pintor e escultor. Dedicou-se mais especialmente, na escultura, aos trabalhos decorativos, estilizados. Espírito inventivo, buscador de temas insuspeitados, tem realizado obras interessantíssimas, de elevada sensibilidade.

JOÃO TURIN — Tigre.



O próprio Frederico Guilherme Virmond, cientista e pintor em nossas plagas, no século dezoenove, também, ao que diz a crônica, fazia música e tinha gente de talento em seres magníficos.

Outros artistas, que por aqui existiram e por aqui passaram, teriam, por sua vez, produzido música cuja história foi perdida ou de que pouco se sabe.

Vulto proeminente por essa época é Brazílio Iteberê da Cunha, glória brasileira. Nascido em Paranaguá, em 1846, e falecido em Berlim em 1913, como Ministro Plenipotenciário do Brasil, foi autor, entre numerosíssimas páginas, da "Sertaneja", que atravessou, com outras obras suas, as fronteiras nacionais. Pertencendo a uma família de músicos de fama, dividiu a sua vida entre a música e a diplomacia. Fez os primeiros estudos com seu tio, Jacinto Manuel da Cunha, irmão de outro grande nome na cronologia do Paraná, João Manuel da Cunha. Dessa família descende Brazílio da Cunha Luz, atualmente residindo no Rio de Janeiro e nascido em Curitiba. Músico e compositor de grande talento, considerado como dos maiores artistas brasileiros, suas obras têm sido executadas perante as grandes platéias estrangeiras, com enorme êxito. Embora pouco conhecido nos ambientes do Paraná, as suas composições destacam-se pela poesia com que são concebidas. A ele faz referência Kurt Pahlen na sua "História Universal da Música".

Contemporaneamente a Iteberê da Cunha surgiu Bento de Menezes, que aqui tomou parte em vários movimentos artísticos, deixando muitos discípulos, dentre os quais nomes dos mais categorizados na música dos velhos tempos.

Os últimos anos do século dezoenove e os três primeiros lustros do século atual foram de grande impulso para a vida musical do Paraná. Vários conjuntos, numerosíssimos recitais artísticos, temporadas de ópera, opereta e teatro, marcaram época. Eram grupos que se formavam, artistas que se congregavam, companhias estrangeiras, com elementos de renome, que por aqui passavam.

Por várias vezes, em virtude de várias causas, principalmente por deficiência econômica, as companhias estrangeiras desarticularam-se. Alguns artistas prosseguiram viagem, em busca de melhores proventos; outros por aqui se deixavam ficar, à espera de melhores dias. E foi assim que pudemos receber lições de mestres europeus, que contribuíram enormemente para o nosso desenvolvimento musical.

Durante a fase imperial, e depois, na República, Curitiba possuiu várias bandas de música, civis, da Polícia, ou do Exército. O 17.º de Infantaria (depois transformado no 39.º), o 3.º de artilharia montada, o 13.º e 14.º de Cavalaria tinham os seus conjuntos próprios. São desse tempo o maestro Antonio Jilho (Juquinha), Apriégio Bispo de Bége, Bernardo José Nascimento, Sotero Ângelo e outros. Em seguida, os dois Daló, pai e filho, chefes de banda, executantes e compositores. Antônio Júlio e mais alguns formaram ou cooperaram para a formação de bandas particulares, entre as quais a do maestro Puglieli. A profissão rendia pouco; daí a necessidade de ser exigida a presença do músico em todas as atividades da vida social. Bento de Menezes, por exemplo, tocava com os seus companheiros nas mais variadas contingências: nos desfiles militares, nos bailes, nos teatros, nos enterros, nas procissões... E assim também fizeram Antonio Modesto, Francisco Gegé, Benedito Diniz e outros tantos, sem esquecermos as tradicionais serenatas ou os embarques dos figuréis provincianos...

Ao lado destes nomes citam-se vários estrangeiros que por aqui ficaram, inaugurando cursos, organizando pequenas "tournees", estimulando os pendores musicais de nossa gente.

Fazem música, nessa época, o maestro Carta, Corradi, o casal Setragni, Hennel, Goddard, Banacci, Charneski, Dreyer, Tielmann, João Haupt, Trugno, Carlos Frank (por muitos anos organista em nossa Catedral), D. Francisca Assumpção, Eugênio do Rosário, D. Amélia Ribeiro Carvalho de Oliveira, Mme. Alemanc, Alberto Monteiro e inúmeros outros, lembrados ou olvidados, homens do comércio ou da indústria, senhoras de sociedade, imigrantes, estrangeiros, componentes de companhias falidas, de grandes ou pequenos dotes artísticos, todos, entretanto, irmanados pelo ideal da Arte.

No começo do século inaugura-se o "Grémio Musical Carlos Gomes", fundado pelo grupo de Alberto Monteiro, Julio Bellini Antenor e Gabriel Monteiro, Augusto Streser, Gabriel Ribeiro, etc., com apreciável quantidade de sócios. Crescem de número as reuniões musicais, aperfeiçoam-se as execuções, através de ensaios estafantes, e vão apatecendo novos compositores, novos elementos, em intercâmbio cada vez mais acentuado.

Mais tarde, Paulo de Assumpção, crítico de arte e espírito devotado com especial carinho à música, organiza o "Centro Artístico do Paraná". Leo Kessler, maestro e compositor estrangeiro de grandes méritos, funda o "Conservatório de Música do Paraná". Os irmãos Messing ensinam no "Instituto de Música do Paraná", formando grande número de discípulos,

e o maestro Antonio Mellilo, na "Academia de Música do Paraná", escola de muito renome.

Augusto Streser escreveu a ópera "Sidéria", levada à cena sob a batuta de Kessler, no antigo teatro Guaita; nela tomam parte os grandes valores de Curitiba.

E o tempo dos concertos, das reuniões familiares, dos teatros, das serenatas memoráveis... Outros nomes surgem na reminiscência musical de nossa terra: Luba Alexandrowska, Eugênia de Figueiredo Condessa, Guilhermina Lopes, Georgina Mongruel, Odília Luz, Alice Withers, Ruth Pimentel, Margarida Solheid Marques, Igôis Collé Munhoz, Ludovico Seyer e tantos outros.

A Orquestra Sinfônica é, já, uma realidade. Continua alcançando sucessos, incorporando novos elementos, adquirindo novas possibilidades. Passa a ser regida por Romoaldo Suriani, que também dirige a Banda da Polícia Militar. A música de câmara afirma-se, vitoriosa, com vários elementos bem preparados. Destaca-se o primeiro Trio feminino do Brasil, com Renée Devraïne Frank (piano), Bianca Bianchi (violino) e Charlotte Frank (violoncelo) o "Trio Paranaense".

Com a fundação, em 1944, da Sociedade de Cultura Artística "Brazílio Iteberê" (SCABI), desenvolveu-se, sobremaneira, no Paraná, o intercâmbio musical. Têm sido inesquecíveis os concertos e recitais por ela patrocinados, pois que trazem à nossa platéia artistas de fama mundial, como Backaus, Kieseking, Gulda, Lilamand e muitos outros. Dentre os nomes que contribuíram para a formação de tal Sociedade, é de justiça lembrar o de D. Zaza Espindola Lattes, de saudosa lembrança; a quem o Paraná deve relevantes serviços, prestados à causa da Arte musical.

Em 1948 maior incremento tomaram as Artes no Paraná, devido à inauguração da Escola de Belas Artes, com o auxílio financeiro do Governo do Estado e com o reconhecimento do Governo Federal. São professores: ali os grandes artistas, músicos, escultores, pintores, dos mais acatados entre nós. E a Escola vai progredindo dia a dia, preparando as gerações vindouras.

Entre os músicos e compositores que ainda labutam entre nós, salientam-se: Benedito Nicolau dos Santos, homem de cultura vasta, compositor e maestro eminente. Sua obra "Sonometria e Música", que há muito atravessou as fronteiras do país, encontrou entusiástica acolhida nos mais requintados ambientes da cultura artística; Bento Mossorunga, que, baseado em temas folclóricos, tem-nos dado páginas magistrais, bem brasileiras, e de grande beleza. Mossorunga dirige, no momento, a "Orquestra Estudantil de Concertos", que de alguns anos para cá vem alcançando grandes sucessos.

Ludovico Seyer é outro maestro de valor e violinista de grandes dotes. Integrou inúmeras orquestras e é um notável dirigente, que grandes aplausos tem conseguido das nossas platéias pelo brio com que tem regido Beethoven, Bach, Mozart, etc.

Em geração mais recente surgem Alceu Bocchino, inspirado compositor e pianista, de raros méritos; Henriqueta Penido Monteiro, Otélia Ribas Moreira, Wolff Schaia e tantos outros.

Entre os violinistas há que destacar Gedeão Martins, Chella, Seyer Júnior, etc.

Nas artes do canto sobressaem Humberto Lavalle, o maior tenor do Paraná e, pouco antes, Fernandina Marques e Túlio de Lemos.

A revivescência da Opereta já é uma realidade entre nós, graças aos esforços de um grupo dirigido por Wolff Schaia. E o "ballet" ressurge, com promessas de grande futuro, através do ensino e da tenacidade de Morozowski e outros professores.

A música popular conta com numerosos conjuntos, que se aprimoram dia a dia.

Desde os longínquos tempos da orquestra do maestro Juquinha, passando pelo conjunto de Gerdal do Rosário, e mesmo antes, o Paraná possuiu inspirados compositores de música popular.

Poucos foram os artistas que não escreveram valsas sentimentais ou chorinhos provocantes que restam por aí, dispersos, perdidos, talvez, na sua maioria... Muita gente nossa, e da melhor sociedade, dos tempos dos sonhos romanescos e da mocidade alegre, organizou famosas e inesquecíveis serenatas, que lá se iam, nostálgicas, sob a complicitade atenta dos luars de inverno...

Violões, violinos, clarinetas, cavaquinhos e pandeiros, vez ou outra os bandolins, e a voz de veludo de um Ze Maria, foram ficando para trás, nas névoas da saudade, apagadas pelo bulício da cidade nova, irrequieta, entontecida pelos ritmos do século da velocidade. E assim morreu a serenata, hoje relembrada pelas esquinhas mais distantes, que ainda guardam, reccosas, alguma coisa da boémia antiga, das valsas sentimentais que a tantos corações fizeram vibrar de emoção e de entusiasmo.

RESUMEN

El autor divide este trabajo en tres partes, dedicadas respectivamente a la pintura, a la escultura y a la música. Después de algunas consideraciones preliminares sobre el desarrollo de la arte en territorios nuevos, recuerda los primeros extranjeros que trajeron su contribución a la pintura del Estado: el alemán Virmond, el suizo Michael y otros, así como los fundadores de escuelas de arte: las norteamericanas Jessica y Willie James, el portugués Mariano de Lima. Realiza entonces el papel preponderante del eximio artista noruego Alfredo Andersen, creador de una escuela donde se formaron algunos de los grandes de la pintura del Paraná: Lange de Morretes, especialista en naturalezas muertas, nostálgicas, Amélia de Assunção, especialista de temas tranquilos y el retratista y paisajista Kopp, Scheleder, Isoldé Hotte, Gelfi, notable retratista, el paisajista Kopp, Scheleder, Isoldé Hotte, el retratista y paisajista Freyelsen, el realista Traple, De Bona, y el Thorstein geroso colorista, Taborda Júnior, Jaskulski, Silvina Bertagnoli, y Thorstein Andersen, hijo del maestro y sucesor en la dirección de la escuela. Entre los discípulos de Lange de Morretes se destacan Augusto Conte, también el director de una escuela, Boiger, el pintor y escultor Oswaldo Lopes, el animalista Artur Nisio, el paisajista Sperandio; se refiere también a los alumnos de Traple. Entonces pasa a mencionar otros artistas: Ben Ami, estudioso de los temas sociales; el grande artista Viano, italiano Ami, naturalizado, y su alumna Leonor Botteri; el auto-didacta Bakun; el naturalizado, y su alumna Leonor Botteri; el auto-didacta Bakun; el expresionista Loio Pérsio; Alex Xavier, pintor con tendencia para el expresionismo y el "fauvismo"; Paulo Santiago, Nilo Previdi, el alemán

Matter; el polones Ricardo Koch y su esposa Ema Koch; João Woiski, paranaense, y su esposa D. Gene Woiski, norteamericana, ambos pintores y decoradores; Poty Lazarotto, especialista de gravura. Terminando se refiere a la fundación de la escuela de Belas Artes y los beneficios resultados que ya produjo.

En la sección consagrada a la escultura, el autor consigna los nombres más notables: Zacco Paraná, actual profesor de la Escuela Nacional de Belas Artes; Turin, ya fallecido; Oswaldo Lopes, también pintor y decorador, especialmente a los trabajos decorativos; el italiano Nigri, dedicado al Paraná que en el pasado cultivaron la música. Entre los grandes Itiberé da Cunha, autor de "Sertaneja" y música, el autor destaca Itiberé da Cunha, autor de "Sertaneja" y muchas otras obras, de cuya familia descende Cunha Luz, compositor de grande talento; y Bento de Menezes, que dejó muchos discípulos. Describe el gran impulso que recibió la vida musical del Estado desde el fin del siglo XIX: la realización de conciertos y recitales, la organización de bandas militares y civiles, la fundación de centros artísticos y escuelas de música; el apareamiento de compositores e intérpretes dignos de nota, entre los cuales Benedito Nicolau dos Santos, Bento Mossorunga y Ludovico Seyer; el primero trío femenino del país; la Orquesta Sinfónica; el resturgimiento de la ópera y del baile. Por fin, el autor alude al desarrollo de la música popular, que siempre tuvo muchos cultores en el Paraná, y la declinación de la serenata.

SUMMARY

The author divides this task in three parts, consecrated respectively to the painting, the sculpture, and the music. After some introductory considerations about the development of art in new territories, he recalls the first foreigners who brought their contribution to the painting of the State: the German Virmond, the Swiss Michael, and others, as well as the founders of art schools: the Americans Jessica and Willie James, the Portuguese Mariano de Lima. In the following, he points out the preponderant roll of the excellent Norwegian artist Alfredo Andersen, creator of a school where some of the Paraná's great painters were trained: Lange de Morretes, painter of calm and nostalgic topics, Amélia de Assunção, a specialist of still life, Gelfi, a remarkable portrait painter, the landscape painter Kopp, Scheleder, Isoldé Hotte, the portrait and landscape painter Freyelsen, the realist Traple, De Bona, vigorous colorist, Taborda Júnior, Jaskulski, Silvina Bertagnoli, and Thorstein Andersen, the son of the master and his successor in the management of the school. Between the pupils of Lange de Morretes, Augusto Conte, also director of a school, Boiger, the painter and sculptor Oswaldo Lopes, the animal painter Artur Nisio, the landscape painter Sperandio are conspicuous; he also refers to the pupils of Traple. Then he goes over to other artists: Ben Ami, studios of social topics; the great artist Viano, a naturalized Italian, and his pupil Leonor Botteri; the self taught Bakun; Loio Pérsio, originating from São Paulo; Alex Xavier, a painter with a tendency to expressionism and "fauvism"; Paulo Santiago, Nilo Previdi, the German Matter; the Polish Ricardo Koch and his wife Ema Koch; João Woiski,

from the Paraná, and his wife D. Gene Woiski, American, both painters and decorators; Poty Lazarotto, specialist of engraving. Concluding, he refers to the foundation of the School of Fine Arts and its benefic results already obtained.

In the section consecrated to the sculpture the author records the most considerable names: Zacco Paraná, actually teacher at the National School of Fine Arts; Turin, already deceased; Stenzel, pupil of the painter Lange de Morretes and a very promising artist; Oswaldo Lopes, also painter; the Italian Nigri, studios, chiefly, of decorative tasks.

Among the great of the Paraná that cultivated music in the past, the author points out the diplomat Itiberé da Cunha, author of "Sertaneja" and many other works, from whose family descends Cunha Luz, composer of great talent; and Bento de Menezes, who left many pupils. He describes the great impus which was given to the State's musical life from the beginning of the XIX. century; the realization of concerts and recitals, the organization of military and civil bands, the foundation of art centers and music schools; the appearance of remarkable composers and musicians, as Benedito Nicolau dos Santos, Bento Mossorunga, and Ludovico Seyer; the first feminine orchestra of the country; the Symphonic Orquesta; the reappearance of opera and ballet. Finally the author refers to the development of the popular music, which always has had many cultivators in the Paraná, and to the decline of the serenade.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser teilt diese Arbeit in drei Teile ein: Malerei, Bildhauerei und Musik. Nach einigen einleitenden Betrachtungen ueber die Entwicklung der Kunst in neuen Gebieten, erinnert er an die ersten Auslaender, die ihren Beitrag zur Malerei des Staates brachten: der Deutsche Virmond, der Schweizer Michael und andere, sowie die Gruender von Kunstschulen: die Nordamerikanerinnen Jessica und Willie James, der Portugiese Mariano de Lima. Er hebt dann die wichtige Rolle des grossartigen norwegischen Kuenstlers Alfredo Andersen hervor, Schoepfer einer Schule, wo einige der hervorragendsten der Malerei des Paraná ausgebildet wurden: Lange de Morretes, Maler von ruhigen und schneuechtigen Themen, Amélia de Assunção, Spezialistin in Stillleben, Gelfi, bemerkenswerter Portraitmaler, der Landschaftsmaler Kopp, Scheleder, Realist Traple, De Bona, ein kraftvoller Maler, Taborda Junior, Jaskulski, Silvina Bertagnoli, und Thorstein Andersen, Sohn des Meisters und sein Nachfolger in der Leitung der Schule. Unter den Schuelern von Lange de Morretes tritt Augusto Conte, auch Direktor einer Schule, hervor, Boiger, der Maler und Bildhauer Oswaldo Lopes, der auch einige Schueler von Traple an. Dann geht er zur Aufzuehlung anderer Kuenstler ueber: Ben Ami, der sich mit sozialen Themen beschaftigt; der grosse Kuenstler Viano, naturalisierter Italiener, und seine Schülerin Leonor Botteri; der Autodidakt Bakun; der Pfaubstauer Loio Pérsio; Alex Xavier, Maler mit Tendenz fuer Expressionismus und "Fauvismus"; Paulo Santiago, Nilo Previdi, der Deutsche Matter; der Pole Ricardo Koch und seine Gemahlin Ema Koch; João Woiski, Para-

naenser, und seine Gemahlin D. Gene Woiski, Nordamerikanerin, beide Maler und Dekorateure; Poty Lazarotto, Spezialist in Gravierungen. Zum an, und die vorteilhaften Erfolge, die sie schon erzielte.

In dem der Bildhauerei gewidmeten Abschnitt erwahnt der Verfasser folgende bemerkenswerte Namen: Zacco Paraná, gegenwaertig Lehrer der Nationalen Schule der bildenden Kuenstler; Turin, der schon gestorben Kuenstler; Stenzel, Schueler des Malers Lange de Morretes und vielversprechender Kuenstler; Oswaldo Lopes, auch Maler; der Italiener Nigri, der sich besonders dekorativen Arbeiten widmet.

Unter den Grossen des Paraná, die in der Vergangenheit die Musik pflegten, hebt der Verfasser den Diplomaten Itiberé da Cunha hervor, Familie Cunha Luz abstammend, ein Komponist von grossem Koennen; und des XIX. Jahrhunderts an nahm: die Durchfuehrung von Konzerten, die Organisation von Militaer- und Zivilkapellen, die Gruendung von Kuenstler- und Musikern, darunter Nicolau dos Santos, Bento Mossorunga und Ludovico Seyer; das erste weibliche Trio des Landes; das Sinfonische Orchester; das Wiederauftreten der Operette und des Balletts. Zum Schluss deutet der Verfasser auf die Entwicklung der volkstuemlichen langsamen Verschieden der Serenade.

A Cidade Paranaense



PROFESSOR ILDEFONSO PUPPI

Desde 1937 é catedrático por concurso da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Rege a cadeira de Higiene Geral, Higiene Industrial e dos Edifícios, Saneamento e Traçado das Cidades. É membro do Instituto de Engenharia. Exerce sua atividade profissional em Curitiba.

A EVOLUÇÃO URBANA

As Cidades Novas — As Cidades-tipo

APÓS ter o homem civilizado pisado a terra virgem brasileira, não tardou o aparecimento dos primeiros centros populosos dentro da circunscrição do que hoje constitui o Estado do Paraná. Foram eles a Ciudad Real del Guayra, sobre a barra do rio Piquiri, e Vila Rica, à margem do rio Ivaí, ambos fundados pelos jesuítas hespanhóis, por volta de 1557 e 1576, respectivamente. Destruídos pelos mamelucos de São Paulo, no começo do século XVII, de um e de outro restam apenas ruínas e a memória remota.

A penetração, em sentido inverso, do oceano para o continente, foi melhor sucedida. Paranaguá, dentre as atuais cidades do Estado, é o seu mais antigo núcleo da vida gregária estável. Surgiu ao albor do século XVII e em 1640 tinha ereto o pelourinho, coluna de pedra na praça pública junto à qual o criminoso era exprobrado e castigado, servindo mais para simbolizar a autoridade constituída.

Por essa época despontava Curitiba e, quase simultaneamente, em suas proximidades, São José dos Pinhais.

Lenta e progressivamente foram se radicando novos agrupamentos humanos. Primeiro no litoral, merecendo referência Guaraqueçaba, Antonina, Morretes e Guaratuba, pelos fins do século XVII e começo do século seguinte.

No planalto, foi a partir de 1570 que vieram a se constituir os embriões das nossas mais tradicionais cidades do interior, quais sejam Castro, Lapa e Campo Largo.

Ao alcançar sua emancipação político-administrativa, há um centenário, a despontante Província do Paraná contava oficialmente com apenas duas cidades, Curitiba e Paranaguá, e sete vilas, Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro e Guarapuava.

Desembarçada da tutela de São Paulo e autônoma, a nova Província teria que modificar a anterior marcha lerdá e indolente do seu progresso urbano.

Resumindo condições naturais privilegiadas para a fixação de aglomerados humanos, como as de um clima temperado semelhante ao do centro e sul europeu, as de um solo úber favorável às mais variadas culturas, as de uma enorme riqueza de florestas e pastagens, as de uma água natural potável, fácil e abundante, mais as condições sociais de um regime político-administrativo liberal e extremamente acolhedor, fácil é explicar a existência, no início do século fluente, no Estado, de mais de 20 cidades e outras tantas promissoras vilas.

De então para agora, a evolução vem sendo em andamento acelerado, confirmam-no as 51 localidades com população superior a 2.000 habitantes que, sem dificuldade, podiam ser referidas em 1950.

No momento enumeram-se 119 sedes paranaenses de municípios. Por lei, não são todas as que têm a designação oficial de cidade, mesmo porque, não obstante terem a direção própria dos seus interesses, boa parte não possui condições nem urbana, nem urbanística, para tal. Delas, 17 não conseguiram, há três anos, arrolar mil habitantes.

Na evolução, há a ressaltar o fenômeno do surto urbano que se está desenvolvendo no norte do Estado, único e surpreendente, no tempo e no espaço. Em curtos anos em desafio a qualquer previsão otimista, surge da mata virgem e evolui centro populoso com situação e condições de prosperidade tais que a autoridade político-administrativa-judiciária se depara com a contingência de lhe dar a categoria imediata de cidade-sede de novo município e de nova comarca. Assim Londrina, inexistente em 1925 e marchando em passadas largas e apressadas para ocupar, depois da Capital, o lugar de cidade principal do Estado. Assim Apucarana, cujos primórdios datam de 1938 e que já figura entre as cinco principais cidades do Estado. Assim estas outras que há um decênio não se sabia existirem: Araongas, talvez já ultrapassando 15.000 habitantes; Cornélio Procopio e Rolândia, acercando-se dos 10.000; Maringá, Cambé, Cambará, em posição não menos favorável no que concerne à população e a tudo; ao encaixo vem Mandaguari, Jandaia do Sul, Bela Vista do Paraíso, Ibitiporã, Marialva, Jaguapitã, Centenário do Sul, Santa Mariana, Quitaguá, Andirá, Paranavai e Porecatu, todas elas em estado incipiente e focos de prosperidade em ritmo acelerado, precursoras de numerosas outras mais, em fase de eclosão.

As novas formações urbanas do setentrão polarizam as atenções gerais de maneira tal que a região, praticamente desconhecida e inculta antes da última guerra mundial, é hoje a mais próspera e convergente zona, não apenas do Estado, como também do País.

Explica o extraordinário surto urbano a fertilidade invulgar e pasmosa do solo, considerado o mais propício de todos os continentes à pluricultura, mais particularmente à cafeicultura, à fruticultura e a cultura dos cereais. Concorrem para sua rica produtividade os fatores climáticos e, sobremaneira, a natureza do solo. De um lado, a leste do rio Pirapó, a assim chamada terra roxa, formação clástica com 5 a 6 metros de profundidade resultante da decomposição de rochas eruptivas diabásicas e melálicas enriquecidas de substâncias húmus intersticial; de outro lado, no noroeste, os depósitos jurássicos de arenito intersticial; de um lado e do outro, de nacionais, ante a divulgação da notícia da existência de uma nova terra da promessa.

Os fatores apontados, o fato de o governo poder ter mantido em seu poder quase todas as terras devolutas até dois decênios atrás, a ação da companhia inglesa que comprou grande área dessas terras, a venda das terras pelo Estado e pela Companhia em porções e por preços razoáveis, determinaram a mobilização de um sem-número de interessados, especuladores e colonos. As correntes migratórias se estabeleceram, de estrangeiros impelidos pelas transmutações políticas do ante e do após guerra, e de nacionais, ante a divulgação da notícia da existência de uma nova terra da promessa.

As cidades vão surgindo e prosperando, as matas se vão desbastando para cedermos lugar a extensas plantações a se perderem de vista, com as



CURITIBA

A Praça Tiradentes sempre se constituiu o ângulo da cidade de Curitiba. Nela aparece, imponente e bela, a Catedral Metropolitana.



A Praça Tiradentes e a Catedral, sob outro ângulo visual e sob neve.



Panorama de Curitiba descortinado de um dos pavimentos altos do Hospital das Clínicas, para o sudoeste.

mais variadas culturas permanentes e temporárias, porém sempre predominante a do café.

A improvisação, entretanto, vem tendo seus efeitos nocivos na estruturação das novas cidades. O urbanista e o senso de previsão, em geral, têm estado pouco presentes. Os inconvenientes inerentes ao traçado no obsoleto sistema da malha retangular, muito regularmente geométrico, se vão evidenciando. Neste particular, pouco as novas cidades se diferenciam das antigas. Vale citar, como exemplo, o caso de Londrina que, com dois decênios de vida, teve já necessidade de um Plano Urbanístico Regulamentador, de reforma e extensão.

Por ordem decrescente de população, reunidas as das áreas urbana e suburbana, consoante a contagem oficial do censo demográfico de 1950, é a seguinte a relação das principais localidades do Estado do Paraná:

1. — Curitiba, cidade em 1842, com 141.368 habitantes
2. — Ponta Grossa, cidade em 1872, com 44.130 hab.
3. — Londrina, sede municipal em 1934, com 33.607 hab.
4. — Paranaguá, cidade em 1842, com 16.046 hab.
5. — Apucarana, sede municipal em 1943, com 12.054 hab.
6. — Arapongas, sede municipal em 1947, com 11.787 hab.

7. — Cornélio Procopio, sede municipal em 1938, com 8.831 hab.
8. — Jacareíngba, cidade em 1904, com 7.959 hab.
9. — Rolândia, sede municipal em 1947, com 7.848 hab.
10. — Rio Negro, cidade em 1896, com 7.809 hab.
11. — União da Vitória, cidade em 1908, com 7.389 hab.
12. — União da Vitória, cidade em 1951, com 7.193 hab.
13. — Maringá, sede municipal em 1907, com 7.193 hab.
14. — Irati, sede municipal em 1947, com 6.605 hab.
15. — Cambé, sede municipal em 1947, com 6.316 hab.
16. — Castro, cidade em 1857, com 6.108 hab.
17. — Curitiba, cidade em 1929, com 6.108 hab.
18. — Cambará, cidade em 1859, com 5.657 hab.
19. — Guarapuava, sede municipal em 1947, com 5.609 hab.
20. — Mandaguari, cidade em 1872, com 5.473 hab.
21. — Lapa, cidade em 1857, com 5.182 hab.
22. — Antonina, cidade em 1857, com 5.182 hab.
23. — Antonina, cidade em 1934, com 4.991 hab.
24. — Bandeirantes, sede municipal em 1951, com 4.953 hab.
25. — Londrina do Sul, sede municipal em 1929, com 4.755 hab.
26. — Santo Antônio da Platina, cidade em 1947, com 4.376 hab.
27. — Uraí, sede municipal em 1947, com 4.307 hab.
28. — Jaguariava, cidade em 1908, com 4.307 hab.
29. — Sertãozinho, sede municipal em 1929, com 4.110 hab.
30. — Bela Vista do Paraíso, sede municipal em 1947, com 3.854 hab.
31. — Ibitipora, sede municipal em 1897, com 3.512 hab.
32. — Palmeira, cidade em 1897, com 3.512 hab.
33. — Pato Branco, sede municipal em 1951, com 3.470 hab.
34. — Piraí do Sul, sede municipal em 1882, com 3.453 hab.
35. — São José dos Pinhais, cidade em 1897, com 3.279 hab.
36. — São José dos Pinhais, cidade em 1943, com 3.170 hab.
37. — Almirante, sede municipal em 1882, com 3.127 hab.
38. — Campo Largo, cidade em 1882, com 3.127 hab.
39. — Foz de Iguaçu, sede municipal em 1914, com 2.949 hab.
40. — Marialva, sede municipal em 1951, com 2.874 hab.
41. — São Mateus do Sul, cidade em 1912, com 2.874 hab.
42. — Palmas, cidade em 1896, com 2.803 hab.
43. — Prudentópolis, cidade em 1929, com 2.770 hab.
44. — Jaguapitã, sede municipal em 1947, com 2.702 hab.
45. — Centenário do Sul, sede municipal em 1951, com 2.570 hab.
46. — Joaquim Távora, sede municipal em 1929, com 2.499 hab.
47. — Pôrto Amazonas, sede municipal em 1947, com 2.494 hab.
48. — Santa Mariana, sede municipal em 1947, com 2.942 hab.
49. — Morretes, cidade em 1859, com 2.385 hab.
50. — Ribeirão Claro, cidade em 1908, com 2.294 hab.
51. — Siqueira Campos, sede municipal em 1920, com 2.265 hab.
52. — Rebouças, sede municipal em 1930, com 2.103 hab.
53. — Wenceslau Braz, cidade em 1897, com 2.092 hab.
54. — Imbituba, cidade em 1910, com 2.036 hab.
55. — Andaraí, sede municipal em 1944, com 2.010 hab.



Vista Leste da Capital, do cimo do Edifício Santa Júlia. No primeiro plano, à esquerda, o Edifício Moreira Garcez, o primeiro dos grandes prédios altos a aparecer na cidade.



Na direção noroeste, Curitiba assim se mostra ao observador postado no último andar da sede do Clube Curitibaano. Mais próximo vê-se o Paço Municipal. Fácil o reconhecimento da Catedral Metropolitana, que, ao lado, tem o prédio de apartamentos da Santa Casa.

Antigos núcleos, como *Tibagi* e *Cerro Azul*, ambos reconhecidos cidades em 1890, reuniam 1.444 e 1.079 habitantes, em 1950; *Tomazina*, cidade a 1913, não chegava a um milhar.

Acentua-se a completa falta de correspondência entre a graduação histórica das cidades paranaenses e a sequência de sua classificação, não só pelo critério demográfico, como também pelo da prosperidade econômica ou material. Há, entre as mais tradicionais localidades do interior paranaense, as que se mantêm em um estado de quase estagnação, permitindo que centros novos, em tempo breve, as suplantem. São contingências generalizadas da evolução urbana, porém mais evidenciadas no Estado do Paraná.

Outro fato a salientar é que as quatro principais cidades se projetaram em setores geográficos e fisiográficos distintos. *Curitiba*, a capital, por razões óbvias, no primeiro planalto; *Ponta Grossa*, na região infratropical dos planaltos dos Campos Gerais e Guarapuavano; *Londrina*, na faixa norte, acima da linha do trópico; e *Paranaguá*, na planície à beira-mar.

As três últimas mostram entre si características assaz diversas. Nota-se, sob outro ponto de vista, em cada qual pronunciadas analogias com as demais cidades da região própria. Apontamo-las, assim, como as cidades-tipo do interior paranaense. Ponta Grossa nos permite uma idéia suficiente da cidade evoluída do planalto; Londrina, da cidade do norte, e Paranaguá, da cidade litorânea.

II

A Capital

CURITIBA

O esboço histórico

Data de 1531 a primeira penetração europeia nas plagas onde antes errava livremente o índio tinguí. Capitaneou-a um degredado português de Cananda, Francisco de Chaves, para isso incumbido por Martim Afonso de Sousa. Sabe-se que a expedição alcançou os campos de Curitiba e que foi desbaratada pelos índios cariois.



Difícilmente a rua 15 de Novembro perderá a sua condição hierárquica de via pública principal e mais tradicional da cidade. O seu aspecto, porém, com o alargamento, dos dois lados, bastante se modificará.

O germe profícuo do que hoje constitui a cidade de Curitiba foi semeado pelo administrador das minas dos distritos do sul, Eleodoro Emano Pereira, em suas incursões pelo planalto, aproximadamente pelo ano de 1647. Desde a fundação teve a mesma designação atual, de origem indígena e que traduz uma das características regionais, qual seja a profusão do pinheiro (*curi* = pinheiro, *pinhão*; *tiba* = lugar onde há abundância).

Também foram muito usados, de início os nomes de Pinhais e Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, este em respeito à Padroeira Local.

O pelourinho foi erigido em 1668, mas só a 29 de março de 1693 lhe foi dada a categoria de vila, reclamada pelo povo, que teve pressa em eleger suas autoridades legislativa e judiciária.

Até 1812 subordinou-se à comarca de Paranaguá. O clima, talvez outras razões, fizeram inverter-se a situação: os ouvidores, mudando-se, trouxeram consigo a sede da Comarca para Curitiba.

A dignidade de cidade teve-a a 5 de fevereiro de 1842. Com o desmembramento da 5.^a comarca da Província de São Paulo, tornou-se a capital da recém criada Província do Paraná, sem que, entretanto, maiores manifestações de progresso se notassem até 1875.

No último quartel do século passado renovados afluxos da corrente imigratória, combinados com fatores diversos, estimularam as forças vitais da cidade fazendo-a ingressar na fase de prosperidade crescente atestada pela condição atual, de uma das capitais brasileiras mais em evidência.

Os aspectos naturais

Assinala-se na superfície terrestre a latitude de 25° 25' 48" Sul, a longitude 49° 16' 15" Oeste-Greenwich. Ali está o coração da cidade de Curitiba.



Recanto sedativo na zona central é a Praça Santos Andrade. Vista tomada antes de iniciadas as obras da construção do Teatro Guaíra. Destaca-se o Edifício Marumbi.

Estende-se sobre uma chapada do primeiro planalto paranaense de configuração moderadamente irregular, o que convém para romper a monotonia e garantir à cidade uma aparência pitoresca. As limitações altimétricas, entre 890 e 950 metros acima do nível do mar.

Dos acidentes do terreno resultam na área urbana diversas bacias hidrográficas, predominando a do rio Belém, com o talvez pouco afastado da direção norte-sul; as demais são de riachos seus tributários. O riacho Ivo atravessa o coração da cidade; é o responsável natural das frequentes inundações das ruas centrais, após recolher as cheias do córrego Bigorriho. O outro afluente à margem direita do Belém, o riacho Água Verde, e o da esquerda, o riacho Juvevê, conquanto pequenos os caudais, amide ultrapassam a capacidade de suas caixas hídricas, proporcionando problemas e causando não menores preocupações aos habitantes ribeirinhos, e à administração municipal.

O clima, temperado e agradável, é caracterizado por índices meteorológicos comparáveis aos dos melhores climas da Terra e tais são que singularizam Curitiba entre as capitais do país. Bastante próximo é seu clima do centro-norte americano e do centro europeu.

Sendo a Capital brasileira de maior altitude, ipso facto, é a de menor pressão atmosférica, em média 670 mm/Hg; e a de maior oscilação termométrica diária e anual; tendo já suportado temperaturas inferiores a oito graus centígrados abaixo de 0, e de todas a mais fria, a única a que e



O Edifício Santa Júlia sobressai no contorno da Praça Osório. O logradouro é um dos mais agradáveis e o mais morimentado, depois da Praça Tiradentes.



Foi em 1928, quando a restauração da Universidade se afigurava distante e as proporções do edifício reduzidas, que a grande nevada embranqueceu a atmosfera e a superfície de Curitiba.

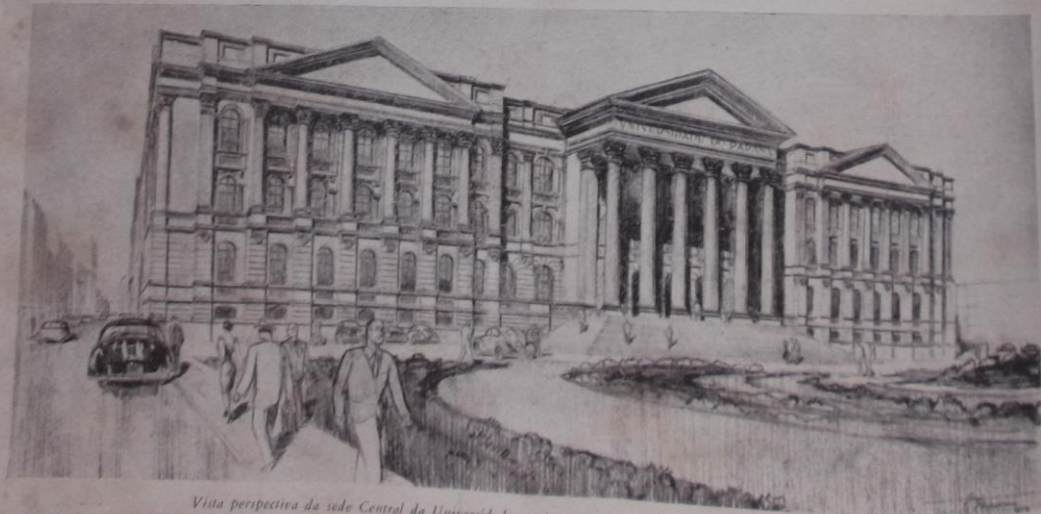


dado presenciar esporadicamente o fenômeno da neve. O do recobrimento superficial por extensos lençóis de geada é por demais comum, no inverno.

A uma temperatura média anual de $16,4^{\circ}\text{C}$ correspondem estações do ano irregulares e inconstantes. Há incursões hibernais em pleno curso do verão, em retribuição, pequenos períodos estivais se inserem na quadra do inverno. Mesmo nos dias mais cálidos, quando a coluna termométrica pode subir a 37°C , pode-se prever uma noite amena e aprazível.

A chuva é irregular, porém, em geral moderada e distribuída através do ano de modo a tornar extremamente rara a seca danosa, que, em havendo, não assume as proporções de calamidade pública. O pluviômetro recolhe, em média, 1.480 mm de precipitações. Como em toda parte, porém, o regime é caprichoso.

Orgulha-se sobretudo o paranaense de sua Universidade. O edifício que ocupa toda uma quadra urbana, abriga a Escola de Engenharia, aqui, na vista, em plano saliente; a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito:



Vista perspectiva da sede Central da Universidade, após a conclusão das obras de ampliação, em curso.

Um tanto úmida a atmosfera. O firmamento quase permanentemente nublado; frequentes as cerrações matutinas e os nevoeiros baixos nas partes deprimidas da cidade. Restringe-se, dêse modo, para 6 horas a duração média da insolação efetiva diária. A umidade relativa varia em torno dos 81%.

Sopra, dominante, o vento do mar, procedente do leste. As correntes quentes do noroeste e do nordeste abatem, amideia, a cidade. Mal recebido o intervalo, frio e molesto, por vêzes muito intenso, miniano, que fustiga do sudoeste.

A população

Do confronto dos últimos censos demográficos infere-se, para Curitiba, um incremento anual da população de 3,6%. Ao finalizar 1953, a cidade terá os seus 160.000 habitantes. Por volta de 1985, pela fórmula logarítmica, visto que o acréscimo da população é progressivo, habita-la-ão 500.000 pessoas.

Não se pode afirmar a predominância numérica de um dos sexos. Se um recenseamento dá pequena vantagem para as mulheres, não é improvável que o seguinte faça prevalecerem os homens, e vice-versa.

No cotejo racial o branco domina de tal maneira que é válida para o momento a referência de Saint Hilaire, conspícuo observador francês da nossa gente e dos nossos costumes, em 1820, de que "em nenhuma outra parte do Brasil vira tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba". O branco aparece em uma percentagem aproximada de 93; o pardo, de quase 5; o preto excede a 2; os amarelos são escassos.

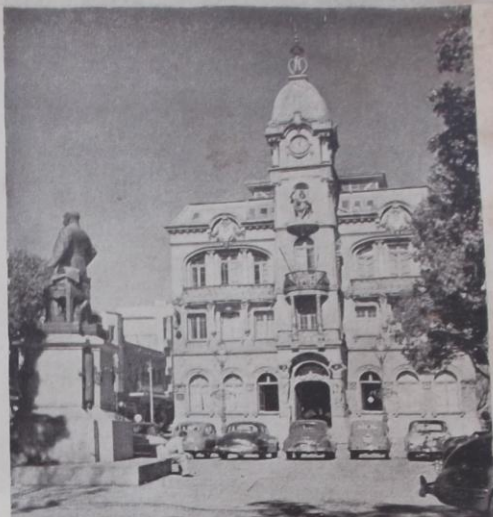
Para 88 que se declaram católicos, há pouco mais de 7 protestantes e 2 espíritas; 0,6% de israelitas e 0,4%, sem religião. Orto-doxos, budistas, maometanos, positivistas e outros, raríssimos.

O aspecto urbano

O local onde se instalou a primitiva Curitiba conserva e fortalece o seu caráter de foco de convergência e de irradiação urbana. É a Praça Tiradentes, na bacia do Ivo e próxima do divisor das águas do rio Belem.

Pelos vales dos cursos d'água e ao longo das vias de penetração para o Oeste (Ponta Grossa) e para o Sul (Rio Negro), e da via de acesso ao mar (Paranaguá), teve a remota vila o seu desenvolvimento. Estes eixos resultaram nas artérias de maior tráfego, função que ainda hoje lhes é reservada. As áreas interpostas aos poucos foram tomadas por habitações marginando arruamentos de formação mais ou menos arbitrária e descontrolada. Perderou o estado de coisas até que a técnica administrativa se dispôs estabelecer a regularidade da estruturação planimétrica da cidade, tanto quanto possível de acordo com os cânones da geometria retilínea.

Resultado da regularização o esquadramento de todas as vias públicas às quais a medida podia ser aplicada, disposição que, na época, surgiu como a mais recomendável. Não obstante a pobreza urbanística do arranjo reali-



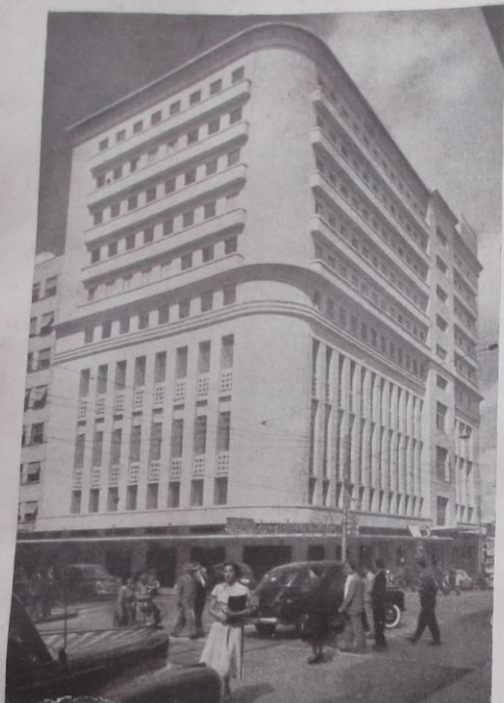
O Paço Municipal é deficiente para os diversos serviços centralizados da Municipalidade. Fosse sua capacidade três vezes maior, ainda não bastaria.

zado, a cidade, pelos seus acidentes topográficos, variados e pitorescos, agrada ao seu habitante e permite ao visitante impressão favorável.

O panorama citadino nos mostra uma rede viária, no geral, suficiente. Se no centro as ruas, apesar das medidas regulamentadoras em vigor, entretém um tráfego mais ou menos conturbado, as mais afastadas ostentam, por enquanto, dimensionamento generoso, mormente nas zonas residenciais. É flagrante, porém, a escassez presente de amplas avenidas, quer de circulação, quer ornamentais. A falha vem merecendo as atenções das autoridades responsáveis, que mantêm em vigor, desde 1943, um plano regulamentador. O alívio vem agindo e das poucas vias remanescentes só restará a memória.



As novas instalações do Colégio Estadual do Paraná foram planejadas em ordem a constituir o maior e o mais admirado estabelecimento de ensino secundário da América do Sul.



O cruzamento viário da esquina do Clube Curitibano é um dos pontos nodais em que a circulação na cidade é mais intensa. Mesmo o tráfego pedestre obedece à sinalização luminosa.

A zona central pode ser considerada suficientemente servida de praças públicas. Mal-aquinhoadas, todavia, as demais zonas. Ressentem-se estas conforme seu caráter funcional, da falta de logradouros para a salubridade do meio, de espaços para o mercado e para a recuperação físico-mental, de parques de áreas verdes para o folguedo infantil, de jardins para o embelezamento, de parques para o folguedo infantil, de jardins para o embelezamento.

Sente-se na capital a carência de parques públicos. Mencionável na área urbana, apenas, em face de algumas doações por parte da Prefeitura, relativamente reduzida, em face de lacuna urbanística ser preenchida, pela Prefeitura Municipal. Possibilidade há de a lacuna urbanística ser preenchida, mediante medidas governamentais apropriadas, porquanto ainda restam quarteirões aptáveis de alta edificação e pouco aproveitamento, posto que nas limitações do perímetro urbano.

A edificação se desenvolve em cadência ligeira surpreendente. Se em 1920 se contavam 8.237 prédios, ao terminar o ano de 1952, completamente concluídos, havia 29.800. Se a Prefeitura aprovava 352 projetos de novas casas em 1932; 614, em 1940; 565, em 1945; e 1.582, em 1950, eram terminados 2.248 prédios em 1951, e 2.532, em 1952. Está-se, pois, construindo em Curitiba, em média, mais de 8 casas por dia útil.

Entre os edifícios há, em grande quantidade, os de fino gosto e requintado acabamento, visto que o proprietário curitibano deseja mais que o conforto e o esmero no arranjo interno de sua moradia; quer que lhe externem a boa impressão de perspectiva das fachadas e do ajardinamento circunstanciado. Em consequência, o forasteiro em estado ruinoso, o gradual desaparecimento das casas de feição vetusta, nos bairros mais antigos, e a aparência geral da construção recente dão a Curitiba a fisionomia de cidade nova.

A ausência de edifícios em estado ruinoso, o gradual desaparecimento das casas de feição vetusta, nos bairros mais antigos, e a aparência geral da construção recente dão a Curitiba a fisionomia de cidade nova.

Aqui também o arranha-céu, já pelo seu aspecto monumental, já porque a ele se associa o conceito de progresso, tem seus grandes apreciadores. O estímulo à implantação nas quadras urbanas do sobressalente edifício resulta da inexistência de um Código de Obras oficial limitativo, de paratária à atual situação econômico-financeira, ante a qual as disponibilidades monetárias encontram aplicação mais segura no rendimento fácil e na valorização do imóvel que na operação bancária. Explica-se, pois, a existência na cidade, no início de 1953, de 44 prédios, ou concluídos ou em fase de obra, alteando mais de 10 pavimentos. Há destaque para o Edifício Rui Barbosa, com 28 pavimentos; Os Edifícios Augusta e Asa, com 23 pavimentos cada, e o Louvre Hotel, com 21 pavimentos.

Nem a conveniência da localização, pois quase todos se situam em ruas de largura insuficiente; nem a ausência de lotes de terreno para a construção em condições mais econômicas ou dentro de uma mais ampla área, pois os numerosíssimos claros que se observam ao longo dos alinhamentos prediais atestam que a cidade necessita completar seu crescimento em superfície; nem o alto preço dos terrenos; nem a melhor compensação econômica da conveniente justificativa para essa disputa das alturas. Aliás, o quadro esboçado não é típico de Curitiba: é o de quase todos os grandes centros nacionais mais evoluídos.

Merecem ser apontados ao turista alguns edifícios.

Se a preferência recair no estilo clássico ou neoclássico, há o da Catedral do Arcebispo, em puro estilo gótico; o da Universidade do Paraná, em estilo coríntio; o do Instituto de Educação; algumas novas igrejas, a de



A Casa do Estudante é um alto edifício confortável, em fase de acabamento construtivo; junto ao Passeio Público, permite esta visão da cidade.

de praças
n-se estas
abundância
scimentos
de pequeno
mento,
onável na
área rela-
Prefeitura
mediante
esses apra-
limitações

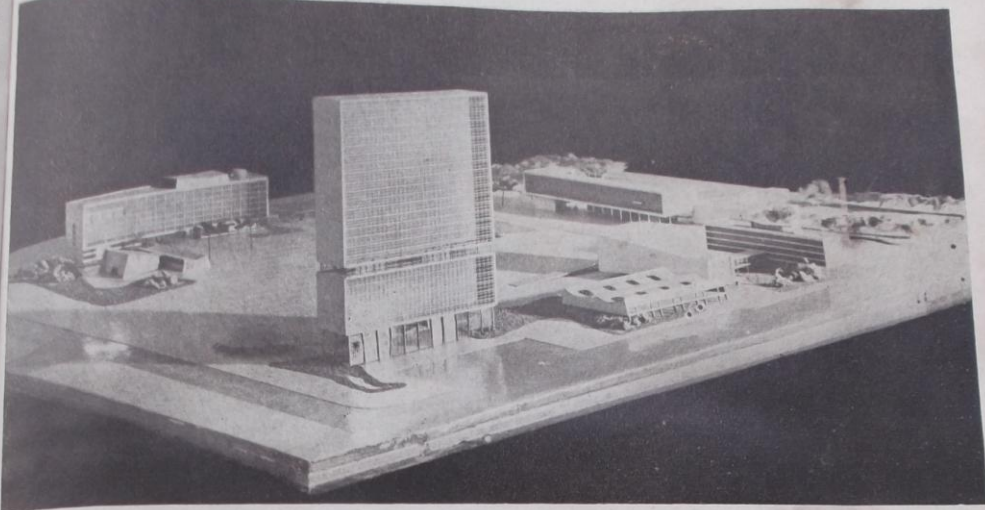
Se em
estamento
de novas
ram ter
as, cons

requin-
e con-
xternem
stante
funciais.
scimento
geral da

já por-
adores,
cio re-
barceria
mone-
rização
cidade,
ra, al-
arbosa,
cada;

n ruas
trução
ois os
ediais
nem
cogido
ionais

edral em
a de



A inauguração do conjunto predial do Centro Cívico, programada para fins de 1953, terá que ser contemporizada, apesar do ritmo que se vem imprimindo às obras.

Santa Teresinha e a de Nossa Senhora das Mercês, em estilo romano, e a de N. S.ª do Rosário, em estilo colonial; o Edifício Santa Julia; o Edifício Moreira Garcez; o Paço Municipal; o Palácio da Assembleia Legislativa; o da residência do Sr. Moisés Lupion, além de diversos outros, públicos e particulares, de relativa projeção na cidade até uns dois decênios atrás e agora em plano secundário.

Em estilo moderno moderado podem ser indicados o do Colégio Estadual, sóbrio e imponente na sua situação realçada; o do Clube Curitiba; o Edifício Marumbi; o do Centro de Saúde; o do IAPC; o Edifício Pedro Demetero, o do Louvre Hotel e muitos outros de grande porte, em obra de acabamento.

Ainda na fase construtiva da estruturação se encontram os prédios públicos cuja ereção vale como parte do programa das comemorações do Centenário da emancipação político-administrativa do Estado. São todos concebidos em avançado estilo moderno-funcional. Avultam os prédios agrupados no assim chamado Centro Cívico, destinados à centralização dos altos órgãos da administração estadual, atualmente esparsos pela cidade e instalados em edifícios deficientes ou inadequados; o edifício da Biblioteca Pública e o do Teatro Guaíra. Este, em particular, no gênero, marcará época, não apenas pelo grande arrojado arquitetônico, como e principalmente pelas qualidades técnicas primorosas do seu projeto. Pela sua singularidade constituirá atração para artistas renomados, público e turistas.

Dominante no panorama geral, pela envergadura e pela situação em terreno proeminente, será o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, cujas obras se acham em curso.

Perpetuados no bronze, para que estejam sempre presentes na memória do curitibano além de outras peças escultóricas, vêm-se na praça pública personagens eminentes da história pátria e regional, ou da arte. Avultam as estátuas do Marechal Deodoro da Fonseca, do Marechal Floriano Peixoto, de Tiradentes, do Barão do Rio Branco, de Rui Barbosa, de Zacarias Góis de Vasconcelos; os bustos ou hermas de Carlos Gomes, de Emílio de Menezes, de Emiliano Pernetta, de Domingos Nascimento, de Monsenhor Celso, de Victor do Amaral, de Nilo Cairo, de Santos Andrade, do Padre Ildefonso, do Barão do Céreo Azul, de Julia da Costa; os monumentos a Santos Dumont, ao Expedicionário, e do Semeador.

As ligações e a circulação

Diversos sistemas viários organizados mantêm Curitiba em ligação permanente com os principais centros do país e do interior do Estado.

Até os dois últimos decênios, o principal meio de comunicação com os Estados limítrofes do norte e do sul era a ferrovia sistematizada na Rede de Viação Paraná - Santa Catarina, cujos escritórios centrais e principais instalações se localizam em Curitiba. Dá transporte para os portos de Paranaguá, Antonina e São Francisco, para as cidades de São Paulo e Porto Alegre, para as principais cidades do interior paranaense e catarinense, e para muitas do interior dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

As boas estradas de rodagem de construção recente e o melhoramento das antigas determinaram a atual geral preferência do transporte rodoviário em relação ao ferroviário. A rodovia conduz a todas as partes onde os trilhos levam, com mais rapidez, facilidade e flexibilidade, além de permitir com o interior do Estado e adjacências, ligações essenciais que a via férrea não proporciona. Dispõe-se de boas estradas de ligação com o litoral, com Ponta Grossa e Oeste do Estado, com Pirai e norte do Estado, com Lapa e sul do Estado, com a capital e o sul de São Paulo, com Joinville.

Tendente a resolver em definitivo e eficientemente o magno problema das comunicações terrestres intra-estaduais, há elaborado grande Plano Rodoviário, concebido com elevado senso de objetividade e previsão, já em ativa fase de concretização. O Plano, que é prestigiado e prodigamente amparado pelo Governo Estadual, faz convergir para a Capital, em demanda aos portos do litoral, todas as rodovias-tronco, modernas e amplas, procedentes dos mais afastados e importantes pontos limítrofes do Estado. Grandes benefícios, em consequência, emanarão para Curitiba; mais um precioso fator para o crescente surto de progresso por que passa a cidade.

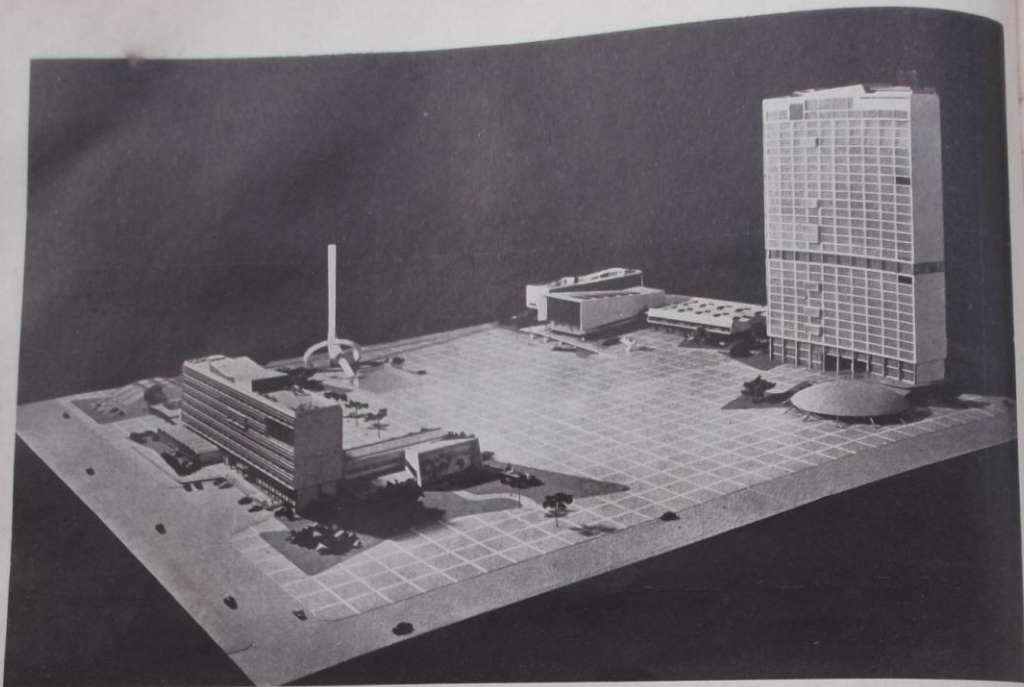
Completando o sistema de comunicações externas, Curitiba é ponto de articulação de uma larga rede de linhas aéreas que a conectam rapidamente com as grandes localidades da União e com os principais focos urbanos do interior. Aeronaves de todas as companhias nacionais que exploram a aviação comercial decolam diariamente do aeroporto Afonso Pena. De diversas procedências, nas 3.788 viagens de 1950, nele desembarcaram 55.867 passageiros e foram descarregadas mais de 1.100 toneladas de carga. O movimento aeronário intensifica-se de ano para ano.

O aeroporto Afonso Pena, reputado pelo seus requisitos técnicos e construtivos o melhor do sul do Brasil, está situado a 17 km da Praça Tiradentes e ligado à Cidade por estrada asfaltada. Conta ainda Curitiba com o aeroporto militar da 5.ª Base Aérea, a 6 km do centro.

O tráfego interno, em virtude de proporcionalmente grande número de veículos transitantes e da estruturação viária, desenvolve-se em estado de quase permanente congestionamento, na zona comercial e ao longo das ruas que prolongam as estradas de penetração. Não obstante, medidas regulamentadoras da distribuição do trânsito, a adoção do sentido único em quase toda a zona central, a sinalização manual profusa, a instalação de semáforos luminosos, conseguem manter a relativa ordem na circulação.

Pelas ruas de Curitiba, trafegavam em 1952, com estacionamento local, 6.988 automóveis, 225 ônibus, 131 autolotações, 2.277 caminhões, 951 caminhonetes e 567 motocicletas, estabelecendo a correspondência de 1 automóvel para 20 habitantes e 1 veículo motorizado para 14 habitantes. Eram ainda pedaladas 12.076 bicicletas.

O trilhó sistematicamente vai desaparecendo da cidade. As poucas linhas de bondes elétricos remanescentes não mais tocam o centro da cidade. O homem do povo, entretanto, ainda não está de todo conformado com o desaparecimento gradativo desse meio de transporte barulhento, moroso e atravancante, porém econômico.



Nesta vista antecipada do Centro Cívico falta o Palácio do Governo, justamente a edificação cujas obras correm com mais celeridade e que o governo pretende inaugurar a 19 de dezembro de 1953, data centenária da emancipação político-administrativa do Estado.

A salubridade e a assistência sanitária

Curitiba é uma cidade salubre. Comprovam-no dados estatísticos e a geral aparência robusta dos moradores do lugar.

Das mais importantes cidades brasileiras, é uma das raras em que o coeficiente de mortalidade anual dá menos de 13 óbitos por 1.000 habitantes. Com segurança pode-se afirmar ser a capital brasileira onde menos se morre tuberculoso: 6 casos fatais anuais por 10.000 cidadãos é a maior média.

Causam maiores devastações humanas, por ordem, as gastro-interites infantis, as doenças do coração, o câncer, a nefrite e a tuberculose.

A epidemia de mais recente e sombria recordação data de 35 anos, quando o bacilo tífico, prevalecendo-se dos defeitos da então precária rede de esgoto, invadiu a canalização do serviço público de distribuição de água potável.

Atualmente as autoridades sanitárias se mantêm vigilantes ante a menor suspeita de qualquer surto endêmico ou epidêmico.

Os encargos do saneamento urbano estão bipartidos. O Estado tem sob sua alçada os serviços propriamente hidráulicos; os demais prosseguem sob a responsabilidade municipal.

Entre os serviços essenciais da melhoria do meio há o da correção do solo pela drenagem, pelo revestimento superficial, pela canalização, retificação e limpeza dos cursos d'água, dado que são de natureza inundável, da área urbana.

O abastecimento de água potável, dos serviços técnico-sanitários urbanos, fêto em uma moderna estação de filtração rápida com capacidade para o tratamento diário de 60 milhões de litros e suprimento de 300.000 casas de 17.000 casas.

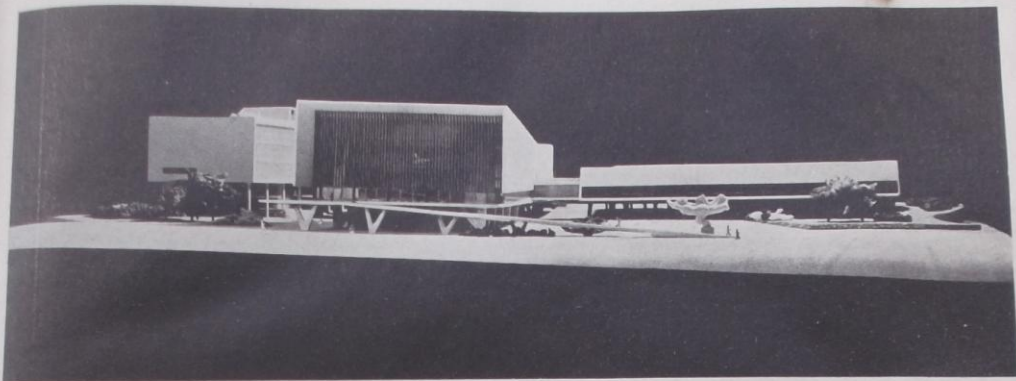
As águas servidas são evacuadas pelo sistema separador absoluto. Achar-se esgoto é lançado "in natura", no rio Belém, a jusante e fora do perímetro suburbano.

As vias e logradouros públicos são mantidos em satisfatório estado de limpeza, prevalecendo nesse entretenimento primitivos, porém eficientes, processos manuais.

O serviço da coleta e remoção do lixo domiciliar, grande parte em virtude da deficiência e precariedade dos veículos coletores em exercício, não



No Centro Cívico, o edifício de maior realce será o das Secretarias de Estado, cuja construção da estrutura aos poucos vai subindo até completar os 30 pavimentos projetados. Junto ao pavimento térreo a cúpula com 55 metros de diâmetro, sob a qual se alojarão a Recebedoria e a Pagadoria do Estado.



A Assembléia Legislativa, como parte integrante do Centro Cívico, instalar-se-á em 3 prédios comunicantes: o das Secretarias, à esquerda; o do Plenário, central, e o das Comissões, à direita.

vem tendo a regularidade e organização preconizáveis. O lixo recolhido após triagem, é aproveitado na horto-agricultura.

A profilaxia das moléstias transmissíveis de interesse regional tem a seu dispor serviços com boas instalações, empreendimento e custódia do governo do Estado. Merecem referência o Leprosário São Roque, o Sanatório São Sebastião, ambos fora do município, o Hospital de Isolamento e o Centro de Saúde.

Do indigente ao muito abastado, qualquer ente humano, qualquer que seja o seu mal, encontra em Curitiba a assistência médico-hospitalar de que necessita. A ação filantrópica que se desenvolve na tradicional Santa Casa de Misericórdia é nobre e admirável. Estabelecimentos beneficentes especializados, com todos os requisitos médico, clínicos e cirúrgicos, podem ser buscados na cidade pelo sofredor carente: O Hospital Maternidade Victor do Amaral, o Hospital das Crianças, o Hospital Psiquiátrico N. S.^{da} Luz, o Hospital Pronto Socorro da Cruz Vermelha, o Hospital Militar. Abre-se citação para uma dezena de outros estabelecimentos hospitalares particulares, de diversas Creches e Postos de Puericultura, e, à parte, para o grandioso Hospital da Faculdade de Medicina, dentro de futuro próximo.

Não há razão para a mendicância pública, que, em Curitiba, pode ser considerada clandestina. Diversos asilos e instituições humanitárias completando-se em suas dignificantes finalidades, alguns mantidos pelo Governo, outros por corporações religiosas ou leigas, além do Instituto Paranaense para Cegos e do Instituto para Surdos-mudos, há distribuídos pela cidade.

O aspecto cultural

A nomeada de centro de destacada cultura que a capital paranaense frui deriva de sua Universidade, a mais antiga das instituições educacionais do país destinada à especialização profissional e científica conjunta. Criada em 1912, com os cursos em pleno funcionamento, lutaram os fundadores pelo

seu reconhecimento oficial. Foi-lhe este recusado pelas autoridades federais do ensino, sob o pretexto de que, no Brasil, não existia na época instituição oficial a que pudesse ser equiparada. Curitiba, então, não possuía 50.000 habitantes; a uma cidade pequena, com todas as características provincianas, considerou-se, não podia o governo da República reconhecer a iniciativa e a primazia da instituição da vida universitária nacional.

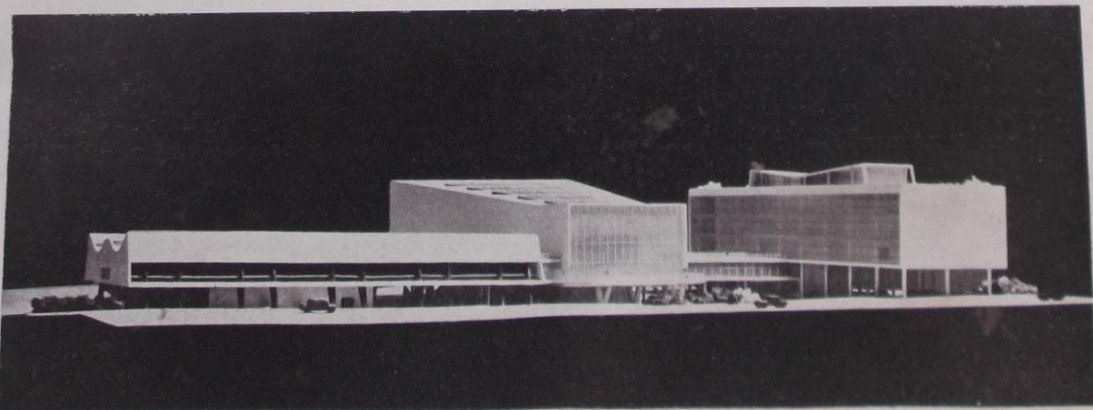
Foram, porém, reconhecidos, separados e autônomos, os Institutos que a constituíam, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Engenharia, em 1920, e a Faculdade de Medicina com os cursos anexos de Odontologia e Farmácia, em 1922.

Prosseguiram, não obstante, funcionando sob a mesma cúpula que ainda as cobre e em cuja fachada principal do edifício sempre foi mantido o leitreiro moldado em 1913: *Universidade do Paraná*.

Em 1946, acrescida agora com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e mais tarde com a Faculdade de Ciências Econômicas, foi a entidade universitária restabelecida, com todas as regalias oficiais de Universidade livre, para, quatro anos decorridos, passar para a égide federal.

Os discentes universitários procedem de todos os Estados do União, mormente dos sulinos, e do estrangeiro. Deparam eles em Curitiba ambiente ideal e fatores climáticos estimulantes extremamente propícios ao estudo e aos trabalhos escolares.

Outros bons cursos superiores oficializados são os da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, os da Escola Superior de Química do Paraná, em apropriados e devidamente aparelhados estabelecimentos privativos. Registrem-se mais a Faculdade Católica de Filosofia, a Faculdade Livre de Direito, o Instituto de Educação e as três Escolas Normais livres, de Nossa Senhora de Lourdes (Cajuru), de Nossa Senhora de Sion, e do Sagrado Coração de Jesus, que, paralelamente, formam professores primários; a Escola de Belas-Artes, a Escola de Educação Física, as duas Escolas Técnicas do Comércio, a Escola de Serviço Social, a Escola Técnica de Curitiba, além



Outra perspectiva dos edifícios da Assembléia Legislativa.



Detalhe do Centro Cívico, onde se vê o Palácio da Justiça. Na edificação rasa, à esquerda, funcionará o Tribunal do Júri; na da direita, o Tribunal Eleitoral.

de diversas outras escolas de orientação profissional (SENAI, SESI, SESC, etc.).

Apona-se o Colégio Estadual do Paraná como a materialmente mais completa e melhor instalada casa de ensino secundário da América do Sul. No seu planejamento e edificação foram atendidas as normas estritas da higiene educacional, em ordem a constituir-lo modelar na sua organização e no seu gênero.

Espalhados no meio urbano fornecem instrução básica treze colégios particulares oficializados.

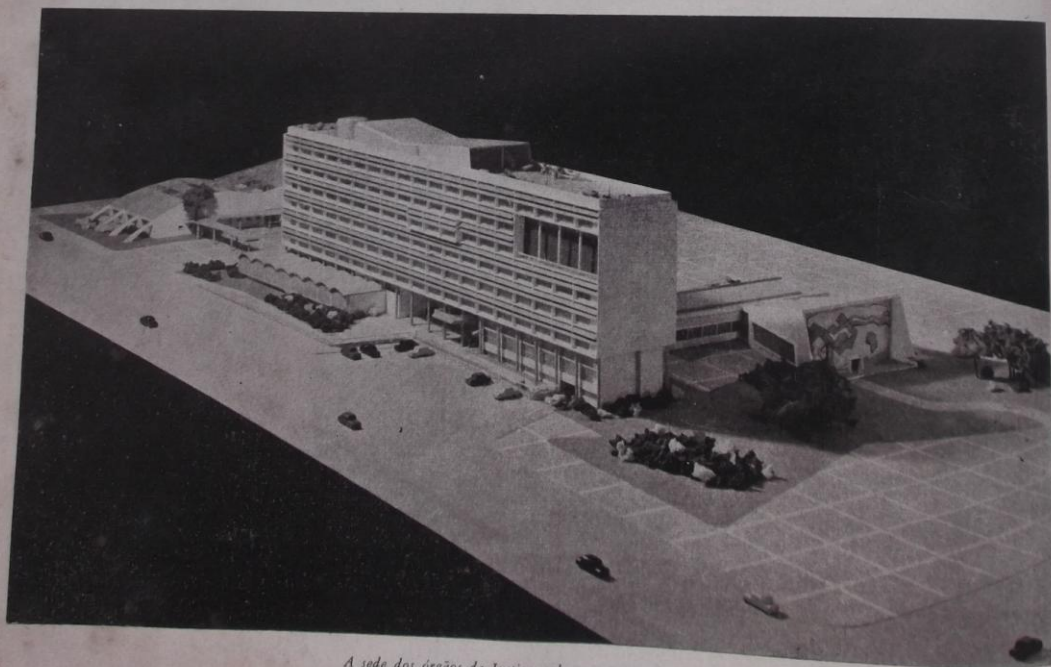
O Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas conjuntamente com diversas instituições de caráter cultural associativo ou profissional empenham-se em manter elevado o nível científico, técnico, literário e artístico ambiental. Vem à mente a Associação Médica do Paraná, o Instituto de Engenharia e o Sindicato dos Engenheiros, a seção paranaense da Ordem dos Advogados

do Brasil, o Círculo de Estudos Bandeirantes, a Academia de Letras do Paraná, o Centro de Letras do Paraná, a Sociedade de Cultura Artística Brasileira Iliberé, o Instituto Histórico e Geográfico.

Não só a elite como também a classe média toma interesse nos cursos e atividades do Centro Cultural Interamericano, da Sociedade de Cultura Inglesa, da Aliança Francesa, do Centro de Cultura Italiana Dante Alighieri.

Não seria justo silenciar o trabalho mental que se processa nos seminários e conventos e o seu reflexo educacional no meio social exterior. Nem esquecer os disciplinados cursos apostólicos que se professam nas treze casas locais de reclusão religiosa.

Tem sua parcela valiosa na empreitada da divulgação cultural as quatro principais estações de radioemissão e a imprensa, representada por seis jornais diários e muitos outros periódicos semanários, mensários, anuários; revistas várias e publicações esporádicas.



A sede dos órgãos da Justiça, sob novo ponto de vista.



Os bairros residenciais de luxo oferecem agradáveis cenários ao transeunte. Esta rica residência do Alto da Glória foi uma das que mais se encantou com o espetáculo da última nevada.

O próprio mundo intelectual mal se apercebia da existência de uma Biblioteca Pública na Capital. Para isso concorria precipuamente o fato de não possuir ela sede própria, em correspondência ao alto nível mental do meio. A falha está sendo sanada: está se lhe erigindo edifício especial de proporções tais que os fichários bibliográficos deverão ser forçosamente aumentados, e de situação e evidência tais que todos se estimularão a frequentá-la.

Interessantes amostras da fauna regional podem ser conhecidas, tópicos de fatos e costumes históricos paranaenses reavivados na visita ao Museu Paranaense, que abnegados dirigentes tratam com particular carinho.

O aspecto social

O natural pendor do homem para a vida social sabe vivê-lo o curitibano.

Agremiações e reuniões com as mais variadas finalidades, leigas ou religiosas, recreativas ou profissionais, de cultura física ou mental, científicas ou literárias, técnicas ou artísticas, de interesse de classe ou humanitárias, atendem aos diversos reclames do corpo e do espírito.

Dentre as sociedades projetam-se dentro e fora do cenário citadino, além das associações culturais, artísticas, filantrópicas e outras já referidas nesta notícia, os centros que congregam a vida elegante, onde há destaque para o tradicional, ostensivo e luxuoso Clube Curitibano, para o pitoresco Graciosa Country Club, para o Círculo Militar, para a Sociedade Thalia, para o Clube Concórdia; a Associação Comercial do Paraná; as sociedades desportivas, algumas possuidoras de boas e apropriadas instalações para as práticas e disputas olímpicas comuns, como as do estádio do C. A. Ferroviário, sede preferida das competições interestaduais e internacionais, por vezes também desenroladas nas acomodações desportivas do Curitiba F. C. e nas do C. A. Paranaense; o Jôquei Clube Paranaense, que faz realizar suas corridas no Hipódromo Guabirota, e dentro em breve, no novo Grande Hipódromo do Tarumã, cuja conclusão está aguardada para fins de 1953.

O aspecto econômico

Funcionalmente, pela condição de Capital de Estado, Curitiba é uma cidade administrativa. A qualidade de cidade educacional também lhe conviria, uma vez que só do ensino superior, industrial, comercial e artístico

possui mais que 70 estabelecimentos, freqüentados, no próximo passado ano letivo, por mais de 6.000 alunos.

O aspecto econômico, entretanto, não pode deixar de ser considerado, seja o comercial, seja o industrial. Um e outro transpõe uma fase de prosperidade sem precedentes, que, de modo indireto, pode ser apreciado pela arrecadação de diversos serviços fiscais. Foram cobrados, em 1952, Cr\$ 146.088.159,20, de imposto sobre a renda. A arrecadação da Prefeitura Municipal, dos Cr\$ 8.648.000,00 de 1940, passou, em 1952, para Cr\$ 70.505.000,00.

Reunidas grande e pequena indústria, contam-se no município cerca de 400 estabelecimentos fabris, utilizando o trabalho de mais de 12.000 operários.

Predominam as indústrias da madeira, as dos produtos alimentícios, as do mobiliário, as da transformação de produtos minerais não metálicos (in-



O moderno e singular Teatro Guaíra terá, no grande auditório, capacidade para 1.900 espectadores. No pequeno auditório, independente, para 600. Há a pretensão de estreá-lo ainda em 1953.

clussas as de louça fina, vidro, cerâmicas comuns, etc.), as metalúrgicas, as editoriais e gráficas, as de couro e peles, as do vestuário, as químicas e farmacêuticas, as têxteis.

A produção agrícola da zona rural não chega a ser o bastante para o abastecimento do município, não obstante estar a cidade cercada de pequenas colônias de lavradores. Colhe-se mais o milho, o feijão, a batata doce, a batata inglesa, o tomate, o arroz, a laranja e a uva; menos, a cebola, o alho, o cenoura, a aveia, o amendoim.

O comércio local é intenso e ativo, muito variado. Na balança comercial o desequilíbrio favorece a importação. Conjuntamente com o comércio, com os guichês sempre muito concorridos, atuam 17 estabelecimentos bancários.

O aspecto turístico-recreativo

Nos dias de folga que a interrupção do trabalho lhe permite, o cidadão, fora de casa, encontra atrativos, fonte de recreio recuperativo das energias desperdidas. Da mesma forma, o turista à cata de derivativos.

Não os interessando uma das programações dos confortáveis cinemas do Centro, poderão entreter-se na visita à Catedral Metropolitana e outras igrejas locais, afim de admirar-lhes as linhas arquitetônicas; ao Museu Paranaense, onde coisas e fatos do Paraná os poderão impressionar; ao Passeio Público, se quiserem se deparar com um esboço de jardim zoológico e proporcionar regalo às crianças no parque infantil ali existente; ao Colégio Estadual, ao Clube Curitiba, ao Graciosa Country Clube, para apreciarem a organização e o aprimoramento; ou subir até o alto das Mercês, até os altos da rua 15 de Novembro e do seu prolongamento, onde se situam os novos reservatórios, um enterrado e outro elevado, de água potável.

Saindo da cidade os distrairão a visita à Cascatilha e à Colônia Santa Felicidade; à granja do Canguai, ao aeroporto Afonso Pena e à cidade próxima de São José dos Pinhais, à fonte de água mineral Ouro Fino e as indústrias cerâmicas de Campo Largo; às grutas calcárias de Itaperuçu e Baicitava, passando por diversas colônias agrícolas.

A transposição da Serra do Mar por ferrovia oferece espetáculo sempre deslumbrante, já pelos admiráveis acidentes naturais, já pela obra de aparente temeridade de nossa engenharia, que é a da construção da estrada. Turista algum que chegue à Curitiba, deve subtrair-se às maravilhosas perspectivas.

De não menor recomendação turística é a visita deparável no transmonte e descida da Serra do Mar, pela tortuosa rodovia que fornece acesso às cidades do litoral.

O Plano Regulamentador

O fato urbano é milenar. A técnica e a composição urbanística científica, dos nossos dias.

Compreende-se, pois, pudesse ser desordenada a estrutura urbana de Curitiba até ser ela conduzida à categoria de Capital de Província.



Foi neste local que um casal de pombos pousou fixando a situação do núcleo inicial de Ponta Grossa. Vê-se a Praça Marechal Floriano e a Catedral provisória.



O outeiro, urbanizado desta vista é a Ponta Grossa tradicional. Em primeiro plano, o Parque Infantil.



A Avenida Vicente Machado é a grande via comercial de Ponta Grossa.

Três anos após, em 1857, sob a orientação do engenheiro Pedro Taulos, foi iniciado o trabalho da regularização das ruas, fixando-lhes os alinhamentos, retificando-as, fazendo-as, quanto possível, se cruzarem ortogonalmente, e traçando-se alguns novos eixos viários.

De então para cá, diversos têm sido os Prefeitos Municipais que muito diligenciaram e concorreram para a boa ordem interna da cidade. Entre eles, ressaltam-se alguns, engenheiros civis, abalizados técnicos de grande iniciativa e descortínio.

Sentia-se, porém, a necessidade de um Plano Urbanístico Regulamentador, não só em face da crescente expansão da cidade, como também para a solução em definitivo de vários magnos problemas urbanos, em particular os concernentes à circulação, à estética e ao saneamento urbanos.

O plano, elaborado em 1943, teve a assistência técnica do urbanista francês, Prof. Agache. Como sucede com qualquer outro trabalho de tal natureza, pode-se debatê-lo. Ao lado de oportunas sugestões que o urbanista moderno endossaria sem muito hesitar, há tópicos e aspectos passíveis de discussão.

A sistemática das avenidas, tendente a orientar o tráfego, é um dos pontos altos do Plano.

Houve o critério de as delinear com o aproveitamento quase total de vias públicas já existentes, mediante conveniente alargamento.

Quatro avenidas perimetrais, outras tantas radiais primárias e diversas radiais secundárias, além de uma diametral abrangendo a anual rua principal, a 15 de Novembro, completam o sistema.

A Avenida Perimetral Zero, oportuníssima, com um diâmetro aproximado de 1 km, envolve o centro urbano; tem como função básica descongestionar-lhe o tráfego. A Avenida Perimetral Um, utilíssima, grossa-mente concêntrica com a precedente, tem o diâmetro médio de 2 km e destina-se à distribuição do tráfego. A Avenida Perimetral Dois, mede, segundo o diâmetro médio, quase 3 km, e objetiva-se a ligar os bairros residenciais e os Centros Funcionais, enquanto que a última Perimetral, a Três, com o diâmetro médio de 8 km, se constitui em uma Avenida-Parque de 60 m de largura, cabendo-lhe a atribuição de delimitadora da área urbana.

As Avenidas Radiais Principais fazem conexão com as estradas de ligação com o interior e com os Estados vizinhos; partem de urça ou de outra das duas primeiras perimetrais.

As duas Avenidas Perimetrais mais exteriores, combinadas com as Radiais, implicam um planejamento da extensão urbana pelo critério dos eixos concêntricos, tão caro ao urbanismo francês, porém bastante criticado e contrariado por outras escolas urbanísticas, em face do seu monocentrismo e isotropismo.

Outras seções do Plano fixam a necessidade do estabelecimento e a disposição dos centros funcionais; assentam complementarmente as diretrizes do zoneamento urbano, da reserva de áreas e da distribuição dos espaços livres, tudo de acordo com as normas de um projetado Código de Obras.

Merecendo maior consideração há a criação do Centro Cívico-Administrativo, importante novo foco de irradiação urbana; uma praça com características próprias, em torno à qual seriam reunidos os edifícios destinados aos órgãos centrais da administração estadual, abrangendo os poderes legislativo, executivo e judiciário.

Outras interessantes novidades planejadas, o Mercado Central e a Estação Rodoviária, no quarteirão onde se situa o antigo Palácio do Governo; a formação de diversos parques, inclusive a de um Cemitério-Parque e a do grande "park-way"; o Estádio Municipal.

No setor sanitário o Plano não traz inovações, a não ser a canalização a céu aberto de todo o trecho do rio Belem a montante do Passeio Público, de parte do riacho Bigorrião e do Água Verde; saem esses cursos do interior dos quarteirões para se constituírem eixos de avenidas secundárias. Quanto ao mais, limita-se a recomendar a continuidade dos serviços de saneamento que, de longos anos, vêm sendo feitos nas diversas bacias hidrográficas.

Das proposições contidas no Plano Agache, está tendo melhor acatamento do governo municipal o Plano das Avenidas; do governo estadual, a ideia e a localização do Centro Administrativo.

O Centro se encontra em ativo estado de concretização, plasmado porém em linhas arquitetônicas bem diversas das originalmente planejadas. Consta o conjunto predial, em edificação, do Palácio do Governo, da Residência do Governador, das Secretarias de Estado; da Assembleia Legislativa, das Secretarias do Tribunal Eleitoral, da Imprensa Oficial. No rol terá maior destaque o bloco construtivo das Secretarias do Estado, projetado para 30 pavimentos. Mais original será a enorme cúpula, sob a qual funcionaria a Recebedoria e a Pagadoria do Estado; será, no gênero, com os seus 55/m de diâmetro, a maior do mundo.

Algumas sugestões não encontraram clima favorável, tendo sido contemporizadas, ou mesmo, contrariadas.

III

A Cidade dos Planaltos

PONTA GROSSA

ADMITE-SE que a primeira pouxada do homem branco em plagas hoje ponta-grossenses foi a do fidalgo espanhol, D. Alvaro Nunes Cabeza de Vaca, em 1541, quando em demanda ao Paraguai, a fim de assumir o cargo de governador, para o qual fora nomeado.



Outra acidentada avenida, a Carlos Cavalcanti. O monumento, de frente, identifica a Praça Duque de Caxias.



Um dos logradouros aprazíveis da cidade dos planaltos é o Parque Infantil. Beneficia a perspectiva do Colégio Sant'Ana.



A Avenida Vicente Machado, em uma hora mais tranqüila do dia.



Ao longo das ruas de Ponta Grossa as rampas são pronunciadas e características. A vista é da Avenida Augusto Ribas.

O povoamento foi iniciado no começo do século XVIII por paulistas, tendo à frente Pedro Taques de Almeida.

Sobre a fundação de Ponta Grossa, falam os arquivos que, concordando os fazendeiros da região com a ideia do sargento-mor Miguel Ferreira Carvalhais, de criar o povoado, acabaram por decidir que a sede seria onde, sóito um casal de pombos domésticos, viessem esses pousar. Fizeram-no sem senso urbanístico, sobre toca cruz de madeira, em ponto culminante, no alto do outeiro Ponta Grossa, local onde está situada a atual Catedral do Bispo.

Ao ser elevada à categoria de freguesia, em 1823, teve o seu primitivo nome de Estrela alterado para Ponta Grossa.

Vila em 1855 e cidade, sob a denominação Pitangui em 1862, voltou a ser designada Ponta Grossa, de forma definitiva, em 1872.

Quer pelo número de seus habitantes, quer pelo conjunto das diversas atividades urbanas nela desenvolvidas, de uns pares de decênios a esta data vêm sendo reconhecida como a principal cidade do Estado, depois da Capital, categorização que subtraiu a Paranaguá.

USUFRUINDO situação topográfica proeminente, a cidade é divisada a grande distância, de todas as direções do horizonte.

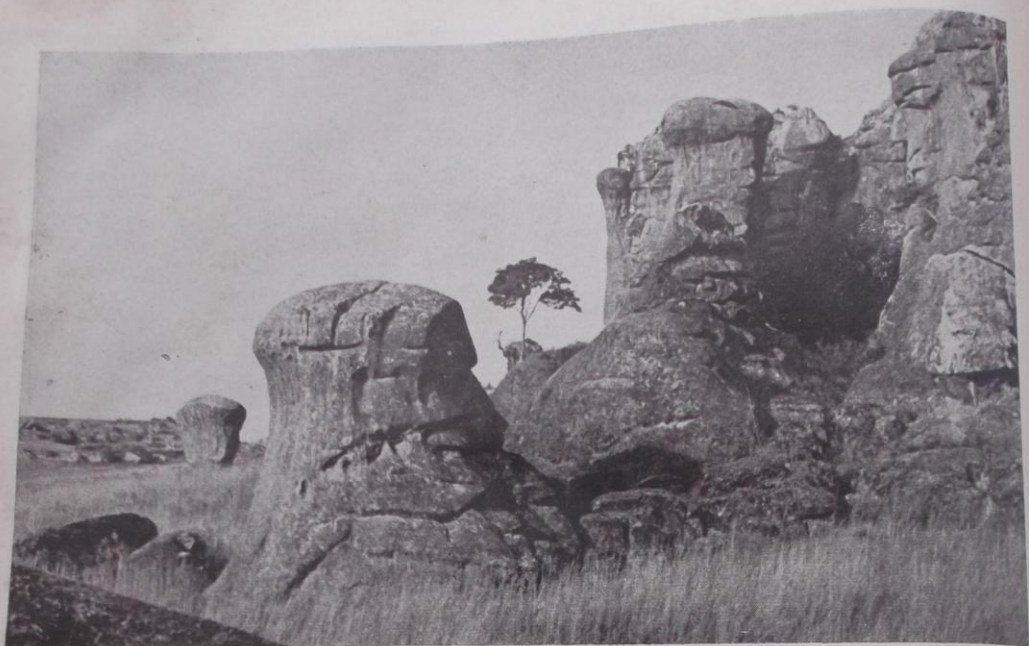
A configuração irregular do terreno mostra, mesmo na área mais central urbana, pronunciados acidentes altimétricos e uma superfície pouco preconizável para fins urbanísticos.

As características geográficas próximas das de Curitiba, latitude de 25° 6', longitude de 50° 9' Greenwich e altitude média de 950 m, ambas em região planáltica, acarretam para as duas cidades condições climáticas semelhantes, ressalvando-se as que se relacionam com os fenômenos anemométricos e higrométricos, visto que Ponta Grossa é soprada por ventos mais intensivos e frequentes, flagelantes no inverno, e tem a atmosfera em menor estado de umidade relativa.

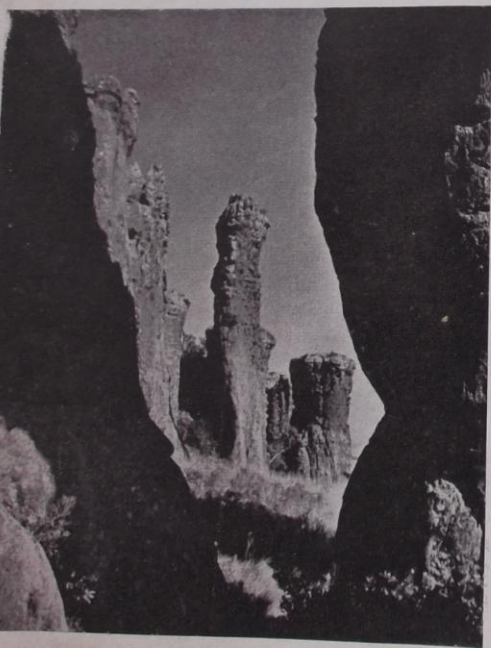
O solo é seco, como o é o ar livre. Dentro do perímetro urbano não há curso d'água, regato que seja, digno de referência.

OS 44.130 HABITANTES acusados pelo censo demográfico de 1950 revelam um acréscimo de 50% da população nos últimos 10 anos. Em fins de 1953 poder-se-ia contar na cidade 50.000 habitantes.

De acordo com os principais características mais estáveis, assim se distribui a população, devendo os dados numéricos ser encarados com a devida aproximação e relatividade:



Aspecto dos arenitos de Vila Velha.



Das mais remotas procedências, turistas procuram Ponta Grossa, para daí alcançarem as famadas falsas ruínas de Vila Velha.

Sexo: — praticamente, a um homem corresponde uma mulher;

Côr: — brancos, quase 90%; pardos, 6%; os restantes, pretos; apenas algumas dezenas de amarelos.

Religião: — católicos, 92%; protestantes, 5,5%; espíritas, 1,5%; ortodoxos, israelitas, budistas, maometanos e sem religião, 1%.

Nacionalidade: — brasileiros natos, 94%; estrangeiros, quase 5%; brasileiros naturalizados, quase 2%.

PONTA GROSSA pode ser definida como a cidade das ruas íngremes

O traçado adotado para as vias públicas, o clássico e generalizado retilíneo com cruzamentos em ângulo reto, impróprio ao relevo do terreno, faz com que apareçam na cidade escarpadas ladeiras em profusão, perniciosas a qualquer espécie de tráfego, dificultantes dos serviços públicos urbanos. Se, de uma parte, proporcionam diversos aspectos visuais aprazíveis, de outra limitam real ou aparentemente a extensão das ruas, com aquela impressão de fim e de fachadas dos edifícios sectionadas na parte inferior, nos cumes e do outro lado das elevações.

Como compensação pitoresca e estética, há diversas praças públicas esmeradamente ajardinadas, diversos parques plantados, muitas casas residenciais particulares de requintado gosto, desde o remoto estilo clássico até o mais atrevido estilo moderno funcional.

Indiretamente, a cidade é panorâmica pela visão freqüente e variada que se tem, nos pontos altos de suas ruas, dos infundáveis Campos Gerais, onde longínquas manadas e rebanhos são vistos a pascer.

Entre os edifícios de habitação ou uso coletivos destacam-se o da Caixa Econômica Federal e o Sant'Ana, ambos com 5 pavimentos; o do Teatro Ópera, o Palace Hotel e o Edifício Manente atraem a atenção, assim diversos edifícios públicos, como a Escola Normal, o Fóro, o Centro de Saúde, a sede da Divisão de Infantaria.

As igrejas e templos, arquitetonicamente considerados, não possuem o relativo destaque até que sejam concluídas a Igreja dos Poloneses, em puro estilo gótico, e a Igreja do Rosário.

Sede de bispado, Ponta Grossa necessita de uma sede episcopal à altura. A nova Catedral tem o seu projeto aguardando concretização.

O pontagrossense que tardou em reconhecer no "aranha-céu" o moderno símbolo do progresso, vai vê-lo em suas ruas com o erguimento dos 16 pavimentos do imóvel destinado ao Banco do Estado do Paraná.

São reverenciados perenemente na praça pública os vultos de Duque de Caxias, de Caetano Munhoz da Rocha, de Manuel Ribas, de Julia Wanderley e de Judith Silveira, sob a forma de bustos ou hermas, e, em obeliscos, os fundadores da cidade.

PONTA GROSSA é, primordialmente, uma cidade de trânsito.

Constitui-se no centro de ligação da Capital e do litoral com toda a vasta região entre o Sudoeste e o Nordeste do Estado.

É o mais importante ponto interior de entroncamento ferroviário.

Esses fatores fazem centralizar na cidade grandes indústrias da madeira que aqui armam seus depósitos centrais, para, após, distribuí-los aos centros consumidores do país e do estrangeiro.

Nisso tudo residem as razões primordiais da grande atividade comercial e da prosperidade de Ponta Grossa.

Não se pode, todavia, desmerecer o setor fabril, no qual ocupa o segundo lugar entre as cidades produtoras do Estado. Serve a zona centronortesul oeste paranaense com artefatos de suas indústrias da madeira, do mobiliário, do vestuário, do couro, da alimentação sólida e líquida, da construção, da cerâmica de barro, da editorial e gráficas, e outras mais.

O município detém, talvez, as mais infecundas e as geologicamente mais pobres de todas as terras do Estado. A produção agrícola-mineral, em consequência, é muito escassa.

A viva atividade comercial tem o seu maior sustentáculo na exportação de tábuas de pinho, de suínos, de banha, de pinho para caixas e para fôrro, de madeiras compensadas, de cera de abelha, de erva-mate e de talco em bruto. A seu serviço mantêm-se oito estabelecimentos bancários.

Monta a receita municipal orçada para o atual exercício de 1953 em Cr\$ 14.710.400,00.

A corrente elétrica, gerada por três usinas hidrelétricas e fornecida pela Companhia Prada de Eletricidade, alcança os confins da área suburbana.

A Companhia Telefônica Nacional também nesta cidade tem os seus serviços.



Poucos acreditam que uma localidade, com menos de um quarto de século de existência, possa ter este aspecto, que é o de Londrina, no início de 1953.



O sentido único já se faz necessário à regularidade do tráfego veicular nas ruas principais de Londrina. Aparece o edifício do Banco do Estado do Paraná.



De permeio às preocupações de sua vida material intensa, o londrinense católico não podia deixar de ter suas vistas voltadas para a imediata construção de sua Igreja Matriz.



O panorama mostra o desenvolvimento que se tem em Londrina em que a cidade se mostra bem ao visitante e agradável ao seu habitante.

AS CORRENTES do tráfego externo, introduzindo-se na cidade, mesclam-se com as do tráfego interno. Decorre fatalmente o congestionamento do trânsito, que os semáforos luminosos não conseguem prevenir. Para tal concorrem quase 3.000 veículos motorizados locais, o traçado urbano inadequado, as ruas estreitas, as esquinhas dos quarteirões em argêta viva e a relativa tolerância funcional.

Na Estação Rodoviária Central convergem os ônibus e autolotações que realizam o transporte coletivo intra e extra-urbano.

O aeroporto Sant'Ana, distante 10 km da cidade, permite a aterrissagem diária das aeronaves procedentes das principais cidades do Estado e do País.

PROCLAMADAS sem sido as condições de salubridade das cidades dos planaltos paranaenses. Ponta Grossa figura bem no rol, com um baixo coeficiente de letalidade, inferior a 15 por mil.

Há aqui uma atmosfera livre, salubre, permanentemente renovada e espontaneamente saneada, a par de uma constituição e configuração do solo nada propícias a epidemias e a focos endêmicos. Reduzidíssimas, portanto, as ocorrências de tuberculose e de outras moléstias infecto-contagiosas.

As gastro-enterites, as doenças do coração, a nefrite e o câncer são apontadas como as moléstias mais mortíferas.

Os serviços sanitários públicos básicos, se bem que ainda não favoreçam totalmente a zona urbana, são eficientes. Clarificada e clorada, a água potável é distribuída por rede com derivações, em 1951, para 3.266 prédios. Nesse ano, a rede de esgotos recolhia o despejo de 2.100 casas, para conduzi-lo a uma estação de tratamento. Dois caminhões coletores removem o lixo domiciliar de 5.600 edifícios e o da limpeza das ruas públicas, quase todas bem calçadas na área urbana.

A assistência médico-sanitária é ministrada em boas instalações e por pessoal hábil mantido por entidades privadas, em sua maior parte, e, também, pelo governo estadual. Conta com o Hospital da Cooperativa Mista 26 de Outubro com a Santa Casa de Misericórdia, com a Maternidade da Legião Brasileira de Assistência e com o Hospital Infantil, particulares; com os serviços públicos do Posto de Higiene e dos Postos de Puericultura.

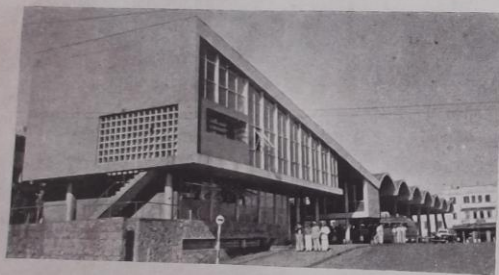
PONTA GROSSA se esforça em ordem a que seu progresso cultural e social perficle com o seu progresso material.



Em Londrina, como nas demais cidades do norte do Estado, há bem estruturado revestimento das ruas públicas e imposição higiênico-céptica vital.



A Estação Rodoviária exigiu, para sua construção, cerca de Cr\$ 4.000.000,00. Foi uma importância bem aplicada.



Outra vista da Estação Rodoviária de Londrina.

A recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras encontra-se em plena atividade. A Escola de Farmácia e Odontologia, dotada dos recursos materiais indispensáveis, já aparelhada e com o corpo docente constituído, apenas aguarda o reconhecimento federal para iniciar seus cursos.

Além de diversos cursos de ensino comercial e profissional, atuam a Escola Normal Estadual, o Colégio Estadual Regente Feijó, mais dois ginásios particulares, e muitos modelares estabelecimentos, de ensino primário, públicos e privados.

O Centro Cultural Euclides da Cunha congrega a elite intelectual e proporciona, em cursos permanentes, a aprendizagem linguística do francês, do inglês, do espanhol e do italiano. Mais trinta associações variadas mantêm a sociabilidade e o incentivo à instrução e à educação físico-mental.

A falta da Biblioteca Pública é compensada por uma boa vintena de bibliotecas de diversas agremiações ou entidades particulares.

Partilham da difusão artístico-cultural a imprensa, com dois jornais diários, diversos mensários, revistas e boletins informativos, e a estação emissora do Rádio Clube Ponta-grossense.

O PANORAMA que, das partes altas da cidade, se vislumbra no horizonte é uma peculiaridade local.

Os melhores atrativos turísticos, entretanto, estão no município, a uns 24 km da sede. Justificam uma excursão a Ponta Grossa as visitas à Vila Velha, gigantescos blocos areníticos que vem desafiando através dos séculos os diversos agentes erosivos e que fornecem vaga impressão de ruínas de remotíssima cidade ciclópica; à lagoa Dourada, cujas limpidíssimas águas,

sob um céu azul, devolvem do fundo as radiações luminosas que recebem aos Calderões do Inferno, enormes covas abertas por agentes naturais.

Percorrendo o município tem-se ainda oportunidade de conhecer, a 35 km da cidade, a gruta calcária, com estalactites e estalagmites, de Itaipoca, além de três fontes de água mineral.

A 38 km alcança-se o rochedo de Nossa Senhora das Pedras, em cujo paredão se acredita ver a imagem da Virgem. Foco, portanto, de romarias.

Em matéria de hospedagem, o visitante tem a escolher, desde a acomodação confortável e luxuosa no Palace Hotel até o passadoio modesto em hortas e pensões populares, com toda a série de comodidades intermediárias.

IV

A cidade nova do Norte

LONDRINA

ATÉ HÁ poucos anos, via-se com destaque, no mapa do Norte do Estado, Jacarézinho. Hoje vê-se Londrina, tão recente que poucas palavras bastam para lhe relatar a história.

Lord Lovat e alguns seus compatriotas ingleses, capitalistas, de grande senso prático, visitando a região, faz quase um trintênio, surpreenderam-se com o fato de que tão vasto território coberto de tão rica e exuberante vegetação, traduzindo a fertilidade pasmo-a do solo, pudesse ainda se manter terra devoluta.



Londrina possui excelentes hotéis. Tem maior evidência o Hotel São Jorge.

Adquiriram do governo do Estado enorme gleba de área superior a 1.230.000 hectares. Para explorá-la, criaram a Companhia de Terras Norte do Paraná. Porque se tornava necessária uma sede, fundaram Londrina.

Já em 1930, compradores de terra, colonizadores e colonos nacionais e estrangeiros se encontravam ali em viva atividade.

Não obstante, em 1931 a zona era ainda tão inóspita que, devido às chuvas de um dia anterior, o Príncipe de Gales, depois rei Eduardo VIII da Inglaterra, e sua comitiva, em visita à região, não lograram alcançar o local onde se situa a atual cidade.

Em 1934 tornava-se sede de novo município paranaense e em 1938, comarca.

Após consolidar-se Londrina é que foram surgindo, em seguimento rápido, os núcleos populosos de Cambé, Rolândia, Jaguapitã, Araçongas, Apucarana, Jandaia, Mandaguari, Marialva, Maringá, Mandaguçu, Astorga, Nova Esperança e outros, hoje também sedes impressionantemente prósperas de novos municípios.

PARA QUE a população de uma das novas localidades do norte do Paraná duplique, basta um intervalo de tempo reduzido. Mesmo depois de haverem alcançado alguns milhares de habitantes, o prazo não tem ultrapassado um trêto.

A taxa de progressão, logicamente, tenderá a baixar à medida que a população cresce. Londrina que, em 1940, receitava 10.500 pessoas, elevava, em 1.º de julho de 1950, a população para 33.607. Neste ano de 1953 deverá ultrapassar os 40.000 habitantes.

Em parte alguma do Brasil, fora talvez umas poucas grandes cidades, o cosmopolitismo é tão acentuado e a etnogenia tão variada como em Londrina e toda a zona norte-paranaense.

Qualquer estimativa estatística da previsão da população e de sua distribuição de acordo com os diversos caracteres, por lógico que seja o fundamento, é aqui, por enquanto, incerta e falha. Pode-se, porém estabelecer com segurança a prevalência numérica de 10%, mais ou menos, dos homens sobre as mulheres, em todas as localidades do norte; a população católica orça em 90% aproximadamente.

SITUADA pouco acima do trópico do Capricórnio, a latitude de Londrina é 23º 18' 39". O Sol passa pelo meridiano londrinense 3 horas e 24 minutos após passar pelo de Londres.

O Solo generoso do norte por si só não asseguraria as colheitas abundantes se faltassem ao meio os favores do clima, um continental temperado, com tendências para o tropical, extremamente propício às mais variadas culturas.

A altitude média de 600 metros permite temer na suave época hibernal local, quando, muito excepcionalmente, a temperatura pode regredir à mínima absoluta registrada de 0,1º C, alguma esporádica geada, encaraada no norte como uma verdadeira calamidade pública. Prevalecem, entretanto, os dias quentes, em torno de uma média de 18,1º C e com tendências pronunciadas para as temperaturas altas; uma máxima de 39º C já foi anotada.

O altiplano sobre que a cidade tem as suas fundações mostra uma superfície suave e irregularmente acidentada, sem maiores inconvenientes urbanísticos.

NA SUPERFÍCIE divisa-se Londrina de todos os lados a distância apreciável; um pouco menos vislumbraada do oeste, em virtude da elevação do terreno.

Vista do alto, a cidade mostra grande regularidade geométrica; oferece o aspecto reticulado trivial, aliás idêntico ao das outras cidades novas do setentrão. Percorrendo-a na planura, deparam-se algumas mutações panorâmicas que afastam a impressão da monotonia.



A vista mostra uma das partes mais antigas da cidade londrina. Mais próximos da objetiva, à esquerda, as ruínas do Colégio dos Jesuítas. À direita, o Mercado. Em disposição transversal, a rua principal, a 15 de Novembro.



Vista do estado atual do porto de Paranaguá. Ao fundo depara-se o cais, tipo leve, para a descarga de inflamáveis.

Aos poucos vão aparecendo as primeiras efetivações do Plano Regulamentador Prestes Maia, em vigor desde 1952. Medidas estético-urbanísticas nele contidas implicam em notável melhoria no aspecto geral da cidade; novos atrativos daí decorrerão.

O novo bairro residencial Shangri-Lá, que observa no menores detalhes as recomendações contidas no Plano, constitui-se em um dos mais completos trabalhos de extensão urbana do sul do país. O traçado atende da melhor forma as condições topográfico-paisagísticas, resultando para as vias públicas o traçado curvilíneo. Antes do início da construção das ricas e belas vilas residenciais já projetadas, acham-se as vias públicas asfaltadas e os serviços próprios de água e esgoto em pleno funcionamento.

No seu estado atual a cidade se evidencia quase exclusivamente pelas suas edificações e pela intensa movimentação em suas ruas.

A edificação é, na área urbana, de tal forma densa que o valor aquisitivo dos terrenos da zona central, para conveniente retribuição econômica, exige a ereção de prédios de alguns pavimentos.

Torna-se possível citar a existência de prédios com 8 e mais pavimentos, abstraindo-se outros de maior porte, em construção, inclusive um com 16 pavimentos. Outras citações apontáveis a do edifício do Banco do Estado do Paraná, a do IAPC, com magníficas instalações para os diversos serviços de assistência médico-higiénicas, para suas agências, lojas, etc.; a do Fórum; a da Associação Comercial; a das Lojas Fuganti, consideradas o bazar mais completo do Estado; a do prédio Sahaó, onde se instala o luxuoso Cine Ouro-Verde, único do Paraná que condiciona o ar para seus frequentadores. A Estação Rodoviária, bastante original em seu estilo funcional, e a Estação Ferroviária, em estilo normando, são atrações locais.

Perderia Londrina seu caráter de cidade brasileira não possuísse a sua igreja católica bem planejada e situada em posição central dominante, ao lado de uma bonita praça ajardinada.

Das sete outras praças e largos, duas apenas são plantadas, e das avenidas, por ora, apenas a principal é arborizada. Para ser transformada em parque de recreio e diversões há a reserva de uma área apropriada.

EM CONSEQUÊNCIA de suas formações recentes e da precariedade inicial de alguns serviços sanitários, seria prematura uma conclusão sobre as condições salubres das novas cidades do Norte.



Panorama da cidade de Paranaguá. Em plano recuado alinham-se paralelamente as avenidas de acesso ao porto, ao Santuário do Rosário e ao Cais de Inflamáveis.

A rede de viação férrea Paraná - Santa Catarina, após tocar Ourinhos, em S. Paulo, investe para o Oeste, faz estação em Londrina e completa a penetração araturalmente só até Apucarana.

O acesso a Londrina é facilitado pelas linhas aéreas diárias que 6 companhias de aeronavegação comercial estendem até as principais cidades cafezarias do Norte. O aeroporto, relativamente muito movimentado, mas grade suas imperfeitas condições técnicas, dista da cidade poucos quilômetros.

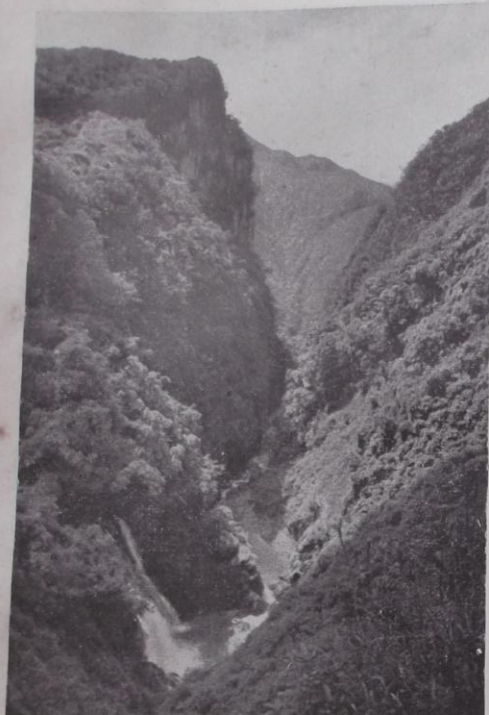
Se aos 6.700 veículos motorizados existentes no município, em 1952, se acrescentar as centenas de outros de várias procedências, constantemente em circulação, é fácil compreender serem sérios os problemas do trânsito interno na cidade.

Completando o sistema de ligações internas e interurbanas há os serviços: telefônicos, telegráficos e radiotransmissores.

NA AGRICULTURA praticada nos 2.558 km² de área do município reside a grande fonte do extraordinário surto econômico de Londrina.

A cultura do café se destaca, com cerca de 13.500.000 pés da importante rubiácea frutificando. As do milho, do feijão e da mandioca vêm, em seguimento, com a última produção anual de 60.000, de 1.320 e de 18.000 toneladas respectivamente; as da batata doce, do arroz, da abóbora, da laranja (mais de 100.000 pes), da melancia, do tungue, da uva, da banana, do abacaxi e do mamão, por ordem do valor da produção, não podem deixar de ser mencionadas.

Das matas do município extraem-se para exportação grandes carregamentos de peroba, de pinho, de cedro, de cabriúva, de pau marfim, além de outras madeiras de marcenaria e carpintaria.



Panoramas deslumbrantes como o desta vista se renovam na retina do observador que atravessa, por via férrea, a serra do Mar. Depara-se nele, em particular, o Veu de Noiva, encantadora queda d'água, mal discernível na fotografia.

Os dados estatísticos acusam para Londrina, nos últimos anos, uma taxa de mortalidade média de 2,5%, superior às das principais cidades do Planalto. Temerário é atribuir-se aos agentes naturais ou à intensa atividade humana locais a tétrica vantagem, porquanto a fervilhante e cosmopolita capital paulista, tem metade da mortalidade relativa da cidade londrinense.

As medidas técnico-sanitárias, em ação e em projeto, e outras medidas profiláticas que vem preocupando as autoridades responsáveis hão certamente de modificar bastante a situação.

O calçamento das vias públicas, praticamente inexistente há uns pares de anos, está sendo atacado com intensidade, restando poucas ruas na área urbana a serem revestidas com paralelepípedos.

A água potável captada de poços artesanais é boa, porém insuficiente e distribuída através de uma rede precária, de empresa particular. As águas servidas são despejadas em fossos dos mais variados tipos e o efluente destas visto amíude na sargeta da via pública. Os projetos da nova rede de abastecimento de água e do da rede nova de esgoto já se acham elaborados.

Os serviços de limpeza pública e remoção do lixo domiciliar satisfazem, tem pessoal e veículos suficientes.

A assistência médico-hospitalar é proporcionada na Santa Casa de Misericórdia, na Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures, na Casa de Saúde Santa Cecília, no Hospital São Lucas, no Centro de Saúde do 6.º Distrito Sanitário e no Subposto de Tracoma.

LONDRINA tem ligações fáceis com as cidades vizinhas, com as capitais e principais cidades do Estado do Paraná e de São Paulo.

As rodovias de ligação purverulentas, porém de tráfego fácil em tempo seco, pela falta de conveniente revestimento se tornam de percurso penoso nos períodos pluviais.



Apucarana surgiu há pouco mais de 10 anos. Está ao ensaio de Londrina.



Não obstante o surto rápido imprevisto, nota-se pelo arranjo da Praça Manuel Ribas o empenho em se urbanizar a cidade.



A Praça Rui Barbosa destina-se a ser um dos principais focos urbanos de Apucarana.

No setor manufatureiro, atualmente só há lugar para a pequena indústria. A maior exportação é, por excelência, a do café; vem a seguir, a do feijão, a do milho, a de sultinas, a de arroz pilado, a do algodão, a da madeira.

A referência aos 21 estabelecimentos bancários operantes basta para se formar ideia do intenso movimento comercial da cidade.

Elevadas as arrecadações para os cofres públicos. A municipal alcança, no corrente exercício Cr\$ 36.000.000,00; a estadual ultrapassará 100 milhões de cruzeiros. A Delegacia do Imposto sobre a Renda de Londrina resolveu Cr\$ 71.410.333,00, em 1952.

POR ALGUM tempo não se pode pretender demasiado do adiantamento artístico-cultural de Londrina. Para tal se faz necessária certa homogeneidade e sedimentação das diversas camadas sociais. O processo desse equilíbrio é aqui naturalmente lento: não pode acompanhar *paripassim* o andamento vertiginoso da prosperidade material.

No campo educacional, nenhuma escola de ensino superior, excluindo-se a Escola Normal Estadual.

O Colégio Estadual, o Colégio Londrinense e o Ginásio Mãe de Deus fornecem o ensino secundário. O ensino profissional dispõe da Escola Técnica de Comércio e outras escolas especializadas.

Os principais meios de divulgação noticiosa são um jornal diário e a Rádio Londrina.

No meio ao afã da lufa-lufa diária o londrinense pode reservar-se os momentos para as distensões sociais recreativas, culturais e esportivas. Diversas associações profissionais (comercial, médica, farmacêutica, odontológica, de professores e outras), culturais, literárias e esportivas reúnem os elementos das diversas classes sociais. Pelas suas boas instalações, tem citação especial o Londrina Country Clube e o Jockey Clube de Londrina.

O TURISTA que propende à panorâmica natural muito pouca coisa encontra que o possa interessar, tanto na cidade como no Município. Talvez algo nas margens dos rios Tibagi e Apucaranhina.

A visita às vastas e florescentes plantações são bastante aprazíveis.

Não obstante existirem na localidade quase duas dezenas de hotéis de todas as categorias e um número duplo de pensões, o alojamento nem sempre é fácil e como se quer.

V

A cidade do Litoral

PARANAGUÁ

PARANAGUÁ ostenta o título de pioneira na evolução do acontecimento urbano no Estado.

Índios Carijós habitavam as terras de Paranaguá quando o Brasil foi descoberto. Meio século mais tarde, moradores lusos de São Vicente com eles comerciavam.

Aos poucos foram os portugueses se firmando na ilha da Cotiã, até que Gabriel de Lara, fidalgo hespanhol a serviço do interesse colonizador, deliberou, em data difícil de ser precisada, deixar a povoação insular para se estabelecer no continente. Fundava-se Paranaguá.

Por iniciativa desse vanguardeiro, o incipiente povoado categorizou-se vila a 29 de julho de 1648, com pelourinho armado e o mais.

Primeira e única comarca do território paranaense desde 1725, teve que ceder a dignidade da sede judiciária a Curitiba, em 1812.

Oficializou-se cidade a 5 de fevereiro de 1842.

Criada a Província do Paraná, com a tripartição da comarca de Curitiba, voltou novamente a ser comarca em 1854.

O desenvolvimento de Paranaguá decorreu paulatinamente, até 1930. A intensificação das obras do Pórtio repercutiram imediatamente no ritmo da vida da cidade.

O extraordinário crescimento da produtividade do Estado, mormente o da zona cafeeira, pelos seus reflexos notáveis no movimento do pórtio, faz Paranaguá conhecer, desde 1940, uma fase de prosperidade nunca antes observada.

O ASSENTO da cidade é em uma ampla planície de formação quaternária, um holoceno recente, alta cerca de 10 m acima do nível do mar e sulcada por diversos cursos d'água, entre os quais sobressai o rio Itiberê.

Abstraindo-se as pequenas divergências oriundas da latitude, que aqui é de 25° 31' 5", o seu clima marítimo é mais ou menos o mesmo que se sente em toda a extensa costa brasileira.

A temperatura mantendo a média de 21°C, excepcionalmente baixa a um mínimo absoluto de 1,1°C, podendo atingir um máximo de 38°C.

Contrapondo-se à brisa do nordeste sempre suave, há os ventos frios do sul e do sudoeste, este o molesto e úmido minauo do inverno.

A chuva é muito frequente. O pluviômetro acusa 1.964 mm médios anuais.

O CLIMA quente, úmido e pesado, mais a gigantesca muralha natural da Serra do Mar, que torna menos fácil o intercâmbio com a Capital e com os outros grandes centros produtores faz com que Paranaguá acuse relativamente às demais principais cidades do Estado menor incremento demográfico anual, que é de, aproximadamente, 2,2%.

A população atual da cidade abrange cerca de 17.330 habitantes. Os brancos, pretos e pardos, na proporção de 94 para 4,5 para 1,5; os católicos, protestantes e espíritas, na proporção de 93 para 5 para 1,5; os homens e mulheres, em correspondência numérica.

PARANAGUÁ surgiu à beira do rio Itiberê e desenvolveu-se como cidade fluvial. O caráter de cidade marítima deu-lha o pórtio, na baía de Paranaguá, distante 2 km do núcleo primitivo, atual centro da cidade. Ao longo das vias de acesso à zona portuária a urbanização foi-se processando e, hoje, tudo é uma mesma cidade.

A parte urbana que margina a esquerda do rio, a considerada central, reveste-se de um aspecto de antiguidade que Curitiba, quase da mesma idade, sabe ocultar. Em profusão são vistas remotas casas do período colonial, salientando no alinhamento predial seus beirais de seculares telhas goivas desprovidas de calhas, mostrando no ferro dos gradis dos balcões minado pelo trabalho lento da ferrugem a construção distante.

Corroboram para esse aspecto vetusto a irregularidade dos eixos das vias públicas, mesmo o da rua principal, e a configuração singular dos quarteirões, típicas da era pre-urbanística. Mais ainda confirmam-no algumas reliquias urbanas, quais sejam o Colégio dos Jesuítas, construído em cantaria no estilo monástico; a Igreja Matriz, que data dos fins do século XVII; a Igreja de São Benedito e a da Ordem Terceira, com mais de dois séculos; o antigo Chafariz, tricentenário, onde a população se abastecia de água e junto ao qual funcionava uma espécie de lavanderia pública.

Edificações modernas, arquetipadas em estilos do momento, entretanto, vão aparecendo aqui e ali, acentuando o contraste.

Inteiramente de aspecto novo é a parte da cidade que se está desenvolvendo em direção e nas redondezas do pórtio. Não só pelo traçado mais dirigido das ruas e avenidas, como também pelos vários outros característicos.

Resalta-se a avenida Gabriel de Lara, ao mesmo tempo de trânsito, ornamental e residencial. O seu percurso é agradável com a atenção solida citada pelas belas edificações que a ladeiam.

Concorrem também para alegrar a cidade algumas praças ajardinadas, o movimento do Mercado, as perspectivas de diversos edifícios públicos e particulares, ressaltando-se o da Escola Normal, o do IAPTC, o do Banco do Estado do Paraná, o do Hotel Palácio, o do Edifício Matarazzo, o do Clube Literário. Muitos edifícios de maior porte, em fase inicial de construção, trarão, em breve tempo, alteração sensível ao panorama citadino.

O PÓRTIO de Paranaguá começa a projetar-se entre os seus congêneres do País. Pelo movimento geral de cargas, tem apenas à sua frente os portos de Rio de Janeiro, Santos, Recife, Pórtio Alegre e Rio Grande; é o segundo exportador de café.

Dispondo atualmente apenas de 400 metros de cais em uso, sem muita tardança será ampliado com os 500 metros, em fase avançada de construção a expensas do Estado, e mais os 420 metros do plano federal de reaparelhamento dos portos nacionais.

Ultimadas que sejam as referidas obras e, com elas, os serviços complementares, ficará o pórtio aparelhado com mais 18 guindastes, sobre os 5 que já possui; com 88 vagões-plataforma a serem adicionados aos 98 atuais; com sete locomotivas e mais a triplicação do número existente de armazéns.

De todo o rol de extensões e benfeitorias do pórtio redundará para Paranaguá em curtos anos maior progresso que o desenvolvido durante os três séculos anteriores de sua história, além de melhorar apreciavelmente seu pósto na classificação das cidades portuárias brasileiras.

A descarga de combustíveis é realizada no cais próprio, do tipo leve.

AS PRINCIPAIS ligações terrestres são com a Capital.

A linha ferroviária Paranaguá-Curitiba, considerada uma das maravilhas da engenharia nacional pelos acidentados transpostos e pelo atrájo de algumas de suas obras técnicas na cordilheira da Serra do Mar, não vem dando a necessária vazão ao transporte das cargas que transitam pelo pórtio. Não dispõe a Rêde de Viação Paraná - Santa Catarina de suficiente maquinaria e aparelhamento para atender os serviços vitais da economia paranaense.

A preferência pelo transporte rodoviário vai se generalizando, em que pese ser este mais dispendioso. Ao longo da estrada de rodagem que liga o litoral com os planaltos, em qualquer hora de qualquer dia, indo ou vindo,

em flotilhas ou avulsos, estão circulando incontáveis caminhões e outros veículos motorizados que estacionam em Paranaguá, para, em maior número, descarregar, ou para receberem carga.

Mais se acentuará a inclinação pela condução rodoviária quando os atuais e estreitos 118 km da estrada de rodagem Curitiba-Paranaguá, com trechos pesados ao tráfego, forem alterados em favor dos 90 km da nova estrada, asfaltada, com suas duas pistas separadas, cada uma com a largura de 7,50 metros. Ao menor desenvolvimento, a nova rodovia junta extraordinárias vantagens de curvas suavemente mais abertas e de rampas extremamente mais suaves.

Concluídas que sejam as obras em curso da construção dessa importante estrada real, iniciadas em 1950, mais uma grande força de propulsão estará a serviço do progresso da tradicional cidade litorânea.

Por via terrestre, de preferência à marítima, o acesso às praias continentais de Leste, Matinhos e Caiubá é sempre fácil e rápido. As ligações com as localidades de Antonina e Guaíraquebá, e com as ilhas, são feitas através da baía.

A poucos quilômetros, ao sul da cidade, encontra-se o Campo de Pouso federal, onde fazem escalas regulares aeronaves procedentes de Curitiba e Santos e pertencentes a 4 companhias de transporte aéreo.

Paranaguá possui relativamente poucos veículos motorizados, menos de 400, no todo. Apesar de em suas ruas sempre estarem circulando carros e caminhões de outras procedências, o tráfego interno ainda não traz preocupações, a não ser na área portuária.

O serviço telefônico urbano permite ligações com a Capital e com as principais cidades do Estado.

AS CONDIÇÕES de salubridade de Paranaguá se traduzem no índice letal anual de quase 2%, superior ao índice médio apresentado pelas principais cidades dos planaltos. Aqui, como aliás em quase toda a parte, são as gastro-enterites infantis as doenças que mais pesam no balanço obituário. Quanto às demais infecções do aparelho digestivo, a proporção é insignificante em relação às moléstias do aparelho respiratório. Os casos fatais de doenças do coração são em menor número que os da broncopneumonia e que os da tuberculose.

Dos serviços sanitários o mais satisfatório é o da distribuição da água potável, captada de mananciais da Serra da Prata e filtrada; abastece 1.319 prédios, em 1951. A rede de esgoto favorece apenas parte da cidade, 1.000



ARACATUBA

Embora com suas casas predominantemente baixas, a edificação em Araçatuba é bastante densa.

casas, se tantas. As vias e logradouros públicos, em sua maior parte pavimentados, são mantidos em bom estado de limpeza. O serviço de coleta e remoção do lixo domiciliar é completo nas zonas de edificação mais densa; as demais, apenas parcialmente são atendidas.

A Santa Casa de Misericórdia, na sua benemérita atuação centenária de assistência ao enfermo, a Casa da Criança Olinho de Oliveira e o Posto de Higiene, ambos estaduais, a Maternidade da L. B. A., os ambulatórios do IAPYC e do IAPM, e o Serviço Nacional da Malária completam o sistema de assistência sanitária.

O CARÁTER de cidade portuária cada vez mais se salienta em Paranaguá. É pois, no porto e nas atividades direta ou indiretamente com ele relacionadas que se concentram os maiores interesses econômicos da municipalidade.

A indústria pouco aparece. A agricultura no município se preocupa, em particular, da cana-de-açúcar, do arroz, da banana e do abacaxi.

Os principais produtos exportados, por valor econômico, vêm sendo madeira para lapis, pregos, camarões frescos, dobradiças de ferro, fogos de artifício, peças de madeira, esteiras, betas, peixes frescos e bananas.



Os prédios assobradados aos poucos vão surgindo. Dentro em breve a fisionomia da recentíssima cidade de Araçatuba estará modificada.

As operações bancárias, realizam-na 10 estabelecimentos especializados. Espera a tesouraria municipal arrecadar, no presente exercício financeiro, importância superior a Cr\$ 6.000.000,00.

NA ESCOLA Normal, no Colégio Estadual José Bonifácio, na Escola Técnica de Comércio, no Liceu Manuel Viana e na Academia de Música, ampliando a aprendizagem primária haurida nos diversos grupos escolares e escolas isoladas públicas e particulares, um corpo de abnegados professores aplicam-se com desvelo em ordem a conservar e melhorar o conceito que Paranaguá granjeou de cidade culta.

Reforçam essa asserção a Biblioteca Municipal, o Clube Literário, também detentor de variada biblioteca, outras agremiações de fundo associativo-cultural, e a imprensa escrita e falada, representada pelo Diário do Comércio, pela Revista da Marinha, e pela Rádio Difusora de Paranaguá.

O FORASTEIRO que, em Paranaguá, pretenda ocupar seus lazeres com visitas a atrativos locais, encontra, no centro, as edificações coloniais documentárias da evolução da cidade; a algumas centenas de metros além da zona portuária, o santuário de Nossa Senhora do Rocio, centro de romarias e devoção do povo católico paranaense.

Bastante recreativo é um passeio marítimo em lancha a vapor através da baía com pequenas estações pela série de ilhas inclusive a ilha de Cotinga, berço da vida civilizada no Paraná, onde se deparam aspectos naturais e pequenos povoados pitorescos. Na ilha do Mel, além das delícias de uma bela e aprazível praia, há oportunidade de se conhecer uma histórica fortaleza colonial, mandada construir no século XVIII pelo Marquês de Pombal; o Farol, torre metálica erigida em 1868; um dos 4 radiotórres de todo o país; a Gruta da Encantada, na Prainha da costa sul.

Ainda no município de Paranaguá, na sua parte continental, situa-se a mais extensa praia paranaense, na qual se centralizam dois dos balneários mais frequentados do Estado, o de Matinhos e o de Caiubá, sem se contar outros, em formação.



A população de Araçatuba empenhou-se em fazer de sua Matriz o primeiro monumento arquitetônico da cidade.

RESUMEN

En este trabajo el autor nos presenta una síntesis completa de la historia, la vida, (física, social, cultural, espiritual) y el crecimiento de las cuatro principales ciudades del Paraná.

La evolución urbana del Paraná es un fenómeno único y asombroso que atrae la atención no solamente del Brasil, sino del mundo entero. Juntas y en ninguna parte se operaron prodigios semejantes. Día por día surgen de la selva virgen centros populosos reemplazando todos los requisitos indispensables para decretar un nuevo municipio y un nuevo distrito. Si, "al alcanzar su emancipación político-administrativa, hace un siglo, la reciente Provincia del Paraná contaba oficialmente con cinco ciudades, Curitiba y Paranaguá, y siete pueblos, Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro y Guarapuava", "por el momento se cuentan 119 sedes paranaenses de municipios".

Londrina, Apucarana, Araçongas, Cornélio Procopio, Rolândia, Maringá, Cambé, Mandaguari y un sinnúmero de otras que ahí crecen con pueblos eflorescentes de la "fertilidad invulgar y pomposa del suelo" paranaense, a que se debe tamaño y espectacular éxito evolutivo.

También en el Paraná, más que en otros Estados, el número de habitantes y el progreso económico no siempre están en proporción directa con los años de existencia de las ciudades. Todavía, hecho singular y digno de registro es que las cuatro ciudades principales — Curitiba, Ponta Grossa, Londrina y Paranaguá — se proyectaron en sectores geográficos distintos.

Eh muy lamentable que de la Ciudad Real del Guayra y de Vila Rica — "los primeros centros populosos dentro de la circunscripción de lo que hoy constituye el Estado del Paraná" — esta en orillas del río Ivai y aquella sobre el río Piquiri, ya no quedan sino "ruinas y la memoria remota".

SUMMARY

In this task the author presents us a complete synthesis of the history, the life (physical, social, cultural, spiritual) and the increase of the four principal cities of the Paraná.

The evolution of the towns in the Paraná is a singular and surprising wonder, which is attracting the eyes not only of the Brasil, but of the entire world. Never and nowhere have been produced similar prodigies. Every day, population centers surge from the virgin forest, containing all the necessary for the decretation of a new municipality and a new district. If, "a century ago, when obtaining her political and administrative emancipation, the young Province of Paraná had, officially, scarcely two towns: Curitiba and Paranaguá, and seven villages: Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro and Guarapuava", "to-day the number of the municipalities in the Paraná arrives at 119".

Londrina, Apucarana, Araçongas, Cornélio Procopio, Rolândia, Maringá, Cambé, Mandaguari and a multitude of others which are rising there are the eloquent expression of the "extraordinary and surprising fertility of the soil" in the Paraná, to which is due such a great and spectacular success.

In the Paraná, more than in the other States, the number of inhabitants and economic progress are not always in a direct proportion to the age of the towns. However, it is strange and worth mentioning that the four principal towns — Curitiba, Ponta Grossa, Londrina and Paranaguá — have been projected in geographically and physiographically different regions.

It is a great pity that from the Ciudad Real del Guayra and Vila Rica — "the first population centers within the bound that is now representing the State of Paraná" — the foremost at the shore of the

river Ivai and the latter on the river Piquiri, not has remained more than "ruins and the remote memory".

Curitiba is actually, for many reasons, "one of the most evident Brazilian capitals". Picturesquely situated and favoured by a temperate, pleasant, and very healthy climate, she shows a continued, progressive increase of population. The problems concerning the traffic, the esthetics and the sanity of the town will be satisfactorily resolved by the "Plano Agache". Ponta Grossa "is established in the center of communication from the capital and the east with all the waste territory between the south west and the north east of the State". The steep streets are in a picturesque and beautiful alternation with squares, parks, and private seats. She is the very typical town of the plateau. Surpassing Paranaguá, not only by the number of habitants but also by the development of her urban activities, she has risen to the place of the first town of the State, after the capital. In the order of importance follows Londrina — "the new town of the north" — which is characterized by an accentuated cosmopolitanism and an incredibly miscellaneous population, which only can be explained by the incontestable economic value of all the northern zone of the Paraná. Xangri-lá, the new residential quarter, perhaps the most complete task of urban extension in the south of the country, reflects the excellence of the "Regulization Plan Prestes Maia", which will change the general aspect of the town. Paranaguá — "the pioneer in the evolution of the urban event" — is the typical town of the coast. Unfortunately, the climate and the orographic situation are opposite to a further increase of the population, in relation to the other principal towns of the State. Nevertheless, the port is getting more and more important, from day to day.

Paranaguá — "la precursora en la evolución del acontecimiento urbano" es la ciudad típica del litoral. Factores de orden climático y su sistema orográfico se oponen, infelizmente, a su mayor incremento demográfico, relativamente a las demás ciudades principales del Estado.

La envergadura de su puerto, sin embargo, está aumentando día por día.

ZUSAMMENFASSUNG

In dieser Arbeit bietet uns der Verfasser eine vollständige Zusammenfassung ueber die Geschichte, das Leben (physisches, soziales, kulturelles, geistiges) und das Wachsen der vier wichtigsten Staedte des Paraná.

Die Entwicklung der Staedte des Paraná ist ein einzig dastehendes und ueberraschendes Wunder, das die Blicke nicht nur von Brasilien sondern von der ganzen Welt auf sich zieht. Niemals und nirgendwo ereignete sich etwas aehnliches. Tag fuer Tag entstehen im Urwald Bevoelkerungszentren, welche alles notwendige zur Bildung einer neuen Gemeinde und eines neuen Bezirkes enthalten. "Vor hundert Jahren, als die neuerstehende Provinz des Paraná ihre politische und verwaltungsmassige Selbststaendigkeit erlangte, besass sie offiziell nur zwei Staedte Curitiba und Paranaguá, und sieben Doerfer, Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro und Guarapuava", "augenblicklich zaehlt man 119 selbststaendige Gemeinden".

Londrina, Apucarana, Araçongas, Cornélio Procopio, Rolândia, Maringá, Cambé, Mandaguari und eine Unmenge anderer in dieser Reihe sind der ueberzeugende Ausdruck von "ungewoehnlicher und uebersaessiger Fruchtbarkeit des Bodens" des Paraná, welcher dieser auffallende und fortschreitende Erfolg zuzuschreiben ist.

Im Paraná, mehr noch als in anderen Staaten, stehen die Einwohnerzahl und der wirtschaftliche Fortschritt nicht immer in direktem Verhaeltnis zum Alter der Staedte. Immerhin ist es eine eigenartige und bemerkenswerte Tatsache, dass die vier wichtigsten Staedte — Curitiba, Ponta Grossa, Londrina und Paranaguá — in geographisch und physiographisch ganz verschiedenen Gebieten entstanden sind.

Es ist sehr bedauerlich, dass von der Ciudad Real del Guayra und von Vila Rica — "die ersten Bevoelkerungszentren innerhalb des Gebietes, das heute den Staat des Paraná bildet" — die erstere am Ufer

des Flusses Ivai und die letztere am Piquiri gelegen, nur noch "Ruinen und ferne Erinnerung" uebrig sind.

Curitiba ist heute, aus verschiedenen Gruenden, "eine der am meisten in Agugensein tretenden brasilianischen Staedte". Malerisch gelegen und durch ein gemassigtes, angenehmes und auesserst gesundes Klima bevorzugt, weist es ein staendiges Anwachsen der Bevoelkerungszahl auf. Die Probleme des Verkehrs, der Aesthetik und der Sauberhaltung der Stadt werden durch den "Plano Agache" auf befriedigende Art geloes. Ponta Grossa "bildet sich im Mittelpunkt der Verbindung der Hauptstadt und der Kueste mit dem ganzen weiten Gebiet zwischen dem Suedwesten und dem Nordosten des Staates". Seine steilen Strassen sind malerisch und schoen, in Abwechslung mit Plaezen, Parkanlagen und privaten Wohnsitzen. Sie ist die typische Stadt des Hochlandes. Paranaguá uebertreffend, nicht nur in der Bevoelkerungszahl, sondern auch in seiner ganzen Aktivitaet, hat sie den Rang der ersten Stadt des Staates nach der Hauptstadt eingenommen. Entsprechend der Wichtigkeit foegt ihr Londrina — "die neue Stadt des Nordens" — welches sich durch eine ausgesprochen internationale Bevoelkerung auszeichnet, was sich nur auf die grossartigen Aussichten des unbestreitbaren wirtschaftlichen Wertes des ganzen Gebietes des Nordens des Paraná zurueckfuehren laesst. Xangri-lá, das neue Siedlungsgebiet, vielleicht das perfekteste, was es an staedterischer Ausdehnung im Sueden des Landes gibt, spiegelt die Vortrefflichkeit des "Regulierungsplanes Prestes Maia" wieder, der den allgemeinen Anblick der Stadt veraendern wird. Paranaguá — "die Bahnbrecherin in der Entwicklung des staedterischen Ereignisses" — ist die typische Stadt des Kuestengebietes. Seine klimatischen Eigenschaften und seine Lage in den Bergen bewirken leider, dass es, im Verhaeltnis zu den uebrigen Staedten des Staates gesehen, nur noch langsam anwachsen kann. Trotzdem nimmt sein Hafen von Tag zu Tag an Bedeutung zu.

A Ciência no Paraná

PROFESSOR NILTON E. BUHRER



do Paraná
É catedrático da Escola Superior de ~~Agronomia e Veterinária~~ de Química, em cuja direção se acha, e da Faculdade de Engenharia. É chefe do Serviço de Química Orgânica do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná. Tem mais de 20 trabalhos científicos publicados, além de copiosa colaboração em revistas locais e de fora do Estado.

PROFESSOR REINALDO SPITZNER

É catedrático da Escola Superior de Química e da Escola Superior de Agronomia e Veterinária do Paraná. É Chefe de Divisão do Serviço de Química Industrial do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná. Já publicou cerca de 20 folhetos científicos, colaborando constantemente em publicações científicas dentro e fora do Paraná.



O ESTADO DO PARANÁ, a unidade mais nova da União, completa neste ano de 1953, o primeiro Centenário de sua emancipação política.

O seu desenvolvimento político e econômico, como era de se prever, só poderia se ter dado depois do seu desmembramento, que se deu exatamente a 19 de dezembro de 1853.

Com relação ao setor político e econômico, já Curitiba, então capital do Estado, começava a pesar sensivelmente perante as demais capitais brasileiras.

Esse fato acentuou-se mais ainda no início do século vinte, ou seja de 1900 em diante.

Entretanto, no setor do ensino superior e portanto no campo da ciência, o Paraná nada poderia apresentar de importante, a não ser um ou outro cientista que, de passagem, vinha a Curitiba ou ao interior do Estado, sem, contudo, desenvolver qualquer atividade digna de nota.

A primeira luz que veio clarear o horizonte científico até então mergulhado em completa obscuridade, em nosso Estado, foi a fundação da Universidade do Paraná, em 1912, por um grupo de professores, abnegados e idealistas, como sejam: Vitor Ferreira do Amaral (recém-desaparecido), Nilo da Silva Cairo, de saudosa memória, Plínio Alves Monteiro Tourinho, também já desaparecido, Silvío Schleder, Manoel de Cerqueira Dalto Filho, Vieira Cavalcanti, Artur Obino, Manoel Carrão, Adriano Goulin, Sebastião Paraná, Petit Carneiro, Artur Loiola, Virgolino Brasil, e muitos outros grandes idealistas, também de saudosa memória, apoiados incondicionalmente pelo então Presidente do Estado do Paraná Carlos Cavalcanti de Albuquerque, escolhido para Reitor honorário.

Dá por diante, possuía Curitiba e o Paraná, uma instituição de ensino superior de Medicina, Engenharia e Direito e mais tarde, de Odontologia, Farmácia, Química, Agronomia e Veterinária, onde os profissionais, em seus gabinetes e laboratórios, poderiam iniciar, como de fato o fizeram, uma fase de trabalhos científicos e de pesquisas, nos mais variados setores da ciência.

O progresso no setor científico, era, contudo, muito lento.

Existiam, não resta dúvida, grandes nomes na Medicina, Engenharia Agronomia e outras profissões, mas apenas como mestres no desempenho normal de suas cátedras, sem entretanto enveredarem pelo caminho da ciência ou pesquisa.

O início da verdadeira fase científica no Paraná deu-se cerca de 1913, quando começaram a aparecer monografias de autoria de ilustres médicos e farmacêuticos paranaenses, resultado de suas investigações em diferentes ramos da ciência, quando no desempenho de suas cátedras que lecionavam na Universidade do Paraná, ou anteriormente em outras instituições.

Nessa época, surgiam, ao mesmo tempo, inúmeros trabalhos de técnicos estrangeiros, de grande repercussão em nosso país, tais como os do Dr. Jorge Polissu, fundador da indústria de adubos e da primeira fábrica de ácido sulfúrico no Brasil, localizada em São Paulo.

Este grande técnico rumeno, aqui no Paraná, naquela época, fez estudos importantíssimos com relação à genética sobre trigos nacionais, tendo de mesmo criado uma nova variedade de trigo daquele cereal.

Um outro cientista estrangeiro, atualmente brasileiro naturalizado, e que naquela ocasião já contribuía grandemente para o desenvolvimento científico no Paraná, é o Dr. Reinhardt Maack, geólogo de renome internacional, atualmente labutando no Instituto de Geologia e Pesquisas Tecnológicas, no Setor de Geologia e Petrografia.

Dentre os cientistas que se destacaram naquela época, pertencentes ao corpo docente da Universidade do Paraná, salientamos os nomes dos professores Arquimedes Cruz, com grande número de trabalhos publicados, Eurípedes Garcez do Nascimento, Osmario Plaisant, e últimamente, também, Azor de Schwab, Ruy Noronha de Miranda, Dutra de Oliveira, Carlos Stefeld e inúmeros outros mais.

Conforme poderemos verificar na lista dos trabalhos que adiante apresentamos, alguns dos ~~melhores~~ ^{melhores} cientistas ainda labutam atualmente, não só realizando trabalhos científicos como também fazendo escola, a fim de que a nova geração herde os conhecimentos e o tirocínio científico de seus mestres.

Nesse caso, citamos especialmente o professor Dr. Anenor Panfilo dos Santos que, como professor catedrático de Fisiologia da Universidade do Paraná, tem se destacado continuamente pelo seu alto espírito científico.

Ainda, na Universidade do Paraná, aparecem nomes ilustres da ciência, como sejam os dos professores doutores Durval de Araujo Ribeiro, Algacyr Munhoz Mäder, Arnaldo Isidoro Becker, Waldomiro Teixeira de Freitas, Flavio Suplicy de Lacerda, Maximo Asinelli, todos da Escola de Engenharia; professores doutores Carlos Moreira, Ernesto Sigel Filho, Milton Carneiro, Octavio Pereira dos Anjos, da Escola de Farmácia; professores doutores Joaquim Matos Barreto, José Pereira de Macedo, Julio Moreira, Luiz Piloto, Armando Cavanha e outros mais da Escola de Odontologia; professores doutores Brasil Pinheiro Machado, Francisco Alberto de Castro, Padre Jesus Moure, Loureiro Fernandes, Hans Ludwig Weber, etc. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

A fim de confirmar o trabalho contínuo e edificante dos pesquisadores que compunham e compoem o corpo docente da Universidade do Paraná, apresentamos uma lista dos trabalhos dados à publicação, fruto do labor de seus cientistas ^(no campo da química em geral) ^{em páginas 390-41}

Monografias:

1. — Calculese hepática — Dr. Duilio Calderari — Médico.
2. — Consideração subsidiária para o estudo da insuficiência da célula hepática — Dr. Duilio Calderari — Médico.
3. — A físico-química do hidrogênio atômico e molecular — Dr. Anenor Panfilo dos Santos — Médico.
4. — Contribuição ao estudo toxicológico da Essência de Chenopódio — Dr. Anenor Panfilo dos Santos — Médico.
5. — Considerações gerais sobre as teorias do envenenamento — Dr. Anenor Panfilo dos Santos — Médico.
6. — Biogênese e síntese orgânica — Dr. Guido Straube — Cirurgião Dentista.
7. — Contribuição ao estudo farmacodinâmico dos balsâmicos — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
8. — Em torno do coração e sua enervação intrínseca — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
9. — Hipoglicemia espontânea — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
10. — Contribuição ao estudo da fisiologia do canal deferente e vesícula seminal do rato. Importância da vitamina E — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
11. — Em torno da importância da vitamina E na reprodução animal — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
12. — Avitaminose E experimental — Dr. Azor de Oliveira Cruz e Dr. Dutra de Oliveira — Médicos.
13. — Testes biológicos para o diagnóstico precoce da gravidez. Estudo e revisão dos principais testes — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
14. — Dermatoses e carência de vitamina A — Dr. Azor de Oliveira Cruz e Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médicos.
15. — Avitaminose A e pinhão — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
16. — Valor proteínico do pinhão — Dr. Metri Bacila e Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médicos.
17. — Envenenamento pelo fósforo — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
18. — O absinto — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
19. — A dispnéia do cianeto de mercúrio (Augustia traumática de Milián) — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.



Edifício da Universidade do Paraná, onde funcionam as seguintes escolas: Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina (juntamente com a Escola de Odontologia e Farmácia), Faculdade de Direito e Faculdade de Ciências Econômicas.

20. — Da adonidina — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
21. — Em torno de dois casos de envenenamento pela daturina — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
22. — Contribuição ao estudo da ação do veneno do sapo, sobre o coração do mesmo, deprimido previamente pelo cloral — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
23. — Síndrome catatônica experimental pela bulbocapnina, pela fava de Cumaru, pelo cânhamo indiano e pela harmina — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
24. — Contribuição ao estudo do mate brasileiro — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
25. — Avitaminose B experimental e pinhão — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
26. — Estudos preliminares sobre a água mineral Cristal do Município de Campo Largo — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
27. — Sono e hipnóticos — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
28. — Sobre um novo método para apreciar a ação dos purgativos do grupo antraquinônico — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
29. — Contribuição ao estudo farmacodinâmico da histidina — Dr. Osmario Pleasant — Médico.
30. — Vitaminas A, B e D, na batata-inglesa — Dr. Osmario Pleasant — Médico.
31. — O scillareno nas intoxicações — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
32. — Flavina (vitamina B 2) e aipim — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
33. — Contribuição ao estudo dos galactogogos. Sobre a prolatina — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
34. — Estudo farmacodinâmico da água mineral Yara, de Bandeirantes — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
35. — Contribuição ao estudo farmacológico da "Ruta Graveolens" (Aruda) — Dr. Arquimedes Cruz — Médico.
36. — Em torno de um caso de Ascarirose hepática — Dra. Maria Falce de Macedo — Médica.
37. — Sobre um caso de elefantíase Nostra no Paraná — Dra. Maria Falce de Macedo — Médica.
38. — Da possibilidade de retenção absoluta de cloreto de sódio — Dra. Maria Falce de Macedo — Médica.
39. — Da hipopnefria — Dr. Vitor Ferreira do Amaral Filho — Médico.
40. — Phlegmatia alba dolens — Dr. Vitor Ferreira do Amaral Filho — Médico.
41. — Talalgia e exostose subcalcaneana — Dr. Atlandido Borba Cortes — Médico.
42. — Algumas considerações sobre a doença de Nicolas-Durand e Favre — Dr. Atlandido Borba Cortes — Médico.
43. — Dimorfismo sexual, estudo semiológico — Dr. Helleno da Silveira — Médico.
44. — Poderá o carrapato transmitir a lepra — Dr. Heraclides de Souza Araujo e Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médicos.
45. — Estudos sobre a doença da pele em Curitiba — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
46. — As miasas entre nós e o tratamento de Prado Moreira — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
47. — Resultados comparativos das reações intradérmicas com antígenos de bacilos ácido-alcool-resistentes (Leprolina Souza-Araujo) e emulsão de lepromas (Leprominas) — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
48. — Notas sobre o tratamento da lepra com as Leprolinas "Souza-Araujo" — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.



Edifício da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

49. — Doença de Weil no Paraná — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
50. — Investigações sobre a "Ptygasis Alba Faciei" — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
51. — Caso de lepra, em uma criança, manifestado após injeção de sangue de progenitora lepromatosa — Dr. Ruy Noronha de Miranda — Médico.
52. — Microtoxemia em análises orgânicas — Dr. Ernesto Sigel Filho — Químico Industrial e Farmacêutico.
53. — Incompatibilidades medicamentosas físicas — Dr. Ernesto Sigel Filho — Químico Industrial e Farmacêutico.
54. — Contribuição ao estudo da quinina — Dr. Ernesto Sigel Filho — Químico Industrial e Farmacêutico.
55. — Contribuição ao estudo farmacognóstico da *Maytenis ilicifolia* Martius — Dr. Carlos Stellfeld — Farmacêutico.
56. — Fitogeografia geral do Estado do Paraná — Dr. Carlos Stellfeld — Farmacêutico.
57. — Contribuição ao tratamento cirúrgico da fimose — Dr. Edgar Barbosa Ribas — Médico.

Trabalhos técnicos ou científicos de pesquisadores, realizados em instituições privadas.

1. — Sobre a preparação do oxideto de bismuto — Dr. Mauro Pereira de Almeida e Dr. Quinino Mingoa — Químicos Industriais.
2. — Contribuição ao estudo da *Digitalis purpurea* Lin. cultivada no Paraná — Dr. João Angely — Médico e Farmacêutico.
3. — Observações sobre *Polypodium areolatum* H. B. K. — Dr. Ralph Hertel — Botânico.
4. — Estudo da secreção de cálcio através de hidatódios na face superior das folhas — Dr. Ralph Hertel — Botânico.
5. — Contribuição à ecologia da flora epífita, focalizando: composição sistemática, o substrato (biologia), composição química do substrato, umidade, microclima, composição química dos vegetais epífitos — Dr. Ralph Hertel — Botânico.
6. — Restos vermiformes do Arenito das Furnas — Dr. Waldemar Lange — Paleontólogo.
7. — Novos fósseis devonianos no Paraná — Dr. Waldemar Lange — Paleontólogo.
8. — Anelídeos poliquetas dos folhelhos devonianos do Paraná — Dr. Waldemar Lange — Paleontólogo.
9. — Novos microfósseis devonianos do Paraná — Dr. Waldemar Lange — Paleontólogo.
10. — Estudo do estado nutricional dos escolares de Curitiba — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
11. — Estudo retrospectivo da Medicina preventiva no Estado do Paraná (1892 - 1951) — Dr. Azor de Oliveira Cruz — Médico.
12. — Sobre a distribuição da salinidade e do pH na Baía de Guaratuba — Dr. Hans Jakobi — Químico e Biologista.
13. — Neve Tegastiden (Harpact — Copepoda) aus Santa Catarina (Brasilien).
14. — Novos Laophontidae (Copepoda — Crustacea) da costa brasileira.

Um grande centro de pesquisadores e cientistas, berço dos atuais cientistas no ramo da Química e Tecnologia de nosso Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, é, sem dúvida alguma, a Escola Superior de Química do Paraná, fundada em 25 de março de 1924.



Edifício onde funciona a Escola Superior de Química do Paraná.

De início, era apenas um curso anexo à então Faculdade de Engenharia do Paraná, passando mais tarde a ser Escola Autônoma, reconhecida pelo Governo Federal, e, atualmente, em sua sede própria, com magníficas instalações e selecionado corpo docente, com a denominação de Escola Superior de Química do Paraná.

De 1935 a 1941, tornou-se praticamente o único centro de pesquisas sobre Química e Tecnologia do Paraná, graças à orientação sábia do professor Hans Ludwig Weber, químico, contratado pela direção do então Instituto de Química do Paraná, na gestão do professor Dr. Carlos de Paula Soares, de saudosos memórias.

Durante aqueles citados anos, os seus professores, além do mister do ensino da Química Industrial, entregavam-se a estudos e resoluções de inúmeros problemas de tecnologia e indústria, não só do Paraná como de outros Estados.

Nessa ocasião foi também contratado, pela Direção da Escola, o professor Dr. João Poock, químico diplomado pela Universidade de Viena, cientista de renome, hoje catedrático de Físico-Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, e técnico das Indústrias Químicas ALBA S. A. de Curitiba.

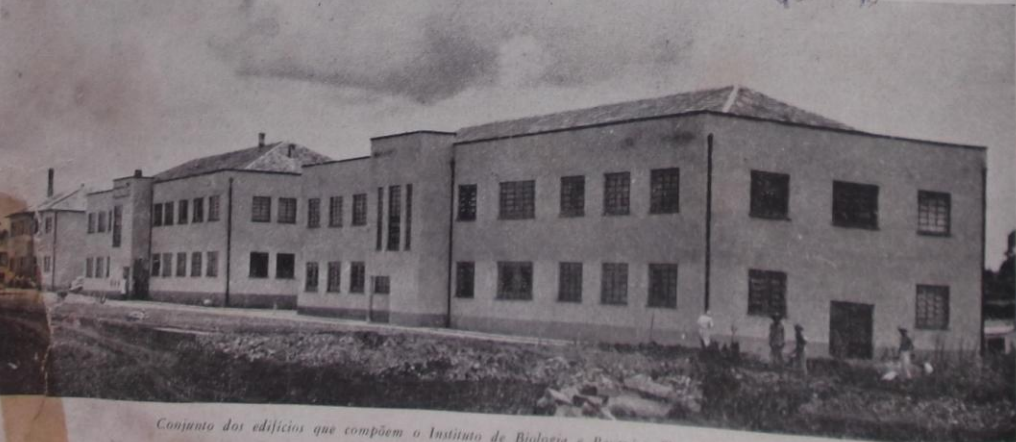
Quando o então Instituto de Química do Paraná se transferiu para o Bacacheri, a fim de constituir, juntamente com as Escolas de Agronomia e Veterinária, em 1941, o Instituto Técnico de Agronomia, Veterinária e Química do Paraná, cessou a sua atividade no setor de pesquisas, continuando, entretanto, por algum tempo, no setor da Tecnologia, fazendo estudos sobre destilação seca da lenha, fabrico de vidros, sais e ácidos e outros mais.

Nesse ínterim, em 1941, foi criada uma nova entidade, por parte do Governo do Estado, na gestão do saudoso Manoel Ribas, cuja finalidade era a de propugnar pela pesquisa e desenvolvimento da Agricultura e Veterinária e posteriormente da Indústria.

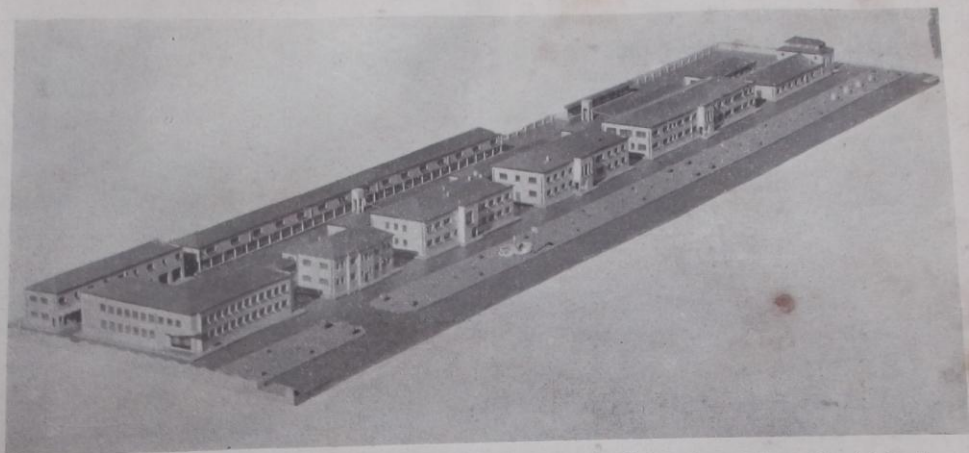
Essa entidade, que era o Instituto de Biologia Agrícola e Animal, passou mais tarde (1943) a se denominar Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, devido às suas atividades naqueles setores.

O Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, desde a sua fundação, acha-se sob a competente direção do professor Dr. Marcos Augusto Enrietti, agrônomo e veterinário, diplomado pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná.

É o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, atualmente, o maior e o mais importante centro de pesquisas em Tecnologia, Agronomia, Veterinária



Conjunto dos edifícios que compõem o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná.



Maquete representativa do futuro conjunto do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, cuja conclusão se efetivará dentro de aproximadamente um ano.

nária, Biologia, Geologia e outros ramos da ciência, do Sul do Brasil e um dos mais importantes da América do Sul, no gênero.

Lá pontificam cerca de mais de sessenta técnicos, cientistas, das mais variadas profissões, como: agrônomos, químicos, veterinários, médicos, geólogos, engenheiros, botânicos, biólogos, etc.

O Dr. Marcos Augusto Enrietti, com a sua larga visão no setor científico e industrial, deu ao Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas uma organização *sui generis*, em todo o Brasil, dotando-o de laboratórios e instalações para a investigação de assuntos relacionados a quase todos os ramos da ciência.

Os seus laboratórios de análises e pesquisas, preparo de vacinas, quimioterapia animal, patologia animal e vegetal, resistência de materiais, química e tecnologia e outros mais, são perfeitamente equipados, de forma a proporcionar aos técnicos e cientistas, todos os recursos de que necessitam para o seu labor.

A ciência encontra, no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, não só um manancial material, mas também intelectual, constituído por profissionais idôneos, quase todos diplomados pelas Escolas Superiores do Estado do Paraná.

O número de técnicos de outros Estados, ou mesmo estrangeiros, é reduzido, porém muito bem selecionado, entrosando-se perfeitamente com os demais.

Cerca de mais de uma centena de trabalhos científicos já foram publicados por esta Instituição científica.



Vista parcial dos laboratórios de Química Orgânica e Inorgânica da Divisão de Química e Tecnologia do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas.

Possui, o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, uma publicação anual, intitulada "Arquivos de Biologia e Tecnologia", já em seu 6º ano consecutivo, cujos trabalhos nela publicados têm sido alvo das mais elogiosas críticas e procura, não só no Brasil como no estrangeiro, inclusive na Europa.

Publica, ainda, o Instituto, uma série de Boletins Técnicos, já em seu vigésimo primeiro volume, onde aparecem monografias de grande valor técnico e científico.

De revista mensal "I.B.P.T.", destinada a levar aos agricultores, criadores e industriais, uma série de informações úteis, de interesse permanente aos habitantes da hinterlândia paranaense, já se encontra em seu sétimo número, tendo tido ótima aceitação. Nela colaboram os técnicos e cientistas do Instituto, procurando esclarecer, de forma simples e acessível, os intrincados problemas técnicos das respectivas especialidades, e de aplicação prática, em benefício da economia paranaense.

Atualmente, o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas acha-se ocupado, através de seus técnicos, no estudo do aproveitamento racional das inesgotáveis jazidas de xisto pirobetuminoso, do carvão mineral do norte do Paraná, e uma série grande de trabalhos científicos que farão parte de uma publicação especial dos "Arquivos de Biologia e Tecnologia" que sairão a lume por ocasião das comemorações do Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná.

Para melhor ilustrar a importância do trabalho técnico e científico desta grande instituição que é o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, daremos, a seguir, uma lista dos principais trabalhos já realizados pelos seus técnicos, publicados nos "Arquivos de Biologia e Tecnologia" e também em seus Boletins Técnicos.

Volume I — Arquivos de Biologia e Tecnologia — 1946 — I.B.P.T.

1. — Sobre a dosagem fotométrica do cobre em águas — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
2. — Fauna parasitológica paranaense — I — *Haemoproctus columbae* Celli & Sanfelice, 1891 em *Columba livia domestica* nos pombois de Curitiba — Dr. Milton Giovannoni — Veterinário.
3. — Fauna parasitológica paranaense — II — *Otoacariase* sporádica dos caprinos — Dr. Milton Giovannoni — Veterinário.
4. — Fauna parasitológica paranaense — III — *Railletina* (*Skrjabinia*) *bonini* (Méglin, 1889) em pombo doméstico — Dr. Milton Giovannoni — Veterinário.
5. — Método simples para a determinação do quociente proteico do leite — Dr. Arthur Otto Schwab — Médico.
6. — Estudos sobre Leishmaniose — I — Primeiros casos de leishmaniose espontânea observados em cobaias — Dr. Heitor Medina — Veterinário.
7. — Contribuição ao estudo da planície litorânea do Estado do Paraná — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
8. — Análises de alguns calcários paranaenses — Dr. Alceol — Leprevost — Químico Industrial.
9. — Estudo contributivo ao conhecimento de algumas águas minerais do Estado do Paraná — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro, Geólogo, e Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
10. — Sobre a padronização de um método prático para a dosagem da cafeína (em erva-mate) — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.

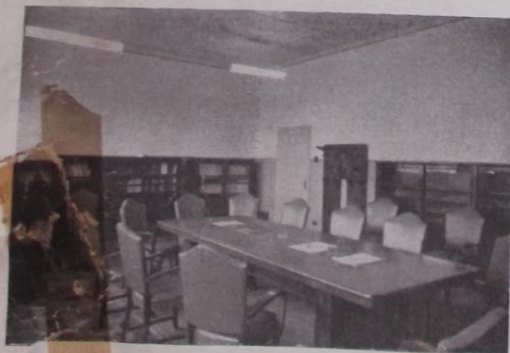
11. — Sobre a coloração vital de *Favonella muris* Mayer, 1921 — Dr. Milton Giovannoni — Veterinário.
12. — Sobre a "razada" do primeiro plano do parasitismo — Dr. Milton Giovannoni e Dr. Gastão V. L. Kubiak — Veterinários e Dr. Lycio Grein de Castro Vellozo — Agrônomo.
13. — Contribuição ao conhecimento dos solos dos Campos Gerais no Estado do Paraná — Dr. Carlos Bodziak Junior — Agrônomo, e Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.

Volume II — Arquivos de Biologia e Tecnologia — 1947 — I.B.P.T.

1. — Estudos sobre Leishmaniose — II — Sobre a ocorrência de macrófagos parasitados em divisão — Dr. Heitor Medina — Médico.
2. — Estudos sobre Leishmaniose — III — A leishmaniose do cobaio como elemento de prova dos medicamentos específicos — Dr. Heitor Medina — Médico.
- + 3. — Contribuição ao estudo químico da Nos de Iguape — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
- + 4. — Pesquisa diferenciativa da Teobromina e Cafeína — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
5. — Regra prática para limitação das medidas físico-químicas — Dr. Arthur Otto Schwab — Médico.
- + 6. — Estudos preliminares na Série Açugui — I — Brecha calcária de Toquinhas — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
7. — Breves notícias sobre a geologia dos Estados do Paraná e Santa Catarina — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.
8. — Lycopodium Derbyi Renault, documento da idade paleozóica das camadas Teresina do Brasil Meridional — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.
- + 9. — Análises de minerais paranaenses — I — Argila e Caulim — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 10. — Análises de minerais paranaenses — II — Estreátia e Talcoxisto — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
11. — Lista Prévia dos Fungos — Dr. Lycio Grein de Castro Vellozo e Dr. Mario J. Nowacki — Agrônomo.
12. — Fauna parasitológica Paranaense — Dr. Milton Giovannoni e Gastão V. L. Kubiak — Veterinários.
- + 13. — Sobre a dosagem do flúor em águas potáveis — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
- + 14. — Existência da triacetina na erva-mate — Dr. Dirceu Correia — Químico Industrial.

Volume III — Arquivos de Biologia e Tecnologia — 1948 — I.B.P.T.

1. — A presença da galactocquinase em tecidos animais — Dr. Metry Bacila — Médico.
2. — Leishmaniose tegumentar do cobaio — *Leishmania evrietti* n. sp. — Dr. Julio Muniz e Dr. Heitor Medina — Médicos.
3. — Notas sobre uma plantação experimental de pinheiros do Paraná (Araucária brasileira Rich) nos solos dos Campos Gerais — Dr. Pedro J. Costa Muniz — Agrônomo.
4. — As manchas do Pinho do Paraná (Araucária brasileira Rich) laminado e o seu tratamento por agentes químicos — Dr. Lycio Grein de Castro Vellozo — Agrônomo.
- + 5. — Sobre a reação qualitativa para o reconhecimento do óleo de gergelim em outros óleos comestíveis — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
6. — Sobre a compatibilidade química entre o hexafluoreto de benzeno (BHC) e o carbonato de cálcio (sambaqui moído) — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
7. — Águas minerais bicarbonatadas mistas — Dr. Alsedo Leprevost e Dr. Reinaldo Spitzner — Químicos Industriais.



Sala da Congregação e Biblioteca da Escola Superior de Química do Paraná.



Vista parcial do laboratório da Divisão de Biologia Animal do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas.

- + 8. — Análises de minerais paranaenses — III — Limonita, hematita e magnetita — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 9. — Análises de minerais paranaenses — IV — Barita — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 10. — Sobre a ocorrência de diatomito no Estado do Paraná — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
11. — Contribuição ao conhecimento do ciclo extraparasitário do Paracoccidiodiopsis brasiliensis (Almeida, 1931) (nota prévia) — Dr. Heitor Medina — Médico e Dr. Carlos Bodziak Junior — Agrônomo.
12. — Notas preliminares sobre clima, solo e vegetação do Estado do Paraná — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.
- + 13. — Estudos preliminares na Série Açugui — II — Rochas calcárias — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.

Volume IV — Arquivos de Biologia e Tecnologia — 1949 — I.B.P.T.

1. — Contribuição ao conhecimento do ciclo extraparasitário do *P. brasiliensis* (Almeida, 1930) — II — Cultura do *P. Brasiliensis* na terra e a influência exercida pelo pH (nota prévia) — Dr. Heitor Medina — Médico, e Carlos Bodziak Junior — Agrônomo.
2. — Contribuição ao levantamento fitossanitário do Estado do Paraná — Dr. Lycio Grein de Castro Vellozo, Dr. Mario José Nowacki e Dr. Milton Vernalha — Agrônomo.
3. — Sobre o método de dosagem do álcool etílico — Dr. Metry Bacila — Médico.
4. — Sobre um reativo de precipitação de alcalóides — Dr. Metry Bacila — Médico.
5. — Das reações de caracterização da glicerina — Dr. Metry Bacila — Médico.
- + 6. — Contribuição ao estudo químico da sêrva (*Couma guianensis* Aub) — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
- + 7. — Sobre um método prático para a pesquisa do caramelo em bebidas — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
- + 8. — Sobre uma reação sensível para a pesquisa da glicose — Dr. Nilton E. Bührer — Químico Industrial.
- + 9. — Determinação do pH em calcários — Dr. Oswaldo Ceccon — Químico Industrial.
- + 10. — Contribuição ao estudo químico do Mucunã (*Mucuna urens* De Cand.) — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 11. — Análise de minerais paranaenses — V — Xisto piroberuminoso — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 12. — Análises de minerais paranaenses — VI — Carvão-de-pedra — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- + 13. — Notas preliminares sobre a composição química de algumas águas do litoral paranaense — Dr. Alsedo Leprevost e Dr. João José Bigarella — Químicos Industriais.
- + 14. — Sobre a ocorrência de bula timpânica de baleia e artefatos derivados, nos sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina — Dr. Guilherme Tiburtius — Paleontólogo — Dr. Alsedo Leprevost e Dr. João José Bigarella — Químicos Industriais.
- + 15. — Nota prévia sobre a composição dos sambaquis do Paraná e de Santa Catarina — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
- + 16. — Contribuição ao estudo da planície sedimentar da parte norte da Ilha de Santa Catarina — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
- + 17. — Contribuição à petrografia dos arenitos da Série São Bento — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
18. — Contribuição ao estudo da correção da acidez do solo. Com particular referência aos solos do Estado do Paraná — Dr. Sandoval Ribeiro Ribas — Agrônomo.
19. — Espessura e seqüência dos sedimentos quaternários no litoral do Estado do Paraná — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.



Antifazero da Escola Superior de Química do Paraná.

20. — Contribuição ao conhecimento dos caulins usados nas indústrias paranaenses — Dr. Reinaldo Spitzner, Dr. Eduardo C. Pereira Jorge e Técnicos Celso de Freitas Garcia — Químicos Industriais.
21. — Modificações estruturais no timo na canceização experimental do camundongo pelo 20 — metilcolantreno — Dr. Anquises Marques de Faria — Médico.

Volume V e VI — Arquivos de Biologia e Tecnologia. 1950 — 1951 — I.B.P.T.

1. — Atribuições da Botânica Sistemática. Notas críticas acerca de método, sistema e chave — Dr. Günter Tesmann — Botânico.
2. — Estudos sobre a Leishmaniose — IV — A *Leishmania enrietti* (Muniz e Medina, 1948), seis anos, após o seu isolamento e na 150.^a passagem pela cobaia — Dr. Heitor Medina — Médico.
3. — A regeneração do timo e recuperação dos tímicos após a cauterização — Dr. Heitor Medina — Médico.
4. — Contribuição ao conhecimento das espécies do gênero *Paracoccidiodies* (Almeida, 1930) — Dr. Francisco de Paula Soares Filho e Dr. Medina — Médicos.
5. — Sobre a ação interterente da luz e da sacarose na redução de nitratos por discos de tubérculos — Dr. Nelson Maravalhas — Agrônomo.
6. — Estudos sobre a esporulação do *Penicillium lilaceum* Thom. — I — Influência da concentração de sulfato de cobre — Dr. Nelson Maravalhas — Agrônomo.
7. — Estudos sobre a esporulação do *Penicillium lilaceum* Thom. — II — Influência de nitrato, acetato e cloreto de cobre, comparado com o sulfato de cobre — Dr. Nelson Maravalhas — Agrônomo.
8. — Estudos sobre a esporulação do *Penicillium lilaceum* Thom. — III — Influência do teor de nitrogênio — Dr. Nelson Maravalhas — Agrônomo.
9. — Sobre a flora maceradora dos linhos no Paraná. Nota prévia — Dr. J. E. Thiemann e Dr. Nelson Maravalhas — Agrônomos.
10. — Estudo sobre a perda da função tímica — I — Ação dos raios X sobre o timo de gatos — Dr. Christian Bomskov — Químico e Médico.
1. — Contribuição ao estudo da correlação entre o timo e gonadas. Ação de certos extratos de timo sobre o extro da rata — Dr. Christian Bomskov — Químico e Médico, Dr. Dirceu Correia, Dr. Dinor Voss — Químicos Industriais e Jayme Goltzer — Doutorando em Medicina.
2. — Sobre a perda da função tímica — II — Resultados da timectomia em ratos — Dr. Christian Bomskov — Químico e Médico e doutorandos Riolando Fransolino e Jayme Goltzer.
3. — Estudos sobre a correlação entre o timo e a tireóide — I — Ação de certos extratos tímicos sobre a atividade da tiroxina — Dr. Christian Bomskov — Químico e Médico, Dr. Dirceu Correia, Dr. Dinor Voss — Químicos Industriais, e doutorandos Riolando Fransolino e Jayme Goltzer.
- Ferro e hemoglobina no sangue total da cobaia em Curitiba — Dr. Alsedo Leprevost e Dr. Oswaldo Cecon — Químicos Industriais.
- Comentários sobre o Geologic Map of South America — 1950 — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.
- Vestígios pré-devonianos de glaciação e a seqüência de camadas devonianas no Estado do Paraná — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.
- Contribuição ao estudo dos sambaquis no Estado do Paraná — I — Regiões adjacentes à baía de Guaratuba — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
- Contribuição ao estudo dos sambaquis no Estado do Paraná — II — Regiões adjacentes à baías de Paranaguá e Antonina — Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.
- Nota prévia sobre a jazida paleontográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina) — Dr. Guilherme Tiburtius — Paleontólogo, Iris Koheler Bigarella — Botânica e Dr. João José Bigarella — Químico Industrial.

20. — Formações, consórcios e associações da vegetação no Estado do Paraná — Dr. Günter Tesmann — Botânico.

Volume VII — Arquivos de Biologia e Tecnologia. 1952 — 1 B.P.T.

1. — Contribuição ao conhecimento da incidência de Brucelose no Estado do Paraná (Brasil) — Dr. Oscar Palmquist — Veterinário.
2. — Ocorrência de *Leptospiras* em animais domésticos em São Paulo, Brasil — Dr. V. O. Guida — Veterinário.
3. — Pesquisas sorológicas de uma amostra de *Leptospira* isolada de porcos — Dr. V. O. Guida — Veterinário.
4. — Câmara de cultura para observação direta de microrganismos — Dr. Heitor Medina — Médico.
5. — Ensaio de coloração com o clorocarminato de ferro de A. C. H. Holland (1946) — I — Coloração de Helminthos compridos — Dr. Heitor Medina — Médico.
6. — Aplicação do meio de Korthof no preparo de suspensões de *Leptospiras* para fins de soro-aglutinação na doença de Weil — Dr. Heitor Medina — Médico.
7. — Contribuição zoogeográfica para o estudo dos curculionídeos do Paraná — Dr. Milton M. Vernalha — Agrônomo.
8. — Descrição de uma espécie nova do gênero *Pinotus* (Col-Scarabaeidae) — Dr. Milton M. Vernalha — Agrônomo.
9. — Algumas formas que ocorrem no Estado do Paraná — Dr. Milton M. Vernalha — Agrônomo.
10. — Notas Elateriologicas — I — autoria do gênero *Pyrophorus* e a validade de *P. Nyctophanus* Germar, 1841 (Col. Elateridae) — Dr. E. Navajas — Médico.
- +11. — Influência do cálcio no solo, sobre o teor de proteínas no trigo. Nota prévia — Dr. Carlos Bodziak Junior — Agrônomo, Dr. Nilton E. Bühner e Dr. Reinaldo Spitzner — Químicos Industriais.
- +12. — Sobre a microdeterminação do molibdênio — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
- +13. — Estudos sobre a obtenção do carvão ativo vegetal — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
- +14. — Contribuição ao estudo da erva-mate (*Ilex paraguayensis* St. Hil.) — I — Métodos analíticos — Dr. Oswaldo Cecon, Dra. Renata Berner e Dr. Oswaldo Augusto Wendler — Químicos Industriais.
- +15. — Contribuição ao estudo químico da coronha — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- +16. — Notas sobre a análise de calcários — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- +17. — Sobre a ocorrência de pedras, corantes e esqueletos pintados, nos sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina — Dr. Guilherme Tiburtius — Paleontólogo, e Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
- +18. — Nota sobre os quartzos decompostos da Série Açungui — Dr. Alsedo Leprevost — Químico Industrial.
19. — Nosso sistema solar — Uma planificação e não simples acaso — Dr. Günter Tesmann — Botânico.
- +20. — Nota sobre os depósitos conchíferos da Pedra de Guaratiba, Distrito Federal — Dr. João Bigarella — Químico Industrial.
21. — O desenvolvimento das camadas Gondwânicas do Sul do Brasil e suas relações com as formações Karu da África do Sul — Dr. Reinhardt Maack — Engenheiro Geólogo.

Além desses trabalhos científicos publicados nos "Arquivos de Biologia e Tecnologia", damos a seguir a lista dos Boletins Técnicos.

1. — A Ciência a serviço da agropecuária no Governo Manoel Ribas (Direção).
- + 2. — O nitrato de sódio — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
- + 3. — Métodos para análise parcial de terra — Dr. Mario de Lavigne — Químico Industrial.
- + 4. — Matérias graxas — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
- + 5. — Adubos fosfatados — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
6. — Principais parasitoses dos equinos — Dr. Milton Giovanni — Veterinário.



Saguão de entrada da Escola Superior de Química do Paraná.

7. — Análise de ouro — Dr. Hans Ludwig Weber — Químico.
8. — Principais moléstias infecciosas dos animais domésticos — Dr. Oscar Krebs Palmquist — Veterinário.
9. — Combustíveis sólidos naturais e artificiais — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
10. — Sobre a determinação fotométrica do cobre para fins fisiológicos — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
11. — A reação bacteriológica em Fitopatologia — Dr. Lycio Grein de Castro Vellozo — Agrônomo.
12. — Contribuição ao conhecimento do índice de infestação pelo haemoprotozo columbae em columba doméstica nos pombais de Curitiba — Dr. Milton Giovannianni — Veterinário.
13. — Aplicações práticas dos gráficos de destilação — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
14. — Contribuição ao estudo do fator Rh em Curitiba — Dr. Metry Bacila — Médico.
15. — Contribuição à análise de substâncias graxas, ceras, resinas, pelo seus índices químicos mais importantes — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
16. — Industrialização do siso pirobetuminoso no Paraná — Dr. João Ludwig Weber, Dr. José Paim de Andrade e Dr. Luiz Miguel de Queiroz — Químicos Industriais.
17. — Brucelose no Paraná — Dr. Oscar Krebs Palmquist — Veterinário.
18. — O carvão de lenhite como adsorvente na indústria química orgânica — Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial.
19. — Sobre os Helminths que ocorrem em "Sus Scrofa Domesticus Linnaeus, 1758" no Paraná — Dr. Gastão L. V. Kubiak — Veterinário.
20. — Sobre a microdeterminação do molibdênio — Dr. Reinaldo Spitzner — Químico Industrial.
21. — Sobre a existência de niacina e niacinamida na crva-mate — Dr. Dirceu Correia — Químico Industrial.

O Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas tem sido representado oficialmente em quase todos os Congressos Científicos realizados não só no Brasil como no estrangeiro.

Assim, tem ele participado em todos os nove Congressos Brasileiros da Associação Química do Brasil, pelos seus técnicos e pela apresentação de trabalhos técnicos e científicos de grande valia.

Em 1931, foi o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas representado no IV Congresso Sul Americano de Química realizado no Peru, Lima, pelo seu Diretor Dr. Marcos Augusto Enrietti e pelos técnicos Dr. Nilton E. Bühner (este ainda por designação do Governo da República), e Dr. Reinaldo Spitzner, ambos Químicos Industriais. Os mesmos técnicos apresentaram diversos trabalhos entre os quais salientamos:

1. — Sobre o enriquecimento artificial das farinhas alimentícias — Dr. Nilton E. Bühner.
2. — Sobre a internacionalização da nomenclatura química — Dr. Nilton E. Bühner.
3. — Sobre o aproveitamento da palha do café para fins industriais (nota prévia) — Dr. Nilton E. Bühner.
4. — Sobre o aumento do teor em proteína no trigo pela corteção dos solos — Dr. Nilton E. Bühner.
5. — Sobre o teor de cálcio e fósforo no leite de Curitiba — Dr. Reinaldo Spitzner e Dr. Astolfo Macedo de Souza Filho.

Em 1952, foi ainda o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas representado no Congresso Sul Americano de Veterinária, também realizado no Peru, Lima, pelos seus técnicos Dr. Astolfo Macedo de Souza Filho e Dr. Oscar Krebs Palmquist — Veterinários.

Apresentando, ainda o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, através de seus técnicos, inúmeros trabalhos relativos a Corteção dos Solos, Geologia do Sul do Brasil, Produção do trigo em fase da calagem, etc., como contribuição a vários Congressos realizados no Brasil, de Solos, Geologia, Fertilizantes, Agronomia, etc., onde salientamos os nomes dos doutores Reinhardt Maack, Lycio Grein de Castro Vellozo, Reinaldo Spitzner, Nilton E. Bühner, Carlos Bodziak Junior, tendo todos eles se desempenhado de forma a corresponder ao alto conceito que destrua o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas no meio científico brasileiro e internacional.

Com referência ao setor tecnológico, no ramo da química industrial, está o Estado do Paraná de parabéns, pois conta atualmente com uma das mais completas Escolas de Química do Brasil.

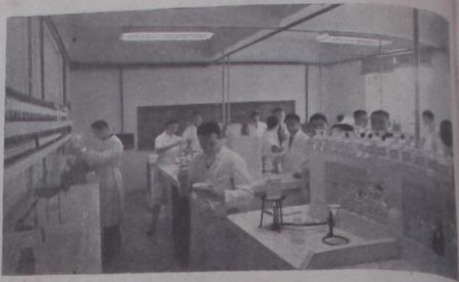
Magnificamente instalada em sua nova sede, há cerca de um ano e meio, encontra-se atualmente, através da Direção e de uma Comissão Especial, na fase de instalação de doze tecnologias (usina piloto), referentes aos mais variados setores da química industrial.

Nestas instalações poderão ser efetuadas pesquisas científicas e tecnológicas sobre as indústrias de vidro, cerâmica, sais, ácidos, metalurgia, curtição, açúcar e álcool, celulose, galvanoplastia, etc., dando margem aos alunos frequentarem, de aprender o verdadeiro significado e importância da química científica na indústria.

Este fato, de grande valia para o nosso desenvolvimento científico e tecnológico, foi muito bem compreendido pelo Governador do Estado, Dr. Antônio de Barros Rocha Neto.

Com a sua excelência, atendendo a um apelo da Direção da Escola através de uma requisição de motivos, concedeu vultuoso auxílio para que esse projeto possa ser transformado em magnífica realidade.

Atual Diretor da Escola Superior de Química do Paraná, o professor Dr. Nilton E. Bühner — Químico Industrial, diplomado pelo Instituto de Química da Escola de Engenharia da Universidade do Paraná, em 1937.



Vista parcial do Laboratório de Química Analítica Quantitativa da Escola Superior de Química do Paraná.

Eletricitado por concurso da cátedra de Tecnologia Orgânica, juntamente com o professor Dr. Reinaldo Spitzner, compõe a Comissão de Instalações dos modernos laboratórios e da atual montagem das tecnologias, apoiados pelos demais professores da Escola.

Ainda, no setor científico, possui o Paraná, instituições públicas e particulares, dignas de menção.

No ano de 1918, uma plêiade de entusiastas, prevendo a necessidade de um incentivo e assistência à agricultura e pecuária, fundou a Escola Agronômica do Paraná.

Destacaram-se, dentre outros, Romário Martins, Lisimaco Ferreira da Costa e Adolar Higienville Hintz e Plínio Alves M. Tourinho.

O Governo do Estado de então, encampou a idéia e criou oficialmente a Escola Agronômica, conforme a Lei n.º 1.788 de 5 de Abril de 1918.

Foram os seus primeiros professores, entre outros, os seguintes: Engenheiros Agrônomos José Maria de Paula, Alberto Müller de Moraes Aguiar, e Adolar Higienville Hintz; Engenheiros Civis Lisimaco Ferreira da Costa, Plínio Alves Monteiro Tourinho, Luiz Renont e Bel. João Soares Barcelos.

Em 1927, com o crescente desenvolvimento da Escola, foi ela transferida para o edifício da Universidade do Paraná, em cuja ala direita se instalou.

Em 1931, pelo decreto n.º 345 o Governo do Estado deu plena autonomia à Escola, sendo ainda neste ano criado o curso de Medicina Veterinária.

Dentre os pesquisadores que labutavam naquela época, e que publicaram diversos trabalhos sobre seus labores científicos, salientamos: Dr. João Candido Ferreira Filho, Francisco Braz Bertagnolli Junior, Anquies Marques de Faria, Oswaldo Pilloto, Hugo Ernesto Humphreys, Gamaliel Pereira de Carvalho, sendo que alguns continuam ainda a prestigiar com suas atividades científicas a atual Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná, entidade que reúne atualmente as duas antigas Escolas.

Juntamente com os antigos pesquisadores já citados, emprestam sua colaboração em trabalhos científicos os atuais professores catedráticos doutores Reinaldo Spitzner, Lycio Grein de Castro Vellozo, Manoel Lourenço Branco, Astolfo Macedo de Souza Filho, Gastão Langmann Kubiak, Carlos Bodziak Junior e outros.

O Museu Paranaense, sob a competente Direção do professor Padre Jesus Moura, desempenha um papel preponderante no setor histórico do Paraná, bem como na manutenção de coleções mineralógicas, geológicas, fauna e flora, paleontologia, e demais estudos da História do Paraná, desde os longínquos tempos da civilização nativa pelos índios.

E o Museu Paranaense, uma dependência estadual, magnificamente instalada em ponto acessível a todos os pontos da cidade, desempenhando perfeitamente o papel educativo e mesmo científico que lhe é atribuído, como sói acontecer com os seus congêneres do mundo.

Com relação aos Museus particulares, salientamos o Museu Histórico David Carneiro, fundado, mantido e dirigido pelo eminente paranaense professor Dr. David da Silva Carneiro, Engenheiro e Historiador, que tem dado à sua organização o máximo dos seus esforços, no sentido de bem divulgar a história política do Paraná, do Brasil e mesmo do mundo, através de conferências periódicas, que se prolongam já há quase duas décadas.

Um outro Museu particular que merece ser citado, é o do Dr. Guilherme Tiburtius, arqueólogo, com coleções importantes da arqueologia do Brasil Meridional, além de outras magníficas coleções.

Finalizando, devemos acrescentar que, agora as instituições federais, estaduais e mesmo particulares citadas, existem inúmeras outras, como sejam as indústrias químicas do Paraná, onde labutam um pugilo de técnicos que constantemente procuram, através de pesquisas científicas no setor tecnológico, industrial, etc., que nos fojem ao nosso conhecimento direto.

Assim, destacamos as Indústrias Químicas ALBA S. A., Fábrica de Indústria Alimentícias, recelagens, curtições, usinas de açúcar e álcool, etc.

— Ao trabalho incansável, construtivo e progressista de todos os técnicos e cientistas que labutam no Paraná, os votos de felicidade pessoal dos editores do GUIA GLOBO DO PARANÁ.

RESUMEN

La fundación de la Universidad del Paraná, en 1912, posibilita a médicos, ingenieros, juristas, odontólogos, farmacéuticos, químicos, agrónomos y veterinarios la inauguración de una verdadera fase de trabajos científicos, que coincide con la aparición de innumerables trabajos de técnicos extranjeros, mereciendo especial atención los estudios ahí "in loco" realizados por el rumano Dr. Jorge Polizu, así como la valiosa contribución "para el desarrollo científico del Paraná" del eminente geólogo Dr. Reinhardt Maack, que, presentemente, desarrolla sus actividades en el Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas.

Entre los profesores catedráticos de la nueva institución de enseñanza superior fulgura, entre muchos otros, el nombre del Dr. Antenor Panfilo dos Santos, un hoy eminencia de fisiología, cuyo elevado saber y tirocinio tanto aprovechan a la nueva generación.

El gran número de trabajos publicados por los profesores de la Universidad bien demuestran su eficiente actividad intelectual.

La Escola Superior de Química do Paraná, reconocida por el gobierno federal, constituye un gran centro de investigadores y científicos y es la cuna de los actuales científicos de química y tecnología del Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas, el cual, desde su fundación, se encuentra bajo la competente dirección del prof. Dr. Marcus Augusto Enrietti y donde enseñan más de cincuenta técnicos y científicos de las más variadas profesiones.

Una centena de trabajos científicos publicados, la revista anual *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, una serie de boletines técnicos y la revista mensual *I.B.P.T.* atestan, elocuentemente, la importancia del trabajo técnico y científico de esta gran institución.

SUMMARY

The foundation of the University of Paraná in 1912 permitted doctors, engineers, lawyers, odontologists, pharmacists, chemists, agronomists, and veterinarians, to begin a very phase of scientific tasks, which coincided with the appearance of innumerable works of foreign technicians, among which the studies of the Rumanian Dr. Jorge Polizu, which were realized here "in loco", as well as the valuable contribution "to the scientific development of Paraná" of the famous geologist Dr. Reinhardt Maack, who, actually, develops his activities at the Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas (Institute of Biology and Technological Researches), are worth mentioning.

Among the cathedraic professors of this new high school stands out, among many others, the name of Dr. Antenor Panfilo dos Santos, still today a very famous physiologist, and whose great knowledge and tirocinium are so valuable for the new generation.

The great number of works published by the professors of the University are the prove of their efficient intellectual activity.

The Escola Superior de Química do Paraná (High School for Chemistry of Paraná), approved by the Federal Government, constitutes a great center of researchers and scientists and is the cradle of the actual scientists of chemistry and technology of the Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas, which, since its foundation, is under the competent direction of Prof. Dr. Marcus Augusto Enrietti, and where teach more than fifty technicians and scientists of the most different branches.

About one hundred scientific works that were published, the yearly review *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, a series of technical bulletins, and the monthly review *I.B.P.T.*, prove eloquently the importance of this great institution's technical and scientific work.

ZUSAMMENFASSUNG

Die Gründung der Universität des Paraná im Jahre 1912 ermöglichte es Ärzten, Ingenieuren, Juristen, Odontologen, Pharmazeuten, Chemikern, Agronomen und Veterinären einen Abschnitt von wissenschaftlichen Arbeiten zu beginnen, welcher mit dem Erscheinen unzähliger Arbeiten ausländischer Techniker zusammenfällt. Besondere Aufmerksamkeit gebührt den hier "in loco" durchgeführten Studien des Rumänen Dr. Jorge Polizu, sowie dem wertvollen Beitrag "zur wissenschaftlichen Entwicklung des Paraná" des bemerkenswerten Geologen Dr. Reinhardt Maack, der z. Z. im Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (Institut fuer Biologie und Technologische Forschungen) tätig ist.

Unter den Professoren die einen Lehrstuhl an der neuen Hochschule innehaben, tritt unter vielen anderen, der Name des Dr. Antenor Panfilo dos Santos besonders hervor, der noch heute eine Kapazität auf dem Gebiete der Physiologie ist, dessen grosses Wissen und dessen Unterricht der neuen Generation so sehr zugute kommt.

Die grosse Zahl der durch die Professoren der Universität veröffentlichten Arbeiten beweist ihre wirkungsvolle intellektuelle Tätigkeit.

Die Hochschule fuer Chemie des Paraná, von der Zentralregierung anerkannt, stellt ein grosses Zentrum von Forschern und Wissenschaftlern dar und ist die Wiege der heutigen technologischen und Chemiewissenschaftler des Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, welches sich seit seiner Gründung unter der kompetenten Direktion des Professors Dr. Marcus Augusto Enrietti befindet, und wo ueber funfzig Techniker und Wissenschaftler der verschiedenen Zweige lehren.

Rund hundert wissenschaftliche Arbeiten, die veröffentlicht wurden, die Jahresschrift *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, eine Reihe technischer Blätter und die Monatszeitschrift *I. B. P. T.* sind der

El Instituto se hace representar oficialmente en casi todos los congresos científicos que se realizan en el Brasil y el extranjero. En 1951, en el IV Congreso Sudamericano de Química realizado en el Perú, el Dr. Marcus Augusto Enrietti y los doctores Nilton E. Buehrer y Reinaldo Spitzner estuvieron presentes al mismo, siendo que estos últimos presentaron diversos trabajos. En 1952, los técnicos Dr. Astolfo Macedo de Sousa Filho y Dr. Oscar Krebs Palmquist representaron el Instituto en el Congreso Sudamericano de Veterinaria, que también tuvo lugar en Lima.

Como contribución a varios congresos, aun presenta el Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas abultado número de trabajos, donde se realizan los nombres de los doctores Reinhardt Maack, Lício Grein de Castro Veloso, Reinaldo Spitzner, Nilton E. Buehrer y Carlos Bodziak Júnior.

Respecto al dominio de la química industrial, cuenta el Estado con una de las más completas escuelas del Brasil.

La Escola Superior de Agricultura e Veterinária es otra institución digna de mención.

Además merecen atención el Museu Paranaense, bajo la competente dirección del profesor Padre Jesus Moure, el Museu Histórico David Carneiro y el museo del arqueólogo Dr. Guilherme Tiburtius.

Fuera de las instituciones apuntadas, existen numerosas otras donde desarrollan sus actividades científicas técnicos de comprobada competencia, tal como las Industrias Químicas ALBA S. A., Fábrica de Fósforos Pinheiro e Industrias de Papel Klabin Ltda.

The Institute is represented officially at almost every scientific congress that was realized in Brasil and in foreign countries. In 1951, at the IV. South American Congress of Chemistry which was held in Peru, Dr. Marcus Augusto Enrietti and the doctors Nilton E. Buehrer and Reinaldo Spitzner there were present, the two latter presented several works. In 1952, the technicians Dr. Astolfo Macedo de Sousa Filho and Dr. Oscar Krebs Palmquist represented the Institute at the South American Congress of Veterinary Medicine, which was held at Lima too.

As a contribution to several congresses, the Instituto de Biología e Pesquisas Tecnológicas yet presents a great many works, where the names of the doctors Reinhardt Maack, Lício Grein de Castro Veloso, Reinaldo Spitzner, Nilton E. Buehrer, and Carlos Bodziak Júnior, are conspicuous.

Relatively to the domain of the industrial chemistry, the State owns one of the completest schools for chemistry of all Brasil.

The Escola Superior de Agricultura e Veterinária (High School for Agriculture and Veterinary Medicine) is another institution that is worth mentioning.

Furtheron, the Museu Paranaense, under the competent direction of Prof. Father Jesus Moure, the Museu Histórico David Carneiro, and the museum of the archaeologist Dr. Guilherme Tiburtius, are worth to be mentioned.

Beside the institutions pointed out here, there are a lot of others, where technicians of famous competences perform their scientific activities, e.g. the Industrias Químicas ALBA S. A., Fábrica de Fósforos Pinheiro (factory of matches), and Industrias de Papel Klabin Ltda. (paper industry).

deutliche Ausdruck der Wichtigkeit der technischen und wissenschaftlichen Arbeit dieser grossen Institution.

Das Institut ist fast auf allen in Brasilien und im Ausland durchgeführten wissenschaftlichen Kongressen offiziell vertreten. 1951, anlässlich des IV. Suedamerikanischen Kongresses fuer Chemie in Peru, war Dr. Augusto Enrietti und die Doktoren Nilton E. Buehrer und Reinaldo Spitzner bei demselben anwesend, wobei die letzteren verschiedene Arbeiten vorlegten. Im Jahre 1952 vertreten die Techniker Dr. Astolfo Macedo de Sousa Filho und Dr. Oscar Krebs Palmquist das Institut auf dem Suedamerikanischen Kongress fuer Tierheilkunde, der ebenfalls in Lima stattfand.

Als Beitrag zu verschiedenen Kongressen legt das Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas noch zahlreiche Arbeiten vor, wo die Namen der Doktoren Reinhardt Maack, Lício Grein de Castro Veloso, Reinaldo Spitzner, Nilto E. Buehrer und Carlos Bodziak Júnior hervortreten.

In Bezug auf das Gebiet der industriellen Chemie besitzt der Staat eine der vollstaendigsten Chemieschulen Brasiliens.

Die Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Landwirtschafts- und Veterinaerhochschule) ist eine weitere erwaehnungswuerdige Einrichtung.

Ausserdem verdienen noch Beachtung das Museu Paranaense, unter der kompetenten Leitung des Prof. Pater Jesus Moure, das Museu Histórico David Carneiro und das Museum des Archaeologen Dr. Guilherme Tiburtius.

Ausser den erwaehnten Institutionen bestehen noch zahlreiche andere, wo Techniker von bewaehrter Kompetenz wissenschaftlich taetig sind, so z. B. die Industrias Químicas ALBA S. A., Fábrica de Fósforos Pinheiro (Streichholzfabrik) und Industrias de Papel Klabin Ltda. (Papierindustrie).

Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná

PROFESSOR JOSÉ NICOLAU DO SANTOS



É professor catedrático por concurso da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná e catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Foi Diretor do Colégio Estadual do Paraná. É autor de várias obras; entre as quais uma sobre "Teoria Geral do Estado", outras sobre a cadeira que rege na Faculdade de Filosofia.

CONCEITO DE COLONIZAÇÃO

TEM-SE como certo que a colonização é o complemento necessário e o objetivo final da migração. Mas se o conceito de migração é pacífico e incontroverso — pois consiste no deslocamento de massas humanas de um lugar para outro — o mesmo não se pode alegar a propósito da ideia geográfica ou jurídica de colonização, termo que é ainda maleável, artificioso, inseguro e discursível. *Colônia* e *colonização* têm múltiplos sentidos, aplicações variadas, definições copiosas. Daí o motivo pelo qual não devemos estranhar que em fins do século passado se colocassem em ardorosa polémica semântica dois grandes nomes da literatura brasileira: o escritor carioca, Prof. Carlos de Laet e o historiador paranaense, Prof. Justiniano de Melo e Silva, sergipano de nascimento e paranaense de residência e coração. A causa da longa disputa filológica foi apenas e precisamente o conceito de colonização.

Relata-se no livro de Antônio J. Chediak — (Carlos de Laet, o polemista, 1942) — o início da discórdia: no ano de 1885 o Presidente Taunay, da Província do Paraná, havia assinado um aviso administrativo ordenando "que se exurgissem da linguagem oficial os termos *colono* e *colônia*, substituindo-os por *imigrantes* e *núcleo*, menos vexatórios que os respectivos mudantes". Laet comentou numa crônica jornalística a improcedência do ato governamental que invadia, sem razão, o domínio da filologia. Explicava o mestre da língua que *colono* provém do latim — *colonus* — e significa *lavrador*. Forma-se também daí o vocábulo *colônia*, exprimindo grupo de agricultores. Perguntava o jornalista, com leve humor, se não haveria desacerto em desprezar alguém que cultiva a terra, especialmente num país essencialmente agrícola como dizemos ser o Brasil. E prosseguia Laet a explicar ainda, com as melhores derivações etimológicas, que tanto a expressão *imigrante* como *núcleo* pecavam por deficiência. Para ele havia *imigrantes* que não eram *colonos*, tais como os mascates e realzeiros, embora fossem adventícios. De igual modo, "núcleo prendia-se ao *nucleus* latino, por sua vez do diminutivo *nucula*, e a contrata *nucula*, de *nux*, *nuxti*, a noz. Filologicamente *núcleo* não passaria de *caroço*. E assim argumentando pelo "Jornal do Comércio", do Rio, o articulista apelava para a "sagacidade literária do

Dr. Taunay que reconsiderasse o ato lingüístico e, caso não houvesse quebra de autoridade, devolvesse ao dicionário paranaense os vocábulozinhos, votados com injustiça ao ostracismo."

Justiniano, historiador e filólogo, professor e jornalista, aceita o desafio. Estava assim encetada a polémica histórica. O mestre paranaense transcende o latim, para investigar as mais remotas origens da palavra em línguas anteriores. Vai até o sânscrito. E conclui que "em latim, *colonus* não significava *lavrador*, por ser neto legítimo de *col*, que quer dizer *passagem pelas montanhas*. Havia, pois, nessa expressão a ideia de *altura*. Carlos de Laet responde citando frases dos melhores poetas e prosadores clássicos latinos em que o termo *colonus* tem a acepção clara e irrestrita de *lavrador*, agricultor, nada mais: *Perovigilans lustrat sua rura colonus*..."

Mas Justiniano, pela "Gazeta Paranaense", volta a replicar. Agora, como historiador, lembra a Laet que *colono*, no Império Romano, "tinha tanto valor como servo de gleba". E na história moderna dizia mais, *coloma* é respondido e também argumenta com exemplos históricos. Carlos de Laet ainda encerra o debate com a fina ironia em que se fez mestre. Prefere, contudo, aceitando as razões de Justiniano, só insistia em que ele não precisava "defender com sânscrito o Governo da terra".

Mais de meio século decorrido dessa polémica celebre, ainda hoje as dúvidas suscitadas por Laet e Justiniano não foram solvidas. Assim é que diante da indecisão dos tratadistas que ora definem a *colonização* sob seu aspecto puramente geográfico de "movimento migratório", ora sob o ângulo na contingência de firmar e definir, ela própria, vê-se a legislação brasileira e compreende o termo flexível, dirimindo, com o preceito legal, as dúvidas que possam ainda ser arguidas.

O artigo 46 do Decreto-lei n.º 7.967 — (18-9-1945) — que traça as diretrizes gerais da política imigratória e colonial brasileira, realmente concebe aproveitamento econômico da região e a elevação do nível de vida, saúde, instrução e preparo técnico dos habitantes das zonas rurais. Para tão alto e complexo objetivo que se envolve no conceito legal de colonização, só o



A pressa de plantar e colôr o ouro negro do café muitas vêzes não deixa tempo ao colono para remover os troncos de árvores calcinadas.

amparo permanente e a orientação segura dos poderes públicos poderão de fato realizá-lo. Daí a medida tomada pelo artigo 47 do mesmo Decreto-lei, que dispõe: "A colonização é considerada de utilidade pública, cabendo à União e aos Estados desenvolver a colonização oficial e fomentar e facilitar a de iniciativa privada."

Anteriormente, em fevereiro de 1940, outro Decreto-lei já fixava a organização dos novos núcleos coloniais, elucidando também o sentido da expressão, definindo-a no primeiro artigo: — "Núcleo colonial é uma reunião de lotes medidos e demarcados, formando um grupo de pequenas propriedades rurais." Pouco tempo depois, a 14 de fevereiro de 1941, novo Decreto-lei, o de número 3.059, dispunha sobre a criação de colônias agrícolas nacionais, diferenciando-as dos núcleos estrangeiros. Diz o artigo 1.º deste Decreto: — "Além dos núcleos coloniais a que se refere o Decreto-lei nº 2.009, de 9 de fevereiro de 1940, o Governo Federal, em colaboração com os Governos estaduais e municipais e todos os órgãos da administração pública federal e por intermédio do Ministério da Agricultura, promoverá a fundação e instalação de grandes Colônias Agrícolas Nacionais, as quais serão destinadas a receber e fixar, como proprietários rurais, cidadãos brasileiros reconhecidamente pobres que revelem aptidão para os trabalhos agrícolas e, excepcionalmente, agricultores qualificados estrangeiros."

O sentido moderno de colono, colonização e núcleo colonial ficou, portanto, previa e convenientemente esclarecido pela própria legislação brasileira, que superou e extinguiu as divergências doutrinárias sobre o assunto.

PARANÁ — A TERRA DO HOMEM

Não seriam brasileiras as terras paranaenses se um conjunto de acontecimentos históricos não se dispusessem a carrear-las para essa destinação futura e inevitável.

Sete anos antes da descoberta do Brasil, isto é, a 3 de maio de 1493, pela "Bula Inter Cetera" do Papa Alexandre VI e pelo "Tratado da Vila de Tordesilhas" firmado a 7 de junho de 1494 entre os monarcas D. João II de Portugal e D. Fernando de Castela, já uma linha de pólo a pólo fixava os limites futuros entre os domínios lusos e castelhanos, tanto nas terras ainda por descobrir, como também nos mares "nunca dantes navegados" do poema épico.

O célebre "Meridiano de Tordesilhas" iria recair, um lustro após, na direção vertical de Belém, no Pará e de Laguna, em Santa Catarina. Para Oeste era tudo espanhol, para Leste a dominação portuguesa se afirmaria apenas na periferia litorânea, nada mais que 2 milhões de quilômetros quadrados. Não era da índole dos mareantes de Sagres estacionar nas areias praianas de um grande Continente, ficar a sua tenda de repouso e sonolência na encosta delgada de um Novo Mundo. Os bandeirantes foram "os lusuados dos sertões", no dizer elegante de Pedro Calmon. Deviam prosseguir pela terra a dentro a sua jornada não finda dos mares singrados e vencidos.

Uma sucessão de fatos históricos permitiram que a aventura náutica revivesse na selva com as Entradas e Bandeiras, não menos intrépidas no seu afã de vadear novos rios, transpor outras montanhas, reconhecer outros horizontes, defrontar novos perigos, inspirar outros poemas: D. Filipe II da Espanha, havia, pela morte de D. Henrique de Portugal, reunido os cetros dos dois reinos peninsulares. Sob o domínio espanhol as colônias lusa e hispânica da América estavam, pois, praticamente indivisas e unificadas. Foram olvidadas as antigas fronteiras e os bandeirantes puderam seguir sertão a dentro. E seguem. Vão preando índios, mutilando troncos, picando matas, flechando a caça, transpondo pântanos, fuscando ouro, batendo gemas, farejando rumos, fulminando feres, vencendo distâncias, dispersando energias, estremecendo o silêncio agreste, saltando as montanhas íngremes, plantando cidades, disputando o destino incerto, apostando a própria vida e a própria sorte.

Impávidos e titânicos, de mochila às costas e de arcabuz ao ombro, vão eles deixando para trás a sepultura dos mortos, o rasto dos caminhos, os suores vertidos, as cansaças superadas, o médio esquecido, o sangue coagulado, enfim, a fronteira imposta e já transposta de Tordesilhas. O pé do

tempo e das suas passadas haviam apagado para o futuro os marcos da jurisdição castelhana no Brasil. Também o território paranaense, para além das serranias costeiras, já se podia considerar luso-brasileiro, graças a uma epopéia de gigantes. Por isso o historiador Rocha Pombo escreveu com acerto: "É evidente de si mesmo quanto seria difícil dizer com segurança qual dos dois coeficientes — a terra e o homem — é de mais valor e mais decisivo nos destinos de uma civilização."

O povoamento efetivo da nossa terra fez-se tardio pelas anteriores lutas sustentadas, mas eficiente pelo valor do elemento humano que nela se firmou depois. Em 1557 já havia fundado D. Domingos Martinez de Irala, Governador do Paraguai, a Ciudad Real del Guayra, nas proximidades da foz do Piquiri. Em 1576 outro "Adelantado", D. João de Torres de Vera y Aragón fundou também a histórica Vila Rica do Espírito Santo, próximo à confluência do Corumbataí no Ivaí. D. Domingos Irala chegou mesmo a criar uma casta de baronatos feudais ou "encomiendas" — (comendas) — para interessar os colonos castelhanos no povoamento efetivo da Ciudad del Guayra, com o regime da guerra ao incola e da sua escravização total ou servidão parcial. E assim 40.000 nativos, distribuídos para 60 soldados ibéricos, vieram a constituir o primeiro "pueblo" no território paranaense. Jamais se submeteram os índios ao sistema escravagista do Paraguai. As deserções e rebeldias eram contínuas. Em 1561 foi necessário solicitar de Assunção um corpo expedicionário de 100 soldados para sufocar a revolta latente. O ódio ao estrangeiro generalizava-se em Guairá. Informa o historiador Romário Martins que de 1601 a 1608 o Governador Hernando Arias de Saavedra tentou submeter a cidade amotinada assumindo o comando da própria milícia. Bateu e subjugou o gentio de outras paragens, no Pampa e no Grã-Chaco, mas foi vencido na Ciudad Real pelos índios que comandava o lendário cacique Guairacá — (Lóbo do campo e das águas) —, símbolo da intrepidez de uma raça.

Pensava Guairacá: "Esta terra tem dono." E assim pensando, e assim sentindo, impediu que a sua gleba e a sua gente fossem objeto de posse e de conquista. E desenha Romário — (Paqueire) — o perfil de um homem feito de bom barro: "Por muitos anos o nome de Guairacá, abreviado para Guairá pelos castelhanos e portugueses, foi o da região do seu famoso domínio sem contraste e o nome e a fúlamula de guerra da defesa hercúlea... Os séculos passaram sobre os grandes dias dos seus grandes feitos, — mas para os que amam a Pátria e a Liberdade, Guairacá deve ser, ainda agora e sempre, o nume e o símbolo das defesas heróicas."

A COLONIZAÇÃO DO LITORAL

Muito extenso era o território hispânico de Guairá. Lateralmente distendia-se do rio Paraná ao Tibagi. Alongava-se em longitude do Paranapanema ao Iguazú e até 1617 pertencia à Província do Rio da Prata. A pretensão espanhola de expandir-se pela costa não findava em Santa Catarina, cujo domínio manteve por 15 anos. Sonhava com outros portos atlânticos, mais para o Norte, até Cananéia. O limite de Tordesilhas era impréciso e talvez recaísse em pleno oceano, assim julgavam os súditos de Filipe II.

O Vice-rei do Peru, possivelmente para facilitar esse plano, chegou a propor à Corte peninsular que Guairá fosse elevada a uma "Gobernation" — (Província) —, fato aceito e consumado pela Carta Regia de 16 de dezembro de 1617. Pouco durou, porém, essa nova categoria. Três anos após, em 1620, o mesmo monarca atendia outra solicitação do seu Vice-reinado inca pedindo, desta vez, que a Província de Guairá constituída com as cidades de Guairá e Vila Rica — revertesse à antiga jurisdição, isto porque a indisciplina dos seus "pueblos" era generalizada.

Mas a sorte de Guairá, como a da antiga Cartago, estava também marcada pela decisão das bandeiras paulistas de Manoel Preto e Raposo Tavares. Em 1629 as "reduções" jesuítas foram derruídas, exceto as de Loreto e Santo Inácio, por serem as mais distanciadas. Em 1632 Raposo Tavares sitiava Vila Rica, a fortaleza de maiores recursos, desbaratando seus 4.500 habitantes, contados entre brancos e índios, que se refugiaram em Tapuíá, como informa Afonso Taunay — (História das Bandeiras Paulistas) —, na Província de Maracaju.

Mas se os portugueses despojavam os sertões de espanhóis, convinha repovoá-los com gente da terra. E essa gente ainda beirava o chão praieteiro Conta Romário Martins — (Terra e Gente do Paraná, 1944) — que "as



Os colonos nacionais, principalmente os nordestinos, são também atraídos pela fertilidade do Norte do Paraná.

terras da Donatária de Santo Amaro, de Pero Lopes de Sousa, e as que lhe ficavam ao Sul, tinham denominações regionais antes de descobertas e povoadas por europeus: Paranaçu, Guarapitocaba — (Antonina) — Guaratuba, etc." A Capitania de Pero Lopes devia começar, segundo o critério português, 12 léguas ao Sul de Cananéia, isto é, em Paranaçu, fundando na freguesia do Meridiano de Torresilhas, ou seja, na altura de Laguna, em Santa Catarina. Mas conforme o critério espanhol toda a região ao Sul de Cananéia já pertencia ao trono de Castela. Os pilotos hispânicos do ano de 1.600 liam em seus mapas a baía de Paranaçu com o nome de "Baía de la Corona de Castilla". Dai o retratamento de uma colonização efetiva de portugueses nas praias do Paraná, cuja posse era omissa.

Só quando criada a Capitania de Itanhaém, em 1624, pelo Conde da Ilha de Príncipe, sucessor de Pero Lopes, teve de fato início o povoamento efetivo de Paranaçu. O nome pioneiro de maior realce foi o de Gabriel de Lara. Vindo de Iguape, reuniu depois desse representante oficial do novo Donatário os habitantes esparsos do lugar — (1640) —, patrocinando a elevação do povoado à categoria de Vila em 1648. E ali exerceu todos os cargos de maior prestígio e responsabilidade: Governador e Ouvidor da Capitania — (1660) —, Capitão-mor e Alcaide-mor da Vila até 1672. A sua autoridade foi reconhecida "por 40 léguas da parte sul".

Antes de Gabriel de Lara remansavam na costa paranaense elementos anônimos e sem maior coesão de interesses coloniais. A baía de Paranaçu parecia ter uma população inconsistente, nebulosa, difusa, com poucos homens brancos, em geral aventureiros fasciados de ouro ou predadores de índios, os quais "desciam" costumemente para Cananéia. É referido, em 1617, o nome de Gabriel Soares, que se estabeleceu no local da futura Vila de Paranaçu em companhia de diversas famílias. Anteriormente só as bandeiras de preta contra os Carijós palmilhavam o roço paranaense, corria a de Manoel Soeiro — (1595) — ou de Jerônimo Leitão em 1585. Desta última fez parte Diogo de Unhate, escrivão da Câmara de São Paulo. É este, relata Romário Martins, "o primeiro nome que aparece na história semeira de Paranaçu", pois alegando a sua participação na guerra empreitada contra os Carijós, requereu e obteve a concessão de uma comarca de terra "na parte que se chama Paranaçu". Foi isto em 1614. É possível que Unhate tenha colonizado as suas glebas, pois um rio local tomou o seu nome. Contado em 1832 já estava o pioneiro residindo na vila de Santos, passando como co-fundador de São Sebastião.

No ano de 1660, em viagem de inspeção às minas auríferas de Paranaçu, o Governador-geral do Rio de Janeiro confirma-lhe as prerrogativas de "Capitania de Nossa Senhora do Rosário de Paranaçu", depois extinta, em 1709, com a sua incorporação à "Capitania Geral de São Paulo e Minas".

A SUBIDA DO PLANALTO

Com razão prenotam os melhores pesquisadores das raízes históricas do Paraná que os primeiros nomes a considerar no forjamento e condução dos seus acontecimentos políticos são os de Gabriel de Lara, Eleodoro Emano Pereira e Mateus Martins Leme. Lara ilustra-se com a fundação e administração de Paranaçu, em 1648, e como representante dos donatários da Capitania. Emano projecta-se no papel de coordenador das atividades auríferas, com autoridade máxima dos assuntos relativos à mineração e fundição do metal, bem como à cobrança dos quintos devidos ao Rei. Leme foi o Capitão-povoador do planalto, onde autoriza a fundação da Vila de Curitiba, a 24 de março de 1693.

Os portugueses do litoral haviam, enfim, subido a serra, rumo ao poente, e deliberado o reconhecimento e a posse de outros horizontes. Como todas as povoações seiscentistas os campos curitibanos mereceram a concentração, com data incerta e gente anônima, dos tropeiros e mineradores gulosos de aventuras e riquezas. Cerca de 1647 o Administrador das Minas dos Distritos do Sul, Eleodoro Emano Pereira, resolve inspecionar pessoalmente os trabalhos de mineração que se efetuavam no planalto e no litoral paranaense. As explorações de ouro nesses locais, isto é, em Curitiba e Paranaçu, eram compreendidas e conhecidas sob a denominação genérica de "Minas de Cananéia", das quais formavam a continuidade meridional e extrema.

Evidentemente a chegada de Emano Pereira a Curitiba já pressupõe um acantonamento anterior de mineiros, um núcleo de população diminuta, mas permanente. Não é possível, porém, precisar o momento em que o pioneiro histórico aí bateu as estacas de sua tenda. Assim, pois, com o Administrador das Minas do Sul, Eleodoro Emano Pereira, começa a verdadeira cronologia documental da cidade de Curitiba. Emano, no desempenho das suas funções, sediado em Paranaçu, deliberou traçar um mapa geral das minas sulinas, assinalando então, para o ocidente das serranias marítimas o arraial de "Curitiba". Moisés Marcondes — "Contribuições para a História do Paraná" — publica em fac-símile o precioso mapa, que descobriu nos arquivos da Biblioteca de Lisboa.

Mateus Martins Leme, morador de São Paulo, veio habitar Curitiba, em data imprecisa, que media entre o ano de 1648 — (época da estadia de Emano Pereira) — e o ano de 1661, quando seu genro, o bandeirante Baltasar Carrasco dos Reis, um dos mais antigos povoadores do lugar, requereu e obteve a sesmaria das terras que aí já ocupava, com roças e criações, na zona do Barigüí. Certo é que em 1690 era Mateus Leme o Capitão-povoador e Dizimeiro da região, tendo nessa qualidade, em 1693, deferido a solicitação dos curitibanos para elevar o seu povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais a categoria de Vila. E assim nasceu oficialmente Curitiba, cujo nome, segundo Saint Hilaire, significa na língua guarani — (curri, pinho etiba, reunião) — bosque ou reunião de pinheiros.

Difícil é a apreciação exata dos métodos coloniais adotados pelos portugueses nas primeiras décadas de sua expansão pelo interior. O povoamento sofreu, de um lado, a influência do espírito das Bandeiras, com toda



Os colonos japonezes têm preferência pelas terras do norte paranaense, onde constituíram núcleos populosos e importantes.

a sua complexa organização orientada para a vida nômade e, de outro lado, as exigências do um sedentarismo indispensável aos trabalhos de mineração. Para se atender às necessidades alimentares dos bandeirantes, usou-se então de um curioso recurso agrário, que foram as roças escalonadas. Dispondo de braços numerosos — (cerca de mil homens) — as Bandeiras estacionavam provisoriamente ao longo do seu itinerário e aí aravam e semeavam o solo. No seu regresso colhiam o fruto do seu labor agrícola intermitente ou sempre interrompido. A fórmula casava, com o melhor proveito, a natureza de um trabalho sedentário — qual seja o cultivo da terra — com o destino incerto e o interesse aleatório dos sertanistas andejes.

Escreve Romário Martins: "Em zona do Assunçuí — (Serrinha de São Luis) — teria havido uma estação de descanso e refazimento de vivetes conforme o costume dos índios e sertanistas, que providentemente faziam roças ao longo de suas estradas na hinterlândia, para colhê-las em seu retorno... Isso resultou o descobrimento de ouro nos tributários do Ribeirinha, do Assunçuí do Capivari, etc., e de campos para a criação de gado na região de Curitiba... Esses campos, com seus lindos capões de pinheiros foram sem dúvida avistados pelos paulistas que se arriavam no Assunçuí desde os primeiros anos após a invasão de Guairá e percorridos pelos bandeirantes que se destinavam ao Sul. O ouro e o campo foram os que constituíram os nossos primeiros arraiais."

E se maior notoriedade não alcançou Curitiba como paisagem agropecuária não culposos nem a extensão nem a fertilidade dádiosos dos seus campos, mas somente o nomadismo latente na veia de seus primeiros filhos. D. Luiz, em 1770, ainda achava essa genic muito irrequieta, aventureira e incansável, sempre "propensa a desertar para o lado dos castelhanos por ser muito parecida com estes". Romário descreve muito bem o curitibano dos últimos séculos como sendo "meio índio, meio castelhano, com o anejo pensamento sempre voltado para os horizontes num constante impulso de aventuras". E explica o mesmo historiador — (Quanto somos e quem somos) — o exótico costumeiro dos nossos colonos: "Nas guerras do sul, platinas e rio-grandenses — (1816-1842) — o concurso do curitibano foi tão grande, que resultou para a consolidação da povoação da comarca uma profunda crise econômica e social. A fama dos guerrilheiros de Curitiba, de tal maneira e com tais excessos o aliciou para as campanhas do oeste e do sul, que o povoamento dos homens válidos da população preexistente da comarca jamais foi preenchido, nos campos da Vila, com elementos de igual valia... Com tudo isso se despoou de tal maneira nossa população roceira e criadora, que na segunda década do século XIX, o trabalho rural era feito quase exclusivamente por mulheres, sob o estímulo do Capitão-mor Lourenço de Andrade".

O viajante e naturalista Saint Hilaire, que percorreu o Paraná em 1820, ainda constata a vocação agrícola de Curitiba, já situada como centro exportador de mercadorias. Diz ele — (Viagens na Comarca de Curitiba em 1920) — que "quanto aos vegetais: cultivados em grande, são os mesmos dos Campos Gerais, como milho, arroz, trigo, feijão, tabaco... A maior parte dos curitibanos são agricultores e tanto se aplicam às terras quanto à criação de gado, porque podem vender os seus produtos em Paranaçu, que pastagens".

Assim, portanto, no transcurso de um século, o bandeirante que vai ao encaço de metais dourados no acive do planalto esquece depressa a sua sulca de vieiros novos a gleba verdejante, semeia e colhe enfim o ouro dos trigais.

A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA

Se ao começo do século XVI foi o grande sertão paranaense penetrado e estabelecimento das "missões jesuítas", ao final desse século dá-se a entrada do método pelos padres espanhóis da Companhia de Jesus. Há o reconhe-



O Norte do Paraná não é somente a moderna "Catelândia" brasileira. O trigo é também ali cultivado em grande quantidade.

mento e a posse da região de Guaíra, de direito e de fato colocada sob a jurisdição do Governo do Paraguai e da sua Província Eclesiástica, segundo as cláusulas de Tordesilhas.

Assim se constituíram, em insondável *binterlândia* araucariana, as primeiras "reduções indígenas", ao sul do Paranapanema, nas confluências dos rios Paraná e Ivaí. Fórmula pensada e proposta pelo Governador do Paraguai, Hernando Arias Saavedra, eram as "reduções" uma modalidade de aldeamento colonial destinado à educação e assimilação dos nativos, em termos pacíficos e proveitosos, de lado a lado. Recebiam os selvagens, pela catequese paciente, pela pregação constante da palavra de Deus, o sentimento moral e a instrução religiosa. Recebiam por sua vez a Igreja e o Governo paraguai, pela civilização. Recebiam do genio, o aproveitamento coordenado do seu trabalho. O nomadismo improdutivo das tribos foi sendo substituído por um sedentarismo útil. Deu-se ao índio, em complemento à educação religiosa, uma instrução básica das técnicas agrícolas e industriais, como as praticavam na época as populações europeias.

Muitas foram as "reduções" que, ao Norte e Oeste povoaram o sertão paranaense, fundadas pelos padres da Companhia de Jesus. O Barão do Rio Branco, em suas memórias históricas que esclareceram a questão linceira do Brasil, a propósito do território das "Missões" — (Questão de Limites entre o Brasil e a República Argentina) —, cita-as em número de 13, sendo todas criadas entre os anos de 1610 e 1628. A mais antiga foi a "redução" de Loreto — (1610) —, localizada à direita da foz do rio Pirapó. Marginando o rio Tibagi contavam-se a de São Francisco Xavier, de São José, de Anunciação e de São Miguel. No curso do Ivaí, a de Santo Antônio, de São Paulo e de Jesus-Maria. Sobre a margem direita do Iguaçu, a de Santa Maria. Ladeando o rio dos Fachinias, afluente do Ivaí, estavam Los Angeles e São Tomé. A "redução" de São Pedro sedia-se à direita do Paranapanema e o seu afluente Santo Antônio marcava, à esquerda, a posição de Santo Inácio.

Não há dúvida, pois, que a banda castelhana promoveu um povoamento anterior, mais metódico e eficiente do que aquele que os portugueses tiveram oportunidade de idealizar e realizar, de início, na orla atlântica. Paranaçu, que é o primeiro núcleo de população lusitana fixada no Estado, data de 1648, isto é, teve origem quarenta anos após os missionários da Companhia de Jesus haverem penetrado a mata, subido os rios e cavado os alicerces dos 13 redutos de fé católica e civilizadora, fazendo brotar do seio virginal da natureza as florações coloniais indo-cristãs. Já possuíam também os espanhóis do Ocidente as pedras fundamentais da sua "Ciudad Real" desde 1557, ano em que a constrói Ruy Dias de Melgarejo com mais 100 compatriotas, por ordem do Governador do Rio da Prata, D. Domingos Martinez de Irala.

O sistema colonial adotado a princípio nas terras ameríndias e recém-dominadas era dos mais curiosos e interessantes: as "encomiendas", que no vernáculo denominamos "comenda", têm o sentido de quinão de terras com o qual, oficialmente, era costume antigo recompensar serviços prestados à Corte. As "encomiendas" espanholas na América eram um simile de feudalismo acomodado às novas condições demo-culturais da região.

Dá-nos Resende Silva — (A Fronteira do Sul, 1922) — uma síntese completa e perfeita desse sistema, descrevendo-o: — "Chamavam-se *encomiendas* a repartição, entre os conquistadores, das terras e dos índios que as habitavam. Segundo esse regime os índios tinham que cultivar a terra em proveito dos espanhóis, obrigando-se seus donos a ensinar-lhes a reli-

gião cristã, civilizá-los e tratá-los paternalmente. Bem depressa, porém, a condição do índio transformou-se em verdadeiro cativeiro. Havia duas classes de "encomiendas" — a *mita* e a *yanacona*. Os índios sujeitos ao tributo da "mita" prestavam serviços temporariamente a seus donos — (dois meses no ano) —, ficando livres o resto do tempo. As mulheres, crianças, velhos e os caciques ficavam isentos desse encargo. Chamavam-se *mitayos* os índios sujeitos ao tributo da *mita*. Os índios sujeitos ao tributo da *yanacona* eram empregados, segundo o critério discricionário dos respectivos donos que, entretanto, não os podiam despedir sob pretexto de que eram maus, inúteis ou doentes. Batavam, pelo contrário, na obrigação de vestí-los, alimentá-los, cuidá-los em suas enfermidades e instruí-los em alguma arte ou ofício."

Também Romário Martins — (Quantos somos e quem somos, 1941) — descreve o sistema colonial dos *yanaconas* e *mitayos*: "Com o objetivo de interessar os colonos espanhóis no povoamento de Guairá, Irala, em 1557, instituiu as "encomiendas" — (comendas) —, espécie de baronato feudal com duas classes: — *yanaconas* e *mitayas*, ambas escravizadoras de indígenas para os investidores brancos. Quando uma tribo se defendia da escravidão e era submetida pelas armas ou capitulava, era obrigada a viver em colônias e a trabalhar para os vencedores durante dois meses ao ano. Era regime da *mitaya*. Nas expedições organizadas contra os índios, das quais resultava uma melhor exploração do país e uma expressão positiva de domínio, os índios aprisionados eram sujeitos à classe das *yanaconas* e a sua escravidão era absoluta. Em ambos os casos se fundava um *pueblo* sob os auspícios do Governo espanhol de Assunção."

E, assim, com essa forma de feudalismo meio europeu e meio índio, começa em território do Paraná, nos primeiros dias do seu povoamento, o labor colonial que irá mais tarde enriquecer e orgulhar o Estado do futuro.

ORIGEM DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Ao pioneirismo hispânico e pacífico dos Jesuítas sucedeu o bandeirantismo paulista e violento de Raposo Tavares e Manoel Preto. Violento, mas heróico. Brutal e impio sob a visão de um ângulo, mas sem dúvida corajoso, épico, construtivo sob a interpretação de outros prismas sentimentais. O estuário do sangue de uma raça nascente, o sonho e a ambição de uma nacionalidade nova e indomável jamais poderiam aceitar como fator consumado o estreito limite de Tordesilhas, uma linha imposta ao acaso, antes mesmo de ser a terra viva e pisada pelos aventureiros marujos tejanos. As Bandeiras paulistas foram demolidoras ingratas das colonizações indo-espanholas nos campos de Pajuré, mas foram também os compassos desenhadores de um Brasil maior, cujas fronteiras se espriam hoje até as faldas andinas, em lugar de se confinarem ao sopo da Serra do Mar, na beirada arenosa das águas oceânicas. O fluxo bandeirante devia ainda prosseguir no futuro com paulistas e paranaenses, reunindo a gente de São Paulo, Cananéia, Iguape, Paranaçu, São José dos Pinhais e Curitiba. Vai essa gente reconhecer, conquistar, explorar, possuir e povoar o sertão do Tibagi e o altiplano dos Campos Gerais. Kasga no seu impulso, não mais esmorecido, os primeiros caminhos que se pontilham de estações, vilarejos, povoados. Pelo roteiro das tropas que se estendia de Sorocaba a Viama, passando pelos campos de Vacaria, no Rio Grande do Sul, Curitiba teve a primeira ligação terrestre com São Paulo. E os lugares de pouso, as invernações de gado, as paragens necessárias de descanso para homens e animais em trânsito, vão se transformar em algumas das mais prósperas colmeias urbanas do Estado: Jaguariava, Pirai, Castro, Ponta Grossa, Campo Largo, Palmeira. Com o litoral, através de ásperos picados vencendo a serra, já se ligava Curitiba a Paranaçu ou Antonina, criando os estacionamentos de Morretes e Pôrto de Cima. O Norte e Oeste do Estado foram menos privilegiados nas vias de acesso da época, salvo o aproveitamento dos rios em trechos não obstruídos pelos saltos e corredeiras. Diogo Pinto de Azevedo Portugal abre a estrada para Guarapuava e cumpre o Alvará de 1809 que determina a sua conquista. Até a metade do século passado a Colônia Militar de Jataí era considerada como a povoação mais adiantada da hoje riquíssima e trepidante Zona do Norte. Deve-se a fundação dessa colônia ao Barão de Antonina,



As casas de madeira construídas pelos imigrantes alemães de Entre Rios são confortáveis, higiênicas e de belo aspecto.

que projetou o rasgamento de uma picada até a sua localização, às margens do Tibagi. Tinha o intuito de favorecer e facilitar assim o transporte de tropas para o Estado de Mato Grosso, conjugando a via terrestre com o trânsito fluvial do Tibagi, Paranapanema, Ivinheima e Brilhante.

A histórica picada e a sede escolhida para a antiga Colônia Militar favoreceram, de imediato, o surgimento de outros aldeamentos regionais, entre estes o de São Paulo de Alcântara e de São Jerônimo. Melitamente o Barão de Antonina havia previsto a descoberta do Norte e dos seus recursos econômicos, quando em 1840 ordenou a busca e reconhecimento dos lendários campos de Paqueté, o paraíso perdido dos selvícolas. Longinquamente, na distância do tempo, adivinhou o contorno e a riqueza de um novo Paraná, quando fundou pelo Decreto n.º 751, de 21 de janeiro de 1851, a modesta Colônia Militar de Jataí, instalada afinal em 1855. Um marco centenário na rota do futuro, um sonho de estadista a que a própria terra soube corresponder, e que soube realizar.

ORIGEM DOS NÚCLEOS IMIGRATÓRIOS ESTRANGEIROS

A política colonial da monarquia portuguesa em relação ao Brasil foi sempre a de não permitir que a sua possessão na América corresse o risco de quebrar a unidade étnica, provocando depois a fragmentação política. Por vezes alarmava-se Portugal com o êxodo de seus súditos para o Novo Mundo. Em 1732 o Conselho Ultramarino chegou a dirigir ao Rei uma advertência fundamentada: — "Por êste modo se despovoa o Reino, e em ventidões anos virá a ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo Reino."

A êsse propósito, em trabalho anterior — (Diretrizes da polícia imigratória brasileira, 1943) — já tivemos ocasião de observar: "Até a conquista da nossa Independência política, o colono português, o negro e o

O abano do café constitui uma das operações iniciais do seu beneficiamento, e é efetuado ainda no próprio cafezal.



categoria de freguesia em 1833, vila em 1870 e cidade em 1896. Outros grupos alemães, entre os anos de 1855 e 1866, transmigraram de Santa Catarina para os arredores de Curitiba recentemente categorizada como Capital (1853) da nova Província do Paraná. Somando 50 famílias, localizaram-se os alemães no rio da cidade, constituindo, com suas chácaras de 1 alqueire, em média, um "cinturão verde" capacitado de abastecer a sua população com leite e produtos agrícolas diversos. Fundaram ainda os imigrantes alemães núcleos coloniais em Assunção — (1860) —, Morretes — (Colônia América, 1871 —, Ivaí, Taió, Irati, Vera Guarani — (1910) —, Cruz Machado — (1911) —. O núcleo mais recente é o de Entre Rios, que se originou em 1951.

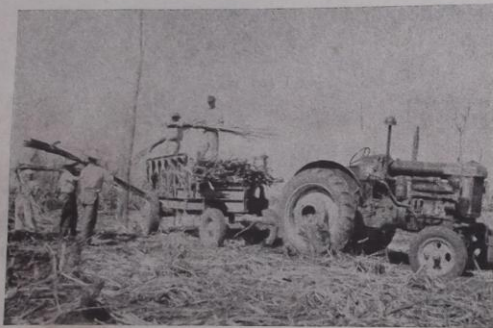
Os núcleos poloneses e ucranianos cronologicamente aparecem tarde — (1871) —, mas são importantes pelo vulto numérico de seus representantes. Calcula-se o total de 48.131 poloneses e o de 19.272 ucranianos ingressados no período de 1871 a 1934. Criaram no Paraná as seguintes colonizações: — Pilarzinho — (1871) —, Abranches — (1873) —, Santa Cândida — (1875) —, Santo Inácio, D. Augusto, D. Pedro, Tomás Coelho, Lamenha, Murici, Zacarias, Moema — (1876) —, Santa Clara, Santa Leopoldina — (1884) —, Alice, Cristina, Antônio Prado, Santa Gabriela em 1886. Muitas outras colônias foram fundadas posteriormente, entre as quais sobressaem, pela importância, Antônio Olinto — (Lapa, 1895) —, Prudentópolis — (Guarapuava, 1896) — e Santos Andrade — (São José dos Pinhais) — também em 1896.

Os núcleos italianos não são dos mais antigos, mas de maior evidência quantitativa e qualitativa. O geógrafo italiano Domènico Bartolotti — (Il Brasile Meridionale, Roma, 1930) — escreve a propósito: "A primeira colônia italiana foi constituída com cinquenta famílias embarcadas no veleiro "Anna Prizzorno", em fevereiro de 1875. Localizou-se perto da costa, na proximidade de Paranaguá, dando ao lugar o nome de Alexandra. Em 1877 chegaram novos lavradores italianos, que se estabeleceram em torno de Morretes, achando uma colonização já iniciada."

Romário Martins — (Quantos somos e quem somos, — 1941) — faz retroceder de um ano a chegada dos imigrantes italianos. De fato, em 1874 o primeiro grupo localiza-se no Assunção, o segundo em Alexandra — (Paranaguá, 1875) — o terceiro — (1876) — ainda em Alexandra e o quarto — (1877) — em Nova Itália, Morretes. Em 1878 novas levadas imigradas dirigiram-se para Alfredo Chaves — (Colombo) —, Santa Felicidade, Água Verde, Novo Tirol — (Piraquara) —, Argelina, etc.



A sombra dos pinheiros já gerado do futuro já pode colôr o migo do presente.



Nas terras baixas do setentrão, impróprias para a cultura do café, o colono planta a cana-de-açúcar.

índio quiseram reservar-se a tarefa de criar, a sós, com tenacidade incomparável e justificado orgulho, o maior Império da faixa tropical do mundo. Só com D. João VI, quando o Brasil se torna Reino Unido a Portugal, pelo refúgio forçado da corte na capital brasileira, é que toda nossa política imigratória modifica-se profundamente. De uma xenofobia secular e intransigente, passamos então a uma xenofilia exagerada e imprudente". Em 1818 pensou D. João VI fazer colonizar o País pelo elemento estrangeiro. Contrata com Nicolau Gacher a vinda de 2.000 imigrantes suíços e alemães, mais 2.000 napolitanos. Os novos colonos, segundo Roberto Simonsen — (História Econômica do Brasil) — fracassaram. O núcleo inicial de Nova Friburgo não sobreviveu senão como estação climática, na saudável região serrana do Estado do Rio. Dessa fase de imigração devesada o solicitada — (1818) — passou o Brasil a outra fase de imigração livre — (1885) — e afinal a atual fase de imigração controlada, desde 1934.

Não comporta o presente ensaio sobre os sistemas coloniais paranaenses qualquer digressão mais alongada versando os problemas de seleção e assimilação das grandes massas imigratórias que, há mais de um século, vêm transformando as fronteiras estaduais em interessante e complexo "melting-pot" de cruzamentos e mestiçagens raciais. Preferimos fixar o nosso objetivo no sentido da pura e simples determinação das origens históricas e das atuais posições geográficas que cada grupo étnico, preferencial e preponderantemente, marcou dentro do Paraná.

Os núcleos alemães foram os mais antigos do Estado, pois datam de 1829. Os primeiros imigrantes tiveram sua localização inicial na Capela da Mata, à margem do Rio Negro, um estacionamento de tropeiros no "Caminho do Sul", isto é, na rota de São Paulo à Vacaria. Constituíam o grupo alemão 5 famílias pioneiras, num total de 25 pessoas, cuja passagem em Morretes foi assinalada pelo historiador Vieira dos Santos, nas suas "Memórias da Povoação de Pôrto de Cima". Mas na mesma obra dá notícia o cronista de que, antecedendo os imigrantes germânicos, isto é, em 1816, 50 casais de açorianos já se haviam ali sediado. Rio Negro foi elevado à



Um grupo de imigrantes alemãs da Cooperativa de Entre Rios dedica-se a trabalhos domésticos.



Nos vales e nas grandes baixadas do setentrão, a pecuária é também praticada em grande escala.

Os pequenos grupos étnicos, na ordem cronológica de ingresso no Paraná, são representados pelas seguintes nacionalidades: — Os franceses datam de 1847, tendo fundado a Colônia Teresa, com 87 agricultores. Criaram também — (1876) — a Colônia Orleans e Nossa Senhora do Pôrto. Os suíços são de 1852, sediados em Superagui. A seguir, entre os mais numerosos, vêm os grupos de austríacos — (1865) —, ingleses — (1869) —, suecos — (1871) —, holandeses — (1872) —, islandeses — (1873) —, espanhóis — (1875) —, noruegueses — (1876) —, russos (1878), sírios, libaneses — (1889) —, paraguaios, argentinos, húngaros, lituanos, egípcios, japoneses — (1920) —, búlgaros, rumaicos — (1926) — e os gregos, 1928.

Quantitativamente, no primeiro Recenseamento da Província do Paraná, em 1866, verificou-se a existência de uma população total de 99.087 habitantes, dos quais 4.909 estrangeiros, sendo estes alemães, franceses e suíços. Pelo Recenseamento geral de 1940, pois o de 1950 não foi ainda divulgado com mais amplas especificações, verifica-se que a população estrangeira no Paraná apresentava a soma de 56.816 pessoas, que poderia ser discriminada pelas parcelas de 30.540 homens e 26.276 mulheres. De acordo com o mesmo Recenseamento a população total do Estado atingia a 1.238.276, sendo 633.431 homens e 602.845 mulheres. Mas a esse contingente estrangeiro, para melhor interpretação estatística, seria necessário acrescentar ainda os elementos já naturalizados brasileiros, que representavam um total de 9.837 pessoas ou, mais precisamente, 6.164 homens e 3.673 mulheres.

É verdade que os números absolutos da população estrangeira no Paraná, e com maior razão os que indicam a aquisição da nacionalidade brasileira, estão longe de corresponder ao total de imigrantes radicados em núcleos coloniais e tendo como profissão específica a agricultura. Demonstram, contudo, tais números, a preferência da área geográfica do Paraná como zona de atração para as correntes imigratórias originárias de diversos países europeus e também asiáticos.

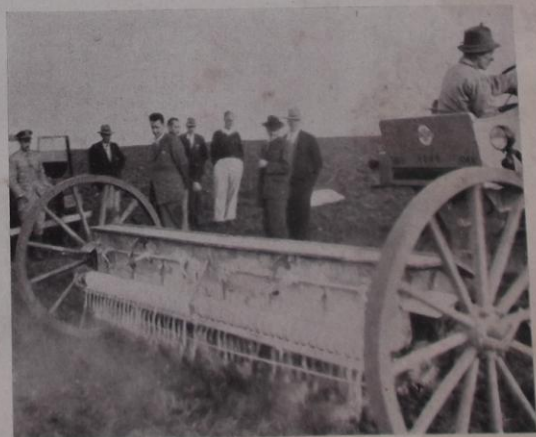
O afluxo imigratório no Paraná em 1940 mantinha a fraca preponderância dos alemães, com 6.509 homens e 5.834 mulheres. A seguir prosseguem na série em escala decrescente: poloneses 5.926 h. e 5.987 m., japoneses 4.242 h. e 3.465 m., italianos 3.682 h. e 3.094 m., russos 2.136 h. e 2.333 m., espanhóis 1.777 homens e 1.413 mulheres.

Uma das zonas preferenciais de núcleos imigratórios estrangeiros é a "cafelândia", ao Norte, onde, segundo dados estatísticos da venda de lote pela Companhia Melhoramentos — (antiga Cia. Norte do Paraná) — 52,8% dos compradores são brasileiros e 47,2% são estrangeiros. Entre estes as porcentagens são as seguintes: — italianos, 9,8%, japoneses 7,9%, alemães 6,9%, espanhóis 6,3%, portugueses 4,2%, etc., atingindo um total de 33 nacionalidades diversas.

ESPERANÇAS E DESENGANOS

O Paraná conhece o valor das suas terras e sabe aquilatar igualmente o valor de seus homens. Por isso não subestima nem superestima demais a contribuição do imigrante estrangeiro, na elaboração da sua vida econômica. São muitos os núcleos imigratórios estrangeiros que prosperaram dentro das suas fronteiras, mas alguns também fracassaram, sem razão e sem justificativa. Por isso o elemento nacional, na sua grandiosa obra de colonização, é considerado tão necessário e tão útil como os melhores elementos imigrados de outros climas e de outras nacionalidades. A raça, o suposto sangue nobre, as aparentes virtudes epidérmicas de certos grupos humanos não são fatores decisivos de vitória ou derrota antecipada. Os caracteres individuais de inteligência, trabalho e vontade, essas sim, são condições necessárias e iniludíveis. Mais importante do que a raça é o meio cultural de onde emergem os colonos. A educação, o preparo técnico, e a vocação agrícola do imigrante realizam maiores obras do que as suas credenciais puramente étnicas.

Entre as tentativas coloniais que no Paraná deixaram de progredir figura, em primeiro lugar, a que foi iniciada pelo núcleo italiano de Morretes. As condições originárias de instalação dos novos imigrantes eram favoráveis. Documenta-o o geógrafo italiano Doménico Bartolotti — (Il Brasile Meridionale) —, escrevendo: "Em Morretes, o terreno muito fértil era dividido em lotes de três alqueires, cerca de oito hectares, provido de habitação e lenha. O Governo mantinha os imigrantes por seis meses, fornecendo-lhe ainda sementes e instrumentos de trabalho. Apesar de todas as condições favoráveis, diversos colonos, apenas realizavam qualquer pecúlio, transferiam-se para o altiplano, fundando os primeiros núcleos em torno da Capital." Ora, evidentemente, o fracasso dessa colonização deve-se exclusivamente à ausência de vocação agrícola dos imigrantes italianos, pois sendo quase todos profissionais habilitados em muitas artes e ofícios menos áridos do que o labor da terra, sentiram logo a atração de Curitiba, onde realmente prosperaram, não mais como agricultores, mas como industriais e artifices. Individualmente, e no seu próprio interesse, os italianos venceram nas atividades industriais e comerciais a que se dedicaram, pois as suas realizações ainda perduram. Coletivamente, como núcleo colonial, devemos concordar em que não deixaram a marca da sua nacionalidade na paisagem morretense.



Não falta à Cooperativa Colonial de Entre Rios o maquinário destinado ao trabalho agrícola que ali se realiza.

ESTADO DE MAIOR CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

AS TERRAS MAIS FÉRTIL DO MUNDO

CLIMA MAIS PROPÍCIO PARA O EUROPEU

MAIOR POTENCIAL PRODUTIVO DO GLOBO

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 + REPUBLICA DEGLI STATI UNITI DEL BRASILE + REPUBLICHEIT DES ETATS UNIS DU BRÉSIL
 + REPUBLIC DER VEREINIGTEN STAATEN VON BRASILIEN

ESTADO DO PARANÁ
 STATO DEL PARANÁ + ETAT DU PARANÁ + STAAT PARANÁ

CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ
 CAMBIA DE EXPANSION ECONOMICA DEL PARANÁ
 CHAMBRE D'EXPANSION ECONOMIQUE DEL PARANÁ
 KAMMER FÜR WIRTSCHAFTLICHE ERWEITERUNG PARANÁ

PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DISTRIBUIÇÃO
 DOS NÚCLEOS IMIGRATORIOS

PRODUZIONE AGRICOLA E DISTRIBUZIONE
 DEI NUCLEI IMMIGRATORI

PRODUCTION AGRICOLE ET DISTRIBUTION
 DE NOYEAUX D'IMMIGRATION

LANDWIRTSCHAFTLICHE ERZEUGNISSE
 VERTEILUNG DER ERWARTEN WARTZLEGEN

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

LEGENDA

O território paranaense está hoje pontilhado de núcleos coloniais estrangeiros, conforme demonstra o cartograma organizado pela Câmara de Expansão Econômica.

Maior desilusão, porém, estava reservada para a colonização italiana de Alexandra. Relata Romário Martins: — "Os primeiros colonos, todos vênets, conduzidos para uma zona intensamente florestada, viram desde logo a dificuldade que lhes opunha a pujança da mata tropical e se recusaram ficar na localidade que lhes era destinada, espalhando-se por terras que lhes pareceram mais propícias à atividade agrícola, nos municípios próximos de Morretes e Paranaguá." Verdade é que nem toda a culpa do insucesso cabe aos imigrantes. Imprevidente foi o Governo da Província em fazer de Sabino Tripodi um concessionário geral da colonização de Alexandra. Imprevidente foi também Tripodi em assumir encargos que estavam fora das suas possibilidades financeiras e da sua capacidade colonizadora. Diz Romário: — "Tripodi era homem capaz de grandes empreendimentos e o seu fracasso proveio dos seus poucos recursos e da chegada simultânea de grandes levas de imigrantes, para os quais falhou sempre o antecedente preparo de lotes e de moradas."

Balancedas, pesadas e medidas todas as causas que concorreram para a dispersão dos colonos vênets, o certo é ter ficado do Presidente Rodrigo Otávio de Menezes a confissão de um desenganço, expandido em seu Relatório de 1875: "Seu fundador — (Sabino Tripodi, da colônia Alexandra) — impôs-se a uma inglória tarefa, e o governo, por seu lado, em boa-fé envolveu nessa empresa alguns capitais que tarde ou nunca verá compensados."

Os russos também decepcionaram algumas vezes como colonos. Conta a respeito Romário: "A colonização de numerosos imigrantes russos no Paraná, em 1878, resultou num fragoroso desastre. Procediam da região do Volga e descendiam de alemães. Acampados na Palmeira, foram gastas elevadas quantias com a sua manutenção. Desesperaram ante a "má qualidade das terras", realmente muito inferiores às terras negras do Volga, propícias aos cereais. Colonos poloneses, entretanto, depois localizados nessas terras, aí progrediram."

A propósito dessa colonização ainda o Visconde de Taunay — (Paisanos Brasileiros) — comenta: — "A muito custo foram localizadas, depois de enormes despesas de alimentação, 928 famílias das quais só ficaram 235, ou pouco mais de 800 pessoas. Houve necessidade de sustentar a custa do

tesouro público milhares de bôcas inútilmente por dois meses inteiros e fretarem-se afinal vapores para levar toda essa gente a Hamburgo."

Também os poloneses, provindos de um território dominado por governos estrangeiros, portanto um meio social deficiente, nem sempre foram considerados de boa produtividade colonial. O próprio Presidente Rodrigo Otávio de Menezes dá testemunhas desse fato em seu Relatório de 1879: "Analfabetos e vítimas seculares do mais duro despotismo que se pode imaginar, urge, por meio de escolas bem dirigidas, chamar ao gremio de nossa civilização os filhos desses colonos. Sem esse esforço a colonização polaca mentirá ao seu fim."

Por sua vez os alemães nem sempre foram elementos vitoriosos em seus nucleamentos agrícolas. Romário Martins — (Quantos somos e quem somos) — discorre sobre esse assunto: — "Em Guaracatuba foram sem sucesso fundadas duas colônias de alemães procedentes do Rio Grande do



O núcleo colonial alemão de Entre Rios adota um sistema cooperativista de produção. Enquanto os arados cortam a terra, as casas de madeira vão sendo erguidas, dentro de alinhamentos planejados.



Seis meses após a chegada dos colonos alemães a Entre Rios, já ba-
louçavam ao sol e ao vento as loiras e fartas espigas dos trigos.

Sul — a de Serra Negra e de Afonso Camargo — e em Guaratuba a colônia Limeira também iniciada por alemães e também sem progresso, em ambos os casos devido à grande distância do mercado consumidor.

Contudo, a absoluta ausência de uma política imigratória consentânea com os nossos interesses nacionais e regionais revela-se no consentimento dado, em 1891, a um grupo de imigrantes italianos para que fundasse uma "Colônia Socialista", isto é, um campo experimental de ideologias políticas e econômicas absolutamente sem raízes no País. Da notícia, a esse respeito, Romário Martins: "Em 1891 um grupo de imigrantes italianos, socialistas avançados, guiado pelo Dr. João Rossi, obteve do Governo a mesma ajuda que era dada aos demais imigrantes e autorização para constituir uma colônia de acórdio com suas idéias, para fins práticos de demonstração. Foi-lhes concedida uma parte da colônia Santa Bárbara, a 3 léguas de Palmeira, onde estabeleceram a colônia Cecília, com ampla liberdade de organização. A experiência falhou completamente a despeito do entusiasmo dos seus propulsores."

O PARANÁ DESCOBRE O NORTE

Os tipos clássicos de imigração e de colonização, quando motivados por fatores econômicos imediatos, sempre foram os realizados por iniciativa individual ou familiar. Excepcionalmente os pequenos grupos, com afinidades raciais, religiosas ou linguísticas têm buscado nas migrações uma solução para a pressão demográfica das suas regiões de origem. Tais fenômenos imigratórios, evidentemente, alicerçaram-se no fator *trabalho*. Agricultores, artífices, obreiros especializados em atividades diversas julgam encontrar em novas paisagens inexploradas a ventura de melhores dias e de maiores possibilidades de vitória. Daí o vulto das imigrações humanas em demanda de trabalho, contando sempre com a boa aplicação do *trabalho pessoal* em novas fontes produtivas de riqueza.

No Paraná, entretanto, verificou-se um plano de imigração e colonização certamente original, fugindo aos modelos costumeiros, aos padrões normais. Trata-se da iniciativa de *capitalistas que migraram* em busca de aplicações de sentido eminentemente coloniais.

O exemplo da colonização idealizada e realizada pela "Companhia de Terras Norte do Paraná", em 1925, encontra-se neste caso: foi um amplo investimento de *capitalistas em demanda de trabalho agrícola* para a valorização de uma "zona pioneira", compreensiva de terras fertilíssimas, mas perdidas na imensidão das florestas e desligadas de qualquer contato com os centros de civilização. Nada menos de 515.000 alqueires de solo ubérrimo, com latente e imensurável força produtiva, situados no planalto confinado pelos rios Paranapanema, Ivaí e Tibagi foram despertadas em sua riqueza dormente para integrar-se, definitivamente, no concreto da economia do Estado. Um breve histórico da região e dos propósitos da Companhia colonizadora elucidará melhor o assunto:

Em 1924, a convite do Governo Federal, esteve no Brasil a "Missão Montagu", composta de técnicos e economistas ingleses, com a finalidade de estudar nossas possibilidades financeiras e forças produtivas. Nessa missão sobressaiu o nome de Lord Lovat, especializado em assuntos agrários e florestais, organizador das grandes obras coloniais do Sudoeste, na África.

Em visita ao soterriário paranaense, ainda verde e bravo, os olhos do hábil empreendedor inglês defrontaram-se com um maravilhoso "El Dorado" jazente na mata luxuriante e inexplorada. Era a região, geologicamente considerada, um prolongamento da zona de arenitos de Botucatu, constituído por solo de extraordinária fertilidade em virtude da decomposição dos diabases de terra roxa. Atestavam a pujança da natureza local a altivez dos cedros e perobas, dos paus-d'álho e das figueiras brancas que se agigantavam na paisagem virgem e abandonada.

As condições topográficas eram as mais favoráveis para o preparo rápido de um vasto e simples esquema colonial. Os afluentes do rio Paranapanema, na zona intermédia entre os rios Tibagi e Pirapó, cortam ondulações suaves e que se vão alteando lentamente para oeste. De Santa Mariana, a 460 metros de elevação sobre o nível do mar prossegue o planalto marcando a altitude de 680 m para Cornélio Procópio, 765 m para Rolândia, e 810 m para Arapongas.

O clima deixava transparecer as suas excelências termométricas e pluviométricas sobretudo para converter a quadro agreste e rudo numa floresta artificial de cafeeiros novos e frutíferos. A média anual das precipitações pluviométricas calculava-se em 1.520 mm, com um breve período de estiagem entre os meses de abril a agosto. Apenas as geadas, especialmente nas baixadas, poderiam constituir uma ameaça latente ao vigor dos cafezais e ao esplendor de suas colheitas. Mas a própria região cafeeira de São Paulo não estava isenta dessas ameaças meteorológicas.

Para a conquista da terra pelo homem, para a vitória plena do mais extenso plano colonial tentado no Brasil, e talvez no mundo, só restava a regressão das distâncias entre o sertão ínvio e o centro urbano mais próximo, isto é, a conquista de uma saída para as rotas da civilização. O executor de um programa colonial de tal envergadura deveria forçosamente completá-lo com outro de igual porte: dar vias de acesso ao horizonte perdido, levar os trilhos do progresso até a boca dos altiplanos selvagens. Foi o que pensou e gizou a experiência sábia de Lord Lovat. A "Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná" completou o sonho de arrotear uma nova Canaã.

A REGRESSÃO DAS DISTÂNCIAS

O Brasil já conheceu um exemplo de fracasso em sua política colonizadora determinado pela carência de comunicações rápidas e baratas: o núcleo imigratório de Nova Friburgo, zona serrana do Estado do Rio, constituído de suíços e alemães aportados ao Brasil no reinado de D. João VI, ou mais precisamente, em 1818, deixou de prosperar pelo difícil acesso naquela época ao então distrito de Cantagalo.

Ora, a vastíssima gleba que os capitais ingleses da Cia. de Terras Norte do Paraná se propunham a debastar e colonizar localizava-se a quase 200 km da mais próxima estrada de ferro. A vitória do homem sobre a terra dependia, pois, inicialmente, da construção de caminhos, dos elementos essenciais de ligação com as cidades e os centros escaudores da riqueza a extrair. De forma inteligente e decidida, a "Paraná Plantation Ltda.", de Londres, que era a maior acionista e financiadora da "Cia. Norte do Paraná" pronunciou-se a adquirir também as ações da "Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná", que ligava, através de seus 20 km de percurso, a cidade de Ourinhos ao então povoado de Alambari, hoje cidade de Cambará.

Essa ferrovia construída pela visão e o esforço conjugado de fazendeiros da região — Barbosa Ferraz, Davids, Ribeiro dos Santos e outros pioneiros — foi depois prolongada pela sociedade inglesa até as barrancas do rio Tibagi, que atingiu em 1932. Transpondo o obstáculo do grande rio, avançou para Londrina e depois para Apucarana, seu ponto terminal desde 1943.

Valorizando, com a nova estrada, o seu próprio latifúndio, é certo que a Cia. de Terras Norte do Paraná valorizou simultaneamente uma ampla e rica zona intermédia, de Londrina a Cambará, que corresponde a um percurso de 180 km sobre alheias propriedades agrícolas.

Mas uma estrada de ferro, à semelhança de caudaloso rio, não pode manter o volume de seu tráfego sem o auxílio de rodovias e outros caminhos tributários. Daí a razão de haver a "Comp. Ferroviária São Paulo-Paraná", com a sua extensão de curso, determinado a proliferação de estradas de rodagens, que hoje rasgam o Norte paranaense em múltiplos sentidos. Dessas modernas rodovias, milhares de quilômetros foram construídos pela própria Companhia colonizadora, outros milhares por iniciativa e administração do Governo do Estado.

O Norte do Paraná integrou-se definitivamente na economia do Estado e da Nação, sobretudo com o ouro verde de seus cafezais, cujas colheitas miraculosamente pródigas encontram escoadouros fáceis e normais através de suas redes de comunicação. Com muito acéto escreveu Pierre Monbeig de que os geógrafos costumam dar a definição de estrada como sendo "o sinal concreto das relações entre dois agrupamentos humanos, relações essas que são de toda a espécie, tanto materiais como espirituais".

A regressão das distâncias é hoje o fator máximo do progresso material de uma paisagem geográfica e da evolução cultural dos seus habitantes. O Norte do Paraná foi descoberto ao fim do primeiro quartel do século em que vivemos. Antes de findar o segundo quartel já era um grande centro de cultura e civilização. Um milagre de Deus e uma contribuição da nova estrada.

COLONIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Ao início do século, como nos relata Alberto Torres — (A Organização Nacional) —, o lema político de maior efeito e evidência era sintetizado pela expressão: "governar é povoar". Trinta anos depois lançava o Presidente Washington Luiz um novo lema: "governar é abrir estradas". Os dois postulados administrativos são verídicos, mas correlatos, indissolúveis, simultâneos. A colonização exige a comunicação imediata. O povoamento do solo nada significa sem o transporte, a extensão dos meios de intercâmbio fáceis e rápidos. Daí o programa governamental do Paraná, neste momento histórico, multiplicando as vias de acesso a todos os setores regionais, onde núcleos imigratórios recentes ou antigos sediarão as suas atividades agrícolas e industriais.

O Norte do Paraná deu o exato sentido dessa necessidade urgente. Com a sua economia cafeeira ritmada em progresso vertiginosa, com a variedade e o vulto de seus produtos anclares — especialmente o algodão, o milho, o feijão e o arroz — não poderia esse fertilíssimo Norte permanecer num insulamento depressivo e sufocante. Precisava abrir as suas portezas de avaliação comercial para o Brasil e para o mundo. Vê-se, pois, aqui, o alcance econômico e administrativo do "Plano Quinquenal Centenário do Paraná".

que o Departamento de Estradas de Rodagem traçou e ora executa. Beneficiária uma lei sancionada pelo Governador Bento Munhoz da Rocha Neto concede 15% do orçamento do Estado do Paraná, durante 4 anos, como recurso financeiro ao D. E. R. para concretizar o seu plano rodoviário. Para se aquilatar do montante da verba de 15% destinada à função de abrir estradas basta considerar que ela representa uma parcela financeira superior ao orçamento total de 15 Estados brasileiros.

Comporta o "Plano Rodoviário" paranaense objetivado pelo D. E. R. a construção de 11.068 km de rodovias, das quais cerca de 3.500 km já foram concluídos. A rede de linhas-troncos abrange 7 grandes rodovias, num total de 4.000 km, dirigidas para o litoral, visando a ligação com os portos de Paranaguá e Antonina. A espinha dorsal do sistema é a rodovia "Transversal do Paraná", que unirá Paranaguá a Foz do Iguaçu, isto é, as extremidades Leste e Oeste do território paranaense, numa extensão de 859 km, rodovia esta que faz parte do "Plano Rodoviário Nacional".

A lição recebida da iniciativa particular no Norte do Estado foi proveitosa. A Cia. de Terras Circundares, em 20 anos, toda a margem de sua ferrovia com estradas de rodagem, estabelecendo uma rede de quase 3.000 km, com a aplicação de aproximadamente 3 milhões de cruzeiros. Mas o seu êxito colonial reside na conjugação inteligente e perfeita do binômio colonização-comunicação, pois todos os seus lotes rurais não distam mais do que 15 km de um centro urbano.

Já assinalava Pierre Monbeig em 1940 — (Geografia Humana do Brasil) — o acerto da planificação e localização equidistante das jovens cidades setentrionais, dizendo: "No Paraná constatase, mais uma vez, o laço existente entre as vendas de terras e os transportes. Enfim, como a Cia. de Terras Norte do Paraná é a primeira detentora de enorme superfície, ela pode criar sua própria rede de estradas permanentes, de tal modo que nenhum colono esteja a mais de 3 km de qualquer estrada. Como sabe por onde passará a estrada de ferro, como dispõe de reservas financeiras que lhe permitem atrair e ver chegar não somente compradores do Brasil, mas também da Europa Central, ela não tem as preocupações nem os interesses dos proprietários de mata da "Alta Sorocabana e da Alta Paulista".

E prossegue o mesmo Monbeig em suas observações antropológicas: "Um golpe de vista ao mapa demonstra logo que todas as cidades previstas pela Cia. de colonização são servidas — e sabia-se de antemão que o seriam — pela estrada de rodagem e pela estrada de ferro. Distam todas umas das outras de 12 a 15 km, não por acaso, pois a distância foi calculada para que nenhum colono, habitando entre duas estações, tenha mais de meia hora de caminho a percorrer. Uma pequena distância a transportar para exportar seus produtos ou fazer as suas compras reduz os preços de custo. A proximidade da cidade significa menor isolamento, menor inquietude nos casos de moléstia — (o farmacêutico é um dos primeiros negociantes das cidades pioneiras) —, possibilitando distrações, tudo isso dá uma grande probabilidade de fixar o colono no solo."

Confirma assim o geógrafo francês, em sua apreciação sobre a zona pioneira do Norte, a íntima dependência entre a colonização e a comunicação, termos indissolúveis da mesma equação com que se propõe um governo a incentivar o progresso econômico de uma região. Não foi por acaso, pois, que o Norte do Paraná progrediu com espanto e vertigem. A sua rede de estradas construídas e projetadas deram-lhe o impulso previamente calculado. Não foi por simples acaso que os centros urbanos cresceram ali em distâncias marcadas pela regularidade das medidas: entre Londrina e Cambé — (antiga Nova Dantzig) — há 13 km de intervalo. Mais 12 km medeiam entre Cambé e Rolândia, mais 15 km para alcançar Arapongas, e assim sucessivamente. Não sem motivo, portanto, tomou a Cia. de Terras do Norte do Paraná — (hoje Cia. Melhoramentos) —, um lema inteligente e acertado: "propriedade subdividida e estrada na porta". Foi a razão para a sua vitória e é um exemplo para as planificações coloniais do nosso futuro.

PAISAGEM PIONEIRA

O geógrafo americano Isaiah Bowman — (Pioneer Fringe — publ. da Amer. Geographical Society) — como o geógrafo francês Pierre Defontaine — (Rev. Geografia n.º 3) — ou ainda Pierre Monbeig — (Geografia Humana do Brasil) — põem em relevo o interesse antropológico e sociológico que as "zonas pioneiras" vêm despertando nos meios científicos, como ricos mananciais de observações curiosas elucidativas do comportamento social e das reações humanas em frente à natureza bruta, indomada e agressiva. Em todas as partes do mundo, na Austrália, no Canadá, na Mandchúria existem os traços marcantes do homem disposto a arrotear e vencer a floresta, penetrá-la e conquistá-la.

No Brasil, todo o ocidente paulistano já foi ou ainda é uma faixa pioneira fazendo avançar, sem possibilidades de recuo, a maré montante da Javouira cafeeira, permutando a "selva selvagem" pela simétrica e ordenada floresta das rubiáceas em flor ou seu fruto.

No Paraná, o Norte é presentemente a sua larga e trepidante zona pioneira. A Companhia de Terras levou para o sertão os trilhos e os machados de uma obra colonizadora que serve de exemplo para as expedições bandeirantes do futuro. Com entusiasmo e riqueza de minúcias descrevem essas atividades desbravadoras da terra virgem e inóspita o geógrafo francês Monbeig e o brasileiro Benedito Barbosa Pupo — (A mais notável obra de colonização que o Brasil já viu — Rev. A Pioneira, 1915) —, que observa com rigoroso sentido da realidade: "Ao inventariarmos esses resultados — (da Cia. Norte do Paraná) —, temos a considerar imediatamente a transformação por que passou o sistema econômico do Paraná. Estado que tinha até então a sua base econômica na extração da erva-mate e da madeira, viu de um momento para outro essa base deslocar-se para um regime diverso, o da

cultura sistematizada do café. Assim, do antigo regime de economia de caçula, passou para o da economia de plantação, mais duradoura."

A rememoração das origens do povoamento no setentrionário paranaense envolve aspectos como método a ser perseguido para o futuro, tanto pela iniciativa particular, como pelo próprio empreendimento oficial nos domínios da colonização. De fato: em 1929 a Cia. de Terras Norte do Paraná — (que é hoje denominada Cia. Melhoramentos Norte do Paraná) — iniciou a venda de uma parcela do seu patrimônio, após dividi-la em lotes com área média de 16,60 alqueires. A zona venal da Companhia situou-se na região ocidental da nova cidade de Londrina, precisamente a 24 km a Oeste de Jarai, sobre o rio Taboati. As transações foram iniciadas antes da chegada do caminho de ferro, mas já estava preestabelecido o lema colonial de "propriedade subdividida e estrada na porta" cumprido com fidelidade: "propriedade subdividida e estrada na porta".

Previu a Companhia a alienação de 360.000 alqueires, o que realizou efetivamente a mais de vinte milhares de lavradores, favorecendo-os assim como pequenos proprietários. Ao seu lado, individualmente ou em empresas coletivas, comerciantes e industriais de São Paulo e do Paraná também chegaram para o local os seus capitais e as suas experiências no plantio e rearam para o local mais amplas fazendas de café ou de outros produtos agrícolas. O povoamento do Norte que ainda hoje prossegue em ritmo acelerado, abrindo novas zonas pioneiras, seguiu em Londrina, e depois rumo a Oeste, em Nova Dantzig — (hoje Cambé) —, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Mandaguari, Marialva e Maringá, um plano racional de urbanismo casado ao objetivo imediato de utilidade colonial. As sedes urbanas tiveram a função de centralizar um extenso círculo de propriedades, mas com as respectivas habitações de colonos geralmente dispersas.

Partindo da cidade para a periferia, do regime urbano para o rural, o povoamento estabilizou-se com a seguinte e curiosa progressão agrícola: nos subúrbios citadinos localizam-se as chácaras de 1 a 5 alqueires, a seguir surgem os sítios de 10 a 15 alqueires, vindo após a zona rural com as fazendas de maiores dimensões. A orla próxima, constituída de chácaras e sítios, destina-se a formar o "cinturão verde das cidades", que é hoje o título fundamental do urbanismo, mas que já possuía Curitiba um século antes, quando circundaram a bela Capital do Estado, com suas granjas produtoras e úteis, os primeiros colonos alemães atraídos diretamente da Europa ou já radicados em Santa Catarina. O "cinturão verde" tem por fim garantir o abastecimento das cidades com a fatura de leite, aves e hortícolas, nem sempre possíveis de desenvolvimento nos latifúndios dedicados intensamente a um tipo de monocultura.

A POLICULTURA NORTISTA

Se o café firma a base segura e duradoura da economia nortista do Estado, muitas outras riquezas agrícolas surgem ali para a complementação da auto-suficiência dessa vasta e hoje populosa região. Numa observação e descrição traçada em 1940 já assegurava o antropológico Monbeig:



Rumo aos cafezais de Maringá, uma família procede à sua mudança. E cena comum nas estradas do norte, onde há intensidade de transmigrações internas.



A exigência de novas rodovias mais amplas e seguras, ligando os centros de produção e de consumo, faz com que o Paraná se apresse com postas mistioneladoras, que rasgam vias de comunicação em todo o seu território, especialmente nas modernas zonas coloniais.

"Na gleba do Norte-Paraná, todas as culturas estão representadas, pois o clima mais fresco permitiu aos emigrantes de todas as raças tentar, não sem sucesso, suas culturas nacionais: em um lote de japoneses, antes mesmo que a queimada esteja feita, ao longo do tronco derrubado de enorme figueira branca, surgem alguns brotos de cebola, de alho, legumes e arroz. Um colono alemão alegra-se mostrando "pomelos" ao lado de macieiras e de colono alemão alegra-se mostrando "pomelos" ao lado de macieiras e de pequeno campo de linho. Mais adiante desobresse, mas não sem alegria, belos trigoais e soberbas aveias. No entanto a floresta permanece em redor." E assim conclui: "Londrina, Rolândia, Nova Dantzig — (hoje Cambé) —, estão situadas nas encostas amenas que facilitam o escoamento das águas, do mesmo lado que a estrada de ferro, para ter uma boa exposição. A questão da água potável e dos matadouros também não foi entregue ao acaso. As possibilidades de abastecimento no próprio local são muito maiores do que na região de Marilândia, (São Paulo) —, visto que a variedade de culturas é incomparavelmente mais acentuada. Pode-se verificar pelo traçado ferroviário de importação que, pouco variada, consiste, principalmente, em farinha."

Dez anos depois descreve a mesma região agrícola, com o mesmo entusiasmo pela sua fertilidade assombrosa, Aristides Souza Mello — (Rev. Norte do Paraná, Terra abençoada, 1949) —, que assim se exprime: "Os compradores de lotes foram atraídos por uma intensa mas honesta propaganda, na qual se garantia a facilidade de pagamento em prestações através do já afamado plano de quatro anos, a assistência e o transporte para as primeiras instalações. Provou-se, através de uma chacara experimental, que tudo podia vicejar pujantemente: os cereais, o café, algodão, milho, as frutas e as fibras têxteis. A pecuária também se estabeleceu satisfatória e vitoriosamente. Em tudo se notava desde logo um aspecto sadio de prosperidade, na lavoura, no comércio, nas indústrias extrativas das madeiras, olhos esperançosos postos com confiança na garantia que se lhes dava dos transportes que partiam da roça até os centros consumidores, através do picadão, da estrada de rodagem e da ferrovia."

Pero Vaz de Caminha, o primeiro cronista que decantou a doçura e fertilidade da nossa terra pátria, nas primeiras horas em que o Brasil era desvendado ao mundo pela brava gente lusitana, já predissera em sua história "Carta" ao Rei D. Manuel, o Venturoso: "em se plantando, dar-se-á nela tudo". Difícilmente os vaticínios se transformam em realidade. Poucas vezes os sonhos se concretizam. Mas se em alguma parte do vasto território brasileiro não se corporizaram as seculares promessas do relator dos feitos de Cabral, a terra abençoada do rincão norte-paranaense superou todas as esperanças e previsões.

Quando ainda abandonada, jazendo como um paraíso perdido na imensidade da mesopotâmia inculta, circunscrita pelas caudalosas curvas dos rios Paraná, Paranapanema, Ivaí e Tibagi, já o predestino do seu solo miraculoso era relação pelo geógrafo Sebastião Paraná — (Corografia do Paraná, 1899) — que escrevia: "Atenta à salubridade do clima quente e a extraordinária uberdade dos terrenos, onde se encontram madeiras de toda a resistência e peso, a ex-colônia militar do Jarai, hoje insignificante povoado sito num sertão riquíssimo, está destinada a se transformar um dia em importante centro de riqueza industrial. Para isto somente basta ligá-la aos mercados vizinhos por meio de boas vias de comunicação, sem as quais é impossível o desenvolvimento das povoações, pósto que situadas em terra de produtividade assombrosa."

O historiador Romário Martins — (Paiquerê, 1940) — também não oculta o seu deslumbramento ante o panorama nordeste e nos descreve com entusiasmo um dos seus recantos, o de Apucarana: "Para o Guaianês, que lhe dominava a região admirável de recursos e de beleza, a Serra de Apucarana — (Apó — caará — nã, ou seja, após, a base — caará, semelhante à floresta — anã, imensa) — era a atalhia dominadora do Atibagiba, descortinadora dos vales e florestas do Norte e do Ocidente"... E o historiador se faz também profeta: "O que se vê do Apucarana não é apenas a paisagem grandiosa e bela em redor, em léguas de amplidão... os campos verdes e desertos. As montanhas azuis da mesma cor do Céu, como se dêle roladas para a terra. O que se vê do Apucarana é o Paraná do futuro!"

A floresta à orlha das lavouras onde o maquinário agrícola ara, semeia e colhe as sementes do porvir na terra bem-ditosa! São as estradas de penetração e os rios movimentados pelo comércio dos transportes a vapor! São as quedas de água acionando as máquinas industriais! São as grandes cidades que o futuro asseparará ao longo do Paraná, do Paranapanema, de Tibagi, do Ivaí, do Corumbataí, do Piquiri e do Iguaçu!

Tinha razão Romário, historiador e profeta. Tinha razão Sebastião Paraná, profeta e geógrafo. Tinham razão os dois saudosos visionários ao contemplar, no mapa de uma época a visão de um porvir, na geografia do passado a história do futuro.

NOVOS TIPOS DE COLONIZAÇÃO

O Paraná, que pode apresentar tantos exemplos de núcleos coloniais astrados exclusivamente na iniciativa individual de *trabalhadores que imigraram* em demanda de terras mais férteis e produtivas, o Paraná que se orgulha de possuir a magnífica realização colonial do seu Norte, para onde também *imigraram capitais* vultosos, vindos do exterior em busca de aplicações agrícolas altamente compensadoras, esse Paraná de hoje está em condições de documentar mais um vigoroso e original sistema de colonização, que reúne simultaneamente os dois fatores essenciais de qualquer produção econômica, isto é, o *trabalho* e o *capital*, em equivalente cooperação.

A recentíssima colônia alemã que escolheu para sede Entre Rios, nas cercanias da cidade de Guarapuava, está nesse caso. Tem ela a base orgânica de uma *cooperativa de produção*, ou seja, nela não predomina decisivamente nem o fator *trabalho*, nem também o fator *capital*. É um esforço conjugado de ambos. É uma cooperação desses duplos elementos de produtividade que se aliam à *natureza*, como terceiro fator, para desenharem um novo e curiosíssimo estilo em *empresa colonial*. Os economistas, os antropogeógrafos, como também os sociólogos podem divisar ali uma perfeita sintonização dos três elementos essenciais da produção, consoante os cânones clássicos da Economia Política — *natureza, capital e trabalho* — para realizar a empreitada comum de uma *colonização moderna e eficiente*.

Evidentemente o *sistema cooperativista* aplicado ao objetivo de um empreendimento colonial não é uma novidade, mas é por certo um método raro. De fato, no Estado de São Paulo, em Mogi-Mirim, os imigrantes holandeses da Fazenda Ribeirão realizam no momento um sistema colonial semelhante, através da sua "Cooperativa Holambra". Essa colonização iniciou-se em 1948 sob moldes coletivistas, com área e trabalho indiviso. Contudo, não sendo satisfatórios os primeiros resultados obtidos, em 1950 transformou-se em uma cooperativa de produção agrícola. Conta atualmente com 100 famílias, num total de 600 pessoas de nacionalidade holandesa, sendo a propriedade imóvel dividida em 86 sítios de produção independente, mas coordenada pela Cooperativa central.

No Paraná realiza-se presentemente uma iniciativa análoga, mas com maior amplitude. Quem partir de Guarapuava, que está a 1.095 metros de altitude, no meio-oeste paranaense, e descer pela rodovia rumo aos pequenos cursos fluviiais do Piquiri, Jordão e outros, logo se defrontará com a localidade florescente de Entre Rios. Ultrapassada a balsa o viandante encontrará uma estradinha aberta na mata e transitável por veículos motorizados. A vinte quilômetros de percurso pode-se estacionar com satisfação e encanto na recém-fundada colônia alemã. Emoldura-a a paisagem de vasto campo, cujos contornos e extensão ficam embaçados pela densa neblina da manhã. Somente nos limites distantes do horizonte vêem-se os bosques de pinheiros. Na ondulação suave do terreno, algumas colinas já estão plantadas de trigo novo. Outras recebem o revolvimento dos tratores, apresentando à superfície um forte contraste de coloridos — marrom e verde, vermelho e verde — provindos da combinação do barro e da relva. Muitos outros, mais distantes, mantêm ainda a cor do seu capinzal primitivo e irrevoluto.

COLONIZAÇÃO E COOPERATIVISMO

O núcleo colonial de Entre Rios compõe-se de 1.800 pessoas. Mais 700 imigrantes são ainda esperados, para totalizar os 2.500 colonos previstos. São de origem alemã, comendo famílias que estavam radicadas a mais de dois séculos na Lugoslávia, mas preferiram deixar esse país em 1944, quando o Marechal Tito assumiu o poder, para então se refugiarem na Áustria. Graças a empréstimos obtidos de uma associação suíça para ajuda aos refugiados de guerra, puderam aparelhar-se para demandar a sua instalação no Brasil. São todos agricultores, mas agricultores europeus do melhor preparo técnico e cultural, não faltando entre eles os agrônomos, eletricitistas e mecânicos. Organizaram-se em cooperativa, fórmula econômica que julgaram a mais apta para objetivação dos seus fins.

Instalaram-se no local de Entre Rios em junho de 1951, adquirindo 10.000 alqueires, à razão de Cr\$ 1.300,00 a unidade. Os terrenos escolhidos compõem-se de dois terços de campos e um de matas, que exploram para atender as suas necessidades atuais. O capital da novel Cooperativa monta a cerca de 40 milhões de cruzeiros, inclusive as máquinas e utensílios agrícolas que trouxeram, representados por vinte tratores, dezoito caminhões e jipes, doze máquinas para a plantação de trigo, dez para o plantio de batata, vinte para adubação da terra, cem arados de tração animal e copioso instrumental menor. A Secretaria de Agricultura do Estado prestou também o seu auxílio aos novos imigrantes em forma de máquinas diversas, sementes de trigo e quinze vacas.

O método de trabalho coordenado e eficiente dos colonos recém-vindos revelou-se desde os primeiros dias. "Ao chegar instalaram-se em dois grandes barracões improvisados. Enquanto seus marceneiros e carpinteiros erguiam as habitações domésticas, amplas, confortáveis, higiênicas e belas, outros obreiros dedicavam esforço e carinho ao cultivo da gleba, arando, adubando



As boas estradas são complementos necessários a todos os empreendimentos de colonização. No trecho de ligação entre Arapongas e Aricaandava, que está sendo asfaltado, nota-se o reflorestamento marginal de eucaliptos, para consolidar o nível dos aterros.

A CORRIDA PARA NOROESTE

Foi o Paraná um Estado que sempre cresceu demograficamente dentro da comunidade nacional. Crescimento muito favorecido, tanto pela preferência das correntes imigratórias estrangeiras como também pelo afluxo das transmigrações internas que para ele propendem. A simples análise de um quadro estatístico dos seis recenseamentos oficiais realizados no País demonstra esta asserção: —

Recenseamentos	Brasil	Paraná
1872	10.112.061	126.722
1890	14.333.915	249.401
1900	17.318.556	327.136
1920	30.635.605	685.711
1940	41.236.315	1.236.976
1950	52.645.479	2.149.949

Através desses dados oficiais verifica-se que, se em 1872 a população do Estado em relação à do País correspondia apenas a 1,2%, em 1940 representava 3% e em 1950 subia para 4,08%. No último decênio a população do Paraná concorreu com 8% para o aumento total do Brasil, isto é, esse acréscimo foi, em números absolutos, 11.409.164 e dele participou o Paraná com 912.973.

Apreciando o extraordinário crescimento demográfico do Estado, externa o jornalista carioca Pimentel Gomes — (Rev. Paraná, Câmara de Expansão, n.º 2, 1952) — as seguintes conclusões: — "A população cresceu de 74% entre 1940 e 1950, fato talvez inédito no mundo, para uma área de mais de 200 mil quilômetros quadrados. O aumento entre 1950 e 1960 será uns 100% se não diminuir o fluxo de imigrantes. Terá, então, mais de quatro milhões de habitantes. Dezenas de cidades surgiram em vinte anos e se tornaram notáveis pela população, pelo movimento, pela riqueza. A produção agrícola cresce vertiginosamente."

E o escritor Benedito Barbosa Pupo — (Rev. A Pioneira, n.º 10, 1951) — demonstra, com atenção nas tabelas estatísticas, que a densidade da Zona Norte do Estado — (34,57) — só é hoje superada pela da Zona Planalto de Curitiba, com a 45,19. Escreve o geógrafo: "As zonas de Ivaí e do Norte — (entre 1940-50) — são as únicas que apresentam taxas acima de 100% e da média do Estado, que é de 73,8%, pois a zona de Guaraçuava, a 3.ª colocada, alcançou apenas 70,3%."

Assim, pois, conclui-se que no segundo quartel do nosso século, isto é, de 1925 a 1950, o Paraná expandiu-se para o Norte, descobrindo-o, conquistando-o e povoando-o com rapidez incomum. Hoje um fenômeno demográfico digno de registro é, sem dúvida, a *corrida para Noroeste*. O sertão extremo do território paranaense, que se confina no polígono dos rios Paraná, Paranapanema e Ivaí, está sendo veloz e continuamente ocupado pelas levas de transmigrantes internos, que vêm na qualidade de suas terras uma nova e futura cafezalândia. Centraliza a região a cidade mais avançada de Paranavaí, a 70 quilômetros de Maringá. Os povoados e cafezais já proliferam

ao longo de uma estrada barrenta e má: — Guadiana, Mandaguçu, Irói, Nova Esperança, Maristela, Alto Paraná, Sumaré. Nessas localidades as construções ascendem apenas a um cento de casas de madeira, erguidas com pressa e grosseiramente. Mas têm um futuro garantido e promissor. Depois de Sumaré encontra-se Paranavaí, a capital do Noroeste, a 113 km da fronteira de Mato Grosso, que evidencia as possibilidades regionais: em março de 1951 possuía 490 casas, um ano depois já ostentava 1.400 casas, com 6.000 habitantes. Há razão de se dizer que "no Norte do Paraná as estatísticas já nascem velhas".

Na corrida para Noroeste, as circunvizinhanças de Paranavaí assistem à concentração de correntes imigratórias vindas de três direções: os pioneiros de Maringá que avançam naturalmente pela continuidade do sertão, os transmigrantes chegados de São Paulo e os do Rio Grande do Sul. Estes últimos, os paulistas e gaúchos, são, em geral, descendentes de italianos, colonos ativos e vigorosos, que buscam espontaneamente a aventura e fortuna das zonas pioneiras. O encontro marcado é na zona de Paranavaí, onde a pressa de prosperar revela-se até nos métodos de vida dos colonos pioneiros, vivendo em cabanas improvisadas para não desviar a sua atenção da terra e do arado.

O jornalista Roberto Júlio de Oliveira — (Rev. P.N., n.º 173, 1952) — viu e sentiu a luta do lavrador com a vertigem do tempo. "E relata um momento dessa vida pioneira: — "Até Paranavaí a estrada vai cortando os cafezais, quilômetros e quilômetros de plantações. De quando em vez, uma grande derrubada surgia aos nossos olhos. É um espetáculo impressionante e confrangedor. Os lavradores derrubam as árvores, deixam que sequem e põem fogo. Nem aproveitam a lenha. Nem se dão ao trabalho, em muitos lugares, de retirar os troncos para plantar. Os cafeeiros nascem entre os troncos abatidos que, aos poucos, vão apodrecendo."

Compreende-se, assim, que ao Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná esteja reservado uma alta e imperiosa missão, qual seja a de orientar e coordenar um vasto e acertado programa de colonização das terras devolutas, que a energia produtiva da terra e do homem paranaense requer e necessita. Esse Departamento, que antigamente pertencia à Secretaria de Agricultura, pelo crescimento das suas atividades e importância das suas funções, veio a se tornar um órgão autônomo a 16 de julho de 1952 e executa no momento um extenso programa colonial. Realiza os trabalhos de campo e o preparo das terras, necessários ao início das ocupações agrícolas. As glebas (ou conjunto de lotes) são depois vendidas aos colonos pelo preço de custo, isto é, calculado sobre o montante das despesas efetuadas. Acertadamente oferece o Departamento as suas terras com divisões proporcionadas aos recursos dos adquirentes interessados, ou seja: — 1) *cabecaras* de 1 a 3 alqueires; 2) *sítios* de 10 a 20 alqueires; 3) *fazendas* de 100 a 200 alqueires, no máximo.

Vendo o futuro da terra paranaense e prejulgando o valor do seu homem, tinha motivo Romário Martins, há dois decênios, de entoar o seu hino de trabalho e estímulo ao colono que antevia, no futuro, vitorioso e feliz: — "Lavrador! Lavra a tua gleba, planta o teu trigo, colhe o teu pão! Em cada espiga da tua seara brilharia, ao sol amigo da nossa Pátria, o ouro da tua abundância e a grandeza do Paraná!"

RESUMEN

El autor divide su trabajo en 17 puntos. En primer lugar aborda la cuestión del concepto de colonización, que, al terminar el siglo pasado, dio origen a una ardorosa polémica semántica entre el grande maestro de la lengua portuguesa Carlos de Laet y el historiador Justiniano de Melo e Silva, el cual, investigando "los más remotos orígenes de la palabra *colono*, en lenguas anteriores", traspasó el latín y fue hasta el Sanscrito, para probar la significación etimológica de este término. — Pero como las dudas suscitadas por los eminentes profesores continuaban sin solución, se vio recientemente, la legislación brasileña en la contingencia de afirmar y definir, ella propia, el término flexible, superando y extinguendo de esta manera las divergencias doctrinarias sobre el asunto.

En seguida nos presenta la sucesión de hechos históricos que hicieron brasileñas las tierras paranaenses, a pesar de la bulia pontificia "Inter Cetera" y del "tratado de Tordesillas". Por lo que toca a la población efectiva del territorio del Paraná, — que tardó en procesarse en virtud del valor del elemento humano que se radió en la "hinterlandia araucaria", al terminar el siglo XVI, con la entrada y el establecimiento de las misiones jesuíticas en la región de Guairá — la banda castellana — bajo la jurisdicción del gobierno del Paraguay y de su Provincia Eclesiástica.

Pero, 40 años más tarde, en 1648, a orillas del atlántico surge Parangará, "el primero núcleo de población lusitana". Y "el hervor de la sangre de una raza naciente, el sueño y la ambición de una nacionalidad nueva e indomable jamás podrían admitir como hecho consumado el estrecho límite de Tordesillas, una línea imposta al azar, aun antes de ser vista la tierra y pasada por los aventureros marinos de Tajo". Así, "a los presurosos hispánicos y pacíficos Tavares y Manoel Preto" — el banderantismo paulista y violento de Raposo Tavares y Manoel Preto — cuya espíritu, a una época impía y herética, llevó nuestras fronteras del "pie de la sierra del mar, orilla arenosa de las aguas oceánicas, hasta las faldas andinas".

Entretanto, "la política colonial de la monarquía portuguesa en relación al Brasil fue siempre la de no permitir que su posesión en América corriese el riesgo de quebrar la unidad étnica, provocando de la pués la fragmentación política". Pero con el refugio forzado de la

Corte en la capital brasileña, esta xenofobia secular e intransigente se transforma en xenofobia exagerada; Don João VI entiende hacer colonizar el país por el elemento extranjero, y con este objeto, contrata y envía a Brasil inmigrantes suizos, alemanes y napolitanos. — La experiencia, sin embargo, enseñó al Brasil que pasase de la fase de inmigración deseada a la de inmigración libre y de esta, felizmente, a la de inmigración controlada.

Fascinados por el Eldorado del Paraná, acudieron a la "Tierra de las Pinares" inmigrantes de todos los países europeos, incluso del Asia Menor, del Japón, Egipto, Paraguay y Argentina. Destacamos, hoy día, los núcleos coloniales alemanes, poloneses, ucranianos, japoneses, italianos, rusos y españoles.

Imán poderosísimo constituye, sin duda, la tierra del norte del Estado — dónde se realizan completamente los vaticinios del relator de los hechos de Cabral: "plantando se dará todo en ella" — que dispone, además de que se debe su absoluto éxito colonial.

Factor de atención especial es también el sistema de "colonización y cooperativismo" de la colonia alemana, sita en la localidad de Entre Rios, en los alrededores de Guarapuava, que se distingue no tanto por la novedad del método, sino por la eficiencia con que se realiza. Fomenta todos agricultores, pero agricultores europeos de mejor instrucción técnica, cultural, no faltan entre ellos los agrónomos, electricistas y mecánicos. Es, "comenzando los cánones clásicos de la Economía Política — *natura, capital y trabajo* —, la perfecta sintonización de los tres elementos esenciales de la producción, para realizar el destajo común de una colonización moderna y eficiente".

La "Fundación Paranaense de Inmigración y Colonización", instituida, bajo régimen autárquico, por la ley n.º 646, de 20 de junio de 1947, imprime "moderna orientación a las necesidades e intereses colonizadores de fértiles regiones en el territorio del Estado".

Por último, el autor demuestra, mediante datos estadísticos, el "extremo demográfico digno de registro: la corrida hacia el Nordeste". El extremo de la región selvosa del territorio paranaense, que confina con el polígono de los ríos Paraná, Paranapanema e Ivaí, está siendo ocupado veloz y continuamente por grupos de transmigrantes internos, que ven en la calidad de sus tierras una nueva y fructífera cafetalanda.

SUMMARY

The Author divides his work into 17 points.

First of all, he branches the subject of *concept of colonization*, which at the end of the last century originated arduous semantic polemics between the great master of the Portuguese language, Carlos de Laet and the historian Justiniano de Melo e Silva, who, investigating "the most remote origins of the word *colono* (colonizer) in former languages", transcended to Latin and even Sanskrit, to prove the etymological significance of this term. — As, however, the doubts summarized by eminent professors continue without solution, recently, the Brazilian legislation saw the possibility of settling and defining, of its own accord, the flexible term, surpassing and extinguishing, once and for all, the doctrinarian divergencies on the subject.

Following this, he presents us with a succession of historical facts which made Brazilian, the lands of Paraná, notwithstanding the papal bull "Inter Cetera" and the "Tordesillas Treaty". As to the effective populating of the territory of Paraná, — which was processed very late due to former battles, — the Author points out the compensating advantages by the value of the human element which radiated itself in the Araucarian hinterland at the end of the XVIII century, with the entrance and establishment of the Jesuit Missions in the region of Guairá — the Castilian side — under the jurisdiction of the government of Paraguay and of its Ecclesiastical Province.

But 40 years later, in 1648, on the Atlantic side, Parangará appears, the first nucleus of Portuguese population". And... "the burning of the blood of a new-born race, the dreams and ambitions of a new and irrevocable nationality never could accept as a consummated fact, the narrow limit of the Tordesillas, a line imposed by chance, even before the land had been seen and stepped on by adventurous Portuguese sailors". Thus, "to the Hispanic and pacific pioneerism of the Jesuits followed the Paulista exploration of the violent Raposo Tavares and Manoel Tavares, whose spirit, at once impious and heretic, carried our frontiers from "the foot of the "Serra do Mar", sandy edge of oceanic waters, until the foot of the Andes."

However, "the colonial politics of the Portuguese monarchy in relation to Brazil were always those of not permitting that its possession in America should run the risk of breaking the ethnic unity, thus bringing about the political fragmentation".

But with the forced refuge of the Court in the Brazilian capital, this secular and intransigent xenophobia was transformed into an ex-

aggerated xenophilia: D. João VI intends to colonize the country with foreign elements, contracting for this end the coming of Swiss, German and Neapolitan immigrants. However, profiting by experience, it was understood that Brazil should pass from the phase of desired and solicited immigration to that of free immigration and from this phase, happily, to that of controlled immigration.

Fascinated by the Eldorado of Paraná, immigrants of all European countries flocked to the "Land of the Pine-groves", as well as people from Asia Minor, Japan, Egypt, Paraguay and Argentina. The largest colonial nucleus today, are those of Germans, Poles, Ukrainians, Japanese, Italians, Russians and Spaniards.

The land at the North of the State constitutes, without doubt, a powerful magnet — where the prophecies of the relator of the deeds of Cabral are plainly concreted: "what is planted, will take root" — which disposes, besides a railway, of modern roadways in all senses, which is the factor to which it owes its absolute colonial success.

It is necessary to mention, as deserving special attention, the system of "colonization and cooperativism" of the German colony, with its seat in the locality of Entre Rios, near Guarapuava, which distinguishes itself not so much by the novelty of the method but by the efficiency with which it is done. Being all agriculturers, but European agriculturers of the best technical and cultural preparation, agronomers, electricians and mechanics are not lacking among them. It is, according to the classical canons of Political Economy — Nature, capital and work — the perfect harmony of the three essential elements of profitable colonization, for the accomplishment of the common job of a modern and efficient colonization.

The "Paraná Foundation of Immigration and Colonization", instituted, under an autarchic regime, by the decree-law number 646, of the 20th of June of 1947, has been imprinting "modern guidance to the necessities and colonizing interests of fertile regions in the territory of the State."

Lastly, the Author demonstrates, by means of statistical data, the "demographical phenomena worthy of register: the rush to the territory of Paraná, which is confined in the polygon of the Paraná, Paranapanema and Ivaí rivers, is being rapidly and continually occupied a new and promising coffeeeland.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser teilt seine Arbeit in 17 Punkte ein.

Zuerst berührt er die Frage des Kolonisationsbegriffes, der gegen Ende des letzten Jahrhunderts Anlass zu einer heftigen Polemik über Wortbedeutungslehre zwischen dem grossen Meister der portugiesischen Sprache, Carlos de Laet, und dem Geschichtsschreiber Justiniano de Melo e Silva, welcher, "in alten Sprachen nach den fernsten Ursprüngen des

Wortes *colono* forschend", ueber das Latein hinaus und bis zum Sanskrit — Da aber die durch die eminenten Professoren hervorgerufenen Zweifel ohne Loesung blieben, sah sich kuerzlich zufaellig die brasilianische Gesetzgebung, selbst dabei diesen dehnbaren Begriff zu festigen und zu heuten ueber dieses Thema aus.

Im weiteren Verlauf traegt er uns den Ablauf von historischen Tatsachen vor, welche, trotz der papstlichen Bulle "Inter Cetera" und des "Vertrages von Tordesillas", das Land des Paraná brasilianisch machten. Im Hinblick auf die effektive Bevoelkerung des Paraná, — die sich wegen den vorhergehenden Kämpfen ziemlich spaet vollzog, — weist der Verfasser auf die ausgleichenden Vorteile hin, die durch die Menschen gegeben waren, welche sich gegen Ende des XVI. Jahrhunderts mit der Zuwanderung jesuitischer Missionen — die kastilische Gruppe — in der Gegend von Guaira, unter der Jurisdiktion der Regierung von Paraguay und seiner Kirchenprovinz, im Hinterland der Pinienwaelder festsetzten.

40 Jahre spaeter jedoch, 1648, ersticht Paranaquí am Ufer des Atlantiks, "das erste Zentrum lusitanischer Bevoelkerung" ... und "das Wallen des Blutes einer neu entstehenden Rasse, der Traum und der Ehrgeiz einer neuen und unbezwingbaren Nationalitaet, konnten die engen Grenzen von Tordesillas, eine durch Zufall gezogene Linie, niemals als fertige Tatsache hinnehmen, ohne dass das Land vorher von den abenteuerlustigen Seefahrern des Tajo gesehen und betreten worden waere" ... "So folgte auf die friedliche spanische Pionierarbeit der Jesuiten der gewaelttaetige Bandenrautismus der Paulistauer von Raposo Tavares und Manoel Práto", deren Geist, zu einer gottlosen und heldenhaften Zeit, unsere Grenzen "vom Fusse des Gebirges am Meer, dem sandigen Ufer der ozeanischen Gewaesser, bis zu den Bergen der Anden" verlegte.

Unterdessen "zielte die Kolonialpolitik der portugiesischen Monarchie im Hinblick auf Brasilien immer, darauf hinaus ein Zerbrechen der Volksinheit seiner amerikanischen Besitzung, und damit eine politische Zersplitterung, zu verhindern". Aber mit der zwangslaefigen Flucht des Hofes nach der brasilianischen Hauptstadt wird diese *Jahrhunderte alte* Hoffensinnige Auslaenderfeindlichkeit zu einer uebertriebenen Auslaenderstarrsinnigen Auslaenderfeindlichkeit zu lassen und kontraktiert zu diesem Zweck schweizerische, deutsche und neapolitanische Einwanderer. — Jedoch die Erfahrung lehrte Brasilien von der *Phase der gewuenschten und geforderten* zur freien, und von dieser wieder, gluecklicherweise, zur kontrollierten Einwanderung ueberzugehen.

Von dem Paradies des Paraná angelockt, stroemten Einwanderer aus allen europäischen Laendern und aus Kleinasien, Japan, Aegypten, Paraguay und Argentinien nach dem "Land der Pinienwaelder". Heute treten die deutschen, polnischen, ukrainischen, japanischen, italienischen, russischen und spanischen Koloniezentren besonders deutlich hervor.

Einen ganz maechtigen Anziehungspunkt bildet ohne Zweifel der Boden des Nordens des Landes — wo sich die Prophezeiungen des Erzaehlers der Erlebnisse Gabrais vollstaendig erfuellen: "es waechst auf ihm alles, was man pflanzt" — und wo es, ausser Eisenbahnen, moderne Strassen nach allen Richtungen hin gibt, eine Tatsache, die fuer den absoluten kolonialen Erfolg ausschlaggebend war.

Besonderer Beachtung wuerdig ist auch das System von Kolonisation und Zusammenarbeit der deutschen Kolonie in dem Orte Entre Rios, in der Gegend von Guarapuava, welches sich nicht so sehr durch die Neuheit der Methode als vielmehr durch die Wirksamkeit, mit der es diese zur Anwendung bringt, auszeichnet. Alle sind Landwirte, aber europaeische Landwirte mit bester technischer und kultureller Bildung, und es fehlt unter ihnen nicht an Agronomen, Elektrikern und Mechanikern. "Die drei klassischen Schlagwoerter der politischen Oekonomie — Natur, Kapital und Arbeit — klingen hier zusammen, es ist die vollendete Aufeinanderabstimmung der drei wichtigsten Elemente der Produktion, um die gemeinsame Aufgabe einer modernen und wirksamen Kolonisation auszufuehren".

Das "Institut des Paraná fuer Einwanderung und Kolonisation", durch Gesetz N.º 646 vom 20. Juni 1947 eingefuehrt und selbstaendiger Verwaltung, faengt an "neue Richtlinien fuer die kolonistischen Beduerfnisse und Interessen von fruchtbaren Gebieten des Staates" zu prägen.

Zum Schluss weist der Verfasser an Hand von statistischen Angaben das "bemerkenswerte demographische Wunder" nach: "den Weitlauf nach Nordwesten". "Der innerste Landstrich des Staates Paraná, der an die Fluesse Paraná, Parapanama und Ivai angrenzt, wird schnell und andauernd von Gruppen interner Umsiedler, die in der Qualitaet seines Boden ein neues und zukunftsreiches Kaffee-Anbaugebiet sehen", besetzt.

Aspectos Gerais e Econômicos do Paraná



PROFESSOR RAUL GOMES

Catedrático por concurso da cadeira de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, e catedrático de História do Brasil no Instituto de Educação de Curitiba. Tem várias obras publicadas. Participou de quatro congressos de educação promovidos pela Associação Brasileira de Educação. É jornalista, tendo sido redator-chefe e diretor sete vezes do DIÁRIO DA TARDE, o decano da imprensa paranaense.

O PARANÁ A VOO DE PÁSSARO
NORTE DO PARANA
TRANSPORTES
A INDÚSTRIA E OS MUNICÍPIOS
CAFÉ
TRIGO
MILHO
MATE
MADEIRA
FEIJÃO
ÁGUAS MINERAIS E DE MESA
RIQUEZAS MINERALÓGICAS

O PARANÁ A VÓO DE PÁSSARO



Palácio São Francisco, sede do Governo do Estado. Servirá até a conclusão das obras do Centro Cívico.

I — SUA FISIOGRAFIA, SUA POPULAÇÃO E SUA DIVISÃO POLÍTICO ADMINISTRATIVA

O Paraná se acha situado ao sul do Brasil e o secciona em duas partes desiguais, a maior de São Paulo e Mato Grosso até o extremo norte e a dos Estados meridionais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Constitui cabeça de ponte entre as duas regiões, e esta fatalidade geográfica o manteve sempre na posição pesada de suportar a passagem de tropas nos seus deslocamentos para guerras externas ou revoluções e guerras civis.

Fisiograficamente e olhado de cima, forma três degraus duma monumental escadaria. São os seus três planaltos típicos, o de Curitiba, constituído pela Serra do Mar, o dos Campos Gerais, pela Serrinha e o de Guarapuava pela Serra da Esperança.

Além desses acidentes, há a notar a existência da zona marinha, — baixa, estreita, apertada entre os contrafortes orientais da Serra do Mar e o Oceano Atlântico que forma em suas costas duas bellissimas baías, a de Paranaguá e a de Guaratuba, ambas com boas barras e acessíveis a navios de regular calado sem qualquer trabalho técnico e, feito este, dando passagem a embarcações de maior capacidade.

Suas coordenadas geográficas são estas:

Extremo Norte 22.º 29'30"
Extremo Sul 26.º 42'59"
Extremo Leste 48.º 02'24"
Extremo Oeste 54.º 37'38"

Distâncias entre as extremidades norte-sul: 4.º 13'29"; leste-oeste 6.º 35'14".

Sua área está calculada em 201.288 Km².

Excede às dos Estados de Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Pernambuco somadas; é igual às do Ceará, Sergipe e Alagoas reunidas.

É maior que vários países da Europa reunidos, como Bélgica e Holanda; ou Portugal, Suíça e Áustria; ou Grécia e Suíça juntas.

Seu território, quanto à altitude, se distribui assim:

Até 100 metros de altura..... 2.255 Km².
De 101 a 200 metros..... 2.933 "
De 201 a 300 metros..... 15.373 "
De 301 a 600 metros..... 74.871 "
De 601 a 900 metros..... 81.268 "
De 901 a 1.500 metros..... 24.158 "
De 1.501 e mais..... 430 "

Por esses dados se inferem, de logo, informes sobre sua climatologia, pois as terras situadas acima de 300 metros somam mais de 8/10 da superfície total, assegurando-lhe excelente temperatura.

Sua média compensada de temperatura é de 17,6 c. e sua máxima é de 32,2 c., tomada em 5 de janeiro. E sua mínima absoluta baixa a 0,2 c. em 11 de junho de 1952.

As precipitações de chuva dão a média total de 1.404,8 e a máxima em 24 horas, em 2 de novembro, de 74,2.

II — A POPULAÇÃO DO PARANÁ SEGUNDO OS RECENSEAMENTOS OFICIAIS

Sua população se desenvolveu entre o primeiro recenseamento oficial a 1.º de agosto de 1872 e 1.º de julho de 1950, assim:

1.º de agosto de 1872.....	126.722 habitantes
31 de dezembro de 1890.....	249.491 "
31 de dezembro de 1900.....	327.136 "
1.º de setembro de 1920.....	685.711 "
1.º de setembro de 1940.....	1.236.276 "
1.º de julho de 1950.....	2.148.949 "

Repartia-se a sua população, em 1950, desta maneira:

Zona urbana.....	359.480 ou 17% do total
Zona suburbana.....	178.833 ou 9% do total
Zona rural.....	1.610.636 ou 74% do total

Soma..... 100%

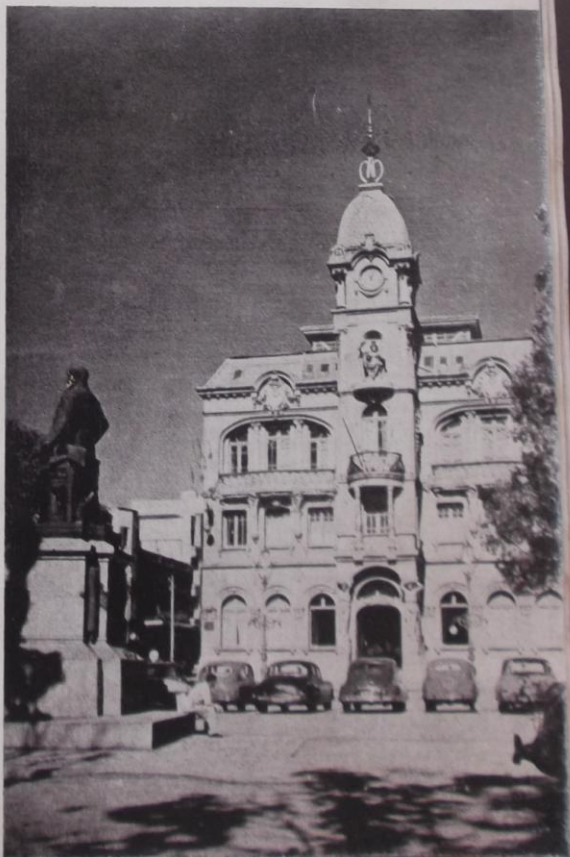
Sua densidade relativa é de 10 pessoas por Km².

Calculava-se a população do Paraná em 1853, ano de sua emancipação política em 60.000 almas, o que comparadamente com a recenseada em 1950, verificada em 2.148.949, permite concluir ter ela aumentado mais de 35 vezes ou 3.480%. Pela lei n.º 790 de 14 de novembro de 1951 o Paraná foi dividido em 119 municípios, tendo sido criados mais 39.

III — POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Pela primeira vez, se divulga aqui o resultado de cálculo da população dos municípios do Paraná, incluindo as novas unidades instituídas pela lei 790 de 14 de novembro de 1951 e já todas instaladas e em plena vida administrativa e social.

Este quadro registra a área de cada comuna, avaliada planimetricamente. Consigna-se aí também a densidade de habitantes por quilômetro quadrado.



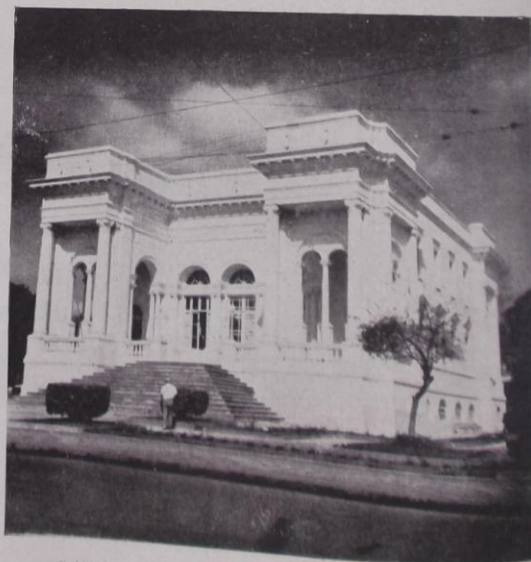
Paço da Liberdade, onde funciona a Prefeitura Municipal de Curitiba. Foi construído no quadriênio 1912-1916, quando era presidente do Estado o Gal. Carlos Cavalcanti, e prefeito o Dr. Cândido de Abreu.

Este é o precioso quadro populacional, gentilmente cedido pelo Departamento Estadual de Estatística:

ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ,
SEGUNDO A ATUAL DIVISÃO ADMINISTRATIVA —
(COM BASE NO CENSO DE 1950)

N.º de ordem	MUNICÍPIO	Área planimétrica (km²)	População em 1950	Densidade hab./km²
1	Abará	273,6	10 834	39,59
2	Amoreira (ex-São Sebastião da Amoreira)	288,0	11 730	40,73
3	Andará	440,0	18 778	42,67
4	Antonina	744,1	11 037	14,83
5	Alvorada do Sul	400,0	5 513	13,78
6	Apucarana	808,8	33 080	40,94
7	Arapongas	580,3	35 578	61,31
8	Araruaia	1 626,0	21 728	12,88
9	Araucária	471,0	11 602	24,63
10	Assaí	499,4	19 853	39,78
11	Astorga	1 438,0	23 354	16,24
12	Bandeirantes	403,0	21 789	54,06
13	Barracão	789,0	4 309	5,67
14	Bela Vista do Paraíso	610,0	24 191	39,66
15	Bocaiúva do Sul	2 998,5	18 532	6,18
16	Cambará	366,2	19 963	54,51
17	Cambé	223,4	19 350	86,61
18	Campo Largo	1 586,2	26 596	16,76
19	Campo Mourão	11 910,0	23 376	1,96
20	Capinema	2 100,0	12 030	5,67
21	Carlópolis	442,4	6 799	15,37
22	Cascavel	4 700,4	4 416	0,94
23	Castro	3 069,1	29 475	9,60
24	Centenário do Sul	450,9	9 189	24,18
25	Cérola	2 069,1	15 759	7,61
26	Clevélia	1 576,0	5 906	3,76
27	Colombo	159,5	6 389	40,05
28	Gongoninhas	589,0	8 012	13,60
29	Contenda	392,0	11 336	28,92
30	Cornélio Procopio	562,8	37 522	66,64
31	Cruz Machado	1 410,0	14 510	10,29
32	Curitiba	438,2	183 887	419,64
33	Curituba	1 054,9	11 834	11,22
34	Faxinal	998,8	9 469	10,42
35	Floreópolis	415,0	9 499	22,89
36	Foz do Iguaçu	8 132,0	6 400	0,78
37	Francisco Beltrão	2 270,0	12 880	5,67
38	Guaira	4 945,0	2 428	0,48
39	Guaraniaçu (ex-Rocinha)	3 830,0	5 999	1,56
40	Guarapuava	11 574,8	68 081	5,88
41	Guaratuba	1 332,7	4 477	3,35
42	Guaraqueçaba	2 112,4	7 178	3,40
43	Ibaiti	640,2	7 977	12,39
44	Ibiporã	282,4	19 690	69,72
45	Imbituva	1 065,4	17 548	16,47
46	Ipiranga	1 480,0	18 275	12,34
47	Iraí	995,4	25 687	25,80
48	Jacarezinho	691,5	34 668	50,13
49	Jaguapitã	1 137,0	17 813	15,27
50	Jaguariaíva	2 911,6	23 393	7,69
51	Jandaia do Sul	1 236,9	28 569	23,09
52	Japira	810,0	9 374	12,50
53	Jataizinho	279,2	13 822	49,50
54	Joaquim Távora	509,5	10 634	20,87
55	Lapa	2 661,0	35 724	13,42
56	Laranjeira do Sul	3 780,4	23 321	6,17
57	Leópolis	488,6	9 393	21,99
58	Londrina	1 060,0	64 476	60,82
59	Lupionópolis	176,0	5 211	24,01
60	Malet	681,9	10 881	16,31
61	Mandaguçu (ex-Vila Guaira)	1 050,0	9 692	9,23
62	Mandaguari	350,0	15 434	44,09
63	Mangueirinha	4 128,9	22 502	54,49
64	Marialva	650,0	21 736	33,44
65	Maringá	1 001,2	8 898	8,92
66	Morretes	719,9	10 651	14,79
67	Nova Esperança (ex-Capelinha)	2 600,0	23 704	9,11
68	Nova Fátima (ex-Tulhas)	240,0	8 315	34,64
69	Ortigueira	2 620,0	17 215	6,57
70	Palmas	5 507,8	17 983	3,26
71	Palmeira	1 776,9	16 675	9,38
72	Paranaguá	1 151,6	24 915	21,63
73	Paranavai	8 350,0	22 260	2,66
74	Pato Branco	1 600,0	12 744	7,96

75	Paulo Frontin	402,2	7 339	17,99
76	Peabiru	14 756,9	10 376	0,70
77	Pinhaltão	296,9	3 935	13,25
78	Piraí do Sul	1 347,2	12 099	8,98
79	Piraquara	356,8	6 957	19,49
80	Piranga	8 706,2	55 463	6,37
81	Ponta Grossa	1 792,4	54 838	30,59
82	Porto Amazonas	284,4	6 500	22,89
83	Porto Rico	210,4	3 312	15,74
84	Prudentópolis	499,0	15 350	31,32
85	Quatiguá	2 422,6	28 317	11,69
86	Rebouças	117,8	4 784	40,61
87	Reserva	481,6	10 753	22,32
88	Ribeirão Claro	4 369,4	25 832	59,12
89	Ribeirão do Pinhal	649,7	13 303	20,47
90	Rio Azul	400,2	9 991	24,97
91	Rio Bom	614,3	10 503	17,09
92	Rio Branco do Sul	786,2	4 119	5,67
93	Rio Cinzas (ex-Cinzas)	1 176,3	16 376	13,92
94	Rio Negro	394,3	7 412	24,35
95	Rolândia	1 429,0	26 646	20,04
96	Santa Amélia	586,0	34 641	59,11
97	Santa Mariana	118,9	6 425	54,04
98	Santo Antônio da Platina	409,0	15 627	38,20
99	Santo Inácio	1 130,0	6 412	5,67
100	São Jerônimo da Serra (ex-Araiporanga)	728,3	25 637	35,19
101	São João do Triunfo	738,0	11 273	15,28
102	São José dos Pinhais	1 542,6	12 398	8,04
103	São Mateus do Sul	726,0	19 994	15,14
104	Serres	1 402,3	24 139	25,25
105	Sertãozinho	1 312,4	20 750	15,81
106	Siqueira Campos	1 498,6	9 010	19,78
107	Sertãozinho	440,4	9 911	19,76
108	Siqueira Campos	440,5	21 117	47,99
109	Teixeira Soares	495,2	13 283	26,82
110	Tijucas do Sul	1 359,5	14 047	10,33
111	Timbu	5 580,7	32 727	5,86
112	Timbu	978,0	11 778	12,29
113	Timbu	752,0	6 407	8,52
114	Timoneira	487,1	8 857	18,18
115	Toledo	2 270,0	2 123	0,97
116	Tomazina	567,0	9 889	17,44
117	União da Vitória	1 343,5	19 479	14,50
118	Uraí	347,0	19 026	54,82
119	Venceslau Braz	1 025,7	13 951	13,60
ESTADO		201 288,0	2 148 949	10,67



Palácio Rio Branco, em estilo Renascença, sede da Assembleia Legislativa do Estado.



Vista parcial de Curitiba, em direcção leste, abrangendo o centro onde se encontra a Universidade, cujo edifício se aversa ao fundo, à direita. À

esquerda depara-se a sede da Faculdade de Filosofia, tendo ela mesma à esquerda o edifício Marumbi.

IV — FINANÇAS DA UNIÃO, DO ESTADO E DOS MUNICÍPIOS NO PARANÁ

Em 1952, a receita arrecadada pela União, pelo Estado e pelos municípios no Paraná, foi a seguinte:

União	842.868
Estado	1.457.680
Municípios	163.102

Observe-se o ritmo da arrecadação federal no Paraná em 12 anos:

Anos	Arrecadação Federal (Cr\$)
1941	45.825.000,00
1942	56.459.000,00
1943	76.053.000,00
1944	101.291.000,00
1945	122.079.000,00
1946	154.611.955,70
1947	196.012.709,40
1948	219.072.166,30
1949	240.532.635,00
1950	312.086.107,60
1951	585.018.772,00
1952	842.868.197,40

Quanto ao Estado, sua receita no mesmo período constou das seguintes cifras:

Anos	Arrecadação Estadual (Cr\$)
1941	90.088.766,80
1942	94.417.755,00
1943	114.118.278,60
1944	141.178.509,50
1945	175.477.274,90
1946	221.032.848,30
1947	301.622.647,90
1948	355.897.842,90
1949	444.764.626,20
1950	1.192.502.319,70
1951	1.494.902.853,10
1952	1.457.494.938,70

Como curiosidade histórica, sublinho o fato de ter sido em 1950 que o orçamento do Paraná entrou na casa dos bilhões.

No período de 1940 a 1951, os municípios do Paraná fizeram a seguinte arrecadação de receita.

	(Cr\$)
1940	21.511.000,00
1942	29.564.000,00
1944	38.593.000,00
1945	43.116.000,00
1946	49.209.000,00
1947	52.512.000,00
1948	89.693.000,00
1949	130.718.000,00
1950	155.989.000,00
1951	163.102.000,00

(O Anuário do IBGE de 1952 não consigna dados sobre 1941 e 1943). Vale a pena confrontar essas rendas relativamente aos 11 anos de 1940 a 1951, da arrecadação do Estado e dos municípios:

	Em 1941	Em 1952
Estado	90.088.766,00	1.457.494.938,00
Municípios	21.511.000,00	163.102.000,00

As rendas do Estado no período em estudo cresceram 1.518% e as dos municípios 676%.

É interessante observar que, constando sob a rubrica geral RENDA TRIBUTÁRIA 19 títulos, o de VENDAS, CONSIGNAÇÕES E TRANSAÇÕES corresponde a 68% do montante de 1.160.549.000 cruzeiros, o de TRANSMISSÃO DE PROPRIEDADES, a 9% e o de CAFE a 8%. Todos os 16 restantes equivalem a apenas 15% do dinheiro entrado no Tesouro. Outro pormenor impressionante é o de que outrora a erva-mate constituía a coluna vertebral do orçamento do Paraná e em 1952 produziu apenas de beneficiada 1.330.000 cruzeiros ou 0,9% e a cancheada 443.000,00 ou 0,03% do valor das contas tributárias.

Examinando-se a distribuição dos impostos entre as três entidades de direito estatal resultam estas percentagens:

À Estado do Paraná tocaram em 1952, da arrecadação geral	64%
À União, idem, idem	28%
Aos municípios, idem, idem	8%
	100%

Per capita cada paranaense contribuiu para os tesouros federal, estadual e municipal com 1.039 cruzeiros, o que importa num dos mais altos contingentes pessoais do país.

Para mostrar a rapidez do desenvolvimento do Paraná, registrarei aqui sua colocação no quadro da receita dos Estados em 1945 (Sinopse da Esta-

tística do Brasil, I.B.G.E., editada em 1946) por onde se vê que éle ocupava o 8.º lugar:

1.º — São Paulo	2.428.109.000 crs.
2.º — Distrito Federal	953.470.000 "
3.º — Rio Grande do Sul	731.314.000 "
4.º — Minas Gerais	704.466.000 "
5.º — Bahia	247.865.000 "
6.º — Estado do Rio	231.824.000 "
7.º — Pernambuco	168.514.000 "
8.º — Paraná	158.126.900 "

Dessa posição e, expressando sua receita na casa dos milhões de cruzeiros, em apenas um sexênio, saltou para o 5.º, contando sua arrecadação já por bilhões de cruzeiros:

1.º — São Paulo	9.132.128.000 crs.
2.º — Distrito Federal	3.684.094.000 "
3.º — Rio Grande do Sul	2.529.755.000 "
4.º — Minas Gerais	1.916.262.000 "
5.º — Paraná	1.426.718.000 "

(Anuário Estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952, pág. 499).

Trata-se de uma expansão num ritmo surpreendente e adiante farramente corroborado pelos dados estatísticos referentes à produção e à balança comercial onde sua posição é ainda muito melhor.

V — A EDUCAÇÃO E A CULTURA NO PARANÁ

Sempre denotou o Paraná empenho e interesse pela cultura e pela educação. Remontam eles aos tempos da colônia e de sua subordinação a São Paulo. Na ata de eleição das autoridades da Vila de Curitiba, a 29 de março de 1693, entre mais de cem homens de BOM PROCEDIMENTO para constituição de sua primeira Câmara com seis HOMENS DE Sã CONSCIÊNCIA, apenas dois ou três eram analfabetos e assinaram a rúgo. (Arquivo Municipal de Curitiba, n.º 1).

E os pedidos de reclamações pela fundação de escolas primárias e aulas secundárias e mesmo artísticas constam de numerosos memoriais e representações endereçados a autoridades superiores.

Não traçarei um retrospecto dessas reivindicações, pois aqui falarei apenas à ligeira do importante tema da educação sob prismas estatísticos. Funcionaram em 1951 no Paraná, 2.134 unidades escolares compreendendo instituições pré-primárias, fundamentais e complementares.

O corpo docente era constituído de 4.987 professores. A matrícula geral somou 164.872, dos quais 3.893 em jardins de infância.

A matrícula efetiva foi de 129.595, sendo a frequência média de 106.572. As aprovações atingiram a 74.946 e as conclusões de curso a 16.184. Quanto ao ensino secundário as matrículas foram de 18.184 alunos, cabendo a Curitiba 10.136.

O ensino superior apresentou uma matrícula de 3.668, formando a cúpula da organização, a Universidade do Paraná que foi a primeira fundada no Brasil no regime da lei Rivadavia Correia, tendo sido extinta mais tarde. Em substituição, porém, suas Faculdades de Direito, Engenharia e Medicina. Em 1950, foi a Universidade restaurada, tendo mais a Faculdade de Filosofia e Letras, a de Ciências Econômicas, a Faculdade Superior de Agronomia e Veterinária.

Existem ainda, de grau superior, a Escola de Química, a de Música e Belas Artes, a Superior de Educação Física e outras particulares, como a de Ciências de Administração e uma nova Faculdade de Direito denominada de Curitiba.

Criou o Estado também em Ponta Grossa uma Escola de Odontologia. Estão projetadas também uma Faculdade de Arquitetura, uma de Eletrotécnica e uma de Enfermagem.

No próximo ano deve ser inaugurada a obra de reforma e ampliação do edifício central da Universidade, à Praça Santos Andrade, devendo começar muito logo a construção da sede da reitoria, da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Ciências Econômicas. O Estado transferiu também à Universidade o Hospital das Clínicas, com as lages de seus 12 andares já concluídas.

A matrícula nos cursos da Universidade do Paraná no ano da restauração era a seguinte:

Faculdade de Direito	622
" " Engenharia	818
" " Medicina	1.083
" " Filosofia	372
" " Ciências econômicas	54
TOTAL	2.949



Uma visão noturna da Cidade Sorriso. A vista foi apanhada na Avenida João Pessoa, coração urbano, onde se situa a Cinelândia.



Edifício do Instituto de Educação. Foi construído há 30 anos pelo Dr. Caetano Manoel da Rocha.



Graciosa Country Club, em Curitiba.

Para se ver como esse Instituto Superior serve ao Brasil, eis a procedência de seus alunos:

Paraná	1.508
Santa Catarina	318
São Paulo	604
Rio Grande do Sul	178
Minas Gerais	105
Distrito Federal	47
16 outros Estados	120
17 Nações do mundo	69
SOMA	2.949

Os Estados donde vieram esses estudantes são os seguintes, além dos 5 acima já arrolados: Pernambuco, Alagoas, Maranhão, Amazonas, Bahia, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Pará, Sergipe, Acre.

As nações são estas: Portugal, Paraguai, Polônia, França, Alemanha, Estados Unidos, Japão, Itália, Líbano, Uruguai, Rússia, Letônia, Hungria, Espanha, Sibéria (!!) Áustria e Argentina. (Anuário Universidade Paraná, 1931, págs. 90 e 91). Existem no Estado 221 bibliotecas das quais 34 cíclicas e 187 particulares.

Seu acervo consta de 322.590 volumes catalogados e 34.662 não catalogados. Foi lançada uma vibrante campanha sob a inspiração desta legenda: **COMEMORAR-SE O CENTENÁRIO DA EMANCIPAÇÃO COM A CRIAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL.**

15 Municípios acudiram ao apelo instalando uma instituição oficial daquela natureza. 40 outros têm leis a respeito em andamento.

Curitiba sabe cultivar os grandes homens. As fotos reproduzem monumentos erguidos nas praças da cidade a três notáveis brasileiros: Floriano Peixoto à esquerda, Rui Barbosa no centro, e Carlos Gomes à direita. As estátuas de Floriano e Rui foram as primeiras levantadas no país em homenagem a esses ilustres vultos.

VI — CURITIBA, CIDADE SORRISO, E SUA ETERNA JUVENILIDADE

Embora Curitiba festejasse este ano seu 269.^o aniversário não possui velhas construções históricas, tradicionais ou monumentais.

Foram sempre suas residências, em geral, modestas, de estilos banais.

E o pouco possibilitado pelas nossas indústrias instáveis como a ervamate ou a madeira, não apresentava caráter arquitetônico digno de nota. Explica o fato a sua pobreza, que, no início do século XIX, despertava a atenção de Saint-Hilaire.

O elemento humano aqui era sadio, forte, belo mesmo, pois na nossa urbe encontrou os mais formosos padrões de raça nova em formação nestes planaltos. Já existia o tipo loiro e muito branco e as mulheres eram particularmente lindas, qualidade aprimorada pelo tempo.

Atravessou ela assim toda a centúria quase, não havendo a inauguração de estrada de ferro de Paranaguá lhe dado senão uns 20 anos de relativa possibilidade monetária com a mudança e instalação de engenhos de ervamate dentro de seu quadro urbano. Funcionaram cerca de 15 aqui. Mas já em 1909 a inauguração da estrada de ferro São Paulo Rio Grande lhe vibrou golpe quase mortal. Pelo menos fê-la cair num torpor terrível, numa estagnação que, por pouco mais, a reduziria a uma OBLIVION de Monteiro Lobato, isto é, a uma cidade morta.

Fluíram mais 20 anos até quando ocorreu a revolução de 1930. Verificou-se o incrível, o espantoso acontecimento Manuel Ribas.

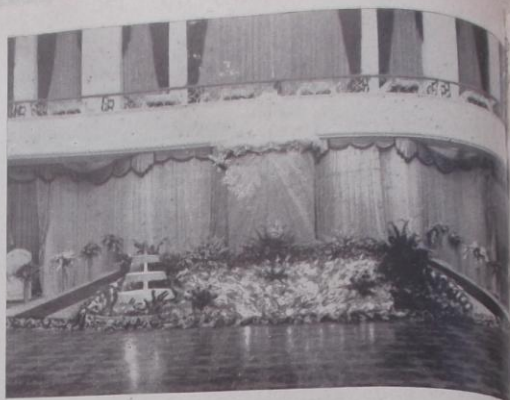
E aí começou uma era nova para a Cidade Sorriso.

Pois foi preciso a deflagração de um levante das proporções do chefiado por Getúlio Vargas para que o Brasil descobrisse ou reencontrasse a verdade imortal de que o caminho mais curto entre dos pontos é a reta.





A foto mostra o palácio do Clube Curitibano, a mais notável sociedade de escol da capital, e que constitui motivo de orgulho para ela. A monumentalidade da sua sede própria à Rua 15 reflete a importância e a intensidade da vida social daquela associação, cuja influência civilizadora no Paraná é velha de 70 anos.



Vista parcial do salão de festas.



Aspectos da brilhante vida social curitibana. As fotos dão uma pálida ideia da intensíssima atividade social do Clube Curitibano, associação líder da elite da Cidade Sorriso. Trata-se da festa das "debutantes", cuja realização marca a entrada triunfal da primavera.



E foi esse conhecimento elementar da venerável geometria de Euclides que levou os brasileiros e principalmente os paranaenses a fazerem radical retificação nos traçados rodo e ferroviários de ligação entre o norte e o sul do país, que todos deviam passar por Curitiba ou suas proximidades. O primeiro deles e o que acordou a nossa cidade de seu sono letárgico foi o da indiscutível um surto vigoroso de progresso.

Depois coube a um antigo boiaideiro, porém, uma das maiores senão a menal Manuel Ribas, a iniciativa genial de suprir a imperdoável e are Parana.



Uma das belezas da capital paranaense é o seu afamado Passeio Público, criado pelo Visconde de Taunay, e do qual aparece aqui um dos aspectos mais lindos.



Outro aspecto do Passeio Público de Curitiba.

E veio então a rodovia do Cerne para comunicar com Londrina e com Jacarézinho, para o que se encruzilhou em Pirai.

Trouxeram contribuições valiosíssimas para a era nova de Curitiba a reconstrução ou melhoramento definitivo de estradas como as da Lapa, Ponta Grossa e da Graciosa, tendo sido esta pavimentada a paralelepípedo num trecho de 16 quilômetros, a retificação da estrada de Paranaguá, etc., etc.

Tudo fez convergir para esta capital um movimento que ela nunca conhecera. Acresce-se a essa circulação, o tráfego intenso de cunho internacional e nacional. E então a Cidade Sorriso começou a se trajar melhor com requintes de gosto.

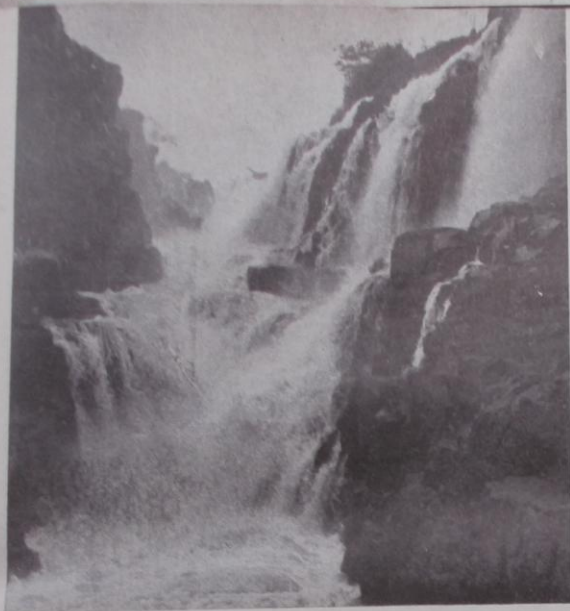
E foi se multiplicando o casario novo principalmente na periferia que vem lhe assegurando o traço acentuado de juvenildade perpétua, lembrado na epígrafe deste capítulo.

Isso lhe confere especial encanto, que a fisionomia de sua população sublinha, pois além de seu visível caucasianismo com brancura da epiderme, loiro dos cabelos e azul dos olhos, há a notar que não temos velhos. No seu povo predomina evidentemente a mocidade, pois os ancãos buscam, como as andorinhas, climas mais benignos para suas inverniais.

E atravessando uma fase de recuperação geral, enche-se de arranha-céus, ergue palacetes que honrariam qualquer centro urbano nacional ou estrangeiro, goza hoje de alto padrão de vida, sendo que não possui o cancro dos mocambos ou favelas e assegura assistência permanente aos pobres, não deparam seus logradouros o espetáculo confrangedor da mendicância. Sociedade como a de Socorro aos Necessitados e muitas instituições privadas amparam os desvalidos de todas as idades e condições sociais. Um dos seus característicos mais impressionantes é o elevado grau de socialidade de sua gente, contando-se aqui para reunir e congregar todas as classes, associações com sedes próprias, algumas quer da alta sociedade, quer das camadas trabalhadoras, com conforto requintado, como o Clube Curitibaense e o Country Clube ou Thalia e Clube Militar ou Concórdia, do escol social e Sociedade Protetora dos Operários do Alto de São Francisco, Internacional da Água Verde, Sociedade Protetora dos Operários, Batel, Sociedade Visconde do Rio Branco e poderia citar perto de 100 com edifícios verdadeiramente majestosos e suscetíveis de assegurar aos sócios ambiente ótimo.

Particularizo mais umas referências ao Clube Curitibaense, lembrando seu palácio com nove andares, no centro urbano, e sua decoração, enaltecida como original e sem competição no país e mesmo no estrangeiro, por visitantes viajadíssimos, nacionais e exóticos.

— Por isso tudo, a Cidade Sorriso é perigosa para quem por aqui passa ou aqui desembarca: fascina, prende, "perde aos maduros pela franqueza, distinção, largueza de sua hospitalidade e facilidade de vida, e aos moços, mercê da beleza de suas garotas.



Do SALTO DAS SETE QUEDAS disse Olavo Bilac:

"Dentro de vosso território maravilhoso existe um dos prodígios da natureza: o Salto das Sete Quedas. Em sete rebojos de espuma raivosa, em sete colapsos de desânimo, em sete precipitações de desesperação, a água do Paraná desaba e rui, acordando com o seu formidável rugido de agonia os ecos de sete léguas do arredor... Mas essa agonia é resurgimento! As Sete Quedas do Paraná são sete milagres de energia e de generosidade..."

A foto ao lado foi tomada do alto da ponte pênsil lançada sobre a monumental cachoeira, uma das maiores do mundo na sua fabulosa descarga de água.

Esta foto foi também apanhada do alto, quando o rio, que tem acima dos saltos mais de 3.000 metros de largura, se estreita rapidamente para 60 metros e se põe em borbotões de massa líquida rocha abaixo. O ruído desse salto colossal se houve a muitas léguas de distância, e o espetáculo causa assombro e admiração.





A fotografia acima revela os saltos do Iguazu em território brasileiro, no Paraná. À esquerda, até a primeira solução de continuidade, vê-se o salto Floriano Peixoto; até a segunda, o salto Deodoro; até a terceira, o Benjamin Constant; bem no fundo, à direita, o salto União. Abaixo, nota-se a vista da catarata do Iguazu, vendo-se em primeiro plano o salto Santa Maria.



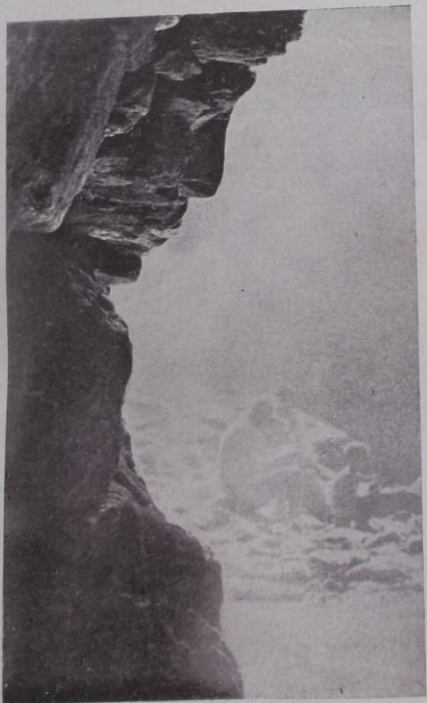
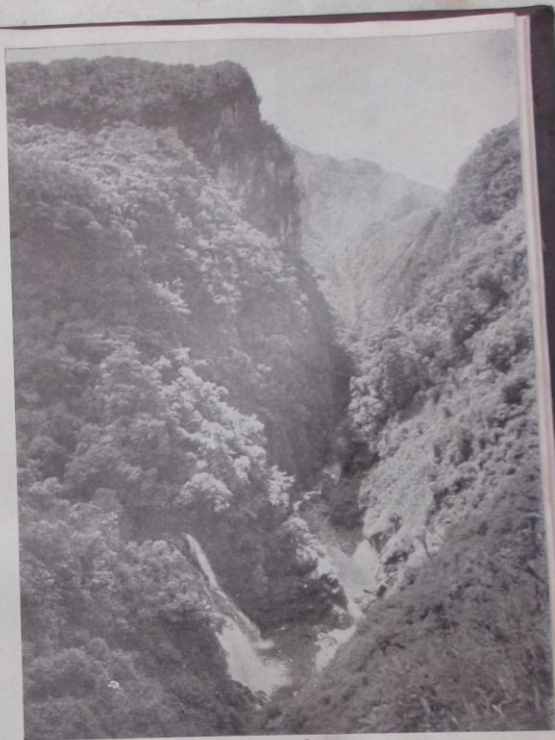
Um bacharel não tirubéia em propagar que as terras do setentrão paranaiano nunca se exaurirão porque uma barragem montanhosa detém há séculos os sedimentos do diabásio ou basalto e formam uma camada que chega a mais de 100 metros de profundidade por mais de 200 quilômetros de comprimento.

Vive-se ali num mundo de Químera, de Mil e Uma Noites. E os pessimistas derrotados, vencidos do universo devem passar por essas terras de Aladim, a fim de se retemperarem para uma vida dentro da opulência e da grandezal. Homens de todas as raças, de todas as condições sociais, de todas as ideologias, confundem seus braços aristocráticos, suas condecorações ministeriais, suas insígnias sociais, suas estrelas do marechalato, suas reminiscências da direção das maiores empresas do mundo, suas glórias literárias ou artísticas, com os aspectos da outra face amarga da vida, suas misérias, atribulações, tragédias, ilusões perdidas. Já se forjaram romances que, como no tempo da cavalaria e dos trovadores, se reproduzem pela tradição oral com cores de fabulário e histórias de cordel, êxitos incríveis de mendigos hoje transformados em milionários, engraxates, barbeiros, garis cariocas, ou motoristas de elétricos de São Paulo que a varinha de condão da terra de milagres dotou de milhões.

Nem os companheiros de Jasão, chegando ao país do toão do ouro, — topariam com as surpresas maravilhosas encontradas no PAIS DA TERRA RONA. E se houver daqueles que começam cartesianamente pela dúvida, que vão ao rincão de prodígios da mesopotâmia Itararé-Paraná.

E vejam com seus olhos, e toquem com suas mãos, e pisem com seus pés, e soltem sua capacidade de admiração e entusiasmo, para ver essa, que é a máxima das SETE MARAVILHAS do Paraná.

Uma visão da Garganta do Diabo, por onde corre, precipitando-se numa descida alucinante de 900 metros, o rio Ipiranga. Ante este espetáculo, o homem sente a sua pequenez em face da grandeza do Criador. A torrente que, numa sucessão de saltos (Vênus de Noiva, Feitiço, Inferno, Serpente e outros) vai de tombo em tombo e de ribombo em ribombo desgastando a rocha e mesmo abrindo túneis, chegou a formar em planos sucessivos um dos mais formosos perfis de mulher já talhados na pedra. Batizaram-no de Esfinge, e o leitor pode apreciá-lo abaixo.



A Esfinge da Garganta do Diabo — como foi apelidada esta escultura natural pelos marumbistas — é talvez mais enigmática do que a egípcia, chegando até a ser atribuída aos pré-colombianos visitantes da América, vindos da Ásia.

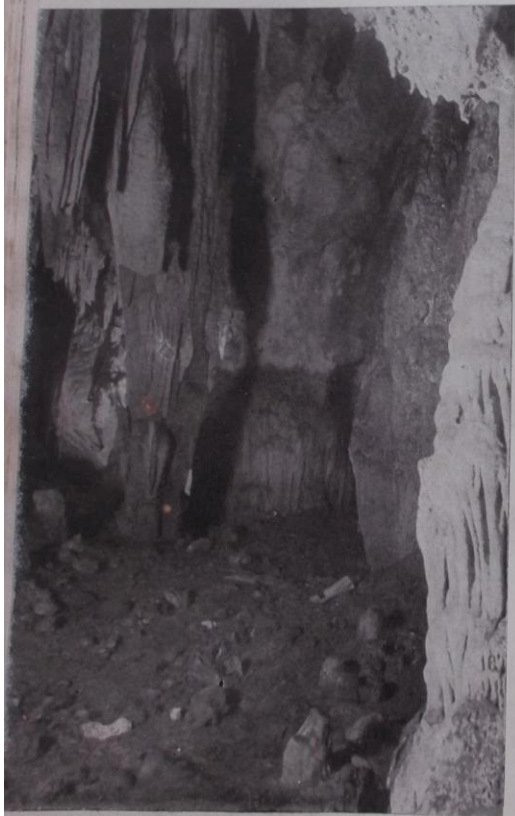
Na verdade, esta esfinge não é uma imagem única talhada na rocha. Assim parece por ilusão ótica, por um efeito de perspectiva, resultante do paralelismo de três planos verticais da muralha granítica. Como quer que seja, ficção ou realidade, ela existe e é um dos encantamentos de quem sobe a serra do Mar no Paraná.

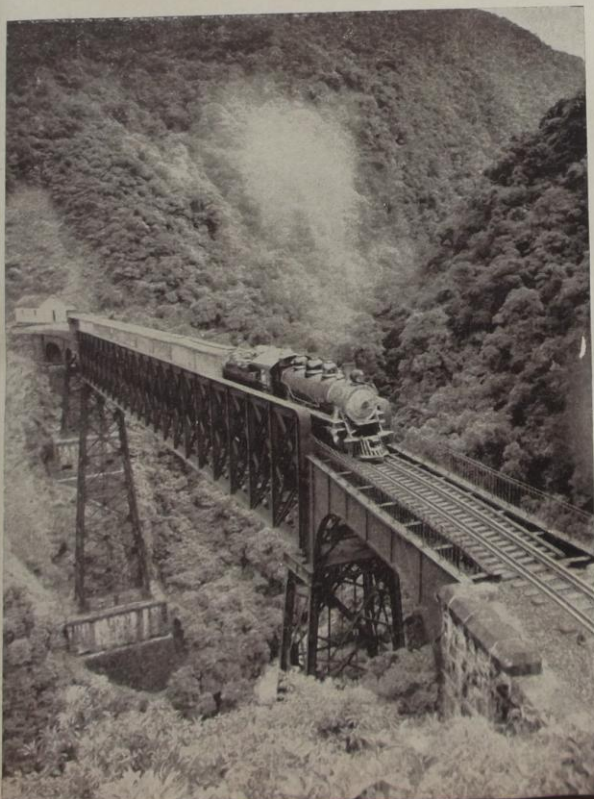
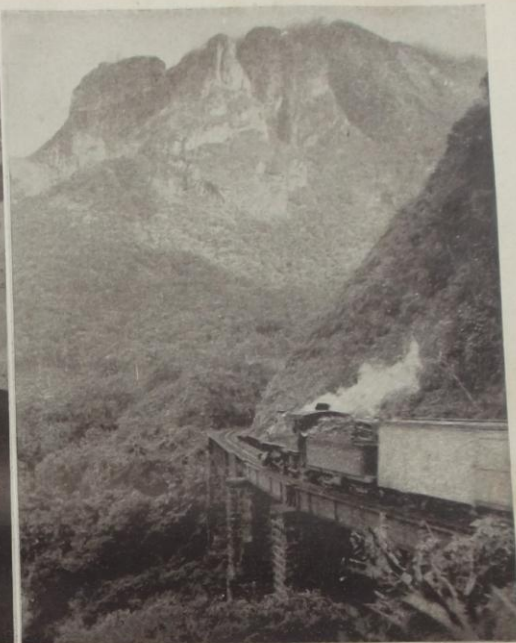
Nas proximidades de Curitiba existem numerosas grutas, que constituem motivo de admiração para quantos as visitam. Favoreceu esta obra artística da natureza a presença do calcário, cujas jazências se estendem até os limites de São Paulo, no vale da Ribeira. As mais famosas são as de Campinho, em Bocaiúva do Sul, no local denominado Pedra Preta, a de Basitava, em Colombo, e a de Itapiraçu.

Qualquer delas lembra um palácio encantado, onde durante milênios se esculpíram aqueles assombros de filigranas de um divino e incomparável mestre. Capelas, salões, corredores, colunas, tudo o que a imaginação pode conceber em recursos de arquitetura, ali se encontra.



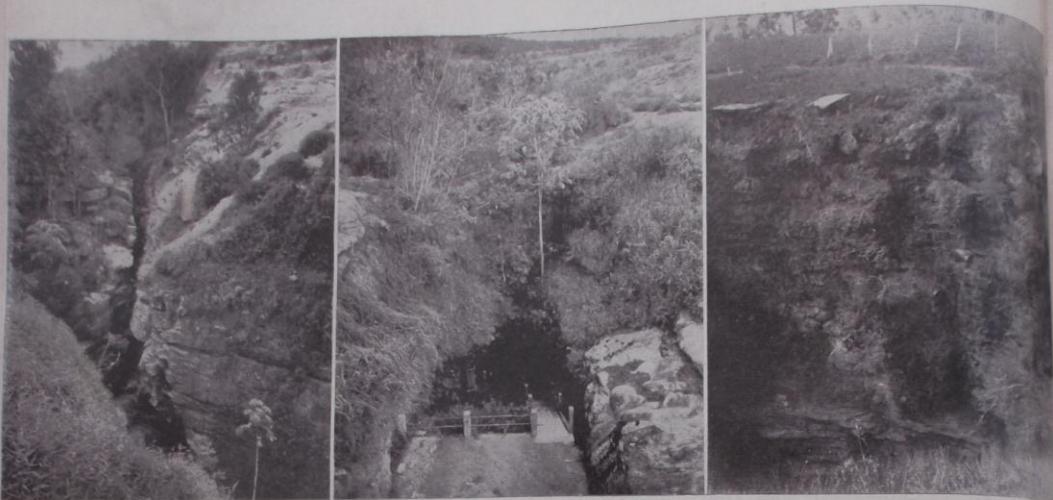
As fotos mostram aspectos da Gruta da Fada, em Pedra Preta (acima), e da Gruta da Ermida, em Campinho (ao lado e abaixo).





A estrada de ferro de Curitiba a Paranaguá é uma das grandes obras da engenharia brasileira. Com um leito cavado na rocha viva da Serra do Mar, beirando e transpondo abismos, o arrojo do seu traçado tem conquistado a admiração de todos os técnicos e de todos que o vêem. A esquerda o afamadíssimo Viaduto Carvalho, um dos mais audaciosos lances do traçado de André Rebouças: com algumas dezenas de metros de comprimento, ele se desenvolve nas faldas da montanha, dependurado a mais de 900 metros de altura. A direita, o Viaduto Taquaral, projetado atrevidamente por Rebouças para galgar as serranias graníticas e que Teixeira Soares, depois do fracasso dos engenheiros europeus, realizou e cobriu de trilhos. Traçada esta estrada há quase 60 anos, nela nunca se verificou um desastre por defeito de construção sendo este o maior louvor que se pode fazer aos técnicos patrios construtores dessa maravilha.

Ponte suspensa de São João, sobre o rio do mesmo nome. Domina o vale desse rio, cujas águas se despejam das altas encostas. Durante 50 anos essa realização da engenharia brasileira se manteve com extraordinária firmeza. Depois foi reforçada como preventivo de resistência ao volume do tráfego provocado pelo vertiginoso progresso do Paraná.



As duas fotografias da esquerda, ao alto, mostram trechos do rio subterrâneo de Itararé, uma das curiosidades geográficas do Paraná. Um curso d'água que tem na sua embocadura 90 metros de largura, some-se na profundidade da terra para reaparecer dezenas ou centenas de metros além. Escoando-se por entre paredões rochosos, despenhando-se nas cachadas, deslizando pelos grótescos, desaparecendo nas fendas, entre as quais se notabiliza a chamada do Funil, este rio de curso em grande parte subterrâneo apresenta ao espectador pitorescos e impressionantes acidentes.

Nas cercanias de Vila Velha encontram-se dois estranhos acidentes geológicos e geográficos: são eles a Lagoa Dourada, retratada abaixo, e os Poços, em número de quatro, e um dos quais aparece na foto acima, à direita. Tanto a lagoa, com 3 Km de periferia, como os poços, cuja profundidade oscila entre 30 a mais de 100 metros, apresentam suas águas numa altitude constante de 788,40 metros acima do nível do mar. O misterioso eucanto dessas extraordinárias depressões que a natureza abriu na calma topografia da região, tem atraído muitos turistas.

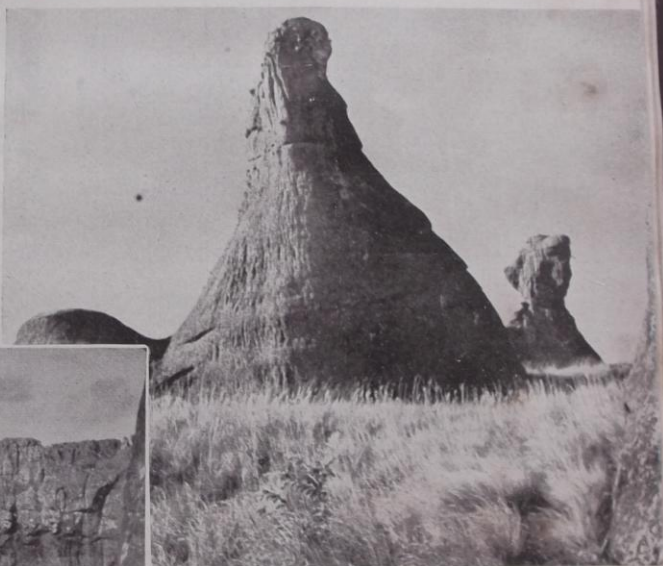




Aspectos de VILA VELHA no município de Ponta Grossa, constituindo um parque estadual.

Em baixo, a figura misteriosa da Esfinge, uma das mais pitorescas atrações desta famosa paisagem da Terra das Araucárias.

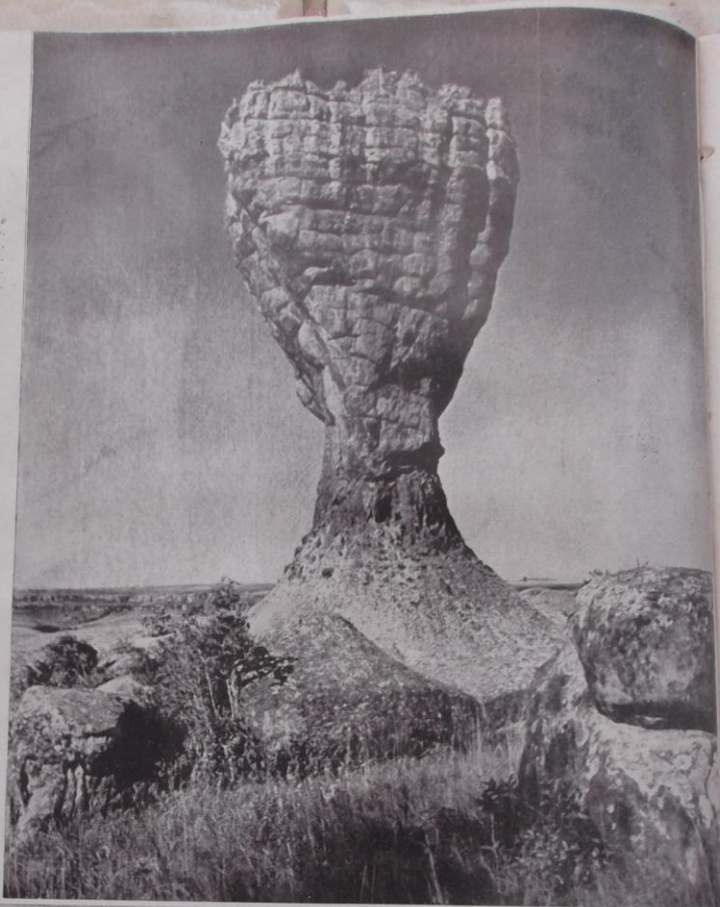
Vila Velha, nos Campos Gerais do Paraná, é um conjunto de arenito trabalhado pela ação do vento. Segundo os cientistas, é a única conformação rochosa superficial assim formada. As mais variadas figuras foram ali esculpidas pelo tempo: praças, castelos, sobrados, arranha-céus, coisas e animais.



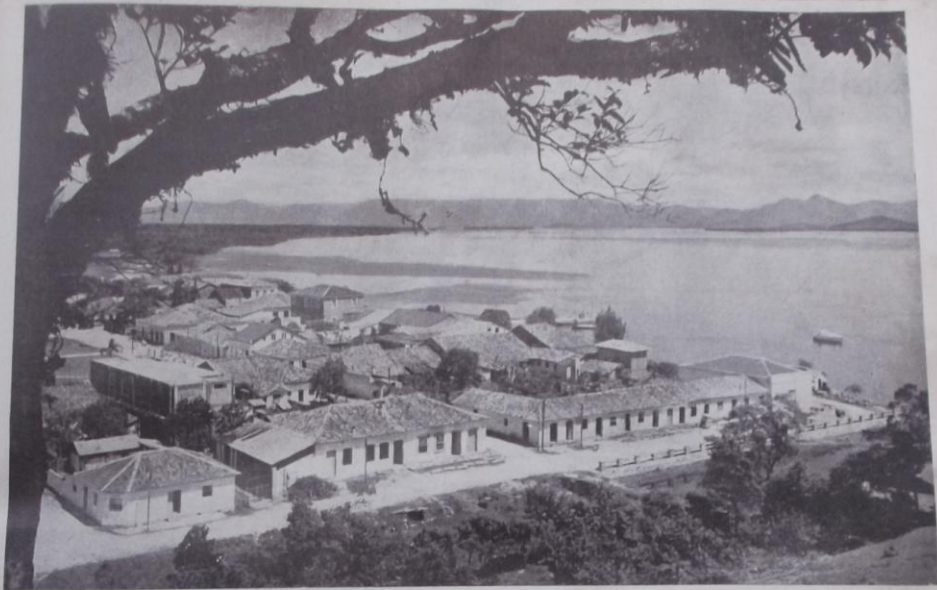
Nesta página e na seguinte, o leitor pode ver a Esfinge junto a uma pirâmide, a ânfora grega, o camelo, e outras figurações.

Descrita por diversos viajantes, Vila Velha há seguramente um século vem atraindo a atenção de curiosos e cientistas. Os pintores paranaenses dedicam-lhe especial interesse, sendo numerosas as telas que fixam os originalíssimos aspectos desta impressionante paisagem.

Entre as curiosidades e belezas de Vila Velha destaca-se a Anfora, que lembra perfeitamente a imponência de uma taça aristocrática da baixela belônica.



Estes blocos de arenito foram cinzelados pela natureza de molde a nos lembrar um camelo deitado. O conjunto é de fato, pela sua grande semelhança com o trem do deserto, chamado "O Camelo".



Aspectos das praias do Paraná. Ao alto: Guaratuba.



Matinhos.



Ilha do Mel.

VIII — TAMBÉM VOU CONTAR AS BELEZAS DE NOSSAS PRAIAS!

Quando planejava o capítulo das SETE MARAVILHAS DO MUNDO localizadas nas terras assombrosas do Paraná, cheguei a mencionar nossas praias, para mim das mais lindas do Brasil e da América.

Mas se eteivasse isso, as nossas não seriam SETE e sim OITO MARAVILHAS. Eis a razão destas linhas.

Para traçar os períodos como os seguintes e os das páginas anteriores, quisera ser como os artistas chineses: poeta, pintor, músico, bailarino, cantor, escultor, gravador, pois só maneando e tendo talento para utilizar na minha orientação os recursos divinos de todas as artes, lograria falar das prodigiosas belezas da Terra das Araucárias, entre as quais suas praias formam um tema de encantamento, de feitiço, de ebridez, de estética. Não esperem, pois, os meus leitores, poemas, segundo podem deprender da epigrafe ilusória deste capítulo.

Nunca perpetrei um verso sequer. Pouco mais farei que citar os topônimos desses sítios paradisíacos.

- É a da Ilha do Mel.
- É a do Pontal do Sul.
- É a de Matinhos.
- É a de Caiobá.
- É a de Guaratuba.

Poderia ainda arrolar outras. Mas essas bastam.

Em Ilha do Mel que fica na barra da Baía de Paranaguá, Deus concentrou um mundo de belezas. Suas praias são mansas. Sua paisagem, divina.

Seus locais pitorescos, sem conta. O farol, a Fortaleza — celebrada pelo episódio do Cormorant que provocou atitude varonil e intrépida dos paranguaras (moradores de Paranaguá) e cujo desfecho precipitou a votação urgente da lei Eusebio de Queiroz em 1850 que estancou a mais fecunda fonte de abastecimento da escravidão no Brasil, o tráfico, — o mar de dentro, o povoamento do interior da ilha com sua igreja típica etc.; são pontos de visita e encanto.

A do Pontal do Sul depara como principal tema de sua admiração o mar, o velho mar soberbo e bravo.

Matinhos reúne a graça da mata à grandza do oceano.

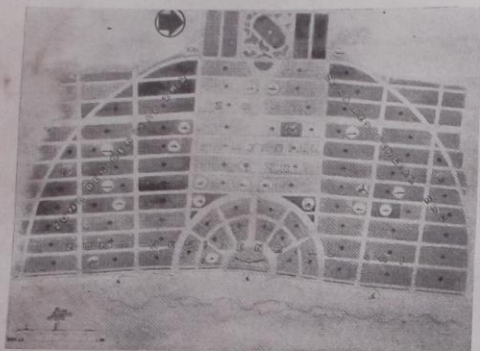
Caiobá é uma jóia com suas duas praias. Uma que afronta o oceano e o desafia perpetuamente, assim na bonança como na tempestade.

Ela junta todas as belezas possíveis: a montanha que lhe vem morrer aos pés, a floresta que lhe fica a dois passos, o mar grosso que lhe banha vasta extensão de praias, uma enseada interior de águas serenas. Para onde quer se dirija a vista, o panorama empolga, arrebatra.

É a ilha dos Pássaros, seu mundo e seu reino, onde vivem aos milhares, numa felicidade e quietude divinas.



Caiabá. Em baixo, projeto do seu loteamento.



É a vida bucólica dos pescadores cheios de tradições, ricos de memória racial, sabendo dançar suas danças, vibrar suas violas como ninguém mais.

E por fim, neste apagado bosquejo, essa maravilha da natureza que é Guaratuba, com uma topografia originalíssima. Pois ela é uma grossa península. Dum lado, lá, rugue o oceano Atlântico em toda a sua pujança indomável. Doutra lado, a baía de seu nome, uma das melhores da costa do Brasil. Seu círculo é contornado de montanha com apenas a solução de continuidade dos vales de alguns rios como o São João, o Cubarão, o Cubatãozinho. Caieira é a denominação toponímica de sua ponta, isto é, da extremidade desse promontório, donde se divisa um panorama cintilante. O morro do Pinto no centro do mencionado acidente topográfico, a fonte arsenicada de Itororó, seu morrinho, ao sul, de Brejatuba, suas praias que se prolongam até as raías confinantes com Santa Catarina, forma um rosário de pulcritudes naturais desafiadoras das penas de artistas para pintá-las ou descrevê-las!

Deus quando planejou o paraíso, por ali andou para buscar motivos de sua celestial criação.

Possuem todos esses logradouros maravilhosos, seguros e incomparáveis, acessos facilísimos, por via terrestre alguns, por via marítima, o da Ilha do Mel. E lá já se encontra hospedagem agradável e relativamente módica.

IX — ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Pela sua constituição de 12 de julho de 1947, art. 2.º são poderes do Estado o Legislativo, o Executivo e o Judiciário, independentes e harmônicos entre si. Oito Secretários são mandatários do Governador nas seguintes Secretarias:

- 1 — Do Governo; 2 — Da Fazenda; 3 — Do Interior e Justiça; 4 — De Obras e Viação; 5 — De Agricultura; 6 — De Educação e Cultura; 7 — De Saúde Pública; 8 — Do Trabalho e Assistência Pública.

Contam-se ainda importantes Departamentos, alguns organizados como autarquias, como o de Estradas de Rodagem, o de Água e Esgotos, o de Água e Energia Elétrica, o de Assistência às Municipalidades, o de Terras, Estrada de Ferro Central do Paraná, Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, Bóisa Oficial de Valores de Curitiba, Departamento Administrativo do Oeste, Departamento Estadual de Compras. A Assembléia Legislativa conta 45 deputados eleitos pelo sufrágio universal. Seu Presidente é o Vice Governador do Estado.

Ela inicia seus trabalhos a 1.º de maio de cada ano e funciona até 30 de setembro.

O Poder Judiciário é exercido pelos seguintes órgãos:

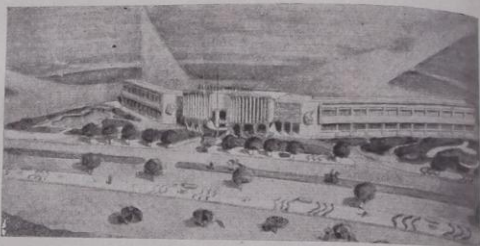
- I — Tribunal de Apelação;
- II — Conselho Superior de Magistratura;
- III — Corregedoria Geral da Justiça;
- IV — Tribunal Especial;
- V — Juizes de Direito e Juizes Substitutos;
- VI — Conselhos e Auditoria da Justiça Militar;
- VII — Tribunal do Juri;
- VIII — Tribunal de Imprensa;
- IX — Juizes de Paz;
- X — Juizes Arbitros onde as partes escolherem.

O Tribunal de Apelação conta com 15 desembargadores. Serve junto a essa Corte o Procurador Geral de Justiça do Estado, da livre escolha do Governador. Funcionam sob sua direção 4 subprocuradores.

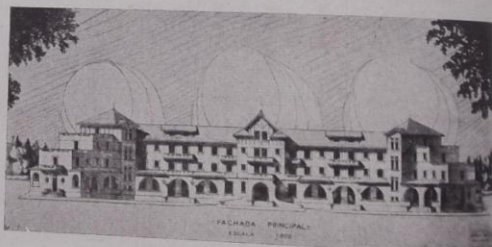
O Estado se divide em comarcas, subdivididas judiciarmente em entrâncias, havendo presentemente uma (1) de 4.ª entrância; três (3) de 3.ª entrância; vinte e oito (28) de 2.ª entrância; e vinte e sete (27) de 1.ª entrância. São ao todo atualmente 59 comarcas.

Propôs o Tribunal de Apelação a criação de mais 18 comarcas no Estado. Terá então o Paraná 77 abrangendo seus 119 municípios. A Comarca de Curitiba que é de 4.ª entrância, e tem agora esta organização judiciária:

- 4 varas civis
- 4 varas criminais
- 1 vara de família
- 1 vara de falências e acidentes do Trabalho



Projeto de um grande hotel a ser construído na cidade balneária de Caiabá.



Projeto de um dos três grandes hotéis que terá a praia de Pontal do Sul.



Plano urbanístico para uma moderna cidade balneária em Pontal do Sul.

2 varas da Fazenda Pública, sendo a primeira dos feitos da Fazenda Pública da União e a segunda dos feitos da Fazenda do Estado e do Município de Curitiba
1 vara de menores.

X — PRODUTIVIDADE ADMINISTRATIVA

Servindo-me de dados constantes de Mensagem do Senhor Governador, apresentada à Assembleia em 1.º de maio último, respicarei alguns aspectos da produtividade da administração.

Um dos Departamentos, por exemplo, mais interessantes e que por sua finalidade deve prestar ao Estado os mais assinalados serviços é o DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS MUNICÍPIOS (DATM).

Ele ajuda as comunas em muitas de suas dificuldades e necessidades. Organiza plantas tanto de construções urbanas, como rurais; hotéis, prédios de escolas ou de repartições. Estuda e planifica redes de abastecimento de águas e esgotos. Prepara traçados de estradas, constrói-as, repara-as, retifica-as, conserva-as.

Abre, nivela, melhora, loca ruas, praças e logradouros. Levanta plantas cadastrais. É um factotum a serviço das municipalidades. É onipresente, onisciente. E também, onipotente.

Se não for desvirtuado seu objeto, se a política não quiser lhe meter a mão para estragá-lo, o DATM prestará ajuda imensa aos municípios, amparando-os no esforço da evolução. Salvá-los do abandono.

Vou consignar aqui elementos para revelar sua ação. Começarei pelo seu aparelhamento, que consta, em máquinas e equipamentos, do seguinte:

- 5 — Bulldozer para motoniveladoras
- 3 — Compressores para motoniveladoras, cat. 12
- 2 — Escavadeiras "Loran" L-50-1
- 1 — Grade de discos "Cockshut", de 16
- 1 — Motoniveladora "Adams" 610
- 30 — Motoniveladoras "Adams" 512
- 5 — Motoniveladoras "Adams" 414
- 2 — Motoniveladoras "Caterpillar-12"
- 1 — Trator "Caterpillar D-8" com equipamento completo
- 1 — Trator "Caterpillar D-7"
- 1 — Trator "Cockshut" (Agrícola), equipado c/atosos
- 1 — Scraper "Laplant-Choat" de 14 jardas cúbicas
- 2 — Scrappers "Laplant-Choat" de 8,4 jardas cúbicas.

As referidas máquinas prestaram serviços aos seguintes municípios Paranaenses, obedecendo ao sistema de rodizio e atendendo às necessidades dessas comunas:

Apucarana	Irati
Faxinal	Campo Mourão
Jandaia do Sul	Mangueirinha
Maringá	Wenceslau Braz
Sertãoópolis	Lapa
Bela Vista do Paraíso	Rio Bom
Astorga	Alto Paraná
Cornélio Procopio	Mangueirinha
Imbituva	Porecatu
Palmas	Lupionópolis
Siqueira Campos	Congoninhas
Colombo	Pitanga
Laranjeiras do Sul	Clelândia
Araucária	Origueira
Mariahuva	Bocaiuva do Sul
Paranavaí	Foz do Iguaçu
Primeiro de Maio	Contenda
Jaguapitã	Paulo Frontin
Andaraí	

(Com 37 comunas)

Para dizer da natureza prática dos serviços executados, darei aqui as sinopses dos prestados a alguns municípios, como se vê abaixo:

GUARATUBA

- a) — levantamento da planta cadastral.
- b) — construção, reparação e conserva de estradas e ruas da Cidade.
- c) — levantamento do serviço de águas.
- d) — planta de um terreno do Estado a ser doado ao município.
- e) — serviço de nivelamento e contra-nivelamento da Avenida 29 de Abril, num total de 1.630 m.
- f) — levantamento dos sambaquis no quilômetro 135 da rodovia Curitiba-Guaratuba.
- g) — exploração, levantamento, estudos e locação de uma estrada de 3 quilômetros para a exploração de calcário.
- h) — locação da Rua José Bonifácio.

RIO NEGRO

- a) — verificação, estudos e orçamento das obras de reforma da maternidade local.
- b) — verificação, estudos e orçamento do problema de abastecimento de água à referida instituição.
- c) — detalhes dos pilares do concreto ciclópico para a ponte sobre o Rio Várzea.
- d) — projeto dos pilares de concreto armado para a reforma da ponte de madeira sobre o Rio da Várzea.

SÃO JOÃO DO TRIUNFO

- a) — estudos para a criação do serviço rodoviário municipal.
- b) — estudos das fundações da igreja local que estão caindo, e parecer para a correção do defeito.
- c) — verificação, estudo e instalação do serviço de iluminação elétrica, local, inclusive a doação de um gerador de energia e todos os seus pertences.
- d) — serviços de construção, reparação e conservação de estradas num total de 50 quilômetros.

IBAITI

- a) — estudo do traçado de uma estrada ligando este Município ao de Congoninhas, servindo Cornélio Procopio, Santa Mariana e Bandeirantes.
- b) — serviços de construção, reparação e conservação de estradas no distrito de Maringá 40 quilômetros.
- c) — nivelamento do porto da balza de Iveruba.
- d) — nivelamento da esplanada da igreja.
- e) — nivelamento do campo de futebol do distrito de Mandaguáçu.
- f) — locação de praça no Patrimônio de Iroy.
- g) — captação de água potável em fonte próxima à sede, para estudo de possibilidade de fornecimento de água e tratamento (Mandaguáçu).
- h) — levantamento expedido das necessidades de energia elétrica doméstica e pública em Mandaguáçu.
- i) — nivelamento da praça principal de Mariahuva e tomada de elementos para o projeto da igreja a ser construída.
- j) — caminhamento para a demarcação da linha divisória entre os futuros municípios de Capelinha e Mandaguáçu, no trecho compreendido entre as cabeceiras dos rios Paranhos e Juruaçu.
- k) — levantamento cadastral de Maringá.
- l) — verificação e estudo da necessidade do serviço de luz elétrica pública e particular em Maringá.

Total..... 117 quilômetros

JANDAIA DO SUL

	Km.
a) — conservação da estrada de Guaporé	7
b) — " da estrada de Rochedo	9
c) — " da estrada de Alfazema	6
d) — " da estrada de Dourado	6
e) — " da estrada de Cambira	14
f) — " da estrada de Mariza	19
g) — " da estrada de Gilberto	5
h) — " da estrada de Colúmbia	12
i) — " da estrada de Bonissuco	6
j) — " da estrada para Colúmbia	6
k) — " da estrada para Pombal	8
l) — " da estrada para Barbacena	9
m) — " da estrada para Cemitá	5
n) — " da estrada para Santa Helena	5
o) — ruas em Juçara	6
p) — estrada de Juçara	19
q) — conservação da estrada de Bugre	4
r) — " da estrada de Galho Cambará	4
s) — ruas do Patrimônio São José	3
t) — estrada do Simeré	7
u) — " de Cambará	28
v) — " de Marumbi a Calore	15
TOTAL	192

O DATM interveio para construção, reparação, conservação, retificação de traçados em 3.114 quilômetros de estradas nas comunas a que deu assistência. Um dos Departamentos da administração pública do Estado que está destinado a função preponderante na sua vida é o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas.

Dotado de pessoal competente, em continuo aperfeiçoamento, apresenta já notável acervo de serviços entre os quais se apontam os estudos para a recuperação do solo, as possibilidades de exploração do xisto de nossas imensas jazidas da chamada região do Irati, etc.

Vou consignar aqui alguns aspectos de seu trabalho no ano de 1952, respiciando dados da mensagem governamental de 1953.

Foram feitos 349 exames assim discriminados: Bovinos, 202; cães, 24; água, 13; ovinos, 2; eqüinos, 40; aves, 27; felinos, 2; suínos, 3; humanos, 14.

De 24 municípios recebeu 315 materiais, expedido aos interessados 150 laudos sobre brucelose; raiva; colera aviária; avitaminose; sifo aviário; corisa; pulmonrose; peste suína; leptospirose; icterícia; carbúnculo; manguera e coecidose.

Na seção de produtos veterinários foram preparadas milhares de ampólas quimioterápicas como sulfamilmida, gliconato de cálcio, sulforil, uronina, arecina, alfogistina, vermifoniasina, soro fisiológico, etc.

Dos herbários existentes, foram classificados e determinados em 1952, os seguintes vegetais, por município de procedência:

CURITIBA

PTERIDÓFITAS: — Polipodiáceas: — *Preridium aquilinum*.
DICOTILEDÓNEAS: — Saxifragáceas: — *Escallonia montevidensis*.



Fachada dianteira do Colégio Estadual do Paraná, um dos maiores e mais modernos da América do Sul, dotado com as mais recentes conquistas da pedagogia e bigine educacional. Manuel Ribas empreendeu sua construção e deixou-o com as estruturas completas, faltando o acabamento. Moisés Lu-

pion o concluiu e inaugurou. O atual governo aprimorou-o, dotando-o do campo de atletismo e futebol, de piscina olímpica e infantil, e outros melhoramentos.

(Ch. et Schl) Escallonia Sellowiana DC.

Papilionáceas: — Ulex europeus L.

Ericáceas: — Gaylussacia decipiens Cham.

Simplocáceas: — Simplicoc unillora (Pohl) Benth.

Solanáceas: — Solanum ramulosum Sendtn, Solanum.

Sisymbriifolium Lam.: Dunalia breviflora (Sendtn) Sleumer.

Verbenáceas: — Duranta vestita.

Compositae: — Bidens laevis (L.) B. S. P.; Solidago microglossa D. C.

MORRETES

MONOCOTILEDÓNEAS: — Bromeliáceas: — Vriesea alto da serra e I. B. Smith.

GUARATUBA

MONOCOTILEDÓNEAS: — Bromeliáceas: — Aechmea Camosepala: Dyckia echinoroides.

PRUDENTÓPOLIS

MONOCOTILEDÓNEAS: — Bromeliáceas: — Aechmea ampullata Mez.; Aechmea recurvata (K) L. B. Smith.

IRATI

DICOTILEDÓNEAS: — Solonáceas: — Solanum of. subsp. gthu Sendtnr.

PITANGA

DICOTILEDÓNEAS: — Solanáceas: — Solanum papillosum Sendtnr.

TIMONERA

DICOTILEDÓNEAS: — Saxifragáceas: — Escallonia Farinacea St. Hill. Compositae: — Achyrocline alata DC.

Achyrocline satureioides (Lam.) DC, var. albicans (Griseb) Roeder.

MALLET

DICOTILEDÓNEAS: — Teáceas: — Thea (Camelia) sinensis.

Constaram estes trabalhos, principalmente, do seguinte:

a) — Repercussões das coleções de fungos, fermentos e bactérias, as quais foram mantidas em perfeita ordem. Vários repiques de Rhizobium foram fornecidos a interessados em inoculações de sementes leguminosas.

b) — Preparo do material coletado para inclusão em herbário, feito cuidadosamente de acordo com a técnica, sendo que entraram para as coleções, no último exercício, 262 exemplares fitopatológicos, 2.013 entomológicos e 132 botânicos.

c) — Preparo e montagem de insetos para o museu entomológico, que conta, atualmente, com 2.185 espécime. Quanto ao herbário fitopatológico, compõe-se, presentemente, de 957 exemplares, enquanto que o de botânica compreende 847 plantas.

d) — Preparo de mostruário definitivo, com peças fitopatológicas de interesse, das quais foram montadas no ano de 1952, 14, que com as preparadas nos anos anteriores perfazem o total de 80 peças.

Foram as seguintes as preparadas no último exercício:

- 1 — Antracnose do caféiro.
- 2 — Bicho mineiro do caféiro.
- 3 — Ferrugem da alfafa.
- 4 — Cuscuta da alfafa.
- 5 — Praga da erva-mate.
- 6 — Ceroplastes grandis em erva-mate.
- 7 — Mancha da folha da videira.
- 8 — Queima do tomateiro.
- 9 — Virose da batatinha.
- 10 — Ampólas da erva-mate.
- 11 — Alga da erva-mate.
- 12 — Fasciação da erva-mate.
- 13 — Fasciação do linho.

e) — Confeção de fichários técnicos, indispensáveis à organização interna da Divisão, em fichas adequadas.

f) — Preparo de diversos meios de cultura.

g) — Exames de rotina e respostas a 50 laudos de consultas.

TRABALHOS TÉCNICOS E DE PESQUISAS

- 1) — "Formações, Consórcios e Associações da Vegetação no Estado do Paraná" — especial para o vol. V-VI dos Arquivos de Biologia e Tecnologia.
- 2) — "Processos de Maceração do Linho" — rev. IBPT, ano I, n.º 1.
- 3) — "O Branqueamento da Cera de Abelha" — rev. IBPT, ano I, n.º 3.
- 4) — "O Estado Fitossanitário da erva-mate no Paraná" — rev. IBPT, ano I, n.º 5.

Uma das mais sérias incumbências distribuídas ao IBPT concerne ao estudo do solo, quer no aspecto de suas deficiências, quer no agrotécnico.

A fertilização da terra é considerada questão primordial daquela instituição. E já foi feita importante tarefa no sentido mais prático da britagem, moagem e outros tratamentos do calcário para correção da acidez. O IBPT conta já com duas instalações que servirão de modelo para pulverização de quele minério.

Examina êle também a saponificação, visando a melhoria da fabricação. Procede êle ao estudo da lavabilidade de argilas em termos industriais.

Solucionou também a questão da areia para fabricação de vidro.

O talco de Ponta Grossa, zona de Itaipococa, vem sendo estudado para sua industrialização e aplicação à cerâmica.

Outros trabalhos de enorme valor científico foram os concernentes aos seguintes temas:

- 1 — Sobre a microdeterminação do Molibdênio.
- 2 — O carvão vegetal como absorvente na indústria.
- 3 — O enriquecimento das proteínas do trigo, em função da calagem dos solos.

O IBPT mantém uma revista de cunho altamente científico e nela foram editados os estudos sobre este território:

- 1 — A crise do enxofre.
- 2 — As provas de barro para olearia comum.
- 3 — Esmalte emulsionável.
- 4 — Algumas considerações sobre o caulim no Paraná.
- 5 — Porque devemos prestigiar as normas elaboradas pela IBNT.
- 6 — Alguns dados sobre a fosfatização.
- 7 — O enriquecimento artificial das farinhas alimentícias.

Existe no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas aquilo que em estabelecimentos de ensino superior se procura adquirir: — uma consciência profundamente científica, devotada e esclarecida.

Meu parecer é que sua equipe é das que na atualidade presta os mais relevantes serviços de caráter assim especulativo como prático, não só ao Paraná como a outros Estados que dele de continuo se servem.

O pessoal, com dedicação verdadeiramente rara, conjuga, como poucos, com probidade e desprendimento, os verbos SERVIR, COOPERAR e COLABORAR.

Ninguém o procura que não saia satisfeito e agradecido.

Referência minuciosa devia merecer o Departamento de Geografia, Terras e Colonização que tanta celexuma levantou na gestão de seu diretor atual, por este ser um homem perfeito, contra o qual apenas articulam esta acusação "sui generis": É HONESTO DEMAIS.

Para dar nos leitores uma idéia da importância dos assuntos que correm por este setor da administração pública, lembrarei que o inesquecível e insubstituível Manuel Ribas, dos maiores administradores que o Paraná já possuiu, através de uma luta titânica, reivindicou para o Estado até 1939, segundo documentação constante do relatório que S. S. apresentou ao Governador Getúlio Vargas, relativo ao período de 1932 a 1939, pág. 27, 2.444.567 alqueires ou sejam 59.158 quilômetros quadrados, superfície esta, maior que a de vários Estados do Brasil e países da Europa. (Vide os dois mapas anexos um com os grilos e outro com a área equivalente).

Teve aquele estadista de afrontar os maiores técnicos em grilagem do Brasil, senão do mundo. Pelejou com eles batendo-os estrondosamente dentro do Brasil, senão do mundo. Pelejou com eles batendo-os estrondosamente perante as repartições, dentro a justiça de todas as instâncias, da liminar à Suprema Corte do Brasil.

E ganhou derrotando os grileiros, tendo tido a satisfação de observar as sentenças obtidas passar em julgado.

Vão anexos dois mapas elucidativos dessa matéria terrível, para os leitores apreciarem a ousadia dos grileiros que nunca recuam diante de nada!

Em homenagem a esse extraordinário estadista e impressionante homem de bem, registro aqui este fato de excepcional importância e de profunda significação: desencarado ele em janeiro de 1946, processado seu inventário, no arrolamento de seus valores patrimoniais não figurou um centímetro quadrado de terras advenientes daqueles colossais grilos...

Ou das devolutas que o Estado possuía, tomando milhões de alqueires.

Era ele um dos raros homens públicos, em qualquer parte do mundo, que antes, durante e depois de governar seu Estado durante 12 anos poderia indicar a procedência líquida e certa de todos os seus bens!

Abri este largo parêntese neste capítulo para dar uma pálida idéia do esforço que um funcionário probe e leal tem de dispender à frente de uma repartição como essa, por onde correm as questões de terras.

Seu trabalho veicou sobre este montante de áreas estaduais:

A) de compra de terras 74, numa área de	192.891.790 m ²
B) de revalidação de direitos 16, numa área de	44.993.695 m ²
C) legitimação de posse 4, numa área de	28.342.243 m ²
D) lotes coloniais 251, numa área de	152.728.422 m ²
E) de concessão de terras para colonização numa área de	42.000 m ²

Constitui este apenas um dos aspectos dos serviços que lhe cabem.

Pois há mais, ainda...

Na Divisão de Colonização, foram feitas vitoriosas completas nas seguintes colônias: Paranavai, Goio-Erê, Tapeira e Cruzeiro.

Acham-se em vias de ultimateção as referentes a Muquílão, Gio-Bang, Cantú e Rio da Areia.

Foram expedidos editais de chamada de 450 requerentes, dos quais foram localizados 355 numa área total de 103.842,45 hectares.

Na Divisão de Geografia o Departamento contratou com a firma Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S/A o recobrimento aerofotográfico do Estado, cuja utilidade é notória e representa uma iniciativa inédita no Brasil.

Revela a mensagem governamental de 1953 (pág. 94) estas informações valiosíssimas:

"Até o fim do ano de 1952, foram recebidos pela seção especializada, mosaicos não controlados e fotografias aéreas (cuja coleção num total de cinco mil fotos, na escala média de 1:25.000) com o respectivo foto-índice, correspondentes a seis quadriculas de 30' x 30', ou seja, recobrimento de



Área total dos grilos de terras locada em conjunto no mapa do Estado.



Mapa do Paraná indicando a localização dos seus grilos de terras.

uma área de 16.000 km². As quadriculas cheias são cobertas com vinte pranchas de mosaico resultantes da justaposição e colagem das aerofotos sobre lâminas de compensado.

As fotografias aéreas, graças ao recobrimento longitudinal de 60% prestam-se otimamente ao exame estereoscópico, e bem por isso, a seção aparelhou-se com um estereoscópio de espelho; Zeiss; e dez estereoscópios de bôlo, podendo assim analisar o relevo do solo através do exame dos pares.

As fotografias em questão poderão ser, posteriormente, após o imprescindível apoio terrestre, resmuidas até a escala de 1:5.000.

A Seção especializada deu início aos arquivos onde o material será conservado, de maneira a tornar a mais simples possível a pesquisa de qualquer elemento.

Dentro em breve serão instalados o laboratório de cópias e ampliações e a filмотeca, esta para a racional conservação dos filmes, sem as deformações que seriam inevitáveis num ambiente não climatizado; justamente por isso, foi adquirido um condicionador de ar que será montado na filмотeca, garantindo-lhe temperatura e unidade constantes.

Desta forma, a Seção poderá estar habilitada para confecção de mosaicos, tendo já dois funcionários adestrados para esta finalidade através de um estágio que fizeram na sede da firma contratante.

XI — AGRICULTURA

Em todos os recenseamentos oficiais, constatou-se o fato muito significativo de mais de 70% da população do Paraná viver nas zonas rurais. O fenômeno do urbanismo ou absentismo ou refluxo de trabalhadores para as cidades nunca foi acentuado.

Cenário da aplicação de uma política imigratória, executada desde 1829 quando aqui ingressaram os primeiros colonos alemães, ampliada a partir da década dos 60, altamente incrementada na década dos 80 e continuada intensamente na década dos 90, depara o Paraná uma experiência ampla embora nem sempre com resultados consideráveis.

Mas não há duvidar que os elementos para aqui conduzidos ou para aqui vindos espontaneamente, se radicaram e, em larga escala, persistiram em atividades agrárias.

Se, quer o Governo Federal, responsável pela criação da maioria dos núcleos coloniais, quer o Governo Estadual agissem em cooperação, completando um a ação do outro, certo os proveitos seriam muito mais vultosos. Entretanto a produtividade que o Paraná apresenta, pelo volume crescente de suas safras, encontra explicação precisamente na existência de colonos e seus descendentes.

Os quadros seguintes que condensam em algarismos o fruto da atividade dos paranaenses no setor agrícola, patenteiam a sua capacidade de trabalho e produção.

O primeiro quadro espelha a quantidade e o valor das culturas temporárias, no quadriênio 1949-1952 e o segundo os dados das culturas permanentes.

Estes cálculos assim se exprimem, nas suas somas totais, quanto às plantações anuais:

ANOS	QUANTIDADE	VALOR
1949	102.613.689 T.	1.558.429.992,00
1950	102.705.902 T.	1.608.145.209,00
1951	102.925.907 T.	2.235.844.670,00
1952	108.873.822 T.	2.870.892.226,00

Ái se observa que, enquanto o aumento da quantidade só se acentuou em 1952, o valor cresceu em mais de 1.300.000.000 cruzeiros.

É de ver a importância que o milho assume no panorama da produção paranaense.

Dá bem, este preciosíssimo cereal, em todo o Brasil e no Paraná.

A sua adaptabilidade a todas as regiões, torna-o um elemento indispensável para a alimentação de nosso povo e dos habitantes de qualquer país. Pouco exigente, de cultura fácil, é providencial, é insubstituível. No Paraná os 79 municípios da antiga divisão territorial o produzem. Vejamos, numa

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

1949 A 1952

PRODUTOS	Unidade Adomada	1949		1950		1951		1952	
		Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)
CULTURAS TEMPORÁRIAS:									
Abacaxi	fruto	2.538.000	5.949.425,00	2.792.050	7.696.700,00	2.285.750	6.735.750,00	2.360.800	7.982.500
Alfafa	quilo	4.419.580	5.672.315,00	6.674.050	7.234.075,00	9.380.400	11.401.070,00	9.957.220	12.278.800
Algodão (em carvão)	arriba	2.896.086	145.925.265,00	1.064.096	103.875.010,00	2.900.430	203.314.850,00	4.443.815	281.278.000
Alho	arriba	71.890	51.187.175,00	72.733	51.187.175,00	118.130	79.200,00	111.56.920	71.56.920
Amendoim (com casca)	quilo	1.465.050	2.152.620,00	1.582.850	3.171.555,00	1.181.305	2.679.200,00	1.411.900	3.059.210
Arroz (com casca)	sc. 60 kg.	1.162.676	164.429.988,00	2.001.959	225.115.008,00	2.216.825	238.261.100,00	2.711.942	336.629.955
Aveia	quilo	383.250	665.640,00	317.095	580.669,00	293.400	584.877,00	327.080	653.465
Batata	tonelada	55.202	39.052.689,00	66.785	51.280.110,00	63.918	53.982.340,00	66.321	60.278.270
Batata inglesa	sc. 60 kg.	2.716.210	132.361.526,00	1.732.267	126.916.166,00	1.878.998	164.992.512,00	1.769.693	114.953.190
Cana de açúcar	arriba	368.830	31.677.828,00	445.049	40.713.700,00	471.670	52.762.710,00	597.266	65.779.300
Cebola	arriba	384.659	10.281.382,00	447.554	14.369.052,00	523.475	17.559.974,00	560.732	20.578.476
Centeio	quilo	13.315.120	21.639.602,00	11.403.864	19.165.032,00	12.279.460	24.666.990,00	11.215.220	25.371.415
Cevada	quilo	100.800	211.200,00	94.260	224.452,00	117.300	344.850,00	249.300	563.000
Fenôjo	sc. 60 kg.	3.787.434	303.574.197,00	4.064.389	306.056.655,00	9.770.319	349.253.025,00	4.156.149	513.655.000
Fumo (em folha)	arriba	68.710	4.004.170,00	50.313	3.332.360,00	76.470	8.092.230,00	77.955	7.791.310
Linho	quilo	4.091.500	2.195.450,00	3.190.289	1.573.869,00	132.310	349.230,00	1.229.450	308.300
Linho (semente)	quilo	602.900	885.130,00	191.675	500.969,00	161.750	510.700,00	123.700	292.465
Mamona	quilo	1.933.400	1.940.100,00	1.735.500	3.051.280,00	1.764.150	4.434.110,00	2.538.150	6.568.880
Mandioca (aipim)	tonelada	263.157	124.189.020,00	240.807	118.028.900,00	236.411	125.205.470,00	238.154	122.189.800
Milho	sc. 60 kg.	9.974.279	546.013.332,00	15.121.569	623.524.033,00	16.657.360	779.265.360,00	15.485.880	1035.333.429
Mandioca (brava)	tonelada	3.039.090	9.616.938,00	24.798	11.975.950,00	27.149	12.108.304,00	38.664	16.730.100
Tomate	quilo	48.975.920	108.814.755,00	46.048.120	8.055.410,00	3.880.400	10.708.304,00	2.101.160	8.619.020
Trigo	quilo	102.613.689	1.538.429.992,00	102.705.902	1.608.145.209,00	42.384.530	103.816.300,00	46.905.960	126.646.092
S O M A	—					102.933.907	2.235.844.670,00	108.873.822	2.870.892.226

PRODUTOS	Unidade Adorada	1949		1950		1951		1952	
		Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)	Quantidade Produzida	Valor Total (Cr\$)
CULTURAS PERMANENTES:									
Banana	cacho	3.848.100	19.465.200,00	2.725.400	14.848.718,00	5.403.195	30.432.005,00	5.112.800	37.888.220
Arriba	quilo	10.016.988	1.366.957.388,00	12.394.227	3.149.343.700,00	2.792.302	20.591.080,00	1.335.230	18.097.400
Café (beneficado)	cento	2.374.815	3.367.050,00	2.703.453	24.015.420,00	13.034.917	3.297.606.090,00	16.446.290	43.513.889,20
Laranja	cento	257.308	3.301.050,00	325.048	4.181.615,00	2.685.814	27.290.555,00	3.059.011	3.300.235
Limão	cento	5.568.700	4.419.300,00	3.059.672	3.337.072,00	2.969.755	2.744.520,00	2.971.650	4.104.240
Tungue	quilo	11.878.340	22.530.006,00	11.844.709	27.257.652,00	3.491.590	4.113.708,00	3.711.115	4.292.500
Uva	quilo	1.604.195	8.919.210,00	2.299.833	18.310.664,00	11.739.980	58.581.241,00	13.114.260	52.553.530
Bergamota (tangarina)	cento	—	—	36.332.342	3.241.494.841,00	39.408.653	3.418.362.790,00	43.627.099	4.823.660.213
S O M A	—								



Vista panorâmica do Colégio Estadual do Paraná, o maior da América do Sul, abrangendo a área integral do grande estabelecimento de ensino, cuja capacidade é de 7.000 alunos em três turnos. Vê-se o ginásio atlético co-

berto, a piscina à direita, o campo de atletismo com as dimensões olímpicas no primeiro plano, a casa do zelador à esquerda, e, ainda à esquerda, o prédio em construção da "Casa do Estudante", iniciativa do governo.

síntese as respectivas áreas de cultura e a produção, distribuídas pelas regiões fisiográficas:

ZONAS	Nº de municípios	Área cultivada (ha)	Produção Scs. 60 Kg.	Valor Cr\$
Litoral	5	978	26.000	2.360.550,0
Alto Ribeira	3	19.830	360.500	32.010.000,0
Planalto Curitiba	7	49.630	1.216.020	83.145.300,0
Campos Gerais	9	48.729	1.286.750	98.609.500,0
Tomazina	7	22.601	592.860	44.794.800,0
Norte Paraná	21	219.684	4.701.750	295.256.900,0
Tibagi	5	48.992	1.206.250	82.863.750,0
Irati	11	64.937	1.344.450	83.228.670,0
Guarapuava	2		261.350	18.667.200,0
Ivaí	6	14.819	3.134.700	208.553.000,0
Iguaçu	3	138.392	1.316.250	73.493.750,0
Foz do Iguaçu	1	42.000	39.000	2.340.000,0
	79	1.600		

Esta área de difusão que cobre todo o território do Paraná faz dele uma riqueza agrícola cuja expansão apenas reclama mecanização e transportes. Conseguida aquela mecanização, propagada sua ação por todo o Estado, e garantidos estes transportes por meio de ródos e ferrovias, ela se multiplicará infinitamente.

Quanto à produção por hectare vamos encontrar no norte os maiores coeficientes médios: Em Bela Vista do Paraíso, 55 sacas por hectare, em

Bandeirantes, 44; em Ribeirão Claro, 35. Na zona do Irati, no município desta denominação deparamos 35; no litoral, Guaratuba com 39; nos Campos Gerais, em Pirai do Sul, com 44; Póro Amazonas, com 35. Dando as estatísticas oficiais dos cálculos em quilos, e sendo a saca de 60 quilos, segue-se que no norte, se chega a colher 3.300 quilos por hectare. Em Bela Vista do Paraíso, em Bandeirantes, 2.624 quilos. E assim por diante. Ora, no último Anuário Estatístico do Brasil, a média geral no triênio de 1949-1951 foi: 1949, 1206, em 1950, 1.287; e em 1951, 1.309.

Termam, pois, os números em testemunhar a presença no Paraná de uma região miraculosa!

Porém, na lavoura anual do Paraná, aparecem produtos cuja quantidade e valor sobem em cadência auspiciossíssima como se pode constatar no quadro abaixo:

Nomes	1949 Cr\$	1950 Cr\$	1951 Cr\$	1952 Cr\$
Feijão	303.574.197,0	306.036.655,0	349.253.025,0	515.055.000,0
Algodão	145.925.265,0	103.875.010,0	261.374.850,0	361.228.600,0
Arroz	164.429.988,0	225.115.008,0	238.261.100,0	356.890.955,0
Trigo	108.814.755,0	104.649.437,0	103.816.250,0	126.646.092,0

Como facilmente se constata, pelos montantes progressivos dos valores das colheitas nos anos em causa, trata-se de lavoura em evolução e podendo

Escorados na descrição da produtividade paraense, se pode falar na realidade da policultura neste Estado, pois existem plantações de rotina, a que falta apenas imprimir maior amplitude pela adoção de métodos de ração



Vistas da Catedral de Curitiba.

Nesta página, três vistas da catedral de Curitiba, vendo-se a nave, onde os bancos destinados aos fiéis são da melhor madeira do Paraná.

nalização e mecanização para galgarem posição estatística de muito maior relevo.

Entre essas candidatas a rápido crescimento citarei a batata inglesa cujo volume de colheita já ultrapassou a casa dos milhões, com seus 11.925.190,00 em 1951, a cebola com 65.599.500,00 e a modestíssima batata doce com 60.575.270,00.

Quanto a culturas permanentes, o café domina como senhor absoluto o seu panorama, absorvendo 97% dos resultados financeiros da produção permanente do Paraná.

Quatro dessas lavouras, pelo menos, deparam perspectivas de largo e brilhante futuro: — Banana, laranja, incluindo nesse título também a tangerina, limão e tucunje.

Para uma apreciação mais clara da situação e da atualidade da produção no Paraná, detenhamo-nos na sinopse abaixo, em que se reúnem os quanti-



tativos globais em toneladas e em cruzeiros das culturas temporárias e permanentes:

Anos	Quantidade (T)	Valor em Cr\$
1949	158.142.135	3.003.113.356,00
1950	139.058.244	4.849.640.050,00
1951	142.334.660	5.654.420.469,00
1952	152.500.092	7.396.552.441,00

Constata-se à primeira vista uma queda apreciável na soma da produção em toneladas, que baixou de 158 milhões em 1949 para 139 milhões em 1950 e, apesar de subir para 142 milhões e para 153 nos dois anos subsequentes, não alcançou ainda o nível de 1949.

Entretanto o valor em cruzeiros subiu de 3 bilhões em 1949 para 7.396.552.441,00 em 1952, acusando um aumento, no quadriênio, de 146%. Enquanto isso, a quantidade em toneladas métricas desca de 3%.



Evidencia-se, pois, um considerável valor da produção agrícola no período em estudo.

Muito significativo depara-se o confronto entre os resultados estatísticos das grandes unidades da federação do ponto de vista produtivo em 1945 e 1951.

Naquele ano, a ordem da sua colocação no Anuário Estatístico (IBGE, 1952) era esta:

1.º lugar — São Paulo, com.....	Cr\$ 6.644.801.000,00
2.º lugar — Minas Gerais, com.....	" 3.432.360.000,00
3.º lugar — Rio Gr. do Sul, com.....	" 1.936.333.000,00
4.º lugar — Paraná, com.....	" 1.164.633.000,00
5.º lugar — Bahia, com.....	" 1.110.867.000,00

Em 1951, os dados constantes daquela publicação do IBGE para 1952 e recém posta em circulação testemunham esta posição das maiores potências econômicas da federação:

1.º lugar — São Paulo, com.....	Cr\$ 19.848.544.000,00
2.º lugar — Minas Gerais, com.....	" 9.098.217.000,00
3.º lugar — Paraná, com.....	" 5.063.154.000,00
4.º lugar — Rio Gr. do Sul, com.....	" 4.647.214.000,00
5.º lugar — Bahia, com.....	" 2.962.603.000,00

Em 1945 a produção paranaense correspondia a 5,8% do total do Brasil que era de Cr\$ 19.944.815.000,00 e em 1951 esse coeficiente subiu a 8,9% sobre Cr\$ 56.307.269.000,00.

A população pecuária era estimada assim pelo Departamento Estadual de Estatística em 1952:

Número de cabeças:	
Bovinos	1.145.873
Equinos	398.446
Asininos	2.318
Muare	150.546
Suínos	2.843.899
Ovínos	140.899
Caprínos	304.208
Valor dos animais:	
Bovinos	1.779.065
Equinos	610.307
Asininos	7.731
Muare	339.726
Suínos	1.453.639
Ovínos	17.104
Caprínos	20.176

Desde a administração do grande Manuel Ribas que a pecuária vem sendo objeto de cuidados do Governo.

E procura-se o aperfeiçoamento das raças com a importação de reprodutores do mais puros, do mesmo passo que, pela manutenção de postos zootécnicos e estações experimentais, coope-se para aquele fim com resultados apreciáveis pois os rebanhos paranaenses, embora não muito numerosos, estão em constante melhoramento genealógico.

Isso tem sido patenteado nas exposições de animais e produtos derivados, de que se efetuou a VI.^a exposição em Ponta Grossa no período de 9 a 11 de março de 1952.

Segundo afirmações da Mensagem do Governador à Assembléia Legislativa em 1.^o de maio deste ano, o certame logrou completo êxito.

Constituiu a pecuária uma das atividades mais generalizadas no Paraná nos séculos XVIII e XIX.

Eram os nossos Campos Gerais criadouros de gado e os fazendeiros mantinham invernadas de engorda de animais adquiridos no Rio Grande do Sul e Mato Grosso. O chamado Caminho da Mata, cuja construção tanto preocupou as autoridades, assim lustranas como as aqui instaladas, servia de vínculo entre a extremidade meridional e o resto do Brasil.

Nossos fazendeiros, que eram também tropeiros, compareciam à Feira de Sorocaba e abasteciam de gado, Rio e Minas Gerais.

Saint-Hilaire testemunhou pobreza em Curitiba e no nosso litoral.

Porém, percorrendo o interior, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, Pirai, reconheceu a existência de excelente padrão de vida nas casas dos estancieros. Quase todos eles desfrutavam de um conforto não encontrado sequer em Curitiba.

Essa situação perdurou durante os primeiros 3/4 do século XIX. E uma prova dessa realidade se encontra no fato de, excecando dois dos titulares, a reduzida nobiliarquia paranaense do Segundo Império, ser formada de fazendeiros, alguns genuínos boiadeiros.

Tais foram os Viscondes de Guarapuava, Barão de Tibagi, Barões de Guaraúna, Campos Gerais, Antonina, Monte Carmelo e viscondessa de Tibagi.

Cabem ainda aqui, referências à atividade do Paraná quanto à produção de mel de abelhas cuja importância econômica dispense-me de acentuar.

Ela se exprimiu por estes valores em Cr\$ de 1945 a 1951:

1945	1.616.000,00
1946	2.317.000,00
1947	2.325.000,00
1948	2.576.000,00
1949	2.434.000,00
1950	3.038.000,00
1951	3.300.000,00

Como se observa, seu valor cresceu durante o setênio, dobrando.

É mister acentuar que a quantidade em toneladas seguiu mesmo ritmo pois de 655 em 1945 passou a 1.014 em 1950 e 1.055 em 1951.

Quanto à cêra, de 1945 para 1946 subiu de 127 toneladas a 199, para descer em 1947 a 130 e daí ascender progressivamente até 181 em 1950 e 1951.

Seu valor se expressou em 1945 em Cr\$ 1.644.000,00, para atingir em 1950, 2.694.000,00 e em 1951, 3.016.000,00.

XII — INDÚSTRIA

Consoante dados estatísticos divulgados na mais recente publicação do DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — a excelente *Síntese estatística do 1.^o Centenário do Paraná* e referentes a 1951, existiam no nosso Estado 4.678 estabelecimentos assim distribuídos segundo a classe das indústrias:

Indústrias extrativas de produtos minerais	99
Indústrias extrativas de produtos vegetais	129
Indústrias de transformação de minerais não metálicos	643
Indústrias metalúrgicas	113
Indústrias mecânicas	26

Indústrias do material elétrico e mat. de comunicações	11
Indústrias da construção e montagem de mat. de transportes	32
Indústrias da madeira	293
Indústrias do mobiliário	293
Indústrias do papel e papelão	17
Indústrias de couros, peles e similares	119
Indústrias químicas e farmacêuticas	71
Indústrias têxteis	16
Indústrias do vestuário, calçados e artefatos de tecidos	160
Indústrias de produtos alimentares	328
Indústrias de bebidas	66
Indústrias editoriais e gráficas	37
Indústrias diversas	37
TOTAL	4.678

Como se vê, as indústrias mais numerosas do Paraná são as seguintes:

	Estabelecimentos
1 — Produtos alimentares	1.505
2 — " de madeiras	993
3 — " de transformação de minerais não metálicos	643
4 — " de mobiliário	293
5 — " de bebidas	328

Aparece com 17 usinas a de papel e papelão, destinada a, dentro de alguns anos, assumir posição de muito relevo na economia nacional.

Possuímos matéria-prima abundante e algumas fábricas existentes como a de Monte Alegre e a de Arapoti deparam perspectivas de um rendimento amplo. Aquela principalmente, se quiser ampliar, remodelar e renovar seu maquinário, pode abastecer quase todas as necessidades do mercado nacional de papel e imprensa.

Quanto ao valor da produção industrial em 1951 somou 5.180.533.000,00 cruzeiros assim distribuídos:

Indústrias extrativas de produtos minerais	61.734
Indústrias extrativas de produtos vegetais	148.932
Indústrias de transformação de minerais metálicos	165.763
Indústrias metalúrgicas	114.083
Indústrias mecânicas	13.604
Indústrias do mat. elétrico e do mat. de comunicações	11.292
Indústrias da const. e montagem de mat. de transportes	20.941
Indústrias da madeira	1.281.815
Indústrias do mobiliário	128.563
Indústrias do papel e papelão	78.580
Indústrias de couros, peles e similares	117.142
Indústrias químicas e farmacêuticas	201.111
Indústrias têxteis	97.781
Indústrias do vestuário, calçados e artefatos de tecidos	36.418
Indústrias editoriais e gráficas	89.635
Indústrias de produtos alimentares	2.443.143
Indústrias de bebidas	147.410
Indústrias diversas	22.586
TOTAL	5.180.533

Pela ordem de importância, são estas as indústrias dignas de reparo no quadro estatístico acima:

1 — Indústrias de produtos alimentares	Cr\$ 2.443.143.000,00
2 — Indústrias de madeiras	Cr\$ 1.281.815.000,00
3 — Indústrias químicas e farmacêuticas	Cr\$ 201.111.000,00



Casa do Expedicionário, construída pela associação constituída dos antigos praças e oficiais que estiveram na Europa defendendo a liberdade contra a tirania dos ditadores.



Dois arranha-céus curitibanos.

Nos 4.678 estabelecimentos industriais do Estado contavam-se 48.195 pessoas, das quais 42.814 eram operários.

Estes recebiam Cr\$ 520.763.000,00 de salário.

Podia o parque industrial do Paraná deparar muito maior importância. Noutro capítulo evidenciarei a razão principal de sua modestia atual.

XIII — MOVIMENTO BANCÁRIO

Depois do de transportes, o problema econômico mais sério no Paraná reside no assunto bancário.

Ressalta logo que os males sofridos pelo Paraná decorrem em parte de deficiência incrível do conjunto de bancos nacionais — atentem os leitores para isto: não apliquei aí nem o vocábulo *sistema* nem o *organização*, pois em nossa pátria não existe nem aquele nem esta — que são na sua maioria de depósito e desconto.

É o nosso financiamento moroso, excessivamente burocrático e quase sempre intempestivo.

Em dezembro de 1951 eram servidas de bancos 56 praças com 178 estabelecimentos, contra 71 praças em 1952 com 252 agências.

Seu movimento se expressava assim:

Ano de 1951:

Disponível	540.364.585,40
Empréstimos	3.368.167.341,20
Depósitos	3.590.497.741,90
Movimento geral	10.781.288.165,10

Ano de 1952:

Disponível	679.834.555,10
Empréstimos	5.079.265.430,30
Depósitos	4.374.493.957,90
Movimento geral	16.185.278.097,30

Houve nos depósitos dum para outro ano, o aumento de 784.036.216 ou 21 %, e nos empréstimos, 1.711.098.089,10 ou 50 %. Este coeficiente poderia falar a favor das instituições em apréço, se uma simples aproximação entre os montantes dos Depósitos e Empréstimos, estes superando aqueles, como se fóra possível sair mais dinheiro de Caixa do que entrou, não esclari-

cesse a proveniência de outras fontes que não as dos recursos próprios dos institutos.

No Paraná, principalmente na fabulosa região do norte, onde café é eternamente ouro, um problema vital é o do funcionamento urgente de bancos de financiamento e investimentos, principalmente constituídos por nós, para os habitantes desta terra e com flexibilidade e capacidade de uma onipresença providencial e constante.

Incluo aqui alguns dados sobre a nunca assaz louvada organização da Caixa Econômica. Essa deverá possuir uma agência onde exista um núcleo populacional por modesto que seja.

Sua rede já é razoável, mas é mister ampliá-la para benefício do povo.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Movimento de depósitos (Cr\$ 1.000):

Saldo do ano anterior	552.252
Entradas durante o ano	815.505
Juros capitalizados	29.675
Retiradas durante o ano	725.448
Saldo em favor dos depositantes em 31-XII	671.984

Movimento de cadernetas:

Existentes em 31-XII-50	166.744
Emitidas durante o ano	28.706
Resgatadas durante o ano	6.566
Em circulação em 31-XII-51	188.884

Seção de Penhores — Valor total Cr\$ 1.000:

Penhores efetuados	2.072
Penhores resgatados	1.779
Cauções emitidas	371
Cauções resgatadas	526

XIV — MERCADO INTERNO

Nas estatísticas oficiais levantadas pelos Estados ou pelos Municípios ou pela União, em vez da locução supra usa-se para descrever o movimento de circulação interna de mercadorias, COMÉRCIO INTERESTADUAL.

Coloquei acima, de caso pensado, a expressão MERCADO INTERNO, mais significativa e que, na sua singeleza, estadeia um dos problemas mais sérios, de solução mais necessária e urgente do Brasil.

Nenhuma nação se tornará grande potência econômica sem o apoio dum mercado interno sólido, estável, amplo.

Eis o segredo da vitalidade e esuberância dos Estados Unidos. E na sua esteira, bem lhe compreendendo o alcance, seguem os países organizados.

Lá, o mercado interno é alvo de todas as solitudes, sobre ele se mantendo eterna vigilância pois sua existência previne as crises, devido à sua ilimitada capacidade de desenvolvimento, possibilidade permanente e absorção de toda a produção nacional.

No Brasil, a primeira observação registrável reside na circunstância da disparidade entre o poder aquisitivo do norte e o do sul.

O consumo da população daquele, em utilidades, manifesta-se em cifras irrisórias. E a explicação é fácil: O norte reclama uma assistência contínua ar se solucionada a questão da seca, da saúde e da produtividade de sua gente.

Reinando aquêle fenômeno meteorológico e, sendo o povo doente, a produtividade cai. E caindo esta, os nordestinos não têm recursos para compra das coisas mais urgentes e indispensáveis.

E, dada a interdependência das coletividades, assim nacionais como universais, toca ao sul o dever impostergável de ajudar o setentrioniano em esforço hercúleo de salvação pátria.

A fatalidade que atinge seu povo é uma desgraça nossa, dos meridionais. Afiora aqui, apenas o assunto. Por seu alcance profundo, merece tratado onde quer que haja oportunidade.

Embora haja dificuldades, impõe-se fomentar por todos os meios possíveis o crescimento das relações econômicas interestaduais.

Elas, dum lado, injetam ânimo aos nossos irmãos nordestinos. Doutro, irão constituindo e fortalecendo os pilares da própria economia nacional, que só será pujante quando se apoiar num grande mercado interno.

Demas abaixo as informações estatísticas de 1952.

Revelam elas ter sido o montante de suas operações em 1952 de 5.013.434,000, abrangendo 29 unidades e mais o Território de Guaporé. Consta aí o valor monetário do movimento.

Por classes, aquela soma se distribui assim:

Animais vivos	195.613.000,00
Matérias-primas	1.369.854.000,00
Gêneros alimentícios	2.418.602.000,00
Manufaturas	1.029.565.000,00

E a esse valor correspondem as seguintes quantidades:

Animais vivos	15.586 t
Matérias-primas	845.024 t
Gêneros alimentícios	591.367 t
Manufaturas	175.323 t

Segundo os destinos e as quantidades, o Estado colocado em primeiro lugar é São Paulo com 3.472.386.000,00 quanto ao primeiro título e com 1.324.132.000,00 quanto ao segundo. Estes dados são recopiados da excelente publicação do Departamento Estadual de Estatística do Paraná.

Recorrendo ao Anuário do IBGE, volume de 1952, lá se nos deparam estes algarismos sobre 1952, consignando as duas vias principais de intercâmbio, embora o movimento de transportes aéreos apresente crescente volume de ano para ano:

São Paulo.	Quantidade	
	Exportação	Importação
Cabotagem	304.027 t	944.179
Vias internas	641.878 t	2.180.556
Soma	945.905 t	3.124.735
	Valor Cr\$	
	Exportação	Importação
Cabotagem	4.200.470.000,00	4.331.950.000,00
Vias internas	5.607.714.000,00	9.264.782.000,00
Soma	9.808.184.000,00	13.596.732.000,00

Demorem-se os leitores sobre essas cifras e notem que, enquanto São Paulo importa doutrinas unidades da federação Cr\$ 13.596.732.000,00 de mercadorias, exporta para elas Cr\$ 9.808.184.000,00! Sobre a favor dos outros Estados a respeitável quantia de Cr\$ 3.788.548.000,00!

A posição estatística do Paraná no intercâmbio nacional era esta, segundo o Anuário de 1952 do IBGE:

	Quantidade	
	Exportação	Importação
Cabotagem	134.657 t	109.630
Vias internas	1.091.548 t	236.752
Soma	1.226.205 t	346.382
	Valor Cr\$	
	Exportação	Importação
Cabotagem	481.851.000,00	378.880.000,00
Vias internas	2.109.154.000,00	1.402.702.000,00
Soma	2.591.005.000,00	1.781.582.000,00

A nossa situação em face dos demais Estados é inversa da de São Paulo. Exportamos-lhes mais do que importamos.
E, aliás, o volume de nossas transações, quer exportando, quer importando, é positivamente modesta, insignificante mesmo.

XV — COMÉRCIO INTERNACIONAL

Notórias são as tremendas perturbações em curso nas relações entre as nações. Terminou a guerra há 8 anos. E ainda sofremos-lhe as terríveis conseqüências.

E parece-me que tão cedo não desaparecerão os distúrbios em seu funcionamento, persistindo com reflexos imprevisíveis sobre a economia de todos os povos.

E sabido que não obstante os males reinantes no intercâmbio dos povos, a balança comercial do Brasil aumenta sempre em valor, embora, em quantidade, só em 1951 superasse o montante de 1938/39:

Anos	Importação		Exportação	
	Quantidade	Valor Cr\$	Quantidade	Valor Cr\$
1938/39	4.850.943	5 bilhões	4.058.456	5 bilhões
1949	7.179.049	20 bilhões	3.744.053	20 bilhões
1950	8.967.894	20 bilhões	3.819.083	24 bilhões
1951	10.994.491	37 bilhões	4.851.889	32 bilhões

Ilumina, esta sinopse, o intercâmbio internacional, indicando as razões de nossa falta de divisas pois, enquanto vendemos 32 bilhões, compramos 37 bilhões de mercadorias, o que nos levou a tomar dinheiro emprestado dos Estados- Unidos para os pagarmos!

Quanto à importação, nosso movimento em 1952 (Departamento Estadual de Estatística) foi assim: Quantidade 328.668, assim distribuída por classes:

Animais vivos	3
Matérias-primas	263.566
Gêneros alimentícios	51.461
Manufaturas	13.638

Quanto ao valor somou: 630.092.000,00 de cruzeiros assim:

Animais vivos	124.000,00
Matérias-primas	247.489.000,00
Gêneros alimentícios	125.276.000,00
Manufaturas	257.203.000,00

Os países donde mais importamos foram os Estados- Unidos com 228.015.000,00, Venezuela com 107.223.000,00, Antilhas Holandesas com 73.824.000,00 e Alemanha com 70.756.000,00.

Desenvolveu-se o comércio de exportação assim:

	Quantidade:
Matérias-primas	27.216 t
Gêneros alimentícios	221.998 t
Produtos manufaturados	169 t

Segundo o valor em Cr\$:

Matérias-primas	39.592.000,00
Gêneros alimentícios	3.917.284.000,00
Produtos manufaturados	185.000,00

Enquanto o Brasil, consoante os dados iniciais deste capítulo se mostra deficitário em suas trocas exteriores, o Paraná depara o espetacular saldo de Cr\$ 3.327.462.000,00!

Advinham sem dúvida os leitores quem é o nosso grandíssimo comprador: os Estados- Unidos, que nos adquirem 73 % de nossas mercadorias exportáveis.

Deram saldos positivos no comércio com os ianques, os Estados abaixo. Tais saldos avulsi-os em dólares ao câmbio oficial de 18,72, devendo assinalar que os elementos em tela servem apenas para dar uma ideia aproximada da situação do Paraná, pois em verdade há atualmente certa dificuldade em se determinar com rigor essas sobras, porque há outras taxas de importação e exportação que alteram os resultados.

Consigno apenas os valores dos saldos em dólares os únicos que me interessam neste estudo:

1.º lugar — Paraná	\$ 188.725.000,00	Cr\$ 3.532.847.000,00
2.º lugar — Bahia	\$ 48.534.000,00	Cr\$ 908.563.000,00
3.º lugar — Espírito Santo	\$ 48.225.000,00	Cr\$ 812.892.000,00
4.º lugar — Rio de Janeiro	\$ 18.171.000,00	Cr\$ 343.153.000,00
5.º lugar — Maranhão	\$ 15.242.000,00	Cr\$ 285.347.000,00
6.º lugar — Santa Catarina	\$ 15.088.000,00	Cr\$ 282.467.000,00
7.º lugar — Ceará	\$ 9.693.000,00	Cr\$ 180.436.000,00
8.º lugar — Amazonas	\$ 8.599.000,00	Cr\$ 160.983.000,00
9.º lugar — Paraíba	\$ 2.931.000,00	Cr\$ 55.075.000,00

Foi muito valiosa a contribuição do Paraná em 1952, num ano de conjuntura terrível, no seu duplo efeito de engrossar com 25 % os proventos da retenção cambial que tanta cealuma desperta nas classes produtoras do país.

e com os 75% restantes, para constituir as nossas possibilidades em dólares, a moeda forte com que se liquida a quase totalidade das transações no plano internacional.

Seu embargo desse importante fato, isto é, de sermos a unidade nacional que mais contritamente fornece em excesso de exportação sobre importação, não recebemos a compensação devida. Vibram por aí as queixas mais justas quanto à licença prévia.

Precisamos de muitos artigos estrangeiros e não os conseguimos por não nos concederem divisas, isto é, precisamente aquilo que, "par droit de conquête et naissance" deveríamos receber, pela lógica dos acontecimentos econômicos. Basta lembrar que serviços importantíssimos como a construção da Estrada de Ferro Central do Paraná e a realização de nosso plano rodoviário padecem atraso por motivo daquelas restrições.

XV — INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

Houve no ano de 1951, 1.736 hipotecas inscritas, sendo 1.069 relativas à zona urbana, 389 à zona suburbana, e 278 à zona rural.

Somaram elas 502.475.000,00 cruzeiros, sendo que os prazos variaram de 6 meses a mais de 20 anos e os valores mais volumosos se vinculavam aos prazos de 5 a 10 anos.

Relativamente a transmissões e transições, seu valor subiu a Cr\$ 1.822.545.000,00, representando 39.988 operações.

Avultaram as de compra e venda, em número de 27.188, as de partilhas, em número de 7.121, e as de usucapião, em número de 3.083.

Houve 5.288 títulos protestados, sendo 892 por falta de aceite e 4.396 por falta de pagamento.

Os primeiros importaram em Cr\$ 3.925.000,00 e os segundos em Cr\$ 38.289.000,00.

Para consumo próprio e abastecimento público foram abatidas 355.072 cabeças de gado assim: 110.103 bois; 49.600 vacas; 5.314 vitelas; 136.031 porcos; 32.182 leitões; 5.481 ovinos e carneiros; 16.361 caprinos.

Existiam em 1952, 100 periódicos noticiosos, literários, esportivos, científicos, sendo em português 96 e em língua estrangeira 4.

A tiragem média das edições comuns foi de 194.230 exemplares.

Funcionavam 24 estações de rádio que possuíam 100.781 discos e realizaram 72.751 irradiações, montando as de música clássica a 5.938, e as de música popular e folclórica a 34.714.

Deram-se 2.132 transmissões desportivas e 2.335 de comentários jornalísticos.

Fizeram-se 1.594 representações teatrais, 349 programas infanto-juvenis, 515 femininos e 1.211 humorísticos.

O movimento espiritualista-religioso ou filosófico se objetivou pela ação consignada nos dados abaixo, quanto aos 3 cultos principais exercidos na coletividade paranaense.

CULTO CATÓLICO

Número de templos:	
Matriz	116
Igrejas comuns	85
Capelas curadas	527
Capelas comuns públicas	822

Número de sacerdotes existentes

283

Movimento religioso durante o ano:

Batizados	86.252
Crismas	48.055
Comunhões	3.058.711
Casamentos	15.711
Extremas-unções	6.775
Encomendações	7.067
Procissões	1.220

Associações religiosas

580

Número de associados

82.621

CULTO PROTESTANTE

Número de templos

179

Número de salões

79

Número de oficiantes:

Ministros	182
Diaconos	390
Presbíteros	273

Membros existentes em 31-XII-50

40.256

Movimento religioso durante o ano:

Admissões novas ou filiações verificadas	6.140
Batismo de crianças	1.219
Casamentos ou bênçãos matrimoniais	505

Movimento religioso durante o ano:

Ofícios fúnebres

521

CULTO ESPIRITA

Número de locais arrolados

58

Movimento durante o ano:

Sessões realizadas	9.102
Conferências e palestras	799
Festas e reuniões sociais	151
Adeptos existentes em 31-XII	8.608

Dependências e serviços mantidos:

Escolas	9
Bibliotecas	16
Outros	40

Verificaram-se em 1951, 76 desquites, sendo 50 amigáveis e 26 litigiosos que tiveram por causa: 1 — adultério; 2 — tentativa de morte; 5 — sevícias; 18 — abandono do lar.

Segundo os filhos: 2 tinham mais de 6; 11 de 3 a 5; 55 de 2; 28 sem filhos.

Quanto à idade:

Marido:	
Até 30 anos	10
De 30 a 45 anos	42
De 46 e mais	20
Sem declaração	4
Mulher:	
Até 30 anos	35
De 30 a 45 anos	28
De 46 e mais	9
Sem declaração	4

Quanto à profissão:

Marido:	
Liberal	2
Comércio	26
Indústria	11
Militar	1
Outras	36
Mulher:	
Prendas domésticas	63
Outras	13

Foram censoados 59 sindicatos, sendo 33 de empregados, 18 de empregadores, 4 de conta-própria e 4 de profissões liberais; havia mais 36 de outras organizações trabalhistas e classe.

Contavam-se no Estado em 1951, 56 cooperativas, sendo 18 de consumo, 29 de produção, 7 de compra e venda e 2 de crédito em comum.

O número de sócios era de 28.326 e seu capital somava 27.078.000,00.

Mister sublinhar como fato de muita importância o funcionamento de 29 cooperativas de produção, a mais discutida e até negada das instituições daquele gênero.

E nessa pequena, mas significativa estatística, seu número supera, precisamente as de Consumo, as mais populares em todo o mundo.

Trata-se de experiência digna de imitação, pois desde Charles Gide se diz que o cooperativismo pela prática do solidarismo constitui o meio seguro de eliminar a questão social nos seus aspectos truculentos, preconizados por muitos.

Foram arrolados 128 recintos para desportos, sendo os mais numerosos os de futebol com 84, basquetebol, 58, tênis, 13. Com arribancadas havia 84. A capacidade total de assistentes era de 66.230.

Realizaram-se 2.864 competições esportivas, predominando o futebol com 1.461, basquetebol com 482, voleibol com 488, tênis com 122.

Possuía o Paraná em 1951, 133 estabelecimentos de diversões, sendo 107 nas sedes municipais, 17 nas distritais, 9 em outros povoados. Havia 130 estabelecimentos com aparelhagem cinematográfica, contando-se 200 máquinas de projeção.

O movimento anual de espetáculos desenvolveu-se estatisticamente assim: 28.970 exhibições cinematográficas; 283 teatros musicados; 34 de declamação; 64 recitais e concertos e 183 de outros gêneros.

O número de espectadores foi de 6.873.086, subindo os de cinema a 6.801.575, seguindo-se os de concertos com 22.776 e os de declamação com 11.721. Havia 308 associações de cultura, sendo 117 de cultura física, 11 de cultura intelectual e artística e 180 de cultura geral e social.

O número de associados era de 91.767, sendo 88.452 homens e 3.315 mulheres.

Naquele número se contavam 14.197 esportistas.

O movimento dessas entidades expressou-se assim em números:

Congressos	17
Conferências e palestras	724
Exposições	90
Solenidades cívicas	174
Concertos e representações teatrais e cinematográficas	1.054
Excursões e acampamentos	889
Reuniões recreativas e dançantes	2.470
Paradas e passeatas	45
Outras atividades	6.657

Funcionaram no Estado em 1951, 922 estabelecimentos de hospedagem, com 1.713 quartos. Seu movimento atingiu a 877.146 pessoas, tendo superado a cifra do ano anterior em 7.904 hóspedes.

Contava o Paraná, em 1951, 107.131 prédios, sendo 73.151 na zona urbana e 33.980 na suburbana.

Eram exclusivamente residenciais 83.592, mistos 13.183 e somente para outros fins que não os de moradia 10.356. 103.084 contavam apenas um pavimento, 4.101 de 2 a 3; de 6 a 10, 32 e de mais de 10, 14.

Quando a telefonia, existiam em 1951, 2 empresas com 13.179 aparelhos, dos quais 111 déles, 596 de reparações públicas, 12.392 de particulares e 80 públicos.

Os assinantes eram 9.800.

72 municípios do Paraná são servidos por telefones.

XVI — ENERGIA — PROBLEMA VITAL DO PARANÁ

Há apenas 43 anos, Olavo Bilac, depois de percorrer o Brasil, acompanhando a comitiva do conselheiro Afonso Pena, escreveu que o Brasil necessitava de duas coisas: sabão e alfabeto.

20 anos após, Tobias Moisés, sustentava que a civilização avança na ponta dos trilhos.

Lenine lançou esta conceituação, que supera as anteriores, ao definir comunismo: É luz elétrica mais comunismo.

Para mim, civilização é energia elétrica.

Levá-la, pois, a todos os recantos de um país. Eis o grande problema contemporâneo.

E para nós, do Paraná, trata-se de assunto vital. Este Estado é evidentemente privilegiado quanto à distribuição de recursos naturais.

Raros, raríssimos mesmo, os territórios nacionais que possuem auto-suficiência quanto a elementos essenciais.

Este conta com carvão mas não tem força hidráulica, um ferro, nem petróleo: Inglaterra.

A Itália dispõe de água, mas não tem nem petróleo, nem carvão.

A Alemanha tem ferro e carvão, mas perdeu a guerra por não possuir petróleo.

O poderio dos Estados Unidos e da Rússia assenta na posse de petróleo, ferro, carvão, e muita força hidráulica.

Ora, o Paraná se inclui entre essas regiões, favorecidas por Deus.

Pois, em suas terras há petróleo, há carvão, há ferro, e há das maiores e mais numerosas quedas d'água do mundo, bastando citar apenas o afamadíssimo SALTO DAS SETE QUEDAS no Rio Paraná e a CATARATA DE SANTA MARIA no rio Iguaçu. Infelizmente, porém, a exploração da fabulosa energia de seus caudais ainda não se faz como é necessário.

Quanto à utilização dessas duas prodigiosas potências hidráulicas, não foi nem creio possa ser posta em equação, apesar de objeto de exame nas reuniões de Governadores cujos Estados têm interesse em aproveitar as riquezas do vale do rio Paraná.

As administrações públicas do Paraná se preocuparam nestes últimos anos com o estudo da utilização das quedas menores, para a fundação de centrais elétricas em pontos essenciais do território paranaense.

O Governador Moisés Lupion mandou elaborar um plano a que deu começo de execução. E o atual chefe do Poder Executivo, Dr. Munhoz da Rocha, determinou-lhe a revisão.

A ditretriz que os poderes públicos querem imprimir ao assunto se acha sintetizada nestas linhas:

"Em substituição ao chamado Plano Hidro-elétrico do Estado, que consta de uma série de centrais geradoras, quase todas de pequena potência, e sem constituir um sistema interligado, foi esboçado um plano nacional de abastecimento de energia elétrica da região mais populosa do Estado, com ampla interconexão das centrais geradoras.

Este plano, embora parcial, vem satisfazer as necessidades atuais de consumo, porque abrange a região em que as solicitações de energia podem justificar uma grande produção — a Zona Norte, o Planalto de Ponta Grossa, a Estrada de Ferro Central do Paraná, a Região Circunvizinha de Curitiba e o Litoral.

Trata-se realmente de um plano parcial, ou melhor, da parcela principal de um plano geral que precisa ser executado com prioridade. Estudar com pormenores o plano geral antes de começar a execução da parcela mais urgente seria, sem dúvida, perder precioso tempo.

A área restante do Estado apresenta pequenos centros de consumo, separados por longas distâncias, não permitindo, no momento, a instalação econômica de grandes centrais geradoras. Mas, o problema da eletrificação não pode ser circunscrito aos grandes aproveitamentos. Para a área citada, por exemplo, a solução deve ser encaminhada para a construção de usinas de menor potência, com linhas de transmissão pouco extensas." (Mensagem de 1953, pág. 129).

Prevê-se que, para construir as centrais e linhas de que cogita o plano em exame, será necessário o dispêndio de 1.200.000.000,00, gastos em 5 anos de trabalho.

Segundo esse programa, o Estado ficará dotado das seguintes centrais elétricas com uma produção prevista de 208.000 HP:

Centrais hidro-elétricas do conjunto Cachoeira-Capivari, 105.000 HP.

Central hidro-elétrica do Tibagi, 36.000 HP.

Central hidro-elétrica de Carvalhópolis, 27.000 HP.

Central termo-elétrica de Figueira, 40.000 HP.

TOTAL, 208.000 HP.

Presentemente a estatística nos informa que a situação é a abaixo:

Em funcionamento:	84
Número de usinas	
Potência:	61.199
Em KW	83.095
Em HP	
Em construção:	16
Número de usinas	
Potência:	51.081
Em KW	68.100
Em HP	
Número de usinas em funcionamento segundo os sistemas:	
Hidro-elétrica	33
Termo-elétrica	16
Diesel-elétrica	35
Potência das usinas em funcionamento (KW):	
Hidro-elétrica	42.522
Termo-elétrica	7.087
Diesel-elétrica	11.581

Ao meu parecer, a atualidade é modestíssima, precária mesmo, pois a energia e a luz não satisfazem o mínimo das necessidades do povo.

Ademais o Estado entrou numa fase de desenvolvimento de proporções imprevisíveis, pelo que se impõe estudar uma planificação mais ampla, suscetível de atender às exigências dos municípios durante alguns vintênios.

E não tardará passe ao âmbito do exame das possibilidades de execução, a questão da utilização da força hidráulica dos saltos do oeste.

Só ela trará solução definitiva ao problema do fornecimento de KW a populações cheias de iniciativa, de capacidade de trabalho e que encontram na deficiência de eletricidade um obstáculo à ação e à produção.

XVII — SERVIÇOS DE ÁGUA E ESGOTOS

No Paraná, em 1951, de seus 119 municípios apenas 37 possuíam abastecimento domiciliar de água e só 13 tinham rede de esgotos, convindo notar que das sedes apenas 12 a contavam e a 13.^a estava instalada em distrito.

23 localidades eram servidas por torneiras públicas.

Havia 52 reservatórios com capacidade de 45.162 mts.3 e a extensão das linhas distribuidoras em metros lineares subia a 574.468.

Eram servidos 826 logradouros públicos com canalização e os prédios abastecidos eram em número de 31.431.

A captação em 24 horas subia a 77.643 mts.3, sendo o comprimento das adutoras de 150.049 mts.

A rede de esgotos tinha 318.684 metros e o emissário 12.518.

Quanto aos prédios servidos eram, pela rede, 18.715, e por fossas, 3.345.

XVIII — SAÚDE PÚBLICA

Com os transportes e a energia elétrica, a Saúde Pública integra a tripeça da complexidade fundamental dos problemas do Estado.

A Saúde Pública deve contribuir para a eficiência do homem, tornando-o unidade útil à coletividade. A energia elétrica lhe favorece as atividades e concorre para sua cultura e para mantê-lo em padrão alto de vida. E os transportes garantem a circulação da produtividade decorrente do estado de higidez do material humano.

Diz a Mensagem Governamental de 1953 que, em 1952, através da Divisão de Cooperação e Coordenação, funcionaram 46 Postos de Puericultura, 3 Maternidades, 3 Creches, 2 Lares de Crianças e 32 Postos de Puericultura, mantidos pela Legião Brasileira de Assistência.

Mercez destaque o ritmo da campanha que corre por esse Departamento, para a construção de 100 Postos de Puericultura, quarenta dos quais serão construídos pelo Departamento de Edificações, 19 pela Legião Brasileira de Assistência e os restantes por intermédio das Prefeituras Municipais e das Associações de Proteção à Maternidade e à Infância.

Os serviços oficiais de Saúde Pública se espalharam nestes dados do DEE relativos a 1951:

O pessoal empregado nos trabalhos era este:

Médicos

Dentistas

Enfermeiros

Atendentes

Visitadores

Guardas

O número de leitos montava a 172.

O movimento da assistência médica se expressou nestas cifras:

Matriculas novas

Comparecimentos para consultas

Receitas expedidas

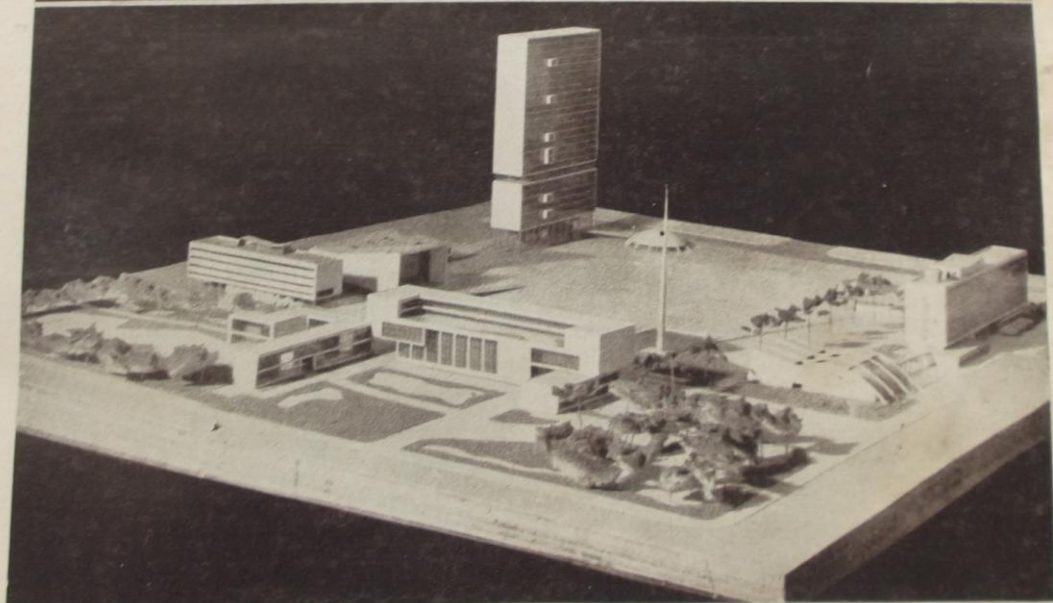
Pessoas encaminhadas a hospitais

8.330

57.238

14.168

1.125



Dois aspectos da maquete do Centro Cívico de Curitiba, cuja construção foi empreendida pelo governador Bento Munhoz da Rocha. Trata-se de um conjunto monumental de edifícios onde se concentrará toda a administração do Estado. Ali funcionarão o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O prédio mais alto acolherá todas as Secretarias de Estado nos seus 33 andares.

Feito segundo as mais avançadas regras arquitetônicas, é a maior estrutura de cimento armado do mundo. O plano vem desde Agache, que fez os primeiros estudos; da sua execução cogitou Manuel Ribas. Está cabendo ao Eng.º Elato Silveira, com uma equipe de profissionais jovens, realizar esta grande obra de arquitetura, uma das maiores do Brasil.

um dos quais, o de São Miguel, foi pelo Serviço de Patrimônio Histórico do Brasil, inicialmente destinado para a transformação em Museu Histórico, o inaugurando. Enquanto essa obra o professor paranaense Dr. Davi Camargo, por incumbência do Ministério de Educação.

II — O CAÇADOR DE ESMERALDAS E OS TRÊS REINOS DO TIBAGI

Depois de notória taxa desfechada pelos inventores Bandeirantes, acrescentar os setores ocidentais até entrar nesses a figura legendária de Fernão Dias Pinto Leme, o imortal CAÇADOR DE ESMERALDAS, casado por Cláudio Billac em seu singelo e conhecido poema daquele nome.

Analisado pelo acervo do Paraná o impetuoso e energético caçador-de-ouro e durante três anos acampou nas terras do rio Tibagi.

Domínio pelo propósito de achar ouro, prata e pedras preciosas, vagueou em exploração sua mineração.

E, em suas entradas, descobriu a existência de 3 reinos, governados pelos soberanos chamados SONDA, GRAVITAI e TOMBU, da nação GUAIANA.

Em 1661, refere Romário Martins (Op. cit., pág. 212), depois de longa estadia à sua ação tentou Fernão Dias lançar-se de novo à vida bandeirante, no sertão de GUARA, onde por largo tempo acampou com sua tropa na região central de Apucarana, junto ao sertão dos índios da nação Guianá. Reintegraram ali três grandes chefes como de sua soberania: SONDA, GRAVITAI e TOMBU, rivais entre si e em constantes guerras.

O mais poderoso era o rei TOMBU, que tinha organizado o seu reino com verdadeiras requintes estratégicas. À frente do seu reino palácio havia quatro armas do reino um tanto siso com três armas vivas. Havia



Nesta fotografia histórica vê-se Lord Louis em companhia do então Príncipe de Galles, depois Rei Eduardo VIII e hoje Duque de Windsor, visitando o Norte do Paraná em 1921. Lord Louis foi o idealizador da amizade paranaense do Norte do Paraná, e a ele se deve a criação do cidade-milagre de Londrina e a de outras urbes paranaenses.



No Norte do Paraná tudo é lembrança. O que acima parece um enorme despechador, e na verdade uma brucha de ferro muito aberta numa rua central de Londrina pela manhã, e que antiga muito antiga para ser consagrada.

leis e costumes seguidos com severidade. Anistia-o no pago um mestre de cerimônias, que introduzia os visitantes as audiências reais.

Falavam-lhe os súditos com os joelhos em terra, sem jamais levantarem os olhos para a face do rei.

Sua saída do paço era feita em andar em que ia armado, carregado sobre os ombros dos principais do reino. À sua passagem, o povo se abatia, na mais passiva submissão, e sem a atitude ficava até que passasse o rei.

Fernão Dias pôs cerco às fortificações e acameleiras dentro três dias, mas lhes fez ver não ser sua intenção vencê-los pelas armas, mas sim fazer com eles amizade e conduzi-los para o príncipe da Iléria. Levou ouro para os convencer. Quando o conseguiu, marcharam todos em direção de São Paulo, onde chegaram 5.000, sendo embaleados à margem do Terti, abando da vila de fazenda do Paratubá. SONDA talhou em vassal, e pouco depois, no seu reino suino, TOMBU.

III — AS EXPLORAÇÕES DO TIBAGI

Constituem capítulo relevante da penetração na fronteira TIBAGI — PARANAPANEMA — PARANÁ as EXPLORAÇÕES DO TIBAGI, realizadas na administração de D. Luís Antônio de Souza Bonello Mourão, general-governador da Capitania de São Paulo.

Foram encetadas e ficaram conhecidas sob aquela denominação seis ou sete incursões pelo sertão do Paraná, não se limitando à zona daquele rio, pois as companhias vão a direção-geral do Ter-ent. Alberto Bonello Sampaio e Souza, além de se interessarem como de seu programa especificamente pela região tibagista, visavam ao extenso vale do rio do Raposo, hoje Itaipua, o desbrilhamento dos campos de Guaranápolis por onde corria e dos de Pelotas, objeto também de suas expedições.

Relativamente ao quadrilátero curvilíneo do sertão paranaense, a tanto capital desta monarquia, perduraram-se até todos os séculos.

Durante as sucessivas expedições, foi criado um povoado e hoje no exteio denominado rio S. Luís, hoje Ita, cerca do rio Mourão, suas terras atualmente formam a comarca de Campo do Mourão.

Foram eficazes as expedições do ponto de vista de sua finalidade de explorar a mesopotâmia quadrilátera. Confinou-se muito logo o sertão. Agente delas nada resultou quanto a povoamento efetivo, como mostram nossos capitães. Constatam seus objetivos específicos a busca de ouro e pedras preciosas, cuja existência era propagada por lendas e notícias persistentes. Além, é de se acrescentar, implicavam essas penetrações sacrifícios atrevidos para regras firmadas de salomônicas sem fronte a mínima trebuchação e sujeito a rude disciplina. Como testemunho de linha proveniente dessas incursões atrevidas é suficiente lembrar que dois dias contínuos de



Estação Experimental do Ministério da Agricultura no Norte do Paraná.

explorações pereceram em consequência de enfermidades ali adquiridas ou agravadas, o Cap. Estêvão Baião, e o Ten. Bruno Costa. Como já disse, apesar do esforço extraordinário desses devassamentos ordenados pelo Gen. Luis Mourão e "in loco" chefiados pelo Ten.-cel. Afonso Botelho, o norte do Paraná continuou sem um povoado estável, base de futura freguesia ou vila.

IV — OS CAMINHOS PARA O OESTE

Registram crônicas uma tradição pré-colombiana da travessia operada de leste para oeste por uma criatura, procedente do continente asiático, conhecida por ZUMÉ.

Conservaram-na os nossos aborígenes. E desde os primeiros contatos com os descobridores do Brasil, foi ela recolhida e fez-se a identificação daquela individualidade com o apóstolo São Tomé. Sobre esse interessante assunto, consta de uma MEMÓRIA publicada em comemoração do Centenário da Independência do Brasil em 1922 pela Prefeitura de Guarapuava, Paraná, produção do historiador e homem de letras paranense, Dr. Eurico Ribeiro, natural daquela cidade, este trecho: "Logo depois de encetar as suas peregrinações através dos sertões de Guairá, os jesuítas ficaram surpresos com o que lhes contavam os indígenas acerca dum personagem misterioso, um caraíba de grande poder, que atravessara aquelas paragens em época remota e cujas façanhas eram transmitidas de pai a filho com religiosa emoção.

A princípio os missionários deram ouvidos moucos às palavras dos selvagens. Ceddo, porém, desvaneceram-se-lhes as desconfianças: todas as tribos, arguidas separadamente, narravam mais ou menos os mesmos fatos.

E isso os levou a declarar oficialmente que o incrível Tomé havia estado na margem esquerda do Paraná, entre os rios Paranapanema e o Iguacu. Viera do lado do Atlântico, atravessando o Tibagi no seu curso médio, galgando a serra da Apucarana, vadeando o Ivai, enveredando para o Piquiri e dali prosseguindo não se sabe como nem para onde.

E o trajeto que fez, ficou indelévelmente assinalado com uma estrada milagrosa de oito palmos de largura construída pela simples passagem do apóstolo. Ao que parece essa estrada subsistiu por centenas de anos, pois encontram-na em mapas antigos com a denominação de estrada de São Tomé, sendo que por ela se fazia o percurso no século XVI de São Vicente ao Paraguai. Washington Luis afirma que os índios davam a esta estrada o nome de Peabiru ou Piabiru.

Em sua passagem, o santo sempre esteve em contato com o índio, pregando a moral, falando em Deus, fazendo profecias, praticando milagres e ensinando coisas úteis. Discorreu sobre o dilúvio, sobre a necessidade de cada índio possuir uma só mulher, sobre a vinda de missionários brancos como ele, que deviam modificar os costumes e guiá-los à senda do bem e da retidão corporal e espiritual. Anunciou a criação de uma vila na Foz do Pirapó. Deixou as impressões de seus pés em uma pedra do vale do Piquiri, no lugar donde dirigiu muitas prédicas. Ensinou o uso do fogo, das raízes alimentícias, do 'caá' — a saborosa erva-mate, cujo poder mortífero o santo exterminou, tostando-a ao fogo com suas mãos sagradas." (Esboço da História do Oeste do Paraná, Eurico Branco Ribeiro, pág. 5.)

Com o nome de CAMINHO DE PEABIRU, o traçado atribuído a São Tomé se tornou o roteiro seguido por quantos se dirigiam para o Paraguai ou de lá procediam, para o leste.

Conheceu-lhe trechos o célebre Cabeza de Vaca. E as bandeiras de Manoel Preto, Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias Pais Leme e outros o palmilharam muitas vezes. Antônio Raposo Tavares, o realizador incrível de um dos maiores reides jamais executados no espaço e no tempo, fez-lhe o percurso quando arremete contra os sertões sul-americanos, corta o Paraguai e Bolívia, atinge o Peru, galga-lhe a cordilheira dos Andes, desafia os castelhanos, inflete sobre o rio Solimões, desce-o, entra nos caudais do rio das Amazonas, sobe-lhe o afluente Gurupi, afronta as brenhas invioladas de Mato Grosso, transpõe o Rio Grande e Paranaíba, ganha terras de São Paulo e chega a Quitauina em tal estado que a própria família o desconhece.

Voltando a ZUMÉ ou São Tomé, consigno aqui haver de sua passagem sinais atribuídos a ele, como em Campo Largo onde o Prof. Veríssimo de Sousa viu, consoante refere em crônica, seu rastro em uma laje de granito. (ANTOS, revista, Curitiba, 1917.)

Quanto ao PEABIRU exerceu ele papel preponderante nas comunicações entre leste e oeste, através do retângulo setentrional do Paraná, hoje PAÍS DA TERRA ROXA, pois, encurtando distâncias entre o Atlântico e o Paraguai, enquanto Portugal pertenceu à Espanha, preferiam-no civis, militares, religiosos, comerciantes e populares à via marítimo-fluvial pelo rio da Prata.

Na metade do século XIX deflagrou o deputado Paula Cândido no Parlamento imperial feríssima e tenaz campanha pela construção de estradas de ferro para o oeste.

Prevía ele que as complicações internacionais da bacia do rio da Prata, em cujo clima prosperavam sanhudas ditaduras, como as de Juan Manuel Rosas, na Argentina, Oribe, seu factótum no Uruguai e a oligarquia dos Lopes no Paraguai, culminariam em guerra. E impunha-se, portanto, estendermos trilhos na direção do litoral do rio Paraná, para facilitação do movimento de tropas. Consequência desse esforço foram as comissões nomeadas para estudarem o melhor traçado de ferrovias para o ocidente.

E como era óbvio, esse traçado teria de ser através da ainda Quinta Comarca de Curitiba, posteriormente Província do Paraná. Vieram para cá técnicos uns após outros, estrangeiros e nacionais, William Lloyd, Palm Keller, Monteiro Tourinho, etc. Fizeram-se pesquisas topográficas magníficas, de caráter científico. E desse trabalho denodado e duro resultaram traçados, ora inteiramente ferroviários, ora mistos, isto é, ferro-fluviários pelos trechos dos rios navegáveis da hinterlândia central ou setentrional, como Ivai, Piquiri, etc.

Sucederam-se estudos, porém, nada foi feito até que, segundo a protecção de Paula Cândido, do Condestável do Brasil, Gen. Caxias, Francisco Solano Lopes nos agride e nos arrasta à guerra juntamente com a Argentina e Uruguai com que formamos uma triplice aliança beligerante. Logo depois da irrupção do conflito, achava-se o grande André Rebouças na ante-sala do Ministério da Marinha, a 7 de janeiro de 1865, quando, olhando para um mapa do Brasil, constatou que Antonina, no Paraná, e Assunção, no Paraguai, ficavam no mesmo paralelo. (DIÁRIO de André Rebouças, pág. 64.)

Entusiasmou-se e, impulsionado pelo patriotismo, quis desde logo vir Só, porém, em 1868, Antônio Rebouças efetuou, como chefe de uma colmeia André, a linha do paralelo médio, que coincidia com o divisor das águas para a bacia do Uruguai e para a do Piquiri.



Uma fazenda modelo no Norte do Paraná, próximo a Maringá.

E seria assim o itinerário mais curto, mais barato da ferrovia para o ocidente. Infelizmente, apesar dos diferentes traçados de Lloid, Palm, Tourinho, Rebouças, etc., os trilhos da transparanaiana não foram estendidos e só na década de 1920 começou a estrada para Guarapuava, cuja marcha se opera num passo de lésma, não tendo sequer ainda chegado àquela cidade do nosso "far-west"!

Conta Euclides da Cunha que desde 1870 se iniciaram discussões sobre traçados ferroviários para o oeste, "a princípio com o objetivo exclusivo do abandono do perigoso desvio do Prata..." (CONTRASTES E CONFRONTOS, pág. 290). Surgiram já antes e durante estudos de engenheiros, já citados nesta monografia. Em 1876, aponta, diz o autor dos SERTÕES, o nome de Pimenta Bueno que opina pelo itinerário através de São Paulo,

visando à capital de Mato Grosso. Pesava assim na solução de um problema político militar o prestígio de São Paulo. Depois entrou Santa Catarina discutindo a conveniência de a estrada partir do seu porto de São Francisco pelo vale do rio Iguaçu. Foi dado começo às obras, tendo alcançado a ponta dos trilhos União da Vitória onde parou. Entretimentos São Paulo prolongava a Sarocabana que já antes da revolução de 1930 alcançara as margens do rio Paraná. A Companhia Norte do Paraná se abalanchara a construir a sua São Paulo Paraná, procurando Guaira e Foz do Iguaçu. Isso não obsteu que Cincinato Braga se batresse no Congresso nacional pela ligação do porto de Santos com Mato Grosso pelo prolongamento da Sarocabana. Refutou-o, apoiado em estatísticas e na eloquência da geometria, o deputado paranaense Lindolfo Pessoa que, provando que o caminho mais

curvo entre dois extremos ainda é a reta, propugnou, contra o projeto do seu colega paulista, a execução do velho plano de André Rebouças de fazer correr os trilhos da ferrovia de Paranaguá a Assunção pela diretriz do paralelo médio com um encurtamento de distância sobre os traçados competidores de Santa Catarina e São Paulo de mais de 268 quilômetros. (ESTRADA DE FERRO BRASIL PARAGUAI, Lindolfo Pessoa, pag. 9.) Cessou a luta. Resolveu o Paraná executar essa linha. Depois a União interessou-se pelo caso. Mas como afirmou já acima, a estrada de ferro para o oeste é construída num ritmo que antes de 200 anos não atingirá as barancas do rio Paraná. Enquanto se discutiam roteiros para essas ferrovias, o nosso norte como que dormia, guardando suas riquezas cuja revelação só se iria operar, na plenitude de sua grandeza, depois de 1930. Mas junto é assimilar aqui a função desempenhada pela Companhia São Paulo-Paraná no surto do nosso setentário, cuja opulência foi em verdade completamente revelada em toda sua extensão e magnificência por aquela empresa e pela sua subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná. Obtida a concessão de uma ferrovia entre a fronteira com São Paulo e o porto de São José no nosso oeste, iniciou-lhe a construção e foi avançando, avançando.

Sabe-se que as estradas de ferro se classificam em povoadoras, estratégicas e produtivas.

Teve a finalidade povoadora mais ou menos frustrada a antiga São Paulo-Rio Grande, hoje integrante da Rede de Viação Férrea Paraná-Santa Catarina. São estratégicos alguns dos ramos feitos no Rio Grande do Sul.

Era e sempre foi prostrada a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Ora a Companhia São Paulo-Paraná realizou uma ferrovia com a dupla feição povoadora e produtiva, pois ia ela povoado e produzindo rendas cada vez mais vultosas, com a mercadoria que suporta o melhor frete do mundo, o café.

Na realidade, porém, sua mais notável função foi a de povoadora, pois, à proporção que a ponta de seus trilhos caminhava pelas terras virgens do norte do Paraná, ia semeando cidades, fazendas, granjas como veremos depois melhor escurados em números. Porém, o povoamento do hoje mundialmente afamado retângulo de terras roxas de nosso Estado não foi começado pela Companhia São Paulo-Paraná, nem pela sua consorciada, Companhia Terras Norte do Paraná.

Mais adiante narraremos o início da fundação de povoados estáveis na zona.

V — UMA COLÔNIA MILITAR NO NORTE DO PARANÁ

No século XIX, na década dos 40, foi planejada a instalação de colônias militares em vários pontos do país.

No Paraná, entre outras, se promoveu a criação de uma em Jataí, nome de um rio afluente do rio Tibagi.

Foi autorizada sua instalação por decreto n.º 751 de 2 de janeiro de 1851 do Governo Imperial e sua inauguração ocorreu a 10 de agosto de 1855. Foram seus primeiros habitantes o sertanista Joaquim Francisco Lopes, irmão do Guia Lopes, imortalizado por Taunay na sua consagrada RETIRADA DA LAGUNA.

Não se desenvolveu como se previra a Colônia Militar do Jataí.

Assim se pronunciou a respeito o presidente da Província do Paraná, Dr. José Feliciano Horta de Araujo. Entretanto, essa organização meio militar, meio civil, com o alardeamento de D. Pedro de Alcântara, situado na margem direita do Tibagi, fronteiramente ao mencionado núcleo de Jataí, constituiu o primeiro povoado permanente localizado no norte do Paraná.

Embora suas terras fossem incrivelmente férteis, — bastando frisar que foi de Jataí que se desmembraram territórios como os de Londrina — a cidade Milagre do setentário paranaense, — aquela localidade viveu existência molina e apagada.

VI — MIGRAÇÕES POVOADORAS

Da exposição sintética constante dos capítulos anteriores sobre o PAÍS DA TERRA ROXA, isto é, do retângulo setentrional do Paraná, resta esta verdade histórica: Essa região, apesar de possuir, como se sabe hoje, solo dos mais férteis do mundo e, sem dúvida, o melhor para a plantação de café de todos os tempos da humanidade, permaneceu até o terceiro quartel do século XIX, isto é, até a década dos sessenta sem uma povoação que logo valesse para vila e cidade.

Jataí, hoje Jataizinho, foi elevada a vila já neste século, por lei de 23 de fevereiro de 1920.

Entretanto, no ano de 1867 sucedia um fato de enorme significação e alcance para a vila do Paraná:

Deslocava-se de Itajubá, Província de Minas Geraes para o norte do nosso Estado, um verdadeiro clã: O do patriarca Maj. Tomás Pereira da Silva.

Veio com todos os seus filhos, noras, genros, netos, agregados e até amigos, como os senhores: Cap. Elias Ribeiro do Vale, Antônio Rodrigues Puga e Manoel Ribeiro de Sousa. Acompanharam-no seus escravos. Trouxe essa gente e todo o seu acervo patrimonial: dinheiro, animais domesticados, provisões alimentares e agrárias, instrumentos de trabalho.

Viajando em carretas puxadas por bois ou animais muates, utilizando carqueiros, e marchando muitos dos seus elementos a pé, consumiram mais de seis meses para viajar através de caminhos maus como eram os antigos do Brasil e por picadas quando transpuseram nossas fronteiras.

A dentro de nossos territórios, o avanço se fazia pensosamente, pois primeiro abriam passagem em plena mata para depois caminharem.

Acampou essa massa migratória de perto de 200 (duzentas) pessoas nas margens do rio das Cinzas onde ele forma uma espécie de península. E ali depressa se ergueu a base da primeira cidade criada no norte do Paraná, além do paralelo 24 que, no meu estudo, é a linha acima da qual o café viceja com muito vigor.

15 anos depois da chegada do Maj. Tomás com sua tribo na zona do Cinzas, era criada, pela lei 681 de 27 de outubro de 1882, sob a proteção de Nossa Senhora da Aparecida, a freguesia.

Em 1888, pela lei 923 de 6 de setembro, era classificada como vila, sendo o primeiro município que surgiu na zona norte do Paraná.

Foi elevada a termo pela lei n.º 127 de 24 de dezembro de 1894, passando posteriormente a comarca.

Em 1888, transferia-se também para o nordeste paranaense outra importante família, a Alcântara, originária de Aiuruoca em Minas Geraes. Fundando um novo centro populacional, este foi feito município pela lei 352 de 2 de abril de 1900 com o nome de Nova Alcântara. A lei 471 de 3 de abril de 1902 elevou o município a termo com a denominação de Jacarezinho, ainda hoje conservada, e pela lei 525 de 9 de março de 1904 subiu a comarca.

Surgiram na região nordestina outras povoações, como Ribeirão Claro, Carlópolis, Santo Antônio da Platina, Colônia Mineira, hoje Siqueira Campos, Joaquim Távora, Veneslau Braz. Mister se assinalar que o grosso da imigração povoadora das vilas e cidades citadas procedia de Minas Geraes e até



Cultura em curvas de nível numa fazenda do norte do Paraná, para defesa do solo contra erosão.



Visa parcial do centro de Londrina.

o antigo nome de uma delas, Colônia Mineira, o evidenciava de maneira muito eloquente.

Marcaram êsses elementos étnicos, de uma feição própria e de uma psicologia inerente aos filhos das Alterosas, quase toda a população do setor por onde penetraram no norte do Paraná brasileiros que fundariam a nossa civilização do café.

Coube aos mineiros essa missão e essa glória. E as atuais florescentes urbes da zona atestam a capacidade e a força dessa gente cujas virtudes nunca se louvam de mais.

Como verdadeiros pioneiros e por trazerem para seu novo habitat os valiosíssimos contingentes humanos, cuja genealogia se prende às mais antigas e veneráveis cepas dos troncos familiares de Minas Gerais, tornam-se dignos do respeito, admiração e perene homenagem do Paraná.

VII — O NORTE DO PARANÁ E O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO DE SUAS CIDADES

Ouve-se de contínuo, nos relatos e conversas sobre o PAÍS DA TERRA ROXA, referência a duas seções desse retângulo setentrional do Paraná: — O NORTE VELHO e o NORTE NOVO.

Constituiu-se aquela das terras aqüém de Cambará até as margens do Itararé, compreendendo os municípios por mim estudados em capítulo anterior e cujas populações, descendentes de mineiros e paulistas, foram-lhe pioneiras.

São Tomasina, Jacarezinho, Ribeirão Claro, etc.

Formam êste as comunas que foram surgindo à proporção do avanço dos trilhos da ferrovia povoadora e produtiva São Paulo-Paraná.

Elas foram se multiplicando na direção do oeste e não há mês e até semana em que uma não brote do solo uberoso como ao toque de uma varinha de condão ou de esfregadela e da ação dos gênios da Lâmpada de Aladim.

Mas o surto espantoso e sem precedentes no mundo desse nascimento de povoações teve o seu momento sintomático e impressionante com o de Londrina, a Cidade Milagre da civilização da América e do Universo.

Até 1931 cobria o planalto que se estende além da margem esquerda do Tibagi espessa floresta.

Nessa mataria frondosa abundavam os padrões da terra de primeira: pau-d'alto, ceboleiro, figueira-branca, etc. e quase nenhuma madeira dura ou de lei.

Era sertão bruto.

Possuía a Companhia de Terras do Norte do Paraná concessão do Estado do Paraná sobre 12.463 km² ou 515.000 alqueires paulistas no município de Iataí.

Em agosto de 1929, uma caravana partida dessa vila partia para localizar a futura urbs Milagre. Em 1930, havia ali 2 ranchos. Em 1931, levava a Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Paraná sua linha até o quilômetro 210. Numa daquelas choupanas vivia ou vegetava uma família

típica de nossos sertanejos: O casal, alguns filhos, um vira-lata. Em torno, uma clareira sem um pé de couve ou uma galinha sequea, ciscando no terreno.

Vendeu naquele ano de 1932 a empresa colonizadora LCBR "dadas" urbanas. E na zona suburbana, 23.604 alqueires. Batizou-se a nova nucleação com um toponímico sugestivo: LONDRINA, derivada de Londres.

E abriram-se as comportas dos diques populacionais de todas as regiões do mundo e torrentes humanas começaram a se deslocar para ali, num ritmo rem igual no Universo.

Em 1931 morava ali apenas uma prole caboca. Em 1940, contava 2.240 casas e 10.331 habitantes. Em 1950, segundo o recenseamento oficial, havia 6.000 prédios com 50.000 pessoas, contando-se no município 73.295 e êste número em 1943 se calculava em 110.000!

Em 1941 a renda municipal montou a 1.249.222,30. De 1944 em diante ela se desenvolveu assim:

	Cr\$
1944	4.018.304,00
1945	3.522.413,70
1946	3.840.520,00
1947	3.952.646,40
1948	7.050.021,30
1949	10.889.741,40

As rendas estaduais de apenas 81.172,70 em 1934, subiram a 5.228.397,90 para atingirem 24.256.180,30 em 1948, somando 33.827.589,50 em 1949.

A federal foi de 11.333.617,90 em 1948 e de 15.401.476,30 em 1949. Representa o movimento bancário de uma praça um dos índices mais positivos de sua vitalidade.

Vejamos o de Londrina pelos mais expressivos títulos de sua contabilidade:

Anos	Empréstimos	Depósitos	Movimento geral
1948	190.882.323,40	151.750.268,40	557.672.930,70
1949	566.172.001,30	461.149.855,80	1.429.203.616,50
1951	552.389.175,60	457.257.634,40	1.373.524.061,80
1952	963.979.231,90	619.999.655,50	2.722.707.131,10
1953 (janeiro) ..	908.471.914,70	547.397.558,10	2.648.603.762,60

No quadro geral da vida bancária no Paraná, apenas Curitiba supera Londrina com seus empréstimos no valor de 1.175.946.081,60; depósitos de 1.288.829.451,00, o seu movimento geral de 5.161.486.466,00.



Prédio da Autolan.



Praça Willy Davis, em Londrina, vendo-se ao fundo a Igreja Matriz da cidade.



Rua Rio de Janeiro, em Londrina, onde o estacionamento de autos é compacto.



Hotel São Jorge, em Londrina, com instalações sem igual no Estado.

Existem no Paraná, 75 agências bancárias. Dessas, 46, ou seja 61%, estão situadas no norte do Paraná.

Embora este fato significativo: Em 1930 não funcionava no Norte Velho nenhum departamento bancário.

Mas para se formar idêntica mais nitida do desenvolvimento do PAIS DA TERRA ROXA, o fato mais eloquente é o do crescimento de sua população. E provar que esse fenômeno social, na amplitude surpreendente e fora de comum na vida da humanidade, foi provocado pelo nascimento e progresso de Londrina. Atenemos para o quadro abaixo. Nêle constam os municípios existentes no nordeste do Paraná até 1920. Eram apenas seis. E sua população somava 60.980. No resto da região setentrional, haveria apenas intrusos, os chamados "fazedores de deserto" de Monteiro Lobato, os tristes jecas-tatus.

Poderia citar-se como núcleo estável o da antiga Colônia do Jataí, então distrito com uma população escassa e debilitada por endemias. As seis comunas relacionadas ali, constituíram até o "rush" de Londrina a zona povoada da região e em pleno trabalho produtivo com alguns milhões de pés de café. Como disse anteriormente, o pioneiro de seu povoamento foi o Maj Tomás Pereira da Silva, emigrado com sua numerosa tribo de Itajubá, Minas Gerais. Do povoado por êle fundado nas margens do rio das Cinzas resultou a criação do primeiro município e depois termo de todo o Norte do Paraná.

Foi êle, portanto, o patriarca, como os da Bíblia, que lançou as bases do povoamento no PAIS DA TERRA ROXA, trazendo para ali um dos sangue dos melhores de toda a nacionalidade brasileira, o dos mineiros.

No outro quadro n.º 2, a população do Norte Velho aparece com 153.221 habitantes. Excluiu-se daí a dos novos municípios, os primeiros do NORTE NOVO: Bandeirantes, Cambará, Jataí, Londrina e Sertãoópolis com 55.130 pessoas. Este cômputo traz a data de 1937, e Londrina, fora, como já vimos, estabelecida em 1932.

O quadro n.º 3 constitui o documento sensacional do maravilhoso surto do NORTE DO PARANÁ, o PAIS DA TERRA ROXA.

Em 1920 o número de municípios ali era de apenas seis, com uma população de 90.960; em 1937, esse número subia a 13 e já na lista figurava Londrina, somando-lhes a população 208.351, sendo 153.221 tocante ao NORTE VELHO e 55.130 ao NORTE NOVO.

Porém no quadro n.º 3, a população do NORTE DO PARANÁ, o PAIS DA TERRA ROXA, ascende a 952.050.

Dos 60.980 de 1920, a população no norte subiu a essa cifra formidável. E dos 6 apenas municípios desse ano, sua quantidade passou a 61, o que absorve mais de metade da totalidade das comunas existentes no Paraná, em n.º de 119!

Já em 1943, 11 anos após seu aparecimento, a Cidade Milagre padecia um desmembramento brutal, uma amputação cirúrgica que lhe reduzia o território assim:

Apucarana tirando-lhe	3.956 km ²
Arapongas tirando-lhe	2.007 "
Cambé (ex-Nova Dantzig) tirando-lhe...	181 "
Mandaguari (ex-Lovat) tirando-lhe.....	13.511 "
Rolândia tirando-lhe.....	468 "

Sua área baixou a 2.599 km², que posteriores cortes diminuíram para apenas 1.060 km², como consta do quadro n.º 3.

Londrina representa a grande arrancada para o progresso setentrional, pois foi sua evolução espantosa que despertou o mundo para seu milagre.

População do chamado NORTE VELHO em 1920:

QUADRO N.º 1

1 — Carlópolis	7.158
2 — Jacarézinho	8.842
3 — Ribeirão Claro	11.151
4 — Santo Antônio da Platina.....	5.000
5 — São José da Boa Vista.....	15.536
6 — Tomasina	13.293

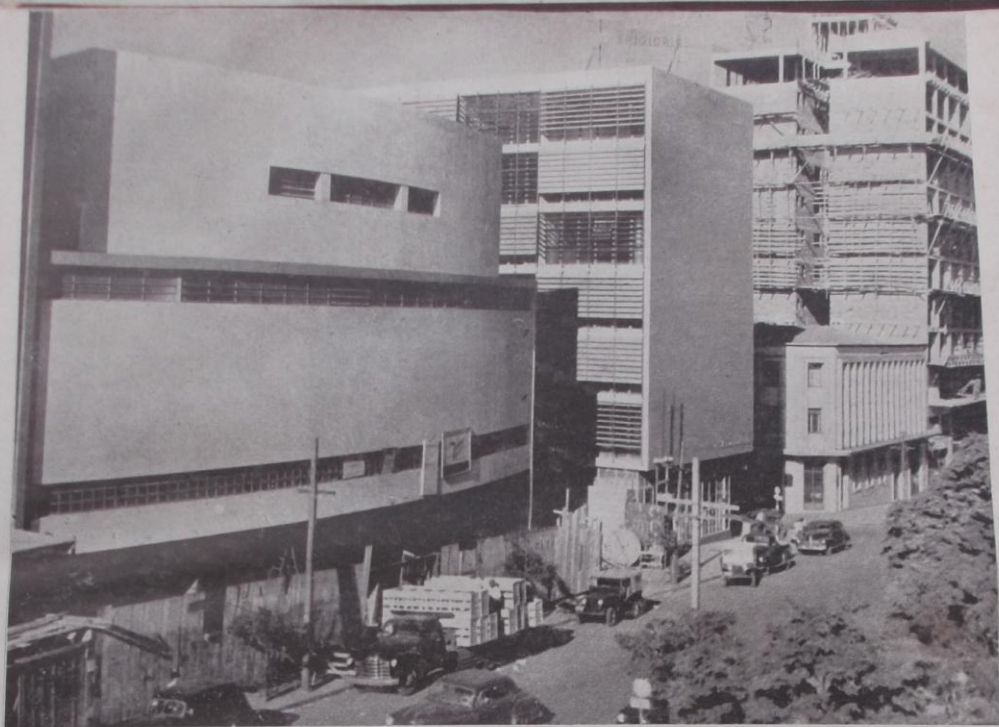
SOMA..... 60.980

QUADRO N.º 2

POPULAÇÃO DO NORTE VELHO, INCLUINDO-SE NOVOS MUNICÍPIOS QUE COM OUTROS VIRIAM A CONSTITUIR O CHAMADO NORTE NOVO, SEGUNDO CÁLCULOS DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA PARA 1937:

1 — Bandeirantes	10.069
2 — Cambará	14.018
3 — Carlópolis	11.493
4 — Jacarézinho	25.207
5 — Jataí	3.776
6 — Joaquim Távora	10.072
7 — Londrina	16.780
8 — Ribeirão Claro	25.166
9 — Santo Antônio da Platina.....	29.367
10 — Sertãoópolis	10.487
11 — Siqueira Campos	16.625
12 — Tomasina	18.563
13 — Venceslau Braz	16.728

SOMA..... 208.351



O Cine Ouro Verde, de Londrina, é uma das casas de diversões mais bem aparelhadas da América do Sul. Tem tela de vidro, poltronas reversíveis e acomodação para 1.200 espectadores.

QUADRO N.º 3

MUNICÍPIOS SITUADOS NA ZONA NORTE DO PARANÁ, INCLUINDO OS RECEM-CRIADOS COM SUA ÁREA, POPULAÇÃO E DENSIDADE:

NOMES	Área, Km ²	População	Densidade
1 — Abatiã	273	10.834	39,59
2 — Amoreira	288	11.730	40,73
3 — Andirá	440	18.778	42,67
4 — Alvorada do Sul	400	5.513	13,78
5 — Apucarana	808	33.080	40,94
6 — Arapongas	580	35.578	61,31
7 — Ararua	1.626	21.728	12,88
8 — Assai	499	19.853	39,78
9 — Astorga	1.438	23.354	16,24
10 — Bandeirantes	403	21.789	54,06
11 — Bela Vista do Paraíso	610	24.191	39,66
12 — Cambará	366	19.963	54,51
13 — Cambé	223	19.350	86,61
14 — Campo Mourão	11.910	23.376	1,96
15 — Carlópolis	422	6.799	15,37
16 — Centenário do Sul	450	9.189	24,18
17 — Congoinhas	589	8.012	13,60
18 — Cornélio Procopio	562	37.522	66,64
19 — Curitiba	1.054	11.834	11,22
20 — Faxinal	908	9.469	10,42
21 — Florestópolis	415	9.499	22,89
22 — Ibaiti	640	7.977	12,39
23 — Ipirorã	282	19.690	69,72
24 — Jacarezinho	1.691	34.668	50,13
25 — Jaguapitã	1.137	17.813	15,27
26 — Jandaia do Sul	1.236	28.569	23,09
27 — Japira	810	9.374	12,50

28 — Jataizinho	279	13.822	49,50
29 — Joaquim Távora	509	10.634	20,87
30 — Leopólis	488	9.393	21,99
31 — Londrina	1.060	64.476	60,82
32 — Lupionópolis	176	5.211	24,01
33 — Mandaguçu (ex-Vila Guatira)	1.050	9.692	9,23
34 — Mandaguari	350	15.434	44,09
35 — Marilva	650	21.736	33,44
36 — Maringá	1.001	8.898	8,92
37 — Nova Esperança	2.600	23.704	9,11
38 — Nova Fátima	240	8.315	34,64
39 — Paranavaí	8.350	22.260	2,66
40 — Peabiru	14.756	10.376	0,70
41 — Pinhalão	296	3.935	13,25
42 — Porecatu	284	6.500	22,89
43 — Primeiro de Maio	490	15.350	31,32
44 — Quatiguá	117	4.784	40,61
45 — Ribeirão Claro	659	13.303	20,47
46 — Ribeirão do Pinhal	400	9.991	24,97
47 — Rio Bom	786	4.119	5,67
48 — Rio Cinzas	304	7.412	24,35
49 — Rolândia	586	34.641	59,11
50 — Santa Amélia	118	6.425	54,04
51 — Santa Mariana	409	15.627	38,20
52 — Santo Antônio da Platina	728	25.632	35,19
53 — Santo Inácio	738	11.273	15,28
54 — São Jerônimo da Serra	1.542	12.398	8,04
55 — Sertaneja	440	9.911	22,52
56 — Sertanópolis	440	21.117	47,99
57 — Siqueira Campos	495	13.283	26,82
58 — Tomasina	567	9.889	17,44
59 — Uraí	347	19.026	54,82
60 — Venceslau Braz	1.025	13.951	13,60
SOMA	71.839	952.050	



Avenida Paraná, uma das mais belas de Londrina. Nasce no coração urbano, o largo Willy Brabazon Davis, e apresenta o interessante pormenor histórico de possuir, na primeira esquina à esquerda, a primeira casa de tijolos construída em Londrina, onde hoje está instalada a Farmácia Neolares.



Vista parcial de Londrina. No primeiro plano vê-se o Hotel Granada, planta do Eng.º Vilanova Artigas; no segundo, a estação rodoviária, obra do mesmo técnico; no terceiro, a estação ferroviária.

VIII — OUTROS PRODÍGIOS DO PAÍS DA TERRA ROXA

Notaram os leitores ter o redator desta monografia feito ressoar em seus períodos o estribilho do MILAGRE DE LONDRINA — o primeiro de fato verificado com força e até violência na zona, pois até ele o aparecimento e os passos iniciais e subsequentes das cidades brotadas não assumiram sua intensidade patética.

Quis, propositadamente, evidenciar a vigorosidade dessa arremetida como marco para assinalar a eficiência do gigantesco plano colonizador e povoador da Companhia de Terras Norte do Paraná. Mas já agora, poderia e deveria aludir a outros milagres, e tantos são que estão ameaçados de rolar para a galeria de lugares-comuns. Cada urbes que aparece no setentrão porta consigo a predestinação taumatúrgica.

Afigura-se desde logo prodígio. Qualquer coisa evocadora das façanhas das MIL E UMA NOITES, dum Aladino e sua Lâmpada que à simples esfregadela suscitava a aparição de gênios capazes de erigir e remover castelos e até vilas num abrir e fechar dos olhos.

Mais de 40 localidades absolutamente novas nasceram assim; Ibioporá, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Mandaguari, Marialva, Maringá, Mandaguçu, para apenas me reportar às servidas por ferrovia.

Cairia na monotonia a narrativa da história de cada uma delas.

E por isso referirei apenas um exemplo da exsurreição urbanística no norte do Paraná: Maringá.

Maringá, há 11 anos atrás, não figurava nos nossos mapas.

Em 1942, pensou a empresa povoadora em fundá-la. E adotou as providências iniciais para isso. Mas quando a planificação avançara bastante, o Governo da República, que encampara a ferrovia São Paulo Paraná, modificara o trajeto e a afastara da zona onde se elaborava a futura Maringá dois quilômetros.

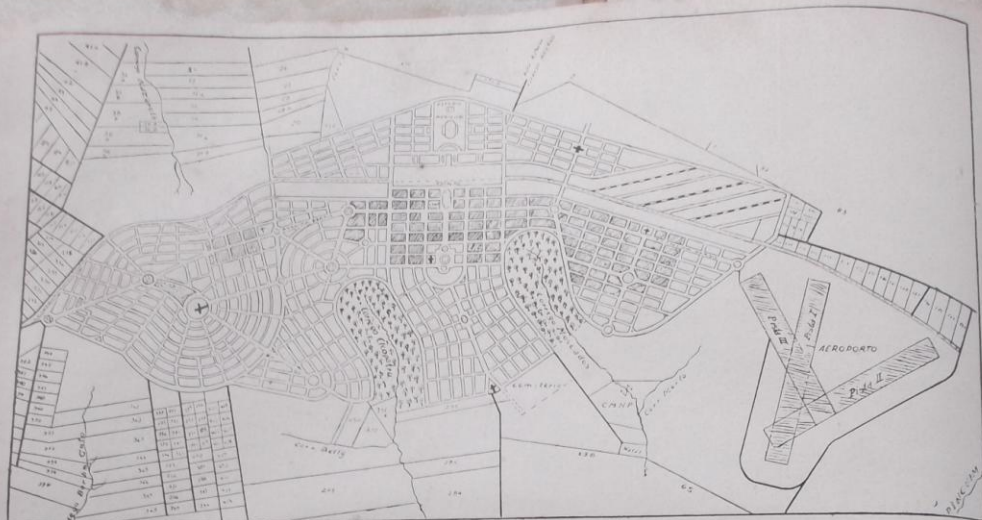
Assim, só em 1947 pôs-se em prática outro plano para a Maringá definitiva.

Foi, no sítio recém-escolhido, construído um hotel. E em torno dele se iniciou a série de construções.

Cinco anos depois, isto é, em 1952 Maringá festejava seu primeiro lustro e já elegia, "mirabile dictum!"... seu primeiro Prefeito, pois fora elevada a Município. Seu quadro urbano contava 3.000 prédios, e informes da revista A PIONEIRA lhe calculavam a população em mais de 20.000 habitantes. Em 1949 a arrecadação municipal orçou em 1.500.000,00, a estadual em 4.200.000,00, tendo sido prevista para 1950, 8.000.000,00.

O município conta mais de 20.000.000 de pés de café, estando grande parte em produção.

Para se lhe aferir do progresso intelectual, basta significar ter sido



A planificação de Maringá, segundo os requisitos da técnica urbanística, é obra do engenheiro patricio Jorge de Macedo Vieira, autor de notáveis trabalhos no gênero. As avenidas são de 46, 55 e 30 metros de largura, com refúgios centrais, e as ruas têm 26 metros. Os bairros residenciais são funcionalmente localizados, bem como o "centro cívico e administrativo", estações rodoviária e ferroviária e aeroporto.

inaugurado ali um ginásio com ótima frequência, e dois grupos escolares com 1.200 alunos.

Seu primeiro estabelecimento bancário foi aberto em 1948.

Segundo a distribuição geográfica das agências bancárias, existiam, em 1952, 15 praças com mais de 5 agências, sendo que figurava Curitiba, com 18 bancos, Londrina em 2.º lugar com 11, Cornélio Procopio com 11, Apucarana e Paranaguá com 10 e em 6.º lugar Ponta Grossa e Maringá com 8 agências!

Seus depósitos montavam a 98.151.929,80.

IX — PLANIFICAÇÃO DE CIDADES

Quem quer que estude, mesmo sem se aprofundar muito, os processos de povoamento praticados desde o começo pela Companhia de Terras Norte do Paraná se surpreenderá com os magníficos resultados obtidos e objetivados na proliferação de cidades através de algumas dezenas de milhares de quilômetros quadrados e quase todas elas obedientes às cada vez mais inteligentes regras de urbanização.

Trata-se da maior experiência vitoriosa de povoamento racional já executada no Brasil.

E se observe: Foi realizada num Estado onde desde o século passado se pratica larga política imigratória quer por iniciativa federal, quer estadual, quer particular.

Aplicou-se tanto a colonização subvencionada, como a espontânea suscitada pela propaganda.

Desde o império se perpetraram erros muitos graves. Entre eles sobressaia o instalarem colônias em pleno sertão sem acesso, isto é, sem transportes seguros para os meios de consumo.

Por isso, não prosperaram tais núcleos. Permaneceram estagnados ou até se despovoaram com a evasão dos europeus para as cidades ou mesmo com a troca da profissão agrária por outras. Isso sucedeu, v.g., com os russos desiludidos com as terras de Palmeira. Tornaram-se carroceiros, competindo com tropas.

Quase toda a colonização do século XIX, exceto a localizada perto de Curitiba e de outras cidades, de fato fracassou ou pelo menos não produziu tudo quando devera, dada a aptidão incontestável dos seus elementos etnológicos.

Ora aquela empresa adotou no norte do Paraná métodos científicos ou racionais.

Desde logo, uma via-tronco de comunicação preexistia à fundação da cidade: A ferrovia São Paulo Paraná.

E como base para a ação povoadora, técnicos planificavam a urbs sob os mais avançados critérios urbanísticos e em função, é lógico, do meio cósmico excepcional e incomparável.

Segundo ilustrativa reportagem inserida na revista A PIONEIRA, de Londrina, a orientação vertebral dos trabalhos era assim: "Seu lema que era PROPRIEDADE SUBDIVIDIDA E ESTRADA NA PORTA, dá-nos a chave para exploração do fato.

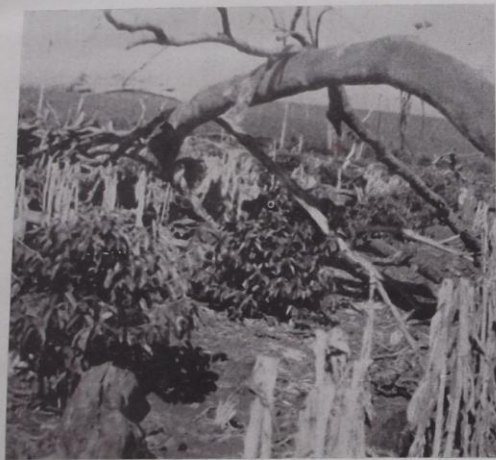
Vista atual de Maringá, por onde se pode perceber o seu considerável desenvolvimento urbano.



Derrubada nas matas onde hoje se ergue a cidade de Maringá. Clareira aberta para construção do hotel da Companhia.

Estabelecendo a própria legislação nacional um limite para as propriedades rurais que não excedam de 500 hectares e até são limitadas a menor área, não se mantém como regra o latifúndio.

E pelo quadro n.º 3, transcrito acima, vê-se como se opera a divisão territorial, partindo mesmo das comunas, pois no Norte Novo as há com espaço relativamente insignificante de menos de 200 quilômetros quadrados. Lembra-se que a fazenda Monte Alegre, no Tibagi, atualmente da firma Klabin, conta 65.000 alqueires ou 1.573 km², onde cabem vários municípios do setentrional!



A foto acima, tomada numa fazenda de Maringá, deixa ver um cafézal em plena formação após a derrubada.

Sem afastar os possuidores de grandes recursos, procurou sempre a empresa favorecer o pequeno proprietário. Desde que iniciou a colonização, 360.000 alqueires foram vendidos a milhares de lavradores. Área média dessas de lotes vendidos é de 16.60 alqueires.

Curioso foi o sistema de loteamento adotado. Circundando as cidades, estão as chácaras de 10 a 15 alqueires, vindo a seguir a chamada zona rural com propriedades maiores. Com esse sistema, que constitui o que os urbanistas chamam 'a cintura verde das cidades', garante-se o abastecimento de hortaliças, leite e aves.

Os lotes para chácaras são vendidos a prazo de dois anos e os rurais de quatro anos, com uma entrada. Sobre a parte em débito, vencem juros de 8% ao ano. Os lotes são entregues demarcados, sem qualquer despesa para o comprador.

Procurando valorizar essas propriedades por um sistema de rodovias, a Companhia dotou suas terras com cerca de 3.000 quilômetros de estradas de rodagem e de 5.000 de vias vicinais.

Outro fato interessante é o seguinte: A Companhia não deixa o colono longe de um núcleo urbano. Para isso, localiza os patrimônios que vai abrindo de 15 em 15 quilômetros." (N.º 8 de junho de 1951.)



Entrada do Horto Florestal da Cia. de Terras Norte do Paraná, em Maringá, dirigido pelo Dr. Teixeira Mendes, reputado técnico agrônomo.



Na Maringá Velha, hoje ligada à Nova Maringá por uma avenida de 2 quilômetros. A foto registra a chegada das primeiras 200 pessoas que foram se instalar no local, onde a Companhia construiu um hotel de madeira. Um cartaz reza: Marcha para o Oeste. Esse fato ocorreu em 10/11/42.



Este é o ginásio de Maringá, com elevada frequência. A instituição é particular, mas o edifício foi construído pela empresa.

X — FANTASIA E VERDADE SÓBRE A FERTILIDADE DAS TERRAS DO NORTE DO PARANÁ

Creio reinou sempre, desde os primórdios do desbravamento dos sertões do Norte do Paraná, uma atmosfera de lendas e histórias, afirmando a existência de riquezas extraordinárias na região e também a exuberância e feracidade de suas terras.

Até certo ponto, quanto ao solo, as crônicas da obra da República Teocrática e Comunista dos Jesuítas davam apoio objetivo ao entusiasmo a respeito do assunto. Quando, no século XIX, o bandeirante mineiro Maj. Tomás Pereira da Silva investiu, com toda sua tribo, os matagais portentosos do norte para plantar a sementeira de primeira cidade erigida na região, abriu-se para ininterruptamente crescer e se propagar uma era de exaltação entusiástica do valor das suas glebas onde tudo dava de maneira assombrosa. Quando atingiram a zona e a exploraram, retornavam fascinados pelas informações sobre a uberdade da terra.

Povoado o Norte Velho, segundo mostrei, e empreendida a obra de penetração no Norte Novo com a fundação de Cambará e depois das urbes miraculosas formadas ao toque da vara de condão da Companhia de Terras Norte do Paraná, aí então a imigração tomou conta da propaganda.

E inaugurou-se uma época empolgante cujo episódio se foi desenvolvendo com amparo em fatos e acontecimentos.

Proveio daí a fama adquirida pelo Norte do Paraná de ser o rincão de terras mais férteis do mundo inteiro. E isso, ilustrado pelo Milagre de Londrina, motivou o contínuo e cada vez mais volumoso afluxo de gente originária de todos os quadrantes do globo que as busca com a mesma ansia dos antigos caçadores de ouro da Califórnia ou de diamantes do Sul da África. Entre os reftões de estímulo desse preconceito sedutor sobressaía o de que a terra roxa do Norte do Paraná produzia 300 arrobas por mil pés de caféeiros, o que as colheitas em determinados, embora pequenos, tratos do território confirmavam, como ainda o confirmam.

Mas a divulgação das qualidades miríficas do sertão prossegue com ênfase sempre otimista, proclamando e até exagerando as virtudes do abençoado PAIS DA TERRA ROXA.

Numa conversa de personalidade distinta, moradora na zona, lhe ouvi, dita com seriedade, a assertiva de que a fertilidade das terras setentrionais durará séculos, porque uma barreira montanhosa, retendo no altiplano que se inclina ligeiramente para o ocidente os sedimentos da diábase, acumula camadas de dezenas de metros de profundidade numa extensão de mais de 70 quilômetros.

Acatei a afirmativa quase dogmática de meu interlocutor, porque os setentrionistas são fanáticos. E com os fanáticos, ou se lhes respecta a opinião, ou se briga.

Como esta publicação transporá as fronteiras pátrias, deliberei, sem matar a poesia e o encanto da fantasia, evidenciar a verdade.

Certamente muita gente que se interessar pelas informações aqui ministradas preferir, depois de se impregnar de sonho e lirismo, a realidade. Nãoadamente se for tentada a buscar o PAIS DA TERRA ROXA, ou NORTE DO PARANÁ para aí se fixar, vivendo com o fito de enriquecer.

Registraréi nestas páginas, os depoimentos de técnicos que possuem estudos sobre questões de fertilidade dos solos.

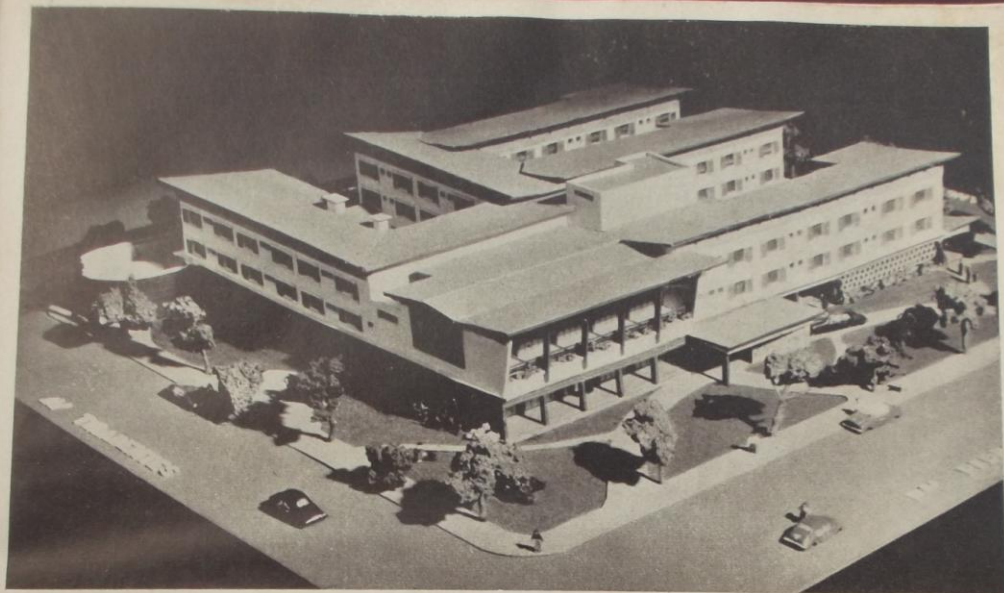
"O basalto — escreve o Prof. Fróis Abreu (DIGESTO ECONÓMICO, São Paulo, n.º 65, de abril de 1950, pag. 11) — é uma rocha-viva que representa um papel de destaque no estudo da produção nacional. Sua presença em grandes áreas do Brasil meridional facultou a formação dos solos mais férteis do país, onde se desenvolveram grandes culturas, como a do café, — a mais sólida fonte de produção agrícola e a da uva — a maior de nossas culturas de clima temperado.

Nenhuma outra rocha ou mineral contribuiu tanto para a riqueza do Brasil.

Nem o ouro das betas do Espinhaço, nem os diamantes das chapadas do sertão, nem tampouco o ferro e o manganês de Minas Geraes propo-



Fotografia tomada do centro urbano de Maringá.



Dois vistas da maquete do Grande Hotel de Maringá, já em plena construção, e que terá todo o conforto moderno.



naram ao Brasil elementos de riqueza comparáveis ao dos solos da terra roxa, resultantes da transformação dos lençóis de basalto e das intrusões de diabásio, nos Estados do Sul.

A área de derrames basálticos, só no sul do Brasil, abrange cerca de 900.000 km².

Conhecidas na literatura geológica por TRAPP DO PARANÁ, meláfiro, augitoporfitas, basalto, basaltito, diabásio ou dolerito, de acordo com os detalhes de estrutura e composição mineralógica, essas rochas eruptivas são pobres em sílica e formadas de feldspatos calciosódicos e minerais ferromagnesianos.

Os solos derivados dos basaltos e diabásicos, proporcionando uma produtividade mais elevada, numa topografia mais fácil, estimularam a cultura do café em São Paulo e no Paraná, deslocando o interesse das colinas arqueanas da faixa costeira para os planaltos mezóicos do interior.

O PARANÁ ESTÁ PRESENCIANDO EM NOSSOS DIAS UM "RUSH" PELA CONQUISTA DA TERRA ROXA AINDA VIRGEM DE CULTURAS, FARTA DE MATÉRIA HÚMICA E DE PRODUTIVIDADE INCOMPARÁVEL."

Eis aí palavras dum cientista. E mister aliás um esclarecimento:

Nem toda a área do derrame basáltico, referido pelo ilustre mineralogista, se reduz à chamada terra roxa, adequada à cultura do café.

No sul, no Brasil, o limite para esse fim é, como disse nos capítulos precedentes, o PARALELO 24°.

Abaixo dele, aparece o pinheiro, a erva-mate, a imbuia, etc., padrões de outro tipo argiloso já com PH que dificilmente ultrapassa de 4,5. Suponho que ninguém contesta ser atualmente o Dr. Reinhard Maack, do nosso reputado Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, a maior autoridade no Paraná em ecologia e geologia. Com ele trabalha uma equipe dedicada de agrônomos e químicos, entre os quais menciono Nilton Buhner, Reinaldo Spitzner, Carlos Bodziack, Sandoval Ribeiro Ribas.

São de sua autoria estas palavras, constantes do volume NOTAS PRELIMINARES SOBRE CLIMA, SOLOS E VEGETAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ, 1948, pág. 137: "Sobre o terceiro planalto dominam os lençóis de lava básica do vulcanismo gonfúânico triássico-jurássico, estendendo-se até o rio Paraná e OCUPANDO COM SEUS SOLOS DE TERRA ROXA A MAIOR ÁREA NO ESTADO DO PARANÁ. Lençóis de diversas fases de derrames superpõem-se em alternância rítmica, como meláfiros com drusas de helandita e calcita, diabásios porfíricos de granulação fina e andesitos mais ácidos.

Em direção ao oeste, o extenso derrame eruptivo mergulha sob um arenito eólico, vermelho, (arenito Caiuá)."

O engenheiro agrônomo Sandoval Ribas, em cooperação com o Dr.

Ruinhard Maak, no trabalho citado, pág. 152, calcula que a área do urucupiaçu (terracão de trapo e diques) no 3.º planalto, calculada sua superfície em 120.460 km², com PH de 0,3 a 7,2, incluindo maior teor deste símbolo, soma 33.310 km² e a inferior a 6,5 PH 67.150 km².

Aquelas 33.310 km² integram o território da zona do Norte do Estado do Paraná.

Sobre este importantíssimo assunto religio, a meu pedido, especialmente para esta monografia, o Prof. Nilson Buhner, cujo nome figura acima entre os membros da valiosa equidade de técnicos do notável Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, a seguinte comunicação:

ZONA NORTE. É constituída de terra roxa, cujo PH oscila entre 6,0 a 7,0, comendo alto teor de fósforo e cálcio. São terras férteis, ótimas para o plantio do café. Não necessitando, portanto, correção, apenas conservação. Possui clima apropriado, sem geadas fortes, favoráveis ao café. No ângulo entre o rio Paranapanema e Paraná, até o limite de Campo do Mourão, é constituída por arenito de Caiú, que se mantém com certa fertilidade em virtude da mata lá existente, que retém a matéria orgânica, água, etc., necessárias à plantação do café.

Entretanto se houver desmatamento destruída, como está acontecendo, não haverá retenção de matéria orgânica e de água, virando tudo em deserto, o que será lamentável para nós.

Com a desmatação, estas terras ficarão sujeitas à voracidade, que é uma erosão subterrânea, formando depois grandes furnas que poderão causar desabamentos de grandes proporções.

Em tal o sereno e inflexível pronunciamento da técnica, assinalando o valor real das afamadas terras roxas do nosso setentrional.



Maringá vista de avião em 1948. A então nascente cidade já tinha o seu local definitivamente traçado.

Para completar essas informações sobre o solo, transcrevo aqui três quadros do precioso folheto do Dr. Maak (pág. 124, op. cit.) sobre: *Distribuição das chuvas anuais médias nas regiões das matas dos 2.º e 3.º planaltos e do vale do rio Paraná.*

a) SEMESTRE DE VERÃO

ESTAÇÕES	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Média Total
Ivaí	203,4	115,4	172,7	210,2	188,9	130,0	1020,6
Paxinal — Arroio de Campina	191,3	116,6	285,6	122,3	118,5	116,3	950,6
Jacarézinho	182,8	336,5	258,8	322,2	326,9	200,6	1627,8
Cambará	154,2	163,0	421,5	288,8	220,0	101,0	1348,5
Londrina	136,5	124,5	161,8	200,2	205,6	116,2	944,8
Mandaguari	190,6	116,7	181,8	143,8	124,9	121,4	879,2
Guaira	131,1	172,1	142,9	181,8	230,1	134,5	992,5
Pôrto Mendes	137,0	145,0	145,0	212,0	126,0	116,0	901,0
	143,0	142,0	239,0	229,0	116,0	115,0	1034,0



Vista panorâmica de Jacaréizinho, segunda cidade fundada no norte do Paraná, pela família Alcântara. É um centro pujante. Ali está funcionando uma sonda do Conselho Nacional do Petróleo, havendo grande esperança de que em breve se veja jorrar o precioso ouro negro.

b) SEMESTRE DE INVERNO

ESTAÇÕES	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Média Total
Ivaí	94,9	102,2	160,4	75,6	125,4	157,0	715,5
Faxinal — Arroio de Campina	86,3	68,6	126,2	68,2	141,1	182,8	673,2
Jacarezinho	54,0	58,6	99,7	104,2	38,5	187,5	542,5
Cambará	54,5	139,0	85,7	35,0	157,2	122,8	594,2
Londrina	68,0	80,1	82,1	65,1	56,8	91,7	443,8
Rolândia	33,2	41,0	110,0	31,4	79,3	168,5	463,4
Mandaguari	73,7	89,6	70,0	94,4	35,3	106,3	469,3
Guaira	129,0	157,0	117,0	64,0	91,0	105,0	663,0
Pôrto Mendes	204,0	150,0	122,0	65,0	70,0	174,0	783,0

Tratando ainda do caso, escreve aquele competente cientista:

"Da quantidade total média das precipitações anuais nas regiões das matas num valor de 1671,9 mm, o verão tem, em média, 483,5 mais do que o inverno. Em determinados intervalos de alguns anos, a diminuição

das chuvas nas matas do norte do Paraná, durante o inverno, é tão notável que os meses mais ricos em chuvas, janeiro e fevereiro, têm, em tais anos, 5 a 20 vezes a quantidade de chuva dos meses mais secos, julho e agosto, um fenômeno elucidado pela seguinte tabela:

ESTAÇÕES	Ano	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Julho	Agosto
		mm	mm	mm	mm	mm
Londrina	1933	—	320,5	—	67,5	13,5
	1934	—	319,0	—	12,5	24,5
	1938	—	220,0	—	36,5	68,0
	1939	—	209,0	—	—	0,0
	1943	—	215,1	201,2	6,1	17,7
	1945	—	300,6	317,2	58,6	9,4
Jacarezinho	1942	—	351,7	479,1	—	0,0
	1943	—	415,0	—	9,5	21,5
	1944	—	180,0	308,9	13,5	0,0
Cambará	1929	—	502,0	154,0	33,0	—
	1931	—	235,0	464,0	10,0	—
	1932	94,4	—	—	22,0	—
Mandaguari	1944	—	143,9	—	14,0	—
	1945	—	136,5	208,8	—	15,4
	1946	—	289,0	439,3	—	7,2



Uma fazenda de criação em Cambará, norte do Paraná.

XI — TRANSPORTES — O GRANDE PROBLEMA DO NORTE
SUA SOLUÇÃO — COMO ERAM, COMO SÃO E COMO SERÃO

Dizer que no Paraná, como no Brasil, o de transportes é, com Saúde e Educação, problema vital representa um truismo.

Todos nós o sabemos. E o sentem, na sua carne e na sua vida, as laboriosas populações do Norte do Paraná, cuja produtividade formidável encontra obstáculos desanimadores na carência daqueles meios para escoamento de sua riqueza.

Vejamos, sob seu triplicê aspecto bosquejado na epígrafe deste capítulo, o palpante tema.

Há trinta e poucos anos, para ser it ao Norte do Paraná havia dois itinerários: Um de picadões, portanto, invio caminho que não dava passagem nem a carréas de bois. Só tropas e animais de montaria à escoiteira o venciam.

O outro, inaugurado em 1909 com a São Paulo Rio Grande, era o de via férrea. Realizava-se um percurso num ângulo agudo: lase de Ponta Grossa a Botuva e de lá, pela baldação, tomava-se o trem para a alta Sorocabana, desembarcando-se em Xavantes, Ourinhos, ou Salto Grande; e dali, atravessando o rio Paranapanema, ia-se em caieça a Ribeirão Claro, Jacaré-zinho ou a algum sítio setentrional.

Demanda essa viagem mais de 60 horas.

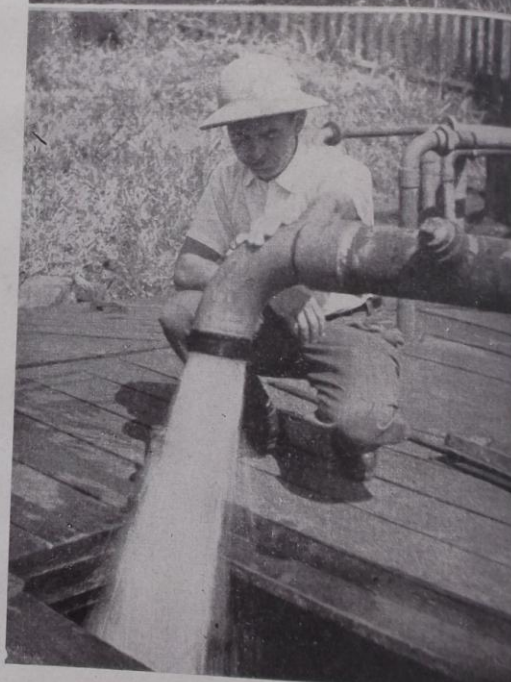
Posteriormente foi iniciado o ramal do Paranapanema, que só quase na década de 1910 atingiu Jacaré-zinho e mais recentemente chegou aos limites de São Paulo. Só depois da revolução de 1930 se pensou numa ligação rodoviária direta entre o sul e o norte. Coube delinea-la ao Sr. Manoel Ribas, falecido interventor e governador do Paraná.

Foi construída a estrada do Cerne que, em Pirajó Sul, se bifurcava, partindo um ramal para Jacaré-zinho e outro para Londrina.

Apesar das suas condições, não serem de caminho de primeira classe, desde logo prestou enormes serviços à economia paranaense. Outras rodovias foram sendo abertas, articulando também as diversas que ligavam municípios entre si.

No governo de Moisés Lupion traçou-se um plano rodoviário e nítido figuravam as longitudinais Jaguariava-Antonina e a Ponta Grossa-Apucarana cuja construção foi começada.

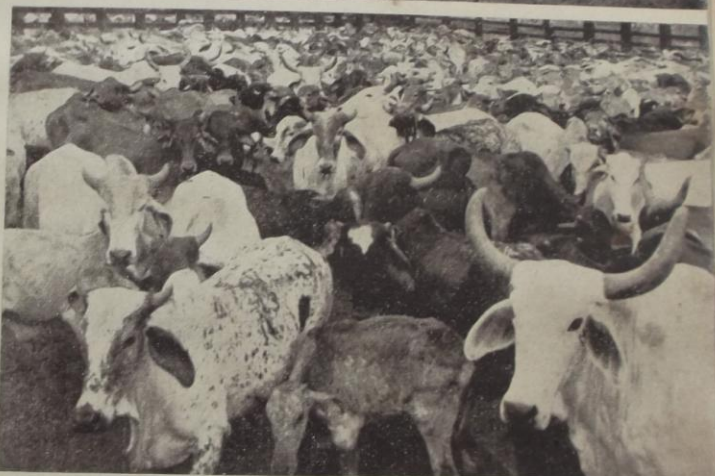
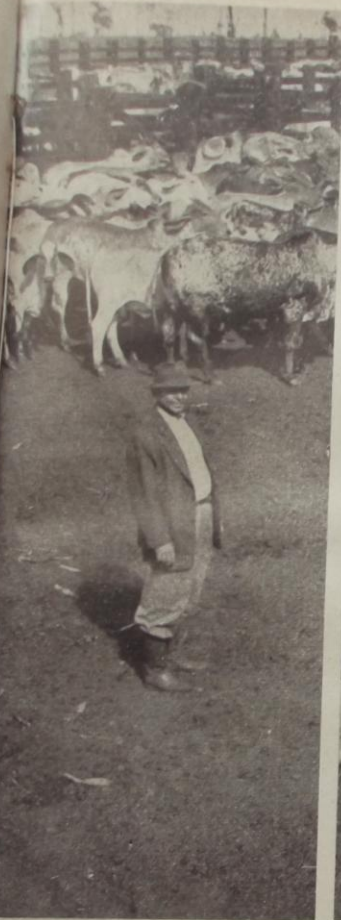
A administração Munhoz da Rocha, retomando e aperfeiçoando o primitivo plano, manteve as duas vias referidas, sendo que a segunda acha-se bastante adiantada.



Um poço artesiano em Londrina.



← O Norte Velho do Paraná tem petróleo, e por isso lá se intensificam as pesquisas para extrai-lo. Vê-se o presidente do C. N. P. no momento em que ligava uma perforadora no poço petrolífero de Jacaré-zinho. Em baixo, aspecto da torre do poço pioneiro, notando-se altas autoridades, entre elas o presidente do C. N. P.



O Norte não é só café. Também se pratica ali em grande escala a criação de gado vacum, ovino, caprino, eqüino e muar. As fotos mostram aspectos da criação de gado zebu numa fazenda em Cambara.

Puxarão essas duas grandes rodovias para os portos do Paraná a produção do norte, atento o menor percurso a se fazer entre as zonas produtivas e as docas de embarque marítimo em Paranaguá.

O asfaltamento da paralela Apucarana — Melo Peixoto favorecerá o escoamento das safras.

Noutros trabalhos que completam minha colaboração para este GUIA GLOBO, reproduzirei na íntegra, em mapa, o plano rodoviário do atual Govêrno.

Interessado em receber para consumo e mesmo reexportação produtos do nosso setentrão, o Estado de São Paulo constrói pontes sobre o rio Parapanema, assegurando saída fácil a mercadorias originárias de municípios paranaenses circunvizinhos.

Superando as iniciativas rodoviárias, pois café é produto capaz de suportar fretes altos e pode manter ferrovias de classe com rendimento elevado, citarei os dois empreendimentos máximos nesse setor no Paraná.

Um deles se acha em franco desenvolvimento: é a ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO PARANÁ, partindo da Ponta Grossa para Apucarana, coração da zona setentrional e centro de intensa produção de café.

Na recente mensagem endereçada à Assembléia Legislativa do Paraná, o Sr. Governador Bento Munhoz da Rocha trata dessa via de povoamento e produtividade.

E informa que estão prontos para receber trilhos 120 quilômetros, sendo 70 de Ponta Grossa para Apucarana e 50 de Apucarana para Ponta Grossa, havendo já movimento grande de terra em vasta extensão do traçado. S. Excia. alude às dificuldades de importação de material para essa estrada de ferro, bastando dizer que não se logrou licença para aquisição de locomotivas! (Mensagem, pág. 142.)

O outro cometimento na esfera ferroviária é o relativo ao prolongamento do ramal de Monte Alegre até Cornélio Procopio, que está apenas planejado e é propugnado com energia e constância pelo Eng.^o Antônio Braga Cavalcanti e a respeito do que já existe na Câmara dos deputados um projeto da autoria do então representante do Paraná Dr. Bento Munhoz da Rocha. Não encerrarei este capítulo sem chamar a atenção dos leitores para a desproporção considerável entre os transportes de café por via férrea e pelas rodovias em caminhões.

O volume das cargas destes tem crescido astronômicamente, enquanto o das que transitam pelos trilhos da Rêde Viação Férrea Paraná Santa Catarina decresceu assustadoramente.

Encontra-se a razão desse fato no desaparelhamento daquela empresa, que não dispõe de material para a renovação e aperfeiçoamento da via permanente nem de material rodante, máquinas e vagões.

Por isso é fragorosamente batida pelos automóveis apesar de as estradas por onde trafegam não serem de condições técnicas de primeira classe.

MARINGÁ - UM EXEMPLO DE COMO NASCEM CRESCEM E



Visita aérea de Maringá, a cidade Milagre do Norte, em torno da qual, por um imperativo geográfico, gravitam vários municípios. Há 11 anos atrás,

Maringá não figurava nos mapas. Hoje, possui uma população de cerca de 20.000 habitantes.

SCHEM E PROGRIDEM AS CIDADES DO NORTE DO PARANÁ



O crescimento da cidade obedece a um plano urbanístico. Amplas avenidas, pequenos quarteirões, casas separadas uma das outras, e um mata natural com 22 alqueires reservado para uso popular como parque, e para proteção de mananciais.

MARINGÁ - UM EXEMPLO DE COMO NASCEM E CRESCEM



Em uma das ruas da cidade Maringá de Santa Catarina, há um grupo de casas que foram construídas há 11 anos atrás. Há 11 anos atrás, 20.000 habitantes.

E PROGRIDEM AS CIDADES DO NORTE DO PARANÁ



O crescimento da cidade obedecerá a um plano urbanístico. Através, arrolado, de blocos quadrados, cada repetido uma das outras, a um modo simples e funcional.

TRANSPORTES

O TERRÍVEL PROBLEMA DO PARANÁ!

I — GENERALIDADES

1. — *Os erros de nossas ródas e ferroviárias* — Desde os tempos coloniais o Paraná foi vítima de defeitos graves nos seus caminhos vitais.

Embora, como exemplo, a estrada que ligava a Quinta Comarca de Curitiba com São Paulo e Rio Grande do Sul, sepcionando como caminho caboclo pela campanha e pela mata. Vinha de Itararé, por Jaguariáiva, Castro, Ponta Grossa, Palmeira, Lapa, Rio Negro e seguia para o sul pelo Caminho da Mata. (Romário Martins no seu estudo CAMINHOS HISTÓRICOS, "in" CINQUENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ, inserindo pormenorizados dados sobre os sucessivos itinerários dessa linha inter-estadual, (pág. 25).

Manter-se esse trajeto durante mais de século. E quando da construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, creio, em parte o lamentável traçado haja influido para o cometimento do erro tremendo da construção dessa estrada antieconômica e antitécnica.

Mesmo até agora, ainda se pode verificar nos mapas, os defeitos de nossas ródas e ferroviárias.

Qualquer leitor, passando os olhos sobre uma carta geográfica do nosso Estado, constatará:

1.º — que a estrada de rodagem que liga Curitiba a Ponta Grossa, Castro e Pirai faz um arco completo.

2.º — que a estrada de ferro do Paraná no seu ramal de Curitiba às mesmas cidades comete o mesmo erro, repetindo um semicírculo.

3.º — que o caminho mais curto entre Curitiba e Itararé, ou melhor, a capital de São Paulo, não podia ser nem é o feito pelo roteiro Curitiba-Ponta Grossa-Itararé-São Paulo.

4.º — que para o norte do Paraná não havia antes de 1930, estradas de rodagem boas.

A ligação com o sul padecia dos mesmos erros. O percurso por estrada de ferro forma um ângulo quase reto, ou melhor, um cotovelo, com o antebraço dobrado.

5.º — que todo o vale do Iguaçu na sua parte direita, onde vicejam algumas localidades como São João do Triunfo e São Mateus do Sul, ficava condicionado à navegabilidade precária daquele rio.

6.º — que o ramal de Rio Negro tinha trechos feitos para servir fundos de fazendas, em detrimento dos interesses reais das populações.

7.º — que o trajeto para o sul apresentava rampas e sinuosidades tão esandolosas que em certos trechos as composições de oito vagões tinham de ser divididas em três comboios!

8.º — que até 30 anos atrás, para os paranaenses do sul irrem ao norte do Paraná tinham de viajar até Boituva, haldeavam ali para a trem da Sorocabana, seguíam até Chavantes ou Ourinhos ou depois até Salto Grande numa de suas localidades tomavam diligências para atingirem Jacarézinho, Ribeira e Cluj ou Cambaú.

9.º — que o trecho de Jaguariáiva a Itararé era tão cipoento que seus 98 quilômetros poderiam ser reduzidos a 48!

10.º — que havia, nas estradas construídas sob garantia de juros, um enticamento explicado pelo objetivo de as companhias construtoras receberem seus proventos sem perigos. Era um ótimo emprego de capital.

2. — *Foi necessária uma revolução para abriremos os olhos!* — Por incrível que isso pareça, a verdade é que só depois da revolução de 1930, cuja arriada executora se deve aos rio-grandenses do sul com um punhado intrépidos de homens de enérgia, para que abrissemos os olhos e enxergássemos as incolorosíssimas imperfeições de nossas ródas e ferroviárias.

Podese, sem exagero, marcar para os transportes no Paraná duas eras distintas:

Antes da revolução de 1930 e depois de 1930. Já então, como hoje ainda, a deficiência de meios de condução de cargas e passageiros representava para nós uma questão vital.

Atualmente o Paraná trabalha e produz muito, resultando disso quantidades consideráveis de utilidades.

Mas a produção apodrece junto das ferrovias por falta de vagões e locomotivas.

Cereais no norte do Paraná, batatas, madeiras, erva-mate etc. no sul deterioram-se nos centros produtores por impossibilidade de escoamento na hora oportuna.

Para satisfazer a essas exigências da laboriosidade de nossa gente, é indispensável aparelhar as ferrovias existentes, construir outras e alargar o sistema rodoviário para, com aquelas, cumprir suas finalidades.

Mas o grave é que não bastavam essas providências.

Havia o imperativo da remodelação de todas as existentes, quer as da rede ferroviária, quer as das estradas de rodagem.

Devia ser quase tudo feito de novo!

Para essa gigantesca tarefa urgia a mobilização de três fatores: gênio dos estadistas, tempos recordes e muito dinheiro!

II — RODOVIARISMO E AS REALIZAÇÕES DE MANUEL RIBAS

No seu relatório ao Presidente da República sobre o período de 1932 a 1939 de sua administração, o Interventor Manuel Ribas fazia figurar um rodovia vital para o Paraná, a da chamada estrada do Cerne, a lembrança da restauração da rodovia Curitiba-Paranaçu com sua devida retificação, e melhoria da de Ponta Grossa e segmentos da Ribeira e de Joinville, ambas a cargo da União.

Todas essas obras foram executadas.

A Estrada do Cerne para o Norte do Estado, representou o único empreendimento rodoviário feito pelo Governo do Paraná com tecnicidade real, rumo do setentrion.

A linha seguia até Pirai, nessa cidade se bifurcava, seguindo um ramal para Jacarézinho e outro para Jataí e Londrina.

Trazendo a carta em apêndice a data de 1932 e evocando que nesse ano a Cidade Milagre nascia para assombro do mundo, sente-se que Manuel Ribas foi profeta, projetando-a tal qual a construiu e a entregou ao tráfego!

Concretizou o Exército as duas ligações pela Ribeira para São Paulo e, descendo a encosta ocidental da Serra do Mar, a para Joinville, Santa Catarina. Aquela reduziu a viagem para a Paulicéia a 8 horas; a para Joinville, a 2,30. Pelos trajetos antigos, de trem se consumiam 28 horas e de auto, mais ou menos isso para São Paulo, e para Joinville, de trem dez horas e de rodagem, com bom tempo, 7 ou mais horas.

Entretantes, a União planejava e tentava a efetivação de um vínculo rodoviário entre o norte e sul do país, aproveitando a Ribeira e a de Rio Negro. E iniciava uma rodovia de classe para Foz do Iguaçu, pelo divisor das águas.

III — PLANIFICAÇÕES DOS GOVERNOS DO ESTADO

O Governador Moisés Lupion incluiu na sua plataforma um plano rodoviário que depois transformou num programa de ação.

Entre as estradas projetadas figuravam: a de Ponta Grossa a Apucarana; as auto-estradas Curitiba-Paranaçu-Ponta Grossa; a de Jaguariáiva a Antonina; a de Apucarana a Melo Peixoto, e numerosas outras.

Seu sucessor, o sr. Bento Munhoz da Rocha determinou a revisão do plano anterior.

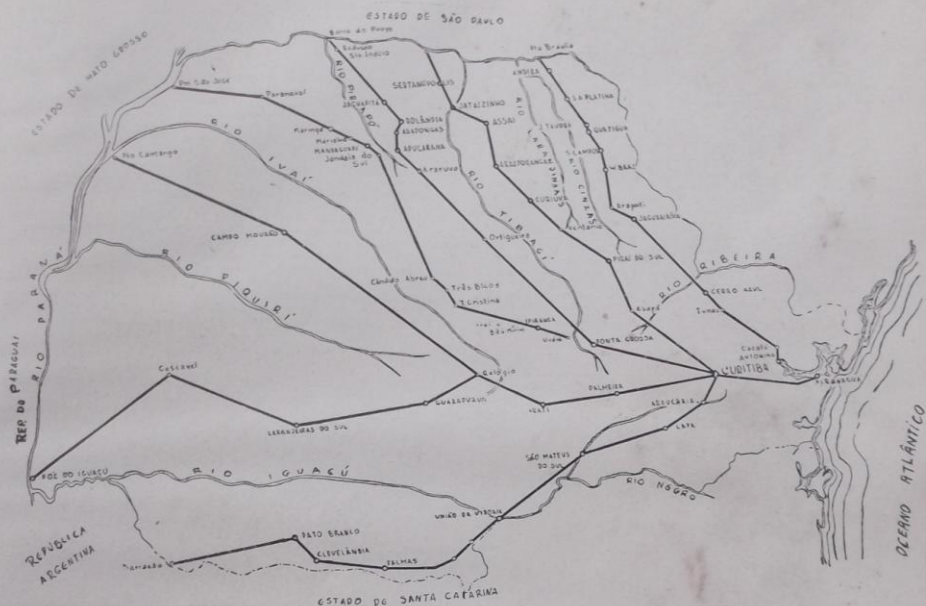
Fêz-se um estudo amplo. Foi estudado um plano definitivo de estradas de rodagem. Essa obra foi explicada e justificada num memorial, elaborado pelo Coronel Luiz Carlos Tourinho e exposto no resumo abaixo, cuja criação fazemos graças à gentileza de nossos colegas da A PIONEIRA:

Relacionando o mar paranaense com a zona cafeeira, estabelece as diretrizes das vias de comunicação que se destinam à exportação para o exterior do país, reajustando assim, o sistema viário estadual, dentro da condução em linguagem econômica, como "linha de mais baixo frete".

Se por um lado, o mar é foco de atração de nossa produção exportável para o exterior, as vias internas de exportação e importação merecem também consideração. "São Paulo é o grande centro consumidor dos nossos cereais, dispensável estudo do meio físico é apresentado então pelo D. E. R. Sem o conhecimento exato do aspecto físico do território, não seria possível o



Trabalho de asfaltamento da rodovia Apucarana-Melo Peixoto. Note-se o reforçamento pelo plantio de eucalipto.



Para ligar o litoral com o interior do Estado foram planejadas sete rodovias-troncos. Graças a estas estradas os portos de Paranaguá e Antonina se comunicarão facilmente com as zonas produtivas.

estabelecimento de um plano rodoviário, razão por que foi estudado geográfica e geologicamente todo o Estado.

A "Planície Litorânea, o Planalto Curitibano", "o Planalto dos Campos Gerais" e o "Planalto Guarapuavano" são meticolosamente estudados, como são estudadas as 3 grandes linhas de relevo que limitam os 4 degraus paranaenses: a Serra do Mar; a Serriinha e a Serra Geral ou Serra da Esperança. Através desse estudo colheu o D. E. R. elementos sobre o relevo do terreno, com seus acidentes e obstáculos, bem como, sob o ponto de vista geológico, isto é, quanto à composição e estrutura do solo, habilitando-se assim a estabelecer o traçado mais prático e mais econômico das rodovias que projetou.

Segue-se um inventário dos recursos econômicos do Paraná, o qual leva à seguinte conclusão: a) O Paraná é e será por muitos anos um Estado essencialmente agrícola; b) o maior volume da produção destinada ao exterior, encontra-se no Norte do Paraná, tendo por centro de gravidade Apucarana. Aqui se encontra a riqueza atual do Estado e daqui deve partir o maior número possível de vias de comunicação para o Porto de Paranaguá; c) o pinho sai indiferentemente por Paranaguá ou pelas vias internas; d) a produção mineral é muito reduzida, concentrando-se, no momento, nos municípios de Curitiba, Ibiati e Rio Branco do Sul.

No capítulo final da "Memória Justificativa", estabelecem-se as bases do novo sistema rodoviário paranaense, sintetizadas nos parágrafos que se seguem:

"Do ponto de vista administrativo e político, ressalta a necessidade de comunicações eficientes, não só da capital com o interior, mas também do estado com o restante do País".

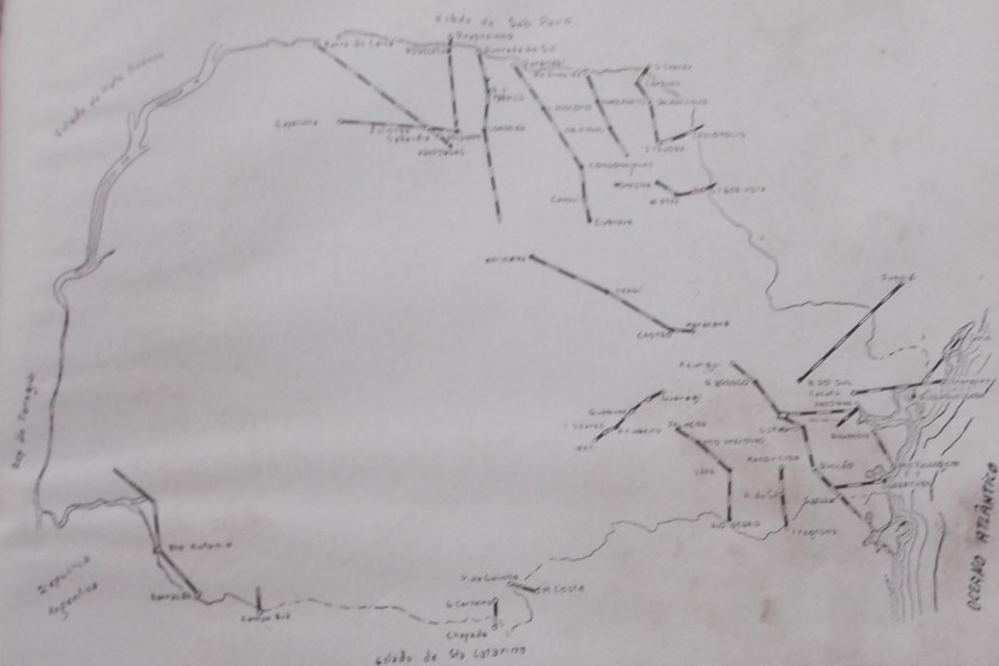
"As primeiras seriam resolvidas com um sistema de radiais, que partindo de Curitiba alcançassem os pontos extremos do estado: as barrancas dos rios Paraná, Paranapanema e Barracão, sobre o divisor Iguaçu-Uruguaí. Aliás, a situação em que se encontra Curitiba, à entrada das melhores gargantas de comunicação com o litoral, vem facilitar a solução, confundindo num só sistema os troncos de exportação com as radiais de penetração do sertão. Seriam, de outro lado, rodovias de grande importância militar, cuja construção tem interessado o Exército, de longo tempo. "As segundas, ligações entre o Norte e o Sul do País através do nosso território, poderão ser feitas através de longitudinais que, ao mesmo tempo servirão à penetração e ao já falado intercâmbio com São Paulo".

APERTA-SE A MALHA RODOVIÁRIA PARANAENSE.

Os importantes estudos feitos pelo D. E. R. levaram-no à conclusão de que o "Plano Rodoviário" deveria prever a existência das seguintes linhas de comunicação: a) — que facilitem o escoamento da produção pelos portos de Paranaguá e Antonina; b) — que permitam melhor intercâmbio entre São Paulo e Paraná; c) — que estabeleçam a ligação do Norte com o Sul do País através de nosso território; d) — que auxiliem a penetração no sertão.

E assim foi feito. Planejaram-se as 45 estradas (esquema n.º 1), que apertando a malha rodoviária paranaense, preencham todas as finalidades acima enumeradas. Uma vez realizado, o Paraná terá resolvido um de seus maiores problemas, o do transporte. Quem consulta as estatísticas paranaenses destes últimos anos, verifica, com espanto, o surto do extraordinário progresso do Estado. No Norte, sobretudo, esse progresso é coisa de admirar. O café, hoje sustentáculo da economia paranaense, e produzido aqui em alta escala, exigindo por isso, que o Estado se equipe com boas vias para o seu transporte. Mas o Norte não produz só a "preciosa rubiaca", sendo ponderável também a sua produção de cereais. Lançando-se uma vista sobre o panorama atual da situação econômica de todo o Paraná, verifica-se que tanto o mar, como São Paulo, não podem ser perdidos de vista. Centro industrial de primeira grandeza, com população só inferior à Argentina, em toda a América do Sul, o Estado líder da Federação avança a passos largos no terreno da industrialização, dependendo, entretanto, cada vez mais, dos produtos da agricultura e da flora paranaense. O Plano Rodoviário paranaense, já aprovado e em execução, levando em consideração essas circunstâncias, prevê principalmente rodovias para o escoamento do café para o exterior e de outros produtos para São Paulo. Apoiase esse plano sobre dois sistemas: 1.º) SISTEMA RIGIDO OU INDEFORMÁVEL, constante de linhas-troncos, linhas paralelas, linhas longitudinais; e 2.º) SISTEMA VARIÁVEL OU ADAPTÁVEL, compreendendo os ramos, que dão ao plano a flexibilidade exigida.

O D. E. R., ao elaborar o presente plano, levou ainda em consideração, o entrosamento com as linhas do "Plano Rodoviário Nacional" que cruzam o território paranaense, bem como ligações interestaduais já previstas em planos anteriores. A realização do "Plano Rodoviário" elaborado pelo D. E. R., importa na construção de 11.068 Kms. de rodovias. Desse total, 3.000 Kms. já estão prontos e 1.000 atacados, restando assim 7.000 para construir. É tarefa para dois períodos governamentais, no mínimo, se a



Estabelecendo ligação entre pontos de outras estradas ou apenas começando numa rodovia sem atingir outra, os ramos dão ao plano rodoviário a flexibilidade necessária.

Se bem que o seu traçado ainda não tenha sido fixado, é provável que o D. N. E. R. adote a ditetritz sugerida pelo D. E. A. do Paraná, que figura no esquema. Partindo da ponte Melo Feizoto, que nos liga a Ourinhos, em São Paulo, ela vai a União da Vitória. É uma rodovia de grande interesse para o Estado. Serve a zona carbonífera, ao Norte e a zona produtora de latata, entre Itaiti e União da Vitória, ao Sul. A L. 5, de Alvorada do Sul a Rincão, é uma grande rodovia a cruzar todo o território paranaense, de norte a sul, numa extensão de 498 Kms. Serve a região cafeeira, passando por Portecatu, Centenário, Maringá e Campo Mourão. Daqui prossegue para o Sul, servindo Cancá, Laranjeiras do Sul, Pinhal Preto, Chopim e Pato Branco e dirige-se para Rincão, em Santa Catarina. De primeira classe serão 1.193 Kms, de segunda 307 e de terceira, 356.

RAMAIS

Para satisfazer às condições de flexibilidade, sem a qual o plano não poderia resistir aos ataques do tempo, às injunções de ordem política a que todos os governos ficam sujeitos e, sobretudo, aos imprevistos, mormente numa terra onde as cidades costumam brotar da noite para o dia, foi previsto um sistema variável, ou melhor adaptável, constante de ramaís, (esquema n.º 5), para sobrepôr-se ao sistema rígido de troncos, paralelas e longitudinais. São rodovias que se situam entre os pontos importantes das do sistema rígido, ou que apenas têm início numa rodovia sem atingir outra. O seu número vai sendo aumentado de acordo com as necessidades econômicas, políticas e administrativas das várias regiões do Estado. No Plano do D. E. R. figuram vinte e seis ramaís, num total de 2.295 Kms, sendo que o Norte contará com vários deles, favorecendo tanto a zona velha como a nova. Sendo a parte mais fértil do atual plano, tem o sistema de ramaís a grande vantagem de facilitar a ação dos governantes, no que diz respeito às injunções de ordem política, algumas vezes tão fortes, que fazem desviar troncos de vital importância. Os ramaís terão 940 Kms. de primeira classe, 150 de segunda e 1.205 de terceira.

O PLANO QUINQUENAL — "CENTENÁRIO DO PARANÁ"

Naturalmente, para a execução de plano de tal envergadura, torna-se

necessária a organização de um plano de financiamento, em que as necessidades atuais e futuras do Estado sejam postas em confronto com as suas possibilidades. Somente depois de acurado estudo nesse sentido, poder-se-ia pensar na execução das obras previstas no "Plano Rodoviário", dando-se prioridade àquelas de maior urgência.

Ao elaborar o "Plano Quinquenal Centenário do Paraná", o D. E. R. dividiu esse trabalho em duas partes, compreendendo a primeira o estudo das possibilidades financeiras do Estado, e conseqüentemente do D. E. R., no quinquênio 1952-1956, e, a segunda, estabelecendo a prioridade na execução propriamente dita do Plano Rodoviário, determinando uma escala de urgência, na construção de novas rodovias.

Justificando o critério adotado, o diretor do D. E. R. expressa-se da seguinte maneira: "Assim procedemos porquanto, em se tratando de vias de comunicação, não é aconselhável a submissão a orçamentos anuais que acarretem inevitáveis soluções de continuidade, tão prejudiciais ao bom andamento dos serviços. Ao contrário, dentro de uma planificação quinquenal, não se o D. E. R. sentir-se-á mais à vontade para a execução do Plano Rodoviário, mas também os contratantes mais seguros em organizar os respectivos serviços".

No estudo das possibilidades, o D. E. R. examinou, primeiramente, a evolução da arrecadação paranaense. Levando em consideração o fato de "que a situação do Estado vem melhorando de dia para dia", pleiteou que a sua contribuição ao Departamento, fôsse elevada de 10% em 1952, para 12, 13, 14 e 15% nos anos seguintes. Entretanto, numa medida que veio favorecer ainda mais o D. E. R., a contribuição do Estado foi fixada em 15% durante os 4 anos a partir de 53, tendo o Governador Munhoz da Rocha, sancionado a 25 de outubro de 1951, a respectiva lei.

Prevendo-se para o exercício financeiro de 52, uma arrecadação aproximada de Cr\$ 1.200.000.000,00 (um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros), a contribuição do Estado fixada foi de 116 milhões de cruzeiros: 50 milhões para manutenção do D. E. R., 26 milhões, lei 105 e 40 milhões para obras novas.

Durante o "Plano Quinquenal", o Estado dará ao D. E. R. a contribuição total de Cr\$ 1.226.000.000,00 (um bilhão duzentos e vinte e seis milhões de cruzeiros), conforme o seguinte quadro:

ANO	Arrecadação Prevista (Cr\$ milhões)	Contr. do Estado (Cr\$ milhões)
1952	1.200	116
1953	1.400	210
1954	1.700	255
1955	2.000	300
1956	2.300	345
SOMA	8.640	1.226

Com essas verbas anuais, superando o orçamento de 15 Estados da Federação, torna-se o D.E.R. uma verdadeira potência econômica, podendo, portanto, fazer grandes operações de crédito para intensificação da construção e pavimentação das estradas constantes do "Plano Rodoviário".

Mas os recursos para a construção de rodovias não são dados somente pelo Estado, como se sabe. Ao Governo Federal, compete, também, por lei, dar a cada unidade da Federação, uma cota resultante da cobrança de imposto sobre combustíveis. O diretor do D.E.R. analisa igualmente a situação do D.E.R. perante a cota do "Fundo Rodoviário Nacional". Embora não dispondo de muitos elementos, pois os poucos disponíveis, (observações entre 1947 e 1951) não permitem uma previsão segura, foi possível a elaboração do quadro abaixo:

ANO	F. R. N. (Cr\$ milhões)
1952	47
1953	53
1954	59
1955	65
1956	71
SOMA	Cr\$ 295 milhões

Considera o D.E.R. através de seu estudo sobre o "Plano Quinquenal", uma previsão evidentemente fraca. Tal afirmação baseia-se no seguinte: a) — "que a aprovação da Lei Eunápio proporcionará um acréscimo de 30% ou aproximadamente 90 milhões de cruzeiros no quinquênio; b) — que no cálculo das quotas o Paraná tem figurado com a população do recenseamento de 1940: 1 milhão e 240 mil habitantes — ao passo que o censo de 1950 acusou 2 milhões e 140 mil. Passou, portanto, de 3% para 4,08% da população brasileira, o que proporciona um aumento de cerca de 3 milhões anuais na nossa cota ou, no mínimo, 15 milhões em 5 anos".

Dando um balanço na situação atual do D.E.R., verifica-se que 1951 apresenta um déficit de 100 milhões de cruzeiros, conforme o exposto:

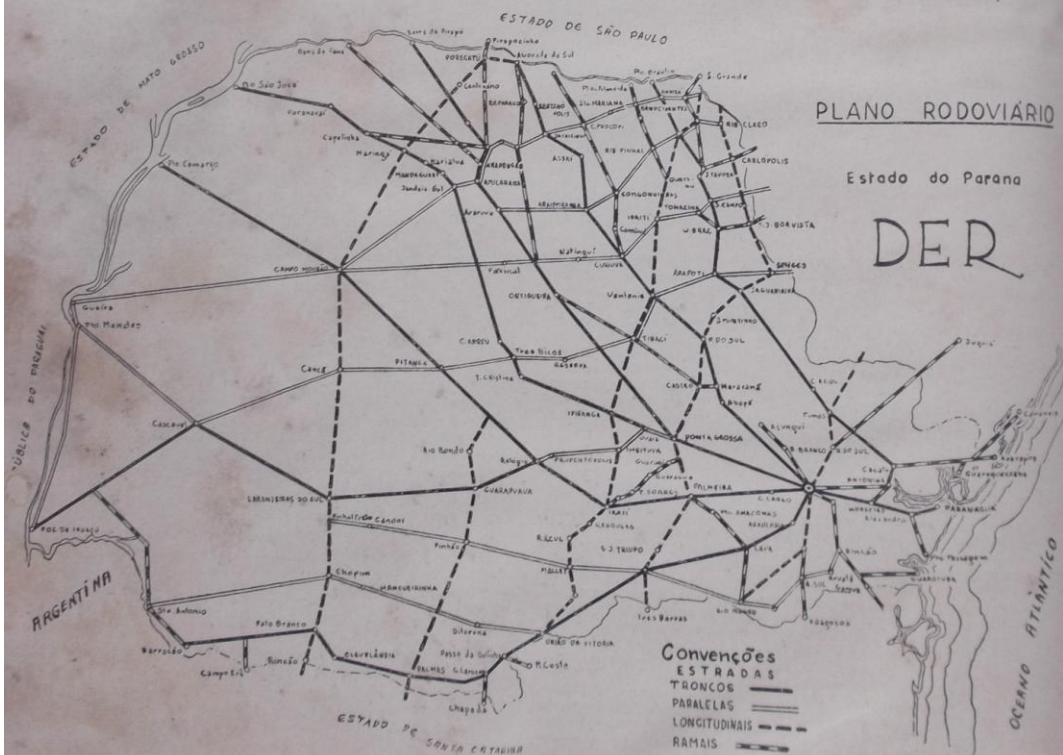
Faturas processadas — maio a julho de 1950	Cr\$ 27 milhões
Serviços em andamento (anexo III)	" 92 "
Débito até dezembro	" 119 "
F. R. N. a receber	" 19 "
Deficit do ano	Cr\$ 100 milhões

* No capítulo das providências necessárias, sugere o D.E.R. as seguintes:

- 1.^a — Mensagem do Executivo ao Legislativo solicitando a elaboração de uma lei que fixe em 10, 12, 13, 14 e 15%, respectivamente, sobre os orçamentos da receita estadual dos anos de 1952, 1953, 1954, 1955 e 1956, a contribuição global do Estado ao Departamento de Estradas de Rodagem.
- 2.^a — Mensagem do Executivo ao Legislativo solicitando a abertura, ainda este ano, de um crédito especial de no mínimo 60 milhões de cruzeiros, para fazer face às despesas decorrentes dos contratos em vigor.
- 3.^a — Contemplar o D.E.R. anualmente, no orçamento, durante cinco anos, com 100 milhões de cruzeiros em Apólices Obras Públicas.

A montagem do plano de financiamento será feita da seguinte maneira:

a) Contribuição do Estado em moeda corrente	Cr\$ 1.226 milhões
b) Cotas do Fundo Rodoviário Nacional	" 295 "
c) Apólices Obras Públicas	" 500 "
d) Apólices Auto-Estradas	" 390 "
Total do Plano	Cr\$ 2.411 milhões



O plano rodoviário dotará o Paraná de uma rede de rodovias à altura das suas necessidades. Estão planejados 11.068 Km para serem atendidas suas exigências de transporte: escoamento da produção pelos portos paranaenses, melhor intercâmbio entre São Paulo e Paraná, ligação entre o norte e o sul do país, e maior facilidade de penetração no sertão.

A aplicação (1) será a que se segue:

OBRAS	Cr\$ MILHOES		
	Moeda corrente	Apólices Auto-Estradas	Apólices O. Públicas
A) Auto-Estrada Ponta Grossa	50	150	—
B) Contrato Muller Caron	80	240	—
C) Cobertura déficit 1950	40	—	—
D) Manutenção do DER	290	—	—
E) Obras Novas	965	—	500
TOTAL	1.425	390	500

Dispondo em 5 anos de Cr\$ 1.465.000.000,00 (um bilhão, quatrocentos e sessenta e cinco milhões de cruzeiros) para obras novas, propôs que um bilhão e duzentos milhões sejam empregados na construção de 2.400 Kms.

IV — PLANO FERROVIÁRIO

A epigrafe não corresponde propriamente a um empreendimento como o tratado no outro capítulo desta monografia.

Pois não se estudou ultimamente, em verdade, um plano ferroviário para sua execução.

Há, de certo, um plano nacional. Mas ao Estado particularmente interessam determinadas ligações ferroviárias, não propriamente vinculadas a um projeto de âmbito federal. São linhas de grande envergadura, importância e oportunidade.

São elas:

1.ª — A ligação para o oeste. Começando por uma concessão do Estado, passou depois da revolução à responsabilidade da União. Infelizmente a chamada Estrada de Ferro de Guarapuava vem sendo realizada com enervante morosidade.

Quer para o Paraná, quer para o Brasil, sua execução é vital.

Relativamente ao Paraná, essa ferrovia, desbravando os sertões brutos do ocidente, procura concretizar sonhos grandiosos de eminentes brasileiros como André Rebouças, Monteiro Tourinho, Teixeira Soares, etc.

Tourinho e Rebouças traçaram sobre sua necessidade páginas épicas de uma beleza extraordinária.

2.ª — Há que umbelcar com urgência o norte com o pórtio de Paranaguá, por ferrovias feitas com o maior rigor técnico.

Uma delas, por consenso das maiores autoridades administrativas do Paraná e politécnicos, é a hoje denominada Estrada de Ferro Central do Paraná.

Essa linha desde muito estava planejada. Mas em verdade só no Governo do Sr. Moisés Lupion teve seu traçado estudado e seu início lançado. A atual administração não abandonou a sua objetivação, por lhe compreender a importância.

Ela porá a parte oeste do setentrional paranaense em ligação com o pórtio de Paranaguá, com um encurtamento de distância das localidades de sua influência cerca de Apucarana, seu principal ponto visado, de cerca de 300 quilômetros, comparadamente com o percurso para Santos.

O seu leito está preparado em apreciável número de quilômetros de Ponta Grossa para Apucarana e vice-versa.

Se não ocorresse dificuldade e embarcos à importação de maquinaria, locomotivas, etc. sua construção estaria muito adiantada.

Já tem algumas dezenas de quilômetros de trilhos assentados.

Em Ponta Grossa, articular-se-á com as auto-estradas Ponta Grossa-Curitiba e Curitiba-Paranaguá, ambas em construção.

3.ª — A ligação entre Joaquim Murtinho e Cornélio Procopio, devendo se prosseguir a construção de Barro Preto até aquela localidade do norte do Estado.

Essa estrada coletará cargas para encaminhar ao pórtio de Paranaguá na região de leste, arrastando para aquela escoadouro o café dos municípios conviños.

Os engenheiros Antonio Braga Cavalcanti e Aresio Xavier de Miranda escreveram uma exaustiva monografia "CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DO PROLONGAMENTO DA E. F. MONTE ALEGRE" propagando pela construção da ferrovia Joaquim Murtinho-Cornélio Procopio.

Nesse trabalho confrontam os autores a distância quilométrica dos pontos visados pelas linhas examinadas nesta monografia — Estrada de Ferro Central do Paraná (Ponta Grossa a Apucarana) e Joaquim Murtinho a Cornélio Procopio, comparando os trajetos do café por seus traçados e pelo roteiro São Paulo-Paraná-Srocabana até o pórtio de Santos.

Expressam-se assim os autores do prospecto, estabelecendo as preliminares para a compreensão do confronto referido:

"Tomando Ponta Grossa como ponto de referência, porque:

1) — dali partirá a futura E. F. Central do Paraná, para Apucarana;
2) — É aquela cidade passagem obrigatória dos trens que, do Norte do Paraná, vêm a Paranaguá;

A) — Via Marques dos Reis — Ramal do Paranapanema;

B) — Via Monte Alegre — Joaquim Murtinho.

Demonstramos, abaixo, a extensão de cada um dos percursos, salientando os mais curtos, que serão pela futura E. F. Monte Alegre:

C) — Procopio-P. Grossa — Via Monte Alegre-J. Murtinho	322 Km
Serra Morena-P. Grossa — Via Monte Alegre-Joaquim Murtinho	322 Km
Apucarana-P. Grossa — Via E. F. Central do Paraná	345 Km
Apucarana-P. Grossa — Via Serra Morena-M. Alegre-J. Murtinho	426 Km
Serra Morena-P. Grossa — Via Apucarana-E. F. Cent. do Paraná	449 Km
C. Procopio-P. Grossa — Via Ramal do Paranapanema-Jaguariava	474 Km
C. Procopio-P. Grossa — Via Apucarana-E. F. Central do Paraná	488 Km
S. Morena-P. Grossa — Via Ramal do Paranapanema-Jaguariava	509 Km
Apucarana-P. Grossa — Via Ramal do Paranapanema-Jaguariava	615 Km

Para se ter as distâncias do Norte Paranaense a Paranaguá, adicione-se aos percursos acima, a constante de 298 quilômetros, que é o trajeto, a ser feito, entre as duas cidades.

Além da E. F. Monte Alegre constituir o caminho mais curto, entre o setentrional paranaense e o Pórtio de Paranaguá, exercerá a maior influência, ao longo da E. F. S. Paulo-Paraná. Estabelecendo os limites exatos, ao norte, com o Ramal do Paranapanema e, ao Sul, com a E. F. Central do Paraná, provamos abaixo aquela nossa assertiva.

RAMAL DO PARANAPANEMA — E. F. MONTE ALEGRE

Limite de influência:

Km 71-500 M. da E. F. Ourinhos-Guaíra, ex. E. F. S. Paulo-Paraná a Paranaguá, via Ramal do Paranapanema	Km 713-500
Km 71-500 M. da E. F. Ourinhos-Guaíra, ex. E. F. S. Paulo-Paraná via Serra Morena-Monte Alegre-Joaquim Murtinho	Km 713-500

ESTRADA DE FERRO MONTE ALEGRE-ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO PARANÁ, limite da zona da influência:

Km 221-500 E. F. Ourinhos-Guaíra, ex. E. F. S. Paulo-Paraná-Paranaguá — via Serra Morena-Monte Alegre- Joaquim Murtinho	Km 683-500
Km 221-500 M. da E. F. Ourinhos-Guaíra, ex. E. F. S. Paulo-Paraná-Paranaguá — via Apucarana-E. F. Cent. do Paraná	Km 683-500
O Km 71-500 M. fica entre André e Bandeirantes.	
O Km 221-500 M. fica entre Londrina e Cambé.	



A fotografia mostra uma auto-estrada rasgada em pleno calor da zona norte. É uma reta de muitos quilômetros de extensão, cujo alinhamento se faz sem prejuízo do intensíssimo tráfego da notável rodovia paralela do sistema rodoviário do Paraná.

Confrontando as zonas de influência do Ramal do Paranapanema e das futuras estradas de ferro, Monte Alegre e Central do Paraná, vemos que:

RAMAL DO PARANAPANEMA serve a Km 71-500 M. da E. F. Ourinhos-Guaíra, ex E. F. S. Paulo-Paraná.

E F. Monte Alegre servirá ao norte a Km 47-500 M. da E. F. Ourinhos-Guaíra. Esta Ferrovia, quando posta totalmente em tráfego, terá mais, ao sul da E. F. Central do Paraná, 371 quilômetros, que deverão ser atendidos por esta última estrada de ferro."

Nos trechos abaixo, os técnicos em apêço lançam luz sobre o problema do equilíbrio entre exportação e importação, pois, como acentuam eles, dado o menor percurso entre o escadouro natural da zona norte que se tornará Paranaguá, a importação se fará em torna viagem dos comboios que houverem transportado café para embarque com destino ao estrangeiro. Aliás, noutra produção minha para este GUIA, ao examinar aspectos do intercâmbio com o exterior, abordei, ligeiramente, a questão exposta com o apoio em estatística quilométrica pelos dois engenheiros paranaenses. Eis as suas palavras:

"Todos que no Brasil, estudam os assuntos ferroviários, conhecem o desequilíbrio existente entre exportação e importação. Há uma diferença muito grande, para mais, nos volumes das nossas exportações e, por isso, a maior parte do material rodante das ferrovias, percorre vazio, centenas e milhares de quilômetros, encarecendo, destarte, a exploração da indústria do transporte.

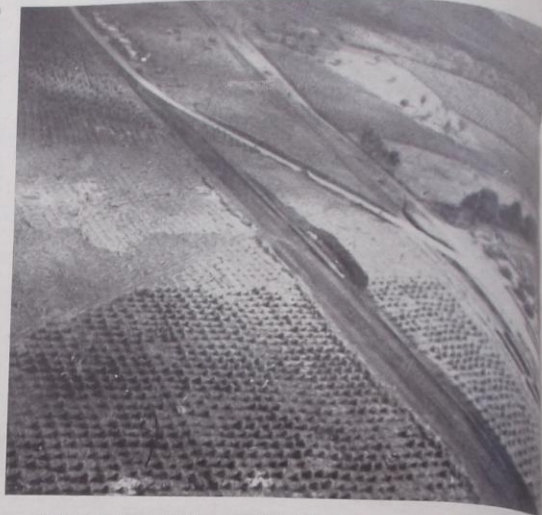
"Por enquanto, a E. F. S. Paulo-Paraná não se pode furtar àquela fatalidade econômica. Construídas, porém, as estradas de ferro Monte Alegre e Central do Paraná, equilibrará, imediatamente, o seu tráfego."

CONSIDERAÇÕES

"Porque o material rodante circulará carregado em todos os sentidos". Acresce, mais, a circunstância feliz de estar o setentrional paranaense mais próximo de Paranaguá que de Santos, conforme se vê abaixo:

CORNÉLIO PROCÓPIO-SANTOS, via Ourinhos-São Paulo.....	705 km
CORNÉLIO PROCÓPIO-PARANAGUÁ, via Monte Alegre- J. Murinho.....	620 km
DIFERENÇA a menos para Paranaguá.....	85 km
SERRA MORENA-SANTOS, via Ourinhos-São Paulo.....	744 km
SERRA MORENA-PARANAGUÁ, via M. Alegre-J. Murinho..	620 km
DIFERENÇA a menos para Paranaguá.....	124 km
APUCARANA-SANTOS, via Ourinhos-São Paulo.....	849 km
APUCARANA-PARANAGUÁ, via E. F. Cent. do Paraná.....	643 km
DIFERENÇA a menos para Paranaguá.....	206 km

"Naturalmente, todo o café paranaense procurará Paranaguá, que é o pórtico mais próximo, para seu embarque. Sendo São Paulo um grande consumidor e distribuidor de cereais, por ele atraídos via Ourinhos-Far-se-á, assim, obviamente, distribuição dos transportes na E. F. Ourinhos-



Retificação da estrada Apucarana-Melo Peixoto, uma das paralelas de grande importância para o rodoviarismo paranaense.

Guaíra, ex- E. F. S. Paulo-Paraná, uma vez postas em tráfego as ferrovias Monte Alegre e Central do Paraná.

"Estas duas últimas ferrovias passarão a ser, então, as reguladoras da E. F. Ourinhos-Guaíra, uma das poucas estradas de ferro que, em nosso país, logrará equilibrar o tráfego. Os seus comboios correrão lotados em todos os sentidos, anulando-se, assim, as despesas mortas com a movimentação de vagões vazios." (op. cit.).

O mapa anexo do traçado da ferrovia Joaquim Murinho-Cornélio Procópio mostra o desenvolvimento dessa importante estrada.

A INDÚSTRIA E OS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Deveria constituir tese pacífica a de nossa economia ter seu destino marcado pelo fato de 70% da população de nosso Estado viver nas zonas rurais, desenvolvendo atividades agrícolas.

Sucedo, porém, que a industrialização das nações representa um impetativo da civilização.

Dividem-se os povos em desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Subdesenvolvimento é sinônimo eufemístico de industrialização. E pelo adjectivo subdesenvolvidos designa-se os países fornecedores de matéria-prima ou, quando muito, eufemisticamente agrícolas.

Porém não existe uma grande potência que seja exclusivamente industrializada nem exclusivamente agrícola.

Universalmente se admite que os países típicos da industrialização eram, antes da guerra, os Estados-Únidos, Alemanha, Inglaterra. Hoje, dada a perturbação proveniente da divisão em dois setores, o ocidental e o oriental, a Alemanha não figurará na relação, restando para exemplificação os Estados-Únidos e Grã Bretanha.

Ora, aquêle, a par de seu contínuo esforço em manter e desenvolver a industrialização, promove e experimenta as mais variadas culturas para não importar certos produtos.

São os maiores produtores de aveia, têm colheitas elevadas de batata, letém o recorde nas safras de beterraba. São os maiores produtores de algodão em pluma e de carvão de algodão.

Um exame pormenorizado abalaria o conceito de que a pátria de Lincoln por excelência uma nação industrializada.

Ora, a verdade é que os países do mundo contemporâneos devem fomentar sua agricultura de acordo com sua geografia botânica, e sua indústria eundo suas possibilidades de aquisição de matérias-primas, sendo que, ando as tiverem em seu solo, implicará em crime o seu não aproveitamento. Nada de indústrias artificiais.

Ora, não obstante as condições excepcionais do Paraná para a policul-

tura, também seus copiosos recursos naturais indicam a possibilidade de sua industrialização. É o que se faz mister aconteça, com o aproveitamento dos elementos de que o dorou Deus.

O quadro abaixo levantado pelo Departamento Estadual de Estatística em 1950 nos depara a situação dos municípios onde funcionam indústrias:

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE 1950 DE TODOS OS MUNICÍPIOS, NO ESTADO:

MUNICÍPIOS	Estabelecimentos	Média mensal dos operários	Despesas de consumo (1) Cr\$ 1,000	Valor da produção (2)
Abatá	3	23	27.779	30.392
Andirá	2	19	2.244	3.112
Antonina	12	267	74.852	96.809
Apucarana	38	642	52.527	71.308
Arapongas	3	45	1.450	2.539
Araucária	11	198	76.835	101.937
Assaí	16	331	11.120	19.320
Bandeirantes	10	122	71.356	87.186
Bela Vista do Paraíso	6	121	11.728	21.390
Bocaiúva do Sul	12	61	109.616	120.539
Cambará	15	530	3.940	12.825
Cambé	8	79	10.701	14.193
	17	180	187.491	212.951

MUNICÍPIOS	Estabelecimentos	Média mensal dos operários	Despesas de consumo Cr\$ 1.000	Valor da produção (2)
Campo Largo	14	664	5.654	20.808
Campo Mourão	12	93	1.393	5.026
Carlipolis	2	14	261	556
Castro	21	274	13.232	19.550
Cerro Azul	1	17	160	336
Cinzas	3	36	682	1.576
Clevalândia	23	104	1.009	3.978
Colombo	17	198	2.701	7.517
Congonhinhas	3	27	540	1.412
Cornélio Procopio	19	175	117.532	138.273
CLURITIBA	343	11.228	548.972	1.032.749
Curitiba	11	870	4.376	40.406
Foz do Iguaçu	9	372	1.823	13.118
Guarapuava	73	1.377	13.315	63.250
Guaracapaná	1	16	124	190
Guaratuba	2	61	83	1.597
Ibaiti	6	134	10.397	14.673
Ibiporã	19	334	4.194	12.200
Imbituva	17	442	7.086	17.498
Ipiranga	26	646	25.255	49.870
Irati	12	284	29.593	43.311
Jacarezinho	6	129	1.986	5.434
Jaguapitã	7	445	102.499	107.863
Jaguariaíva	9	95	12.384	14.674
Jataizinho	3	19	228	657
Joaquim Távora	28	423	8.467	17.441
Lapa	10	26	506	1.155
Laranjeiras do Sul	58	700	172.018	229.526
Londrina	14	172	3.334	8.946
Malet	28	384	18.797	39.866
Mandaguari	4	18	145	654
Mangueirinha	15	245	8.159	12.901
Morretes	23	491	5.145	25.772
Palmas	14	494	6.404	20.201
Palmeira	30	339	31.017	41.874
Paranaíba	5	74	1.612	3.626
Piraí do Sul	13	138	3.643	6.061
Piraquara	14	177	1.453	6.261
Pitanga	99	1.888	175.923	251.090
Ponta Grossa				
Porecatu	7	217		12.742
Pôrto Amazonas	4	227		3.553
Prudentópolis	19	477		8.501
Quatiguá	4	47		3.132
Rebouças	6	57		1.014
Reserva	4	64		1.131
Ribeirão Claro	3	16		12.269
Ribeirão do Pinhal	6	85		7.882
Rio Azul	7	57		1.130
Rio Branco do Sul	9	154		3.075
Rio Negro	25	437		9.893
Rolândia	10	141		4.961
Santa Mariana	3	33		1.150
Sr. Antonio da Platina	16	91		32.404
São João do Triunfo	9	231		2.045
São José dos Pinhais	14	298		5.988
São Mateus do Sul	34	518		6.238
Sengés	6	192		5.004
Sertãozinho	5	47		1.466
Siqueira Campos	6	35		8.946
Teixeira Soares	16	410		12.992
Tibagi	21	1.240		46.764
Timoneira	9	94		2.090
Tomazina	4	56		1.208
União da Vitória	58	1.100		26.544
Uraí	11	120		48.792
Wenceslau Braz	4	18		403
TOTAIS DOS ESTADOS	1.487	32.703	2.249.932	3.668.355

Temos aí uma cifra digna de apreço. Soma 3.668.355.000,00 a produção industrial do Paraná.

Revela-se-nos esse quadro altamente expressivo, pois evidencia que Curitiba conserva o primado industrial no Estado, quer pelo valor da produção, que monta a Cr\$ 1.032.749.000,00, quer pelo número de operários, 11.228, mais de 1/3 dos 32.703 do Paraná. Equivale a pouco mais de 1/4 da produção geral do Estado.

Seguem-se-lhe, consoante o valor decrescente da produção: Ponta Grossa, com 251.090.000,00; Londrina com 229.526.000,00; Campo Largo com 212.951.000,00; Tibagi com 171.205.000,00.

Há indústrias destinadas a considerável futuro no Paraná. A do ferro, a do cimento, estudadas em monografias especiais e as de mobiliário, do açúcar e do álcool, do papel, papéis e pasta mecânica, a da cerâmica e outras.

Para o progresso de todas elas, faz-se mister, porém, a energia elétrica. Esse é um dos problemas vitais da industrialização do Paraná.

O CAFÉ NO PARANÁ

I — A ERRATICIDADE DA RUBIÁCEA

Coube a Francisco Palheta trazer da Guiana Francesa para o Brasil em 1727, há mais de 200 anos, as primeiras sementes e mudas de caféeiros.

Plantadas no Pará, dali passou o café a outras capitânicas do norte do país.

Em 1768, vieram mudas e sementes para o Rio de Janeiro. Aí fizeram-se plantações mais ou menos extensas. E dali o café foi introduzido na capitania do Rio de Janeiro (hoje Estado do Rio de Janeiro).

Encontrando terra e clima favorável, desenvolveu-se rapidamente. E aquela região gozou de prosperidade extraordinária.

Foi o precioso vegetal o estêo de toda a nossa economia no século XIX.

Da província do Rio de Janeiro, entrou na de São Paulo pelo vale do rio Paraíba cujas condições lhe eram muito favoráveis.

E enquanto se verificava a queda da produtividade na zona fluminense, assumia São Paulo o comando da lavoura do OURO VERDE, com um desenvolvimento tamanho que se transformou numa das maiores atividades agrárias do mundo.

São Paulo organizou sem dúvida com proficiência essa indústria da terra, passando a ser o maior produtor do universo.

Foi em seu território, porém, que se comprovou o caráter de erraticidade da "cofeia arábica", pois enquanto declinava a lavoura do Paraíba, o valioso vegetal subia o planalto e iniciava sua marcha para o oeste.

Atingiu primeiro Campinas e dali se espalhou para Ribeirão Preto. E foi nessa zona que se lhe verificou o apogeu do império do mundo.

E o café não foi apenas São Paulo. O café foi também o Brasil, como coluna vertebral de toda a sua economia.

Domina êle ainda arrasadoramente o nosso comércio de exportação: 74% dêste são absorvidos por êle como se vê nesta significativa demonstração estatística correspondente ao ano de 1952:

PRODUTOS	Milhões de Cruzeiros	Porcentagem sobre o total
Café	19.212	74%
Cacau	763	3%
Algodão	640	2,5%
Pinho	591	2%
Arroz	482	2%
Minério de Ferro	434	1,5%
Fumo	349	1%
Banana	255	1%
Sical	250	1%
Total c/outras mercadorias	26.065	100%

(Publicada pelo colunista Oliveira Sales, no jornal "Estado do Paraná", n.º 582 de 28/6/1953).

No Paraná, o café supera, desde já, em 61% o valor da produção geral, pois esta somou 7.396.552.441,00 (quadros da estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1952) e a de café importou em 4.525.660.215,00.

Nos valores do comércio exterior do Paraná, sua posição estatística é também esmagadora.

Já transcrevi noutra local palavras do ilustrado mineologista Fróis de Abreu, consignando que o café tem produzido mais ouro para o Brasil que as suas próprias minas.

Errante porém, foi avançando, avançando e ao mesmo tempo esterilizando o solo.

E prosseguindo sua caminhada, transpôs o Itararé e o Paranapanema, foi descobrir no norte do Estado do Paraná, no quadrilátero que descrevi e

estudei anteriormente, seu estupendo *habitat* onde sua terra roxa chegou a produzir de 200 e mais arrobas por mil pés de cafeeiros!...

II — POR ONDE ENTROU O CAFÉ NO PARANÁ

É fora de dúvida para mim, que os primeiros pés de café plantados no Paraná o foram no litoral, isto é, nos municípios da baixada entre a Serra do Mar e o Atlântico, em Paranaguá, Guaraqueçaba, Antonina, Morretes.

Nessa zona, corre a tradição da existência de cafeeiros de quase cem anos. E, o que é positivamente sensacional, com uma vitalidade espantosa, em plena produtividade e sem o mínimo sinal de senectude.

Porém nas melhores terras roxas, o cafeeiro, segundo os processos usuais de cultivo, tem sua vida limitada até nunca mais de 60 anos, sendo raros os pés que chegam a quinquagenários.

É verdade que na região em foco não se plantam os cafeeiros como na do norte.

Nesta, ou desmatam o terreno e nele plantam o cafeeiro isolado, ou fazem culturas simultâneas.

Entretanto, na nossa marinha, o café foi sempre plantado junto de outras árvores e arbustos ou, para empregar linguagem mais adequada, com sombreamento.

Foi aliás no litoral catarinense que técnicos paulistas descobriram a prática da simbiose da rubiácea com outros vegetais.

Essa comunidade dá longevidade ao cafeeiro, nunca verificada no outro sistema.

Aliás a umbrófila é fenômeno botânico muito conhecido.

E no Paraná, como salientarei na MONOGRAFIA DA ERVA-MATE, é no Paraná, como salientarei na MONOGRAFIA DA ERVA-MATE, e não a preciosa e infelizmente mal-aproveitada ilicína constitui, consoante meu parecer, testemunho da importância daquele regime para a sua sobrevivência.

O processo adotado aqui é o da limpeza do erval. A sucessividade desta prática mata-o a longo prazo.

Dai possuir o Estado extensíssimas zonas, que aparecem nos mapas geológicos e fitográficos como devastadas, onde existiam imensos e maravilhosos ervais e hoje estão érmias, sem um pé sequer da admirável "CAA" dos indígenas.

Ora o café é umbrófilo. E onde lhe respeitam esta exigência, ele é longevo e com a mesma produtividade.

Alega-se que, pelo sistema da desnudação da terra, se consegue uma colheita parelha de frutos e pelo do sombreamento isso não ocorre, resultando encarecimento na cata.

Contra esta alegação basta invocar o modo de se obter os chamados cafés moles, os melhores dos quais, consoante lição da Colúmbia, se despolpa com a dente, isto é, na boca! E mesmo não adotando essa técnica primitiva, qualquer outra reclama cuidados excepcionais, tratamento delicadíssimo sem o que não se consegue um produto de primeira qualidade.

De qualquer maneira, como mais adiante exporei, com apoio em dados estatísticos, dentro de poucos anos o litoral aparecerá como produtor de café, pois já se iniciaram ali, em Morretes, Antonina, Guaraqueçaba, etc. extensas plantações da miraculosa rubiácea, a grande e até hoje insubstituível doadora de divisas para a nossa anarquizada economia. E no norte do Estado, na mesopotâmia Itararé, Paranapanema, Paraná, quando e por onde penetrou o café?

Lembrarei que do Rio de Janeiro o café subiu pelo vale do Paraíba para São Paulo e pelo contágio invadiu Minas Gerais.

Di-lo precisamente Caio Prado Junior em sua aplaudida obra HISTÓRIA DA FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL: "É no Rio de Janeiro sobretudo, logo depois nas regiões contíguas de Minas Gerais e São Paulo... (que se localiza realmente a riqueza cafeeira do Brasil)" (pág. 171).

E Basílio de Magalhães em seu conhecido opúsculo "O CAFÉ", ao falar dos caminhos históricos do Brasil, mostra a importância e o movimento dos que visavam ao porto de Angra dos Reis, um dos escoadouros de Minas que, como provincia central, necessitava de respiradouros para o mundo. (pág. 88 e segs).

E por aquelas vias de comunicação saía precisamente o grande produto que é a rubiácea.

Consigno estes fatos, para ligar a cultura dela às migrações povoadoras do norte do Paraná, com o patriarca insigne que foi Tomas Pereira da Silva, o fundador da primeira vila e município que se constituíram naquela zona.

Foi, seguramente, ele quem introduziu o cafeeiro na região do norte do Paraná, quando para ali se transferiu com toda sua tribo em 1867. Posteriormente, em 1888, entraram os Alcantaras em Jacarézinho, aumentando as plantações que já deviam existir.

Havia alguns anos que o café já constituía a espora principal da economia brasileira, ocasionando o surto da aristocracia agrária na provincia fluminense, tendo sido seus titulares dos homens mais opulentos do Brasil no século XIX.

Moradores de Itajubá e Aiuruoca em Minas Gerais, os lançadores de cidades no norte do Paraná, conheciam pessoalmente a importância daquele produto na balança econômica do Brasil.

E transferindo-se para o Paraná, foram profetas da grandeza do PAÍS DA TERRA ROXA.

Desbravadores intemoratos foram posteriormente ingressando na região setentrional, fazendas foram-se formando, capitalistas de São Paulo e Minas adquiriram terras e os processos de montar propriedades agrárias tradicionais naquele Estado foram introduzidos; surgindo, já neste século, extensas herdades cobertas de cafezais.

Entre nomes citáveis, como de organizadores de fazendas de café no norte, ocorrem-me os Barbosa Ferraz, Alves Lima, Batista, etc.

Não historiarei aqui a multiplicação das estâncias agrícolas dedicadas ao café.

Mostrarei no quadro abaixo a atualidade da cultura e produtividade do café no Paraná.

Trata-se de um levantamento realizado para computar-se a safra de



Fogão para defesa do cafeeiro contra a gada, numa fazenda em Maringá.



Vista aérea de um grande cafézal entre Londrina e Apucarana, na zona Norte.

1953-1954 pelos srs. Alfredo Medina, do Instituto Brasileiro do Café e Paulo Pinho, do Departamento Estadual do Café subordinado à Secretaria de Fazenda do Paraná.

Percorreram 3.500 Kms. no Norte do Paraná, visitando tôdas as fazendas, sítios e máquinas de café.

Veja-se nas duas páginas seguintes essa prova gráfica e aritmética da situação do café no Paraná

Segundo informações constantes desse quadro, existem no Paraná 533.310.927 cafeeiros, dos quais 253.427.497 são novos e 280.883.430 em

produção. O Norte Velho conta 31.869.598 cafeeiros entre novos e velhos. É curioso o fato da entrada dos municípios do litoral na estatística, com ... 109.000 pés assim distribuídos:

Antonina	3.000
Guaraqueçaba	70.000
Morretes	30.000
Paranaguá	6.000
	<hr/>
	107.000

SECRETARIA
DEPARTAMENTO EST
QUADRO ESTATISTICO DA PRODUÇÃO
SAFRA DE

MUNICIPIOS	Altitude Metros	Área disponível (alqueires)	C A F E E I R O S			Produção Safrá 53/54 Sacas 60 Kg.	Arróbas por 1.000 pes	
			Novos	Produção	Total		52/53	53/54
Abatiá	550	7.500	810.000	3.500.000	4.310.000	28.000	70	32
Amoreira	640	3.300	5.500.000	5.400.000	10.900.000	67.500	95	50
Andirá	470	800	710.000	6.500.000	7.210.000	48.750	80	30
Antonina	—	—	3.000	—	3.000	—	—	—
Apucarana (1)	850	20.000	14.000.000	17.000.000	31.000.000	425.000	110	100
Arapongas	960	2.000	700.000	7.300.000	8.000.000	124.100	110	68
Assai	640	3.000	2.000.000	6.600.000	8.600.000	82.500	95	50
Astórgas	950	3.000	2.800.000	3.700.000	6.500.000	62.900	110	68
Bandeirantes (2)	400	1.000	450.000	8.500.000	8.950.000	85.000	80	40
Bela Vista do Paraizo	528	5.500	3.000.000	12.500.000	15.500.000	150.000	100	48
Cambará	400	1.000	231.000	7.000.000	7.231.000	35.000	70	20
Cambe	660	200	250.000	5.500.000	5.750.000	89.375	120	65
Campo do Mourão (3)	380	300.000	17.000.000	500.000	17.500.000	8.750	100	70
Carlópolis	570	800	250.000	550.000	800.000	5.775	60	42
Cornélio Procopio	650	3.000	2.500.000	16.000.000	18.500.000	212.000	110	33
Curitiba	670	1.500	300.000	10.000	310.000	125	120	50
Congonhas	680	7.000	2.800.000	2.000.000	4.800.000	26.500	120	53
Guaçuquaba	30	—	45.000	25.000	70.000	437	80	70
Ibaiti	670	5.000	1.200.000	3.500.000	4.700.000	39.375	40	45
Ibiporá	450	1.500	859.535	6.096.689	6.956.224	91.440	100	60
Jacarézinho	460	250	798.922	10.134.000	10.932.922	70.938	70	28
Jaguapitã (4)	560	50.000	30.000.000	15.000.000	45.000.000	168.750	100	45
Japira	500	9.000	932.000	1.098.000	2.030.000	15.097	40	55
Jataizinho	345	2.000	2.200.000	2.800.000	5.000.000	42.000	90	60
Joaquim Távora	600	15.000	280.340	1.057.859	1.338.199	10.570	65	40
Leópolis	660	10.000	1.000.000	3.000.000	4.000.000	26.250	100	35
Londrina	610	500	3.500.000	14.200.000	17.700.000	230.750	110	63
Mandaguari (5)	350 a 600	400.000	125.000.000	35.000.000	160.000.000	612.500	120	70
Morretes	—	—	30.000	—	30.000	—	—	—
Nova Fátima	680	4.000	1.000.000	4.000.000	5.000.000	55.000	120	55
Paranaguá	50	—	6.000	—	6.000	—	—	—
Pinhalão	577	8.000	100.000	662.000	762.000	9.930	40	60
Porecatu (6)	586	22.000	12.000.000	17.000.000	29.000.000	170.000	110	40
Quatiguá	680	1.500	60.000	612.000	672.000	5.355	50	35
Rio Cinzas	530	1.200	600.000	1.200.000	1.800.000	10.500	70	35
Ribeirão Claro	550	200	119.700	5.272.777	5.392.477	63.264	45	48
Ribeirão do Pinhal	510	6.000	981.000	2.774.105	3.755.105	24.966	70	36
Rolândia	730	4.000	2.751.000	13.435.000	16.186.000	201.525	120	50
Santa Mariana	500	482	1.000.000	6.500.000	7.500.000	81.250	100	60
Santo Antônio da Platina	520	300	1.150.000	8.300.000	9.450.000	72.625	70	35
São Jerônimo da Serra	650	2.000	3.400.000	900.000	4.300.000	10.125	110	45
Senegés	780	2.000	60.000	140.000	200.000	1.400	50	40
Sertaneja	660	15.000	1.500.000	4.000.000	5.500.000	40.000	110	40
Sertãoópolis (7)	450	2.000	5.500.000	13.250.000	18.750.000	165.625	100	50
Siqueira Campos	655	1.200	70.000	1.600.000	1.670.000	16.000	40	40
Tibagi	730	—	—	24.000	24.000	360	70	60
Tomazina	656	10.000	550.000	2.600.000	3.150.000	29.250	40	45
Uraí	380	1.500	2.400.000	4.000.000	6.400.000	55.000	90	55
Wenceslau Braz	820	900	30.000	142.000	172.000	1.420	30	40
—	—	—	252.427.497	280.883.430	533.310.927	3.772.977	—	—

OBSERVAÇÕES: — (1) Compreendendo: Jandaia do Sul, Faxinal, Ararugas e Rio Bom.
 (2) " : Santa Amélia.
 (3) " : Peabiru.
 (4) " : Lupionópolis, Santo Inácio, e Centenário do Sul.
 (5) " : Marialva, Maringá, Mandaguçu, Nova Esperança e Paranavai.

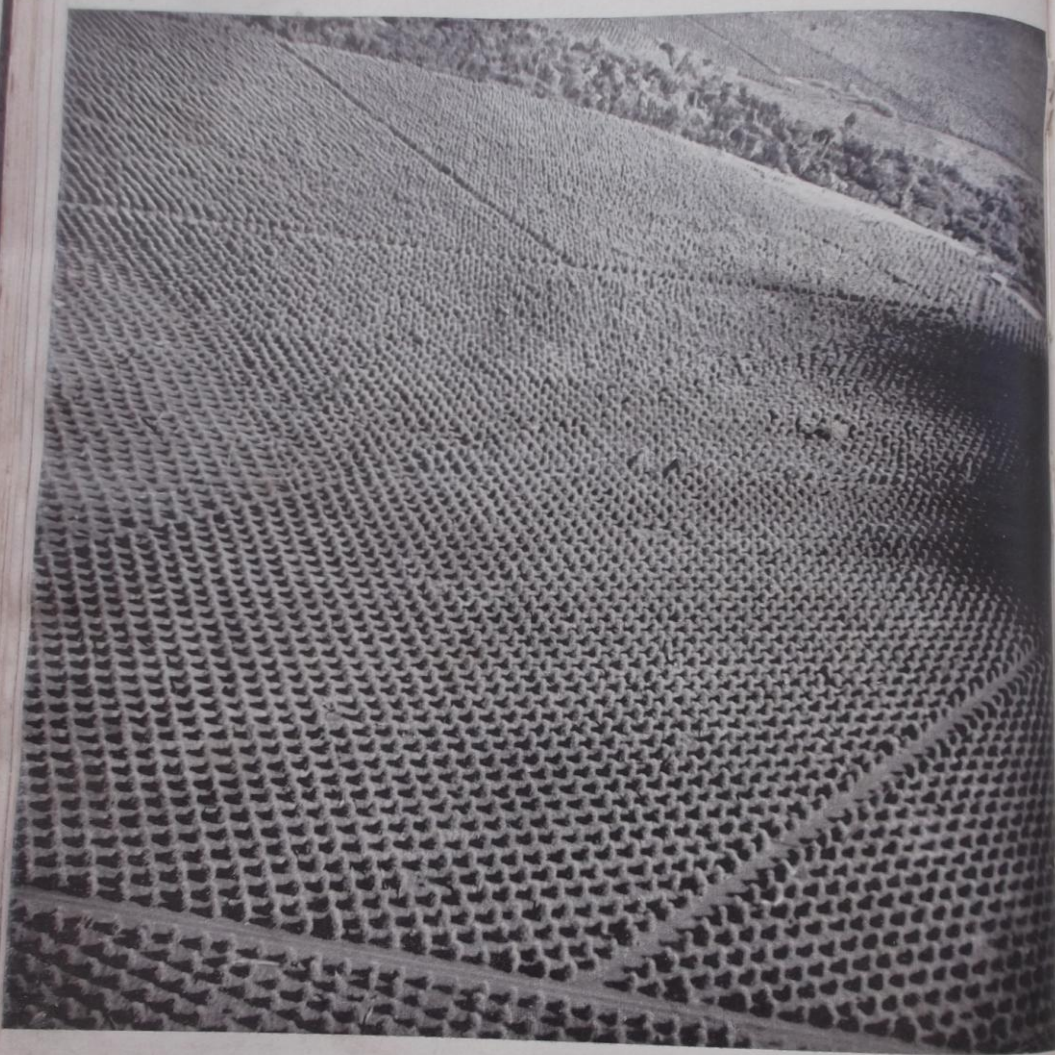
ADUAL DO CAFÉ

CAFEIIRA DO ESTADO DO PARANA
1953/1954

Estado geral dos Cafeeiros		Vida produtiva dos Cafeeiros	ADUBAÇÃO		Condições Climáticas		INÍCIO FLORADA	Colheita
Ótimo	Bom		Mineral	Orgânica	Safra anterior	Safra Pendente		
30 %	70 %	4 a 60	Sim	Sim	Bôa	Reg.: Faltou chuva	Set. Out. e Nov.	Maio
80 %	20 %	4 a 40	"	"	"	Bôa: Ventos frios	Set. e Out.	"
20 %	80 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva	Set. Out. e Nov.	"
—	—	—	—	—	—	—	—	—
40 %	60 %	4 a 40	Sim	Sim	Bôa	Regular	Set. Out. e Nov.	Maio
40 %	60 %	4 a 40	"	"	"	Regular	Set. Out. e Nov.	Junho
80 %	30 %	4 a 40	"	"	"	Bôa: Ventos frios	Set. Out. e Nov.	Maio
50 %	50 %	4 a 40	"	"	"	Regular	Set. Out. e Nov.	Junho
20 %	80 %	4 a 40	"	"	"	Reg.: Faltou chuva	Set. Out. e Nov.	Maio
50 %	50 %	4 a 60	"	"	"	Bôa: Chuva regular na época da florada	Agôt. Set. e Out.	"
20 %	80 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
80 %	20 %	4 a 40	"	"	"	Bôa: Ventos frios em época da florada	Set. Out. e Nov.	"
80 %	20 %	4 a 40	—	—	"	Bôa	Set. Out. e Nov.	"
20 %	80 %	4 a 60	Sim	Sim	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 40	—	—	"	Reg.: Ventos frios na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 40	—	—	"	Bôa	Set. e Out.	"
60 %	40 %	4 a 40	Sim	Sim	"	Reg.: Ventos frios na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
80 %	20 %	4 a 60	—	—	"	Bôa	Irregular	"
50 %	50 %	4 a 60	—	Sim	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 40	Sim	"	"	Bôa: Ventos frios na época da florada	Set. e Out.	"
20 %	80 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
70 %	30 %	4 a 40	—	—	"	Regular	Ag. Set. Out. e Nov.	Junho
50 %	50 %	4 a 60	—	Sim	"	Regular	Set. Out. e Nov.	Maio
60 %	40 %	4 a 40	Sim	"	"	Bôa	Set. e Out.	"
—	100 %	4 a 60	—	"	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
10 %	90 %	4 a 40	Sim	"	"	Reg.: Com ventos frios na época da florada	Set. Out. e Nov.	Maio
80 %	20 %	4 a 40	"	"	"	Bôa	Set. e Out.	"
80 %	20 %	4 a 40	"	"	"	Bôa	Set. Out. e Nov.	"
—	—	—	—	—	—	—	—	—
60 %	40 %	4 a 40	Sim	Sim	Bôa	Reg.: Ventos frios na época da florada	Set. Out. e Nov.	Maio
—	100 %	—	—	—	—	—	—	—
40 %	60 %	4 a 60	—	Sim	Bôa	Regular	Set. Out. e Nov.	Maio
50 %	50 %	4 a 40	Sim	"	"	Bôa: Chuvas atrazadas na época da florada	Agôt. Set. e Out.	"
—	100 %	4 a 60	—	"	"	Bôa	Set. Out. e Nov.	"
30 %	70 %	4 a 60	Sim	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
20 %	80 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
40 %	60 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 60	"	"	"	Regular	Agôt. Set. e Out.	"
20 %	80 %	4 a 40	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
30 %	70 %	4 a 60	"	"	"	Reg.: Faltou chuva na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 40	—	—	"	Bôa	Set. e Out.	"
—	100 %	4 a 40	—	Sim	"	Bôa	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	4 a 60	Sim	"	"	Reg.: Ventos frios na época da florada	Set. Out. e Nov.	"
20 %	80 %	4 a 40	"	"	"	Bôa: Faltou chuva na época da florada	Agôt. Set. Out. e Nov.	"
—	100 %	4 a 60	"	"	"	Bôa	Set. Out. e Nov.	"
50 %	50 %	—	—	—	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
40 %	60 %	4 a 60	—	Sim	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
60 %	40 %	4 a 40	Sim	"	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
—	100 %	4 a 60	—	"	"	Regular	Set. Out. e Nov.	"
—	—	—	—	—	—	—	—	—

(6) " : Florestópolis e Alvorada do Sul.
(7) " : 1.º de Maio.

MÉDIA GERAL EM ARRÓBAS — 53,73
MÉDIA GERAL EM RENDIMENTOS — 20,50



Vista aérea de um cafézal.

A produção prevista é insignificante, pois a quase totalidade dos cafeeiros da marinha são novos.

Consoante as informações registradas nessa estatística, há no Paraná, presentemente, 925.332 alqueires de terras disponíveis, adequadas à cultura da rubiácea.

Os municípios que maiores áreas contam são Mandaguari com 400.000 alqueires livres para plantação de café; Campo do Mourão com 300.000; Jaguapitã com 50.000; Ponta Grossa com 22.000; Apucarana com 20.000 e outros

com menos, sendo que o que dispõe de menor espaço para esse fim é Ribeirão Claro com 200 alqueires.

III — COMO EVOLUIU A LAVOURA CAFEIEIRA NO PARANÁ

Os dados seguintes, obtidos no antigo Departamento Nacional do Café são interessantes, pois consignam a produção cafeeira do Paraná, desde os primórdios do século XX até 1925:

SEGUNDO REGISTROS DO D. N. C. DAMOS, A PRINCIPIO, UM QUADRO DEMONSTRATIVO DA PRODUÇÃO CAFFEIRA DO PARANÁ, SAFRA DE 1903/04 A 1924/25.

Safras	Sacos de 60 kgr.
1903/04	4.597
1904/05	5.315
1905/06	7.654
1906/07	7.351
1907/08	9.858
1908/09	3.500
1909/10	8.491
1910/11	8.511
1911/12	7.162
1912/13	3.311
1913/14	11.985
1914/15	4.175

1915/16	18.755
1916/17	60.440
1917/18	67.890
1918/19 (Geda)	5.099
1919/20	10.837
1920/21	111.000
1921/22	114.000
1922/23	120.000
1923/24	115.000
1924/25	50.000

De 1925/26 a 1952/53 (Estimativa), fazemos um confronto com a produção de todo o País, o que vem demonstrar bem a evolução em nosso Estado da produção cafeeira.

Muito mais instrutivo é o quadro abaixo da produção do café em todos os Estados onde existe sua lavoura.

Abrange desde a safra de 1925/1926 a 1952/1953:



Tratamento do café em grão numa fazenda do Norte.

PRODUÇÃO BRASILEIRA DO CAFÉ
DADOS DO D. N. S. — SCS. 60 KS.

Safras	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Paraná	Bahia	Pernambuco	Goiás	Mato Grosso	Sa. Catarina	TOTAL
1925/26	10.087.100	2.710.800	1.283.500	766.600	176.900	478.200	145.300	112.600	—	—	15.761.000
1926/27	9.876.500	4.413.700	1.783.500	912.900	128.700	683.000	200.200	116.600	—	—	18.115.100
1927/28	17.982.400	4.927.500	1.343.800	1.610.800	455.100	553.600	421.200	127.800	—	—	27.624.200
1928/29	8.814.600	3.130.600	1.655.500	1.151.600	264.000	472.000	406.300	166.000	—	—	16.660.000
1929/30	19.489.700	5.135.000	1.579.300	1.114.600	596.000	407.300	482.200	138.000	—	—	28.942.100
1930/31	10.096.800	3.200.000	1.666.000	1.009.600	347.000	413.900	514.200	171.100	—	—	17.418.600
1931/32	18.693.000	5.226.000	1.802.500	1.370.000	604.000	267.100	250.000	100.000	—	—	28.312.600
1932/33	18.977.200	2.131.000	1.050.000	850.000	380.000	250.000	150.000	58.000	—	—	19.846.200
1933/34	21.880.100	4.062.000	1.859.000	905.000	600.000	184.000	150.000	24.000	—	—	29.654.100
1934/35	11.735.000	3.780.000	1.350.000	893.000	260.000	293.000	123.000	75.000	—	—	18.509.000
1935/36	13.522.000	3.686.000	1.623.000	995.000	613.000	265.000	178.000	45.000	—	—	20.927.000
1936/37	17.780.000	4.640.000	1.813.000	931.000	547.000	452.000	123.000	73.000	—	—	26.359.200
1937/38	15.888.000	4.913.600	1.415.000	711.000	1.066.000	281.000	23.000	53.000	—	—	24.350.600
1938/39	15.615.100	3.872.400	1.786.600	899.600	579.900	319.100	104.400	45.300	—	—	23.221.500
1939/40	12.365.000	3.170.000	1.300.000	650.000	1.108.000	210.000	112.000	23.000	—	—	19.138.000
1940/41	10.217.200	3.195.700	1.179.600	507.500	931.500	198.900	162.900	62.500	—	—	16.455.800
1941/42	9.274.700	2.575.200	1.984.100	613.600	835.900	354.600	122.500	36.600	—	—	15.797.200
1942/43	8.528.500	2.164.800	1.433.200	517.700	549.600	235.600	123.500	59.900	—	—	13.612.800
1943/44	5.936.100	3.141.000	1.866.400	727.900	159.800	147.800	124.100	56.900	—	—	12.167.000
1944/45	4.721.800	1.875.000	1.277.700	215.600	578.900	241.800	200.100	25.400	—	—	9.136.300
1945/46	6.100.600	2.872.000	1.991.700	672.500	673.800	154.200	193.600	42.100	—	—	12.700.500
1946/47	8.874.300	2.175.700	1.206.600	270.600	1.138.100	162.000	113.200	78.000	200	—	14.018.700
1947/48	6.522.500	2.732.900	2.042.000	445.500	1.550.400	100.700	88.200	68.600	1.200	—	13.572.000
1948/49	11.173.400	2.413.400	1.031.900	142.200	1.885.200	88.600	40.500	158.200	18.800	—	16.952.200
1949/50	7.390.700	3.213.900	2.543.100	586.200	2.317.900	102.400	99.500	27.700	—	—	16.303.100
1950/51	8.121.300	2.750.900	1.887.800	210.000	4.030.800	115.300	93.900	43.600	7.400	3.900	16.762.600
1951/52	6.261.300	3.373.400	2.038.200	324.200	2.842.400	87.500	63.900	22.300	5.400	1.500	15.018.600
1952/53	7.261.300	1.492.960	1.062.760	161.740	4.947.120	73.740	40.630	88.370	1.850	—	14.925.820

* Até 20 de fevereiro de 1953.

CÁLCULO PROVÁVEL PARA A SAFRA CAFFEEIRA DO BRASIL

BRASIL	Cafeeiros Novos	Cafeeiros Produtivos	Média Arróbas	Quantidade Sacas	Sacas Registradas	Sacas + ou -	Total Arróbas	Total Arróbas	Arróbas + ou -
52-53	52-53	52-53	52-53	52-53	51-52	52-53	51-52	52-53	52-53
São Paulo	77.300.000	1.092.000.000	27	7.352.000	5.846.330	+ 1.505.670	23.385.320	29.408.000	+ 6.022.680
Paraná	93.300.000	250.000.000	70	4.440.000	2.625.835	+ 1.774.165	10.503.340	17.600.000	+ 7.096.660
Minas Gerais	14.000.000	430.000.000	18	1.935.500	3.214.634	- 1.279.134	12.858.530	7.742.000	- 5.116.536
Rio de Janeiro	1.450.000	50.000.000	19	257.500	258.166	- 666	1.030.000	1.932.664	- 2.664
Espírito Santo	5.800.000	210.000.000	18	997.500	1.520.834	- 523.334	6.083.336	3.990.000	- 2.093.336
Bahia	2.090.000	25.000.000	14	87.000	45.045	+ 41.900	180.180	348.000	+ 167.820
Pernambuco	100.000	20.000.000	17	85.000	35.496	+ 48.504	141.984	340.000	+ 198.016
Goiás	10.100.000	14.000.000	20	70.000	21.700	+ 48.300	86.800	280.000	+ 193.200
Mato Grosso	1.027.000	2.000.000	30	15.000	5.382	+ 9.618	21.528	60.000	+ 38.472
TOTAL	204.977.000	2.093.000.000	26	15.199.500	13.573.427	+ 1.627.219	54.291.124	60.800.664	+ 6.508.876

Esse quadro se reveste de importância, por nos fornecer o conspecto da produção do café no Brasil durante quase 30 anos.

Vemos aí o café de São Paulo crescer até o auge das suas 21.850.100 sacas na colheita de 1933/1935, começar a cair depois da safra de 1940/1941 de 10.217.200 de sacas até crescer à cifra irrisória de 4.721.800 sacas na safra de 1944/1945.

No triênio seguinte há um realento, sendo que no ano agrícola de 1948/1949 logra colhêr 11.173.400 sacas.

Nos anos seguintes, sua produção oscila entre 6.261.300 em 1951/1952 a 8.121.300 em 1950/1951.

O Rio de Janeiro vê suas safras decaírem de 1.610.800 em 1927/1928 a 161.740 em 1952/1953.

Na Bahia, seus cafezais, de uma produção de 683.000 sacas em 1926/1927 baixam a 73.740 sacas em 1952/1953.

Pernambuco, que chegou a ter uma safra de 514.200 em 1930/1931, só contou com 40.630 sacas em 1952/1953.

Em Minas, o café balança de 5.135.000 sacas em 1931/1932 a 1.492.960 sacas em 1952/1953, mas isso não indica decadência, pois se nota tendência de aumento desde a safra de 1944/1945 desde que o número de sacas cresceu sempre.

Em Espírito Santo nota-se estabilidade na produção. Mas o grande acontecimento nessa sinopse é o Paraná. Figura na safra de 1925/1926 com 176.900 sacas.

10 anos depois, na safra de 1935/1936 aparece com 613.000 sacas, na de 1945/1946 com 673.800 para, no serênio seguinte, virem aumentando suas colheitas assim:

1946/47	1.138.100 sacas
1947/48	1.550.400 "
1948/49	1.885.200 "
1949/50	2.317.900 "
1950/51	4.030.800 "
1951/52	2.842.400 "
1952/53	4.947.120 "

Nessas 3 décadas, a produção do Paraná cresceu 2.668 %!

Em 1925/1926 nossas 176.900 sacas correspondiam a apenas 1 % da produção nacional computada em 15.761.000 sacas.

Em 1952/1953, a nossa colheita de 4.947.120 sacas representa 33 % da safra brasileira, avaliada em 14.925.820 sacas.

Do desenvolvimento extraordinário da produção e do comércio do café o terceiro do Brasil quanto à exportação.

E quando as linhas rodoviárias e ferroviárias que o ligarão ao norte e ao oeste estiverem concluídas, sua importância global, por abranger exportação e importação, irá progredindo infinitamente.



Viveiro de mudas de café no norte do Paraná.

Pois no futuro, quando as rodovias Antonina-Jaguariava, Ponta Grossa, Apucarana, Paranaguá, Foz do Iguaçu e as ferrovias Riozinho a Foz do Iguaçu, Central do Paraná, Monte Alegre, Cornélio Procopio, estiverem abertas ao tráfego, há de ser por Paranaguá que suas áreas de influência

importarão produtos do exterior, porque tais traçados depararão um encurtamento até de 600 quilômetros sobre os caminhos para outros pontos. Eis o movimento do porto de Paranaguá, segundo o valor do café exportado no longo período de 1916 a 1952:

Irrigação do café numa fazenda em Cambará, norte do Paraná.





Vista parcial do pórtio de Paranaguá. No primeiro plano aparece o prolongamento do cais, em obras.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO PÓRTO DE PARANAGUÁ,
SEGUNDO VOLUME E VALOR
(Anos de 1916 a 1952)

(Dados fornecidos pela Seção de Fiscalização e Estatística do Instituto Brasileiro do Café)

ANOS	QUANTIDADE (Sacas 60 Quilos)	VALOR (Cruzeiros)
1916	40	2.050,00
1917	—	—
1918	196	8.121,00
1919	—	—
1920	4	311,00
1921	—	—
1922	4	273,00
1923	215	15.170,00
1924	29.521	4.449.149,00
1925	27.628	5.093.856,00
1926	73.654	12.247.156,00
1927	212.899	34.804.762,00
1928	442.512	76.873.735,00
1929	301.070	52.334.398,00
1930	644.594	69.066.240,00
1931	258.292	35.871.745,00
1932	115.966	19.984.048,00
1933	171.758	22.163.017,00
1934	194.949	28.852.869,00
1935	267.083	36.529.430,00
1936	434.913	60.726.888,00
1937	500.506	80.453.623,40
1938	683.241	75.555.086,30
1939	515.720	59.672.157,70
1940	482.946	55.131.129,60
1941	623.768	104.303.251,80
1942	211.690	56.383.602,80
1943	222.528	57.735.312,00
1944	149.095	39.846.882,40
1945	67.375	21.562.184,20
1946	391.845	166.288.458,60
1947	1.176.835	625.023.038,70
1948	1.164.077	603.233.196,80
1949	1.935.714	1.249.099.125,00
1950	1.887.301	2.161.978.725,00
1951	3.076.868	3.698.424.570,00
1952	3.147.919	3.829.456.036,00

IV — O CAFÉ, O COMÉRCIO INTERNACIONAL E O MERCADO
INTERNO DO BRASIL

Em 1952, o destino de nosso café para o estrangeiro foi consignado neste quadro fornecido pelo Departamento Estadual de Estatística do Paraná, indicando que saíram 3.129.675 sacas de 60 quilos no valor de Cr\$ 3.793.191.121:

EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE CAFÉ — 1952

DESTINO	Sacas	Valor Comercial Cr\$
Alemanha	22.730	29.033.887
Argentina	18.160	23.647.302
Bélgica	37.827	47.020.736
Canadá	51.600	62.467.386
Dinamarca	2.413	3.022.337
Estados-Unidos	2.388.513	2.882.892.342
Filipinas	600	720.568
França	90.687	111.629.293
Holanda	103.924	130.255.292
Inglaterra	176.555	214.777.853
Irlanda	120	148.180
Itália	23.913	29.994.383
Japão	99	118.544
Noruega	103.400	126.593.642
Nova Zelândia	7.685	9.491.083
Suécia	62.694	77.711.642
Trieste	1.340	1.675.801
Não especificados	37.415	41.990.850
TOTAL	3.129.675	3.793.191.121

Os nossos maiores compradores são os Estados-Unidos da América do Norte que nos importaram café no valor de Cr\$ 2.882.892.342,00 o que equivale a 76 % de toda a exportação paranaense da rubrica.

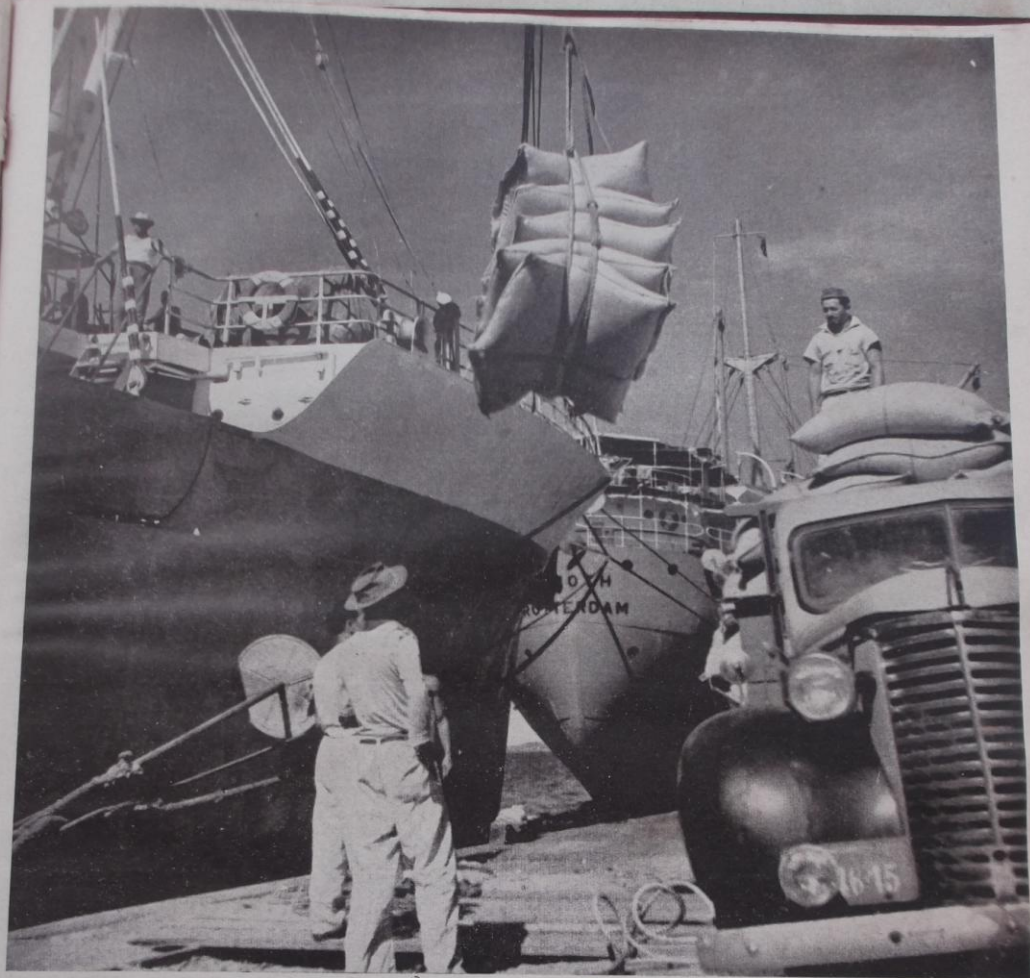
11 países da Europa nos adquiriram café no valor de Cr\$ 771.863.046,00, ou seja 20 % do montante geral.

Os demais importadores nos levaram esse produto na importância percentual de 20 %.

Das 3.232.654 sacas que em 1951 demandaram o pórtio de Paranaguá, de caminhões, 1.504.207 sacas desceram por estrada de ferro e 1.728.447 sacas por meio

Quer dizer que a ferrovia transportou 47 % e estes trouxeram 53 %.

Encontro na "plaquette" O CAFÉ NO PARANÁ da infatigável ASSO-



Parangará é o terceiro porto do Brasil em movimento de exportação. A foto mostra os estivadores em ação, carregando de café um transatlântico.

CIACÃO PARANAENSE DE CAFEICULTORES, dados muito interessantes sobre o grande produto brasileiro e os mercados do exterior e do interior.

No decênio de 1941 a 1951 o confronto entre os valores do comércio do Paraná com os demais Estados e com o exterior se expressava por estas cifras:

Ano Civil	Comércio Interestadual	Exportação	Porcentagem
1941	416.727	200.630	48 %
1942	490.256	171.914	35 %
1943	682.167	226.912	33 %
1944	1.057.303	232.314	22 %
1945	1.232.926	433.724	35 %
1946	1.433.059	706.449	49 %
1947	1.569.086	1.297.533	83 %
1948	1.983.911	1.258.160	63 %
1949	2.099.476	1.927.413	92 %
1950	2.242.989	3.001.796	134 %
1951	3.446.293	4.365.565	127 %

Neste quadro os valores são de Cr\$ 1.000,00.

Até 1949, o mercado interno predominava sobre o do exterior, importando este em 92 % daquele.

Porém em 1950 opera-se uma subversão surpreendente:

A exportação supera os valores do intercâmbio nacional, e em 1951 essa revolução se acentua em quantitativo.

O seguinte quadro, por sua vez, nos coloca em face dos valores da exportação nacional e, desde logo, percebe-se que a coluna mestra dessa situação magnífica do Paraná é o café:

14 % DO VALOR TOTAL DA EXPORTAÇÃO DO BRASIL, PELOS FORNECIMENTOS DO PARANÁ

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DO PARANÁ

Valores em Cr\$ 1.000,00:

Ano Civil	Brasil	Paraná	Porcentagem
1941	6.725.646	200.630	2,98 %
1942	7.499.556	171.914	2,29 %
1943	8.728.569	226.912	2,60 %
1944	10.726.509	232.314	2,17 %
1945	12.197.510	433.724	3,56 %
1946	18.229.532	706.449	3,83 %
1947	21.179.413	1.297.533	6,13 %
1948	21.696.874	1.258.160	5,80 %
1949	20.153.084	1.927.413	9,56 %
1950	24.912.000	3.001.796	12,05 %
1951	32.000.000	4.365.565	14,00 %



Aspecto do porto de Paranaguá, por onde sai do Estado o café paranaense. Note-se a quantidade de caminhões com a preciosa carga; estes veículos transportam 53 % das sacas destinadas à exportação.

O PARANÁ CONQUISTA O 2.º LUGAR NA EXPORTAÇÃO DO CAFÉ!

Já se conhecem os resultados estatísticos finais da safra de café do ano 1952-1953.

Atingiu ela, consoante dados do Departamento Estadual de Café, 5.223.862 sacas, cuja saída foi a seguinte, pelos portos nacionais:

Paranaguá	4.142.494 sacas
Santos	619.255 "
Rio	259.789 "
Consumo interno	212.315 "

Os números abaixo fixam por anos cafeeiros o volume crescente de sacas da produção paranaense:

1946/1947	1.675.749 sacas
1947/1948	1.852.221 "
1948/1949	2.266.314 "
1949/1950	2.436.394 "
1950/1951	3.930.855 "
1951/1952	3.206.513 "
1952/1953	5.233.862 "

Quanto à exportação, o seu ritmo foi o seguinte no setênio 1946/1947 — 1952/1953:

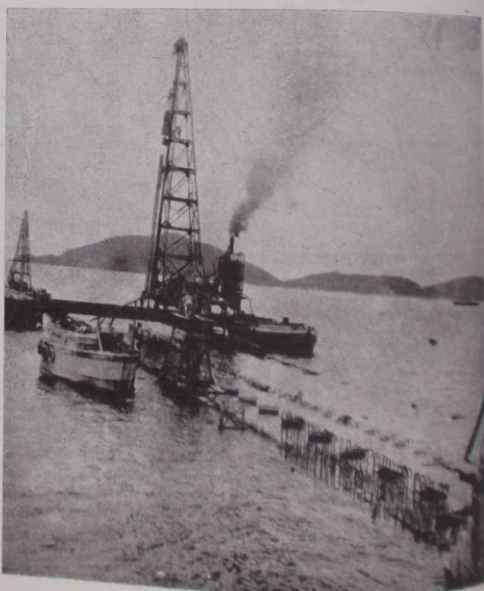
1946/1947	701.797 sacas
1947/1948	1.083.278 "
1948/1949	1.325.371 "
1949/1950	1.798.850 "
1950/1951	3.005.515 "
1951/1952	2.865.233 "
1952/1953	4.427.539 "

Esse constitui, sem dúvida, o acontecimento supremo da história de economia.

46 — E quanto ao ano cafeeiro de 1952/1953, os montantes dos 3 mais importantes Estados produtores do Brasil foram estes:

São Paulo,	7.217.431 sacas
Paraná	5.233.862 "
Minas Gerais,	3.200.000 "

Ai está a prova da assertiva dos períodos iniciais deste capítulo: — O Paraná conquistou, na safra de 1952/1953, o segundo lugar entre os grandes produtores de café do Brasil!



Detalhe das obras de ampliação do cais do porto de Paranaguá.

A TRITICULTURA NO PARANÁ

I — UM POUCO DE HISTÓRIA

O Paraná produzia trigo desde os tempos coloniais. E, quando em 1820, Saint-Hilaire visitou a Quinta Comarca de São Paulo e residiu alguns meses em Curitiba, encontrou aqui moínhos de vento empregados no beneficiamento daquele nobre cereal.

Zacarias de Góis e Vasconcelos, o grande fundador da nossa província em 1853, disse em seu relatório de 1853, pág. 66:

"O trigo, particularmente, que não há muitos anos aqui se cultivava, em quantidade que excedia o consumo do povo, e se exportava, e lastima esta agora quase abandonado, e parece-me digno da solicitude da assembleia do Governo provincial fazer os últimos esforços para restituir a esse primeiro cereal a prosperidade, de que já gozou, e aumentá-la quanto for possível."

"Os lavradores alegam, para justificar seu desalento, a ferrugem, moléstia que de certo tempo a esta parte, assalta o trigo e o mata. Observarei, porém, que, na Europa, também a ferrugem, e outros males acometem o

trigo, e, nem por isso, deixa-se de cultivar com fervor o cereal de que depende o alimento dos povos civilizados."

Zacarias, lúcido e brilhante, aduzia mais estas razões explicativas do abandono da triticultura:

"A produção do trigo exige paciência e trabalho apurado: cumpre preparar a terra, depor a semente, esperar que germine e frutifique, etc.

"Bem diversas são as circunstâncias do mate: os *erua* silvestres ai estão por tóla a parte sem custarem aos habitantes o mínimo trabalho, colhem-lhes as folhas, secam-nas ao fogo, no cario, e, quebrada miudamente, está pronta a erva, e vai vendê-la às fabricas, que a beneficiarão para exportar."

"Não é, logo, tanto a ferrugem, como a *erua* que faz mal ao trigo." (Relatório 1854, págs. 66 e 67).

O general, depois visconde de Beaupaire-Rohan, Presidente da Província, abordou também o assunto com argúcia e se pronunciou assim a respeito:

"Há mais de trinta anos que a cultura do trigo fazia a riqueza de Curitiba; porém, de então para cá, desanimaram os lavradores por causa da ferrugem que estragava as searas."

"Naquele tempo, custava 800 rs. uma arroba de trigo colhido no país, hoje a farinha importada para a fabricação de pão tem chegado a 8\$000, isto é, ao décuplo daquele preço."

"A fabricação da erva-mate, que, com pouco trabalho, oferecia um produto lucrativo aos nossos incólas, deu o último garrote àquela interessante indústria. Foi uma verdadeira vitória da barbárie sobre a civilização." (RELATÓRIO, 1.º de março de 1856, pág. 66 e 67).

O fino aristocrata e sábio Beaupaire-Rohan não se conformava com aquela realidade contundente: o cereal hierático, o cereal também de requintado "pedigree", fora vencido por uma indústria de grosseira primitividade.

Era de mais. Por isso, no seu julgamento do grande fato da história de nossa economia incipiente, proclamava a derrota da civilização pela barbárie. Poderia precisar melhor, empregando SELVAGERIA. Alertados os nossos ainda bichinhos pelo gênio de Zacarias de Góis e de Beaupaire-Rohan, começou uma batalha que, com intermitência às vezes, mas com obstinação, se prolongou por todo o império e entrou pela república a dentro até os nossos dias.

Foi um de seus mais denodados campeões o curitibano coronel Antonio Ricardo Lustosa de Andrade.

Já oficialmente, já por iniciativa própria, pelejou esse cidadão por aquele objetivo.

Das várias leis votadas pela assembleia provincial, visando ao fomento da restauração do plantio tritícola, resultaram muitos contratos que não produziram resultados práticos.

Entre esses atos, cito, apenas a título de curiosidade, o feito no tempo do Presidente Oliveira Belo com o cidadão Carlos Napoleão Poeta que se obrigava a iniciar as searas com 800 litros, aumentando-as progressivamente até chegar ao mínimo de 20.000 litros anuais, a fundar um moimho central a criar as suas expensas uma escola prática de agricultura, a promover todos os anos uma conferência pública sobre o desenvolvimento e as vantagens da empresa.

Realizaram-se outras tentativas, assim na monarquia como na república, em prol da restauração da cultura do trigo, sempre com efeitos nulos. Em



Colonos oriundos da região do Danúbio, na Europa, instalaram-se em Entre Rios, numa zona de campos considerados quase estéréis. Iniciada a lavoura agrícola em 1952, com fertilização do solo por meio de adubos e com aração mecânica, já foram colhidas 1.500 toneladas de excelente trigo. A foto mostra os colonos trocando idéias com o governador Munhoz da Rocha.



Uma experiência decisiva para a economia do Paraná é a da recuperação fulminante das terras do 3.º Planalto, lavradas para o plantio de trigo. A colônia de Entre Rios alcançou a mecanização total do trabalho agrícola, vendo-se acima um aspecto do preparo do solo, usando-se eiras concêntricas ou curvas de nível para evitar a erosão.



Uma das máquinas agrícolas utilizadas pelos eter entos colonizadores de Guarapuava, em terras más, de pH5 para baixo.



Outro aspecto do trabalho mecanizado nas lavouras da colônia da Entre Rios, Guarapuava.



Malet, na zona do Irati, sul do Paraná, contribuiu com sua parcela para o recorde de produção deste cereal no Estado.

1912, na administração do dr. Carlos Cavalcanti se esboçou mais um movimento propugnando pelo mesmo fim. Importou-se muita semente. Desen-
volveu-se enorme propaganda.

O coronel João Murici, austero cidadão e probo alto funcionário federal, conhecedor do assunto, pronunciou-se assim sobre o tentame daquela administração:

"Quem semeou trigo em 1912 tem hoje a certeza de que ele encontrou o bom lugar, na nossa natureza, pois não só chegou a produzir sem inconveniente algum, em boa proporção, como até em muitos casos, as sementes colhidas apresentam melhor aspecto que as plantadas e maior peso. O que convém de agora em diante é firmar os resultados, o que o bom lavrador poderá obter, tomando os cuidados que a planta exige." (O TRIGO EM 1912, folheto editado pela Secretaria de Agricultura, pág. 3).

No quinquênio 1913 a 1917 que compreende um período de esforço no sentido da *revivência* do trigo, o Brasil importou em trigo na forma de farinha em grão 2.457.915.788 quilos, no valor de 523.979.441.000,00 cruzeiros, cifras astronômicas para a época e que revelam como aquêle cereal devorava as divisas da pátria.

A guisa de curiosidade registro que o valor CIF do insubstituível cereal foi de 0,21 centavos em 1916 e em 1917 de 0,30 centavos.

No primeiro Governo do dr. Afonso Alves de Camargo, executou-se um programa mais sistemático e profundo de triticultura no Paraná.

Era Secretário de Fazenda, Agricultura e Obras Públicas, o dr. Caetano Munhoz da Rocha.

S. S., em seu relatório de 1916-1917, informa ter importado 24 toneladas de sementes do Rio Grande do Sul. A essa quantidade se juntaram mais 10 fornecidas pela firma Francisco Matarazzo. O Governo distribuiu 286 sacos de adubos de farinha de ossos. Foi excedida a expectativa do Governo.

Produziu a safra 58.000 alqueires de trigo, ou 29.000 sacos com 1.700.000 quilos.

Prosseguiu o esforço pela implantação e desenvolvimento da preciosa lavoura. Mas não o acompanharemos *pari passu*.

Superaremos o tempo para reencontro com a segunda administração do dr. Afonso Camargo, quando se realizou, em grandes proporções, uma campanha energética em prol da triticultura.

A direção dos trabalhos foi confiada ao antigo jornalista e conhecedor de todos os problemas nossos, Romário Martins.

Tomou o movimento o nome significativo de CRUZADA DO TRIGO. Conta-nos o próprio diretor do plano sobre seu desenvolvimento:

"Por três anos consecutivos o esforço da CRUZADA não esmoreceu. Attingiu todos os setores rurais, incentivando, auxiliando e por três anos contínuos os campos se cobriram de searas e as searas realizaram as promessas do Divino Semeador, e se transformaram no Pão Nosso da abundância, da alegria, da paz e da felicidade." (TERRA E GENTE DO PARANÁ, Romário Martins, pág. 283).

Nessa mesma obra o saudoso mestre do jornalismo paranaense presta este esclarecimento sobre sementes usadas entre nós:

"A variedade condicionada ao meio, elemento primordial para a exploração industrial da triticultura, temo-la no TRIGO MARUMBI (142 do Registro Federal), resistente a todas as moléstias que afetam a espécie, de adaptação comprovada prolifera, produtora de excelente farinha." (op. cit. pág. 84).

Faltou o ilustrado paranaense revelar o criador dessa semente de tara. Foi o agrônomo Jorge Polysú, culto técnico francês, radicado há muitos anos no Paraná.

Em terras situadas nas encostas ocidentais da Serra do Mar, no município de São José, durante longa pertinaz, inteligente atividade aplicada naquela paragem aplicou seus largos conhecimentos de biologia vegetal e especialmente de genética botânica para conseguir um trigo adequado ao nosso meio cósmico.

Depois de patientíssima, dedicada atuação, S. S. afinal logrou inteiramente seu objetivo. E dessa tarefa rigorosamente científica resultou a variedade consagrada pelo nome de Marumbi.

Foi do trigo Marumbi que partiu quase toda a obra de busca e preparação da semente nacional. Ao Marumbi, nome tão caro aos paranaenses por evocar o pico que traz esse sonoro toponímico, ligam-se por estreito parentesco genético, as variedades Frontana, DG 1 e mesmo a Bagé, hoje as sementes mais difundidas no país, imunes a pragas e com ótimo rendimento.

Para mostrar a continuidade dos esforços das administrações no sentido do incremento da cultura do trigo no Paraná, registro aqui dados relativos ao período de 1924 a 1932:

	Kgs.
1924	1.406.600
1925	1.449.450
1926	1.879.200
1927	2.231.900
1928	3.616.790
1929	11.914.804
1930	21.852.030
1931	25.949.050
1932	19.620.500



O governador do Estado, Sr. Bento Munhoz da Rocha, conversando com a potizada da colônia de Entre Rios.



Um triticultor ao lado das espigas de trigo por ele colhidas. Esse trigo é de Rolândia, norte do Paraná, plantado em terra roxa além do paralelo 24!

(Relatório do dr. Rivadavia Macedo, Secretário de Fazenda, Obras Públicas e Agricultura, dirigido ao Interventor Federal, Manuel Ribas, relativamente ao período compreendido entre 1931 e o 1.º semestre de 1933, pág. 87, quadro estatístico).

Nesse mesmo e notável documento, repositório de preciosíssimas informações, lê-se:

"A cultura do trigo mostra-se muito promissora; a sua produção que, em 1929 atingia a 11.914.804 kgs., passou em 1930 a 21.682.030 kgs. e em 1931 a 25.949.050 kgs. e em 1932 a 19.662.500 kgs." (Relatório 1931-1933, pág. 83).

Noutro relatório, referente ao novênio 1932-1939, presta novos informes, dizendo ter em 1937 retomado a iniciativa do fomento da cultura do trigo.

E adianta que em 1938 e em 1939, segundo contrôlê rigoroso procedido por agrônomos do Estado e do Ministério da Agricultura, em colaboração, foi esta a produção:

1938.....	7.849,082 quilos
1939.....	13.133,082 quilos (pág. 28).

Embora registrassem, essas informações, um decréscimo considerável de 1932 para 1938, não há dúvida que a própria revolução já verificava aritmeticamente a eficiência da CRUZADA DO TRIGO da última gestão estadual na primeira república.

Sente-se nos períodos dedicados ao importante cereal, umas gotas aciculadas, quando o extraordinário administrador paranaense assim se expressa: "Tomamos em 1937, a iniciativa do fomento da cultura do trigo, tendo em 1938 a colaboração do Serviço especializado do Ministério da Agricultura, que, infelizmente, no ano seguinte, foi extinto." (Rel. cit. pág. 28).

Já não restava dúvida, estava instalada, consolidada para sobreviver e desenvolver-se, uma lavoura notável, que visava a poupar divisas consumidas pelo artigo mais vulgar e apreciado, o trigo.

Busquei expor nas linhas retro a nossa luta pela recuperação da lavoura tritícola.

Não chegamos ainda ao fim da peleja. Estamos, mesmo, longe d'êla.

Em 1951 importamos Cr\$ 2.419.993.000,00 de trigo em grão e Cr\$ 170.102.000,00 de farinha de trigo.

No triênio de 1949 a 1951, gastamos com farinha e trigo em grão, Cr\$ 5.950.192.000,00.

Importamos em 1951, 1.368.664 toneladas do indispensável cereal. Nossa produção foi de apenas 423.646 toneladas. Quer dizer que, para nos bastarmos, precisamos de 943.518 toneladas, ou duas vezes mais do que a produção atual! Portanto o Brasil tem ainda de empenhar esforços tremendos para atingir o seu objetivo, quanto a se libertar da aquisição de trigo no exterior. Quanto ao valor global do triênio, foi uma importância considerável.

Especifiquemos esse monstruoso quantitativo:

Anos	Trigo em grão	Farinha
1949	Cr\$ 2.419.993.000,00	Cr\$ 373.240.000,00
1950	Cr\$ 2.027.852.000,00	Cr\$ 50.174.000,00
1951	Cr\$ 1.941.571.000,00	Cr\$ 170.102.000,00
	Cr\$ 5.389.426.000,00	Cr\$ 560.766.000,00

(Esses dados foram tomados ao Anuário Estatístico do IBGE de 1952).

Tem o Paraná de cooperar enérgicamente para a transformação desse estado de coisas.

Trata-se de um setor cujo panorama podemos e devemos modificar.

Cabe-nos como programa mínimo produzirmos para nosso consumo.

E o podemos fazer, pôsto que temos terra, clima e condições excepcionais. Isto quanto a recursos da natureza.

Sob outro aspecto também superamos as dificuldades. Criamos um trigo resistente à ferrugem e a outras fitopatologias, e com alto índice de produtividade.

Resta a incrementação da lavoura para atingirmos o objetivo já citado, da auto-suficiência.

Vou elucidar melhor a posição do Paraná no panorama da triticultura nacional, mostrando como ocorreu, em 1952, a produção em função dos nossos municípios:



Aduando o solo pobre e arando-o com maquinário apropriado, os colonos de Entre Rios conseguiram trigos como o da foto, de resultados compensadores.

O TRIGO EM 1952 NO PARANÁ
(Estimativa do Departamento Estadual de Estatística)

MUNICÍPIOS	Área Cultivada (ha)	Produção Esperada (Quilos)	Rendimento por Hectare	Preço Médio (Cr\$)	Valor Total (Cruzeiros)
ZONA DO ALTO DA RIBEIRA					
Bocaiúva do Sul.....	16	12.000	750	2,70	32.400
Rio Branco do Sul.....	80	88.000	1.100	2,70	237.600
TOTAL.....	96	100.000	1.042	2,70	270.000
ZONA DO PLANALTO DE CURITIBA					
Araucária.....	1.790	1.253.000	700	2,70	3.383.100
Campo Largo.....	404	365.000	903	2,70	985.500
Palmeira.....	95	123.000	1.295	2,70	332.100
Colombo.....	330	330.000	1.000	2,70	891.000
Curitiba.....	2.200	1.320.000	600	2,70	3.564.000
São José dos Pinhais.....	200	300.000	1.500	2,70	810.000
Piraquara.....	72	61.200	850	2,70	165.240
Timoneira.....					
TOTAL.....	5.091	3.752.200	737	2,70	10.130.940
ZONA DOS CAMPOS GERAIS					
Castro.....	120	108.000	900	2,70	291.600
Jaguariávia.....	60	48.000	800	2,70	129.600
Lapa.....	4.700	1.504.000	320	2,70	4.060.800
Palmeira.....	272	32.000	118	2,70	86.400
Piraí do Sul.....	175	166.250	950	2,70	448.875
Ponta Grossa.....	160	152.000	950	2,70	410.400
Pôrto Amazonas.....	33	26.400	800	2,70	71.280
Rio Negro.....	2.820	2.397.000	850	2,70	6.471.900
Senegés.....	30	45.000	1.500	2,70	121.500
TOTAL.....	8.370	4.478.650	555	2,70	12.092.355
ZONA DE TOMAZINA					
Joaquim Távora.....	57	42.000	824	2,70	113.400
Tomazina.....	48	55.000	1.146	2,70	148.500
Veneslau Braz.....	4	1.900	475	2,70	5.130
TOTAL.....	103	98.900	960	2,70	267.030
ZONA DO NORTE					
Abatiá.....	19	7.600	400	2,70	20.520
Bandeirantes.....	126	114.000	905	2,70	307.800
Cinzas.....	35	35.000	1.000	2,70	94.500
Cornélio Procopio.....	194	128.000	660	2,70	345.600
Jacarezinho.....	112	67.200	711	2,70	181.440
Londrina.....	100	80.000	800	2,70	216.000
Sertãoópolis.....	120	84.000	700	2,70	226.800
Uraí.....	15	17.800	1.187	2,70	48.060
TOTAL.....	721	533.600	740	2,70	1.440.720
ZONA DO TIBAGI					
Congoinhas.....	5	6.000	1.200	2,70	16.200
Curitúva.....	60	19.500	325	2,70	52.650
Reserva.....	220	198.000	900	2,70	534.600
TOTAL.....	285	223.500	784	2,70	603.450
ZONA DE IRATI					
Imbituva.....	1.100	924.000	840	2,70	2.494.800
Ipiranga.....	1.200	720.000	600	2,70	1.944.000
Irati.....	8.000	5.000.000	625	2,70	13.500.000
Malet.....	9.200	5.700.000	620	2,70	15.390.000
Prudentópolis.....	2.700	2.400.000	889	2,70	6.480.000
Rebouças.....	740	799.200	1.080	2,70	2.157.840
Rio Azul.....	1.200	720.000	600	2,70	1.944.000
São João do Triunfo.....	980	980.000	700	2,70	2.646.000
São Mateus do Sul.....	940	658.000	700	2,70	1.776.600
Teixeira Soares.....	120	84.000	700	2,70	226.800
União da Vitória.....	4.036	2.502.320	620	2,70	6.756.264
TOTAL.....	30.216	20.487.520	678	2,70	55.316.304

MUNICIPIOS	Área Cultivada (ha)	Produção Esperada (Quilos)	Rendimento por Hectare	Preço Médio (Cr\$)	Valor Total (Cruzeiros)
ZONA DE GUARAPUAVA					
Guarapuava	6.882	5.076.540	738	2,70	13.706.658
Palmas	1.620	1.296.000	800	2,70	3.499.200
TOTAL	8.502	6.372.540	750	2,70	17.205.858
ZONA DO IVAI					
Apucarana	32	13.050	408	2,70	35.235
Campo Mourão	140	140.000	1.000	2,70	378.000
Mandaguari	400	160.000	400	2,70	432.000
Pitanga	1.089	360.000	331	2,70	972.000
TOTAL	1.661	673.050	405	2,70	1.817.235
ZONA DO IGUAÇU					
Clevalândia	5.500	8.250.000	1.500	2,70	22.275.000
Laranjeiras do Sul	935	1.122.000	1.200	2,70	3.029.400
Mangueirinha	1.000	700.000	700	2,70	1.890.000
TOTAL	7.435	10.072.000	1.365	2,70	27.194.400
ZONA SERTÃO DO RIO PARANÁ					
Foz do Iguaçu	95	114.000	1.200	2,70	307.800
TOTAL	95	114.000	1.200	2,70	307.800
ESTADO	62.575	46.905.960	750	2,70	126.646.092

NOTA: Na falta de informações sobre os preços do produtor, por ainda não ter sido realizada a colheita, o valor foi calculado segundo o preço médio verificado no ano anterior.

Dêse quadro constam 53 municípios, ou 67 % dos antigos do Paraná. Sua produção foi realizada em 62.575 hectares, atingindo 46.905.960 quilos. Seu valor foi calculado em 126.646.092,00 cruzeiros.

O município que bateu o *recorde* da área plantada foi a de *Malet* com 9.200 hectares.

Entretanto o maior produtor foi o de Clevalândia com 8.250.000 Kms. e o valor de Cr\$ 22.275.000,00.

O rendimento mais alto de 1.500 quilos por hectares foi obtido pelos municípios de Clevalândia, Piraquara e Rio Negro.

Convém, por uma aproximação maior, colocar as diversas regiões frente a frente para se lhes aquilatar o esforço atual e suas possibilidades.

Regiões	Área (ha)	Quantidade (kg.)	Valor Cr\$
Alto da Ribeira	96	100.000	270.000,00
Planalto de Curitiba	5.091	3.752.200	10.130.000,00
Campos Gerais	8.370	4.478.650	12.092.355,00
Tomazina	103	99.900	267.030,00
Zona Norte	721	533.600	1.440.720,00
Zona do Tibagi	285	223.500	603.450,00
Zona do Irati	30.216	20.487.520	55.316.304,00
Guarapuava	8.502	6.372.540	17.205.858,00
Ivaí	1.661	673.050	1.817.235,00
Iguaçu	7.435	10.072.000	27.194.400,00
Foz do Iguaçu	95	114.000	307.800,00



Irati bateu o *recorde* de produção de trigo em 1952/53. Na foto, uma das medas feitas no meio do trigo.

A região n.º 1, na safra de 1952, no Paraná, foi Irati com 30.216 hectares plantados e uma colheita de 20.487.520 quilos ou — atente-se para essa cifra — quase 20.500 toneladas do precioso cereal! E isso no apreciável valor de Cr\$ 55.316.304,00. Agora um pormenor impressionante: treze comunas das antes relacionadas ficam acima do paralelo 24, e portanto no PAÍS DA TERRA ROXA!

Relativamente ao trigo, creio oportuno parafrasear o almirante Barroso em Riachuelo e concitar: O PARANÁ ESPERA QUE CADA AGRICULTOR CUMpra O SEU DEVER!

O MILHO

Acha-se este admirável cereal ligado profundamente às populações brasileiras, constituindo, como o feijão, um de seus pratos de resistência.

Constitui esta preciosa graminácea um dos poucos alimentos que os povoadores portugueses receberam dos aborígenes, gostaram e lhe desenvolveram a cultura. Segundo as lendas colhidas dos índios, o milho é originário da América.

Além de alimento, o inóculo fabricava com ele aguardente muito apreciada. Pela universidade dele no território nacional, representa uma riqueza de valor inestimável.

De fato, produzindo ótimamente nos mais variados climas das cinco regiões da nossa geografia botânica, sua importância é enorme para a nossa economia.

No monumental livro GEOGRAFIA DA FOME do grande nutrólogo brasileiro Josué de Castro, lê-se este trecho que trata da alimentação nas regiões por ele chamadas ÁREA CENTRAL e ÁREA DO SUL do Brasil: "Abrangendo as terras do centro-oeste brasileiro, encontramos uma nova área alimentar típica, tendo como alimento básico o milho, diferenciando-se, no entanto, da área do sertão nordestino pelas associações com que este alimento se combina a diferentes outras substâncias alimentares. É a área central do milho que abrange as regiões montanhosas de Minas Gerais, e sertão do sul de Goiás e os pantanos de Mato Grosso".

(Nota do autor desta monografia: É São Paulo e Paraná, grandes produtores de milho).

Esta é a zona por excelência do cultivo do milho, — concentrando 50% da produção nacional. "Corn-belt" brasileiro que, como o norte-americano, possui também os maiores rebanhos de porcos do país: os dois mapas de produção, o do milho e o da carne de porco se superpõem rigorosamente, traduzindo dêste modo a interdependência absoluta dos dois fatos econômicos. O PORCO FUNCIONANDO COMO O PROCESSO MAIS RENDOSO DE ENSACAR E EXPORTAR O MILHO." (pág. 234)

Sua produção no ano agrícola de 1951 importou em Cr\$ 6.157.673.000,00. A de 29 produtos foi calculada em Cr\$ 54.678.538.000,00. Quer dizer, equivale a 11%, ou mais de um décimo desse montante. Só o café beneficiado, com seus Cr\$ 16.578.164.000,00, supera-o em cruzeiros.

Plantando-o todos os Estados e territórios de todas as latitudes, altitudes e climas, depara predicado excepcional, digno de aproveitamento racional. Aliás pela facilidade de seu cultivo, pela pouca exigência quanto a solos e tratamento, é vegetal muito adequado à nossa gente.

No Paraná, cuja fisiografia originalíssima é um resumo da de todas as situações cósmicas e climatológicas do mundo, produz ótimamente em todos os municípios, como ficará sobejamente provado na sinopse dedicada mais adiante à distribuição de sua cultura entre todas as comunas paranaenses.

Sua produção entre as plantas temporárias já ultrapassou a cifra do bilhão. Alcançou pela quantidade 15.485.880 quilos cujo valor foi de Cr\$ 1.025.343.420,00.

A única cultura que supera a do milho no Paraná é a permanente do café com Cr\$ 4.373.488.920,00.

E, no nosso quadro estatístico, nenhuma compete com ele, pois a de rendimento mais alto é a do feijão com Cr\$ 515.035.000,00.

No Brasil, só 3 Estados, o de Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul colheram maiores valores de milho que o Paraná.

As 17 demais unidades da União ficaram, quanto aos resultados financeiros, muito aquém dos de nosso Estado.

Excede a média do rendimento por hectare no Paraná, à do Brasil e só em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás o milho produz mais do que no Paraná.

Aliás já houve aqui campanhas pelo melhoramento de sua cultura e produção. E fizeram-se exposições especializadas do excelente cereal.

No norte do Paraná, já se acha muito difundido, agradando bastante aos lavradores, que de ano para ano aumentam suas plantações.

No sul, não é muito apreciado pelo fato de seus habitantes preferirem os milhos moles. De fato, o híbrido é duro.

Já se conseguiu por meio de uma variedade considerada semi-dura que lhe vai favorecer a multiplicação e irradiação.

Têm sido recebidas as sementes de híbrido do Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo e fornecidas também pela empresa "Sementes Agrícolas" de Jacaréizinho, neste Estado.

A sua produção, avaliada em cruzeiros, triplicou em 9 anos como se prova por estes dados:

Anos	Quantidade	Valor em Cr\$
1945	10.324.637	421.976.076,00
1946	12.875.176	559.495.470,00
1947	12.045.687	486.240.385,00
1948	13.245.852	624.488.961,00
1949	11.361.336	529.888.936,00 (Est. Pub. 1950)
1950	15.121.569	623.524.033,00
1951	16.637.360	779.263.264,00
1952	15.485.880	1.025.343.420,00

E ainda recentemente foi introduzido em suas terras o chamado milho híbrido que sobrepuja o comum pelo rendimento e pela precocidade.

Ocorreu de 1945 para 1952, um aumento de 60% na quantidade e de 140% no valor. Esta constatação constitui quanto à majoração do preço, um índice do encarecimento da vida.

Mas de qualquer maneira representou dinheiro que entrou para a economia do Estado, pois trata-se do rendimento proveniente de uma indústria organizada.

Dada a fome de milho notada assim no Brasil como no estrangeiro, sua lavoura pode progredir sem limite, visto ter garantido o consumo.

Infelizmente, porém, o mal crônico da falta de transportes, registrado no país, amedronta os produtores.

A carência de silos em número suficiente para acolher a safra, ou, quando existe êsse fator, a falta de defesa do produto, a falta de financiamento com mecanismo simples, fácil, assegurando ao crédito sua intervenção oportuna na vida econômica do fazendeiro ou do plantador, faz arrefecer desígnios de trabalho racional e eficiente.

Deviam os poderes públicos e as forças econômicas do Brasil deter-se, por alguns momentos, em face dos problemas do milho.

Antes disso, conviria que alguém enaltecesse o valor dêsse incomparável cereal, que desempenha com o feijão, o estupendo feijão, o papel das únicas proteínas consumidas normalmente pelo nosso caboclo.

Deveria recordar que o índio transmitiu a sua cultura aos portugueses. Ensinou-os a usá-lo em formas variadas.

E a ubiquidade de sua produção por todo o território nacional demonstra como ele penetrou em nossa vida, costumes e cardápio.

Nos sertões, é fator dominante no sustento e engorda de animais, principalmente dos suínos, que entram magros para as roças e de lá retomam pesados de banha e carne.

Essas funções desempenhadas pelo precioso vegetal, mister tivessem o dom de incitar a quem de direito a socorrer ou escorar sua lavoura de sorte a que ela aumentasse em quantidade, aprimorasse sua qualidade, progredisse em valor e decididamente tentasse a conquista dos mercados externos para aquisição das sobras constatadas em nosso consumo.

Atenta a inegável importância intrínseca dêste produto, transcrevo, nesta monografia que lhe é dedicada, os dados fundamentais de sua produtividade, pelos quais se vê que se desenvolvia em todos os antigos municípios do Paraná.

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DO MILHO NO PARANÁ EM 1952:

MUNICÍPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO REALIZADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	VALOR TOTAL (Cr\$)
ZONA DO LITORAL				
Antonina	260	2.600	10	
Guaraqueçaba	232	6.730	29	306.800
Guaratuba	200	7.700	39	538.400
Morretes	100	3.200	32	577.500
Paranaíba	186	5.770	31	352.000
TOTAL	978	26.000	27	605.850
ZONA DO ALTO DA RIBEIRA				
Bocaiúva do Sul	4.700	66.000	14	5.940.000
Cérrito Azul	14.050	280.000	20	25.200.000
Rio Branco do Sul	1.080	14.500	13	870.000
TOTAL	19.830	360.500	18	32.010.000

MUNICIPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO REALIZADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	VALOR TOTAL (Cr\$)
ZONA DO PLANALTO DE CURITIBA				
Araucária	5.730	114.600	20	9.168.000
Campo Largo	16.580	393.420	24	25.572.300
Colombo	1.380	45.000	33	3.375.000
Curitiba	5.600	120.000	21	10.800.000
Piraquara	4.500	127.000	28	8.890.000
São José dos Pinhais	14.300	378.000	27	22.680.000
Timoneira	1.840	38.000	21	2.660.000
TOTAL	49.630	1.216.020	25	83.145.300
ZONA DOS CAMPOS GERAIS				
Castro	14.450	216.750	15	19.507.500
Jaguariaíva	3.200	100.000	31	8.000.000
Lapa	4.550	141.650	31	8.499.000
Palmeira	11.920	370.850	31	22.251.000
Pirai do Sul	3.310	146.000	44	13.140.000
Ponta Grossa	3.025	57.000	19	4.560.000
Pôrto Amazonas	110	3.900	35	273.000
Rio Negro	6.470	215.600	33	19.404.000
Sengés	1.694	35.000	21	2.975.000
TOTAL	48.729	1.286.750	26	98.609.500
ZONA DE TOMAZINA				
Carlópolis	2.420	45.000	19	3.600.000
Ibaiti	1.694	45.000	27	3.825.000
Joaquim Távora	1.790	52.600	29	3.945.000
Quatiguá	2.800	36.800	13	3.680.000
Siqueira Campos	2.347	80.260	34	6.420.800
Tomazina	9.400	291.200	31	20.384.000
Wenceslau Braz	2.150	42.000	20	2.940.000
TOTAL	22.601	592.860	26	44.794.800
ZONA DO NORTE				
Abatiá	1.887	57.000	30	3.420.000
Andaraí	18.500	395.000	21	21.725.000
Assaí	13.140	215.000	16	17.200.000
Bandeirantes	7.260	320.000	44	19.200.000
Bela Vista do Paraíso	2.200	120.000	55	10.800.000
Cambará	12.220	246.000	20	19.680.000
Cambará	2.300	49.000	21	2.450.000
Cambé	2.500	60.000	24	3.900.000
Cinzas	33.880	560.000	17	42.000.000
Cornélio Procopio	7.970	200.000	25	16.000.000
Ibiporã	2.100	43.000	20	3.440.000
Jacarezinho	1.694	51.000	30	3.060.000
Jaguapitã	3.460	53.250	15	2.662.500
Jataizinho	47.000	1.000.000	21	70.000.000
Londrina	24.805	514.400	21	18.518.400
Porcatu	1.100	38.600	35	2.316.000
Ribeirão Claro	827	26.000	31	1.170.000
Ribeirão do Pinhal	13.310	230.000	17	10.350.000
Santa Mariana	3.509	80.500	23	4.830.000
Santo Antonio da Platina	8.890	183.000	21	8.235.000
Sertãoópolis	11.132	260.000	23	14.300.000
Uraí				
TOTAL	219.684	4.701.750	21	295.256.900
ZONA DE TIBAGI				
Araiporanga	13.794	265.500	19	23.895.000
Congonhinhas	5.808	144.000	25	6.480.000
Curiúva	3.310	96.250	29	7.218.750
Reserva	21.780	575.000	26	40.250.000
Tibagi	4.300	125.500	29	5.020.000
TOTAL	48.992	1.206.250	25	82.863.750
ZONA DE IRATI				
Imbituva	4.511	111.840	25	5.368.320
Ipiranga	6.000	105.000	18	6.825.000
Irati	5.500	190.000	35	14.820.000
Malet	17.300	291.700	17	14.585.000
Prudentópolis	5.450	105.300	19	5.265.000
Rebouças	2.050	65.000	32	4.680.000

MUNICÍPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO REALIZADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	VALOR TOTAL (Cr\$)
Rio Azul	5.500	145.000	26	8.700.000
São João do Triunfo	1.350	29.000	21	1.015.000
São Mateus do Sul	5.200	140.000	27	8.400.000
Teixeira Soares	1.914	33.300	17	2.664.200
União da Vitória	10.162	128.310	13	10.906.350
TOTAL	64.937	1.344.450	21	83.228.670
ZONA DE GUARAPUAVA				
Guarapuava	14.319	248.850	17	17.917.200
Palmas	500	12.500	25	750.000
TOTAL	14.819	261.350	18	18.667.200
ZONA DO IVAÍ				
Apucarana	50.000	1.040.000	21	62.400.000
Araçongas	22.022	450.000	20	36.000.000
Campo Mourão	21.500	690.000	32	49.680.000
Mandaguari	15.600	385.000	25	30.800.000
Pitanga	20.570	450.000	22	18.900.000
Rolândia	8.700	119.700	14	10.773.000
TOTAL	138.392	3.134.700	23	208.553.000
ZONA DO IGUAÇU				
Clevelândia	35.200	1.027.000	29	61.620.000
Laranjeiras do Sul	4.000	219.250	55	7.673.750
Mangueirinha	2.800	70.000	25	4.200.000
TOTAL	42.000	1.316.250	31	73.493.750
ZONA SERTÃO DO RIO PARANÁ				
Foz do Iguaçu	1.600	39.000	24	2.340.000
TOTAL	1.600	39.000	24	2.340.000
ESTADO	672.192	15.485.880	23	1.025.343.420

O preço do milho oscilou entre Cr\$ 36,00 a saca em Porecaru, no Norte do Estado e Cr\$ 118,00, cotação de Antonina.

A média do custo de uma saca de 60 quilos foi no Estado de Cr\$ 66,00.

Os maiores produtores de milho no Paraná são: Apucarana com uma área de 50.000 Km², 1.040.000 sacas e o valor de Cr\$ 62.400.000,00; 2.º — Londrina com área de 47.000 Km², 1.000.000 de sacas e o valor de 70.000.000,00; 3.º — Clevelândia com a área de 35.200 Km², 1.027.000 de sacas e o valor de Cr\$ 61.620.000,00.

Apucarana fica na região fisiográfica do Ivaí; Londrina, na do Norte; e Clevelândia, na do Iguaçu.

Esse importante município está no sul do Estado, muito abaixo do paralelo 24.º.

O MATE, A ECONOMIA E A CIVILIZAÇÃO PARANAENSE

I — ESBOÇO HISTÓRICO

A erva-mate ou, simplesmente, o mate, figura na vida do Paraná desde os primórdios do seu povoamento. Seu nome científico é *ILEX PARAGUAYENSIS*. Conheciam-na os espanhóis quando fundaram as cidades guaranitenses de Ciudad Real, e Vila Rica do Espírito Santo e a aproveitaram os jesuítas que semearam pela mesopotâmia Paraná-Tibagi suas 13 reduções.

Chamavam-na os índios de CAA e os padres da Companhia lhe aplicaram a antonomásia de ERVA DO DIABO em consequência de suas espinhosas e complexas virtudes, entre as quais sobrelevavam as de alimento de poupança e de erotismo.

"Não há casas de espanhóis nem rancho de índios — dizia no século XVII o jesuíta Francisco Dias Tanho (apud Afonso Taunay, História Geral das Bandeiras, vol. I pg. 135) em que não seja bebida (o mate) e pão cotidiano. Desenvolveu-se tanto o excesso desta asquerosa (sic) beberagem que chegou à costa e a outros muitos lugares da América e da Europa o uso e abuso dela, e segundo me parecer por artes dalgum feiticeiro a inventou o demônio."

Sua área botânico-geográfica é considerável, sendo mencionados vários países sul-americanos onde vegeta.

No Paraná, assinalava Romário Martins — o nosso autor mais dedicado à matéria, sobre a qual publicou duas obras exaustivas, O LIVRO DO MATE (1916) e ILEX MATE (1926) — que dos 52 municípios do nosso Estado, 37 possuíam ervais e em apenas 15 não se encontrava o precioso vegetal.

Computava êle a área botânica do mate em 160.000 Kms² dos 190.000 da superfície total do Estado. Levaram-no os bandeirantes para São Paulo. E até na poesia de Correia Garção no século XVIII figurava numa ironização aos paulistas que arrotavam chamarão nas suas tiradas valentonas.

Usaram-no os habitantes dos 3 planaltos desde os primeiros dias do povoamento.

Porém sua industrialização só se efetivou no século XIX.

Conceituo como industrialização, a prática do beneficiamento por meio daquilo a que se denominou ENGENHO, desde que reúna o maquinário indispensável à preparação do produto, com sua moagem e eliminação de detritos.

Anteriormente e mesmo ainda hoje, nos sertões o mate sofre apenas o tratamento do cariço, herdado dos índios pelos brancos, espanhóis ou portugueses. Quem introduziu o ENGENHO de socar erva no litoral do Paraná foi um paraguaio, D. Francisco de Alzaruguay.

Em 1821, o espanhol D. Manuel Miró, natural da Catalonha, instalou em Paranaguá uma fábrica, sendo de assinalar que sua descendência ainda hoje persiste na exploração dessa indústria.

Em Curitiba, os primeiros engenhos foram estabelecidos nos alcores do século XIX como o narrou um conterrâneo nosso, Sr. Lustosa de Andrade, que foi membro de comissões incumbidas de estudar as causas da decadência da cultura do trigo nesta província:

"Primeiro que viessem outros especuladores para comprarem o nosso mate, disse êle, questões políticas (1800 a 1808) obrigaram a se homiarem em Curitiba, vindo de Buenos Aires, quatro espanhóis europeus."

Estes vieram e aqui se estabeleceram: D. José, negociante; D. Lourenço; D. Inácio Macatangá e D. Bertoldo, que aqui se casou e montou um grande estabelecimento para moer trigo. Vieram as novas matas eram superabundantemente fornecidas do verdadeiro mate paraguaio. Que a navegação marítima era mais fácil e barata do que a fluvial do Paraguai e seus afluentes, que aqui se podia livremente fabricar e abastecer os mercados do rio da Prata, dispensando-se a perigosa concorrência do mate paraguaio. Acrescenta o autor do relatório que do Prata afiliaram para aqui numerosos especuladores que pagavam o mate regularmente: As compras eram efetuadas a prata e ouro; e a nossa população tinha à mão, e abundantemente, ervas que com pouco trabalho, sem as contingências das estações, eram convertidos nesses metais. Uma febre de ganho se apoderou do espírito do povo, cada indivíduo se tornou fabricante; e a classe dos condutores se tornou numerosa.

Não houve roceiro que para o transporte de sua lavoura não possuísse bestas arreadas; daí a importação de milhares delas da província do Rio Grande do Sul. Estas citações constam de um opusculo meo — A TRIGOCULTURA NO PARANÁ, pg. 73.

A respeito do surto da indústria erveira, comentou o general, depois Visconde de Berrugaire-Rohan, Presidente da Província: "NÃO FOI SÓMENTE A FERRUGEM QUE SERVIU DE MOTIVO AO ANATEMA LANÇADO SOBRE A CULTURA DESTES CEREAL (o trigo): ESSA ENFERMIDADE É CONHECIDA NA EUROPA E ASSIM COMO LÁ A SABEM PREVENIR, TAMBÉM AQUI A PODERÍAMOS EVITAR, A FABRICAÇÃO DA ERVA-MATE, QUE, COM POUCO TRABALHO, OFERECIA UM PRODUTO LUCRATIVO AOS NOSSOS INCOLAS, DEU O ÚLTIMO GAROTTE ÀQUELA INTERESSANTE INDÚSTRIA. FOI UMA VERDADEIRA VITÓRIA DA BARBARIDADE SOBRE A CIVILIZAÇÃO." (RELATÓRIO APRESENTADO A ASSEMBLÉIA PROVINCIAL, 1.º de março de 1856).

De 1848 a 1849, o Paraná, ou melhor a então 5.ª Comarca de São Paulo, enviava para o Rio da Prata, Buenos Aires e Valparaíso... 696:3108429 de erva-mate. (LIVRO DO MATE, Romário Martins pg. 99)

Daí em diante, sua exportação se expande num ritmo acelerado, como o mostram os números inseridos abaixo, por vinténios, que abrange largo período de quase 100 e em que se retrata o surto, o auge e a agonia duma indústria. As informações aludidas são até 1928 apenas quanto à quantidade.

Exportação do mate em quantidade (quilos):

1948	5.500.590
1868	12.813.323
1888	18.253.836
1908	35.729.587
1928	58.908.128

De 1928 em diante consigo também o valor. Faço-o quanto a esse exercício e quanto ao período de 1938 a 1951 dou ano por ano, durante os 14 anos estudados.

Anos	Quantidade em quilos	Valor em Cr\$
1928	58.908.128	76.984.413,00
1938	35.581.157	31.160.608,40
1939	37.711.303	42.269.451,90
1940	33.158.149	39.211.802,90
1941	33.168.146	43.140.436,90
1942	34.054.181	49.144.457,80
1943	28.672.346	45.512.125,80
1944	28.291.397	54.888.766,30
1945	32.642.043	79.690.942,20
1946	32.420.120	90.650.080,80
1947	34.073.391	103.897.838,90
1948	32.958.128	104.070.280,00
1949	36.145.412	121.308.616,00
1950	33.213.952	118.558.468,00
1951	37.027.014	136.687.718,00

A queda que se verificou a partir de 1928, tem notória explicação: foi a concorrência da Argentina, por efeito das colheitas realizadas em quantidade crescente nos seus ervais artificiais de Missões. Iniciada a cultura no começo deste século, em menos de 20 anos apareceram seus resultados, alterando a sua posição na balança comercial com o Brasil. Enquanto nossas exportações da ilíceína baixavam, a produção argentina subia, vertiginosamente.

E se não nos expulsou dos mercados platinos e até do Chile, devese-o fato a acordos humilhantes e até ruinosos para o Brasil.

Obtém-se anualmente uma quota cuja montante é disputado e depois se reparte entre os exportadores da valiosa bebida.

Deixo de examinar e comentar os velhos entrecuchos entre outrora os cancheadistas e beneficiadores e atualmente entre os beneficiadores e a Confederação dos Produtores do Mate porque se cogita de assunto de natureza interna.

Esses conflitos influíram de modo decisivo para a decadência geral da mais veterana das nossas indústrias.

Principalmente a da moagem em engenhos mecânicos se encontra na realidade em estado de agonia.

Ainda recentemente, numa suprema tentativa de sobrevivência, os moageiros se organizaram em um consórcio sob a forma de sociedade anônima.

Segundo meu parecer, os males da indústria da erva-mate são vários. Os mais sérios deles me parecem estes: o não aperfeiçoamento na fabricação da erva-mate. Salvo pequenas inovações, prepara-se o mate como outrora.

Outro grave inconveniente consiste na nossa incapacidade para a conquista de outros mercados.

Haveria possibilidade de expansão dessa bebida extraordinária, quer no próprio Brasil, quer nos Estados Unidos, quer na Europa e noutros continentes como o africano e até o asiático.

Nunca sobuemos nem pudemos realizar essa introdução em países que virtualmente são formidáveis consumidores potenciais de nossa incomparável bebida.

Possui ela extraordinárias qualidades que a põem acima do café e do chá da Índia.

Entretanto fomos incapazes de o provar a outras nações, suggestionando-as para adquirirem o delicioso vício do chimarrão ou do mate doce ou do mate gelado.

II — AS VIRTUDES DO MATE

A tradição, a superstição, a ciência e os costumes proclamam as extraordinárias virtudes do mate.

Deus, querendo premiar uma boa ação, transformou uma jovem em erveira, como se vê desta lenda (apud Romário Martins, ILEX MATE, pg. 121):

"Deus, acompanhado de São João e São Pedro, baixou à terra e pôs-se a viajar. Um dia, depois de uma penosa jornada, chegaram os três à casa de um velhinho, pai de uma moça, jovem e bela, e que a queria tanto, que para a conservar sempre inocente fóra com ela e sua mulher viver em uma floresta virgem onde ainda não havia penetrado homem algum."

"O velhinho era extremamente pobre, mas apesar disso, tratando-se de forasteiros, hospedou-os o melhor que pôde e em honra deles matou e pôs à mesa uma galinha, a única que possuía."

"Ao ver tão bela ação, Deus perguntou a São Pedro e São João o que fariam em seu lugar, — respondendo-lhe ambos que premiaríamos largamente o velhinho."

"Deus então mandou chamá-lo e lhe disse estas palavras:

"Tu que és pobre, forte, generoso; premiar-te-ei por isso. Possui uma filha inocente e pura a quem muito queres: torna-la-ei imortal, para que jamais desapareça da terra."

"E Deus transformou a linda menina na planta da erva-mate, e desde então, essa erva existe, e por mais que a cortem torna a brotar."

O apóstolo São Tomé se acha também ligado à erva-mate. Ele, segundo tradição bilíngue, andou por terras do Paraná, cujo território atravessou de leste para o oeste.

Ao historiar sumariamente o povoamento do Norte do Paraná, contei como os jesuítas criadores da memorável República Teocrática de Guairá, encontraram, viva e fortíssima, entre os índios paranaianos, as proesas de PAI ZUMÉ "tido na conta de varão maravilhoso cuja memória o tempo, no decurso de mais de milênio e meio, não pode esquecer. (Padre Gay, História Jesuítica do Paraguai, pgs. 30 e 31, apud Romário Martins, op. Cit. pg. 123).

"O caminho que percorrerá — diz o historiador paranaense, — nunca mais se fechou! Respeitaram-no as ervas e as árvores, nos campos e nos montes, como que orientando a marcha de uma futura e grande civilização".

Os jesuítas foram oitadamente recebidos pelos aborígenes. Admirados os missionários de uma tal recepção, coisa que nunca lhes havia sucedido, perguntaram, e "lhes responderam os chefes indígenas que eles eram há muito esperados, visto que Pai Zumé lhes dissera que outros, como ele, haviam de vir para lhes pregar as mesmas leis".

"Ai recolheram os dois notáveis jesuítas (Montoya e Cristovam Mendonça) largas informações sobre a travessia de São Tomé, suas predições e ensinamentos, e entre os quais figuram os referentes ao mate, que antes da vinda do apóstolo não era bebido mas sim mastigado e comido. O santo ensinou aos índios que o secassem ao fogo e depois lhe ajuntassem água quente (chimarrão) ou fria (tereré), que essa bebida assim preparada lhes seria alimento generoso e saudável."

"Nasceu assim o carajo, isto é, a secagem do mate pelo fogo, processo que jamais foi substituído até hoje."

Desfecharam os jesuítas campanha contra a erva, chamando-a de ERVA DO DIABO.

Pois atribuíam-lhe efeitos afrodisíacos.

Porém o mate faz parte da vida do caboclo.

E por isso, canta ele ao som da viola:

"Peço pouco nesta vida

Pra minha felicidade:

Uma cabocra destorcida,

Uma viola bem sentida,

Faço, MATE e liberdade. (Apud. Romário Martins, Ilex Mate, pg. 125).

Diz aquele escritor:

"Os químicos examinaram sua composição, extraíram-lhe os princípios ativos, mediram-lhe a percentagem, fizeram-lhe a análise comparativa com os princípios dominantes no café, no chá, no cacau, e na coca; os médicos clínicos e os higienistas estudaram-lhe a ação salutar na economia animal, as associações de temperança reconheceram a sua preeminência sobre ródas as bebidas similares até hoje conhecidas no mundo.

"Eugene Seeger, Cônsul Geral dos Estados Unidos, tendo lido esta pergunta, feita a um jornal, Harper's Weekly: 'QUE É QUE DEVEM BEBER NOSSOS SOLDADOS EM PAÍSES TROPICAIS?' — respondeu sem hesitação: 'O QUE DEVEM BEBER É UM MATE, POUCO IMPORTANDO QUE O TOMEM FRIO OU QUENTE, COM OU SEM AÇÚCAR, CONTANTO QUE TOMEM MATE.'"

"Nenhum higienista ou clínico moderno jamais o desaconselhou ou encontrou nele contra-indicações, nos casos em que foi o mate uma vez admitido e aconselhado."

"Rechamando algumas dessas propriedades, vemos que os consideram: Schenepp, Inspector das Águas de Bonnes, tônico alimentar, estimulante, diurético;

"Odilon Martin, Chefe do Laboratório da Faculdade de Medicina de Lyon, estimulador geral, em particular, da atividade intelectual e das faculdades psíquicas; "E. Monin, na Higiene do estômago, comburente precioso, excitante da força muscular, moderador das fermentações nutritivas;

"Coury, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1880, desalterante, por excelência e um grande reparador de forças;

"Doubler, regulador cardíaco, nervoso e muscular e diminuidor de altura;

"Caminhoá — grande sibião brasileiro, autor de monumental história natural, preventivo de acessos intermitentes, estomacal, febrífugo, hignoscópico;

"Domingos Freire, absorvente, cicatrizante;

"Tanner, estimulador da nutrição, compensador do mau regime alimentar;

"Moreau de Tours — remédio contra as neurastenias, delírios crônicos, anemia profunda, fadiga intelectual;

"Langlet — estimulante do sistema nervoso cerebrospecial;"

"Romario Martins, Ilex Mate, pg. 146).

E o polígrafo paranaense encerra sua apologética do mate com este período incisivo:

"O GAÚCHO DOS CAMPOS SULINOS, O SERTANEJO PARAGUAIO O MONTANHES CHILENO, TEM NO MATE O SEGREDO DE SUA ENERGIA, O SUCESSO DA SUA ADMIRÁVEL RESISTÊNCIA."

Para coroar esse desfile de elogios ao mate, vou transcrever aqui o resumo de um teste final, definitivo, de laboratório, sobre as qualidades insuperáveis do mate. Faz essa prova experimental a assinatura prestigiosa de um dos maiores nutrólogos do mundo e um dos mais ilustres cientistas da América, ESCUDERO, professor reputado como uma das completas autoridades em sua especialidade. Com a cooperação de seus discípulos, executou pesquisas sobre o mate, cujas observações são assim sintetizadas:

"Vitaminas na erva-mate. — Os autores estudaram 14 amostras de erva-mate de diferentes marcas, adquiridas em comércio da cidade de Buenos Aires. O conteúdo da vitamina C nas mesmas variou entre 5,5 e 20,7 miligramas de ácido ascórbico por 100 gramas de amostra, ou seja valores muito seme-

lhantes obtidos por A. Escudero em 1936, 1937 e 1941; o de carotina entre 615 e 3.700 unidades de vitamina A por grama de amostra; o de tiamina, entre 62 e 300 ipson por 100 gramas de amostra; o de riboflavina, entre 246 e 652 ipson por 100 gramas e o ácido nicotínico entre 2,54 e 10,36 miligramas por 100 gramas de amostra."

"As grandes variações encontradas procedem possivelmente da diferente preparação e conservação das amostras antes de ser expedidas, porém, em geral todas elas contém quantidades de carotina, tiamina, riboflavina, ácido nicotínico, que, se forem extraídas nas infusões de erva utilizadas na alimentação, poderão significar uma contribuição relativamente importante." (ESCUERO e outros: Revista da Associação Argentina de Dietética, n.º de dezembro de 1944 TRANSCRITO PELO BOLETIM DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PANAMERICANA, Washington, ano 25, n.º 9 de setembro de 1946, pg. 827).

Os resultados dessa análise de laboratório lança luz sobre o valor terapêutico, curativo e preventivo do mate.

Mas, voltemos à pergunta já formulada: por que esse valiosíssimo mate não conquistou ainda os povos de todas as latitudes e raças?

Nunca, até hoje, o Brasil soube, pôde ou mesmo quis gastar algumas dezenas de milhões de cruzeiros para convencer a humanidade de que usar e abusar do mate é ser forte, otimista, e poder gozar a vida nos seus aspectos mais agradáveis, com vigor e alegria.

Uma senhora que por quatro vezes percorreu de ponta a ponta a monumental rodovia norte sul do Brasil, indo até Rio Grande do Norte, conta-me que, através de todo o seu percurso, encontram-se postos de venda de coca-cola.

Nesse trajeto de milhares de quilômetros de rodovia dentro da hinterlândia brasileira, não existe água. Mas a beveragem ianque lá está, atraindo os magros cobres da cabocla e dos viandantes.

Temos, com o mate, de lançar uma ofensiva fulminante sobre o mundo nas asas do "logon" de que o MATE PROLONGA A VIDA E SUSTENTA O VIGOR DOS HORMÔNIOS SEXUAIS.

Há 3 séculos, os jesuítas o condenaram empiricamente por essa razão.

E no século XX, a ciência confirmou essa intuição e proclamou a sua excepcional riqueza energética pois a miraculosa ielcína contém quase todo o alfabeto das vitaminas!

A MADEIRA NO PARANÁ

Representam assuntos amargos para o economista os da erva-mate e da madeira, pois sua história consta apenas do registro de fracassos, derrotas e desesperanças.

Virtualmente constituía o Paraná exemplo clássico de território com extensíssimas e densíssimas florestas homogêneas de essências florestais industrializáveis.

Do paralelo 24 para baixo, excetuando a parte dos campos e a pequena faixa do litoral, as terras paranaenses eram cobertas de pinheiros, imbuías e ervaís.

Testemunha-o o próprio nome de Curitiba, cujo significado em tupi-guarani é pinhal.

Ainda conheci as florestas que iam de seus arredores ao segundo plano. E percorri o vale do Iguau e também a chamada linha sul, servida pela Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande com imensas coberturas de araucária.

Em 50 anos essas regiões quase se desertificaram. E diz eloquentemente desse lamentável estado este episódio autêntico: em 1938 ou 1939, veio a este Estado uma comissão de técnicos com a incumbência de localizar pinheirais como ponto de partida para a instalação de uma vasta fábrica de papel. Pois bem; tiveram de viajar 700 quilômetros para consecução de seu objetivo, já que, dentro daquele raio, não havia mais bosques da incomparável essência vegetal!

Consumou-se, essa obra de devastação em menos de um século, pois a primeira serraria mecânica criada no Paraná foi montada pelo engenheiro Antonio Rebouças, no lugar denominado Florestal, hoje no município de Timbu. Era o engenho movido a vapor e na sua vida aquêlê eminente brasileiro depositava amplas esperanças.

Contava com exportação para os mercados do Rio da Prata e mesmo da Europa. Mas nasceu a malfadada indústria sob um signo adverso e o mal que ainda hoje a perturba, naquele tempo liquidou a iniciativa do grande técnico pátrio: a falta de transportes.

Antonio Rebouças se desligou da empresa que subsistiu durante muitas décadas, mas precariamente.

A segunda organização madeireira, movida a vapor, foi a do barão do Cerro Azul, que a instalou na década dos 80 em Roseira, município de São José dos Pinhais.

Triunfou êsse empreendimento, havendo seu proprietário tirado muito resultado dêle.

Sacrificado, porém, em a chacina do quilômetro 65 da Estrada de Ferro do Paraná em 1894 em consequência da vitória florianista sobre os paraguaios, acabou sendo adquirida pelo Sr. Mauricio Caillet que lhe imprimiu eficiência igual senão superior à de seu fundador.

Esgotada, a região, de pinheiros, a usina foi transferida para outra zona do Estado.

Depois da iniciativa do barão, outras lhe sucederam, subindo o número de serrarias à cifra das 900 que hoje funcionam.

Além das dificuldades de transportes e da falta absoluta de financiamento, a indústria madeireira do Paraná encontrava dentro do próprio país e onde quer que procurasse penetrar e se expandir, os tremedios e inexoráveis concorrentes estrangeiros.

O nosso pinho era batido aqui mesmo, internamente, pois seu congêner suéco era preferido pelos brasileiros. Rio e São Paulo e mesmo o Paraná achavam o nosso inferior.

Durante e depois da primeira guerra mundial, ofereceu-se-nos oportunidade de desenvolver o mercado madeireiro nacional e internacional.

Realmente, aumentou a produção e realizaram-se muitos negócios. Fortaleceu-se o de São Paulo e o carioca, pois deixamos de importar o pinho estrangeiro.

Mas não dominamos as praças. Elas é que nos impunham condições.

Não obstante, o número de estabelecimentos industriais aumentava, as dificuldades de transportes ferroviários e marítimos também cresciam.

E a indústria vivia debilitada, abandonada dos poderes públicos e desconfecendo o crédito bancário como existe nas nações organizadas.

O aparecimento do Instituto do Pinho não melhorou a situação, pois algumas de suas altas finalidades não tiveram a execução completa desejada.

Porque na verdade a indústria madeireira só sobreviveria quando baseada na produção racional, adotados os métodos mais aperfeiçoados do mundo inteiro. Sem o seu tratamento científico não podemos concorrer nos mercados.

Dois terços da matéria-prima é desprezada. E a indústria dos subprodutos não está organizada comercialmente no Brasil.

Por outro lado, o reflorestamento deve exceder à derrubada. É essencial a cooperação dos particulares com os poderes públicos, num esforço comum de recuperação do tempo perdido e das matas devastadas criminosamente.

Por fim, a instituição do crédito para o desempenho da função por êle executada nos países bem administrados onde não depende da providência coroarria a obra de normalização de uma indústria que pode e deve ser uma das primeiras do Paraná.

Subministro aqui dois quadros, cujos dados coligi nos prospectos do Departamento Estadual de Estatística do Paraná contendo esclarecimentos interessantes sobre aspectos valiosos da indústria da madeira e de sua correlata, a do mobiliário. Eis os demonstrativos citados:

INDÚSTRIA DA MADEIRA

MUNICÍPIOS	Estabelecimentos	Operários	Média mensal dos operários	Valor da produção
Abatã	1	12	9	290.500
Antonina	3	17	15	273.637
Apucarana	19	459	441	27.352.654
Araiporã	1	35	33	2.400.000
Arapongas	6	185	180	18.326.698
Araucária	2	15	10	728.754
Assai	3	76	76	5.317.098
Bandeirantes	4	31	54	3.135.722
Bela Vista do Paraíso	2	14	14	550.200
Bocaiuva do Sul	14	131	130	2.749.000
Cambará	2	17	15	896.000
Cambé	4	113	115	8.387.231
Campo Largo	1	5	4	95.000
Campo Mourão	12	92	93	5.025.562
Caripó	1	11	8	488.250
Castro	11	157	161	6.729.311
Céero Azul	1	14	17	335.917
Genas	3	30	36	1.575.680
Clevelândia	22	105	102	3.904.800
Congonhinhas	2	23	21	1.172.911
Cornélio Procopio	6	96	102	7.612.969
CURITIBA	78	2.040	2.000	124.631.596
Curitiba	7	219	213	11.972.201
Fax do Iguaçu	7	250	240	11.435.100
Guarapuava	69	1.418	1.350	62.842.812
Ibaiti	1	7	8	252.715
Ibiporã	3	120	105	5.431.060
Imbituva	11	329	287	11.625.989
Ipiranga	12	296	295	11.567.804
Irati	13	382	388	42.262.458
Jacareizinho	1	12	11	640.000
Jaguapitã	5	155	124	5.349.144
Jaguatituba	5	103	115	3.184.387
Lapa	15	200	206	6.620.947
Laranjeiras do Sul	10	27	26	1.155.300
Londrina	13	381	335	25.438.083
Malet	7	90	90	6.606.023
Mandaguari	17	306	300	26.787.993
Mangueirinha	4	19	18	654.000
Palmas	22	488	485	25.575.963
Palmeira	9	347	325	15.427.065
Paranaguá	5	54	47	3.541.563
Piraí do Sul	4	76	70	3.054.234
Piraquara	8	73	74	1.835.112
Pitanga	14	166	177	6.260.565
Ponta Grossa	26	786	784	93.307.176
Potocatu	5	89	72	3.657.738
Piñero Amazonas	2	188	216	6.998.880
Prudentópolis	15	425	432	22.124.800
Quatiguá	2	35	35	1.624.609
Rebouças	5	55	50	2.795.467
Reserva	4	63	64	2.944.779
Ribeirão Claro	1	5	5	168.000
Ribeirão do Pinhal	3	72	62	5.222.706
Rio Azul	4	40	42	1.685.585
Rio Branco do Sul	3	28	26	1.305.000
Rio Negro	15	333	318	13.132.332
Rolândia	5	111	113	10.164.207
Santa Mariana	2	32	26	2.916.951
St.º Antonio da Platina	1	4	6	311.419
São João do Triunfo	9	204	231	6.189.026
São José dos Pinhais	12	132	123	6.767.921
São Mateus do Sul	30	519	500	22.752.614
Sengés	4	130	150	9.930.829
Sertãozinho	5	46	47	4.647.534
Teixeira Soares	15	360	390	26.734.689
Tibagi	20	429	444	18.651.034
Tomazina	4	60	56	2.743.362
União da Vitória	43	991	989	49.420.459
Uraí	4	41	39	3.615.526
Wenceslau Braz	2	9	8	329.237
TOTAIS DO ESTADO.	701	14.403	14.161	833.919.866

A importante atividade em apêço contava em 1950, 701 estabelecimentos com 14.403 operários contratados.

A média mensal da frequência era de 14.161 operários.

Sob a produção a Cr\$ 833.919.866,00.

Segundo o valor da produção, encabeça a lista Curitiba como se vê abaixo:

1.º — Curitiba	Cr\$ 124.631.596,00	com 2.040 operários
2.º — Ponta Grossa	Cr\$ 93.307.176,00	com 786 "
3.º — Guarapuava	Cr\$ 62.842.812,00	com 1.418 "
4.º — União da Vitória	Cr\$ 49.420.459,00	com 991 "
5.º — Irati	Cr\$ 42.362.458,00	com 382 "

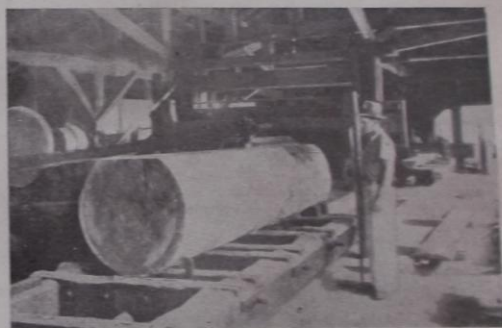
Mantém, pois, Curitiba a liderança no Estado, quer quanto à soma monetária da produção madeireira, quer quanto ao número de operários nela aplicados.

Traz-nos este resumo uma surpresa:

Guarapuava, sítio no terceiro plano, com os municípios da mesopotâmia Ivaí, Iguaçu, guarda as derradeiras reservas de pinheiros do Paraná.



Vagões com madeiras classificadas para exportação.



Uma serraria em funcionamento, vendo-se a tora na carrista avançada para ser desdobrada nas serras Tross.



Galpão de uma serraria, vendo-se à esquerda o pilão para depósito de toras.

Foi a devastação das robustas araucárias marchando para o oeste, seguiu os trilhos da São Paulo - Rio Grande, conhecida popularmente por LINHA SUL, de Irati, quando a BRAVIACO iniciou a construção da celebre ferrovia para o ocidente, as derrubadas infleceram sobre as encostas da Serra da Esperança, venceram-lhe as escarpas e já estão avançando para as florestas de Pitanga, Laranjeiras, Casavell, etc. e mais para o Sul sobre Palmas onde se abrem numerosos engenbos.

As estatísticas mais recentes já devem deparar resultados muito mais vultuosos que os publicados nestes mapas.

Quanto à indústria do mobiliário as informações de 1950 do Departamento constam do seguinte:

INDUSTRIA DO MOBILIARIO

MUNICIPIOS	Estabelecimentos	Operários	Média mensal dos operários	Valor da produção
Apucarana.....	1	8	8	225.000
Castro.....	2	44	28	733.280
Cornélio Procopio.....	1	4	4	480.000
CURITIBA.....	34	1.442	1.354	62.962.529
Imbituva.....	2	11	7	161.441
Irati.....	1	15	15	357.537
Jacarézinho.....	2	25	23	2.919.165
Joaquim Távora.....	1	5	5	130.530
Lapa.....	2	52	52	2.156.200
Londrina.....	4	24	22	1.067.727
Mandaguari.....	1	8	6	242.992
Palmeira.....	2	84	82	1.940.325
Ponta Grossa.....	8	100	103	5.092.713
Ribeirão Claro.....	1	4	4	155.800
Rolândia.....	1	7	7	599.560
São Mateus do Sul.....	1	4	4	104.879
União da Vitória.....	2	11	11	373.570
TOTAIS DO ESTADO.	66	1.848	1.735	79.703.248

Possui o Paraná apenas 66 fábricas de móveis em todo o seu território. Ocupavam elas 1.848 artifices cuja frequência era de 1.735.

Mostra-se Curitiba como o maior centro de produtividade de móveis, pois absorve ela 78% desse total com seus 62.962.529,00 de cruzeiros, vindo a seguir Ponta Grossa com 5.092.713,00.

Noutro local de minha colaboração para este GUIA GLOBO, abordei a questão vital para o Brasil do incremento ilimitado de seu mercado interno.

Aludi à debilidade do setor Norte, do País, cuja capacidade aquisitiva é fraca, mas que cumpre revigorarmos por todos os meios.

Tornar eficiente o setentrão nacional é criar uma freguesia magnífica e de possibilidade incalculável de progresso.

Pois bem. O Paraná poderia fazer de sua indústria de móveis uma arma poderosa para entrar em todo o resto do país a partir de São Paulo.

A que se criou aqui não conta com rival no Brasil quanto à matéria-prima, pois sua imbuia é a mais linda de todas as madeiras para esse fim.

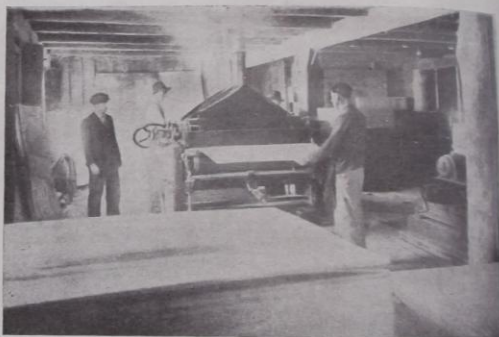
Pelo valor de sua produção, se constata quão modesto é o seu presente. Entretanto, sei de empresas que começam, com êxito, a estender sua rede de atuação comercial sobre muitos Estados da República.

Fôra de se animar por todos os meios possíveis os empreendimentos na esfera da produtividade de móveis, pois o Paraná compareceria quase só nas praças até onde o levasse sua audácia.

Segundo o Instituto Nacional do Pinho, foi esta a produção do Paraná em 1952, calculada em metros cúbicos, em 710.189.378 assim distribuída:

PRODUÇÃO DE MADEIRAS NO EXERCÍCIO DE 1952

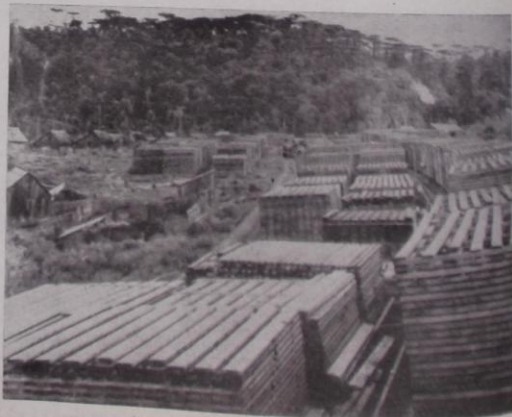
Pinho Serrado.....	1.160.028
Lei Serrada.....	109.881
Pinho Beneficiado.....	395.363.676
Lei Beneficiada.....	—
Pinho em Toras.....	36.352.240
Lei em Toras.....	158.188.739
Pinho Laminado.....	54.507.725
Lei Laminada.....	19.997.725
Pinho Compensado.....	32.371.762
Lei Compensada.....	12.337.602
Em metros cúbicos.....	710.189.378



Compressor e guilhotina numa fábrica de madeira compensada.



Fábrica de laminados. No primeiro plano: torno para laminação da madeira. No segundo plano: guilhotina para cortar as lâminas em tamanhos diversos.



Madeiras empilhadas para secagem, numa serraria.

A exportação computada em metros cúbicos foi esta em 1952, consoante a mesma fonte:

ESPECIES	NACIONAIS		PLATINOS		ALEM-MAR		TOTAL
	Pinho	Outras Madeiras	Pinho	Outras Madeiras	Pinho	Outras Madeiras	
Serrado	136.260.245	4.154.523	21.205.944	—	14.024.576	2.178.495	197.823.783
Tambo	31.889.233	854.253	—	7.914.582	—	100.000	40.758.068
Beneficiado	183.612.588	1.800.755	488.544	—	1.251.833	28.000	187.182.021
Compensado	2.501.674	1.147.532	—	—	479.599	1.000	4.129.805
Laminado	162.262	281.699	—	22.485	10.568	261.521	738.535
TOTAL	274.426.002	8.238.762	21.694.488	7.937.067	15.766.576	2.569.517	430.632.212

Em 1938/1939 a posição estatística do pinho quanto a seus maiores exportadores para o exterior era esta:

Paraná	Cr\$ 21.689.000,00
Santa Catarina	" 31.971.000,00
Rio Grande do Sul	" 18.562.000,00

Passados dez anos, no triênio 1949/1951 a situação dos três Estados foi a seguinte:

	1949	1950	1951
Paraná	Cr\$ 130.978.000,00	63.473.000,00	104.603.000,00
Santa Catarina	" 167.286.000,00	160.092.000,00	274.194.000,00
Rio Grande do Sul	" 285.550.000,00	361.326.000,00	548.673.000,00

Enquanto a exportação do Paraná decaiu de 1949 para 1950 e não consegue no exercício seguinte retomar a posição inicial do triênio, Santa Catarina vê suas vendas de pinho para o estrangeiro ascenderem de 167.286.000,00 em 1949 a 274.194.000,00 em 1950.

E no Rio Grande se verifica uma subida vertiginosa nas remessas de pinho para o exterior, pois de 285.550.000,00 em 1949, seu valor ultrapassa em 1951 a cifra do meio bilhão.

No Paraná, a velha indústria que êle criou em grande escala e mecanizou, se acha malferida de uma enfermidade que, a meu ver, se combate com mesinhas e entorpecentes!

E aqui, além da questão fundamental da racionalização de sua produção, há as perspectivas infinitas do mercado interno. E esta indústria constituiu um argumento magnífico para patentear a utilidade, as vantagens, a oportunidade e a indispensabilidade do impulsionamento energético do consumo nacional de seus artigos por intercâmbio protegido, favorecido e largamente preconizado como atividade até patriótica.

E atente-se no que nos oferece a ampliação de nosso fabrico de celulose, pasta mecânica e papel. Para se lhe avaliar o alcance basta detarmos os olhos sobre as pautas de nosso comércio exterior e verificarmos que o Brasil comprou em 1951, 841.980.000,00 cruzeiros de celulose e 710.313.000,00 cruzeiros de papel.

E isso ocorre num país onde um economista escreve desoladamente que a indústria madeireira, no Estado que a criou, o Paraná, dá sinais evidentes de agonia!

E quiçá se encontre no desenvolvimento daquelas aplicações o rumo mais seguro e inteligente para a salvação da madeira.

As usinas de celulose e papel reclamam o plantio sistemático e o replantio intensivo dos vegetais que utilizam.

E isso patenteia o segredo dos países como a Estônia, Letônia e Lituânia,

de territórios exíguos, e que exploram suas florestas de coníferas vivendo disso há séculos, sem nunca as extinguírem, pois as refazem continuamente para nutrir a produção de celulose.

O Departamento Estadual de Estatística compilou especialmente para esta monografia o seguinte quadro com a quantidade e o valor da madeira exportada pelo Paraná nos 14 anos de 1938 a 1951, compreendendo madeira em bruto e madeira preparada, não se especificando se esta foi laminada e compensada ou beneficiada por outra forma.

Também não se discrimina, se se cogita de mercado externo e interno.

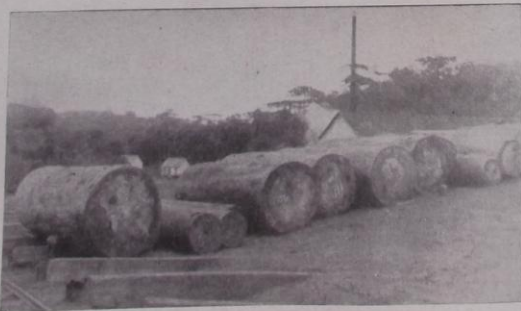
Compreende, naturalmente, os dois rumos, pois para aquêlle destino nossa exportação foi de pouco mais de 100.000.000,00 de cruzeiros.

Donde se conclui a excepcional importância do comércio interior desse produto pois orça pelo valor de 900.000.000,00!

Eis, sem mais comentários, esse valioso quadro:

EXPORTAÇÃO DE MADEIRA

ANOS	MADEIRA EM BRUTO		MADEIRA PREPARADA	
	Quilos líquidos	Valor Comercial Cr\$	Quilos líquidos	Valor Comercial Cr\$
1938	31.279.361	6.492.354,40	303.473.069	82.567.583,80
1939	26.401.887	5.281.882,80	352.349.784	89.246.746,00
1940	44.517.717	8.710.319,40	429.663.429	92.162.207,00
1941	48.941.602	10.119.846,00	464.976.920	129.681.190,40
1942	45.064.260	10.044.022,00	391.689.927	182.814.102,20
1943	44.051.538	16.371.351,90	372.004.359	268.164.973,30
1944	34.373.117	15.959.365,00	374.776.750	395.823.268,70
1945	38.403.004	17.445.567,70	424.106.916	495.417.200,10
1946	52.071.035	27.181.199,90	475.730.480	658.613.110,30
1947	53.731.787	32.535.971,80	427.478.927	668.882.908,20
1948	70.751.117	43.603.528,00	564.727.649	676.814.667,00
1949	89.989.747	47.117.625,00	620.023.077	738.507.801,00
1950	81.236.202	40.244.393,00	604.845.212	708.205.536,00
1951	145.230.885	84.121.398,00	627.186.349	921.407.882,00



Toras de pinho no estaleiro, prontas para serem carregadas em vagonetes rumo à serraria.

O FEIJÃO

Com estas palavras abrem os drs. Hélio de Souza Luz e Emília Pechnik, técnicos do Instituto Nacional de Nutrição da Universidade do Brasil, estudo sobre VALOR BIOLÓGICO DA PROTEÍNA DO FEIJÃO PRÉTO:

"É o feijão preto um alimento que merece uma referência toda especial de todo aquele que deseja fazer a história alimentar de nosso povo. Foi o feijão preto o grande sustentáculo da alimentação do braço escravo, o iniciador de nossa civilização agrícola e continua sendo, até os nossos dias, o "sustento" da grande massa operária que muitas vezes, tem no feijão a única fonte razoável de proteínas de sua alimentação diária." (ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO, julho-agosto de 1949, tomo 6, n.º 4, pg. 276).

Nessas poucas linhas foi fixada a importância extraordinária do papel desempenhado pelo humilde feijão na nossa economia alimentar.

O caboclo do Paraná só conheceu durante séculos dois alimentos: O feijão e o milho.

O feijão constituiu sempre o valeroso prato de resistência de sua mesa. Era seu pão: Pela manhã na forma de tutú ou virado, era a mistura de seu café.

No almoço e no jantar, figurava como o primeiro e principal elemento de seu cardápio frugal. E fechava a refeição como a mais apetecida das sobremesas feita de seu caldo. Pois caldear é a cerimônia indispensável à comida sertaneja.

Discutido o seu valor nutritivo, saindo das provas de laboratório com teores baixos de proteína, negado, portanto, humilhado nos confrontos com outros alimentos — o feijão depara credenciais com uma tradição de muitos séculos traduzida no fato, no tremendo fato, no fato histórico inegável, de significação transcendental, de ter sido e continuar sendo o alimento número um dos lares caboclos e mesmo dos centros urbanos.

Quando Euclides da Cunha, na sua página antológica, dizia que o sertanejo é um forte, sua fortaleza provinha do feijão, seu prato essencial.

Deve possuir um material X ainda não desvendado pela ciência, que um dia explicará o papel notabilíssimo por ele desempenhado no cardápio de nossos patriotas dos sertões.

E implicado no processo da desnutrição, no disproteinamento um estado horrível de degenerescência humana — toda a população matuta deveria encontrar-se em lamentável estado no seu aspecto físico, caquética, mirrada, desmilingüida.

Entretanto a verdade é outra, pelos menos aqui no sul, onde o sertanejo dos planaltos é robusto.

Topa-se a corroboração do mérito do feijão na sua imensa difusibilidade, companheiro cultural que é do milho.

Há lugares onde o semeiam e o colhem duas e três vezes por ano.

Plantam-no por todo o território nacional, sendo sua produção vultosa. No Paraná, sua quantidade colhida em 1952 montou em 4.156.149 toneladas, no valor de 515.035.000,00, figurando com a segunda das culturas temporárias e como a terceira da produção geral do Estado, superado apenas pelo café e pelo milho.

No quadriênio 1949-1952 suas safras foram as seguintes, expressas em quantidade e valor:

Anos	Quantidade	Valor
1949.....	3.787.434 scs.	Cr\$ 393.574.197,00
1950.....	4.064.389 scs.	Cr\$ 306.036.655,00
1951.....	3.770.319 scs.	Cr\$ 349.253.025,00
1952.....	4.156.149 scs.	Cr\$ 515.035.000,00

A soma da produção de 1952 representa quase 1/4 do total da nacional, calculada em Cr\$ 2.787.550.000,00.

Seu valor excede o da borracha, computado em Cr\$ 484.682.000,00, e da cera de carnaúba em Cr\$ 338.103.000,00 e o da laranja, em Cr\$ 489.746.000,00.

O seu resultado de Cr\$ 515.035.000,00 em 1952 é maior que o total da produção de cada um dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Sergipe e Mato Grosso.

Creio bastem essas observações para relevar o sentido e o alcance de sua cultura no Paraná.

A sinopse abaixo vai comprovar que o feijão cobre todas as áreas de cultura no nosso Estado.

Outrora o colhido na Lapa, município incluído nos Campos Gerais, era um feijão amadíssimo e muito disputado nos mercados consumidores.

Embora seu valor fosse em 1952 de Cr\$ 11.064.600.000,00, o que lhe assegura o record no sul dos Estado, tive notícias da decadência de suas plantações naquela comuna.

Certa vez em palestra com o snr. Manuel Ribas, a propósito da Lapa, disse eu que, em vez de construir um Museu dedicado à revolução de 1894 naquela cidade, deviam era criar uma grande estação experimental para o aprimoramento do seu feijão mole; então, como agora, a sua maior riqueza.

O inteligente estadista soltou boa gargalhada. E achou a sugestão excelente.

E ainda hoje se recomenda pela sua oportunidade e utilidade.

Proceda, a um inquérito e apurei que realmente o antigo FEIJÃO-PRÉTO MOLE, corpulento, de casca tenra e muita fécula era muitíssimo apreciado em toda a parte e se tornara afamado como FEIJÃO DA LAPA.

Mas sua raça degenerou, de certo por falta de cuidados científicos. E agora se processa, através da cooperação da Diretoria da Produção Vegetal da Secretaria de Agricultura, um movimento e uma atividade para recuperação do feijão preto mole da Lapa e o incremento de sua cultura, pois ele tem mercado garantido e excelente para toda a sua produção. Eis os dados estatísticos do feijão sobre a colheita de 1952, segundo apuração feita pelo Departamento Estadual de Estatística:

O FEIJÃO E SUA PRODUÇÃO NO PARANÁ EM 1952

MUNICIPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO ESPERADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VALOR TOTAL (Cruzeiro)
ZONA DO LITORAL					
Antonina	64	820	13	200,00	164.000
Guaratuba	5	64	13	200,00	12.800
Morretes	80	1.230	15	180,00	221.400
Paranaguá	69	1.035	15	120,00	124.200
TOTAL	218	3.149	14	166,90	522.400
ZONA DO ALTO DA RIBEIRA					
Bocaiúva do Sul	830	11.460	14	120,00	1.375.200
Cérrto Azul	240	3.700	15	150,00	555.000
Rio Branco do Sul	750	8.600	11	180,00	1.548.000
TOTAL	1.820	23.760	13	146,40	3.478.200
ZONA DO PLANALTO DE CURITIBA					
Araucária	323	8.075	25	100,00	807.500
Campo Largo	1.400	19.500	14	110,00	2.145.000
Colombo	855	29.480	34	150,00	4.422.000
Curitiba	1.490	15.720	11	150,00	2.358.000
Piraquara	2.400	24.000	10	90,00	2.160.000
São José dos Pinhais	2.600	26.000	10	120,00	3.120.000
Timoneira	575	5.750	10	160,00	920.000
TOTAL	9.643	128.525	13	124,00	15.932.500

MUNICIPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO ESPERADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VALOR TOTAL (Cruzeiro)
ZONA DOS CAMPOS GERAIS					
Castro	3.640	36.400	10	150,00	5.460.000
Jaguariaíva	700	13.000	19	150,00	1.950.000
Lapa	1.450	61.470	42	180,00	11.064.600
Palmeira	8.633	88.800	10	78,00	6.926.400
Pirai do Sul	945	17.170	18	120,00	2.060.400
Ponta Grossa	830	8.900	11	168,00	1.495.200
Pérola Amazonas	35	360	10	180,00	65.000
Rio Negro	1.960	32.260	16	130,00	4.193.800
Sengés	145	1.800	12	150,00	270.000
TOTAL	18.338	260.150	14	129,10	33.483.400
ZONA DE TOMAZINA					
Carlópolis	840	9.500	11	130,00	1.235.000
Ibaiti	266	4.800	18	130,00	624.000
Joaquim Távora	170	3.600	21	135,00	229.500
Quatiguá	568	5.680	10	140,00	795.200
Siqueira Campos	854	32.620	38	150,00	4.895.000
Tomazina	1.230	19.900	16	120,00	2.388.000
Wenceslau Braz	535	9.350	17	120,00	1.122.000
TOTAL	4.463	85.450	19	132,10	11.286.700
ZONA DO NORTE					
Abatiã	1.479	50.000	34	120,00	6.000.000
Andaraí	4.566	78.605	17	150,00	11.790.900
Assaí	15.350	300.000	20	140,00	42.000.000
Bandeirantes	10.962	295.000	28	100,00	29.500.000
Bela Vista do Paraíso	1.137	12.700	11	120,00	1.524.000
Cambará	4.450	55.800	13	130,00	7.254.000
Cambé	3.000	65.000	22	120,00	7.800.000
Cinzas	430	11.600	27	120,00	1.392.000
Cornélio Procopio	19.360	193.600	10	120,00	23.232.000
Ibiporã	6.300	85.000	13	120,00	10.200.000
Jacarezinho	950	19.000	20	120,00	2.280.000
Jaguapitã	1.416	15.455	11	130,00	2.009.150
Jataizinho	9.685	69.000	7	180,00	12.420.000
Londrina	10.000	220.000	22	140,00	30.800.000
Porecatu	5.590	348.000	62	100,00	34.800.000
Ribeirão Claro	120	4.250	35	95,00	403.750
Ribeirão do Pinhal	509	12.000	24	80,00	960.000
Santa Mariana	3.200	80.000	25	150,00	12.000.000
Santo Antônio da Platina	992	19.400	20	110,00	2.134.000
Sertãoópolis	10.833	108.330	10	110,00	11.916.300
Uraí	4.864	83.400	17	120,00	10.006.000
TOTAL	115.194	2.126.141	18	122,50	260.424.100
ZONA DO TIBAGI					
Araiporanga	1.936	22.500	12	130,00	2.925.000
Congoinhas	2.759	59.800	22	120,00	7.176.000
Curiúva	370	3.700	10	120,00	444.000
Reserva	4.000	65.000	16	100,00	6.500.000
Tibagi	1.700	39.000	23	120,00	4.680.000
TOTAL	10.765	190.000	18	114,30	21.725.000
ZONA DO IRATI					
Imbituva	2.323	14.400	6	60,00	864.000
Ipiranga	1.200	12.000	10	120,00	1.440.000
Irati	3.200	59.200	19	180,00	10.656.000
Maier	3.535	35.350	10	80,00	2.828.000
Prudentópolis	1.590	20.940	13	160,00	3.350.400
Rebouças	445	8.700	20	150,00	1.305.000
Rio Azul	1.200	30.400	25	110,00	3.344.000
São João do Triunfo	900	14.000	16	72,00	1.008.000
São Mateus do Sul	2.000	20.000	10	120,00	2.400.000
Teixeira Soares	1.096	10.960	10	70,00	767.200
União da Vitória	2.980	44.800	15	140,00	6.272.000
TOTAL	20.469	270.750	13	126,40	34.234.600
ZONA DE GUARAPUAVA					
Guarapuava	6.186	93.764	15	150,00	14.064.600
Palmas	120	2.500	20	150,00	375.000
TOTAL	6.306	96.264	15	150,00	14.439.600

MUNICÍPIOS	ÁREA CULTIVADA (ha)	PRODUÇÃO ESPERADA (sc. 60 kg)	RENDIMENTO POR HECTARE	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VALOR TOTAL (Cruzeiro)
ZONA DO IVAÍ					
Apucarana	15.301	370.000	24	110,00	40.700.000
Araçongas	26.668	266.680	10	120,00	32.001.600
Campo do Mourão	325	15.000	46	150,00	2.250.000
Mandaguari	2.730	80.000	29	150,00	12.000.000
Pitanga	1.790	17.900	10	180,00	3.222.000
Rolândia	10.200	105.450	10	140,00	14.763.000
TOTAL	57.014	855.050	15	122,70	104.936.600
ZONA DO IGUAÇU					
Clevalândia	2.250	28.700	13	120,00	3.444.000
Laranjeiras do Sul	91	2.150	24	90,00	193.500
Mangueirinha	3.800	76.000	20	120,00	9.120.000
TOTAL	6.121	106.850	17	119,40	12.757.500
ZONA SERTÃO DO RIO PARANÁ					
Foz do Iguaçu	515	10.080	20	180,00	1.814.400
TOTAL	515	10.080	20	180,00	1.814.400
E S T A D O	250.866	4.156.149	17	123,90	515.035.000

Essas informações estatísticas e econômicas elucidam vários pontos importantes como o do rendimento da popular leguminosa nas glebas de seu plantio por todo o Estado.

Na zona do norte, assinalam-se os dois extremos da produtividade.

Em Porecatu colheram-se, em 1952, 62 sacas de 60 quilos por hectare, o que equivale a 3.720 quilos. Esse quantitativo é fabuloso, pois em nenhuma das unidades da federação onde houve colheitas de maior capacidade-Território do Rio Branco e Santa Catarina — se quer se atingiu a 1.500 kis por hectare.

A menor produção por hectare verificou-se em Jataizinho com 7 sacas.

No sul, quanto ao volume Lapa com 42 sacas por hectare figura na ponta, seguindo-se-lhe Colombo com 34 sacas o que denota e comprova a fertilidade de suas terras, pois em todas as culturas o seu teor é bastante elevado.

Na bagagem, aparece Ibitubua com 6 sacas por hectare.

Quanto à área cultivada, a maior foi em 1952 a de Araçongas, na zona do Ivaí com 26.668, com um índice baixo de produtividade, isto é, dez sacas por hectare.

A maior colheita se constatou em Apucarana com 370.000 sacas, seguindo-se Porecatu com 348.000, Assai com 300.000, Bandeirantes com 295.000, todos municípios do Norte e do Ivaí.

ÁGUAS MINERAIS E DE MESA DO PARANÁ

Possui o Paraná muitas fontes de águas minerais em seu território.

Elas existem em quase todos os municípios, sendo aparentemente uns mais, outros menos ricos delas.

Há mais de 200 anos, os habitantes de Jaguariaíva e Pirai buscavam a hoje conhecida Água do Lamberdor a que consagraram o nome também de AGUA SANTA. Aquela denominação, porém, é mais expressiva, pois Lamberdor, vocábulo cognato de LAMBER, recorda que o gado ia até suas fontes para lamber o barro que continha sais úteis, denunciados pelo instinto animal.

Na sua preciosa Corografia, editada no século XIX, Sebastião Paraná registrava a existência de muitas fontes nos vários planaltos paranaenses. (Pg. 433)

Já se fazia ali referência à de Santa Clara e outras nos vales do Iguaçu, Jordão, Cavernoso e Ivaí.

Mencionava algumas no município de Tibagi: à margem do Rio Imbaú, duas; uma na fazenda Vorá; uma no bairro do Amparo.

Já citava as de Jaguariaíva.

Chega-se a dizer que nos territórios de Guarapuava, Pitanga e outros do terceiro planalto existem para mais de 100 fontes de águas minerais. Decorrido meio século, diversas fontes começaram a ser exploradas. A de Santa Clara, termal, estudada por efeito de esforços do eminente guarapuavano Dr. Eurico Branco Ribeiro, tem grande clientela.

Desapropriou-a o Estado que pretende montar lá uma estação balnearia. Já construiu o hotel ali.

A do Lamberdor vem sendo freqüentada há mais de 200 anos, e de 15 anos para cá ali se edificou um hotel e a água foi posta no mercado.

Há mais de 40 anos, a de Ouro Fino, no município de Campo Largo, goza de um mercado regular no Paraná. Tem qualidades consideráveis.

A de Iara no norte do Paraná e a de Dorizon na linha sul e outra de Ponta Grossa tem seus admiradores.

Mas, a realidade é esta. A produção de águas minerais é modestíssima, no Paraná.

É o que se depreende destes dados estatísticos:

Anos	Quantidade	Valor
1939	545 t	Cr\$ 329.000,00
1949	718 t	Cr\$ 1.415.000,00
1950	1.071 t	Cr\$ 2.131.000,00
1951	690 t	Cr\$ 1.796.000,00

Como se observa, trata-se de uma estatística sem maior expressão numérica. Entretanto, a existência de fontes espalhadas pela superfície do Estado proclama a importância de um potencial de exploração, já como produção industrial, já como fator de turismo associado àquele aspecto. A industrialização das nossas águas minerais tem de assumir, dentro de pouco, papel de relevo na economia paranaense.

AS NOSSAS ÁGUAS E A PALAVRA DA CIÊNCIA

Vamos, pôr em equação este assunto, dando a palavra aos cientistas.

O grupo do Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológicas conta com valioso acervo de trabalhos de investigações relativamente às águas minerais do Paraná.

Sobre o assunto, os professores Reinhard Malck e Reinaldo Spitzer publicaram um interessantíssimo folheto, de cunho profundamente científico, registrando seus estudos sobre águas paranaenses.

Abrem sua preciosa "plaquette" com estas palavras:

"O Estado do Paraná, como é do conhecimento geral, tem uma base hidrográfica riquíssima.

"De outra feita, embora ainda desconhecidas na sua quase totalidade, sua riqueza em águas minerais é grande. Desde já podemos afirmar que a classificação da maioria se acha enquadrada nas alcalinas sulfurosas.

"As alcalino-terrosas são águas que até o momento, contém o cálcio e encontramos ainda uma água cujo teor de um daqueles cátions fosse sensivelmente maior que o outro. Claro é que se tal não aconteceu, é porque os elementos que deram origem a tais águas, sempre foram dolomíticos. O momento em que a rocha mater fosse, digamos, uma calcita, encontraríamos o esperado.

ÁGUA VERA GUARANI

Foram estes os resultados dos estudos sobre água dos professores Mæck e Spitzner:

Silica (SiO ²)	0.0221 grs.
Sulfato de cálcio (CaSO ⁴)	0.0057 grs.
Sulfato de magnésio (MgSO ⁴)	0.0026 grs.
Sulfato de sódio (Na ² SO ⁴)	0.0079 grs.
Cloreto de potássio (KCl)	0.0011 grs.
Cloreto de sódio (NaCl)	0.0010 grs.
Carbonato de sódio (Na ² CO ³)	0.0741 grs.
Bicarbonato de sódio Na (HCO ³)	0.1260 grs.

Conclusão:

Conforme revela a análise acima, trata-se de uma "água mineral sulfurosa alcalina", segundo o Decreto-lei n.º 7.841, em vigor. (Obra citada pg. 148).

ÁGUA DO LAMBEDOR

Apresenta a seguinte composição esta conhecida água:

Sulfato de cálcio (CaSO ⁴)	0.0084 grs.
Sulfato de sódio (Na ² SO ⁴)	0.0065 grs.
Cloreto de sódio (NaCl)	0.0076 grs.
Carbonato de sódio (Na ² CO ³)	0.0794 grs.
Bicarbonato de sódio (NaHCO ³)	0.1363 grs.
Ácido sulfídrico livre (H ² S)	0.0018 grs.

ÁGUA DE SANTA CLARA

A análise procedida no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas ofereceu este resultado:

Sulfato de cálcio (CaSO ⁴)	0.014 1 g
Bicarbonato de cálcio Ca (HCO ³) ²	0.008 1 g
Cloreto de sódio (NaCl)	0.017 4 g
Carbonato de sódio (Na ² CO ³)	0.077 5 g
Bicarbonato de sódio (NaHCO ³)	0.040 4 g
Bicarbonato de potássio (K HCO ³)	0.009 5 g

Segundo a lei bromatológica em vigor, trata-se de uma água mineral alcalina-sódica.

Não tem indícios de contaminação, o que deve ser confirmado pelo exame bacteriológico.

Nós tivemos a oportunidade de proceder à análise da referida água, inclusive determinações locais indispensáveis.

O nosso resultado concordou plenamente com o obtido no Laboratório da Produção Mineral. (pg. 159).

ÁGUA DE ESTACADAS

Resultou assim a análise feita:

Sulfato de cálcio (CaSO ⁴)	0.0037 grs.
Sulfato de sódio (Na ² SO ⁴)	0.0165 grs.
Carbonato de sódio (Na ² CO ³)	0.0932 grs.
Bicarbonato de sódio (NaHCO ³)	0.0932 grs.
Carbonato de potássio (K ² CO ³)	0.0061 grs.

Conforme revela a análise acima, trata-se de uma "água mineral alcalina-sódica" segundo a lei em vigor. (obra cit. 162).

ÁGUA DE PACATUBA

A composição desta água é a seguinte:

Bicarbonato de cálcio — Ca (HCO ³) ²	0.1139 grs.
Carbonato de cálcio (CaCO ³)	0.0200 grs.
Bicarbonato de magnésio — Mg (HCO ³) ²	0.1184 grs.
Silica (SiO ²)	0.0093 grs.

Conforme revela a análise acima, trata-se de uma água mineral alcalino-terrosa, segundo a lei n.º 16.300. (obra cit. 173).

Sendo o presente trabalho de grande morosidade, pois cada estudo detalhado de uma fonte leva alguns meses, esta é a razão porque apresentamos 3 estudos mais ou menos completos de águas minerais no Paraná, representando cada um a respectiva classificação e zona, porque se tratam de águas que foram por nós estudadas em primeiro lugar, com relativa urgência, em virtude de se referirem a fontes que estão sendo exploradas.

As outras fontes, portanto, pela vez primeira estudadas, aparecem somente com as análises químicas para efeito de classificação, e são trazidas a este trabalho por poderem servir de conhecimento útil para qualquer finalidade geológica, pois as águas, principalmente minerais, têm relação direta com os componentes do solo e das rochas. (ESTUDO CONTRIBUTIVO DE ALGUMAS ÁGUAS MINERAIS DO PARANÁ, pg. 129, Separata de Arquivos de Biologia e Tecnologia).

As fontes estudadas foram estas:

1 — Ouro Fino, em Campo Largo; 2 — Lambedor, Jaguariava; 3 — Santa Clara, Guarapuava; 4 — Estacadas, Guarapuava; 5 — São Benedito, Cerro Azul; 6 — Cerro Azul, no município do mesmo nome; 7 — Iaperuçu, Votuveraba; 8 — Pacatuba, Colombo; 9 — Traqueira, Colombo.

Há outras águas mencionadas pelos dois cientistas no seu mapa cronológico, como as de Cristal, em Campo Largo, Toquinhas, em Cerro Azul, Dorizon, Vera Guarani, Malet, etc. Escrevem os autores ainda, sobre o assunto, estas valiosas informações:

"As águas alcalino-terrosas, no primeiro planalto, encontram-se principalmente na região de distribuição da série Açungui, em contato com suas lentes de calcários, sendo em geral dolomíticas ou dolomito mesmo, intercaladas entre os filitos e quartzitos.

"As águas minerais desta zona têm relação direta com essas lentes de calcários, podendo-se citar como exemplo, as águas de Ouro-Fino, Cristal e S. Caetano, no município de Campo Largo, as águas de Boiximanga, em Timoneira, Santo Antonio em Iaperussu, Cerro Azul e Toquinhas em Cerro Azul, etc.

"Agora a citada região de distribuição da série Açungui, não foram encontrados até agora esses tipos de águas minerais.

"As águas minerais alcalinas com gás sulfídrico "sulfurosas alcalinas", foram verificadas no segundo planalto paranaense, somente quando verdadeiras das fendas eruptivas básicas, e são águas frias, cuja temperatura constante para cada água varia de 16º a 19º C.

"Como representantes destes tipos de água podemos citar na região de voniana a água Lambedor, de fonte Santa Elcídia, no município de Jaguariava e na região triássica as fontes Dorizon e Vera-Guarani no município de Malet.

"As rochas eruptivas que preenchem fendas de arrastamento post-triássicas, são construídas em primeiro lugar por diabásio, podendo também encontrar-se rochas andesíticas e dacito-porfíritos nos alargamentos em forma de "necks" ou chaminés.

"A ocorrência do terceiro tipo de águas minerais, as "alcalinas", no terceiro planalto, são ligadas às fendas de diálases e aos planos limítrofes dos diversos lençóis básicos, dos quais as águas circulam e se elevam.

"Todos esses tipos de água até agora verificados são hipotermiais, cuja temperatura oscila entre 27º e 29º C.

"Como representantes principais destes tipo de água temos a Santa Clara e Nossa Senhora de Lourdes em Cândói e Estacadas, tôdas em Guarapuava." (Obra citada pg. 131).

Darei a seguir os exames de algumas das águas de maior valor do Estado, para comprovar a assertiva sobre a nossa riqueza nesse terreno.

OURO FINO

Eis a sua composição, consoante as pesquisas dos dois mestres:

Sulfato de cálcio (CaSO ⁴)	0.0005 grs.
Cloreto de sódio (NaCl)	0.0029 grs.
Bicarbonato de cálcio Ca (HCO ³) ²	0.1030 grs.
Bicarbonato de magnésio — Mg (HCO ³) ²	0.0913 grs.
Bicarbonato de sódio (NaHCO ³)	0.0042 grs.
Bicarbonato de potássio (KHCO ³)	0.0017 grs.
Silica (SiO ²)	0.0108 grs.

Conclusão:

Conforme a análise acima, trata-se de uma água "mineral alcalino-terrosa", segundo a lei bromatológica.

Nota-se que há perfeita concordância, sendo portanto a vasão atual a mesma que a que alimentava a captação antiga.

A fonte Ouro Fino está sendo explorada há mais de 40 anos. É conhecida e estimada em vários centros populosos não só do Estado, como de outros pontos do país. Em vista da pobreza geral dos nossos solos em cálcio, bem como das próprias águas, a reação sobre o organismo, principalmente dos adolescentes, logo se faz sentir, como calcificador. (pg. 140 obra citada).

AS RIQUEZAS MINERALÓGICAS DO PARANÁ E SUA EXPLORAÇÃO

É o Paraná um Estado privilegiado. Na distribuição de riquezas, proporcionou-lhe Deus tudo quanto a civilização exige para seu progresso e seu fortalecimento.

Para não alongar-me em diásporas, basta registrar aqui que seu território possui ferro, carvão, petróleo, xisto pirobetuminoso, material de primeira ordem para fabricação de cimento e as maiores reservas de água do continente e do mundo.

Dispõe, portanto, de elementos indispensáveis à para poderosas indústrias básicas. Relativamente ao ferro, evocemos, à ligeira, alguns fatos históricos. Quando da vida das famosas reduções no nosso Oeste, fundadas e mantidas prósperamente pelos jesuítas em sua célebre República Teocrática de Guaiaçu, possuíam fornos para redução de ferro. Foram encontrados vestígios de detritos desse minério nas ruínas das cidades devastadas pelos intinoratos Bandeirantes paulistas.

Mais tarde, no século XVIII e no XIX, na região de Castro, todos os objetos caseiros eram fabricados de ferro, obtido em pequenos fornos locais: fechaduras, dobradiças, machados, foices, ferraduras, etc.

Em Antonina, há depósitos colossais daquele metal. Mais de uma vez se lhe tentou a exploração das jazidas. Antes da última guerra, fizeram-se preparativos para exportação de minério, tendo sido entabulados contratos para fornecimento à República da Polónia. Seu teor metálico era alto: 0,68%. Técnicos da época julgavam-no superior ao de Novorok, Noruega.

Uma das últimas atividades, — ou melhor, — uma das últimas campanhas do falecido professor Lisimaco Ferreira da Costa consistiu em elaborar um plano gigantesco segundo o qual Curitiba seria transformada no maior parque mineralógico da América do Sul, com capacidade de abastecer dos produtos e subprodutos de ferro todo este continente e até a Europa. Com sua desanexação, seu sonho entrou em latência.

Mas outros espíritos empreendedores retomaram a idéia do aproveitamento do ferro da região curitibana. Fundou-se, para isso, uma sociedade, capitaneada por membros da Família Mulier, passando o grupo a constituir hoje uma Sociedade por quotas denominada Usina Siderúrgica Marumbi Ltda., conhecida pela sigla USIMAR. A matéria-prima apresenta teor metálico elevado.

Está com seus fornos montados em Rio Branco do Sul, onde existe minério de ótima qualidade e a possibilidade de obtenção de coque de carvão vegetal garante o funcionamento da usina.

Além de matas nativas, a empresa procede à formação de bosques de plantas adequadas, de sorte a fustar plena e permanentemente assegurado o abastecimento da matéria combustível.

A USIMAR pretende iniciar a fabricação de ferro gusa em julho próximo (esta informação está sendo redigida em fim de maio de 1953) com uma produção mensal de 600 toneladas. Ela trabalhará com matéria-prima de teor de 40% a 55%.

Estende-se o nosso lençol de carvão por vasta faixa que vem do nordeste, cortando o Estado em diagonal até o sul, onde a chamada região do Itati conta com reservas enormes desse minério.

Vale a pena assinalar que há cerca de 3/4 de século, em 1873, o grande André Rebouças redigiu esta nota em seu DIÁRIO, com data de 2 de janeiro daquele ano: "ESCREVI PELA MÃNHA AO ANTONIO (Anônimo Rebouças seu irmão que vivia na província do Paraná), chamando sua atenção e pedindo informações sobre a mina de carvão de pedra descoberta na Volta Grande, no Rio Iguaçu, província do Paraná" (pg. 221).

Não adiantou nada o interesse do notável negro. Já atravessamos mais de metade do século XX e, apesar de algumas companhias extraírem carvão no norte do Paraná, nossa produção não é ainda apreciável. Não pesa na nossa balança comercial, nem em nossa economia.

Sugere o Governador do Estado o aproveitamento local do nosso carvão para o que lembra a montagem de usinas termoelétricas cujo combustível será aquele minério.

Quanto ao xisto, desde muitos anos que o seu aproveitamento tem sido objeto de preocupações e estudos.

No século passado, alguns empreendedores de São Mateus do Sul tentaram-lhe a exploração, não saindo de experiências.

Um idealista, Pedro Angeviter, — o Perna de Pau — aplicou-se, durante anos, ao ingente esforço de extrair gasolina do xisto naquela localidade, por processo seu.

Embora lutando com enormes dificuldades financeiras, organizou uma destilaria. E lograva extrair regular quantidade de combustível.

Sua tenacidade e seus resultados impressionaram o Governo da União e do Estado, tendo sido sua pequena aparelhagem desapropriada.

Técnicos do Instituto de Biologia e Tecnologia voltaram sua atenção para o xisto da parte média da bacia do Iguaçu. E aprofundando suas pesquisas, chegaram a conclusões impressionantes e de caráter prático.

Realizaram essa tarefa os Drs. Ludovico João Weber, Luiz Miguel de Queiroz e José Paim de Andrade que editaram um interessante folheto com os resultados de suas investigações.

Segundo os estudos dos especialistas citados, a extensão da faixa do Grupo Itati é de 420 quilômetros, importando sua existência em 200.000.000.000 (duzentos bilhões) de toneladas.

A extração de apenas 1/10 (um décimo) desse total, isto é, 20.000.000.000 (vinte bilhões de toneladas) de xistos betuminosos, a céu aberto, de fácil exploração, com rendimento médio de 8% em óleo, representa uma reserva de 1.600.000.000 de toneladas de óleo bruto, além dos subprodutos, como águas amoniacais sulfúricas, resíduos, etc.

Os números acima citados dão idéia precisa da riqueza latente em com-

bustível, que constitui, em verdade, uma fonte capaz de suprir as necessidades do Paraná e de outros Estados da União por tempo indeterminado.

Estudos teóricos vêm sendo efetuados. E experiências se efetivaram no Instituto de Química do Paraná e na Fábrica de Curitiba, do Exército. Por sua vez os trabalhos e pesquisas mais detalhadas e de caráter industrial começaram seus objetivos em uma usina piloto com capacidade diária para duas toneladas de xisto, instalada nos terrenos do ex-Instituto Técnico de Astronomia, Veterinária e Química do Paraná.

Durante dois anos, os mais diferentes ensaios foram ali executados com xistos procedentes da fazenda Tomaszek, do município de São Mateus do Sul. Toda essa série de estudos e trabalhos sobre rochas betuminosas deram incontestáveis e reais provas da possibilidade de sua exploração com vantagens econômicas. (Todas as informações retro foram respaldadas do folheto INDUSTRIALIZAÇÃO DO XISTO PIROBETUMINOSO DO PARANÁ, pgs. 9 e 10). Nesse mesmo trabalho, consta o plano para a execução da exploração do precioso minério não metálico. Eis do que consta ele:

"O conhecimento de nossas rochas pirobetuminosas, fruto de prolongadas experiências, pesquisas e trabalhos, leva-nos a inserir aqui, a título informativo, linhas gerais do plano para industrialização dessa portentosa riqueza.

A efetivação desse plano, não temos dúvidas, trará para o Estado reforços de inegável valor para construção rápida de seu progresso, de sua economia estável e alargamento de bem-estar à sua comunidade. Desse modo a execução do plano assentaria nas condições seguintes:

Instalação sucessiva de cinco usinas para destilação destrutiva das rochas oleígenas, com capacidade de 1.000 toneladas cada uma, situadas em diferentes municípios e uma refinaria central, localizada nas imediações de Curitiba, com capacidade inicial de 2.500 barris diários. Em cada usina, os xistos serão destilados em bateria de 5 a 60 retortas duplas, com capacidade de 10 toneladas diárias cada uma. Além disso, empregará-se um forno contínuo com capacidade diária de 500 toneladas. Assim, o funcionamento das 5 usinas fornecerá, diariamente, 500 toneladas de óleo bruto, que será tratado na refinaria central. As águas amoniacais sulfúricas, resultantes da destilação dos xistos, passarão por tratamentos químicos, nas respectivas usinas, para obtenção de sais de amônio. O combustível necessário para o funcionamento das usinas, será o próprio gás obtido na destilação das rochas.

Com referência à refinaria central, lembramos que a mesma pode operar tanto com óleo de xisto como com petróleo de poços. Assim sendo, essa refinaria poderá tratar, de início, petróleo bruto importado, como fazem o Uruguai e a Argentina, até que as usinas do interior estejam em pleno funcionamento e possam ir substituindo o óleo cru importado. A instalação de cada usina no interior, será precedida por uma usina piloto, móvel, que indicará as zonas de melhor aproveitamento. Com base numa série de estudos tecnológicos, pode-se estimar o rendimento de uma usina de 1.000 toneladas diárias da maneira abaixo:

100 toneladas de óleo bruto;
120 mil litros de águas amoniacais sulfúricas;
50.000 m³ de gases incondensáveis, dos quais se extrai 15.000 m³ de gás sulfúrico (H₂S) e 35.000 m³ de gases combustíveis.
Dos 15.000 m³ de gás sulfúrico, pode-se obter 21 toneladas de enxofre.
Dos 120.000 litros de águas amoniacais se obter 9 toneladas de sulfato de amônio, segundo teor médio de nitrogênio.

Da destilação do xisto, resultam mais ou menos 750 toneladas de resíduos, que constituem matéria-prima para fabricação de cimentos tipo "Portland" e tipo "Luranite" USA, estratégico, à base de silicato de alumínio e ainda, parte ponderável dos resíduos pode ser utilizada como pó de mineral.

Em consequência, a produção total diária, das 5 usinas será de:
500 toneladas de óleo bruto;
600.000 litros de águas amoniacais sulfúricas; donde se extrai 48 toneladas de sulfato de amônio;

75.000 m³ de gases combustíveis;
107 toneladas de enxofre; e
3.750 toneladas de resíduo mineral.

Foi enviada à Europa e Estados-Unidos uma comissão de Professores do Instituto de Biologia e Tecnologia para se aperfeiçoar em assuntos ligados com a exploração do xisto.

Essa viagem produziu bons resultados. O Governador enviou uma mensagem ao Congresso Estadual propondo medidas para se atingir à parte prática da criação da indústria em apreço.

Quanto ao petróleo, já chegaram ao município de Jacarézinho a maquinaria do Conselho Nacional de Petróleo para proceder aos trabalhos de pesquisa.

Acham-se ali técnicos dos mais competentes, que iniciarão já a sua missão. São das mais promissoras as perspectivas dessa iniciativa, esperando-se, afinal, jorje o combustível naquela região.

Se falhar, porém, isso não significa o fim, mas apenas o começo das prospecções, pois noutras zonas do Paraná existem veementes indícios daquele óleo.

Quanto ao cimento, organizou-se recentemente importante companhia denominada de Cimento Portland de Rio Branco do Sul, filiada ao poderoso grupo da Votorantim de São Paulo.

Ela montou suas usinas. E estas já vão entrar em funcionamento, por 29 de junho de 1953 se inaugurará oficialmente, passando a produzir 300 toneladas diárias. No ano próximo dobrará essa quantidade e, cada ano, pretende promover a sua duplicação.

A matéria-prima existente na região é de primeira qualidade e inextinguível. Para seu escoamento fácil, está o Governo construindo uma rodovia asfaltada ligando Rio Branco do Sul a Curitiba.

Agricultura

Comienza el autor, aquí, por señalar el hecho — raro en el Brasil de hoy — de la ausencia, en el Paraná, del pernicioso flujo del trabajo trabajador, del campo hacia los centros urbanos: 74% de toda la población del Paraná está firmemente radicada en los campos.

Realza los beneficios traídos por las fuertes corrientes inmigratorias, que en el Paraná persisten en sus actividades agrarias típicas, y sobre cuya exuberante productividad esboza gráficas interesantes y concluyentes.

Trata la agricultura del Paraná, por páginas seguidas, bajo el aspecto estadístico, revelando la prometedora cadencia de su ritmo progresista, resultando, del conjunto, la impresión que el Estado posee verdadera policultura de productos esenciales, desde el maíz y el café, hasta el poroto, el algodón, el arroz y el trigo, siendo de esperar gran desarrollo para la papa (cuya última cosecha excedió los cien millones), la cebolla y la batata, así como frutas de mesa.

En 1951 el Paraná el 3.º lugar en el orden de colocación de las mayores potencias productoras del Brasil, superado sólo por São Paulo y Minas Gerais y vencido hasta el Rio Grande do Sul que hasta 1945 le llevaba bien la ventaja.

Quanto a la industria pecuaria, revela el autor la existencia de grandes rebaños, sobresaliendo la cría de bédicos con casi 1 millón y 200 mil cabezas y la de cerdos con casi 3 millones. Aborda el empeño hecho por los ganaderos en el sentido de mejorar las razas con la importación de reproductores de primer orden, y del Estado, con la manutención de puestos zootécnicos y de estaciones experimentales que realizan trabajo de gran valor para los rebaños del Paraná.

Industria

El autor, siempre fundado en las mejores estadísticas, nos traza un luminoso panorama del incremento industrial del Paraná, donde se percibe, de paso, la existencia de 4.678 establecimientos industriales, de los cuales cerca de mil dedicados a la industria de madera, 643 a la de los minerales no metálicos, 293 a la del mobiliario, 129 a la extracción de los productos vegetales, una centena a la de los minerales y media centena a la construcción y el montaje del material de transporte, hay decenas de otras que se dedican al material eléctrico, al papel, a las artes mecánicas, realizándose aún 113 establecimientos dedicados a la metalurgia.

Esto sin hablar en los productos alimentales (1.505 establecimientos), en las industrias químicas y farmacéuticas, en las de cueros y pieles, de tejidos y calzados, de bebidas (más de trescientas!), en las editoriales y los talleres gráficos, etc.

El valor global de la producción industrial del Paraná sumó, en cifras redondas, 5 billones y 200 millones de cruzeiros solamente en 1951. El número de personas dedicadas a los menesteres industriales llegó a casi 30.000 en aquel año, siendo cerca de 43 mil obreros con un salario total de más de 320 millones de cruzeiros.

A pesar de todo esto, se nota la insuficiencia más que modesta del parque industrial del Paraná, en vista de sus extraordinarias posibilidades. El autor promete explicar las causas de esta modestia en capítulo subsiguiente.

Movimiento Bancario

Aborda el autor el problema bancario con palabras de cáustica crítica a la situación creada por el conjunto de Bancos que sirven el Estado, donde nota la falta de cualquier organización o sistema, y la pernicioso simplificación representada por el restringido mecanismo de depósito y descuento.

Señala la morosidad del financiamiento, burocrático e intempestivo, a pesar de las reales posibilidades representadas por el número de establecimientos de crédito y agencias diseminadas por todo el territorio del Estado: en 1951 había 56 plazas servidas por 178 bancos y otras 71 plazas con cerca de 250 agencias.

Realza, todavía, el excelente trabajo desempeñado por la red de la Caixa Económica Federal en el estímulo a la actividad reproductora.

Mercado Interno

Subraya el autor, en primer lugar, la vital importancia que representa para la economía de un país el fortalecimiento de su mercado interno y compara, en este sentido, la espantosa debilidad del nuestro con el exuberante vigor del norteamericano, por ejemplo.

Registra, en el Brasil, la discrepancia abismal entre la capacidad adquisitiva del Norte, aislado por la intermitencia de las secas, y del floreciente Sur. E indica a las unidades meridionales de la Federación, el indeclinable deber de prestar auxilio al Septentrion para fortalecimiento y crecimiento del Brasil, como conjunto económico.

Enriquece y documenta este capítulo con numerosos datos estadísticos sobre el movimiento del comercio inter-estatal, donde resalta que el Paraná es de los Estados que más exportan para el resto del Brasil, siendo que, puesto frente a frente con el coloso São Paulo, nada le queda debiendo, pues, mientras que este importa mucho más que exporta a los otros Estados, la posición del Paraná es precisamente la inversa: abastece los demás mercados en mucho mayor volumen que el volume exigido por su propio abastecimiento.

Comercio Internacional

Después de hacer contemplaciones sobre las perturbaciones del comercio internacional a fuerza, todavía, del último conflicto mundial, estudia documentadamente la posición del Brasil, careciente de divisas, vendiendo apenas 32 billones y siendo forzado a comprar 37 billones, lo que lo obligó a contraer amplio empréstito en los Estados Unidos.

Entre los Estados brasileños que obtuvieron saldo positivo en el comercio con los Estados Unidos, el Paraná obtuvo un honroso primer lugar con cerca de 189 millones de dólares de ventaja sobre el coloso del norte, lo que lo coloca mucho encima de la posición de Bahía (2.º lugar) con 48 millones y 500 dólares.

En la coyuntura de 1952, la contribución del Paraná fué valiosísima para apoyar las posibilidades del Brasil en moneda fuerte.

Informaciones Estadísticas, Sociales y Económicas

En páginas llenas de vivo interés, se extiende el autor en el examen de datos del movimiento de las escribanías y de los abogados del Paraná, en 1951, del número de reses matadas, de los 100 periódicos de noticias, literarios, deportivos, científicos, etc. (con una tirada media de cerca de 2.000 ejemplares).

Enumera las 24 estaciones emisoras con sus 72.751 emisiones, distribuidas en programas educativos, culturales, recreativos y folklóricos.

Analisa el movimiento religioso de los tres cultos principales — el católico, el protestante y el espiritista — entre los cuales se destacan el primero por el enorme número de fieles y templos, contra los 40 mil miembros de las iglesias protestantes y los 8.600 adeptos de Allan Kardec.

Se extiende en datos estadísticos sobre los divorcios y los crímenes criminales, sobre la actividad de los sindicatos (59 sindicatos), sobre el movimiento de las cooperativas (56 en junto, siendo 18 de consumo, 29 de producción, 7 de compra y venta y dos de crédito en común, con cerca de 29.000 asociados y un capital global de 27 millones).

Realza la existencia de las 29 cooperativas de producción, la más discutida y hasta negada de las formas cooperativas, capaz de resolver la ardua cuestión social, por lo menos en parte, y que, en el Paraná, supera hasta las de consumo.

Relata las 128 canchas de deportes, enumera las grandes competiciones, los espectáculos públicos, el movimiento de los cines y teatros, recitales y conciertos. Señala las 308 asociaciones culturales del Estado, (117 de cultura física, 11 de cultura intelectual y artística y 180 de cultura social en general).

Historia los congresos, conferencias (724), exposiciones (90), solemnidades cívicas (174), excursiones y campamentos (889), reuniones recreativas (2.470), todas apenas en el año de 1951, etc., etc.

Hasta el vasto movimiento de los hoteles y de los teléfonos etc bajo la mirada rigurosamente estadística del autor.

Energía Eléctrica, Aguas Corrientes, Salud Pública: Conclusión

Finalizando su importante trabajo de síntesis, realiza interesantes aspectos del vital problema de la energía eléctrica, estudiando proyectos, y, por fin, de la salud pública donde se nota un vasto empeño en pro del progreso y mejoramiento general.

Como conclusión genérica, deja el autor transparecer su pensamiento: el Paraná está en proceso de febril desarrollo para volverse una de las más formidables potencias económicas en el Brasil. Mucho ya se ha de su enorme pujanza, a lo largo de los caminos del progreso, llenos de realizaciones crepitantes.

NORTE DEL PARANÁ

Comienza el autor su erudito trabajo sobre el Septentrion del Paraná, por darle la forma cartográfica — un vasto rectángulo curvilíneo — ideal que sigue el paralelo 24, al norte el río Paranapanema, al sur la línea el río Paraná), al este el meridiano de 40ºW y al oeste

Se extiende, en seguida, por páginas y páginas, en la narrativa de las innumerables leyendas que la imaginación popular tejó, durante los

siglos, en torno de esta amplia y maravillosa región. El Dorado de los antiguos y País de la Tierra Violeta de los explotadores modernos.

Cuenta de las explotaciones antiguas, de los "bandeirantes" que le hallaron el suelo, de los viajes del legendario Zúñe, de los primeros caminos abiertos en el corazón de la selva virgen, de los empeños de los Rebouças por la apertura del estratégico ferrocarril durante la campaña del Paraguay y del establecimiento de la colonia militar en Jataí a mediados del siglo pasado.

Pero fué apenas en este siglo que los brasileños descubrieron las fabulosas riquezas que los esperaban en el portentoso País de la Tierra Violeta: uno de los más fértiles del mundo y seguramente el mejor para la plantación del café. Después de narrar las diversas migraciones pehincadoras hacia el norte del Estado, a fines del siglo pasado y principios del actual, pasa al análisis del verdadero milagro que fué y que es, en el siglo XX, la multiplicación de sus ciudades.

"Se ve constantemente, en relatos y conversaciones sobre el País de la Tierra Violeta, referencia a dos secciones de este rectángulo septentrional del Paraná: el Norte Viejo y el Norte Nuevo." El primero, constituido por lag tierras debajo del Cambará hasta la ribera del Itararé, comprende los municipios habitados por descendientes de los mineros y antiguos habitantes de São Paulo que antes fueron sus primeros colonos. Estas comunidades brotaron, de mes en mes y hasta de semana en semana, a lo largo del avance de los diques del ferrocarril poblador y productivo São Paulo-Avance.

"Pero el impulso espantoso y sin precedentes en el mundo, de este nacimiento de poblaciones, tuvo su momento simfónico e impresionante con él de Lourina, la Ciudad Milagro de la civilización de América y del Universo." Hasta 1931, la región era cubierta por espesa selva. En 1930 había apenas dos ranchos en la zona suburbana: y el milagro se produjo. Se abrieron los diques de la invasión de pueblos y "torrentes humanos empezaron a distancarse hacia allí en un ritmo sin igual en el universo". El novel núcleo se bautizó con el sugestivo nombre de Londrina, y en 1940 los dos ranchos de 1930 se habían transformado en 2.240 casitas con más de 10.500 habitantes. En 1950 el censo oficial registró 6.000 edificios con 50.000 habitantes solamente en la urbe, siendo que el municipio — hay dos décimas partes selva virgen — ya contaba con más de 75.000 pobladores.

La cifra de transacciones del municipio se elevó de poco más de 1 millón (1941) a casi 11 millones en 1949.

En 1930 no había en el Norte Viejo ninguna casa bancaria: de las actuales 75 agencias bancarias del Paraná, 46, o sea 61%, están situadas en aquella región.

En 1943, 11 años después de su fabuloso apareamiento en la geografía brasileña, la ciudad milagro sufría un desmembramiento que creaba 5 otras, arañandole 2.600 km² de superficie. Así mismo, "Londrina representa el gran arranque para el progreso septentrional, pues fué su evolución espantosa que despertó el mundo para su milagro."

Inserta el autor, en seguida, diversos cuadros informativos, en que aparecen las poblaciones del llamado Norte Viejo en 1920, y después las mismas en 1937, incluyéndose los nuevos municipios que, con otros, constituyeron el Norte Nuevo: se verifica un condensamiento demográfico simplemente portentoso.

Se extiende el autor, después, en la enumeración de otros prodigios del País de la Tierra Violeta: Ipirorá, Rolândia, Araçongas, Apucarana, Mandaguari, Marialva, Maringá, Mandaguari para citar apenas las servidas por ferrocarril. Son otros tantos milagros, en esta región donde el milagro ya es una regla y el hecho normal apenas la excepción que la confirma.

Maringá, por ejemplo, hace 11 años ni siquiera figuraba en los mapas. En 1947 la empresa urbanizadora pensó en la práctica de un plano definitivo de fundación: cinco años más tarde era elevada a municipio y elegía un prefecto. Contaba ya con 3.000 edificios urbanos y cerca de 20.000 habitantes. Su primero establecimiento bancario fué abierto en 1948. Hoy ya posee 8 agencias bancarias con depósitos de casi cien millones. Posee un muy buen gimnasio y una plantación de café superior a 20 millones de cafetos.

Después de estudiar extensamente la urbanización de las ciudades nuevas del Norte del Paraná, sus procesos de venta, la multiplicación de vías de transporte, la "cintura verde" de hortalizas, leche y huevos que las circundan y otros detalles interesantes, discurse sobre lo que hay de fantasía y de realidad sobre la fertilidad de las tierras septentrionales, pasando la palabra a eminentes personalidades científicas que aseveran la preponderancia del elemento verdad sobre el elemento fantasía en estos relatos.

Completando sus informaciones sobre la riqueza del suelo de la región estudiada, el autor inserta tres cuadros extractados del precioso folleto de Manek sobre la "Distribución de las Lluvias anuales medias en las regiones de las selvas de 1.^a, 2.^a y 3.^a altiplanicie y del valle del río Paraná". Son gráficas de grande riqueza sugestiva.

El conjunto de este capítulo nos deja la impresión de una región fabulosamente, astronómicamente y variadísimo rica, que aguarda apenas más y siempre más brazos, más empeños — poco difíciles — y

una orientación gubernamental firme e inteligente en la continuidad de planes bien elaborados, para valerse una de las mayores y más fuertes potencias económicas de toda América.

LA INDUSTRIA

El autor comienza aquí por sugerir que la industrialización de su Estado debería, en buena lógica, ser precedida por una amplia base agrícola, una vez que más de 70% de toda la población del Paraná vive y trabaja en los campos.

Pero acontece, como realiza el autor, que la industrialización es imperativo inevitable de la civilización y los pueblos de hoy son partidos en "desarrollados" o "poco desarrollados" conforme predomine en sus actividades económicas la industria o la agricultura.

Muestra, en seguida, como, sin embargo, no hay potencias exclusivamente agrícolas o exclusivamente industriales. Discurre con grandes conocimientos de causa sobre la extensa e intensa práctica agraria norteamericana, y concluye que "un examen particularizado haría oscilar la concepción que la patria de Lincoln es por excelencia una nación industrializada".

Repele la práctica de industrias artificiales, preconizando el fomento de la agricultura de acuerdo con la geografía botánica, y la organización de la industria según las posibilidades de abastecimiento de materia prima.

Particularizando, en seguida, muestra un Paraná dotado de condiciones excepcionales para la policultura, y al mismo tiempo con elementos de sobra para una vasta industrialización, la cual, como se puede verificar, ya, empezó.

Para tal fin, inserta un cuadro estadístico en que se presenta la situación industrial de los diversos municipios, la suma de cuyas columnas acusa una producción global de la industria del Paraná, en 1950, en el valor de Cr\$ 3.668.355,00. Además, resulta de este cuadro, el primado de Curitiba, que ocupa hasta hoy el primer lugar en la producción industrial (25%).

Ajunta como industrias de considerable futuro en su Estado, la del cemento, la siderúrgica, la del mobiliario, la del azúcar y del alcohol, del papel y cartón, la de cerámica, etc., y concluye afirmando que la llave de su rápido desarrollo reside en el abastecimiento abundante y económico de energía eléctrica.

EL CAFÉ

Empieza el autor relatando la llegada de la primera estaca de café en el Brasil, en 1727, proveniente de la Guayana Francesa, para trazar una rápida esbozo histórico de su propagación por el país que sería un día su mayor cultivador y exportador en todo el mundo. Recuerda el retroceso de la productividad en Rio de Janeiro y el vertiginoso ascenso de São Paulo: después, la declinación del cultivo del Paraíba y la marcha rumbo al oeste, del precioso vegetal, alcanzando primero Campinas y de allí se extendiendo hacia Ribeirão Preto, donde llegó al apogeo mundial. Realiza, sin embargo, que esta marcha encierra una preciosa lección sobre uno de los característicos dominantes del café: es errático.

Se extiende después en el análisis estadístico del movimiento de exportación del oro verde, y, particularizando, señala que el café ya supera, en el Paraná, en 61% el valor de la producción general, pues sumó esta última 7.400.000.000,00 de cruzeiros en 1952, mientras que la del café, sola, alcanzó la cifra de Cr\$ 4.525.660.215,00 en aquel mismo año.

La preciosa "coffea arabica", siempre errante, atravesó el Itararé y el Paranapaema, descubriendo finalmente su nueva tierra de promisión: el norte del Paraná, donde la magnífica tierra violeta llegó a producir 200 y más arrobas por mil cafetos!

Por páginas seguidas se demora el autor en erudita investigación sobre la entrada del café en su Estado, (afirmando que los primeros cafetos allí plantados, lo fueron en la zona del litoral, en Paranaguá, Guaquegaba, Antonina y Morrães) y sobre las formas de su cultivo (aseverando que la técnica de limpieza del yerval empleada en relación al yerba mate, hace oscurecer la plantación aunque lentamente; que el café, como el mate, es esencialmente umbrófilo, de manera que la más aconsejable, tanto para uno cuanto para otro, es la técnica de sombrear).

Después de se extender aún en interesantes estudios históricos sobre el maravilloso café, enriquece el capítulo con varios cuadros estadísticos de grande valor, entre los cuales se destaca el referente a la exportación del oro verde por el puerto de Paranaguá entre los años de 1916 y 1932: verificase el colosal aumento del movimiento del puerto, que de los 40 modestos sacos que exportó en 1916, o de los 4 de 1920 y 1923, pasó a 3 millones ciento y cincuenta mil sacos de 60 kilos cada uno en 1952!

Se explica así el hecho que el puerto de Paranaguá ha alcanzado un honroso 3.^o lugar entre los puertos de mayor movimiento comercial del Brasil, superado sólo, actualmente, por Santos y Rio de Janeiro.

Finalmente, inserta en su trabajo una recentísima estadística que

eleva el número de sacos salidos por el puerto de Paranaguá a casi 4 millones ciento y cincuenta mil, y coloca el Estado del Paraná en el 2.º lugar entre el Brasil, como exportador de café.

EL TRIGO

El Paraná producía trigo ya en los tiempos coloniales. Cuando Saint-Hilaire visitó la 5.ª Comarca de São Paulo de entonces, encontró en Curitiba numerosos molinos de viento para la molienda del cereal rey.

Parte de ahí el autor, para retrazar la historia del trigo en el Paraná, inclusive transcribiendo diversos trozos de documentos históricos de gran interés y enumerando los nombres ilustres que, en su Estado, en diferentes épocas, hicieron empeños de profundo espíritu público a favor de la noble cultura. Llegando así a los tiempos modernos, relata la campaña de Romário Martins, durante la administración de Afonso Camargo, intitulada "Cruzada del Trigo", de la cual resultó, finalmente, entre muchos otros beneficios, la creación de una simiente de raza, el Trigo Marumbi, "resistente a todas las enfermedades que afectan la especie, de adaptación comprobada, prolífica, productora de excelente harina" y perfectamente aclimatada en nuestro medio climático. Los amplios conocimientos de biología vegetal y sobre todo de genética botánica del eminente técnico francés Jorge Polysu contribuyeron mucho para resultado tan prometedor.

Fue del trigo Marumbi que partió casi toda la obra de busca y preparación de la simiente nacional, ligándose a él estrechamente las variedades Frontana, DG 1 y hasta Bagé, hoy tan difundidas por su excelente rendimiento y su inmunidad a las plagas.

Pasa el autor a las gráficas, demostrando la continuidad del empeño de aumentar la cultura del trigo en su Estado, que de 1 millón y 400 kilos producidos en 1924, pasó a la soberbia cifra de casi 20 millones de kilos en 1932, y alcanzó, en 1932, una producción total de casi 47 millones!

A pesar de estos empeños, el Brasil continúa a importar trigo en cantidades verdaderamente monstruosas, como el autor demuestra. Son grandes los pedidos que ha menester para libertar el País de esta importación antieconómica. Y en este espíritu, después de establecer en amplio cuadro estadístico el trabajo de los municipios del Paraná en este sector, el autor considera oportuno parafrasear el gran almirante brasileño y, en la batalla del trigo, como en la de Riachuelo, llamar a todos los brasileños a cumplir su deber, cooperando para el fomento de la triticultura, lo que representa una verdadera campaña de liberación económica nacional.

EL MAÍZ

Después de recordar la íntima ligación existente entre el maíz y el poroto, ambos constituyendo, desde hace siglos, los dos platos de resistencia de la mayoría de la población brasileña, traza un rápido esbozo histórico de su uso entre los amerindios de la época antes de Cabral y de su aprovechamiento por los portugueses, realizando su carácter de universalidad en el amplio territorio brasileño.

Anota, en seguida, la interdependencia entre la cultura del maíz y la cría de cerdos, éste "funcionando como el proceso más lucrativo de ensacar y exportar el maíz", añadiendo datos sobre la producción brasileña del grande alimento, solamente vencido en cruzeiros por la del café beneficiado.

Añade que, en la fisiografía originalísima del Paraná, síntesis de las más diversas situaciones cósmicas y climatológicas del mundo, el maíz crece en abundancia, en todos los municipios, siendo que, en conjunto, su producción entre las plantas temporáneas ya pasó por encima de un billón, siendo superada apenas por la cultura permanente del café. Respecto a la cosecha del maíz, el Paraná ocupa el 4.º lugar entre los Estados brasileños, siendo solamente vencido por Minas Gerais, São Paulo y Rio Grande do Sul.

Relata las diversas campañas emprendidas en el Estado en favor del mejoramiento del maíz, inclusive la introducción del tipo híbrido, que sobrepaja el común en rendimiento y precocidad.

Estudiando la gran posibilidad de colocación del maíz tanto en los mercados nacionales como en los extranjeros, afirma el autor su creencia en el futuro de esta grande cultura, apuntando los elementos capaces de hacer que ella se desarrolle: abundancia de silos, simplicidad y omnipresencia de crédito, y propaganda inteligente y bien orientada sobre su inestimable valor nutritivo y económico, tanto en las ciudades como en el interior del país, tanto para la alimentación humana como para la sustentación y cehadura de rebaños enteros, principalmente del cerdo.

Finaliza su trabajo exponiendo amplios cuadros estadísticos sobre la producción del valioso cereal en los diversos municipios del Estado del Paraná.

De área fitogeográfica muy dilatada, el *Ilex Paraguensis* vegeta en numerosos países sudamericanos. Los indios del Brasil, que ya lo conocían muy antes de la llegada de los europeos, lo llamaban *C.A.A.*, siendo que este nombre, los padres jesuitas de los tiempos de la colonización lo substituyeron por el apellido de ERVA DO DIABO, porque, según decían, debería haber sido inventado por el demonio en cooperación con algún hechicero: explicaban así las virtudes afrodisíacas que intuyeron en el *Ilex*, hoy confirmadas por la ciencia.

Con estas nociones preliminares, el autor inicia un bien elaborado esbozo histórico del mate en el Paraná, contando como se cultivaba con creciente gusto y vendía con creciente provecho mercantil, a pesar de la oposición de la Compañía, hasta alcanzar su apogeo a mediados del siglo XIX, cuando abastecía hartamente los mercados rioplatenses y el extranjero, determinando verdadera fiebre económica y comercial en la región, semejante a la producida en Minas Gerais por la localización de los filones auríferos: grandes fortunas se hicieron, mucha plata y harto oro se cambió por la preciosa hierba, millares de bestias fueron compradas en los corrales del Rio Grande do Sul para servir al transporte del mate, y la inevitable onda de aventureros y explotadores invadió la región. Calmada la fiebre, continuó a aumentar el comercio de exportación del mate hasta 1928. Y de ese año acá (1951), entró en franca y rápida decadencia, no sólo debido a la concurrencia genérica del Paraguay — que siempre existió — sino, recientemente a la fuerte concurrencia especial de los yerbales artificiales que la Argentina empezó a plantar sistemáticamente en Misiones.

Muestra el autor como solamente mediante acuerdos humillantes el Brasil no fué privado de su lugar en los mercados platenses y chilenos. Y apunta, a continuación, las causas principales del doloroso marasmo en que se halla la industria de mate: el anacronismo en la fabricación del mate, lejos de cualquier proceso de la técnica moderna y siguiendo, aun hoy, el primitivo y simplísimo sistema del "carijo" (zarzo para tostar el mate); y al otro lado nuestra total incapacidad de conquistar otros mercados. Cita la existencia de puestos de venta de Coca-Cola en toda la extensión de la monumental carretera norte-sur del Brasil, como ejemplo de lo que podríamos hacer por el mate, caliente o helado, en "cuías" (calabacines) o botellas, apenas dentro del mercado brasileño, y sin hablar de la exportación astronómica que conseguiríamos si supiésemos inundar los países extranjeros — potenciales compradores en grande escala — de una propaganda moderna e inteligente.

Dando la palabra a numerosos botánicos, higienistas, dietetas y nutriólogos de renombre, compatriotas y extranjeros, prova la concordancia de la ciencia cuanto a las maravillosas virtudes del mate para la salud del cuerpo humano, principalmente en regiones tropicales. Y con la demostración de la concordancia de los científicos en esta afirmativa, concluye diciendo que la propaganda que debe ser hecha, debería tener por punto cardinal el lema, científicamente veraz, psicológicamente atractivo y comercialmente prometedora, que "el mate prolonga la vida y sostiene el vigor de los hormonas sexuales".

LA MADERA

Comienza el autor, aquí, por recordar las extensas y densas selvas, riquísimas en preciosas maderas — pinos, imbuías (Phoebé porosa), yerbales — aptas para una industrialización intensiva y que cobrían antes todo el territorio del Paraná, del paralelo 24 abajo, a excepción de la zona de los campos y de la estrecha faja costanera: de esa época de verdadero lujo vegetal aun nos quedó, como reliquia nostálgica y algo irónica, el nombre de la capital — Curitiba — que el idioma de los selvolcas quiere decir bosque de pinos.

Historia, en seguida, los primelos empeños en el dominio de la industrialización de la madera en su Estado, entre las primeras esperanzas y las primeras decepciones. Los fracasos nacieron, según las conclusiones del autor, de la misma causa — paralizadora, en su simplicidad — que todavía hoy sofoca las mejores iniciativas en este dominio: la falta de transportes.

Delante de esta dificultad, el desinterés por el trato de las áreas determinó, con el tiempo, la tala constante, quedando la reforestación siempre mucho detrás del desmonte; y el resultado se verificó, en 1938 o 1939, incumbida de localizar bosques de pinos para la instalación de una gran fábrica de papel, tuvo que viajar 700 kilómetros pinos!

Revela el autor que la creación del Instituto del Pino no mejoró la situación: muchos establecimientos pasaron a explotar la madera, sin el moderno Paraná, pero el viejo problema del transporte, siempre activa en el corazón de cualquier realización de la especie.

Pasa el autor a apuntar las causas de la decadencia de la madera

y de la ineficiencia de su explotación en el Paraná: además del crónico problema de los transportes, la etiología de este abandono se prende a los desmontes, excesivos siempre por una reforestación avara; a la falta de una técnica científica y de una organización racional de la producción; al desprecio por la mayor parte de la materia prima; a la ausencia de cualquier industria que explote los subproductos en molinos comerciales o cualquier, valorizando la madera; a la ausencia del mercado interno brasileño, sobre todo del septentrional, donde la industria de muebles, por ejemplo, podría encontrar tan vastos cuantos inagotables mercados; y por fin, a la falta de estímulo creditario que impendía — como tanto sería menester — de la política partidaria.

Inserta diversos cuadros y datos estadísticos sobre la industria de madera y del mobiliario en los diversos municipios, así como sobre su exportación. Proclama la necesidad de la plantación sistemática y de la replantación vigorosa e inteligente de los vegetales utilizados por las fábricas de papel y celulosa, recordando el caso de los pequeños estados bálticos que desde hace siglos viven de sus selvas, sin nunca dejar que se agoten.

Termina afirmando que una orientación inteligente del problema, aun podrá hacer de la madera y del mobiliario, industrias de primera grandeza en el férreo firmamento de progreso del Paraná.

EL POROTO

Inaugura el autor su concisa y documentada monografía sobre el papel del poroto en el margen de la economía alimentaria brasileña y paranaense, transcribiendo un conclusivo trozo de estudio realizado por técnicos del Instituto Nacional de Nutrición de la Universidad del Brasil, en materia del valor biológico de la proteína del poroto.

Resulta de allí, a la luz de un criterio histórico-social, la importancia que tuvo, y todavía tiene el poroto como sustento de los esclavos, que fué, como elemento formador de nuestra civilización agrícola, que fué, y finalmente como principal restaurador de energías de la gran masa obrera de hoy, que todavía encuentra en ellas "la única fuente razonable de proteínas de su alimentación diaria".

Particularizando, muestra el autor como el indígena paranaense tuvo, durante dos siglos, toda su alimentación basada exclusivamente en el poroto y el maíz, principalmente en el primero, que siempre apareció, como elemento indispensable, en todas las comidas de la cocina de los indígenas del interior: por la mañana, acompañando el café, como "tutu" o "virado"; en el almuerzo y la cena, como plato de mayor resistencia de su cocina; y hasta como apetitoso postre, elaborado a base de su nutritivo caldo.

Diserte en seguida, la flagrante contradicción existente entre los resultados a que llegaron los laboratorios de análisis bromatológico, — que señalaron un bajo contenido proteínico al poroto — y los datos indiscutibles de la historia y antropología, que muestran en el "sertanejo" (hombre del interior), alimentado hace siglos casi exclusivamente con poroto, "sobre todo un fuerte". Señala la veracidad del aserto de Euclides da Cunha sobre todo en el caso particular del indígena del sur, que es típicamente robusto. Y concluye que debe existir en la preciosa semilla un elemento todavía no averiguado por la ciencia y responsable por la contradicción arriba aludida.

Pasando a la parte estadística de su trabajo, muestra el autor como la producción del poroto en el Paraná se elevó en el corto período de 1949 a 1952, llegando a representar $\frac{1}{4}$ de la producción total del país.

Realza en seguida la apreciación de que antiguamente gozaba el poroto, riquísimo en fécula, que se recolectaba en Lapa, municipio incluso en los Campos Gerais, y cuya cultura se encuentra en relativa decadencia, lo que dió origen, hoy, a un vigoroso movimiento, apoyado por la Directoría de la Producción Vegetal de la Secretaría de la Agricultura del Estado, en el sentido de recuperar tan valiosa cultura.

Inserta, entonces, en su monografía, interesantes datos estadísticos

sobre la recolección del poroto en diversos municipios paranaenses, durante el año de 1952, y concluye con imponentes comentarios sobre la referida estadística, de la cual, en conjunto, se infiere la situación de franco progreso del Paraná, también en este importante sector de la economía brasileña.

RIQUEZAS MINERALÓGICAS

Comienza el autor por señalar la prodigiosa riqueza del Paraná, entre las cuales destaca el hierro, el carbón, el petróleo, el esquisto pirobituminoso, el material para la fabricación de cemento e inmensos saltos de agua.

Pasa, en seguida, a la historia de la explotación del hierro en el Estado, mostrando que desde el tiempo de las reducciones jesuíticas del Oeste, el hierro ya era reducido en hornos adrede preparados. En el siglo XVIII y XIX el hierro era el material común empleado en la fabricación de casi todos los objetos caseros, por lo menos en la región de Castro.

Se refiere al alto contenido metálico de los colosales depósitos férricos de Antonina, juzgado por los técnicos como superior al noruego.

Relata el eficiente trabajo de la sociedad USIMAR en el dominio de la siderurgia, con un amplio futuro de prometidas realizaciones de látille, y pasa a estudiar el yacimiento carbonífero del Paraná, que corta el Estado en diagonal, del nordeste al sur y se extiende principalmente en la región de Irati.

Lamenta, sin embargo, que el interés despertado por el carbón ya se notaba hace cerca de tres cuartos de siglo, no se tenga fundado en realizaciones concretas. Apunta, sin embargo, la sugerencia del Sr. Gobernador del Estado, en el sentido del aprovechamiento local del carbón mediante el montaje de centrales termoeléctricas cuyo combustible debe ser el dióxido mineral.

Pasando al caso del esquisto, relata los primeros empeños en la reciente historia de su explotación, debidos, principalmente, a Pedro Angevitch, más conocido por la antonomasia de "o Perna de Pau (pierna de palo)", que durante años extrajo gasolina del esquisto de São Mateus do Sul, por proceso propio.

Relata los estudios procedidos por técnicos del Instituto de Biología y Pesquisas Tecnológicas sobre el esquisto de la parte media de la cuenca del Iguazú: la extensión de la faja del grupo Irati es de 420 kilómetros, poseyendo nada menos que doscientos billones de toneladas en reserva. Y muestra como sería fácil la explotación de apenas un décimo de este total (20 billones de toneladas de esquisto bituminoso explotables a cielo abierto, con rendimiento medio de 8% en aceite, representando una reserva de 1.600.000.000 de toneladas de aceite bruto, además de los subproductos, como aguas amoniacales sulfúricas, residuos, etc.).

Eligiendo datos del folleto "Industrialización del Esquisto Pirobituminoso del Paraná" da una idea de la enorme riqueza latente en combustibles que se encuentra en el subsuelo del Paraná, e inserta trozos enteros de un bien elaborado plano para ejecución de la explotación del precioso mineral no metálico.

Da noticia, finalmente, de la llegada al municipio de Jacarèzinho, de la maquinaria del Consejo Nacional del Petróleo, con el fin de iniciar las pesquisas relativas a la explotación del oro negro en el Paraná, que, es de esperarse, en breve estará brotando de los inmensos yacimientos que aquella región encierra. Y concluye este capítulo con informaciones sobre la constitución de una poderosa compañía, denominada de Cimento Portland de Rio Branco do Sul, fundada al grupo de la Votorantim de São Paulo. A partir de junio de 1953 su producción está prevista para 300 toneladas diarias, siendo que preteute duplicar esta producción, de año en año. La materia prima es de primer orden e inagotable en la región y para su fácil transporte construye el Gobierno una moderna carretera asfaltada entre Rio Branco do Sul y Curitiba.

SUMMARY

AN OUTLOOK TO PARANÁ

Paraná — General Views

The author begins by delineating the geographical situation and the environment of Paraná, situated as a very bright channel between the huge part in the north and the two States of the extreme south: S. Catarina and Rio Grande do Sul.

He lets us have an outlook to Paraná and we see first a panorama formed by "three steps of a gigantic staircase", which are the three typical plateaus: that of Campos Gerais, that of Guarapuava and that of Curitiba, formed by the Serra do Mar, which, on the other side, squeezes the narrow coast zone against the Atlantic Ocean.

After the discrimination of the State's geographical co-ordinates and the extensions, he indicates its surface, 201,288 km², which is more than the total surface of several European countries, as Portugal, Switzerland and Austria, together.

Firmly based on indications about the altitude of the different regions of Paraná, he studies the climatological point of view and furnishes the compensated average of the temperature (17.6 C), the maximum (32.2° C), and the minimum (0.2° C), and also the total of the rain precipitations (1,404.8 in 1952).

The population of Paraná according to the official censuses

Passing to the population, he relies on the official censuses to show how the demographical density raised from little more than 120 thousand inhabitants, in 1872, to 2 millions 150 thousand in 1950. He shows the enormous preponderance of the rural population (74%) over the urban (17%) and the suburban (9%) and closes with the indication of the relative density of the population of Paraná (10 inhabitants per km²). The number of districts in which the State is divided actually (119). Then he inserts a copious and elucidative statistical table in his work about the population of the different districts of Paraná according to the census of 1950.

Finances of the Union, the State and the districts of Paraná

Going over to the study of the finances, he proves by statistics the constant and gigantic increase of the federal revenue in Paraná, which rose from nearly 45 millions of cruzeiros in 1941 to almost 843 millions in 1952. The finance department of the State increased its revenue, in the same period of a little more than ten years, from 90 millions to 1 billion 450 millions of cruzeiros (increasing 1,518%).

He observes with perspicacity that 68% of all this enormous tax revenue of the State is collected for Sales, Consignations and Transactions. This reveals the enormous commercial activity in Paraná.

He shows the inhabitant of Paraná with a contribution of 1,039 cruzeiros a head, as one of the Brazilians that brings the highest contributions to the public treasury.

Finally, to show the extraordinary rhythm of development of his State, he points out that Paraná as a tax payer, in only six years, sprang from the 8th to the 5th place of all Member-States of the Brazilian Union, rapidly exceeding Pernambuco, Rio de Janeiro and Bahia.

Education and Culture in Paraná

Going over to education and culture, he reveals that, in 1951, there were 2,134 schools in the State with almost 5,000 teachers on their service, while the number of pupils reached nearly 165,000.

He dedicates himself to the study of the numerous faculties which integrate the University of Paraná, the acme of the educational organization in the State, and where pupils study coming from all Brazil as well as from all over the world, from Paraguay to the United States, and from Liban even to Siberia (1).

The number of libraries reaches 221, and there is a campaign going for the foundation of libraries in all districts of the State.

Curitiba, the Smiling Town and its eternal youthfulness.

Appraising the statistical severity of his documentary exposition, he begins to paint a lovely picture of Curitiba, the Smiling Town, showing its vertiginous progress, from the moment it was connected with the rest of the country by the indispensable transportation system, glorifying the modern lines of its architectonic physiognomy, its expression of everlasting youth as well as the charming comfort of the numerous social and recreative clubs, fitted up, even the workers' ones, in veritable, own palaces.

He points out the beauty of the human type of Paraná, its features of cordiality, bounty and generosity, which are harmonizing with the physical frame of the land surrounding them. And this fertile and youthful land will now be described in its most surprising and noble views:

Paraná, Land of the Seven Modern Marvels of the Universe

The Seven Waterfalls, which, indeed, are Seventeen; the Cataract of the Iguaçu; Vila Velha with the Lagoa Dourada; the caverns of stalactite; the Railroad Paranaguá — Curitiba, "the railroad poem sculptured in granite"; the surprising subterranean river Itararé; the Land of the Violet Earth, new promised home. He gives a picturesque description of the splendid beaches of Paraná, entitling the chapter as follows:

I shall talk about the beauties of our beaches too

Then he describes that of the Ilha do Mel, that of Pontal do Sol, of Matinhos, Caiobá, Guaratuba, etc., which are all classified as very paradisaical nooks, especially that of Caiobá, on the Ilha dos Pássaros, where thousands of birds live in "divine happiness and peace".

If he did not include the beaches of Paraná into the marvels of the modern world — the author explains — it was only because these are traditionally seven marvels and the beaches would be the eighth!

Public Administration

Following the State's Constitution of 12 July 1947, the author delineates the body of the public administration of Paraná, which is based on the three classical powers: the Executive branch, with the State's Governor assisted by 8 Secretaries (Departments) and several independent Departments, which are very helpful to the administration, as it is proved daily; the Legislative Branch, with its Assembly of 45 deputies and its President, who is, automatically, the Vice-Governor of the State; and finally, the Judicial Branch, headed by the Court of Appeal, constituted by 15 chief judges, and from whose execution of power the State is divided into 59 Comarcas (districts), this number shall be brought up to 77.

Productivity of the Administration

Bringing into consideration the latest message of the Governor to the State's Legislative Assembly, he makes indications about the productivity of some of the most important branches of the administration of Paraná, among which the Department of Technical Assistance to the Districts must be put into relief, it helps the communities in many troubles and necessities, as to organize urban or rural constructions, hotels, buildings for schools or for administrative departments, to project systems of water supply or of sewers, to project, to construct, to rectify, to repair or to maintain highways: it is a very factotum on the service of the districts.

Then he looks through the important task of the Institute of Biology and Technological Researches. This department studies the recuperation of the soil and the possibilities of exploitation of the state, makes technological examinations on the material that is sent by the districts, prepares chemotherapeutic ampoules, physiological serums, etc., etc. Beyond this, it classifies plants, prepares the material for the herbarium, organizes the mounting of insects for the entomological museum and tries continually to enrich the interesting phytopathological museum, etc.

He speaks in praise of the delicate effort of the personal of the Department of Geography, Land, and Colonization and considers the task of this department which does not only study, but divides, grants, legitimize lands, reevaluates rights, purchases land, visits colonies, and makes contracts for important jobs, such as to photograph enormous geographical extensions of Paraná from aircraft. The work of all these departments is indicated as silent but efficient and very precious.

Agriculture

The author begins here with the statement of the fact — rare in the Brazil of today — that the dangerous afflux of workers from the country to the towns does not exist in Paraná: 74% of all the population in Paraná is firmly rooted in the rural zone.

He points out the advantages brought by the immigration waves, which, in Paraná, continue in their typical agricultural activities. He sketches some interesting and elucidative tables about their enormous productivity.

On the following pages he considers the agriculture of Paraná from the statistical point of view, revealing the auspicious rhythm of its progress, wherefrom results the impression that the State has a very varied culture of essential products: corn, coffee, kidney beans, cotton, rice, crop exceeded (the 100 millions), onions, sweet potatoes, and fruits.

In 1951, Paraná occupied the 3d place in the order of the greatest productory potencies of Brazil, only exceeded by S. Paulo and Minas preceded until 1945.

In reference to the breeding of cattle, the author reveals the existence of great droves, especially of corned cattle (almost 1 million 200 thousand animals), and of pigs (almost 3 millions). He refers to the effort made by the breeders in order to improve the races by the importation of first class generators, and the endeavor made by the State with the maintenance of experimental stations of zoology, which are of great value for the droves of Paraná.

Industry

The author, always based on the best statistics, paints us a luminous panorama of the industrial rush of Paraná, where, we discern 4,678 industrial establishments, of which nearly one thousand are dedicated to the wood industry, 643 to that of nonmetallic minerals, 293 to the furniture, 129 to the extraction of vegetal products, about one hundred to the minerals, about fifty to the construction and mounting of transportation equipment, there are several others dedicated to electrical equipment, paper, mechanic, and 113 establishments of the metallurgy.

And all this without speaking of the alimentary products (1,505 establishments), of the chemical and pharmaceutical industries, those of leather and fur, textile and shoe, of beverages (more than three hundred), the editorial and graphical industries, etc.

The total value of the industrial production in Paraná reached approximately 5 billions 200 millions of cruzeiros only in 1951. The number of persons occupied with industrial jobs reached almost 50,000 in that year, nearly 43,000 being workers with a total income of more than 350 millions of cruzeiros.

Notwithstanding the extraordinary possibilities, there is noted a more than modest insufficiency of the industrial equipment in Paraná. The author promises to explain the causes of this modesty in an other chapter.

Bank activity

The author approaches the bank problem criticizing the situation created by the integrity of the Banks serving to the State, where he notes the absence of any organization or system and the dangerous simplification represented by the restricted machinery of deposit and discount.

He points out the slowness of financing, which is bureaucratic and out of date, in spite of the great possibilities represented by the number of establishments of credit and their agencies spread over the State's whole territory: in 1951 there were 56 localities with 178 banks, and 71 more localities with nearly 250 agencies.

Nevertheless, he puts into relief the excellent work done by the system of the Caixa Econômica Federal in order to stimulate the productivity activity.

Inland commerce

At the beginning, the author underlines the essential character of the inland commerce for a country and he compares the dreadful weakness of ours with the exuberant vigor of that of the United States, for example.

He shows the utmost disproportion between the purchasing power of the North of Brazil, laid waste by the periodical droughts, and the flourishing South. He indicates the inevitable duty to the Union's southern units which they have, to relieve the North in order to strengthen Brazil as an economical integrity and to contribute to its increase.

He enriches and documents this chapter by numerous statistics about the activity of the trade between the Brazilian States, wherefrom results that Paraná is one of the States that have the greatest export to the rest of Brazil. If we put Paraná side on side with the giant of S. Paulo, it will make things equal with this latter which imports much more than it exports to the other States, while the situation of Paraná is precisely the contrary: it supplies the other markets on a larger scale than it needs for its own supply.

International Trade

After some considerations about the disturbance, created in the international trade by the influence of the last world war, he studies, based on documents, the situation of Brazil, short of hard currency reserves, selling only 32 billions and being forced to purchase 37 billions, so that it was obliged to contract a considerable loan in the United States.

Among the States of Brazil that obtained a favorable balance in the trade with the United States, Paraná occupied an honorable first place with nearly 189 millions of advantage on the giant of the north, and exceeded Bahia (2d) by 48 millions 500 thousand dollars.

During the conjuncture of 1952, the contribution of Paraná was very helpful for Brazil to get hard currency.

Statistical, social, and economic informations

In this very interesting chapter the author examines indications about the activity of the notaries public and the attorneys in Paraná in 1951, about the number of cattle slaughtered, about the 100 newspapers for general news, literature, sport, science etc. (with an average printing of nearly 200,000).

He enumerates the 24 broadcasting stations with their 72,751 broadcastings, divided in educational, cultural, recreative, and folkloric programmes.

He analyses the activities of the three principal religions — the catholic, the protestant, and the spiritistic — among which the first one exceeds by the enormous number of worshippers and churches, while there are 40 thousand protestants and 8,600 followers of Allan Kardec.

In the following he refers to statistics about divorcees and crimes, about the activity of the syndicates (59 syndicates), about the activity of the co-operatives (56 together, being 18 of consumption, 29 of production, 7 of purchase and sale, and 2 of common credit, with nearly 29,000 members and a total capital of 27 millions).

He relieves the existence of the 29 co-operatives of production, the most discussed and even rejected form of the co-operatives, but able to solve the earnest social problem, at least partially, and which, in Paraná exceeds that of consumption.

He enumerates the 128 sporting fields, the great competitions, the public spectacles, and tells of movies, theaters, recitals, and concerts. He indicates the 308 cultural associations of the State. (117 of physical exercises, 11 of intellectual culture and artistic, and 180 of general social culture).

He relates the congresses, conferences (724), expositions (90), civic festivities (174), excursions and campings (889), recreative meetings (2,470), all these only in 1951, etc., etc.

The author observes even the great activity of the hotels and the establishments with his strictly statistical view.

Electric energy, water and sewers, public health; Conclusion

To close up his important work of synthesis, he shows some interesting views of the essential problem of the electric energy, studying projects and giving suggestions, of the problem of the water supply and of the sewer system, and, finally, of the public health, were we note a great endeavor in profit of the progress and general improvement.

As a definitive conclusion the author lets appear his opinion: Paraná is in the process of a feverish development and is going to be one of the biggest economic potencies of Brazil. Much has been done already. But there still are many things to be done in the illimitated possibilities of its enormous rush, along the ways of progress, full of sparkling realizations.

THE NORTH OF PARANÁ

The author begins his erudite work about the North of Paraná indicating its cartographic form — a huge curvilinear rectangle —, its geographical limits, (in the north the Paranapanema river, in the south the perfect line following the 24th parallel of latitude, in the east the meridian 49°4', and in the west the Paraná river). He indicates its total surface: 82,000 km².

He delineates many pages to the recital of innumerable tales, which the popular imagination spun during the centuries around this huge and wonderful region, El Dorado of the ancients and Land of the Violet Earth of the modern exploiters.

He talks about the former exploitations, of the "bandeirantes" who entered the country, of the journeys of the legendary Zamé, of the first open ways in order to open the strategic railway during the Paraguayan war and the establishment of the military station in Jataí in the middle of the last century.

But it would be only in this century that the Brazilians would discover the fabulous riches which awaited them in the marvelous Land of the Violet Earth: one of the most fertile of the world and certainly the best for the plantation of coffee. After the narrative about the different populating migrations to the north of the State at the end of the last century, he goes over to the analysis of the veritable prodigy which it was, and still is the 20th century, the multiplication of its towns.

"In relations and conversations about the Land of the Violet Earth we continually hear make reference to two parts of this northern rectangle of Paraná: the Old North and the New North" the first one, constituted by the districts that are populated by descendants of the miners and the colonists originating from São Paulo, who formerly were its first pioneers. These communities shot up, from month to month and from week, along the populating and productive railroad São Paulo-Paraná.

"But the surprising rush of this birth of towns, never seen in the world, had its symptomatous and impressive moment with the birth of Londrina, the Miraculous Town of the civilization of America and the Universe." Until 1931 the region was covered by thick forest. In 1930 there were just two cottages. In 1932 the Companhia de Terras do Norte do Paraná sold some pieces of ground in the later urban district and some thousand square yards of land in the suburbs; and the miracle began. The doors were opened for the populating invasion and "human torrents rushed to the region in a rhythm without its equal in the universe". The suggestive name of Londrina was given to the new population center and in 1940 the two natives' cottages of 1930 had been transformed into 2,240 houses with more than 10,500 inhabitants. In 1950 the official census registered 6,000 buildings with 50,000 inhabitants, only in the urban district, while the whole district — two tenth of it are covered by virgin forest — already counted more than 75,000 inhabitants.

The income of the district rised from little more 1 million (1941) to almost 11 millions in 1949.

In 1930, there was no bank in the Old North: 75% of the actual banks in Paraná, 46, or 61%, are in this region.

In 1943, 11 years after its fabulous appearance in the Brazilian geography, the Miraculous Town suffered a repartition which created 5 others and whereby it lost 2,600 km² of its surface.

"Londrina represents the great rush in the progress of the North, for it was its surprising evolution that awakened the world to its miracle."

The author then inserts several explanatory tables in which appears the population of the Old North in 1920, and then the same in 1937, including new districts, that, together with others, have constituted the New North: a very fabulous demographical condensation is noted.

Then the author begins to enumerate the other prodigies of the land of the Violet Earth: Ipirorã, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Mandaguari, Marialva, Maringá, Mandaguacé, to mention only those touched by the railway. There are a lot of other miracles in this region where the miracle already is a rule and the normal fact only an exception that confirms it.

For example, 11 years ago, Maringá did not figure on the maps. In 1947 the urbanizing company decided to realize a final plan of foundation: five years later it was made district and elected a prefect. There already were 3,000 buildings in the urban zone and nearly 20,000 inhabitants. The first bank was opened in 1948. Today there are 8 banks with deposits of almost 100 millions. Maringá owns a wonderful gymnasium and a coffee plantation of more than 20 millions of trees.

After an excellent study about the planification of new towns in the Northern Paraná, their sales system, the multiplication of the transportation system, "the green belt" of vegetables, milk, and eggs by which they are surrounded, and other interesting details, he speaks of fancy and reality about the fertility of the northern land, and he lets speak eminent scientific personalities who asseverate the preponderance of the true element in this relations.

Completing his informations about the riches of the soil in this region, the author inserts three tables selected from Manck's precious pamphlet about the "Distribution of yearly rain average in forest regions of the 2d and 3d plateau and the valley of the Paraná river". They are tables of great suggestive value.

The integrity of this chapter gives the impression of an extremely rich and varied region which still is awaiting more and more hands, more endeavours — besides little difficult — and a firm and intelligent orientation of the government in order to continue the well elaborated plans, to become one of the biggest economic potencies of all America.

THE INDUSTRY

The author begins here with the suggestion that the industrialization of his State should be preceded, as it would be logical, by a huge agricultural base, so that more than 70% of all the population of Paraná live and work in the country.

But in reality, as the author shows, the industrialization is an inevitable call of the civilization, and the peoples are divided in "developed" ones, this is if their economic activities are mostly industrial, and in "undeveloped" ones, if these activities are of an agricultural character.

Then he shows that there are no purely agricultural or purely industrial potencies. Well informed, he speaks of the extensive and intense agricultural practice of the United States, and he concludes that "a detailed examination would shake the opinion that the fatherland of Lincoln is above all an industrialized nation".

He rejects the practice of artificial industries and proclaims the protection of the agricultur according to the botanical geography, and the organization of the industry according to the possibilities of supply with raw material.

Then, giving details, he shows how Paraná is provided with exceptional conditions for a varied culture, and, at the same time, with more than enough elements for a great industrialization, which, as it can be seen, already has begun.

For this reason, he inserts a statistical table about the industrial situation of the different districts, wherefrom results the total production of the industry of Paraná in 1950 with a value of Cr\$ 3,668,355.00. By this table the special position of Curitiba will be observed, which, until now, occupies the first place in the industrial production (25%).

He points out the industries of considerable future in his State, that of cement, the siderurgy, that of furnitures, of sugar and alcohol, of paper, of ceramic, etc., and he closes with the indication that the key for its fast development lies in the sufficient and economic supply with electric energy.

THE COFFEE

The author begins telling the story of the arrival of the first coffee tree ship in Brazil, in 1727, proceeding from French Guiana, and he makes a brief historical sketch of its propagation in the country that later would be its biggest cultivator and exporter in the whole world. He recalls the decline of the productivity in Rio de Janeiro and the vertiginous rising of São Paulo; then the decline of this culture in Paraíba and the wandering of the precious plant towards the west, attaining first Campinas and spreading from there to Ribeirão Preto where it reached the apogee of the world. He points out, however, that this wandering encloses a precious lesson about the Rubiaceae's main characteristics: its errantness.

Then he goes over to the statistical analysis of the exportation activities of the green gold, and, specifying, he shows that the coffee in Paraná already constitutes 61% of the general production, which gave the sum of 7,400,000.00 cruzeiros in 1952, while the coffee alone reached the number of Cr\$ 4,525,660,215.00 in the same year.

The precious "coffea arabica", always wandering, crossed the Itararé and the Paranapanema, discovering finally its new promised land: the North of Paraná, where the splendid violet earth succeeded to produce 200 and more arrobas (about 6,600 Lbs.) per 1,000 coffee trees!

The author dedicates several pages to an erudite investigation about the entrance of the coffee in his State, (stating that the first coffee trees there were planted in the littoral zone, in Paranaguá, Guaraguaba, Antonina, and Morretes) and about the manner of its cultivation (he asseverates that the technic of shading of the plantation, used for the Paraguay tea, makes fade the plantation, though slowly; that the coffee, like the Paraguay tea, essentially needs shade, so that the advisable technic, for both, is that of shading the plantation).

After some interesting historical studies about the wonderful Rubiaceae, he enriches the chapter by several statistical tables of great value, of which that one about the exportation of the green gold by the port of Paranaguá, between 1916 and 1952, is the most interesting: it shows an enormous increase of this port's activities, rising from 40 modest sacks, that it exported in 1916, or from 4 in 1920 and 1923, up to 3 millions 150 thousand sacks, at 132 Lbs. each, in 1952!

Herefrom results the fact that the port of Paranaguá has occupied an honorable 3d place among the ports of greatest commercial activity of Brazil, and is surpassed actually only by Santos and Rio de Janeiro.

He finally inserts in his work a recent statistic indicating the number of sacks, which have left the port of Paranaguá, with almost 4 millions 150 thousand, and he classifies the State of Paraná, as a coffee exporter, on the 2d place in all Brazil.

THE WHEAT

Paraná already produced wheat in the colonial era. When João Hilário visited the then 5th district of the province of São Paulo, he found numerous windmills to process the king of the cereals.

With this preliminary the author begins to delineate the history of the wheat in Paraná, inclusively the transcription of parts of very interesting historical documents, and the report of the heroic efforts of deep people, who, in his state, at different moments, made attempts, from resented, finally, among other advantages, the creation of a thousandbred seed, the Marumbi Wheat, "resistant to all diseases which affect the species, of proved adaptation, prolific, producing an excellent flour", and perfectly accustomed to our climate.

The great knowledge of vegetal biology and chiefly of botanical genetic of the eminent French technician Jorge Polysu contributed considerably to such a promising result.

Almost all this task of research and preparation of the Brazilian seed were based on the Marumbi Wheat, giving origin to the varieties Frontana, DGI and even the Bagé, today so diffused because of its excellent production and immunity to diseases.

The author passes to the diagrams demonstrating the continued effort to extend the wheat cultivation in his State, which risen from 1 million 400 thousand kilograms, produced in 1924, to the splendid number of almost 20 millions in 1932, and reached, in 1952, a total production of almost 47 millions!

In spite of his efforts, as the author shows, Brazil continues importing wheat in really monstrous quantities. Great efforts will still be necessary to liberate the country from this expensive importation. And in this frame, after having recorded the work of the districts of Paraná in this domain in a large statistical table, the author thinks it opportuno to recall the great Brazilian admiral, and to appeal to all Brazilians, in the battle of wheat like in that of Riachuelo, to do their duty and to co-operate to the fomentation of the wheat culture, which represents a real campaign of national economic liberation.

THE CORN

After having recalled the intimate connection existing between the corn and the kidney beans, both constituting for centuries the two plates of greatest resistance of the Brazilian population, he draws a short historical sketch of its use among the Amerindians of the time before Cabral, and of its improvement by the Portuguese and points out their universal character in the huge Brazilian country.

Then he notes the interdependence between the cultivation of corn and the breeding pigs, which "is working as the most profitable method to pack and export the corn", and he joins indications about the Brazilian production of this important aliment, which is only exceeded in value in cruzeiros, by the production of the finished coffee.

He adds, that, in the extraordinary physiography of the Paraná, synthesis of the most different cosmic and climatological situations of the world, the corn grows abundantly in all districts and its total production of temporary plants has already transcended the number of one billion and is only exceeded by Minas Gerais, São Paulo, and Rio Grande do Sul.

He enumerates the different campaigns undertaken by the State in order to improve the corn, including the introduction of the hybrid type, which exceeds the common one by production and precocity.

Studying the great possibility to supply the Brazilian as well as the foreign markets with corn, the author affirms his faith in the future develop it: plenty of silos, easy and everywhere available credits, and nutritive and well oriented propaganda about its inestimable as human food and as sustenance and fattening of entire droves, especially of pigs.

He closes his work with the exposition of large statistical tables about the production of the precious cereal in the different districts of the State of Paraná.

THE PARAGUAY TEA

The *Ilex Paraguayensis*, which has an extensive phytophagical area, vegetates in many of the South American countries. The Indians of Brazil already knew it a long time before the arrival of the Euro-substituted this name by the denomination "Erva do Diabo" (devil's operation with some sorcerer: this is how they interpreted the devil in cosmic virtues they found in the Ilex and which are confirmed today the science).

With this preliminary the author begins a well elaborate historical sketch of the Paraguay tea in Paraná. He tells how it had been cultivated with increasing delight, and sold with increasing profit, in spite of the middle of the 19th century, when it reached its apogee in the La Plata-countries and of Chile and incited a veritable economic

and commercial fever in the region, much like that produced in Minas Gerais by the localization of gold veins; great fortunes were made, much silver and a lot of gold exchanged for the precious herb, thousands of animals were bought in the stables of Rio Grande do Sul, to be used for the transportation of the Paraguayan tea, and the inevitable wave of exploiters invaded the region. When the fever had subsided, the exportation of Paraguayan tea kept on increasing until 1928. And from that year on until now it began a free and fast decline, not only due to the competition of Paraguayan tea in this domain — that always existed — but also to the strong special competition of the artificial cultivations which Argentina began to plant in Misiones.

The author shows that Brazil was not deprived of its position on the markets of La Plata countries and Chile, only because it made humiliating agreements. He then points out the causes of this grievous decline in which the industry of Paraguayan tea is: the anachronism of its fabrication far from any modern technical process and still employing today the primitive and simple system of the "carrijo" (a plant of branches which is used to toast the Paraguayan tea); and on the other hand our complete inability to gain other markets. He mentions the existence of these Coca-Cola sellers along all the gigantic north-south highway of Brazil as an example for what we could do with the Paraguayan tea, warm or ice-cold, in gourds or in bottles, only on the Brazilian market and without mentioning the enormous exportation we could perform, if we were able to inundate the foreign countries — very powerful purchasers — with a modern and intelligent propaganda.

Giving the word to numerous botanists, hygienists, dietists, and nutritionists of fame, compatriots and foreigners, he proves the concordance of the sciences about the wonderful virtues of the Paraguayan tea for the health of the human body, especially in the tropical zone. And with the demonstration of the concordance of the scientists about this statement he closes and says, the propaganda that should be made, should be based on the slogan, scientifically true, psychologically attractive, and very promissory for the commerce, that "the Paraguayan tea prolongs life and sustains the vigor of the sexual hormones".

THE WOOD

The author begins here mentioning the extensive and thick forests, very rich of precious woods — pines, "inbuias" (Phoebe porosa), Paraguayan tea — which could give origin to an intensive industrialization, and which formerly covered all the territory of Paraná, from the 24th parallel downwards, with exception of the zone of the fields and of the narrow band of the littoral; the name of the capital — Curitiba — which in the language of the natives signifies pine wood, remained as a gloomy and somewhat ironical relic of the era of veritable vegetal luxury.

Then he tells of the first endeavors in the domain of the industrialization of the wood in his State, between the first hopes and the first delusions. The cause of these delusions, as the author concludes, was the same — paralyzing in spite of its simplicity — that still today destroys the best initiatives in this domain in their very beginning; the absence of transports.

By means of this difficulty, the missing of interest to care for the forests determined, by the time, a constant clearing, which was not compensated by a sufficient forestry; and the result was stated, painfully, by the well-known episode of the commission of technicians which, in 1938 or 1939, with the order to search for pine woods for the installation of a big paper mill, had to go 700 km to find the first pine wood, in the very land of pines!

The author reveals that the foundation of the Institute of the Pine did not improve the situation: many firms began to exploit the wood, there is no doubt, as well as many factories for furniture have been installed in the modern Paraná, but the old problem of transports, always without any organization and always expensive, appears as a powerful obstruction in the very beginning of every realization of this kind.

Then the author points out the causes of the decline of the wood and the inefficiency of its exploitation in Paraná: besides the old problem of transports, the constant clearing, never compensated by a sufficient reforestation; the absence of a scientific technic and of a rational organization of the production; disclaim in the trade in the by-products, which would rise the value of the wood; the sickness of the Brazilian inland market, especially of the North, where the furniture industry, for example, could find very great and inexhaustible markets; and, finally, the absence of stimulation of the credits that be independent — as it would be so necessary — of the public policy.

He inserts several tables and statistical indications about the wood and furniture industry in the different districts as well as about its exportation. He proclaims the necessity of a systematic forestry and a vigorous and intelligent reforestation of the trees that were used up by the paper and cellulose factories, recalling the example of the small Baltic States which have been living for centuries by means of their forests and never let them exhaust.

He closes, making sure that an intelligent orientation of this problem still can transform the wood and furniture industry into great stars on the fairy sky of the progress of Paraná.

THE MINERALOGIC RICHES

The author tells of the marvelous riches of Paraná and points out the iron, the coal, the petrol, the pyrobituminous slate, the material for the fabrication of cement, and enormous waterfalls.

Then he goes over to the history of the exploitation of iron in the State, and shows that the iron already was reduced in special ovens since the era of the reductions of the Jesuits in the West. In the 18th and 19th century, the iron was the material commonly used for the fabrication of almost all housefurnishings, at least in the region of Castro.

He refers to the high metal tenor of the enormous deposits of iron ore of Antonina, which the technicians judge higher than the Norwegian one.

He tells of the efficient activity of the society USIMAR in the domain of the siderurgy, with a great and promising future before it, then he begins to study the coal deposit of Paraná, which crosses the State diagonally, from northeast to south, and has its greatest volume nearby Irati.

But he regrets that the interest for the coal, which has already been noted some seventy years ago, has not been transformed into concrete realizations. And he recalls the suggestion made by the Governor of the State to create a local consumption by means of thermo-electric plants for which the mentioned mineral shall be the fuel.

Referring to the slate, he tells of the first endeavors in the recent history of its exploitation, chiefly due to Pedro Angélico, better known by the nick-name "Perna de Pau" (wooden-legged), who, for several years, extracted gasoline from the slate of São Mateus do Sul, by a proper method.

He tells of the studies of the technicians of the Institute of Biology and Technological Researches about the slate of the middle part of the bay of the Iguaçu: the deposit nearby Irati has an extension of 420 kilometers and a reserve of at least 200 billions of tons. He shows how the exploitation of only one tenth of this amount would be easy (20 billions of tons of bituminous slate that can be exploited by open-cut methods, with an average oil tenor of 8%, represents a reserve of 1,600,000,000 tons of raw oil, without the by-products, as ammonium sulphide water, residues, etc.)

He illustrates parts of the pamphlet "Industrialization of the Pyrobituminous Slate of Paraná" and gives an idea of the enormous latent riches of fuel which lies in the ground of Paraná, and he inserts entire parts of a well elaborate plan for the realization of the exploitation of this precious nonmetallic mineral.

Finally, he announces the arrival of the machines of the National Council of Petrol in the district of Jacaréizinho, in order to begin the researches for the exploitation of the black gold of Paraná, which, it is to be hoped, will soon sprout from the enormous deposit of that region. He closes this chapter with informations about the foundation of a powerful company, called Cimento Portland de Rio Branco do Sul, connected with the concern Votorantim of São Paulo. Its production is projected with 300 tons daily, from June 1953, and shall be doubled from year to year. The raw material in the region is excellent and inexhaustible, and, to its easier transportation, the Government is constructing a modern asphalted highway between Rio Branco do Sul and Curitiba.

THE BEANS

The author begins his concise and documentary monograph about the roll of the beans in regard of the alimentary economy of Brazil and the Paraná with the transcription of a conclusive work, concerning the biological value of the protein of the black beans, realized by technicians of the National Institute of Nutrition of the Brazilian University.

In the light of a historical-sociological test, the importance the black beans had and still have as a sustenance of the slaves, which they were, and finally as the main restorer of the great worker masses of to-day, who still find in them "the sole reasonable source of protein of their daily meal".

Relating minutely, the author points out how the alimentations of the natives of the Paraná consisted, during two centuries, only in beans and corn, chiefly in the first one, which, as an indispensable part, appeared at every meal of the inhabitants of the interior; in the morning, with the coffee, in form of "tutu" or "virado"; for dinner and supper, as the dish of greatest resistance of their menu; and even as a dainty dessert, elaborated with their nutritive juice.

Furtheron, he discusses the obvious contradiction between the results the laboratories of bromatological analysis attained, — which indicated a low amount of protein in the beans — and the incontestable facts of the historical and anthropological reality which show the habitant of the interior, nourished for centuries almost exclusively with beans as "a strong one above all". He points out the veracity of the assertion of Euclides de Cunha, especially in the particular case of the indigenous of the south who is typically robust. And he infers that in the precious seed must exist an element, yet undiscovered by the science, and responsible for the contradiction indicated above.

Passing over to the statistical part of his work, the author shows how bean production in the Paraná has grown to such a level in the short period from 1949 to 1952, that now it is representing $\frac{1}{4}$ of total production of the country.

Then he points out how the soft black bean was appreciated formerly, that it was cultivated at Lapa, a place included in Campos Gerais, and its culture is relatively declining, what rised a vigorous movement, reinforced by the Department of Vegetal Production of the State's Agricultural Ministry, to retrieve such a valuable culture.

In the following he refers in his monograph to interesting statistical facts concerning the crop of beans in the different places of the Paraná in 1952, and he finishes with excellent expositions about the referred statistics, of which, summed up, results the free progress of the Paraná, also in this important branch of the Brazilian economy.

ZUSAMMENFASSUNG

EIN KURZER STEIFZUG DURCH DEN PARANÁ

Paraná — Allgemeine Aspekte

Der Verfasser beginnt damit den Staat des Paraná in die geographische Gesamtheit Brasiliens einzureihen und ihn als wahrhaften Brückenkopf zwischen dem neuerschlossenen Teil, der nördlich von ihm liegt, und den zwei Stanten im ressourcenreichen Süden, Santa Catarina und Rio Grande do Sul, zu kennzeichnen.

Er faßt zu einem kurzen Steifzug durch den Paraná ein, was uns zusehnd ein Panorama enthüllt, das von "drei Stufen einer gewaltigen Treppe", den drei typischen Hochebenen, geformt wird: die von Campos Gerais, die von Guarapuava und die von Curitiba, durch die Serra do Mar gebildet, welche auf der anderen Seite den schmalen Küstenstreifen gegen den Atlantischen Ozean drückt.

Nach einer genauen Beschreibung der geographischen Koordinaten des Staates und der Längen und Breitenmassen, gibt er seine Oberfläche an, mit 201 288 km² berechnet, was ihn grösser macht als die Summe der Oberfläche von mehreren europäischen Staaten, wie Portugal, die Schweiz und Oesterreich zusammen.

Fest gestuetzt auf Angaben ueber die Hoehe verschiedener Gegenden des Paraná, betrachtet er ihn von klimatischen Standpunkt aus und gibt die ausgeglichene mittlere Temperatur an (17,6° C), die maximale (32,2° C) und die minimale (0,2° C), sowie das Mittel der gesamten Regenfaelle (1 404,8 im Jahre 1952).

Die Bevoelkerung des Paraná entsprechend den offiziellen Volkszählungen.

Zu dem Abschnitt ueber die Bevoelkerung uebergehend, stuetzt er sich auf die offiziellen Volkszählungen, um zu zeigen, wie die Bevoelkerungsdichte von wenig mehr als 120 000 Einwohnern, die sie 1872 hatte, auf 2 150 000 im Jahre 1950 anstieg. Er zeigt das gewaltige zahlenmaessige Vorwiegen der Landbevoelkerung (74%) ueber die staedteische (17%) und die in der Umgebung der Staedte wohnende (9%) und schliesst mit der Angabe der relativen Bevoelkerungsdichte des Paraná (10 Einwohner pro km²) und der Anzahl der Kreise, in welche sich der Staat heute aufteilt (119). Er fuert dann seiner Arbeit eine grosse und aufklaerende statistische Tabelle an ueber die Bevoelkerung der verschiedenen Kreise des Paraná nach der Zählung von 1950.

Die Finanzen der Brasilianischen Union, des Staates und der Kreise des Paraná.

Zur Betrachtung des finanziellen Gebietes uebergehend enthueilt er durch graphische Zeichnungen die andauernde, riesenhafte Zunahme der Steuereinnahmen der Union im Paraná, welche von ca. 45 Millionen Cruzeiros im Jahre 1941 auf fast 843 Millionen im Jahre 1952 anstieg. Das Finanzministerium des Staates erhoehte seine Steuererhebung, in der gleichen Zeit von etwas mehr als zehn Jahren, von 90 Millionen auf 1 Milliarden 450 Millionen Cruzeiros (also 1 518 %).

Er bemerkt mit Scharfblick, dass 68 % dieser gewaltigen Steuereinnahme des Staates unter der Rubrik *Verkaufe, Konquisitionen und Transaktionen* erscheinen, was sehr gut das ausserordentliche rege Geschaeftsleben des Paraná enthueilt.

Er zeigt, dass der Bewohner des Paraná, mit einem mittleren Steuerbeitrag von 1 039 Cruzeiros pro Kopf, einer derjenigen Brasilianer ist, die den groessten individuellen Anteil zu den oeffentlichen Schatzkammern bringen.

Zum Schluss, um den aussergewoehnlichen Rhythmus in der Entwicklung seines Staates zu zeigen, betont er, dass der Paraná in Zeit von kaum sechs Jahren Rio de Janeiro und Bahia in Bezug auf die Steuereinnahmen der Mitgliedstaaten der Brasilianischen Union rasend schnell ueberholt hat und vom 8. auf den 5. Platz sprang.

Erziehung und Kultur im Paraná.

Zur Behandlung des Themas Erziehung und Kultur uebergehend enthueilt er, dass der Staat im Jahre 1951 2 134 Schulen zaehte, die von fast 5 000 Lehrern bedient wurden und deren Anzahl von Schuelern ungefaehr 165 000 erreichte.

Er verweilt sich bei der naecheren Betrachtung von zahlreichen Fakultäten, die der Universitaet des Paraná angeschlossen sind, glaenzende Beispiele fuer die Organisation der Erziehung des Staates, und wo Schueler studieren, die nicht nur aus ganz Brasilien kommen, sondern von allen Enden der Welt, von Paraguay bis zu den Vereinigten Staaten, und vom Libanon bis selbst nach Sibirien (1).

Die Zahl der Bibliotheken erreicht 221, es ist eine Bewegung zur Gruendung von oeffentlichen Bibliotheken in saemtlichen groesseren Orten des Staates im Gange.

Curitiba, die Stadt des Laechelns, und seine ewige Jugend

In der Folge besaenftigt der Verfasser die statistische Strenge seiner auf Dokumenten begruendeten Darlegung und zeichnet ein liebevolles Profil von Curitiba, die Stadt des Laechelns. Er zeigt seinen schwindel-

erregenden Aufstieg von dem Augenblick an wo es mit dem uebrigen Teilen des Landes durch ein Nervensystem von Transportmitteln verbunden wurde, er ruemt die modernen Linien seines architektonischen Anblicks, sein ewig jugendliches Aussehen ebenso wie den besaenderlichen Komfort seiner zahlreichen gesellschaftlichen und unterhaltenden Klubs, welche, sogar diejenigen der Arbeiter, in eigenen, wahrhaften Palästen untergebracht sind.

Er hebt die Schoenheit des Menschentyps des Paraná hervor, seine Zuege von Herzlichkeit und Grosszuegigkeit, die in gutem Zusammenhang mit der physischen Weichheit des Landes, das ihn umgibt, stehen. Dieses das fruehbar und jugendliche Land, wird nun im folgenden Kapitel in seinen ueberraschendsten und grossartigsten Aspekten geschildert.

Der Paraná, das Land der sieben modernen Weltwunder.

Die Spruenge der Sieben Wasserfaelle, die in Wirklichkeit Siebzehn sind; der Katarakt des Iguacu; Vila Velha mit der Lagos Dourada; die Tropfsteinhoehlen; die Eisenbahn Paranaçu-Curitiba, die, in Kehrweilenteufeln gebaut, in Granit gehauen ist; der gewaltige unterirdische Fluss Itaipu; das Land der Violetten Erde, das neue Gelobte Land. Er geht zu einer ausfuehrlichen, bunten Beschreibung des wunderbaren Strandes des Paraná ueber, indem er das Kapitel folgendermassen ueberschreibt:

Ich werde nun auch von den Schoenheiten unseres Strandes erzaehlen.

Er beschreibt denjenigen der Ilha do Mel, den von Ponta do Sol, Matinhos, Caiobá, Guaratuba usw., welche alle als wahrhaft paradiesische Winkel bekannt sind, besonders der von Caiobá, auf der Ilha dos Pássaros, wo tausende von Voegeln "in goettlichem Glueck und Ruhe" leben.

Wenn er den Strand des Paraná — so erlaeuert der Verfasser — nicht in die modernen Weltwunder einschloss, so war es, weil diese Wunder aus Tradition sieben sind und der Strand das achte hieesse wuerde!

Oeffentliche Verwaltung.

Der Verfassung des Staates vom 12.7.1947 folgend schematisiert der Verfasser den oeffentlichen Verwaltungsapparat des Paraná und betrachtet ihn hinsichtlich der drei klassischen Gewalten: die ausserordentliche Gewalt, an der Spitze der Gouverneur des Staates, dem 8 Ministern und verschiedene selbstaendige Staatsdepartemente, welche der Verwaltung eine wertvolle Stuetze sind (was sich taeglich neu bestaetigt), beigeordnet sind; die gesetzgebende Gewalt, mit ihrem Parlament von 45 Abgeordneten und ihrem Praesidenten, welcher gleichzeitig der Vize-Gouverneur des Staates ist; die richterliche Gewalt schliesslich, mit ihrem Berufungsgericht an der Spitze, das von 15 Beratern gebildet wird, zur Ausuebung seiner Gewalt ist der Staat in 59 Bezirke eingeteilt, diese Anzahl soll jedoch auf 77 erhoeht werden.

Produktivitaet der Verwaltung.

Der Verfasser befasst sich mit Einzelheiten der neuesten Botschaft des Gouverneurs an das gesetzgebende Parlament des Staates und stellt verschiedene Betrachtungen ueber die Produktivitaet einiger der am meisten hervortretenden Organe der Verwaltung des Paraná an, unter welchen das Staatsdepartement fuer Technische Hilfe der Kreise am meisten hervorgehoben werden muss, welches den Gemeinden in ihren Schwierigkeiten und Noeten hilft, sei es bei der Organisation von staedteischen oder laendlichen Bauten, von Hotels, Schul- oder Verwaltungsgebaeuden, sei es zur Planung von Wasserversorgungs- oder Kanalisierungsanlagen, sei es zum Entwurf von Strassens- oder Kanalisierungsanlagen, sei es zur Reparatur, ihrer Instandhaltung; es ist ein wahres Faktotum im Dienste der Kreise.

Dann lenkt er seine Blicke zu der wichtigen Arbeit des Instituts fuer Biologie und Technologische Forschungen. Dieses Departement fuehrt Studien durch zur Wiederfruehrtbarmachung des Bodens oder ueber die Moeglichkeiten zur Ausuebung des Schieferes, stellt technologische Pruefungen mit dem Material an, das ihm von den Kreisen geschickt wird, stellt chemotherapeutische Ampullen, physiologische Serums her, usw. usw. Ausserdem klassifiziert es Pflanzen, praepariert Material fuer die Herbarien, fuehrt das Aufspannen von Insekten fuer das entomologische Museum durch und sucht andauernd das interessante phytopathologische Museum zu bereichern.

Nach einem Lob auf die aufopfernde Arbeit des Personals schenkt er der Taetigkeit des Departements fuer Geographie, Boden und Kolonisationsgruendstuecke aufteilt, uebereignet und legitimiert, Rechte erneuert, Land wie z. B. die des Fotografierens und wichtige Arbeiten vergibt, der Luft. Er lobt die Arbeit aller dieser Departemente als gerauschoslos, aber wirksam und wertvoll.

Landwirtschaft.

Der Verfasser beginnt hier mit dem Hinweis auf die Tatsache — eine im heutigen Brasilien sehr seltene — dass die gefährliche Landflucht der Arbeitskräfte im Paraná nicht existiert; 74% der gesamten Bevölkerung des Paraná ist auf dem Lande festgewurzelt.

Er hebt die Vorteile hervor, die durch die starken Einwandererströme gebracht wurden, welche ihre Tätigkeit in der Landwirtschaft im Paraná weiter ausbauen, und über deren gewaltige Produktivität er interessante und aufschlussreiche graphische Zeichnungen bringt.

Auf den folgenden Seiten betrachtet er die Landwirtschaft des Paraná vom statistischen Standpunkt aus und enthüllt die vielversprechende Kadenz seines fortschrittlichen Rhythmus, woraus man in der Zusammenfassung gesehen den Eindruck erhält, dass der Staat einen wirklich sehr wichtigen Anbau von wichtigen Erzeugnissen besitzt, vom Mais und Kaffee bis zu den Bohnen, Baumwolle, Reis und Weizen, während man noch eine grosse Entwicklung fuer die Kartoffeln erwartet (deren letzte Ernte die hundert Millionen ueberstieg), Zwiebeln und süssen Kartoffeln, sowie Tafelobst.

1951 erreichte der Paraná den 3. Platz in der Reihe der staerkeren Produktionsstaaten Brasiliens, nur von São Paulo und Minas Gerais uebertroffen und sogar Rio Grande do Sul schlagend, des ihm bis 1945 ziemlich weit voraus war.

Bereueglich der Viehzucht offenbart der Verfasser die Existenz von grossen Herden, wobei die Rindviehzucht mit fast 1 Million 200 tausend Stueck und die Schweinezucht mit fast 3 Millionen vorwiegen. Er erwaehnt die Bemuehungen, die von den Zuechtern gemacht wurden, um die Rassen durch den Import von erstklassigem Zuchtvieh zu verbessern, und vom Staate mit der Unterhaltung von Tierzucht-Versuchsstationen, welche fuer die Herden des Paraná wertvolle Arbeit leisten.

Industrie.

Der Verfasser, immer auf die besten Statistiken gestuetzt, zeichnet uns ein leuchtendes Panorama des industriellen Aufschwungs im Paraná, wo 4 678 Fabrikationsbetriebe bestehen, von welchen sich circa tausend der Holzindustrie widmen, 643 derjenigen der nichtmetallischen Minerale, 293 der Moehelindustrie, 129 derjenigen der Pflanzenextrakte, ungefaehr hundert der Minerale und gegen funfzig der Konstruktion und Montage von Transportmaterial, während sich die circa zehn anderen dem elektro-technischen Material, dem Papier, der Mechanik widmen und noch 113 Betriebe der Metallverarbeitung.

Dies alles ohne von der Lebensmittelindustrie zu sprechen (1 505 Betriebe), von der chemischen und pharmazeutischen, von der Leder-, Pelz-, Textil-, Schuh- und Getraenkeindustrie (letztere ueber dreihundert!), von der Verlags- und graphischen Industrie usw.

Der Gesamtwert der industriellen Produktion des Paraná ergab allein im Jahre 1951 rund 5 Milliarden 200 Millionen Cruzeiros. Die Zahl der mit industriellen Arbeiten beschaeftigten Personen erreichte fast 50 000 in jenem Jahre, wovon ungefaehr 43 000 Arbeiter sind mit einem Gesamtlohnempfang von mehr als 520 Millionen Cruzeiros.

Trotzallem bemerkt man die mehr als bescheidene Unzulaenglichkeit des Maschinenparks des Paraná im Hinblick auf seine aussergewoehnlichen Moeglichkeiten. Der Verfasser verspricht die Ursachen dieser Bescheidenheit in einem anderen Kapitel zu erklaren.

Bankwesen.

Der Verfasser beginnt seinen Bericht ueber das Bankwesen mit einer scharfen Kritik an der Situation, die durch die Gesamtheit der Banken, die dem Staat dienen, geschaffen wurde, wo man das Fehlen jeglicher Organisation und jeglichen Systems und die verderbliche Vereinfachung, die durch den beschaerzten Mechanismus von Depositen und Diskont gegeben ist, bemerkt.

Er weist auf die Langsamkeit der Finanzierung hin, die buerokratisch und unzeitgemass ist, trotz der offenkundigen Moeglichkeiten, die durch die Anzahl der ueber das ganze Gebiet des Paraná verstreuten Kreditanstalten und deren Filialen gegeben sind: 1951 gab es in 56 Orten 178 Banken und in weiteren 71 Orten circa 250 Filialen.

Er hebt jedoch die glaeuzende Arbeit des Netzes der Caixa Económica Federal (Bundessparkasse) zur Anregung der produktiven Aktivitaet hervor.

Inlandsmarkt.

Zu Anfang betont der Verfasser die Lebenswichtigkeit welche die Festigung des Inlandsmarktes fuer die Wirtschaft seines Landes bedeutet, und er vergleicht die schreckenerregende Schwachheit des unsrigen mit der vor Kraft strotzenden Nordamerikas zum Beispiel.

Er vermerkt das in Brasilien existierende abgrundtiefe Missverhaeltnis zwischen der Kaufmoeglichkeit des Nordens, der durch die immer wiederkehrenden Durren verwestet ist, und der des bluehenden Suedens. Er verweist die sueedlichen Teile der Union auf die unumgaengliche

Pflicht hin, dem Norden zur Staerkung und zum Wohle Brasiliens als wirtschaftliche Einheit Hilfe zu leisten.

Er bereichert und dokumentiert dieses Kapitel durch zahlreiche statistische Angaben ueber den Handel mit den anderen Staaten Brasiliens, wobei er hervorhebt, dass der Paraná einer der Staaten ist, die am meisten nach den uebrigen Teilen Brasiliens exportieren, so dass, wenn man ihm den Koloss São Paulo gegenueberstellt, er diesem in nichts nachsteht, denn während dieser viel mehr importiert als er nach den anderen Staaten exportiert, ist die Lage des Paraná gerade das Gegenteil; er versorgt die uebrigen Maerkte in viel grosserem Ausmass als wie er fuer seinen eigenen Bedarf braucht.

Internationaler Handel.

Nach einigen Betrachtungen ueber die Verwirrung, die durch Einwirkung des letzten Weltkrieges noch immer im internationalen Handel herrscht, studiert er an Hand von Dokumenten die Lage Brasiliens, dem Devisen fehlen, da es nur fuer 32 Milliarden verkauft und gezwungen ist fuer 37 Milliarden einzukaufen, so dass es einen gewaltigen Kredit in den Vereinigten Staaten in Anspruch nehmen musste.

Unter den brasilianischen Staaten die einen positiven Saldo im Handel mit den Vereinigten Staaten erzielten nahm der Paraná einen ehrenvollen ersten Platz ein, mit ca. 180 Millionen Dollar Vorsprung gegenueber dem Koloss des Nordens, was ihn weit ueber die Position Bahias (2. Platz) mit 48 Millionen 500 tausend Dollar stellt.

Während der Konjunktur von 1952 war der Beitrag des Paraná zur Unteruetzung der Moeglichkeiten Brasiliens in harter Waehrung von grosstem Wert.

Statistische, soziale und wirtschaftliche Informationen.

Der Verfasser widmet einige hochinteressante Seiten der Pruefung von Angaben ueber die Arbeit der Notare und Rechtsanwaelte im Jahre 1951, die Zahl der Stuecke geschlachteten Viehs, die 100 Taage, literarischen, Sport-, wissenschaftlichen usw. Zeitungen (mit einer mittleren Auflage von ungefaehr 200 000 Exemplaren).

Er zaehlt die 24 Radiosender auf mit ihren 72 751 Sendungen, die sich auf erzieherische, kulturelle, unterhaltende und volkstuenfliche Sendungen verteilen.

Er analysiert das religioese Leben der drei wichtigsten Kulte — der katholische, der protestantische und der spiritistische — unter welchen der erstere durch die gewaltige Anzahl von Glaebigen und Kirchen gegenueber den 40 000 Angehoerigen der protestantischen Kirchen und den 8 600 Anhaengern Allan Kardees hervortritt.

Er befasst sich eingehend mit statistischen Angaben ueber Scheidungen und kriminelle Vergehen, ueber die Taetigkeit der Syndikate (59 Syndikate), ueber das Leben der Genossenschaften (56 insgesamt, davon 18 fuer Verkauf, 26 fuer Produktion, 7 fuer Kauf und Verkauf und 2 fuer gemeinsamen Kredit, mit ca. 29 000 Mitgliedern und einem Gesamtkapital von 27 Millionen).

Er hebt die Existenz der 29 Produktions-Genossenschaften hervor, diejenige Genossenschaftsform die am meisten diskutiert und sogar abgelehnt wird, die vielleicht faehig sein wird die brennende soziale Frage zu loesen, wenigstens zum Teil, und die im Paraná sogar die Konsumvereine uebertrifft.

Dann behandelt er die 128 Sportplaetze, zaehlt die grossen Wettbeuerbe auf, die oeffentlichen Veranstaltungen, das Leben der Kinos, Theater, Musikabende und Konzerte. Er weist auf die 308 kulturellen Vereine des Staates hin, (117 fuer Koerpererziehung, 11 fuer intellektuelle und kuenstlerische Kultur und 180 fuer allgemeine soziale Kultur).

Er berichtet ueber Kongresse, Konferenzen, (724), Ausstellungen (90), Feierlichkeiten (174), Ausfluege und Lager (889), Vergnuegnungsveranstaltungen (2 470), alle allein im Jahre 1951, usw.

Sogar der rege Hotel- und Telefonbetrieb entgeht dem streng statistischen Blick des Verfassers nicht.

Elektrische Energie, Wasser und Kanalisation, oeffentliche Gesundheit: Schluss.

Zum Abschluss seiner wichtigen, zusammenfassenden Arbeit beleuchtet er interessante Aspekte des lebenswichtigen Problems der elektrischen Energie, indem er sich mit Projekten befasst und Vorschlaege macht, des Problems der Wasserversorgung und der Kanalisierungsanlagen, und schliesslich der oeffentlichen Gesundheit, woraus eine gewaltige Anstrengung zugunsten des Fortschrittes und der allgemeinen Besserung ersichtlich ist.

Als allgemeinen Abschluss laesst der Verfasser seine Ansicht hervortreten: der Paraná ist in einer fieherhaften Entwicklung begriffen, um eine der gewaltigsten Wirtschaftsmachte Brasiliens zu werden. Trotzdem gibt es bei den unbegrenzten Moeglichkeiten seines gewaltigen Vorwärtstrebens, entlang den Wegen des Fortschritts, voll von feurigen Realisationen, noch viel zu tun.

DER NORDEN DES PARANÁ

Der Verfasser beginnt seine gelehrte Arbeit ueber den Norden des Paraná mit Angaben ueber seine kartographische Gestalt — ein grosses krummliniges Rechteck — und seine geographischen Grenzen (im Norden der Fluss Paranapanema, im Süden die vollkommene Linie, die dem 24. Breitengrad folgt, im Osten der Meridian 49° 4' und im Westen der Rio Paraná). Er gibt seine ungefähre Oberfläche an: 72 000 km².

Anschliessend widmet er einige Seiten der Erzählung der unzähligen Sagen, welche die Vorstellungskraft des Volkes im Laufe der Jahrhunderte ueber diese ausgedehnte und wunderbare Gegend, Eldorado der Alten und Land der Violetten Erde der modernen Kolonisten, schuf.

Er erzählt von den fruheren Kolonisationen, von den "Bandolantes", die seinen Boden betreten, von den Reisen des sagenhaften Zumbi, von den ersten offenen Wegen im Herzen der Wildnis, von den Bemuehungen der Rebellen zur Eroeffnung einer strategischen Bahn waehrend des Paraguayanischen Krieges und der Errichtung einer Militaerstation in Jataí gegen Ende des letzten Jahrhunderts.

Aber erst in diesem Jahrhundert entdeckten die Brasilianer die mehrerhaften Reichthuer, die sie in dem Wunderland der violetten Erde erwartete: eines der fruchtbarsten Laender der Welt und sicherlich das beste zur Anpflanzung von Kaffee. Nach der Schilderung der verschiedenen Siedlerbewegungen nach dem Norden des Staates gegen Ende des letzten Jahrhunderts und zu Beginn des jetzigen, geht er zur Betrachtung des wahrhaften Wunders, das es war und noch heute im XX. Jahrhundert ist, ueber: die Vermehrung seiner Staedte.

"In Berichten und Erzählungen ueber das Land der violetten Erde hoert man immer wieder von zwei Teilen dieses noerdlichen Rechtecks des Paraná sprechen: der Alte Norden und der neue Norden." Den ersteren bildet das Gebiet unterhalb des Cambará bis zum Itararé umschliesst die von Nachkommen von Bergleuten und *Paulistanern* (ehemals seine ersten Besaetzer) bewohnten Orte. Diese Gemeinden sprossen von Monat zu Monat, ja von Woche zu Woche, entlang den Geleisen der bevoelkernden und produktiven Eisenbahn São Paulo-Paraná.

"Aber der heftige Ansporn dieses Hervorsproessens von Ortschaften, der auf der Welt noch nicht seinesgleichen gesehen hatte, erlebte seinen symptomatischen und beeindruckenden Augenblick mit der Geburt von Londrina, der Wunderstadt der Zivilisation Amerikas und der ganzen Welt." Bis 1931 war das Gebiet von dichtem Wald bedeckt. 1930 waren gerade zwei Huetten in der Gegend. 1932 verkaufte die Companhia de Terras do Norte do Paraná eine Reihe Grundstuecke im spaeteren Stadtgebiet und einige tausend Quadratmeter Land in der aeusseren Zone; und das Wunder geschah. Die Deiche der Menschenflut oeffneten sich und "Stroeme von Menschen begannen sich in einem noch nie dagewesenen Rhythmus nach dorthin in Bewegung zu setzen". Das neue Zentrum wurde mit dem eindrucksvollen Namen Londrina getauft, und 1940 hatten sich die zwei Muldenhuetten von 1930 in 2 240 Haeser mit mehr als 10 500 Einwohnern verwandelt. Im Jahre 1950 ergab die Volkszaehlung 6 000 behaute Grundstuecke mit 50 000 Einwohnern allein in der Stadt, waehrend der Kreis — zwei Zehntel davon sind Urwald — schon ueber 75 000 Einwohner zaehlte.

Das Gesamteinkommen des Kreises stieg von etwas mehr als 1 Millio- (1941) auf fast 11 Millionen im Jahre 1949.

1930 gab es im Alten Norden nicht ein einziges Bankhaus; von den heutigen 75 Banken des Paraná sind 46, oder 61%, in dieser Gegend.

1943, 11 Jahre nach ihrem mehrerhaften Erscheinen in der brasilianischen Geographie, ertitt die Wunderstadt eine Aufteilung, die 5 andere Staedte schuf und ihr 26 000 km² Oberflaeche entriess. "Londrina stellt den grossen Aufschwung im Fortschritt des Nordens dar, denn es war seine ungeheure Entwicklung, welche die Welt zu seinem Wunder aufmittelte."

Der Verfasser fuegt anschliessend einige aufschlussreiche Tabellen an, in welchen die Orte des sogenannten Alten Nordens im Jahre 1920 darauf die gleichen 1937 erscheinen, einschliesslich der neuen Gemeinden, die mit anderen zusammen den Neuen Norden bildeten: man stellt dabei eine wirklich aussergewoehnliche Zunahme der Bevoelkerungsdichte fest.

Daraufhin geht der Verfasser zur Aufzaehlung von anderen Wundern des Landes der violetten Erde ueber: Diporá, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Mandaguari, Marialva, Maringá und Mandaguacu, um nur die von der Eisenbahn berechneten zu nennen. Es gibt noch eine ganze Reihe anderer Wunder in dieser Gegend, wo das Wunder schon eine Regel ist und die normale Begebenheit nur eine Ausnahme, die sie bestaetigt.

Maringá zum Beispiel war nur 11 Jahre noch gar nicht auf der Landkarte verzeichnet. 1947 dachte die Siedlungsgesellschaft daran, einen endgueltigen Plan zur Gruendung durchzufuehren: fuer Jahr spaeter war es zur Kreisstadt erhoben und waehte seinen Praefekten. Es zaehlte schon 3000 behaute Grundstuecke in der Stadt und circa 20 000 Einwohner. Sein erstes Bankhaus wurde im Jahre 1948 eroeffnet. Heute besitzt es schon 8 Banken mit Depositen von fast 100 Millionen. Es besitzt ein sehr gutes Gymnasium und eine Kaffeeanpflanzung von ueber 20 Millionen Strauchern.

Nach einer eingehenden Betrachtung der Planung der neuen Staedte des Nordens des Paraná, der Durchfuehrung ihres Verkaufes, der Zunahme ihrer Verkehrsadern, des "gruenen Guertels" von Gartenbauzeugnissen, Milch und Eiern, der sie umgibt und anderen interessanten Einzelheiten, prueft er, was in Bezug auf die Fruchtbarkeit des noerdlichen Landstri-

ches Fantasie, und was Tatsache ist, und gibt dazu eminenten wissenschaftlichen Verantwortlichkeiten das Wort, die das Vorherrschende der Wahrheit ueber die Fantasie in diesen Berichten bestaetigen.

Um seine Informationen ueber den Reichtum des Bodens der besprochenen Gegend zu vervollstaendigen, fuegt der Verfasser drei Tabellen an: die Aussage aus der wertvollen Broschueure von Maack ueber die "Erzeugung der mittleren Regenfaelle in den Urwaldgegenden der ersten und zweiten Hoehene und des Tales des Rio Paraná" darstellen. Es sind dies sehr eindrucksvolle graphische Zeichnungen.

Dieses Kapitel im Ganzen gesehen, erhaelt man den Eindruck, einer mehrerhaften und astronomisch reichen, vielseitigen Gegend, die nur mit immer noch mehr tatkraeftige Haende, vielen Anstrengungen — allerdings keine schwierigen — wartet, und auf eine feste, veruenftigte Haltung der Regierung in der Fortfuehrung der gut ausgearbeiteten Plaeane, von einer der grosssten und staerksten Wirtschaftsmachte von Amerika zu werden.

DIE INDUSTRIE

Der Verfasser beginnt hier mit dem Vorschlag, der Industrialisierung des Staates, wie es logisch waere, einen Ausbau der landwirtschaftlichen Grundlaege vorzugehen zu lassen, so dass ueber 70 % der gesamten Bevoelkerung des Paraná auf dem Lande lebt und arbeitet.

Aber, wie der Verfasser hervorhebt, ist es in Wirklichkeit so, dass die Industrialisierung einen unausgeglichenen Befehl der Zivilisation darstellt: die Voelker von heute teilen sich in "entwickelte" und "unentwickelte" Landwirtschaft vorwiegend.

Er zeigt jedoch in der Folge, dass es keine ausschliesslich landwirtschaftlichen oder ausschliesslich industriellen Maechte gibt. Er spricht ausfuehrlich und mit grosser Kenntnis der Ursachen ueber die ausgelehnte und tiefgedehnte landwirtschaftliche Praxis der Nordamerikaner und zieht daraus die Lehre, dass "eine eingehende Pruefung waere die Ansicht, das die Heimat Lincolns ein vorwiegend industrialisiertes Land ist, ins Wanken bringen".

Er weist die Herstellung von Kunstzeugnissen zurueck und tritt fuer die Unterstuetzung der Landwirtschaft entsprechend der botanischen Geographie, und fuer die Organisation der Industrie entsprechend den Moeglichkeiten der Versorgung mit Rohmaterial, ein.

Bis ins einzelne gehend zeigt er dann einen Paraná, beguuetert mit aussergewoehnlich gunstigen Bedingungen fuer eine vielfaehtige Wirtschaft und zu gleicher Zeit mit reichlichen Grundlaegen zu einer weitgehenden Industrialisierung, die uebrigens, wie man feststellen kann, schon begonnen hat.

Hierzu fuegt er eine Statistik an, aus welcher man die industrielle Lage der verschiedenen Kreise ersieht, und welche die Gesamtproduktion der Industrie des Paraná im Jahre 1950 mit einem Wert von Cr\$ 3 668 355,00 angibt. Aus dieser Tabelle geht auch die Vorrangstellung Curitiba hervor, das bis heute den ersten Platz in der Industrieproduktion besitzt (25 %).

Als Industrien von bedeutender Zukunft in seinem Staate fuehrt er die Zement-, Huetten-, Moebel-, Zucker- und Alkohol-, und Papperkeramische Industrie usw. an und schliesst mit dem Hinweis, dass der Schlussel seiner schnellen Entwicklung in der reichlichen und wirtschaftlichen Versorgung mit elektrischer Energie liegt.

DER KAFFEE

Der Verfasser beginnt mit der Erzählung ueber die Ankunft des ersten Kaffee-Setzlings in Brasilien im Jahre 1727, der aus Frankreich nach Guyana kam, und gibt eine kurze historische Skizze ueber seine Ausbreitung in dem Lande, das eines Tages sein grosser Anpflanzer und den Rueckgang der Ertragsfaehigkeit in Rio de Janeiro und den rasenden Paraba und den Zug der wertvollen Pflanze nach Westen, zuerst bis Canhoesthen Punkt der ganzen Welt zu erreichen. Er hebt jedoch hervor, Eigenschaften der Familie der Kaffeepflanze ueber die vorherrschende Unstetigkeit.

Dann befasst er sich eingehend mit der statistischen Analyse der Exportbewegung des gruenen Goldes, und, bis ins einzelne gehend, weist er darauf hin, dass der Kaffeeanbau im Paraná schon 61 % des Wertes der allgemeinen Produktion ausmachte, denn diese letztere belief sich im Jahre 1952 auf 7 400 000 Cruzeiros, waehrend diejenige des Kaffees allein die Summe von Cr\$ 4 525 660 215,00 im gleichen Jahre erreichte.

Die wertvolle "coffea arabica", stuetig umherirrend, ueberschritt das Land entdeckte: den Norden des Paraná, wo die wundervolle violetten Erde es erreichte 200 und mehr Arrobas (ca. 3000 kg) pro tausend Kaffeestraeucher hervorzubringen!

Auf den folgenden Seiten verweilt sich der Verfasser bei einer reichen Nachforschung ueber den Einzug des Kaffees in seinem Staate (wobei er bestaetigt, dass dort die ersten Kaffeestraeucher in der Kuestengepflanzung wurden) und ueber die Art seines Anbaues (wobei er versichert,

dass die Selektionstechnik, die in den Matepflanzungen angewandt wird, die Pflanzung, wenn auch nur langsam, aber eben leidet, dass der Kaffee, gerade so wie der Mate, ausgesprochen schattenliebend ist, so dass fuer den einen wie fuer den anderen die Technik des Beschattens das ratsamste ist).

Nachdem er sich dann noch mit interessanten historischen Studien ueber den wunderbaren Kaffeeertrag befasst hat, berichtet er das Kapitel mit verschiedenen statistischen Tabellen von grosstem Wert, unter welchen diejenige ueber den Export des gruenen Goldes durch den Hafen von Paranaquá in den Jahren von 1916 bis 1952 besonders hervorsteht; man stellt dabei den gigantischen Aufschwung des Umschlages dieses Hafens fest, der von 40 bischoenischen Saecheln, die er 1916 exportierte, oder von 4 in den Jahren 1920 und 1925, auf 3 Millionen hundertundfuenfzig tausend Saech, zu je 60 kg, im Jahre 1952 anstieg.

So erklaert sich die Tatsache, dass der Hafen von Paranaquá einen ehrenvollen 3. Platz unter Brasiliens wichtigsten Handelshafenen eingenommen hat und augenblicklich nur von Santos und Rio de Janeiro ueberragt wird.

Zum Schluss fuegte er seiner Arbeit noch eine ganz neue Statistik bei, welche die Zahl der vom Hafen von Paranaquá aus verschifften Saechen auf fast 4 Millionen hundertundfuenfzig tausend festlegt und den Staat des Parana als Kaffee-Exporteur an die zweite Stelle ganz Brasiliens rueckt.

DER WEIZENBAU

Der Parana produzierte schon in der Kolonialzeit Weizen. Als Saint-Hilaire den damaligen 5. Bezirk des Staates von São Paulo besuchte, fand er in Curitiba zahlreiche Windmuehlen zur Verarbeitung des Koernigs des Getreides.

Hiervon geht der Verfasser aus, um die Geschichte des Weizens im Parana zu schildern, einschliesslich der Wiedergabe von Auszügen aus historischen Dokumenten von grossem Interesse, und der Aufzählung von berühmten Namen, die in seinem Staate, zu verschiedenen Zeitpunkten, von tiefem Gemeinschaftsgeist besetzte Anstrengungen zugunsten dieser edlen Bodenkultur machten.

Bei den heutigen Tagen angelangt, berichtet er von dem Feldzug von Romário Martins, unter der Regierung von Afonso Cernargo, "Kreuzzug des Weizens" genannt, der schliesslich, neben anderen Vorteilen, die Schöpfung eines Qualitätsassames, "des Marumbi-Weizens" bewirkte, "fest gegen alle Getreidekrankheiten, von nachgewiesener Anpassungsfähigkeit, erstklassiges Mehl liefernd", und vollständig an unsere äusserere Umgebung angepasst. Die weitgehenden Kenntnisse des eminenten französischen Technikers Jorge Polys auf dem Gebiete der Biologie und vor allem der botanischen Genetik trugen sehr zu diesem so vielversprechenden Resultat bei.

Von Marumbi-Weizen aus ging fast das ganze Werk zur Suche und Vorbereitung der einheimischen Saat, an welche sich die Abarten Frontana, DGI und auch der Bngé, die heute durch ihren ausserordentlichen Ertrag und ihre Immunität gegen Krankheiten so sehr verbreitet sind, anschliessen.

Der Verfasser fuegt dann einige Tabellen an und beweist damit die ständige Bemuehung zur Ausdehnung des Weizenanbaues in seinem Staate, der von 1 Million 400 tausend Kilo, die 1924 produziert wurden, bis zu der stolzen Zahl von fast 20 Millionen Kilo im Jahre 1932 anstieg und 1952 eine Gesamtproduktion von fast 47 Millionen erreichte!

Wie der Verfasser beweist, fuehrt Brasilien trotz dieser Bemuehungen weiterhin Weizen in riesenhaften Mengen ein. Grosse Anstrengungen werden noch noetig sein, um das Land von dieser unwirtschaftlichen Einfuhr zu retten. Und in diesem Geist nachdem er in einer umfassenden statistischen Tabelle die Arbeit der Gemeinden des Parana auf diesem Gebiet geschildert hat, glaubt er es angebracht, den grossen brasilianischen Admiral zu erwachen, und, in der Schlacht des Weizens wie in jener Riachuelos, alle Brasilianer zur Erfuellung ihrer Pflicht aufzurufen, um zur Unterstuetzung des Weizenbaues mitzuhelfen, was eine wahrhafte nationale wirtschaftliche Befreiungsschlacht darstellt.

DER MAIS

Nachdem er an die enge Bindung, die zwischen dem Mais und den schwarzen Bohnen besteht, beide seit Jahrhunderten die zwei am laengsten anhaltenden Gerichte der Mehrheit der brasilianischen Bevoelkerung, erinnert hat, gibt er eine kurze historische Skizze ueber ihre Verwendung bei den Indianern der Zeit vor Cabral und ihre Ansnutzung durch die Portugiesen und hebt ihren universellen Charakter in dem weiten brasilianischen Land hervor.

Er erwachnt dann die gegenseitige Abhaengigkeit zwischen dem Mais und der Schweinezucht, welche "als die rentabelste Methode den Mais zu verpacken und zu exportieren, funktioniert", und er macht Angaben ueber die brasilianische Produktion dieses grossartigen Nahrungsmittels, die in ihrem Wert in Cruzeiros nur durch diejenige des verarbeiteten Kaffees uebertroffen wird.

Er fuegt noch hinzu, dass in der neuester seltsamen Physiographie des Parana, der Zusammensetzung der verschiedensten kosmischen und klimatischen Verhaeltnisse der Welt, der Mais in allen Orten im Ueberfluss

gediebt, so dass, in der Zusammenfassung, seine Produktion unter den kurzlebigen Pflanzen schon die Zahl von einer Milliarde uebertreffen hat und nur von der Dauerkultur des Kaffees uebertroffen wird. Im Hinblick auf die Maisernte steht der Parana an 4. Stelle unter den brasilianischen Staeten und wird nur von Minas, São Paulo und Rio Grande do Sul ueberragt.

Er behandelt die verschiedenen Feldzuege, die im Staate zur Verbesserung des Maises unternommen wurden, einschliesslich der Einfuehrung der Mischsorte, welche die gewoehnliche an Ertrag und Fruchtfolge uebertrifft.

Der Verfasser betrachtet eingehend die gresse Absatzmoeglichkeit auf den Maerkten sowohl des Inlandes wie auch des Auslandes, er versichert seinen Glauben an die Zukunft dieses grossartigen Anbaues und weist auf die gegebenen Grundlagen hin, die ihn zur weiteren Entwicklung verhelfen koennen: ausreichende Anzahl von Silos, leichterhaeltliche und ueberall vorhandene Kredite, eine gut durchdachte Propaganda ueber seinen unschaetzbaren Nachwert und seine wirtschaftlichen Vorteile, sowohl in den Staetien als auch auf dem Lande, fuer die menschliche Ernaehrung und auch als Kraft- und Mastfutter fuer ganze Viehherden, hauptsaechlich aber fuer die Schweine.

Er beendet seine Arbeit mit der Verfuertlichung von umfangreichen, statistischen Tabellen ueber die Produktion des wertvollen Getreides in den verschiedenen Orten des Staates Parana.

DER MATE

Der *Ilex Paraguayensis* hat ein grosses Verbreitungsgebiet, er waechst in zahlreichen sudamerikanischen Laendern. Die Indianer Brasiliens, die ihn schon lange vor der Ankunft der Europaeer kannten, nannten ihn CAA. Diesen Namen ersetzten die Jesuitenpaater der Kolonialzeit durch die Bezeichnung "Erva do Diabolo" (Teufelskraut), weil er, wie sie sagten, vom Teufel zusammen mit irgendeinem Zauberer erfunden worden sein sollte; so erklaerten sie sich die geschlechtstriebeizende Wirkung, die sie bei dem Ilex feststellten, und die heute von der Wissenschaft bestaetigt ist.

Mit diesen einleitenden Erklarungen beginnt der Verfasser seine gut ausgearbeitete historische Skizze des Mate im Parana, und er erzaehlt, wie sein Anbau trotz des Feldzuges der Jesuitenpaater mit wachsender Beliebtheit immer mehr zunahm und er mit immer gresserem Gewinn verkauft wurde, bis er schliesslich gegen Mitte des XIX. Jahrhunderts seinen Hoehpunkt erreichte. Er versorgte damals reichlich die Maerkte der La Plata-Laender und sogar von Chile und leoste ein wahrhaftes Wirtschafts- und Handelsfieber aus, das demjenigen, welches in Minas Gerais durch die Auffindung von Goldadern hervorgerufen wurde, gleichkam: gresse Reichtuemer wurden geschaffen, viel Silber und reichlich Gold wurden gegen den kostbaren Mate eingetauscht, tausende von Tieren wurden in den Staetien des Rio Grande do Sul, gekauft, um den Mate zu transportieren, und die unvermeidliche Welle von Abenteuerern und Geschaefternachern stroemte in die Gegend. Nachdem das Fieber yoreuber war, nahm der Export des Mate bis im Jahre 1928 weiter zu. Und von diesem Jahre an bis jetzt (1951) trat er einen ungemueten und schnellen Niedergang an, welcher nicht nur der Konkurrenz des Paraguay auf diesem Gebiete zuzuschreiben war — die immer bestand — sondern auch der starken, aussergewoehnlichen Konkurrenz der kunstlich angelegten Matepflanzungen, die Argentinien in Misiones systematisch anzupflanzen begann.

Der Verfasser zeigt, wie Brasilien nur durch demuetigende Vereinbarungen es erreichte seinen Platz auf den Maerkten des La Plata und von Chile weiterhin zu behalten. Dann weist er auf die Hauptgruende des schmerzlichen Niedergangs, mit dem die Mate-Industrie kaemte hin: die Rueckstaendigkeit der Mate-Fabrikation, weit entfernt jeglichem modernen, technischen Verfahren, und die noch heute daerausserst einfache und primitive System des "Carijo" (Korbgeflecht, auf welchem der Mate geroestet wird) anwendet; und auf der anderen Seite unsere vollstaendige Unfaehigkeit andere Maerkte zu erobern. Er erwachnt die auf der ganzen, gewaltigen Laenge der Nord-Sued-Autostrasse Brasiliens vorhandenen Coca-Cola-Verkaufsstaende als Beispiel dafor, was wir mit dem Mate machen koennten, warm oder eisgekuehlt, in "Cuias" (Gefasse, die aus Kuerbischalen gemacht werden und zum trinken des Mate dienen) oder in Flaschen, allein auf dem brasilianischen Markt und ohne von dem Export zu sprechen, der astronomische Ziffern erreichen koennte, wenn wir das ganze Ausland — ein riesenhaftes Absatzgebiet — mit einer modernen und intelligenten Propaganda zu ueberschweben verstehen wuerden.

Dann gibt er zahlreichen Botanikern, Hygienikern, Diat- und Ernaehrungswissenschaftlern von Ruf, Landes- und Auslaendern, das Wort und beweist damit das Uebereinstimmen der Wissenschaft bezueglich der wunderbaren Eigenschaften des Mate fuer die Gesundheit des menschlichen Koerpers, hauptsaechlich in tropischen Gebieten. Und mit dem Hinweis auf die Uebereinstimmung der Wissenschaftler ueber diese Bestaetigung schliesst er und sagt noch, dass die Propaganda, die gemacht werden koennte, den wissenschaftlich begruendeten, psychologisch anziehenden und geschaeflich vielversprechenden Slogna "der Mate veraengert das Leben und unterstuetzt die Kraft der geschlechtlichen Hormone" zum Mittelpunkt haben sollte.